LUIZ ANTONIO

SACCONI



NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

32ª edição

COM EXERCÍCIOS E RESPOSTAS NO FINAL



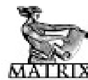
NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA)
DE UMA VEZ POR TODAS

LUIZ ANTONIO SACCONI

NÃO *erre* MAIS!

APRENDA PORTUGUÊS (NORMA CULTA) DE UMA VEZ POR TODAS



Diretor editorial
Paulo Tadeu

Capa, projeto gráfico e diagramação
Allan Martini Colombo

Revisão
Adriana Wrege

CIP-BRASIL - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sacconi, Luiz Antonio
Não erre mais!: com exercícios e respostas no final / Luiz Antonio Sacconi. -
1. ed. - São Paulo: Matrix 2018.

ISBN 978-85-8230-424-2

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Problemas, questões, exercícios.
I. Título.

17-43998 CDD: 469.5
CDU: 821.134.3'36

Apresentação desta edição

Creio que, depois de tantas edições, sejam dispensáveis muitas palavras. A obra é um sucesso desde a sua primeira edição, em 1973, e continua a mais descontraída, a mais leve, a mais intimista (você saberá exatamente do que estou falando, ao longo da leitura) e sobretudo a mais plagiada. Sim, porque esta foi a primeira obra do gênero; atrás dela vieram muitas, algumas excelentes, outras nem tanto. A qualidade da impressão, o bom gosto da diagramação, a excelência do papel e o esmero do acabamento continuam os mesmos!

Continua a série de perguntas com as dúvidas mais comuns, no final do livro, que também conta com uma bateria de exercícios, com as devidas respostas, a fim de que você teste seus conhecimentos e divirta-se um pouco mais.

Tenha certeza você, caro leitor, de que esta será a derradeira edição reformulada do **Não erre mais!**, cuja primeira edição surgiu nos idos de 1973, na antiga Companhia Editora Nacional. Já se vão 45 anos, e o adiantado dos meus anos já não me permite pensar em uma nova edição totalmente reformulada futuramente. Para gáudio dos maus jornalistas e tristeza (assim espero) de professores, estudiosos e bons profissionais que têm o idioma como ferramenta de trabalho ou daqueles que a ele devotam o mais profundo respeito. A verdade é que, durante esses anos todos, depois de dezenas de edições, ainda me deparo com pessoas que continuam dizendo "**houveram** críticas", "**haviam** crianças" e – mais grave – ainda me deparo com jornalistas, mormente repórteres, que continuam dizendo ou escrevendo "**um milhão** de pessoas **morreram**", "**as milhares** de crianças", "vitamina **ê**", "Ror**ái**ma"! Alguns devem ter conseguido assimilar alguma coisa; outros, infelizmente, não tiveram a mesma sorte e continuam cometendo as velhas e surradas tolices de sempre. Na vida, assim como na escola, há os que não aprendem nunca! O que me conforta ao menos um pouco é que, depois do surgimento desta obra, alguns jornalistas (apenas alguns), sobretudo repórteres sensatos, deixaram de usar "**duas** milhões de pessoas". Já é uma conquista. Pequena, porém, mesmo assim, uma conquista. Depois de tudo e além disso, só me resta uma esperança: que esta edição sobreviva muitos e

muitos anos depois de mim, para que os bons profissionais busquem aprimorar-se cada vez mais no exercício de sua profissão, mormente aquelas que exigem um maior cuidado com o idioma ou o uso da norma culta. Foi esse, aliás, o nosso verdadeiro objetivo, ao publicarmos esta obra em 1973. E seu sucesso tem sido tão grande desde então, que despertou a "ira" de alguns professores, ainda que sem nenhuma expressão ou importância. A bem da verdade, nunca me incomodaram, porque se trata de professores que, embora universitários, nunca produziram nada de útil, nada que despertasse o real interesse do grande público, ou seja, não conseguiram produzir nada que fizesse algum sucesso. E aos espíritos superficiais o sucesso alheio dói, dói muito! A esses, deixo o meu desprezo, quando não a minha repugnância, sobretudo pela falta de ética e de respeito, mácula do caráter que caracteriza os pobres de espírito, também conhecidos vulgarmente como espíritos de porco.

Quero reiterar ainda minha profunda gratidão a dois editores meus, sem os quais tudo seria muito diferente: primeiro, a Luiz Herrmann, da Editora Atlas, saudoso editor e amigo e, segundo, a Arnaldo Saraiva, da extinta Editora Nova Geração, editor e amigo que honra com a maior dignidade a tradição livreira iniciada por seu pai, Joaquim, fundador da Livraria e Editora Saraiva.

Agradeço a todos a paciência que tiveram comigo e o prestígio que me concederam durante todos esses anos. Espero que minha contribuição tenha sido justa, honesta, proveitosa e à altura das suas expectativas.

Luiz Antonio Sacconi

Apresentação de algumas das edições anteriores

Um indivíduo só pode dizer-se inteiramente livre, no âmbito da comunicação linguística, quando conhece todas as modalidades de língua a seu dispor e escolhe aquela que melhor convém ao momento do discurso. É pouco, portanto, conhecer apenas uma língua funcional ou a sua variante sociolinguística. O ideal é que o indivíduo seja um poliglota dentro da sua própria língua.

Conhecer a norma culta, assim, de certa forma, é sentir-se mais livre para comunicar-se. Norma culta, ou seja, a língua utilizada segundo os padrões estabelecidos pelos clássicos ou bons escritores do idioma, é assim como etiqueta social: não é preciso conhecê-la para **viver**, mas é absolutamente indispensável conhecê-la para **conviver**.

Há os que, quase simploriamente, afirmam que o importante é se comunicar. Sim, senhor! Por fumaça também se comunica! A esses, no ato da alimentação, certamente o mais importante é a digestão, sendo de somenos importância os meios de como se leva o alimento à boca. Mas são justamente esses meios que diferenciam o ser humano educado, civilizado, dos demais de sua espécie. Cada qual vive e come à sua própria moda, é certo, mas todos têm o direito de conhecer caminhos, para poderem fazer a sua escolha. É justamente essa escolha que determina a posição e o papel que cada um de nós deve ocupar em nosso meio, na sociedade. Ademais, a norma culta é a única que garante a unidade linguística de uma nação.

Esta obra, desde a sua primeira edição, em 1973, surgiu como uma opção aos que pretendem conhecer a norma culta, a fim de usá-la no momento que for ou que achar conveniente. Assim como não se aconselha o uso da língua popular num discurso, num veículo de comunicação de massa, também desaconselhável será o emprego da norma culta entre amigos que se divertem ou que tomam sol numa praia. Saber distinguir os vários momentos é fundamental (v. **Nossa gramática completa**). Por isso, esta obra não deve ser vista como um instrumento tirano, mas como um meio de levar você, caro leitor, a alcançar um pouco mais da tão sonhada liberdade. Mais livres somos

quanto mais escolhas temos à disposição.

As brincadeiras, ironias e às vezes até alguns sarcasmos encontrados aqui e ali ficam por conta de uma índole espirituosa, quando não de uma caturrice sem conta. Nada têm a ver com desprezo ou menosprezo aos ignorantes. Afinal, todos têm o direito se ser felizes à sua própria moda...

Luiz Antonio Sacconi

Palavras interessantes, algumas sábias

Entre os elementos orgânicos de uma nação, é o idioma a revelação mais eloquente do espírito de nacionalidade e, ao mesmo passo, o vínculo mais forte da união nacional.

Laudelino Freire

Quando se corrompe a linguagem, se corrompe, logo em seguida, o pensamento.

Doris Lessing, Prêmio Nobel de Literatura de 2007

Abolir a norma culta seria a barbárie. Escrever e ler corretamente é ter nas mãos a maior arma da vida.

Flávio di Giorgi, professor de Linguística da PUC

Como acreditar em Universidades que ensinam professores a "desensinar" as normas gramaticais de nossa língua-padrão, em nome de uma "ideia libertária" que só tornará nossos alunos ainda mais escravos de suas condições de pobreza tanto econômica quanto cultural? Se dependermos do MEC, de nossas Universidades, de professores como Bagno e Possenti e de todas as doutrinas ideológicas que nos cercam e se dizem nossas protetoras, "nós tamo é fudido"!

Silvério Duque, apenas poeta

Marcos Bagno tornou-se uma Marilena Chauí de calças – faz, em letras, o mesmo sucesso que ela faz em filosofia. Os dois têm em comum a eloquência, o confusionismo e uma indisfarçável vocação para a charlatanice intelectual. Se houvesse um Código de Ética do Magistério, o sociolinguista Marcos Bagno, autor do famigerado Preconceito Linguístico, deveria ter sua licença de professor cassada em caráter de urgência. Ele mesmo confessa que engana seus alunos e discípulos.

José Maria e Silva, jornalista e mestre em Sociologia

Só gosto de corrigir as pessoas inteligentes, que gostam de aprender; os burros ficam danados quando se descobre uma besteira deles.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Todos nós somos livres. Podemos falar e agir como bem quisermos; porém, da maneira de como falamos e de como agimos, o mundo saberá com quem está lidando.

Bernardo Marques de Abreu Filho

Falar mal a língua tornou-se hábito; ofendê-la, sinal de simplicidade. Escrevê-la sem respeito chega a ser estilo. Breve, conhecê-la pode ser apenas sinal de pedantismo.

Veja, 907, pág. 50

Não há profissional sério que não sinta necessidade de utilizar a norma culta; não há profissional respeitado que não tenha suficientes razões para conhecê-la.

Luiz Antonio Sacconi

Você pode ser um grande homem na vida, um artista, um cientista. E ser um vilão, um picareta, um vigarista! Principalmente se o seu discurso for incompatível com a sua fama. É justamente o seu discurso que o autoriza ou que o desmoraliza.

Luiz Antonio Sacconi

Ato de reconhecimento

Sabe você, caro leitor, que publiquei um dicionário, o GRANDE DICIONÁRIO SACCONI, obra que me tomou boa parte da vida (só quarenta anos). Vi, emocionado, reconhecido o meu trabalho neste comentário de Paulo Buschbaum, autor de vários títulos pela Ediouro:

O SACCONI é um dicionário com qualidades impressionantes! Suas definições têm frescor e clareza, ele evita palavras completamente raras para trocar por conteúdo mais relevante, utiliza-se de exemplos expressivos, e sua modernidade e atualização impressionam. Nota-se que foi um dicionário realmente escrito com carinho e dedicação. O SACCONI foge da prática de outros dicionários, que se copiam mutuamente. Percebo que seja difícil o SACCONI emplacar, uma vez que ele não tem a grife de um Aurélio ou Houaiss. Mas merece ser elevado ao panteão de melhor dicionário da língua portuguesa. Disparado!

Foram quarenta anos de trabalho incessante, estafante (você sequer pode imaginar quanto), mas gratificante, sobretudo quando se tem o reconhecimento de alguém respeitável, como o de Paulo Buschbaum.

Sumário

1
Casos Gerais

depor “à” PF, “à” justiça

O verbo *depor*, neste caso, não se usa nunca com a preposição “a”, mas sempre com **em**. A este verbo deve seguir-se sempre o nome de uma instituição, e não o de uma pessoa, porque se trata de verbo intransitivo que geralmente se faz acompanhar de adjunto adverbial; não é transitivo indireto. Tanto não é, neste caso, transitivo indireto que não cabe a substituição do suposto objeto indireto (*à PF* ou *à justiça*) pelo pronome *lhe* e muito menos por *a ela*. Quem, em sã consciência, abalizaria uma construção destas, em que *lhe* substitui *PF* ou *justiça*: *Quando o ex-ministro “lhe” depôs, fez referência ao presidente*? Assim, depõe-se **na** PF, depõe-se **na** justiça, **no** Senado, **no** Fórum, **na** delegacia, **na** CPI, etc. O mesmo se diz do substantivo *depoimento*. Os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, no entanto, estão vulgarizando a construção com a preposição “a”, conferindo ao verbo uso que não é dele: *depor “à” PF, depor “à” justiça, depor “ao” juiz*, etc., o que, aliás, não surpreende. Sempre que surge um caso novo na língua do dia a dia, eles ficam perdidos e não raro trocam os pés pelas mãos.

obstrução “à” justiça

Não: *obstrução*, neste caso, é o ato ou efeito de impedir, propositadamente, a ação da justiça e usa-se apenas com a preposição *de*: *obstrução* **de** (ou **da**) *justiça*. Alguns jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, porém, empregam a preposição “a”, erroneamente. Normal...

lava-a-jato

É a forma correta, de plural *lava-a-jatos*. A forma mais vulgarizada, no entanto, é “lava-jato”; primeiro, porque todo lava-rápido que escolheu assim se chamar ostenta essa forma; segundo, porque foi essa também a forma utilizada para nomear a operação de investigação sobre um esquema

bilionário de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras. Neste caso, contudo, a mídia brasileira passou a usar a palavra sem hífen. Eles tinham que dar a sua "contribuição"...

Petrobras – Eletrobras

Sempre sem acento, porque não se acentuam as siglas. No jornal *O Estado de S. Paulo*, no entanto, se leu este título: **Dez anos de "Petrobrás" e "Eletrobrás"**. Logo abaixo aparece: *Nos últimos dez anos as duas maiores estatais brasileiras – "Petrobrás" e "Eletrobrás" – seguiram trajetórias diversas, que revelam histórias diferentes de sucesso*.

Enquanto a *Petrobras* e a *Eletrobras* fazem sucesso, os jornalistas brasileiros enveredam pelo movimento contrário (e em alta velocidade)...

Singapura

É o nome correto do pequeno, mas moderno país do Sudeste Asiático. No entanto, no Brasil alguns insistem em escrever o nome com **c**: *Cingapura*. Como assim? Se o mundo todo escreve com **s**, por que só o Brasil tem de ser diferente? O diabo é que não aparece ninguém para confessar o crime, ou seja, a cabeça luminosa que nos enfiou goela abaixo tal grafia. Não aparece ninguém para explicar o porquê da tolice. No dicionário *Aurélio* só há o registro dos pátrios com **s**; já o dicionário *Houaiss* só registra formas com "c". Eita, Brasil!

"Que horas começa o jogo?"

Pergunta boa? Não. Por quê? Porque falta a preposição **a** no início da frase. Por isso, caro leitor, pergunte sempre assim, que é muito mais elegante: **A** *que horas começa o jogo?* Afinal, uma eventual resposta a essa pergunta vem assim: *O jogo começa* **ao** *meio-dia* (ou **a** *uma hora*, ou **às** *duas horas*, etc.), em que sempre aparece a preposição **a**, isolada, ou em combinação com o artigo (ao) ou em crase (a + as). Não obstante isso, lançaram um filme brasileiro com este título sofrível: "*Que horas ela volta?*". Eita, Brasil!

Via Láctea ou Via Látea

Ambas são corretas, mas sempre sem hífen.

gravitar “em volta de” ou “em torno de”

Redundância. Em *gravitar* já existe a ideia de revolução. Assim, usamos corretamente apenas *gravitar*: *satélite que gravita o planeta, Marte gravita o Sol*, etc. Num jornal, porém, se leu: *Esse é um partido que costuma gravitar “à volta do” governo, seja qual for a natureza deste*. Noutro jornal se leu: *Os asteroides são pequenos corpos celestes que gravitam “em torno do” Sol.* Numa revista: *Os elétrons gravitam “em torno do” núcleo*. Tudo mentira...

orbitar “em volta de” ou “ao redor de”

A exemplo do caso anterior, trata-se de redundância: *orbitar* significa andar à volta ou ao redor de. Portanto, usamos: *Muitos satélites orbitam a Terra* (e não “em volta da” Terra). Num jornal, porém, se leu**:** *Galáxia enorme é descoberta orbitando “ao redor da” Via Láctea*. Noutro jornal: *Pesquisadores descobrem mais uma lua orbitando “ao redor de” Netuno*. O substantivo *órbita* rege a preposição *de*, e não outra: *O objeto está em órbita* **da** *Terra*. Num jornal, porém, se leu: *Objeto está em órbita “na” Terra por 50 anos, e ninguém sabe o que é*. Ou seja: ninguém sabe nada...

inaugurar “novo”

Visível redundância, mas não distante da pena (ou do teclado) de nossos jornalistas. Apareceu certa vez no UOL esta chuva no molhado: *O governo boliviano inaugurou um moderno “novo” estádio na cidade de El Alto, vizinha a La Paz*. Peço desde já o seu aplauso, caro leitor, aos jornalistas que conseguirem, um dia, inaugurar algo velho. Afinal, a tecnologia avança a passos largos. Nunca se sabe...

alvo: concordância

O substantivo *alvo*, na função de predicativo, não varia. A revista *ISTOÉ* nos forneceu um exemplo correto quando trouxe, em letras garrafais**: Doze**

cartórios de oito estados são alvo da Operação Perfídia. Já o portal UOL agiu de forma oposta, ao noticiar: **Temer e Aécio são "alvos" da operação da PF**. E nós, leitores, somos *alvo,* todos os dias, de todo tipo de sandices.

A nova definição de casal

Casal, desde os tempos de Adão e Eva, se definia assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de homem e mulher (pessoas)*. Nos dias atuais, porém, em razão da febre que assola boa parte da humanidade, a definição de *casal* ficou assim: *par composto de macho e fêmea (animais) ou de eventualmente homem e mulher, mas de geralmente homem e homem e mulher e mulher*...

quantia "de dinheiro"

Redundância: a palavra *quantia* só se refere a dinheiro (significa *soma ou importância em dinheiro*). Já a expressão *quantia em dinheiro* é boa, porque pode haver também quantia em cheque, em títulos, etc. Também não se usa *quantia* por *quantidade*. Por isso, evite dizer ou escrever: "quantia" de laranjas, "quantia" de gêneros alimentícios, etc. Num jornal se leu esta manchete: **Assaltantes armados invadem malharia e levam grande quantia "de dinheiro"**. Se ficasse apenas em *quantia* não bastaria?

Uma quantia pode ser "vultuosa"?

Não, qualquer grande quantia só pode ser *vultosa* (isto é, de grande vulto), assim como qualquer grande doação, qualquer grande prejuízo ou despesa. Num jornal, porém, apareceu isto: *O ministro destinou "vultuosa" quantia para a realização desse projeto*. Normal.

estada e estadia

Usam-se em situações distintas. *Estada* se usa para pessoas; *estadia*, para veículos. Ex.: *Tive boa* ***estada*** *naquele hotel. *** Durante sua* ***estada*** *no poder, o ex-presidente fez vários pronunciamentos à Nação*. Mas: *Neste estacionamento, a* ***estadia*** *é cobrada com exagero. *** A* ***estadia*** *do navio em Salvador foi de três dias.*

EM TEMPO – Há os que são visceralmente contra o emprego de *estada* por *estadia*, em relação a pessoas. Ora, se confundir coisa com pessoa não for caso grave, então, todos estaremos com algum tipo de debilidade mental! Ademais, quase todos os gramáticos **de respeito**, de hoje e de ontem, registram a diferença (v. **Bibliografia**). E isso, apenas isso, já bastaria para abonar a distinção em apreço.

morena jambo e tom pastel: qual o plural?

Anote: *morenas jambo* e *tons pastel*. Substantivos que fazem as vezes de adjetivo não variam. Veremos vários outros casos semelhantes ao longo do livro.

prefeito municipal: redundância?

Não. Existem também prefeitos no Vaticano e em alguns conventos. Redundância há, sim, em "vereador municipal", já que *vereador* só existe nos municípios.

quatorze ou catorze: qual a grafia correta?

Ambas são corretas, porém, a pronúncia é uma só (*katôrzi*), quer escrevamos de uma forma, quer de outra.

Davi ou David?

Ambas as formas são corretas, com leve preferência pela primeira. No Brasil, porém, há pessoas chamadas *David* que fazem questão de que seu nome seja pronunciado à inglesa: *dêivid*. É pretensão tola. O cara se chama *Davi* mesmo.

chamegão ou jamegão?

A quem é dado assinar muitos contratos ou cheques (principalmente os vultosos), vai aqui um conselho: prefira sempre apor seu *jamegão* a eles, porque "chamegão" é assinatura de gente pobre... (Pobre de conhecimento, bem entendido.)

erário “público”

Redundância: em *erário* já existe a ideia de *público*. *Erário* significa *fazenda pública*. Num jornal, no entanto, se leu: *O deputado apresentou projeto de lei que torna crime hediondo aquele que atente contra o erário “público”*. Eu, de minha parte, fosse deputado, apresentaria um projeto de lei fixando multa aos meios de comunicação de massa que não observassem a norma culta, algo que lhe seria de uso obrigatório se houvesse respeito ao público. Fosse aprovado, em pouco tempo (garantimos) muitos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão estariam pedindo falência...

percentagem ou porcentagem?

Ambas as grafias são corretas, com leve preferência pela primeira.

sangue tipo “ó”: existe?

Não, ninguém tem sangue tipo “ó”. O que muita gente traz nas veias é o sangue tipo **zero** positivo ou o sangue tipo **zero** negativo. Muitos se espantam com tal revelação. Certa feita a dona de uma editora que publicava livros meus me ligou e, num misto de indignação e surpresa, perguntou-me se não me havia equivocado, ao ensinar não existir sangue tipo “ó”. O fato se revestiu de certa gravidade, visto que a veneranda senhora se dizia quase uma doutora em biologia. Precisava, como se vê, debruçar-se mais
nos livros.

Como devemos pronunciar as vogais **e** e **o** isoladas?

Sempre com som aberto: classe E (*é*), grupo E (*é*) da Copa do Mundo, veículo modelo SE (*esse é*), SOS (*esse ó esse*), OAB (*ó á bê*), OEA (*ó, é, á*), etc. Assim, ao soletrarmos a palavra *camelo,* temos de fazer assim: cê, á, eme, **é**, ele, **ó**. A TV Globo, no entanto, num de seus programas aos sábados apresenta um quadro em que as pessoas são levadas a soletrar palavras. É um festival de erros quando soletram tais vogais. E ninguém corrige (inclusive há a presença de um professor de português ali). E

ninguém corrige por quê? Ora, por quê... Por isso, não ficaria surpreso se alguém do programa dissesse a fórmula química da água assim: agá dois "ô"...

Certa feita, no aeroporto de Viracopos, uma das funcionárias da companhia aérea avisou pelo microfone que os passageiros deveriam se dirigir para embarque no portão "ê". Graças a Deus, chegamos a nossos destinos sãos e salvos, apesar de eu, pelo menos, ter embarcado com o coração nas mãos... Pelo jeito, aquela funcionária devia ter sangue tipo "ô" negativo...

TR**E**: como ler a vogal?

Repetindo o que afirmamos no item anterior: sempre com o timbre aberto. Portanto: tê erre **é**. E assim também TS**E**, IBG**E**, D**E**R, DN**E**R, vitamina **E**, lâmpada G**E**; a placa do carro era **E**A**E** 0202.

O dia a dia está cheio de gente que, na televisão, diz *tê esse* "ê", *dê* "ê" *erre*, mas não admite ter em casa nenhuma lâmpada *gê* "ê". Por quê? Ora, por quê... Mas se você continuar com seu televisor ligado, vai acabar encontrando sempre um ou uma repórter que dirá vitamina "ê". Eles nem sequer sabem o que é a verdadeira vitamina **é**; daí, por favor, perdoe-lhes: o importante é ter saúde...

perdoar: qual a regência?

Quem perdoa, perdoa alguma coisa **a** alguém. Assim, se tiver bom coração ou boa vontade, perdoe os milhares de erros **a**os repórteres. Eu, de minha parte, não tenho nem uma nem outra coisa... Omitido o objeto direto (*os milhares de erros*), teremos: *perdoe* **a***os repórteres*. Transformando o objeto indireto em pronome oblíquo, teremos: *Perdoe-***lhes**. Daí por que não se usa **o** (ou **a**) em referência a pessoa, mas só em referência a coisa (*erros*, por exemplo): *Eles cometem muitos erros de português, mas eu não* **os** *perdoo nem* **lhes** *perdoo*. Percebeu a diferença, caro leitor? O pronome **os** se refere a *erros de português*; **lhes,** a *repórteres*. Jesus, na cruz, dirigindo-se a Deus, afirmou: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!* Apesar de tudo, na televisão, em programa ou em filme, é impossível ouvir ou ver *perdoar*-**lhe**. Por quê? Ora, por quê...

muçarela

Quer comer boa *muçarela*? Escolha sempre a verdadeira: *muçarela* (a outra, "mussarela", está mais para mofada que para saudável).

maisena

É a grafia correta da palavra, que nos vem do nome nativo da planta (*mahis*), conhecida cientificamente como *Zea mays*, milho nativo da América. Muitos se deixam levar pelo nome da caixinha amarela, presente nas cozinhas brasileiras: MAIZENA, que não passa de mera marca registrada, por isso mesmo sem compromisso com as normas da língua.

personagem: qual o gênero?

Em todas as edições anteriores, sempre defendi apenas o gênero feminino para a palavra, quer em referência a homem, quer a mulher. Por quê? Porque aprecio muito a coerência, o que nem sempre ocorre na língua popular. Veja: em português toda e qualquer palavra terminada em *–gem* é feminina (com exceção de *selvagem*). Mas já me dei por vencido: use **o** *personagem* para a figura masculina e **a** *personagem* para a figura feminina. Não, não vou aceitar o uso de *"meu" personagem* quando é uma mulher que fala. Aí, já é querer demais...

apartamento: como abrevio corretamente?

De duas formas: **ap.** ou, então, **apart.** (mas nunca *"apto."*, que é justamente a que mais se vê).

página: como abrevio corretamente?

Assim: **pág.** ou, então, apenas **p.**; para o plural, use **págs.** ou, então, **pp.** (Repare: não se usa ponto final depois de ponto abreviativo.)

mau-caráter: qual o plural?

Anote: *maus-caracteres*. Dizem que o futebol está cheio de *maus-caracteres*, muito mais que bons-caracteres. (O *Vocabulário Ortográfico*,

porém, não registra *bom-caráter*. Não existirão os bons-caracteres?)

alopecia

É a prosódia correta: alope**ci**a (calvície), mas não é raro ouvirmos "alopécia", principalmente de médicos, que também dizem "catéter". Um dicionário por aí também admite a prosódia "alopécia", o que não surpreende: nele se encontram equívocos sem conta.

"enxaguante" ou "enxaguatório"?

Apareceu num jornal da Internet esta chamada: *"Enxaguante" é boa solução para remover placa bacteriana*. Interessado no assunto, fui até a matéria, cujo título era bem outro: *A importância da utilização dos "enxaguatórios" bucais*. E agora? Qual é a palavra correta: "enxaguante" ou "enxaguatório"? O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) não registra nem uma nem outra. Normal...

De cara, descartamos "enxaguatório", que traz um sufixo (*-tório*), o mesmo de *lavatório* (lugar onde se lava), *refeitório* (lugar onde se faz refeição), etc., portanto impróprio para este caso. O sufixo *–ante*, por sua vez, indica agente da ação (*estudante*) ou profissão (*despachante*), portanto também não cabe. Conclusão: o melhor é não inventar e usar *antisséptico bucal*.

Mas a revista *Veja*, ed. 2.132, pág. 160, revela: *Os "enxaguantes" sem álcool ou clorexidina na composição podem ser utilizados com mais frequência*. Não quer ter problemas com o asseio da sua boca e, principalmente, da sua língua, caro leitor? Não use isso!...

Duas mudanças ortográficas dispensáveis

Como se sabe, houve recentemente uma reforma ortográfica em nossa língua. Reforma capenga, em nosso modo de ver, já que veio trazer mais confusão que esclarecimentos. Retiraram o acento da forma verbal *para*, por exemplo. Hoje, ninguém *para* para pensar, mas o acento deveria continuar presente ali, para desfazer mal-entendidos. Suponhamos esta manchete de jornal: **CHUVA PARA SÃO PAULO**. Só lendo o corpo da matéria para desfazer a dúvida: a chuva parou São Paulo ou está prevista

chuva para São Paulo? Outro caso é o de *dia a dia*, que agora se usa para qualquer significado. Hoje todos vivemos apenas o *dia a dia*, porque no nosso *dia a dia* tudo é uma confusão só. A verdade é que aquele que sugeriu tais mudanças está hoje numa saia justa (ou seria saia-justa?).

distinguir e extinguir: como devo pronunciar?

Sempre assim: *distinghir, extinghir*, isto é, sem pronunciar o **u**. Os repórteres brasileiros precisam urgentemente saber disso. É um festival de "distingu-ir", de "extingu-ir", que machuca a orelha (o nosso antigo ouvido). Em nenhuma das formas de tais verbos o **u** soa (*distingo*, *extingo*, e não: "distinguo", "extinguo", etc.). Portanto, pronunciamos *ghi* e *ghin*, respectivamente em: *distinguido, extinguido; distinguindo, extinguindo*, etc.

Guido: como pronunciar?

Assim como *distinguir* e *extinguir*, também sem soar o **u**: *Ghido*. Houve um ministro da Fazenda com este nome. Alguns repórteres pronunciavam corretamente, mas a maioria dizia "güido". Normal...

mandado e mandato

Por incrível que pareça, ainda existem repórteres que trocam uma pela outra. Normal... Mas **mandado** sempre será aquilo que provém principalmente de magistrados; daí por que existem os *mandados* judiciais, os *mandados* de busca e apreensão, etc. **Mandato** é coisa relacionada principalmente a políticos; daí por que existem os *mandatos* de quatro anos de deputados e os *mandatos* de oito anos de senadores. Seria tão difícil assim distinguir uma de outra, a ponto de jornalistas, mormente repórteres, estabelecerem confusão?

a distância: com acento grave ou não?

Em todas as edições anteriores, ensinei com quase todas as grandes autoridades da língua de todos os tempos: só use o acento grave em tal locução quando a distância for determinada; do contrário, pode dispensá-lo. Assim, construímos: *Ensino* **a** *distância* (sem acento), mas *Ensino* **à**

distância de mil quilômetros (com acento, porque a distância está especificada). Agora, nos dias que correm, surge uma corrente que se opõe à omissão do acento no primeiro caso, querendo o acento ali também. Não, não me vejo acorrentado...

"Juiz" pode dar três minutos de "acréscimos" num jogo de futebol?

Há narradores esportivos por aí que tratam os *árbitros* de "juízes" e – muito mais – nos informam que o homem do apito dará três minutos de "acréscimos", quando a locução é francamente invariável, assim como todas as locuções existentes em português. Eles mal sabem o que é locução, como vamos exigir deles, então, o uso correto delas? Pretensão tola. A verdade é que, quando assistimos a um jogo de futebol, estamos fadados a ver caneladas e a ouvir batatadas durante o tempo todo. E saber que, para falar tantas asnices, prestando verdadeiro desserviço à educação, essa gente ganha muitos milhares de vezes o que percebe um professor universitário em final de carreira! Eita, Brasil!

presidenta: está correto?

Está correto. Em nossa língua há somente seis nomes que, terminados em **–e**, admitem também o feminino com a terminação **–a**. São eles: *comandante, comediante, governante, hóspede, parente* e *presidente*. Todos podem também ser usados como comuns de dois: *o/a governante, o/a presidente*, etc. Tivemos uma mulher na presidência da República, que fazia questão de ser chamada *presidenta*, direito seu. Mas fizeram tantas piadinhas com tal feminino, que beiraram o ridículo. Passaram a dizer ou a escrever, por exemplo, que a referida presidenta era "incompetenta", além de mais uma aluvião de asneiras, sempre usando a terminação –a com outros nomes terminados em –e. Todos estamos cansados de saber que a presidenta foi muito competente, e que disso ninguém tenha dúvida!...

ó e oh!

Não se confundem: a primeira se usa em vocativos, para chamamentos (**Ó**

Paloma, onde estás?), mas no Brasil se costuma empregar **ô**; a segunda se usa para expressar admiração (**Oh**, *como és bela, Paloma!*). Como se vê, o ponto de exclamação pode vir apenas no final da frase. Em Santa Catarina, porém, o SBT leva ao ar um programa dominical que tem este título: *"Oh" de casa*.

E eu digo como os nordestinos: *Ó xen!*

abreviatura de hora

É **h** (minúsculo e sem ponto: 1h, 10h). Como se vê, serve também para o plural. Note ainda que a abreviatura deve seguir imediatamente o algarismo, não devendo haver espaço entre eles. Faz tempo, muito tempo, que é assim. Agora, ligue o seu televisor. E veja como as emissoras usam a abreviatura. Com maiúscula ("H"). Quer um exemplo? GLOBONEWS EDIÇÃO DAS "10H". Em outro telejornal da mesma emissora se vê "10:00". Na BANDNEWS é diferente? Faça o teste: sintonize e veja você mesmo como eles são ótimos!

8:00 (é correto?)

No Brasil, não; nos países de língua inglesa é que se representam as horas assim. Por aqui é muito mais simples e econômico: **8h**. E, se houver minutos: **8h15min** (note: não há ponto nem **s**). Outros exemplos: 0h20min, 20h04min, 5h01min. Já vimos, porém, representação das horas de inúmeras maneiras, todas erradas: "20:00", "20:00h", "20hs" e até "20:00hs." (com ponto), quando não se vê com H. E saber que tudo é muito simples!

"à" partir de

Quem usa acento no **a** antes de verbo mostra que não entende bulhufas de crase, não tem a mínima ideia do que seja crase. Por quê? Porque não tem cabimento indicar que está havendo crase quando ela não existe, por absoluta impossibilidade de o fenômeno existir. Crase é o nome da fusão de dois **aa**, um da palavra anterior e outro da palavra posterior. Assim, quando escrevemos *Vou à cidade*, o acento tem razão de ser, porque aí houve crase, ou seja, houve fusão de um **a** (preposição pedida pelo verbo ir;

você sabe: quem vai, vai a algum lugar) com o artigo **a** da palavra cidade (sim, porque esta palavra se usa sempre com o artigo: *a cidade está cheia de turistas*). Espero ter trazido luz sobre o assunto. Muito bem. No caso dos verbos, onde encontramos os *aa* para que haja crase, se nenhum verbo vem antecedido do artigo *a*? Por isso, a partir de agora, você já está sabendo que, quando aparecer a expressão *a partir de* com acento, estará aquilo a indicar algo bem desprezível: ignorância. Sendo assim, quando alguém coloca acento no *a*, o fato não indica necessariamente que houve crase; e, quando alguém não coloca acento no *a* antes de cidade, no exemplo visto, não significa que não houve crase; a crase ocorreu, só não foi indicada, por desconhecimento e às vezes até por distração do autor da frase. E, para encerrar, um conselho: se não tiver pleno conhecimento do assunto (crase), deixe o *a* sem acento, porque é preferível deixar o leitor em dúvida (que você pode ter se esquecido, por exemplo) do que levá-lo à certeza de outra coisa, bem mais comprometedora...

“hendecampeão”

Aquele que se tornou campeão por onze vezes, consecutivas ou não, é *hendecacampeão*, já que o elemento grego que significa *onze* é *hendeca-*, e não “hende-”. A Mitsubishi, no entanto, saiu-se com esta na mídia e até estampou na traseira e no estepe de um modelo de seus veículos: *“Hendecampeão”. Mitsubishi – Onze vezes campeão do rally Dakar.* Campeão com mérito?

Ele disse que ia dar um jeito “nesse” país

O pronome demonstrativo correto para indicar tudo aquilo que nos abrange fisicamente é *este*, e não “esse”. Repare nestes exemplos: ***Este** país passa pelo momento mais crítico de toda a sua história. *** Ele disse que ia dar um jeito n**este** país. *** **Este** planeta é azul.*

Um certo presidente brasileiro afirmou recentemente: *O Brasil estava quebrado e alguém vai ter de salvar “esse” país. Nossa responsabilidade é infinitamente maior que a de qualquer outro presidente na história “desse país”.* A responsabilidade era mesmo enorme! E deu no que deu.

Eu “deito” cedo e “levanto” cedo

Não. Ninguém “deita” cedo: quem, no dia seguinte, trabalha ou estuda de manhã **se** deita cedo. Também ninguém “levanta” cedo; quem trabalha ou estuda de manhã **se** levanta cedo. Era final de ano. Um presidente brasileiro, pelo rádio, deixou toda a população profundamente esperançosa, ao dizer, profeticamente: *Que o povo vá “deitar” no dia 31 sabendo que a partir do dia 1.º o Brasil será melhor*.

Foi?

moto “zerinha”

No Brasil se vendem muitas motos *zero* ou *zerinho*, conforme a visão de cada um. Isso não é novidade nenhuma. Novidade, sim, é quando aparecem anúncios pela televisão em que o apresentador sugere: *Venha até nossa loja e saia com uma moto “zerinha”!* Você vai, caro leitor?

lavagem “à” seco

Costumo dizer que crase é um caso de segurança nacional. Impressionante: como poucos conhecem o assunto, tão elementar! A regra é claríssima: não se usa acento grave no **a** antes de palavra masculina. Se assim é, como se explica que lavanderias de todo o país ofereçam *lavagem “à” seco*? Só pode ser lavagem ordinária.

fauna e flora

Até os recém-nascidos sabem que fauna é termo referente a animais; e flora, a vegetais. Num desses programas matutinos pela emissora de televisão líder de audiência, no entanto, a apresentadora disse que a castanha-do-pará, ingrediente que estava usando para ensinar o preparo de uma receita, faz parte da “fauna” brasileira. Os bichos reclamaram muito...

encantos “mis”?!

Qualquer recém-nascido sabe que *mil* é numeral invariável: *duzentos mil, dois mil, cem mil*, etc. Pois não é que aparece agora uma colunista da *Folha*

de S. Paulo e escreve isto (pasme!): *Só não custa lembrar que o Rio é o Rio. Além de "Cidade Maravilhosa de encantos mis", é também considerada um dos centros urbanos mais violentos do planeta.* Violência por violência, convenhamos: a jornalista cometeu uma de doer!

traslado ou translado?

As duas formas existem, assim como *trasladar* e *transladar*. Então, um hotel pode oferecer o *traslado* (ou *translado*) do aeroporto gratuitamente a seus hóspedes.

Honduras: nome feminino ou masculino?

Honduras é nome masculino, como bem se pode ver no **Grande Dicionário Sacconi** e em tantas outras obras enciclopédicas sérias. Os jornalistas brasileiros, no entanto, quando da crise que abalou esse país da América Central, usaram mais de uma vez tal nome como feminino. Um exemplo disso ocorreu com o jornal *O Globo*, que trouxe este título: **Honduras só não terá eleição se for "invadida", diz Micheletti**. Essa frase foi criada na redação, já que o ex-
-presidente hondurenho teria dito de outra forma, correta: *"Haverá eleições presidenciais em novembro, a menos que nos invadam"*. O jornalista, no entanto, ao tentar reproduzir a declaração, acabou se enlambuzando todo.

a gente

Usa-se de preferência apenas na língua falada, mas sempre com o verbo na terceira pessoa do singular: *a gente **vai**, a gente **quer**, a gente **sabe**, a gente **foi***, etc. O povo é dado a usar: *a gente "vamos", a gente "queremos", a gente "sabemos", a gente "fomos"*. A gente entende...

A gente, que (convém repetir) se deve usar apenas na língua falada, emprega-se por:

1) **Turma, pessoal**. Ex.: ***A gente** de televisão ganha bem. *** **A gente** do escritório começa a trabalhar às 9h. *** Às sextas-feiras vou, com **a gente** do trabalho, à* happy hour.

2) **Eu**. Ex.: ***A gente** nunca sabe o que vai acontecer amanhã, por isso eu poupo. *** **A gente** vive como pode aqui, sozinho.*

3) **Nós**. Ex.: *A gente vai à praia todos os dias. *** A gente lá de casa não costuma sair à noite. *** A gente se ama.*

4) **O ser humano em geral; o homem**. Ex.: *A gente vive a um ritmo cada vez mais acelerado, na vida moderna.*

A palavra *gente*, quando dá ideia de plural, possibilita concordância ideológica (silepse de número). Ex.: *A gente da roça pode não ser extrovertida, estudada, culta, mas não são burros. *** A gente lá de casa não costuma sair à noite nem mesmo para ir à farmácia, pois temos medo de assaltos. *** Coisa interessante é gente <u>da zona rural. Como</u> são quietos!*

Seu uso frequente, ainda que apenas na língua falada, denota pobreza de vocabulário.

EM TEMPO – Cuidado para não usar "agente" no lugar de *a gente*, coisa que já se vê muito por aí.

nomes e sobrenomes de pessoas mortas

Após a morte de uma pessoa, seu nome e sobrenome passam a estar sujeitos às normas ortográficas em vigor: Philomeno vira **Filomeno**, Raphael vira **Rafael**, Thomaz vira **Tomás**, Teophilo vira **Teófilo**, Josephina vira **Josefina**, Manoel vira **Manuel**, Newton vira **Nílton**, Cacilda vira **Cassilda**, Clarice vira **Clarisse**, Hortência vira **Hortênsia**, Jussara vira **Juçara**, Walter tem de se tornar **Válter** e assim por diante. Daí por que **Thomé de Souza** passou a **Tomé de Sousa**; Fernão Dias **Paes** passou a Fernão Dias **Pais**; **Adhemar** de Barros virou **Ademar** de Barros; Viriato **Correa** virou Viriato **Correia**; Carlos **Goes** passou a Carlos **Góis**; **Osman** Lins virou **Osmã** Lins, etc. Um dia, também eu próprio virarei Luís Antônio Sacconi. (E já estou indignado.) Atualmente, todavia, essa norma não tem sido levada a sério. A nosso ver, com razão. Quem escreveria **Vila-Lobos**?

Tom Jobim não aceitava que alguém escrevesse Vin**í**cius (com acento) de Mora**i**s (com **i**). Queria que todos respeitassem a grafia constante do registro civil do grande poeta: Vinicius de Moraes. Mal sabia Tom que seu próprio sobrenome deveria ser escrito, após a sua morte, **Jubim** (esta é a forma correta).

Os sobrenomes estrangeiros ou de origem estrangeira ficam, até pela norma, imutáveis. Portanto, grafaremos sempre Drummond, Goulart,

Kubitschek, Matarazzo, Sacconi, etc.

o “falecimento” de Ayrton Senna

O piloto brasileiro não “faleceu”. ***Morreu***. Só *falece* aquele que sai da vida naturalmente, ou por velhice. *Morre* todo aquele que perde a vida, brutalmente ou não. Toda pessoa que falece, morre, mas nem toda pessoa que morre, falece. Uma pessoa assassinada não “falece”, ***morre***. Um nonagenário, num asilo ou num leito de hospital, *falece*. Só a *morte* pode ser violenta; o *falecimento*, ao contrário, apenas exprime um efeito natural e é sereno, calmo, tranquilo. Por isso, rezemos todos para *falecermos*, bem tarde, muito tarde!

Ficamo**s**-lhe muito agradecid**o** pelo que nos tem feito

Frase perfeita. O adjetivo ou o pronome adjetivo pode ficar no singular, quando se refere a uma só pessoa.

Veja outros exemplos: *Nós* ***mesmo*** *percebemos isso*. (É, na verdade, uma única pessoa que fala ou escreve.) *** *O fato nos deixou profundamente* ***impressionado***. (O adjetivo se refere, na verdade, a um pronome da primeira pessoa (eu), subentendido.) *** *Também nós não somos* ***favorável*** *a tamanha mutilação, principalmente nos sobrenomes*.

Trata-se do *plural majestático*, que ocorre, portanto, sempre que a primeira pessoa do plural expressa um só indivíduo.

Os desavisados acham que o orador ou o escritor erra ao proceder assim.

Consulte *Silepse de número* em **Nossa gramática completa**.

bem-feito

Há alguns dicionários que, depois do Acordo Ortográfico, trazem a forma “benfeito” como adjetivo, equivalendo a *bem-feito*. Desconhecem o fato de que *benfeito* só existe como substantivo, sinônimo de *benfeitoria*. Fora daí, só há mesmo algo *bem-feito* (com hífen). Tudo o que é feito com esmero, com carinho, continua sendo *bem-feito*. Ainda existe a forma sem hífen: *bem feito*, locução interjetiva que exprime satisfação por alguém, merecidamente ou não, ter recebido um castigo ou se dado mal em alguma empresa ou acontecimento.

Por isso, aos dicionários que ainda trazem "benfeito" como adjetivo, por *bem-feito*, tenho uma mensagem: **bem feito!**

camicase

Palavra de origem japonesa, termina por **-e**. Certa feita, porém, um ex-jogador de futebol, depois comentarista esportivo, disse com seu forte sotaque caipira, para todos ouvirem: *Eu num seria lôko de dizê que Ronaldo acabô pro futebol. Num sô "camicasa!"*. Na verdade, e para a saúde de todos nós, ele deveria mesmo é ficar em **casa**...

Bariloche (como se pronuncia?)

Há muito novo-rico por aí que a primeira coisa que quer fazer quando sobra alguma coisa na conta bancária é imitar os ricos consagrados. Então, providencia logo uma viagem para os locais onde eles costumam ser encontrados. Como é dos novos-ricos quererem ser mais realistas que o rei, eles não vão absolutamente a *Barilóche*; eles fazem questão de ir a "Barilôche", que a suas orelhas lhes parece mais sofisticado...

É o mesmo caso daqueles que entram para o Rotary Club. Os rotarianos costumam reunir-se uma vez por semana num jantar. Os preparados comem direitinho e costumam dizer que fazem parte do *Rótari*; já os deslumbrados membros desse clube fazem questão de dizer que fazem parte do "Rôtari". Sempre se lambuzam...

O que é não conhecer análise sintática!

Manchete do jornal *O Estado de S. Paulo:* **"Crescem" número de casos de diarreia em São Paulo e no Rio de Janeiro**. Se o manchetista tivesse bem aproveitado seus anos escolares, teria escrito, naturalmente, ***Cresce***, no lugar de "Crescem", já que o sujeito é singular (**número**).

Uma rede de televisão paulista apresentou uma vez um programa em que tratou de um hotel de cães. A apresentadora nos deu uma informação própria de quem não tem a mínima noção de análise sintática. A informação foi esta: *Todos os cachorros são ali tratados "iguais".* Se tivesse tido um bom aproveitamento escolar, naturalmente, diria diferente: *Todos os cachorros são ali tratados **igual***. Por que *igual*, no singular? Porque se

trata de um advérbio, equivalente de *igualmente*; *igual* não se liga sintática nem logicamente a *cachorros*, mas a *são tratados*.

EM TEMPO – *Igual*, na frase apresentada, recebe a designação de *adjetivo adverbializado* (forma adjetiva que, ao exercer a função de advérbio, não varia). Se tiver interesse, consulte a lista dos principais adjetivos adverbializados em **Nossa gramática completa**.

tecnologia “embargada”

Todo o mundo que gosta de automóvel (e o brasileiro é um apaixonado por automóvel) sabe o que é *tecnologia* ***embarcada.*** (Quem ainda não sabe e tiver curiosidade de saber, por favor, queira consultar o verbete **tecnologia**, no **Grande Dicionário Sacconi**, o único que traz a definição da expressão.)

O que a gente lê em jornais e revistas, no Brasil, às vezes dá mais para rir do que para levar a sério. Um jornalista da Globo escreveu, ao comentar os aspectos modernos do Mercedes-Benz E *coupé*: *O que realmente impressiona é a tecnologia “embargada”. Os faróis, por exemplo, se adaptam às condições do tráfego e reagem automaticamente para evitar o ofuscamento dos outros motoristas.* Essa gente sempre nos surpreende...

Roraima

A pronúncia correta é uma e apenas uma: *Rorâima*, e não “Roráima”, como querem alguns apresentadores de telejornais.

Quem diz “Roráima”, com o ditongo aberto (e há os que insistem nessa pronúncia), fala mal, dá mau exemplo, presta desserviço à educação, já que nas salas de aula se aprende que a pronúncia correta é *Rorâima*. Na verdade, quem diz “Roráima” imita os índios das tribos macuxis, uapixanas, taurepangues, ianomâmis, etc. da região, que, impossibilitados foneticamente da nasalação, dizem “Roráima”. Ora, mas eles assim pronunciam porque não conseguem articular fonemas nasais. Nós não conseguimos?

Em suma: deixemos os habitantes da região e os índios que continuem pronunciando lá como queiram, ou seja, “Roráima”, mas habitantes de outras zonas do país dizerem assim é inaceitável. A propósito, lá mesmo

em Roraima existe a serra de Pacaraima, que pronunciamos *Pacarâima*. E a serra da Bocaina? Quem, neste país, um dia ouviu ou já disse "Bocáina"? Se ouviu, ouviu mal; se disse, não soube dizer.

recorde (atenção para a pronúncia!)

Em português, é paroxítona, embora ainda haja os que insistam em dizer "récorde", pronunciando-a à inglesa. Ora, em São Paulo existe uma rede de televisão cujo nome é *Record* (grafia inglesa), mas nem por isso seus apresentadores dizem "Rede Récord". Por outro lado, em uma outra emissora, que deveria honrar a liderança de audiência, só se ouve "récorde". Eles só batem o "récorde"... *Ah, mas um dicionarista registra a pronúncia "récorde"*, poderá objetar alguém. Sim, registra, mas nesse dicionário há tantas coisas, coisas e coisas, muitas das quais até Deus duvida. Ao longo desta obra, você conhecerá algumas delas.

Mercosul (como se pronuncia o **e**?)

Pronuncia-se fechado: m**ê**r, pois se trata do **e** da palavra *mercado*. Agora, preste atenção aos repórteres: eles dão ao **e** som aberto.

Araújo & Filhos "convida"

Má concordância. Todas as expressões ligadas pelo sinal comercial & (chamado *ampersand*), equivalente de **e**, são de plural. Neste caso temos sujeito composto; sendo assim, o verbo vai obrigatoriamente ao plural: *Araújo & Filhos* **convidam** *amigos e fregueses para a inauguração de sua nova sede*. *** *Schlesinger & Schlesinger Advogados* **notificam** *seus clientes de que estarão em férias em dezembro*. No provedor Terra, um jornalista lançou esta manchete: ***Zezé & Luciano "faz"*** **show**. O jornalista, naturalmente, quis dar o seu showzinho à parte...

equipe "cruzmaltina"

O tradicional clube carioca Vasco da Gama é conhecido também como clube **cruz-maltino**, que os nossos jornalistas desconhecem. Quando o Vasco voltou à elite do futebol brasileiro, mais de dois jornais saíram com

esta manchete: **Time "cruzmaltino" volta à primeira divisão**. E quando é que os nossos competentes jornalistas esportivos vão, finalmente, voltar?

"o" musse

Musse é palavra feminina: **a** *musse,* **uma** *musse,* **duas** *musses, musses* **gostosas**, etc. Na emissora do "Roráima" e do "récorde", no entanto, os apresentadores do telejornal *Hoje* anunciaram certa vez: *Nesta edição vocês, mulheres, ainda vão conhecer "o" musse que combate a celulite*. É preciso e urgente, isto sim, arrumar um produto qualquer que combata a ignorância. Quem sabe os cientistas consigam, num desses próximos séculos...

fast-food: masculina ou feminina?

Fast-food, segundo a 5.ª edição do VOLP, é palavra feminina: **a** *fast-food*. Grande parte dos jornalistas, no entanto, usam-na como masculina: "*O*" *fast-food continua conquistando paladares.* Dicionários por aí há que registram a palavra, mas não lhe dão gênero nenhum.

todo **o** mundo

Sempre **com o artigo**, em qualquer acepção. Mas todo **o** mundo no Brasil escreve "todo mundo". É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável. Como é em francês? *Tout le monde*. Como é em espanhol? *Todo el mundo*. Por que, em português, seria "todo mundo"?

quingentésimo – quinquagésimo – quinquenal – quinquênio – quiproquó

Todas já não trazem trema, mas o **u** continua soando: *kuingentézimo, kuinkuagézimo, kuinkuenal, kuinkuênio*, *kuiprokó*.

salário mínimo e salário-mínimo

Têm significados diferentes: *salário mínimo* é aquela miséria que alguns trabalhadores recebem todos os meses; já *salário-mínimo* é o próprio

trabalhador que recebe a miséria, a merreca. Portanto, é perfeitamente possível uma construção assim: *Nunca fui* **salário-**
-mínimo, *por isso nunca recebi* **salário mínimo**.

Os jornalistas sabem disso? Vamos ver. Logo no primeiro dia do ano de 2010, o *Diário de S. Paulo* saiu-se com esta manchete, crente de que estava dando uma boa notícia: **Novo "salário-mínimo" e seguro-desemprego já estão em vigor**.

"vitrine" ou vitrina?

Depende: se você for francês, a resposta é *vitrine*; se você for brasileiro, a resposta é *vitrina*. Há, no entanto, por aqui mesmo, muitas pessoas que gostam de apreciar uma "vitrine", principalmente em *shopping centers*. Talvez porque o dicionário *Houaiss* ainda cometa o pecado de trazer tal forma, inexistente em português e, por isso mesmo, só registrada na 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (*Volp*) como estrangeirismo, e não como palavra vernácula.

champanha ou champanhe?

As duas formas estão registradas no VOLP. O aportuguesamento perfeito, no entanto, é *champanha* (que é palavra masculina: *o champanha, um champanha*); a forma que mais se usa no português do Brasil, todavia, é *champanhe* (mais próxima do francês *Champagne*, nome da localidade onde surgiu o espumante). Claro que é muito mais agradável um *champanhe* francês que um *champanha* paraguaio...

O mais curioso não é isso; o mais curioso é que o VOLP registra para *champanhe* também o gênero feminino (*a champanhe*). Se assim é, que os acadêmicos comemorem sempre com *uma boa champanhe paraguaia*, se é que isso lhes faz bem!

madame ou madama?

As duas formas estão registradas no VOLP, e, a exemplo de *champanhe* e *champanha*, parece-me que a primeira forma é a preferida entre os brasileiros, embora seja um francesismo puro.

“um” ênfase?

Há algumas palavras que, não se sabe por quê, sofrem mudança de gênero a torto e a direito. Uma delas é *ênfase*, palavra feminina, que sempre foi feminina, mas que alguns, principalmente repórteres, insistem em ver como masculina. Certa feita, uma repórter da *RedeTV* entrevistava um dos integrantes do falecido programa *CQC*, que lançava um livro sobre as frases “pitorescas” de Lula. A certa altura, ela dispara “um” ênfase pra cá, “um” ênfase pra lá. Em que escola de Jornalismo teria ela aprendido que *ênfase* é palavra masculina?

Antof**a**gasta

É o nome correto da cidade do Norte do Chile e importante porto do Pacífico. Mas há um dicionário de grande porte por aí que traz “Antofogasta”, palavra que não existe e, naturalmente, que não nomeia coisa nenhuma. Mas está lá, no dicionário.

baquelite ou baquelita?

O VOLP registra ambas as formas, mas *baquelite* é um nome comum derivado de marca registrada norte-americana (*Bakelite*), assim como *bombril* e *gilete*. Sendo marca registrada, não poderia ter mudado o *-e* para *-a*. Há, todavia, os que têm a palavra como oriunda do francês *bakélite*, que também é marca registrada (*Bakélite*). O interessante é que certos dicionários só trazem *baquelita* e não dão *baquelite* nem como forma variante. Entenda a bagunça!

tricoline ou tricolina?

Também as duas formas têm registro no VOLP e aqui há certa coerência, porque se trata também de um francesismo. Quando o francesismo termina em *-e*, a tendência é termos palavras terminadas tanto em *-e* quanto em *-a* (*madame/madama, champanhe/champanha*, etc.), com raras exceções. No caso em apreço, o povo só usa *tricoline*, ou seja, o galicismo puro, embora nunca use esse tipo de tecido.

gabardine ou gabardina?

As duas formas, igualmente, têm registro no VOLP, prevalecendo, novamente, a coerência: os nomes franceses terminados em *-e* acabam tendo grafia dupla em português.

“avalanche” ou avalancha?

O VOLP só registra *avalancha*, numa demonstração de brutal incoerência. Se registra *madama* e *madame*, se registra *champanha* e *champanhe*, se registra *tricolina* e *tricoline* e até *baquelita* e *baquelite*, por que cargas d’água a 5.ª edição do VOLP não teria trazido também *avalanche*? Não se sabe por quê. Só consultando a Esfinge para saber...

limusine ou “limusina”?

Nova incoerência do VOLP, que só registra *limusine*. A palavra nos vem do francês *limousine*. Portanto, houvesse critério, houvesse coerência, caberiam duas grafias: *limusine* e *limusina* (que é a única forma usada pelos portugueses). O VOLP, novamente, incorre numa falta de critério de causar inveja a esquimó. Ora, se o Acordo Ortográfico foi implementado para unificar o português de Portugal e o de suas ex-colônias, por que o VOLP não traz *limusina*? Para saber a resposta, caro amigo, só indo novamente ao Egito e perguntar à Esfinge...

“musseline” ou musselina?

Outro caso de incoerência: a palavra nos vem do francês *mousseline*, tipo de tecido. O VOLP só registra *musselina*. Ora, como compreender? Se registra *tricolina* e *tricoline*, que também é um tipo de tecido, por que, então, registra agora apenas *musselina*? A resposta? Sim, pode comprar a passagem: o Egito é um país fantástico!...

chenile ou “chenila”?

Veja que maravilha: o VOLP registra apenas *musselina* (que nos vem do francês *mousseline*), desprezando a forma “musselina” e, num rasgo de

absoluta “coerência” de seus autores, traz apenas *chenile* (do francês *chenille*), desprezando agora a forma “chenila”. Por quê? Ninguém sabe por quê. Por isso, meu caro leitor, ao retornar do Egito, por favor, não se esqueça de me escrever, dando a resposta...

“biciclete” ou bicicleta?

Está claro que é *bicicleta*, mas aqui reside um caso interessante. *Bicicleta* é um galicismo que nos vem do francês *byciclette*. Ora, se em português palavras terminadas em *-e* francês normalmente se escrevem com *-a*, ou também com *-e*, por que isso não aconteceu com *bicicleta*? Ou seja: por que também não podemos escrever “biciclete”? Não tenho a resposta. E se algum de vocês tiver, por favor, quero espantar minha ignorância: escreva-me!

bobina ou bobine?

Caso interessante: trata-se de um galicismo também (*bobine*), que o VOLP registra, a par de *bobina*, num rasgo de coerência. Mas nem o povo nem os jornalistas nunca ousaram usar *bobine*, como fazem com *champanhe, madame* e *tricoline*. Coerência não parece ser uma das maiores virtudes do povo, que prefere *champanhe* a *champanha*, *madame* a *madama*, *avalanche* a *avalancha*, *gabardine* a *gabardina*, mas se recusa terminantemente a usar *biciclete* por *bicicleta* ou *bobine* por *bobina*.

reclame ou “reclama”?

Antigamente muito se usava o francesismo *reclame* para o que hoje todos chamamos *anúncio*, *propaganda* ou *publicidade*. O VOLP só registra *reclame*; os portugueses usam tanto *reclame* quanto *reclamo* (que nós desprezamos). A pergunta, agora, é esta: se as palavras francesas terminadas em *-e* ganham duas formas normalmente em português, por que não registrar também “reclama”? Por toda essa incoerência, toda essa falta de critério, faço-lhe aqui um apelo, caro leitor: reclame! Isso, naturalmente, se não tiver tempo ou dinheiro para ir ao Egito...

de “um” modo geral

Convém desprezar o artigo e usar apenas *de modo geral*: **De modo geral**, *a educação no Brasil vai de mal a pior*. *** **De modo geral**, *os dicionários são omissos em relação ao plural de sem-terra e sem-teto*. Diz-se o mesmo de *de maneira geral* e *de forma geral*: **De maneira geral**, *as mulheres têm verdadeiro horror a baratas*.

Certa feita, num de nossos jornais, encontramos uma pérola puríssima: *“de um modo em geral”*.

Quem diria que nosso jornalismo não é maravilhoso?

Veja, agora, uma notícia até interessante, mas em que o jornalista não conseguiu desprezar o referido artigo: *Beleza não é fundamental na hora de escolher o parceiro para um relacionamento sério, segundo pesquisa realizada por um psicólogo e professor da USP. O mais importante, para os dois sexos, é o charme.* **A importância da beleza é maior apenas entre pessoas desconhecidas, tal como ocorre nas paqueras em bares e baladas**, *declara o professor. Segundo ele, as qualidades do parceiro, de “um” modo geral, superam a falta de atributos físicos, principalmente do ponto de vista das mulheres.*

Mas na hora de escrever, sem dúvida, elegância é fundamental...

ambos

Ambos é uma palavra que, quando antecede substantivo, não dispensa o artigo posposto. Devemos sempre usar *ambos* **os** *amigos*, *ambas* **as** *amigas*, etc. Veja, porém, como apareceu numa de nossas revistas semanais de informação: *As cúpulas da Abin e da PF decidiram ontem, depois de uma longa reunião, firmar um pacto para punir os servidores de “ambas instituições” envolvidos em irregularidades, como a produção de grampos ilegais. Só faltava essa: fazer um pacto para cumprir a lei…*

Só faltava essa...

disparado

É invariável quando funciona como advérbio; equivale a *de longe*, *sem comparação*: *O Brasil tem os melhores jogadores de futebol do mundo* **disparado***!* *** *As mulheres brasileiras são as mais bonitas do mundo*

disparado*!*

Tudo isso, todo o mundo já está cansado de saber. Certo dia, porém, um participante do programa *Manhattan Connection*, da Globo News, saiu-se com esta, lá de Nova Iorque: *As reservas de petróleo da Arábia Saudita são maiores que as do Iraque "disparadas".*

Seria o caso de perguntar: Quem foi o gigante que espantou as reservas, a ponto de elas saírem disparadas?...

"tauba" – "estauta" – "treta" – "vrido"

Por incrível que pareça, ainda há pessoas com certo nível de escolaridade que dizem assim, em vez de *tábua, estátua, tetra* e *vidro*. Dia desses, uma apresentadora de televisão disse, sem ficar nem um pouco vermelha: *Pronto, não vou me mexer, vou ficar como uma "estauta"*. E não era brincadeira!

Um estudante que participou da prova do ENEM teve peito para escrever isto: *Os homens brasileiros, estão acabando contudo, as árvores para desmartar, para fazer tauba e outra coisa*. Nem vou citar "contudo" em vez de *com tudo* e "desmartar" em vez de *desmatar*.

Batatinha quando nasce...

Quem já não ouviu, mesmo na mais tenra idade, estes versinhos: *Batatinha quando nasce / esparrama pelo chão*? Poucos sabem, no entanto, que existe um equívoco aí. Eis a correção e a quadra: *Batatinha quando nasce /* **Espalha ramas** *pelo chão / Menininha quando dorme / Põe a mão no coração*. (Ramas = raízes da batata.)

dever e dever de

Poucos sabem: há diferença de emprego e sentido entre *dever* e *dever de*.

Dever se usa quando há ideia de necessidade. Ex.: *Você* **deve** *pagar suas dívidas. *** O governo* **deve** *investir mais em Educação. **** **Devo** *cumprir com as minhas obrigações.*

Dever de se emprega quando há ideia de dúvida ou incerteza. Ex.: *Ela, a estas horas, já* **deve de** *estar dormindo. *** O que eles* **devem de** *estar pensando de mim agora? *** Ele* **devia de** *estar fumando três maços de*

cigarros por dia, antes de morrer de câncer.

Convém ressalvar (antes que se manifestem os urubus de plantão): não, não estou dizendo que é obrigatório; mas me parece altamente saudável estabelecer a distinção.

“Aids” ou AIDS

A bem da verdade, nenhuma das duas, já que se trata de sigla inglesa. Nos países latinos, todos, usa-se a sigla latina SIDA (**s***índrome da* **i***muno***d***eficiência* **a***dquirida*). A única exceção é o Brasil, que, além de adotar a sigla de Tio Sam, ainda a pronuncia como se portuguesa fosse: “áids”, e não *êids*. E mais: nossos jornalistas escrevem a sigla como se nome próprio fosse: “Aids”. Desde quando nomes de doenças ou de síndromes exigem inicial maiúscula? A seguir tal princípio tosco, daqui a pouco se verão em nossos jornais grafias como “Diabetes”, “Pancreatite”, “Faringite” e por aí vai. Nosso país tem, de fato, coisas inacreditáveis! Querem imitar os ingleses e norte--americanos? Então, que sejam ao menos razoáveis, grafando tudo em letra maiúscula: AIDS.

existe “se eu **ver**”?

Não, não existe (ao menos na língua cuidada). E a razão é simples: o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é se eu **vir**, se tu *vires*, se ele *vir*, se nós *virmos*, se vós *virdes*, se eles *virem*. Viu? Não existe *“se eu ver”*. Por *ver* se conjugam todos os seus derivados: *antever, prever, rever*, etc. Portanto, também não existem: “se eu antever”, mas se eu **antevir**; “se eu rever”, mas se eu **revir**, etc.

palavra chula ou chulismo

O que vem a ser uma palavra chula ou chulismo? É uma palavra grosseira, indecente, obscena, indecorosa, que se ouve apenas de pessoas mal-educadas, rudes, toscas, malcriadas, sem formação, ou daquelas sem a devida escolaridade ou formação. No ano de 2009, ouvimos do próprio **presidente da República**, cargo que não lhe dá o direito de proferir chulismos, duas palavras chulas: *sifo* (*Nenhum médico diria a seu paciente, por pior que estivesse: Meu, sifo*) e *merda* (*O povo está na merda, e eu quero*

tirar o povo da merda). Nunca na história deste país houve tamanha baixaria em discursos presidenciais. O cargo, esse cargo, senhores, diz respeito a todos nós. O que se diz no exercício do cargo de presidente da República a mim me atinge, a mim me afeta, como deve atingir e afetar a todos os brasileiros de bem, porque estamos ali representados. É um pouquinho de cada um de nós que está ali, contido naquele cargo. O mínimo que se espera de um presidente da República é compostura. Não é nem mesmo competência, que vem logo a seguir. Além dos chulismos, tivemos de engolir a seco a declaração do presidente de que não conseguia ler muitas páginas de um livro por dia, porque dava sono. Não sei bem por quê, lembrei-me desta frase: *Daqui a cinco anos, você estará bem próximo de ser a mesma pessoa que é hoje, exceto por duas coisas: os livros que ler e as pessoas de quem se aproximar.*

Para não ficar para trás e desejoso de vencer a competição a qualquer custo, um de seus ministros, depois apenas deputado e depois candidato a **presidente da República**, saiu-se com esta grosseria, que deve chocar e causar o repúdio de todos os homens dignos: *Ministério público é o caralho! Não tenho medo de ninguém. Da imprensa, de deputados. Pode escrever o caralho aí!* [Ciro Gomes (PDT-CE), ao negar que dera passagens da Câmara a parentes.]

Não sei bem por quê, mas, depois que li isso, lembrei-me de uma frase de Abraham Lincoln: *É melhor ficar calado e deixar que pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida.*

"em" *Veja* ou **na** *Veja*?

Todo e qualquer nome de revista deve ser usado com o artigo: *a Placar, a Carinho, a Capricho, a Contigo, a Caras, a Playboy, a Tudo, a ISTOÉ, a Época* e, naturalmente, *a Veja*. Ou *a Veja* não é uma revista?

sandálias "ha-vai-a-nas"

Não vá o caro leitor pensar que estamos aqui agora a fazer propaganda de chinelo de dedo. Trata-se de um probleminha de pronúncia que ocorre com a palavra erroneamente dividida em sílabas acima. Vamos raciocinar juntos: *havaianas* vem de *Havaí*, que tem hiato (Ha-v**a**-**í**). Ninguém diz

nem divide esse nome próprio assim: "Ha-vaí", porque seria transformar hiato em ditongo. Ora, se Havaí tem hiato, todas as suas derivadas deverão tê-lo também: ha-v**a**-**i**-a-nas (e não "ha-vai-a-nas", como se costuma dizer). Repare em *Bahia*, cujo hiato tem a mediação extraordinária de um *h* (Ba-hi-a). Quem nasce na Bahia (todo o mundo sabe) é *baiano*. Como, porém, se divide corretamente as sílabas dessa palavra? Assim: b**a**-**i**-a-no. Mas sempre há os que dizem "bai-a-no". O mesmo problema ocorre com *Bauru*, que tem hiato: B**a**-**u**-ru. Muita gente pronuncia e divide assim: "Bau-ru". Errado. Existe um país insular na Oceania de nome *Nauru*. Repare: houve troca apenas da primeira letra. Todo o mundo, no entanto, pronuncia e divide direitinho: N**a**-**u**-ru. Mas todo o mundo chega a uma lanchonete e pede um "bau-ru"; as pessoas chegam a Bauru para verem os "bau-ru-en-ses"...

carros "esportes"

A palavra esporte, usada como adjetivo, não varia: camisas esporte, carros esporte, etc. Veja, porém, esta interessante notícia, colhida no site do provedor Terra: *O nível de testosterona de quem dirige um carro esporte vai às alturas, tendo plateia feminina ou não. Já no caso de um carro comum, ela mal se altera. Carros "esportes", como o Porsche, acabam funcionando como a cauda de um pavão.*

E então, que tal o nosso jornalismo?...

hem! e hein!

Ambas são corretas. Mas sempre há os que escolhem justamente uma terceira opção, errada, escrevendo "heim!".

usucapião é palavra masculina ou feminina?

É palavra feminina: **a** *usucapião*. A *usucapião* é um instituto jurídico pelo qual uma pessoa se torna proprietária simplesmente por ter a posse pacífica de um bem durante certo tempo.

"adéqua"

O verbo *adequar* só se conjuga nas formas arrizotônicas, ou seja, aquelas em que a tonicidade se encontra fora do radical. Sendo assim, no presente do indicativo só existem as formas *adequamos* e *adequais*; no presente do subjuntivo só há *adequemos* e *adequeis*; a gramática tradicional não reconhece as formas *adequo, adequas, adequa, adequam* nem *adeque, adeques, adeque, adequem*. A *Folha de S. Paulo*, no entanto, saiu-se com esta manchete: **Intérprete de Lula para surdos "adéqua" palavra do presidente.**

A matéria tratava do palavrão dito num discurso por Lula. Faço questão de transcrever a matéria: *Durante seu discurso em São Luís, no Maranhão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva falou um palavrão durante a cerimônia de assinatura de contratos do programa Minha Casa, Minha Vida. Lula afirmava que nenhum outro governo havia investido tanto em saneamento básico e disse que iria "tirar o povo da merda". Assim como em todos os discursos oficiais, este foi interpretado por um profissional de Libras (Língua Brasileira de Sinais, utilizada por surdos) que trabalha em Brasília, nos estúdios da NBR, a TV do Governo Federal. Durante a fala de Lula, José Ednilson Júnior interpretou que a intenção do presidente era tirar o povo do esgoto.*

É o puro esgoto. Acertou o intérprete de surdos. Acertou em cheio! Estamos bem de jornalistas? Estamos bem de educação na vida pública? Hem? Hem?

Que "tal" meus filhos? Não são lindos?

Não. Em rigor, em rigor, *tal* varia neste caso: *que* **tais** *meus filhos?, que* **tais** *meus planos?; que* **tais** *meus novos óculos, Estela?*

Machado de Assis, o maior nome da literatura brasileira, escreveu em *Quincas Borba: D. Tonica confessava-lhe que tinha muita vontade de ver Minas, principalmente Barbacena. Que* **tais** *eram os ares?* Não tenho a mínima esperança (nem tenha você também, caro leitor!) de que algum jornalista imite o grande escritor. Para ser bem sincero, a maioria deles não tem noção de análise sintática, conhecimento indispensável para escrever de forma estruturalmente correta.

Houve uma época em que uma escola de São Paulo anunciava assim: *Colegial tradicional? Colegial técnico? Que "tal" os 2 juntos?*

Que tais os dois, mas em outra escola?

Tempos depois, a escola faliu. Não foi sem justiça.

rir “à medida em que” lê

Não existe a suposta locução conjuntiva *“à medida em que”*, tão a gosto de alguns jornalistas. O que temos é *à medida que*.

Veja que maravilha este texto de um jornalista, “dono” de um *blog*: *O tempo é o senhor da razão, dizia uma daquelas camisetas ridículas que o Collor usava. Mas o provérbio português é bom, convenhamos. Administrar o tempo é uma das coisas que nos toma mais tempo (com o perdão do trocadilho) “à medida em que” crescemos. As semanas passam mais rápido (e os fins de semana também, infelizmente), os meses correm, os anos voam.* E os conhecimentos se vão – esqueceu-se de completar.

Escreve um velho e já cansado jornalista carioca, que se autointitula “repórter”: *“À medida em que” vão se avolumando os sinais de que Serra poderá disputar mais um mandato em São Paulo, cresce o desespero de FHC, num ostracismo que acreditava recuperável.* Tão velho, tão tarimbado e ainda não aprendeu a escrever. Com uma agravante: ele se acha o dono da verdade de todos os assuntos. O homem teve a pachorra de “ensinar” em um de seus escritos que não se usa *ter de fazer*, mas sim *ter que fazer*. E ainda deu exemplos! Pobre diabo: é justamente o oposto! A construção legitimamente portuguesa é com *de*; o *que* aí é um intruso, assim como um vira-bosta no ninho do joão-de-barro. Enfim, o homem já não consegue apreender mais nada: seus neurônios estão superpovoados...

Outras frases de jornalista (para o seu enfado): *Forma e fundo; conjuntura e estrutura; imaginário e real. Uma nítida diferenciação entre esses planos começa a evidenciar-se “à medida em que” evolui o plano do governo. *** Os dentes contribuem com a digestão “à medida em que” vão quebrando os alimentos em partes cada vez menores. *** “À medida em que” vai aumentando os cargos para o pessoal de São Paulo, maior será a responsabilidade de todos eles na administração da CBF.*

Nesta última, há também um elementar erro de concordância verbal: “vai” por *vão*. Há jornalistas que escrevem assim. E ainda querem ser formadores de opinião!

Certa vez perguntaram a um astrônomo e geofísico da USP por que os

planetas eram redondos. A resposta: *Os planetas são redondos devido ao fato de esta ser a forma mais estável. "À medida em que" crescem, a partir de uma nuvem, adquirem essa forma, capaz de distribuir a matéria em todas as direções.*

Agora todos podemos entender melhor por que essa ânsia toda de achar água na Lua: é que certos astrônomos já vivem lá...

Estados Unidos

Este nome exige o verbo e determinantes sempre no plural: ***Os** Estados Unidos **são** hoje a única superpotência mundial. *** **Os** Estados Unidos **conseguiram** o acordo que desejavam. *** **Os** Estados Unidos **estão atentos** aos acontecimentos na América Latina. *** **Todos os** Estados Unidos **foram assolados** pelo cataclismo. *** **Os** Estados Unidos **inteiros estão preocupados** com os atos terroristas. *** **Os próprios** Estados Unidos **reconheceram** a falha*.

Não se usa apenas "Estados Unidos", sem o artigo, a não ser em circunstâncias especialíssimas, como em mapas, onde só aparecem mesmo os nomes dos países: *Estados Unidos, Brasil, Alemanha,* etc.

Repare nestes exemplos, todos semelhantes: *As Filipinas **sofrem** de tempos em tempos a ação devastadora de tufões e terremotos. *** Os Países Baixos não **possuem** petróleo. *** Os Alpes **ficam** na Europa; os Andes **se localizam** na América do Sul. *** Os Balcãs **voltaram** novamente à tranquilidade. *** Você sabe onde **ficam** os Pireneus?*

Repare, agora, nesta notícia de tradicional jornal paulistano: *Afirmando ter esperança que o resultado das eleições seja conhecido ainda hoje, o presidente eleito promete liderar o país, unir o povo e garantir "um" Estados Unidos mais "seguro".*

Manchete da revista *Carro*: **EUA "pode" ganhar novo compacto da Mercedes.**

Que tais os jornalistas brasileiros? São confiáveis?

"a" beija-flor / "a" tuiuiú

Recentemente, houve no Brasil um fato inédito: a primeira vez no mundo que se conseguiu reproduzir beija-flor em cativeiro. A repórter que nos

passou a alvissareira notícia, no entanto, não estava preparada para informar fato de tão suma importância. Ao beija-flor fêmea ela chamou “a” beija-flor. Quando se estendeu na notícia, fez referência ainda a um animal que, por enquanto, não existe: “a” tuiuiú. Ora, *beija-flor* e *tuiuiú* são sempre nomes masculinos: ***o*** *beija-flor*, ***o*** *tuiuiú*. A diferença de sexo se faz com o uso das palavras *macho* e *fêmea*, assim como fazemos com *barata, pernilongo, pantera, jacaré*, etc.

Por isso, não me furtarei de lhe fazer a velha e surrada pergunta, meu caro leitor: que tal o jornalismo brasileiro? Essa gente é confiável?

cleptomania

Muitos sabem o significado desta palavra. Mas muitos também pensam que o cleptomaníaco é aquele que tem mania de *roubar*. Não. O cleptomaníaco é aquele que tem mania de **furtar**. Rouba quem pratica violência, logicamente, na presença da vítima; furta quem é astuto, dissimulado, vigarista, que às vezes quer se passar por gente de bem e até pede voto de confiança... Numa das capitais sul-americanas, esse tipo de gente está saindo pelo ladrão...

carros **prata**

Concordância errada? Não: a palavra *prata*, quando exerce a função de adjetivo, não varia: *carros* **prata**, *geladeiras* ***prata***, *fogões* ***prata***, etc. Ao lermos uma notícia sobre automóvel, deparamos com esta informação: *O Ford Fiesta traz rodas diferenciadas e adesivos* ***prata***.

Acertaram! Eles acertaram!!! Alvíssaras!!!

“a” filhote

Filhote é nome masculino (***o*** *filhote*), isso até mesmo recém-nascido sabe. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra *filhote* como substantivo feminino, o que é uma novidade de assustar jegue!

A alguns jornalistas, no entanto, não causou susto nenhum. Tanto é assim que uma repórter de televisão, presente num zoológico, ao pretender nos dar uma boa notícia, disse: *“A” filhote de jaguatirica tem apenas seis meses e, por enquanto, só gosta de brincar.*

Não era apenas a jaguatirica que gostava de brincar; a repórter também...

Ora, se *filhote* é nome masculino (sempre foi), e não comum de dois, não estamos autorizados a usar *o/a filhote*, mas sim *o filhote macho, o filhote fêmea*. Ou seja, *filhote*, neste caso, é substantivo epiceno.

Referindo-se ao ser humano, possui feminino: *Tenho um filhote e duas filhotas.*

o diplomata "brasileiro e inglês"

É claro o duplo sentido aí: um diplomata não pode ser ao mesmo tempo brasileiro e inglês, assim como uma bandeira não pode ser brasileira e paraguaia concomitantemente. Como devemos proceder, então? A gramática nos oferece dois caminhos: colocamos o substantivo no plural, ou usamos o singular, repetindo o artigo. Assim: **os diplomatas** *brasileiro e inglês* (ou *o diplomata brasileiro e* **o** *inglês*); **as bandeiras** *brasileira e paraguaia* (ou *a bandeira brasileira e* **a** *paraguaia*). Como eu disse, são dois os caminhos, mas o jornalismo brasileiro prefere enveredar por um terceiro, inexistente. Veja por esta manchete, de um tradicional jornal paulistano: **STF pode julgar mensalão "mineiro e petista" na mesma sessão.**

Seria possível haver, ao mesmo tempo, um mensalão "mineiro e petista"? (Há políticos que afirmam que sim...)

Eles ganharam o campeonato paulista. "Grande coisa"!

Quando se quer demonstrar menosprezo pela conquista de alguém, usa-se tal expressão no plural: **Grandes coisas**, *ganhar o campeonato paulista!* *** *Ele comprou um BMW*: **grandes coisas**!

Há jornalistas por aí que já estão dizendo: *Ele já escreveu mais de setenta obras de língua portuguesa. "Grande coisa!"*...

"Mogi" é palavra de origem "tupi-guarani"?

A palavra de origem tupi é, em verdade, *Moji*, de onde sai *mojiano* (a grafia "mogiano" não existe). "Mogi" é apenas a forma tradicional.

O tupi e o guarani constituem línguas distintas. Na verdade, o que existe é o grupo, a *família tupi-guarani*, não a língua.

O tupi era a língua usada pelos jesuítas na catequese; era falada do Maranhão a São Vicente (SP), a primeira cidade brasileira. O guarani, um dialeto do tupi, era a língua falada pelos nativos de São Vicente ao Paraguai, onde até hoje é a língua oficial, ao lado da castelhana.

O tupi é o idioma indígena que mais contribuiu para o léxico português. Foi a língua da catequese e a língua das bandeiras: os bandeirantes conheciam muito bem o tupi, o que lhes facilitava a comunicação com os índios, na busca do ouro e das pedras preciosas.

Na Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Letras Vernáculas, existe uma cadeira, e apenas uma: *Tupi*. Ninguém, ao menos até agora, apresentou-se para ministrar aulas de “Tupi-Guarani”...

Mogi-Guaçu

É a grafia existente por aí, mas os intransigentes preferimos grafar *Mojiguaçu*, além de *Embuguaçu* e *Mojimirim*. Primeiro, porque *Moji* é palavra de origem indígena; segundo, porque os sufixos *-açu* ou *-guaçu* (= grande) e *-mirim* (= pequeno) só se ligam por hífen a palavras terminadas em vogal acentuada graficamente (p. ex.: *amoré-guaçu*) ou em tônica nasal (p. ex.: *capim-mirim*).

Fora daí, o emprego do hífen é desnecessário e, naturalmente, incorreto. Note que ninguém escreve “*cupu-açu*”, mas *cupuaçu*. Sendo assim, cabe a nós, os intransigentes, corrigir o que os antigos fizeram errado. Aliás, eles escreviam “Mogi-Guassu”, “Embu-Guassu”. Alguns preferiram corrigir parcialmente; os intransigentes preferem a
correção integral...

Jaboticabal / Pirassununga / Bagé / Lages

Estão no mesmo caso de “Mogi”: são as formas generalizadas, mas não as rigorosamente corretas.

Uma das grandes virtudes do ser humano é a coerência. E não há coerência naqueles que grafam *Jaboticabal* a par de *jabuticabalense*. Ora, escrever que *jabuticabalense* é aquele que nasce em *Jaboticabal* é uma notória incoerência. A menos que ainda queira escrever “jaboticaba”. Como a Reforma Ortográfica de 1943 veio corrigir todas as discrepâncias

que havia na nossa maneira de escrever, não posso aceitar que ainda haja pessoas que não a tenham acatado. Quem for a qualquer bom dicionário só encontrará *jabuticabalense*, *piraçununguense*, *bajeense* e *lajiano*.

"um tanto quanto"?

Não, a expressão que significa *mais ou menos, algo*, é *um tanto* **ou** *quanto*, e não simplesmente "um tanto quanto". Num jornal carioca, no entanto, saiu isto: *Um rápido descuido de Mart'nália, filha de Martinho da Vila, acabou a colocando em uma situação "um tanto quanto" constrangedora. Enquanto passeava pelo shopping Fashion Mall, Rio de Janeiro, na tarde desta quarta-feira, a bermuda dela cedeu e deixou à mostra seu cofrinho.*

Resta saber, agora, se o jornalista não ficou um tanto ou quanto envergonhado...

Nordeste = Norte?

Creio que em nenhum país do mundo, nem mesmo entre os extraterrestres, Nordeste é o mesmo que Norte. Mas para alguns jornalistas brasileiros, que juram de pés juntos, Nordeste e Norte são absolutamente a mesma coisa. Um dia morreu um músico de forró na cidade de Icó, no Rio Grande do Norte, portanto, no Nordeste do Brasil. Um jornalista de *O Globo*, então, saiu-se com esta manchete: **Músico de 48 anos sofre infarto antes de show no "Norte"**. Como tudo anda mudado, pode até ser que eu esteja errado. Certa feita, por exemplo, soltaram um mapa, que foi distribuído nas escolas, no qual o Paraguai era a Argentina, e a Argentina era o Paraguai, ou coisa semelhante. Como ando um tanto ou quanto ignorante das coisas da modernidade, pode até ser que o Rio Grande do Norte já tenha se mudado lá para o Norte do Brasil. Sei lá, a vida anda mudando tanto e tão depressa, por que o Rio Grande do Norte não poderia ter mudado também?...

desapercebido e despercebido

Apesar de dois dicionários trazerem ambos como sinônimos, não abalizo tal registro. É que ando meio atrasado, sabe, um tanto ou quanto retrógrado... Para mim, **desapercebido** ainda significa, como sempre

significou, apenas *desprevenido*; **despercebido** é que significa, como sempre significou, *não notado*. Por isso, os retrógrados só construímos assim: *O temporal me pegou desapercebido de capa e guarda-chuva*. *** *Esse erro passou despercebido dos revisores do livro*. *** *Ela sempre trazia preservativo consigo; não queria que imprevistos a pegassem desapercebida*. *** *Ela nunca passava despercebida nas festinhas da faculdade*.

Perdoe-me, caro leitor, se ainda faço a necessária distinção entre *desapercebido* e *despercebido*. É que sou mesmo muito intransigente, muito caturra...

rapsódia – esquistossomose (atenção para a pronúncia)

Repare como são escritas: a primeira com **s** após consoante, portanto não pode ter som de *zê*; a segunda traz dois **ss**. Como pode alguém, então, dizer "rapzódia" e "eskistozomóze"?

pé-rapado

Este composto, eminentemente popular, cujo significado é *que ou pessoa que tem baixa condição socioeconômica*, pode ser adjetivo e também nome sobrecomum. Não varia em gênero: *Tenho uma amiga **pé-rapado***. *** *Essa mulher é **um pé-rapado***.

Muito bem. Todo brasileiro sabe que as nossas telenovelas não são positivamente um marco no processo de educação em nosso país. Numa delas (*Cabocla*), diz, então, uma de suas personagens: *Não vejo como um moço fino e bonito como o Luís possa viver bem com uma cabocla pé-rapada como Zuca.*

Na verdade, aí, além do erro em "pé-rapada", existe uma notória redundância, já que todo *Luís* (ou *Luiz*) é fino e bonito...

"quisto" ou **cisto**?

Cisto é a forma correta, embora na língua cotidiana muito se encontre "quisto".

Daí por que foi esta a opinião do ex-presidente Itamar Franco sobre Romero Jucá e Henrique Meirelles, que fizeram parte do primeiro governo petista: *Não convém ao PT, não convém ao presidente a permanência desses*

homens. São "quistos" no governo.

Passou o tempo, e os *cistos* no governo aumentaram consideravelmente. São tantos, que nenhum brasileiro consegue imaginar quantos.

extra (como se pronuncia?)

A pronúncia corrente no Rio de Janeiro e no Nordeste é *êstra*, que é a que adotávamos até bem pouco tempo. Ocorre, no entanto, que, como quase todo o mundo sabe, *extra* é abreviação de *extraordinário*, assim como *foto* é abreviação de *fotografia*, *moto* é abreviação de *motocicleta*, etc. Quando há abreviação, acontece um fenômeno: troca do timbre da vogal da sílaba inicial da palavra. Repare: *fotografia* e *motocicleta* têm o primeiro **o** fechado, mas na abreviação esse **o** se abre. O mesmo ocorre com *extraordinário*, que tem o **e** fechado, mas na abreviação ele se torna aberto. Todas as demais palavras derivadas, com o mesmo prefixo, têm o **e** aberto: *extraclasse, extraconjugal, extrafino, extracurricular, extrajudicial, extramuros, extraterrestre*, *extracampo,* etc. Sendo assim, não há como ficar com os cariocas e nordestinos nem com Fidelino de Figueiredo, que sempre propugnou pela
pronúncia *êstra*.

horas "extra"

As pessoas fazem horas *extras*, voos *extras* e leem edições *extras*. A palavra varia normalmente no plural.

"extra-terrestre"

O prefixo *extra-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **a** (*extra-amazônico*) ou por **h** (*extra-humano*). Portanto, sem hífen: *extraclasse, extraconjugal, extrajudicial, extramatrimonial, extrassensorial, extraterrestre, extraventricular*, *extraprograma,* etc.

Há por aí um apresentador de televisão que imita Silvio Santos. Certa vez perguntou a um de seus "jurados": *Dr. Lima, o senhor acredita em "extras terrestres"*?

A imitação era, realmente, perfeita...

máximo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *mássimo* (mas o VOLP traz também a pronúncia "*máksimo*", que nenhum dicionário sério recomenda). A 5.ª edição do VOLP é mesmo o máximo!...

O **x** também tem o valor de **ss** nestes nomes próprios: *Maximiano, Maximiliano* e *Maximino*. Quem os pronuncia dando o valor de "ks" ao **x** está ainda no tempo do Onça, ou seja, na época em que também *máximo* se pronunciava "máksimo".

"neste" sábado / "neste" domingo

Quando se diz *Sábado eu vou*, já se entende que se trata do próximo sábado. Quando se diz *Domingo eu vou*, já se entende que se trata do próximo domingo. E assim por diante.

As emissoras de televisão, no entanto, insistem em anunciar: *"Neste sábado" não percam o nosso programa de calouros. *** "Neste domingo", não percam o Domingão do Leitão.*

Se o anúncio de um programa que será exibido no sábado for numa quinta-feira, por exemplo, deverão usar *depois de amanhã*; se for numa sexta-feira, usem *amanhã*; se for no próprio sábado, usem *hoje*.

Pode ser, todavia, que as palavras *hoje* e *amanhã* e a expressão *depois de amanhã* tenham caído em desuso. Se for esse o caso, quero que todos me perdoem...

relâmpago

Esta palavra não varia quando usada com o valor de adjetivo, por *muito rápido*. Portanto, construímos: *gols relâmpago, promoções relâmpago*, etc.

Numa folha paulistana, porém, se viu: *Cinco homens foram presos nesta quarta-feira acusados de praticar roubos em casas na região do Jabaquara, zona sul de São Paulo, com características de sequestros "relâmpagos".*

Além do erro de concordância, note ainda que os jornalistas parece não serem capazes de se livrar do vício jornalístico comentado no item anterior: aí também se vê "nesta quarta-feira" por *hoje*.

Agora se trata de uma manchete (do *Diário de S. Paulo*): **Quadrilha internacional fez 72 sequestros "relâmpagos"**.

Apesar de tantos sequestros, nada impressionou tão mal quanto o redator.

abaúla ou abaula?

O verbo *abaular* tem nas formas rizotônicas acento no *u*: *abaúlo, abaúlas, abaúla, abaúlam*, etc. Dia desses um cidadão reclamava num programa de televisão que o asfalto de sua rua "abáula" sempre que chove. Na verdade, o asfalto *abaúla*.

Caso semelhante é o do verbo *saudar*, que tem nas formas rizotônicas acento no **u**: *saúdo, saúdas, saúda, saúdam*, etc.

Certa vez, no entanto, ouvi uma beata rezando assim: *Ó Virgem Maria, eu vos "sáudo"*. Nenhum santo ouve a prece de gente assim...

meio ambiente

Muita gente pensa que existe aí uma redundância. Não existe. A palavra *ambiente* nesta expressão é um adjetivo, equivalente de *ambiental*. Entre essa **muita gente**, a que nos referimos, sem dúvida estava incluído um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto na prova, em tom de conselho: *Não preserve apenas o meio ambiente e sim todo ele*. Meu Deus, será que o mundo ainda não foi capaz de perceber que está lutando tanto para preservar apenas o meio, a metade, e não o ambiente todo?! Mas que mundo mais aloprado este em que estamos vivendo!...

"piton"

Cobra que é cobra de verdade tem outro nome: *píton*. Certa feita, porém, o apresentador de um telejornal, no propósito de aguçar-nos a curiosidade, disse que ia mostrar uma pessoa que tinha como seu bicho de estimação uma pi**tom**. Este é o tipo de cobra que só pica a língua de incautos...

Estado "de" Mato Grosso do Sul

Os nomes de Estado que trazem modificadores exigem obrigatoriamente o uso do artigo. Portanto: Estado d**o** Rio Grande do Norte, Estado d**o** Rio Grande do Sul, Estado d**a** Carolina do Norte, Estado d**a** Carolina do Sul e, naturalmente, Estado d**o** Mato Grosso do Sul.

O Estado d**o** Mato Grosso do Sul, no entanto, mandou timbrar todos os papéis oficiais sem o artigo: Governo "de" Mato Grosso do Sul. É pouco provável, entretanto, que algum membro do governo d**o** Mato Grosso do Sul já tenha dito que passou "por" Rio Grande do Norte ou que já tenha morado "em" Rio Grande do Sul.

Os jornalistas brasileiros, mormente os repórteres, insistem em não usar o artigo. É só estarmos dispostos a ver um telejornal. Pronto, lá vêm os repórteres usando "o Mato Grosso" e apenas "Mato Grosso do Sul". Eles trocam o emprego com a mesma facilidade que abrem a boca. Quando escrevem, nada muda. (Veja o item posterior.) A revista *Veja*, ed. 2.132, trouxe na pág. 76: *Cuidado com o governador "de" Mato Grosso do Sul: ele gosta de atacar como um jacaré de goela aberta*. Cuidado com os jornalistas, acrescento eu: eles gostam de atacar de várias formas...

Estado "do" Mato Grosso

Nomes de Estado normalmente não exigem o emprego do artigo, a não ser nos casos vistos anteriormente e no de *Bahia*. Portanto: Estado *de* Mato Grosso. Moro *em* Mato Grosso. Gosto muito *de* Mato Grosso.

Noticia, então, uma folha paulistana: *Um terremoto considerado moderado atingiu o norte "do" Mato Grosso.*

Eles são ótimos!...

Estado "de" Tocantins

A exemplo de *Mato Grosso do Sul*, este nome também exige o artigo: *Moro n**o** Tocantins. Conheço **o** Tocantins. Governo d**o** Tocantins*. Há jornalista que ainda não aprendeu esta singela lição, a ver como escrevem. Veja: *Médicos cubanos são proibidos de trabalhar "em" Tocantins. Os 62 médicos cubanos que trabalham n**o** Tocantins devem voltar ao seu país. A decisão é do juiz federal Marcelo Albernaz, que concedeu liminar ao Conselho Regional de Medicina "de" Tocantins pedindo que eles fossem impedidos de atuar profissionalmente por falta de registro na entidade.*

Note: o jornalista ora usa, ora deixa de usar o artigo com *Tocantins* no mesmo texto. E então? Eles não são ótimos?

está na hora **dela** chegar

Há uma tendência no português contemporâneo de contrair a preposição *de* com o artigo ou o pronome antes de orações reduzidas de infinitivo, em benefício da eufonia. De fato, os melhores escritores portugueses e brasileiros efetuaram a contração. Por isso, não há nenhum risco **da** língua ruir...

Não há por que condenar construções deste tipo: *Ele sai para o trabalho antes* **do** *Sol nascer*. *** *Em vez* **dele** *ir ao cinema, foi ao estádio*. *** *No momento* **do** *avião decolar, começou a pane no motor*. *** *Já passou do tempo* **do** *governo perceber que a falta de segurança é gravíssima*. *** *Chegou a hora* **desses** *caras se mancarem*. *** *O fato* **do** *Brasil ficar na América do Sul não significa que seus habitantes falem espanhol*. *** *Apesar* **dela** *ter-me feito isso, ainda a amo*. *** *Não gosto do modo* **dela** *me beijar*.

Afinal, todos dizemos *Chegou a hora* **da** *onça beber água*.

Ou alguém prefere separar?...

quociente – quota – quotizar – quotidiano

Todas quatro podem ser escritas, respectivamente, também desta forma: *cociente, cota*, *cotizar*, *cotidiano*. Se quiser escrever com *qu*, poderá fazê-lo; nesse caso, o **u** não soa. Pronuncia-se apenas de uma forma, quer escreva de um jeito, quer escreva de outro: *kociente, kota*, *kotizar*, *kotidiano*.

lipídio ou lipídeo?

As duas formas são corretas. Os *lipídios* (ou *lipídeos*) são conhecidos vulgarmente como *gorduras*.

ducto ou duto, mas apenas dúctil

Nossa língua, que é portuguesa, com certeza, tem dessas coisas. Podemos usar indiferentemente *ducto* ou *duto*, mas apenas *dúctil* (“dútil” é cacografia). São coisas do português...

má nutrição ou malnutrição?

As duas são corretas, sendo a primeira uma expressão. Portanto: *A má nutrição* (ou *malnutrição*) *pode trazer doenças*. *Malnutrição* é um aportuguesamento do inglês *malnutrition*, daí por que se vê um advérbio (*mal*) antes de substantivo, o que, pelas regras portuguesas, é inadmissível.

má-formação ou malformação?

As duas são corretas, mas a segunda tem preferência (trata-se de uma adaptação do inglês *malformation*). Daí por que se admite o advérbio *mal* antes de um substantivo, já que a palavra não obedece às regras portuguesas.

recomendar "para que"

Ninguém recomenda "para que" nem "para alguma coisa". Este verbo se constrói corretamente assim: *Recomendei a meus filhos que voltassem cedo.* (E não: Recomendei a meus filhos "para que" voltassem cedo.) *** *Recomendei a ela que fosse deitar-se.* (E não: Recomendei a ela "para que" fosse deitar-se.) *** *Vou recomendar a ela ter cautela nessa questão...* (E não: Vou recomendar a ela "para" ter cautela nessa questão.) *** *Ela não tinha condições para fazer ginástica; recomendei-lhe, então, que pegasse seu ônibus dois pontos antes.* (E não:... recomendei-lhe, então, "para" que pegasse seu ônibus dois pontos antes.)

Na mídia, porém, se vê bem diferente, justamente a regência reprovável: *Foi Nossa Senhora que, em Fátima, recomendou aos três pastorinhos "para" que rezassem o terço todos os dias, a fim de alcançarem a paz.*

Reze, caro leitor, reze todos os dias o terço para que os nossos jornalistas aprendam português!

patinar / patinhar

Só *patina* quem anda em patins. Como carro nenhum neste mundo possui patins, na lama ou na neve ele *patinha*, ou seja, suas rodas giram em falso, fazendo um movimento parecido com o dos *patos* na água.

Usa-se *patinhar* em sentido figurado por *escorregar* ou, então, por *não evoluir* ou *não progredir, estacionar*: *O jogador patinhou na hora de fazer o gol.* *** *A cultura musical brasileira regrediu, patinhou ou evoluiu depois da*

bossa nova?

Manchete de um jornal paulistano: *Corinthians "patinou" em Salvador: 0 a 0.*

De um velho apresentador de telejornal se ouviu recentemente: *A economia mundial "patina": só na Alemanha, o PIB caiu 2%.* (Isso não é, também, uma ver-go-nha?...)

O uso de *patinar* por *patinhar* é tão descabido, que nenhuma palavra da mesma família de *patinar* tem ligação semântica com *patinhar*. Há dicionários, no entanto, que contrariam tudo isso. Normal.

a gente "véve" bem aqui

Imagine se não vivesse... Pessoas a quem falta alguma escolaridade costumam usar "véve" por *vive* e também "asséste" por *assiste*. São pessoas que devem ter muita afinidade com Bento "Carnêro", "vampir brasilêro", aquele que "véve" no além e no aquém...

os "sem-terra"

Há quem defenda tal "concordância". Nesta vida há mesmo de tudo! Se há até os que vivem no aquém, temos naturalmente que compreender...

Na verdade, o que as pessoas fazem é uma ligeira confusão entre a expressão *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra* (legítima, já que *sem* neste caso é preposição) e *Movimento dos Sem-Terras* (aqui *sem* já não é preposição, mas prefixo, daí por que o substantivo **tem** de variar). O diabo é que poucos conhecem a diferença entre um elemento e outro; a consequência, evidentemente, só pode ser uma grande confusão.

Vamos, contudo, ao cerne da questão. Existe uma regra que preceitua o seguinte: todo substantivo composto formado de prefixo + substantivo faz o plural com variação do segundo elemento. Isso está em qualquer gramática, até mesmo nas mambembes. Assim, temos: *os ex-ministros, os vice-prefeitos, os super-homens e, naturalmente, os sem--vergonhas, os sem-tetos, os sem-lares, os sem-carros, os sem-culturas, os sem-dentes, os sem-túmulos, os sem-juízos, os sem-terras*, etc.

Há dicionários que dão o plural de apenas alguns compostos desse tipo, mas incompreensivelmente se omitem em outros. Por que dar o plural, por

exemplo, de *sem-fim* e de *sem-justiça*, mas não o de *sem-*
-terra? Só o aquém explica...

Os que desatinadamente aceitam “os sem-terra” ou “os sem-teto” são obrigados, por coerência, a aceitar concordâncias grotescas, como estas, que já apareceram e continuam aparecendo em revistas e jornais brasileiros: *“Sem-terra sequestram” caminhão em Pernambuco. *** Obrigados pela Justiça a desocupar uma fazenda em São Paulo, “sem--terra roubaram” eletrodomésticos e mataram animais. *** “Sem-terra preveem” intensificação de invasões. *** “Sem-terra tomam” secretário como refém em Alagoas. *** “Sem-teto fazem” manifestação em frente ao INCRA. *** “Sem-teto da República vão” para Rua Aurora. *** “Sem-teto tentam” invadir cinco imóveis em São Paulo. *** “Sem-terra invadem” Ministério e debocham do país.*

Com esse tipo de “concordância”, os jornalistas brasileiros
conseguem inovar, invertendo uma situação sintática, pois as pessoas iletradas costumam deixar o verbo no singular, quando o sujeito está no plural (*As pessoas “vive” bem aqui. Nós “fica” em casa quando chove*).

Como continuo acreditando na evolução do ser humano, repudio tal “concordância”. Mas se o jornalismo brasileiro se sente bem efetuando-a, que fique à vontade, que vá em frente! Afinal, cada qual deve sentir-se à vontade no ambiente em que “véve”...

atender “o” telefone

Quando o complemento é coisa, o verbo *atender* se usa com a preposição **a**: *atender* **a***o portão,* **à** *porta,* **à** *campainha,* **a***o pedido,* **a***os seus próprios interesses* e, naturalmente, **a***o telefone*.

Quando o complemento é pessoa, podemos dispensar a preposição: *atender* o (ou **a***o*) pai de aluno, *atender* os (ou **a***os*) deputados, *atender* os (ou **a***os*) empregados.

De um ex-secretário da Educação de São Paulo, porém, se ouviu: *O governo “atende uma” reivindicação justa dos professores.*

Só faltou ao secretário da **Educação** dizer “reinvindicação”...

ir “à” cavalo / ir “à” pé

Antes de palavras masculinas não pode haver "à", a não ser em casos especialíssimos, que a gramática prevê.

A verdade é que todo o mundo vai mesmo **a** *cavalo* e **a** *pé*.

Repare nesta notícia do provedor Terra: *Os ruralistas aceitaram suspender a barreira na ponta se os "sem-terra" "voltassem" à localidade de Passo do Verde, onde também há colonos acampados. No entanto, o MST não concordou com a proposta. Neste momento, fazendeiros "à" cavalo e "à" pé, munidos de pedaços de pau, lanças e "cacetetes" estão de um lado da ponte, e os "sem-terra" permanecem no outro com bandeiras do movimento*.

No lugar de "sem-terra" deveria estar *sem-terras*; no lugar de "voltassem", *voltarem*; no de "à" cavalo, **a** *cavalo*; no lugar de "à" pé, **a** *pé*; e, finalmente, no de "cacetetes", *cassetetes*.

O nível do jornalismo brasileiro contemporâneo é de arrepiar! Os jornalistas não conseguem escrever um texto inteiro sem
cometer deslizes gramaticais, às vezes inaceitáveis, incabíveis na pena ou na fala de alguém que se considera instruído.

Logo abaixo, voltava-se a ler: *O efetivo policial, que contava com dez viaturas, além de homens "à" cavalo e "à" pé da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal, está sendo reforçado por Batalhões de Operações Especiais das cidades próximas*.

Esquecem-se esses jornalistas de que o castigo sempre vem **a** cavalo...

dois "leão"

Nem vai ser preciso comentar este caso. Até um recém-nascido sabe que, em se tratando de *dois*, só pode ser *leões*, e não "leão". Eis, porém, como escreveu um jornalista: *Campeão olímpico e recordista mundial dos 100m e 200m rasos, Usain Bolt adotou um guepardo. O jamaicano teve a companhia do britânico Colin Jackson, que também adotou um antílope africano, e do primeiro-ministro do Quênia, Raila Odinga, pai de dois "leão". Odinga lembrou que é um dever cívico preservar a vida selvagem do país*.

E eu, cá de minha parte, lembro que é também um dever cívico preservar a língua portuguesa (para não virar selvagem)...

concordância marota

Vou pedir-lhe, meu leitor, um instante mais de sua paciência, a fim de que repare ainda nesta frase de outro jornalista: *É opinião unânime entre os editores que o* e-book *veio para ficar. A forma e a velocidade como cada uma delas "pretendem" se adaptar, no entanto, é bem diferente.*

E eu, cá de minha parte, digo também: a concordância aí é bem diferente... Um dia, talvez, esse jornalista vai aprender que *cada um* (ou *cada uma*) pede o verbo no singular. Sempre. Cada um tem a cultura que merece...

E se "houverem" muitas dúvidas?

Se **houver** muitas dúvidas, vamos dirimi-las todas. Causa-me algum mal-estar saber que no século XXI ainda haja pessoas que não aprenderam a usar corretamente o verbo *haver*. Na televisão, a cada passo, aparecem pessoas que exercem cargos e funções importantes que soltam o malsinado "haviam" e o malcheiroso "houveram". Não impõem respeito.

Qualquer aluno do quinto ano encontrará um erro gritante neste texto, do jornal *Diário de S. Paulo*: *Toda criança tem de passar protetor solar a cada duas ou três horas. Se "houverem" descuidos, há risco da criança sofrer queimaduras de sol.*

É lastimável e até certo ponto incompreensível que ainda haja jornalistas que não saibam usar corretamente o verbo *haver*.

Assim como o verbo *fazer*, o verbo *haver* não se usa no plural, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* e *fazer* (tempo): *Havia animais na pista*. *** *Já* **houve** *duas guerras mundiais.* **Haverá** *outras?* *** *Quantas reuniões* **haverá** *hoje aqui?* *** *Não a vejo* **há** *séculos!* (Jamais "hão", naturalmente, porque, aí, *haver* equivale a *fazer*.) *** *Espero que* **haja** *ingressos à venda.* (= existam) *** *Ninguém queria que* **houvesse** *greves.* (= acontecessem) *** **Pode haver** *mais guerras mundiais.* *** **Costuma haver** *reuniões todas as sextas-feiras.* *** **Está havendo** *progressos nas negociações.* *** **Vai haver** *greves.*

Note que o verbo auxiliar também não varia (**pode** haver, **costuma** haver, **está** havendo, **vai** haver). Eis, porém, como diz a reitora de uma importante universidade brasileira: *As propostas são boas, são proposições abertas para a discussão e "estão havendo" debates. Mas, às vezes, a gente toma sustos, como os dois projetos que foram enviados ao Congresso [de*

reservar 50% das vagas nas universidades federais a alunos da rede pública e ocupar vagas no ensino superior privado em troca de isenção fiscal]. A gente não participou da elaboração disso. Já sobre a reforma universitária, o MEC nos ouviu em alguns pontos, mas em nenhum momento sentamos "em" uma mesa para discutir as ideias – o que deve acontecer em breve.

Repare que além do malsinado "estão havendo", por *está havendo*, a veneranda senhora tem o mau hábito de sentar "na" mesa. O mais preocupante é saber que são justamente os professores da sua universidade que no MEC avaliam as obras de língua portuguesa e os minidicionários, para adoção nas nossas escolas públicas! Permita-
-me, caro leitor, fazer aqui um comentário pertinente: há certos educadores hoje que se consideram tão abalizados, tão conhecedores dos problemas da Educação brasileira, que as crianças que seguem seus métodos pedagógicos "ultramodernos" saem das nossas escolas sem ao menos saberem ler com desenvoltura ou interpretar um texto, fato ignominioso, que certos organismos internacionais já detectaram e difundiram ao mundo. Essa gente implantou uma linha filosófico-pedagógica que nos levou a um ensino caótico, que aborta educandos incapazes sequer de ler e escrever razoavelmente, mesmo depois de quatro anos de frequência escolar. No 6.º ou no 7.º ano, os alunos ainda leem como crianças do 2.º ano. O nível de analfabetismo diminui nas estatísticas do governo, mas a escola brasileira, acatando as diretrizes desse tipo de gente, está formando na verdade analfabetos funcionais. De acordo com as informações do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), no período de 2001 a 2005, a escolaridade da população brasileira vem aumentando significativamente, porém, o próprio INAF mostra que esse aumento da escolaridade não significou resultados positivos em termos de alfabetismo funcional. E os professores, que pouca ou nenhuma responsabilidade têm nesse resultado, continuam ganhando miséria. O sistema educacional brasileiro, ao menos até agora, não percebeu que a virada começa justamente pelo professor, promovendo reciclagens frequentes, reconhecendo o seu trabalho, fazendo-o viver condignamente. Nunca o ensino brasileiro esteve tão pobre, tão miserável, tão assustador! A Academia Brasileira de Letras entregou certa vez um documento ao ministro da Educação manifestando sua insatisfação com o ensino de português nos níveis fundamental e médio. Segundo seu presidente, é preciso voltar a ensinar nas escolas a norma culta, relegada a

segundo plano no MEC, para cujos educadores a norma culta é algo desprezível, algo de "somenas" importância. No seu entender, o que vale mesmo é a oralidade, a fala popular, a verdadeira língua. Ninguém põe em dúvida sua importância. Mas a norma culta é a única que nos une como nação, é a única que une os diversos registros de fala, é a única que nos garante atuar como bloco monolítico em defesa da nossa cultura, da nossa soberania e de outros interesses maiores do país. Em uma geração de educadores que faz a apologia do "menas", da "mortandela" e do "mendingo", entre outros acintes, é difícil crer em responsabilidade e muito menos ter esperança.

"rádios amadores"

Em português existe apenas *radioamador* e até *radiamador*, mas não "rádio amador". Dia desses, porém, uma personagem de telenovela disse: *Antes da Internet, havia os "rádios amadores"*. Só faltou dizer "haviam"...

"entrar" com uma liminar, "entrar" com efeito suspensivo

Isto é comum entre os advogados. Todos querem entrar com uma liminar, todos querem entrar com efeito suspensivo de uma medida considerada injusta ou arbitrária. Todos estão redondamente equivocados. Uma liminar não se entra, se pede; um efeito suspensivo também. Cabe ao juiz concedê-los ou não. Aliás, juiz também não dá parecer; quem dá parecer é jurista, é jurisconsulto e até mesmo advogado. Juiz dá sentenças.

assistir

No sentido de *ver, presenciar*, use sempre com **a**: *assisti* **a***o espetáculo, assisti* **a***o filme, assisti* **à** *cena*, etc. Isso quase todo o mundo sabe. O que poucos sabem é que *assistir* não admite o pronome *lhe* (ou variação) como complemento, mas sim *a ele* (ou variações). Portanto, devemos construir: *O filme é bom, mas ainda não tive tempo de assistir* **a ele** (e não: "assistir-lhe" ou, como se vê muito: "assisti-lo"). *** *A cena foi essa, e muita gente assistiu* **a ela** (e não: "assistiu-lhe" ou, pior, "assistiu-a").

Eis, no entanto, o que disse um diretor de telenovela, num desabafo: *Essa novela é histérica. Todos falam acima do tom. Tenho deixado de "assisti-la"*

porque é estressante.

Estressante é como falas, senhor...

absoluto / absolutamente (quais as pronúncias corretas?)

Pronunciam-se corretamente *áb-soluto* e *áb-solutamente*, e não "abíssoluto", "abíssolutamente". Quanta gente não há por aí que vive dizendo pretensiosamente: *Eu nunca pronuncio errado as palavras, em abíssoluto*. É o caso de se acrescentar: absolutamente...

empatar / empatado / empate

Uma equipe empata com outra sempre *de* (ou *por*) determinado placar, e não "em". Ex.: *O Flamengo empatou com o Vasco* **de** (ou **por**) *2 a 2*.

Empatado se usa com as mesmas preposições, porém, *empate* só aceita *de*: *O jogo terminou empatado* **de** (ou **por**) *2 a 2. *** O empate* **de** *2 a 2 agradou às duas equipes. *** O jogo terminou em empate* **de** *0 a 0*.

Na mídia, porém, quase sempre se vê diferente: *Com um futebol completamente apático, o Brasil não saiu do empate "em" 0 a 0 com a seleção da China*.

Há até um dicionário especializado em regência nominal que registra "empate em". Há de tudo por aí.

"Quem gostaria?"

É a pergunta mais asinina dos últimos tempos. A pessoa atende ao telefone e, antes de chamar a pessoa com quem desejamos falar, faz a clássica pergunta, em vez de *Quem deseja falar com ele(a)?* Existem atendentes, ainda, que acentuam e prolongam a primeira sílaba do verbo, tornando ainda mais dolorosa a pergunta: "Quem gosssstaria?". Eu bem que gostaria de lhe dar uma boa resposta...

No futebol, uma vitória por 4 a 3 é "goleada"?

Não. *Goleada* é uma vitória por uma diferença igual ou superior a três gols. Por exemplo, quando o Palmeiras vence o Corinthians por 4 a 1. Outro exemplo: quando o Palmeiras é derrotado pelo Vitória por 2 a 7.

Os jornalistas esportivos têm dito, em vitórias de 4 a 3 e de 5 a 4, que o time vencedor aplicou *goleada*. Equivocam-se (aliás, o que não é novidade): *goleada* não é *vitória por muitos gols*. A goleada existe na *diferença*, e não na quantidade.

perder por "5 a 0"

Só as vitórias merecem os placares favoráveis; as derrotas merecem, naturalmente, os desfavoráveis. Assim, em rigor, um time **vence** por 5 a 0 e **perde** por 0 a 5.

Num provedor da Internet se leu recentemente: *Bastou uma derrota na primeira partida da temporada para conturbar o ambiente no São Paulo. Cartolas do clube bateram cabeça após os "2 a 1" contra o Paulista de Jundiaí, pelo Paulistão.*

Perder de "2 a 1" agrava ainda mais a dor de cabeça...

Por outro lado, escreve um jornalista esportivo: *O Santos perdeu por "2 x 0" para o Vitória, da Bahia, pois não soube aproveitar as chances.*

Ora, se o Santos **perdeu**, como partir do número positivo? Só se parte do número positivo com **ganhar** ou **vencer**. Jornalista, por favor, aproveite a chance: aprenda!

trave = travessão?

Não. *Trave* é o nome de cada um dos postes ou barras verticais que sustentam o *travessão*, a barra horizontal que une as traves, delimitando a altura do gol ou arco. Assim, uma bola que bate na *trave* vai de encontro necessariamente a um dos postes laterais; se bate no *travessão*, evidentemente, não bate na *trave*.

Alguns narradores esportivos, no entanto, falam em bater na *trave*, em referência ao encontro da bola com o *travessão*. Na emoção do gol que não saiu, a torcida nem percebe o dislate. Mas há quem, em meio ao uuuuuuuuuuuuu da torcida, está atento e grita sozinho: uuuuuuuuuu (agora não é nenhuma emoção, é vaia mesmo...).

"rosa-choque"

Eu também gostaria que esta palavra estivesse registrada no VOLP

(*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*), mas não está. Em seu lugar preferiram registrar *rosa-shocking*. Portanto, esta manchete do provedor Terra, infelizmente, não é português: *Craque francês lança chuteira "rosa choque"*. (Esqueceram o hífen.)

Só é português, para o VOLP, *rosa-shocking*. Mas... o povo saberia ao menos escrever corretamente o nome dessa cor que ele conhece muito bem? (Responda-me sem pressa!...)

Velocidade máxima: "80 KM"

É impressionante o número de equívocos encontrados nas placas de nossas rodovias, sinal de profundo desrespeito não só ao motorista, como também à língua. Com que autoridade um órgão pode exigir obediência, se não tem respeito a coisa nenhuma?

Os símbolos das unidades de medida nunca se escrevem com maiúsculas. E limites de velocidade se indicam assim: *km/h*, e não apenas "km". Portanto, **velocidade máxima: *80km/h***. (Note: sem espaço.)

Encontram-se muitos avisos sem autoridade nas rodovias brasileiras. Mas pedágios há aos montões. E como sabem cobrar!

dengue

Trata-se de palavra feminina: **a** *dengue*. Recentemente, porém, o apresentador de um programa de esportes pela televisão, armando-se de grande autoridade em assuntos do idioma, disse que era *"o" dengue*, e não **a** *dengue*. E falou com uma segurança de arrepiar criancinha!

Pessoas desse tipo só prestam desserviços. Há indivíduos que se julgam sábios só porque conhecem de cor escalações de equipes de futebol do tempo do Onça. É muito pouco! Mas sempre se consegue enganar alguém. E o homem ainda recebeu o título de cidadão paulistano em 2003. No Brasil, é assim...

Rui Barbosa foi cognominado "o" Águia de Haia?

Seria uma afronta, e não um elogio, se conferissem a Rui Barbosa o cognome de *"o" Águia de Haia*, porque **o águia** é o mesmo que *o velhaco, o espertalhão, o vigarista, o cabra-safado, o sabichão* (com toda a carga

pejorativa que o termo encerra).

No feminino, *águia* é o mesmo que *inteligência, sagacidade*. Sabe-se que *a águia* é a ave que representa a perspicácia, a sutileza, o talento, a inteligência, virtudes que se acumulavam em Rui, a quem com justiça denominaram **a** *Águia de Haia*, por seu notável desempenho na Holanda.

O mesmo apresentador de um programa de esportes da televisão que garantiu a todos os espectadores que o correto era "o" dengue, afirmou que Rui Barbosa foi "o" Águia de Haia.

Como pululam os águias por aí!... Como há indecentes inversões de valores neste país!

cólera

Em qualquer sentido, só existe **a** *cólera*.

Certa vez uma fábrica de desinfetante provocou muita cólera, ao anunciar: *Não deixe "o" cólera atacar. Proteja sua família.*

Continuavam: *"O" cólera é uma doença infecciosa que ataca o sistema digestivo, produzindo diarreia, podendo levar à morte. Para proteger sua família contra esse inimigo, alguns simples cuidados devem ser tomados.*

Falar em proteção e em inimigo a esta altura já é demais!

Recentemente, a *Folha de S. Paulo* soltou esta manchete: **Unicef doa 6,5 milhões de euros para o Zimbábue conter "o" cólera**. Os anos passam, mas eles não conseguem aprender mesmo. É impressionante! E alguns desses jornais, ainda, têm a pachorra de colocar seus manuais de redação à venda em livrarias! Não bastam os erros de jornalistas seus, muitas vezes seguidores desses mesmos manuais?

fome

A pronúncia correta é *fome,* com **o** fechado, exigência da consoante nasal posterior (m), assim como se pronuncia com **o** fechado também *come, some, dome* (do verbo *domar*), *tome*, etc. Vogal tônica que antecede consoante nasal NUNCA é aberta. Por isso, convém estar sempre com *fome* (ô) a estar com "*fome*" (ó). Mas há muita gente por aí que só tem esta, em vez daquela. Paciência: cada um tem a *fome* que merece.

Quando o governo de Lula lançou o programa *Fome Zero*, alguns

apresentadores de telejornais diziam corretamente: *fôme* (principalmente os cariocas e nordestinos). Outros, bem, outros ainda continuam com aquela “fome”...

homem / lobisomem

Pronunciam-se também com **o** fechado. Toda vogal tônica que antecede consoante nasal é fechada. Não há exceção a esta regra. Jamais encontraremos no português do Brasil uma vogal tônica aberta antes de consoante nasal (cf. **e***ma,* **a***ma, c***a***ma, l***e***nha, b***a***nha, fr***o***nha, d***o***na*, etc.).

Por que, então, as pessoas dizem “fóme”, “hómem”, “lobisómem”? Ora, porque cada um vive e diz como quiser. Aqueles que quiserem, podem ficar à vontade e continuar dizendo: *O “hómem” que “cóme” sem estar com “fóme” vira “lobisómem”.*

A gente sempre entende...

Toninho / Tonho / Tonhão

Todos três são hipocorísticos de *Antônio*. Todos têm o primeiro **o** fechado, justamente pela presença das consoantes nasais (**n** e **nh**). Curioso é que no Brasil todos escrevemos *Antônio*, com acento circunflexo no **o** (indicando som fechado), e quase todo o mundo diz “António”, que é a pronúncia e a escrita lusitanas. Daí por que, no meio popular, também se ouve “Tóninho”, “Tónho”, “Tónhão”. Além desses, há mais um: *Totonho*, que o vulgo pronuncia “Totónho”.

Note, todavia, que outro hipocorístico de *Antônio* muito comum é *Tôni* (e não “Tone”). No interior paulista, todavia, existem muitos “Tones” (com ó).

EM TEMPO – *Hipocorístico* é o nome curto e carinhoso, retirado do próprio nome de batismo, geralmente duplicado ou no diminutivo, ao qual o povo chama *apelido*. Assim, *Lili, Ciça, Lulu, Chico, Zezé, Toninho, Toninha, Tonho, Totonho, Tonhão*, etc. são *hipocorísticos*, nome complicado para designar coisinhas tão curtas e carinhosas.

Jonas

Também se pronuncia com **o** fechado: *Jônas*. Repare na presença da

consoante nasal (**n**). Em boa parte do Brasil, contudo, se diz “Jónas”. Mas por que diabos nenhum brasileiro diz também “dóna”, “lóna”, “sóno”? Por quê? Porque isso é coisa de português.

Jaime

Pronuncia-se com o ditongo fechado: *Jâime*. O ditongo *ai*, quando antecede consoante nasal, soa fechado. Repare: *amaina* (forma do verbo *amainar*), *andaime, paina, faina, Baima* (Teodoro Baima), *sotaina, polainas, Taino, Gislaine* (no Nordeste se diz “Gisláine”), *Elaine* (no Nordeste se diz “Eláine”). Os cariocas pronunciam corretamente esses nomes todos; os paulistas... bem, os paulistas temos lá outras virtudes...

ioga

Quando todo o mundo já dizia apenas *ióga*, quando todo o mundo já estava acostumado com a pronúncia *ióga*, eis que surge uma corrente que vem insistentemente pronunciando *iôga*. Existem, ainda, os que admitem ambas as pronúncias, distinguindo cada uma delas com um gênero: **a** *ioga* (ó), para esses fenômenos da semântica moderna, seria a prática d**o** *ioga* (ô), que seria a filosofia em si. Há, ainda, uma terceira vertente: dos que só grafam *yôga*.

A palavra nos vem do sânscrito *yogah* = união com Deus, através do inglês *yoga*. Cremos ter encerrado bem esta parte: em *união com Deus*, ou seja, em *ioga*...

TV E

Já não existe a TV E, que foi incorporada à TV Brasil, mas diz-se TV **é** (já vimos este assunto, em **TRE**, mas nunca é demais repetir, já que o erro é generalizado). As vogais **e** e **o**, pronunciadas isoladamente, têm SEMPRE som aberto: a **e** i **o** u). Vamos, então, ler em voz alta: vitamina **E**, a turma **E** da escola, Taffman **E**, lâmpada G**E**, o TR**E**, o DN**E**R, o D**E**R, a **E**CT, o BND**E**S, a série **E** da Mercedes-Benz, o grupo **E** da Copa do Mundo, o Corolla X**E**I, o S**O**S, o **E**T (= extraterrestre), a **O**AB, a **OE**A, etc. Quem diz “vitamina ê”, “Taffman ê”, que diga também “lâmpada gê ê”!... A Mercedes-Benz resolveu, não faz muito, divulgar pela televisão os seus

automóveis. Uma voz que se ouvia antes do início do telejornal anunciava: *Mercedes-Benz Classe "ê" oferece o*
Jornal Nacional.

A marca é boa, o carro é bom, mas o locutor furou os quatro pneus do carro...

quilômetro / têxtil / têxteis

Note: as três palavras têm, no português do Brasil, acento circunflexo na vogal tônica, indicando que se trata de vogais fechadas. Então, por que quase todo o mundo por aqui pronuncia "kilómetro", "téstil", "tésteis"? Será por desejo de imitar os portugueses? Se for essa a razão, por que não haveríamos de dizer "tambáim", em vez de *também*? (Aliás, por aqui costuma-se ouvir "tamêin", em vez de *também.*)

sobressair

Não é nem nunca foi verbo pronominal, o que equivale a dizer que não deve ter a companhia do pronome oblíquo ("sobressair-se").

Na mídia, porém, encontra-se de tudo: *Cazuza foi, sem dúvida, um cantor e compositor que "se" sobressaiu no* rock *nacional. *** O fato de o cacto "se" sobressair em regiões áridas deve-se à capacidade de armazenamento de água em seu interior. *** Num setor onde as maiores multinacionais investem bilhões de dólares, a Gurgel "se" sobressaía usando tecnologia e recursos nacionais, que, porém, não foram suficientes para evitar a sua falência.*

Escrever assim, francamente, é querer levar a língua à falência, que é o que os jornalistas estão fazendo há tempos. Aliás, à falência também andam querendo levar a língua certos dicionários, tidos por muita gente como a fina flor da lexicografia portuguesa. Como pode ser visto assim um dicionário que registra *sobressair* como verbo pronominal? Como pode ser visto assim um dicionário que traz milhares de problemas, alguns até absurdos? Absurdos por absurdos, a mídia e esse dicionário se dão as mãos. Deve ser por isso mesmo que, quando do lançamento do referido dicionário, uma revista semanal de informação estampou na capa: **HABEMUS dicionário**. Quem estudou página por página dele e constatou

tantos e tamanhos absurdos não pôde concordar.

Sua “senhora” já chegou?

A palavra feminina que corresponde a *marido* é *mulher*, somente *mulher*.

Esposo e *esposa*, por sua vez, são termos que se usam em meios bem específicos (jurídico e administrativo), além de se aplicarem propriamente em referência a pessoas ilustres e a deuses da Antiguidade: *O duque veio acompanhado da rainha, sua* **esposa**. **** A primeira-dama não soube explicar por que o presidente, seu* **esposo**, *deixara de usar aliança na mão esquerda. *** Júpiter era o* **esposo** *de Juno?*

Recentemente, num desses programas populares da televisão, o apresentador perguntou a uma mulher que sobrevive catando papel nas ruas: *A senhora veio com seu “esposo”?* Eles não são ótimos?

Não tenho nada “haver” com isso

Na verdade, eis uma frase que não tem nada **a ver**...

Sim, porque esse é um caso de emprego da preposição *a* + o verbo *ver*, e não do verbo *haver*, que não tem nada **a ver** com isso. Por isso, estas são as frases que têm tudo **a ver**: *Sua opinião não tem nada* **a ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **a ver** *comigo.*

Trata-se de um uso eminentemente popular, restrito à língua falada despretensiosa, principalmente dos jovens. No português castiço, usa-se assim: *Não tenho nada* **que ver** *com isso. *** Sua opinião não tem nada* **que ver** *com a minha. *** Seu papo tem tudo* **que ver** *comigo.*

A garotada, porém, não quer nem ouvir falar nisso. Com razão, porque tal uso está muito mais próximo de Portugal que do Brasil.

“brasileiros e brasileiras”

Eis aí uma invenção de um desastrado presidente da República, cujo objetivo era agradar ao eleitorado feminino. E o homem ainda é membro da Academia Brasileira de Letras, por ter escrito um “*best-seller* mundial”: *Marimbondos de Fogo*!... Ah, se Machado de Assis, o fundador da

Academia, estivesse vivo!

A expressão asinina não teve o mesmo brilho com Collor, mas foi reabilitada pelo Sr. Fernando Henrique e, depois, se bem que de forma mais ou menos alterada, por Lula, que declarou: *Esta é a hora de cada "brasileiro e brasileira" pensar menos em si mesmo e mais no país*.

Ora! Não há nenhuma necessidade de usar o adjetivo pátrio no feminino. Quando dizemos *O Brasil espera que cada brasileiro cumpra seu dever*, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Ou o Brasil só espera que o homem brasileiro cumpra seu dever?

Quando afirmamos que o Brasil tem milhões de eleitores, já estamos nos referindo ao homem e à mulher. Acrescentar "e eleitoras" é de uma primariedade imperdoável. E asinina, naturalmente.

Isso de querer agradar às mulheres, ofendendo a língua, não me parece boa política. Ademais, com aquele acréscimo injustificado, a frase acabou trazendo erro elementar de concordância, pois **mesmo** deveria estar no plural. No entanto, vindo de quem veio, normal...

O presidente Lula declarou em setembro de 2003 que erradicaria o analfabetismo do país até 2006. (Erradicou? Nem o dele...) Vejamos como um jornalista nos trouxe a notícia: *Segundo Lula, os brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever devem socializar esse conhecimento com aqueles que não tiveram a mesma oportunidade e, assim, será possível acabar com o analfabetismo no país*.

Realmente, com um pouco de esforço até que dá...

Quem usa a expressão equivocada fica obrigado, pela coerência, a usar também "eleitores e eleitoras", "telespectadores e telespectadoras", "leitores e leitoras", "lixeiros e lixeiras", etc., como, aliás, fez um certo ministro da Previdência, em carta aberta aos funcionários públicos. O início da carta estava assim: *"Caras servidoras e caros servidores"*. Ora... A seguir por aí, uma escola não tem tantos mil *alunos*, tem tantos mil "alunos e alunas". A seguir por aí, não existem hoje no país milhões de *brasileiros*, mas milhões de "brasileiros e brasileiras".

Agora, o dia 15 de outubro já não é o Dia do Professor. É o Dia do Professor e "da Professora". (Veja você!)

Brincadeiras têm hora e lugar! E brincadeiras de mau gosto não têm nem

hora nem lugar. Lula, por ocasião da comemoração dos 50 anos de criação da Petrobras, no final do discurso, disse: *Parabéns, petroleiros e "petroleiras" de todo o Brasil!*

Nesse caso, temos de sugerir o oposto do que fez Caxias: *Não o sigam os que forem brasileiros!...*

"vasoespasmo"

Convém avisar imediatamente a todos os médicos: não existe esta palavra. O que o VOLP registra é apenas *vasospasmo*, ou seja, a contração súbita de uma veia, causando redução do fluxo sanguíneo.

paisinho e paizinho

Convém não confundir. *Paisinho* é diminutivo de *país*; *paizinho*, de *pai*. Há, ainda, diferença de pronúncia: na primeira existe hiato, portanto se diz *p***a**-**i**-*si-nho*; na segunda existe ditongo, portanto se pronuncia *p***ai**-*zi-nho*. Não faz muito, por ocasião da formatura de alguns diplomatas, o presidente brasileiro emitiu uma nota afirmando que o Brasil já não é aquele "paizinho" do Terceiro Mundo, aquele "paizinho" só do futebol, aquele "paizinho" só do carnaval. *Paizinho*, presidente, o Brasil nunca foi mesmo!

caça-níqueis

Usa-se assim tanto no singular quanto no plural: o/os *caça-níqueis*. Certa feita, Lula, discursando em Caxias do Sul, em meio à divulgação do primeiro escândalo no seu governo, declarou, orgulhoso: *Vou acabar com os "bingo" e com os "caças-níquel"*. Poucos anos depois, aprovou todos os bingos e caça-níqueis. Normal.

simpatia

Quem tem simpatia, tem simpatia normalmente **por** alguém. Ninguém deve duvidar disso. Portanto, construímos: *Tenho simpatia* **por** *essa atriz.* *** *Essa é uma atriz* **pela** *qual tenho simpatia.* *** *Essa é uma tese* **por** *que não nutro simpatia.* *** *Esse é um regime* **por** *que nunca senti nenhuma*

simpatia.

Muito bem. Lula discursa, então, por ocasião do lançamento da loteria Timemania: *O Botafogo é um daqueles times que não têm uma torcida igual à do Flamengo e do Vasco, mas todo o mundo tem simpatia.*

Pode até ser que o Botafogo seja um time que não tem uma torcida tão numerosa quanto a do Flamengo e a do Vasco da Gama. Mas posso garantir que é um clube **pelo** qual todo o mundo tem simpatia... (Agora, querer que aquela figura usasse a regência verbal correta seria uma pretensão vã.)

a cavaleiro

Significa *perfeitamente à vontade*: *Estou* **a cavaleiro** *para falar neste assunto*. Depois de um discurso na ONU, afirmou uma grande autoridade brasileira: *O Brasil hoje é um país que está a "cavalheira", e não precisa renovar o acordo com o FMI*. O Brasil é um país *sui generis* mesmo.

definição de ilha

A correta definição é: *ilha é uma porção de terra cercada de água marinha, fluvial ou lacustre.*

Em alguns livros de Geografia, no entanto, lê-se redundantemente: *ilha é uma porção de terra cercada de água "por todos os lados"*.

Você já viu, caro leitor, alguma coisa *cercada* que não seja *por todos os lados*?

EM TEMPO – Convencendo-se finalmente de que há uma redundância infantil na definição de **ilha**, um de nossos dicionários resolveu proceder à "correção". Agora, a definição de **ilha** na nova edição é esta: "extensão de terra firme cercada de modo durável por água doce ou salgada em toda a sua periferia". Trocaram seis por meia dúzia: *cercada,* por si só, já não significa *em toda a sua periferia*?

A toda ação corresponde uma reação igual "e contrária"

Frase que muito se ouve no dia a dia, mas também redundante, uma vez que na palavra *reação* já existe a ideia de *força contrária*. *Reagir* significa *opor a uma ação outra que lhe é contrária*.

A terceira lei de Newton, ou seja, a lei da ação e reação, é enunciada geralmente assim: *A toda ação corresponde uma reação, com a mesma intensidade, na mesma direção "e em sentidos contrários"*.

O melhor mesmo é enunciá-la assim: *A toda força corresponde uma força contrária, de mesma intensidade e direção.* Ou: *A toda ação corresponde uma reação igual.*

prova dos noves

Prova corretíssima. A prova sempre foi dos *noves*. Veio o burro, não soube fazer a prova e saiu dizendo que *prova dos "nove"* não era com ele. Burro é sempre burro...

O nome dos números varia normalmente: *os uns, os quatros, os cincos, os setes, os oitos, os noves,* etc. Só os que terminam em -*s* ou em -*z* não sofrem variação: *dois, três, seis* e *dez*.

Assim, 44 se faz com dois *quatros* juntos; 111 se faz com três *uns* juntos. Nenhum ser humano normal forma 99 sem servir-se de dois *noves* juntos, um ao lado do outro. Hoje, existe até dicionário que traz "prova dos nove"! É o tipo de dicionário que tem *vítimas*, em vez de consulentes. Mas esteve à venda, em todas as boas livrarias do país.

anos "sessenta"

É o que mais se vê e ouve. Mas está errado. Está errado, sem dúvida nenhuma. Há um notório erro de concordância aí, que poucos conseguem ver (ou enxergar). Quem sabe distinguir numeral de substantivo facilmente vê; quem não sabe não vai ver nunca. Muito menos enxergar.

O numeral é invariável; o substantivo não. Ter *sete* irmãos é uma coisa; pintar os *setes* é outra. No primeiro caso temos um numeral, por isso, jamais caberia ali "setes"; no segundo caso temos um substantivo, portanto: *setes*.

Vamos ver isto, porém, com mais calma! A década de 1960 é composta, naturalmente, de dez anos:

1960 — mil novecentos e **sessenta** (já temos 1 sessenta);
1961 — mil novecentos e **sessenta** e um (temos, agora, 2 sessentas);
1962 — mil novecentos e **sessenta** e dois (temos 3 sessentas);

1963 — mil novecentos e **sessenta** e três (temos 4 sessentas);
1964 — mil novecentos e **sessenta** e quatro (temos 5 sessentas);
1965 — mil novecentos e **sessenta** e cinco (temos 6 sessentas);
1966 — mil novecentos e **sessenta** e seis (temos 7 sessentas);
1967 — mil novecentos e **sessenta** e sete (temos 8 sessentas);
1968 — mil novecentos e **sessenta** e oito (temos 9 sessentas) e
1969 — mil novecentos e **sessenta** e nove (temos 10 sessentas).

O fato se repete com as décadas de 1920, 1930, 1940, 1950, 1970, 1980 e 1990. Já com a década de 1910, não é possível usar "anos dezes", primeiro porque *dez* (que termina em *-z*) não varia (1010 se faz com dois *dez*, e não com dois "dezes"); segundo, porque a década de 1910 é assim formada:

1910 — mil novecentos e ***dez*** (portanto, 1 só dez);
1911 — mil novecentos e onze;
1912 — mil novecentos e doze;
1913 — mil novecentos e treze, e assim por diante.

Ou seja, não se repete o *dez* em mais nenhum ano da referida década.

Agora, que – espero – tudo está maravilhosamente mais claro, deixe-me revelar uma coisa: se você não viveu os maravilhosos anos *sessentas*, os dourados anos *sessentas*, esteja certo: você não sabe o que perdeu! Importante: sabemos que, apesar de todas as evidências, apesar dessa irrefutável prova matemática, muita gente vai continuar vivendo dos seus anos "vinte", dos seus anos "trinta", dos seus anos "noventa", etc. Normal. A gente até entende. Cada um que viva do jeito que quiser, mas ter consciência é próprio dos racionais.

EM TEMPO – Recentemente, uma emissora de televisão transmitiu um programa especial em seu telejornal, no qual apresentou a ilha da Madeira. Foi com enorme satisfação que vimos e ouvimos um habitante madeirense, ao ser entrevistado, usar, no início de sua fala: *Nos anos trintas e quarentas*. Os portugueses usam no dia a dia um português castiço, mesmo na fala; nós, brasileiros, usamos um português canhestro. Daí por que todos por aqui fazem referência a anos que não existem nem existiram. Normal. A gente
até entende...

"esteje" / "seje"

Só existem as formas *esteja* e *seja*. Por isso, *seja* sempre atencioso e *esteja* sempre atento: anos sessentas!... Muito pior do que usar "esteje" e "seje" é usar "teja" por *tenha*, como fez certa vez um goleiro, que depois virou treinador fracassado, e tido pelos jornalistas esportivos como "intelectual": *Por mais experiência que você "teja", antes de uma partida importante você sempre fica meio tenso*. Tenso...

protestar **a favor** da paz

Perfeito. Muitos pensam que só se protesta *contra*. Enganam-se. *Protestar* significa levantar-se, insurgir-se, clamar, bradar. Assim, todos podemos (e devemos) protestar a favor da paz, protestar a favor do amor, a favor da alegria e – sem dúvida – protestar também contra os incêndios na Amazônia, protestar contra a matança das baleias, protestar contra a caça indiscriminada e criminosa de nossos animais silvestres, protestar contra a corrupção e a cara de pau dos políticos. Enfim, protestar a favor do ser humano e veementemente contra o homem predador, estúpido, abjeto, desprezível!

carrinho de "roleimã"

Eis aí um carrinho que nunca vai chegar a lugar nenhum. Há quem use uma variante: *carrinho de "rolemã"*, que também quebra antes de entrar na pista. O carrinho verdadeiro, que não dá tombo em ninguém, é o de **rolimã**.

jogo de "biblioquê"

Antigamente, os adolescentes passavam o tempo jogando **bilboquê**. Interessante é que o brinquedo nunca mais voltou, está esquecido, empoeirado no tempo. Muita gente, na época de ouro do *bilboquê*, dizia que gostava de jogar "biblioquê". Bons tempos, aqueles!

anético / anistórico

São, à luz da coerência, as formas rigorosamente corretas, muito melhores e mais coerentes que *aético*, *aistórico* e *a-histórico* (todas três com registro

no VOLP).

Ora, em nossa língua, palavras iniciadas por *vogal* ou por *h* recebem o prefixo *an-* (*analfabeto, analgésico, anidro, anistórico*); as iniciadas por consoante recebem o prefixo *a-* (*amoral, apartidário, apolítico, ateu, atípico*).

Se assim é (e não há exceção a essa norma), por que, então, o VOLP registra *aético*, *aistórico* e *a-histórico*? A verdade é que a 5.ª edição do VOLP saiu com tantos problemas, que fica difícil fazer a defesa de muitos dos seus registros. Eu não teria receio de afirmar que essa edição do VOLP foi um desastre! Apenas um exemplo: o VOLP não registra a palavra *piscada*. Aos luminares que elaboraram esse vocabulário, nunca nenhuma garota lhes deve ter dado uma piscada. Que tristeza!

Me dá um beijo!

É assim que todos nós, brasileiros, pedimos ao ser amado. Os portugueses não. Pedem diferente: **Dá-me** *um beijo!* Por quê? Porque em sua fala é mais fácil dizer *Dá-me* que *Me dá*. A nós, brasileiros, ocorre justamente o oposto.

O português falado no Brasil guarda algumas diferenças de ordem fonética em relação ao português lusitano, e não poderia ser mesmo diferente: todo um oceano nos separa.

Entre nós, a próclise (colocação do pronome oblíquo antes do verbo) tem preferência em quaisquer circunstâncias, mesmo que em início de período. Tal preferência se explica e se justifica pelos padrões fonéticos por nós utilizados.

Os brasileiros preferimos a próclise com alguma razão. Em Portugal, a preferência pela ênclise (colocação do pronome oblíquo depois do verbo) faz os lusitanos construírem com visível duplo sentido uma frase como esta, por exemplo: *Os jornais chamam-***nos** *de animais*.

Os brasileiros evitamos a ambiguidade ao construirmos: *Os jornais* **os** *chamam de animais*.

Que brasileiro cantaria *"***Dá-me** *um dinheiro aí"?* Que brasileiro pede, ao balcão do bar, um cafezinho usando *Dá-me*?

Não se amofine com o assunto colocação pronominal, caro leitor: tenha sempre como aliado a orelha (ex-ouvido)! E siga em frente!

Certos exames vestibulares continuam insistindo em exigir conhecimentos de colocação pronominal com base na colocação portuguesa. Exigência esdrúxula. É bom parar com isso.

O Sr. Antônio Ermírio de Moraes escreveu certa feita na *Folha de S. Paulo*: *A reviravolta soviética é estimulante.* ***Nos*** *faz pensar.*

Tal colocação torna seu autor um inovador, um vanguardista, um verdadeiro revolucionário. *Adelante*, camaradas!...

penal = pênalti?

Não. Em futebol, a infração cometida por um jogador dentro da sua grande área é punida com um chute livre direto, ou seja, com uma *penalidade máxima* ou *pênalti*.

Certos jornalistas esportivos acham lindo usar "penal" por *pênalti*, sinonímia inexistente, mas nem por isso fora de registro de certos dicionários. Normal.

equino (qual a pronúncia correta?)

O trema caiu, mas a pronúncia continua a mesma: *ekuíno*. Mas pelo interior do país há muita gente que passou a dizer *exposição "ekina"*. Há ainda os que até já não comem *linguiça*, por conta da queda do trema. Baseados sabe-se lá em quem, eles querem agora só comer "linghiça". E, de preferência, "trankilos"...

motosserra

É a forma correta, assim como *motobomba, motomecanizado, motonáutica, motoniveladora*, etc., sempre sem hífen, porque o elemento *moto-* nunca o exige.

A revista *Veja*, contudo, trouxe certa vez na capa, em letras garrafais, amarelas: *O massacre da "moto-serra"*.

O erro, primário, chocou, principalmente por ter saído onde saiu, mas não teria sido tão chocante se não houvesse a tentativa grotesca, na edição posterior, de corrigir o equívoco. A emenda foi muito pior que o soneto.

Em certo sentido, o manchetista da revista se igualou a um estudante que participou do ENEM, ao escrever esta filosofia formidavelmente profunda:

Na verdade, nem todo desmatamento é tão ruim. Por exemplo, o do Aeds Egipte seria bom beneficácio para o Brasil. Porisso, porque num trocar o fumacê por moto-serras?

As *motosserras* deveriam servir não só para cortar as nossas árvores amazônicas...

"mega-sena"

Se você quiser ter sorte na vida, comece logo com o pé direito: escrevendo *megassena*.

O elemento *mega-* só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Portanto, escrevemos *megaiate*, *megarrevolução, megassorriso*, *megassena*, etc. A Caixa que me perdoe mais uma vez, mas erra ao difundir "mega-
-sena". Como errou, ao difundir: *"Vem" pra Caixa você também*.

Em algum lugar do país, construíram uma *megarrampa*. Adivinhe como apareceu escrito na televisão, ao anunciarem a sua construção: "megarampa". Normal.

Agora, só por curiosidade, veja o que escreveu um jornalista do UOL: *A chance de acertar as seis dezenas da Mega-sena é de uma "a cada" 50.063.860*.

Reparou? Nem fizemos questão de destacar "Mega-sena", mas "a cada", que na frase não tem nenhum cabimento; em seu lugar deveria estar a simples preposição **em**. Eita, jornalismo brasileiro!

A Caixa e o idioma

A Caixa Econômica Federal, de tempos em tempos, "agracia-nos" com gafes elementares. Uma delas é o que estampa nos volantes da loteria: "Mega-Sena". Ora, **mega-** é um elemento linguístico que, como afirmamos no item anterior, só exige hífen antes de **a** ou de **h**. Alguém da Caixa ou da sua agência de publicidade deveria saber disso. Até agora, porém, demonstra que não sabe. Recentemente, anunciou a Caixa nas principais revistas do país: *A CAIXA não aumentou as taxas de juros de suas linhas de crédito para "pessoa física e jurídica"*.

Eu gostaria de saber onde é que existe esse tipo de pessoa, isto é, que seja ao mesmo tempo física e jurídica. Ora, quando um substantivo se refere a

dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma bandeira argentina e brasileira; se não se pode ter, ao mesmo tempo, uma pessoa jovem e idosa, por que haveríamos de ter, ao mesmo tempo, uma pessoa física e jurídica?

Se a Caixa ou a sua agência de publicidade conseguirem responder a essa pergunta, esteja certo de que **as pessoas física e jurídica** agradecerão...

Falta gente e dinheiro (erro de concordância?)

Não: quando o sujeito composto vem depois do verbo e é formado por elementos no singular, a concordância é facultativa, ou seja,
usa-se tanto o singular quanto o plural. Portanto: **Falta** (ou **Faltam**) *gente e dinheiro*.

A concordância no singular será obrigatória, contudo, se o primeiro elemento do sujeito estiver no singular e o segundo no plural. Assim, por exemplo: **Faltou** *o professor e os alunos.* *** **Acabou** *o sossego e as férias.* *** **Chegou** *meu tio e minhas primas.* *** **Caiu** *o presidente e os ministros.*

Chorou, "ao" ponto de desmaiar

Não existe a locução *"ao" ponto de*, mas apenas *a ponto de*, de valor consecutivo nas orações reduzidas de infinitivo. Portanto: *Chorou,* **a** *ponto de desmaiar*. (= Chorou tanto, que desmaiou.) *** *Gumersindo ficou nervoso,* **a** *ponto de esmurrar a mesa*.
(= Gumersindo ficou tão nervoso, que esmurrou a mesa.) *** *Juçara se humilhou tanto,* **a** *ponto de beijar os pés do namorado.* *** *O ministro está* **a** *ponto de pedir demissão do cargo.* *** *A população de São Paulo e do Rio de Janeiro está assustada* **a** *ponto de já não sair de casa à noite.*

No sentido de *prestes a* é ainda **a** *ponto de* que se usa: *Manuel se endividou tanto, que está* **a** *ponto de perder tudo o que possui.*

Escreveu um jornalista esportivo: *O goleiro da seleção brasileira disse que não vê tanta qualidade assim no goleiro da Alemanha, "ao" ponto de elegê-lo como o melhor do mundo.*

O homem tem – no mínimo – 500 anos de jornalismo esportivo. E ainda não aprendeu. Normal...

Sem sair do esporte, escreve outro jornalista: *O Palmeiras continua a*

oscilar muito dentro de um mesmo jogo. Há momentos em que ele dá um sufoco no adversário. Em outros, todo seu time parece ficar paralisado "ao" ponto de deixar o adversário livre para realizar qualquer tipo de jogada.

O Palmeiras, por um tempo, andou tão capenga, tão mal administrado, que qualquer pessoa que se referisse ao time ficava mesmo a ponto de tocar a loucura...

pagamento em médio e longo "prazo"

Não. Quando o substantivo se refere a dois ou mais adjetivos, deve estar no plural. Portanto: **as administrações** *direta e indireta,* **as imprensas** *falada, escrita e televisionada,* **as polícias** *civil e militar,* **os setores** *público e privado*.

Portanto, faça qualquer pagamento em *médio e longo* **prazos**. O importante é fazê-lo.

tratar um assunto ou tratar **de** um assunto?

Ambas as construções são válidas: o verbo *tratar* pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no sentido de *conversar ou falar sobre*. Daí por que está correta a frase da senadora Marina Silva, ao falar sobre a descriminalização do aborto: *Acho que deveria haver um plebiscito para tratar esse tema*. Usa-se ainda facultativamente em outras acepções. V. **Grande Dicionário Sacconi**.

apud (como se pronuncia?)

Apud é um latinismo que significa *de acordo com*, *conforme se lê em*. Emprega-se principalmente em bibliografia, para indicar a fonte de uma citação indireta. Por exemplo: *Camões, Os lusíadas,* **apud**
Antenor Nascentes, O idioma nacional. Tem como abreviatura **ap.**, e pronuncia-se *ápud*.

dormir "no" volante

Se dormir **a**o volante já é perigoso, que se dirá, então, de dormir "*no*" volante!

Certa vez, lemos no para-choque de um caminhão: *Não tenho medo de animais na pista, mas tenho muito medo de alguns burros "no" volante.* Ele não era mais um?...

Certa vez, a revista *Veja* (ed. 1.619) apresentou na capa um jogador de futebol, com uma frase animalesca: *Animais "no" volante.*

Ante a grita de alguns leitores mais atentos, veio lá a revista, depois, com uma conversa mole, com um nhem-nhem-nhem daqueles, tentando enrolar o leitor, na vã tentativa de justificar-se.

Resolveu, então, consultar uma professora e um conhecido professor (aquele que plagia descaradamente). Como se, para isso, uma redação do porte da *Veja* precisasse de consultas sobre assunto tão elementar.

A professora da Universidade de São Paulo diz que há o registro coloquial e o registro da norma culta. Correto. E as publicações – as sérias, pelo menos, como a *Veja* – devem usar o registro da norma culta.

Por favor, não tentem nos fazer crer que o registro coloquial serve para a imprensa! Como já tentou fazer uma vez a mesma revista, ao querer justificar a expressão "*uma* grama de ouro". Conversa mole só serve mesmo para boi dormir.

companhia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente como se escreve: *companhia* (e não "compania"). Note que em *companheiro* e em *acompanhar*, palavras da mesma família, ouve-se o fonema palatal, já que nunca se ouviu alguém dizer "companeiro" nem muito menos "acompanar".

falar "no" telefone

Na norma culta, fala-se **a**o telefone, assim como se toca **a**o piano, se trabalha **a**o computador, se senta **à** janela do ônibus.

Certa vez, uma companhia de aviação anunciou: *O melhor lugar num avião não é na frente, atrás, no meio, "na" janela: é o lugar que você preferir.*

Há os que preferem fora...

O ônibus passa "na" porta de casa

É assim que o português do Brasil prefere, ou seja, nós, brasileiros,

preferimos usar a preposição *em*, quando se trata de indicar proximidade, contiguidade. Em Portugal, todavia, o ônibus nunca passa "na" porta, mas **à** porta, o que é muito mais educado e até mais civilizado. Lá em Portugal, ônibus que passa **n**a porta é o que passa *por cima dela*. Apesar de ser uma porta – convenhamos –, ela não tem culpa...

o Zé / **a** Ciça

Usamos o artigo antes de nome próprio somente quando se trata de pessoas íntimas ou que gozam da nossa amizade. O emprego do artigo, neste caso, é próprio da língua falada. Assim é que temos **o** *Zé,* **a** *Chiquinha,* **o** *Mané,* **a** *Ciça,* ***o*** *Carlinhos,* **a** *Nandinha*, etc.

Em certas regiões brasileiras, porém, usa-se o artigo antes de qualquer nome de pessoa, conhecida ou não, simpática ou não, amiga ou não. Assim, ouve-se comumente: o *Aécio, o Maluf, a Maria Bethânia, o Caetano, o Palocci*, etc.

Mesmo quando se trata de nomes inteiros (neste caso, a língua culta rejeita o artigo), costumam usá-lo: *"o" Fernando Henrique Cardoso, "o" Caetano Veloso, "a" Marta Suplicy*. Já ouvimos pessoas que, ao referirem-se a Machado de Assis, disseram: *"o" Machado*. Aí já é demasiada intimidade... A propósito, alguém se meteu recentemente a comentar os "erros" machadianos pela Internet. Escreveu assim o título de seu "trabalho": *Os erros de portugues do Machado de Assis*. (Repare: e ainda "portugues", sem acento. Quem confia?)

Se essa não é uma intimidade nada boa, que se dirá daquela que insinuou uma governadora fluminense, do PT, que, desesperada com a presença em seu estado de um perigoso bandido, e, querendo livrar-se dele, sem o conseguir, declarou: *Espero que algum governador aceite receber "o" Fernandinho Beira-Mar*.

Que intimidade mais estranha!...

viajar "à" 180 "Km"

Viajar a tal velocidade é desejar ser multado. Mas também multado deverá ser o patrulheiro rodoviário que lavrar multa dessa forma, porque multa válida só deveria ser de quem viajasse a 180km/h. (Notou? Sem

acento no **a**, **k**m (com inicial minúscula) e colado no 0, além de **/h**, indispensáveis neste caso.)

Antes de numerais não se usa o acento da crase. Por isso, viajar **a** 180km/h, embora não seja recomendável, é muito mais saudável que viajar "à" 80km/h...

Agora, que mal lhe pergunte, caro leitor: como vai sua vida **a** dois?

Atende-se **de** segunda "à" sexta-feira

Aliás, atende-se melhor **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Atente para isto: a **de** corresponde **a**, sem acento; a **da** corresponde **à**, com acento. Portanto, escrevemos corretamente: *Atende-se* **de** *segunda* **a** *sexta-feira*. Ou, então: *Atende-se* **da** *segunda* **à** *sexta-feira.*

Note, ainda, esta frase: *Os alunos estão em prova,* **do** *quinto* **ao** *oitavo ano.* A **do** corresponde **ao**. Antes de numeral ordinal é obrigatório o uso do artigo, daí por que não tem cabimento esta frase: *Os alunos estão em prova, "de" quinto "a" oitavo ano*. Mas a **de**, em outra frase, corresponderia **a** simples, sem acento: *Os alunos contaram* **de** *um* **a** *cem*.

TV a cabo

Expressão consagrada, porém, a legítima é outra: *TV* **por** *cabo*. Nunca vi ninguém aderir à TV "à" assinatura, mas sim à TV **por** assinatura; nunca vi ninguém receber sinal "a" satélite, mas sim **por** satélite. Há os que usam, ainda, *TV "à" cabo*, o que é quase um duplo homicídio qualificado...

bode "expiratório"

Quando sobre uma pessoa recai a culpa de outrem ou quando é o alvo predileto de chacotas de outras, diz-se que é *bode* **expiatório**.

Um famoso sequestrador, no entanto, ao ser preso, declarou aos repórteres que estava sendo mero bode "expiratório". Ou seja: ele estava querendo, no fundo, no fundo (porque bem o merecia), expirar antes do tempo...

Vulcão expele "larva"?

Por enquanto, não... O que os vulcões expelem (todo o mundo sabe) é *lava*, rocha em fusão.

Num jornal, porém, se leu isto: *As fantásticas ruínas romanas de Pompeia, a cidade dizimada pela "larva" de um vulcão.*

Que larva poderosa seria essa, capaz de destruir uma cidade inteira?...

"Miss" Brasil

Todo o mundo concorda que "miss" não é palavra portuguesa. Por aqui deveríamos escrever **Misse** *Brasil*. Lá fora, sim, é que a faixa da nossa representante nesses concursos traz *Miss*. Não só isso: traz também *Brazil*.

Aqui deveríamos usar *misse*. Mas o VOLP não registra nem *misse* nem muito menos "miss". Por isso, caro leitor, tudo não passa de mera ilusão: as *misses* não existem...

uma contato "publicitário"

Contato, usada como sinônimo de profissional que estabelece um elo entre uma agência de publicidade e um cliente, é nome comum de dois, ou seja, usa-se **o** *contato* para o homem e **a** *contato* para a mulher.

Se, todavia, a palavra vier modificada por um adjetivo, a concordância se fará com o artigo, naturalmente, assim como se dá com **a** *modelo fotográfic***a**. Portanto: **a** *contato publicitári***a**.

Num jornal, porém, apareceu isto: *Joseane, a Miss Brasil, foi eliminada hoje do Big Brother. Ela disputou o paredão com a contato "publicitário" Andrea.*

Eles não aprendem nunca, não adianta insistir. Entenda por **eles** os maus profissionais, porque os bons ao menos tentam...

ponto separativo

Os números que indicam quantias são separados por ponto: R$ 1.385.876,00. A vírgula só separa a parte inteira da decimal. O ponto não deve substituir a vírgula neste caso, ao menos na língua portuguesa.

A indústria automotiva, no entanto, lança seus veículos "1.8", "2.0", "2.5", rigorosamente como fazem os ingleses e norte-americanos, já que a língua inglesa usa ponto onde usamos vírgula.

Sobre este assunto, veja esta pérola encontrada em manchete de uma folha paulistana: **O Copom aumentou em 0,25 “ponto percentual” a taxa Selic**.

O jornalismo brasileiro é, realmente, formidável...

números comuns

Nos números comuns, ou usamos o ponto, ou deixamos um espaço em branco que lhe corresponda: 5.692 ou 5 692. Convém lembrar, todavia, que os números que identificam o ano não têm ponto nem intervalo: 1958, 2018, etc.

retornar “a” ligação

Faltou só o acento grave aí, pois o verbo *retornar* (dar retorno a telefonema, recado, etc.) é transitivo indireto. Portanto, se ela ainda não *retornou* **à** ligação que você fez, por algo será...

abuso do gerúndio

Gerúndio é uma forma nominal do verbo, assim como o infinitivo e o particípio. É chamado forma nominal porque, além da função de verbo, exerce também a função de nome. Sempre termina em *-ndo*: *cantando, vendendo, partindo, beijando, correndo*, etc.

Há certas pessoas (principalmente as nossas lindas e charmosas secretárias) que acham elegante usar o gerúndio. E nos mandam gerúndio a torto e a direito: *Vou estar “retornando sua” ligação em alguns minutos.* Nota-se aí mais um inconveniente: a transitividade do verbo *retornar* (v. caso anterior).

Basta usar: *Retornarei à sua ligação em alguns minutos.*

Mais exemplos de abuso do gerúndio: *Estarei “enviando” a nota fiscal amanhã.* (Aliás: *Enviarei* a nota fiscal amanhã.) *** *Amanhã vou estar “viajando” para o Rio de Janeiro.* (Aliás: Amanhã *viajarei* para o Rio de Janeiro.)

*** *Seu voo vai estar “saindo” dentro de quinze minutos.* (Ou seja: Seu voo *sairá* dentro de quinze minutos.) *** *Vou estar “mandando” seu dinheiro amanhã.* (Isto é: *Mandarei* seu dinheiro amanhã.) *** *Ela vai estar “se*

apresentando” neste teatro na próxima semana. (Aliás: Ela *se apresentará* neste teatro na próxima semana.) *** *Seu cheque vai estar “sendo” debitado em sua conta corrente ainda hoje*. (Aliás: Seu cheque *será debitado*...)

O abuso do gerúndio tem nome: *gerundismo*. Sempre que você usar o verbo *estar* + *gerúndio*, e o conjunto equivaler a uma forma do futuro do presente, estará incorrendo num gerundismo.

“uso abusivo” do gerúndio

Combinação redundante. Deve ser substituída por *abuso* ou, então, por *uso excessivo, uso exagerado, uso imoderado*, etc.

Num jornal se viu isto: *O “uso abusivo” de antibióticos prejudica a saúde*.

Noutro jornal, apareceu este título: **STF critica o “uso abusivo” de MPs**.

Escreve um artigo um professor e o intitula assim: **O professor e a prevenção ao “uso abusivo” de drogas na escola**.

É muito abuso!

A França é três vezes “menor” que o Amazonas

Não. *O Amazonas é que é três vezes* **maior** *que a França*.

Se uma coisa pode ser tantas vezes maior que a outra, isso não significa que esta pode ser tantas vezes “menor” que aquela, porque, evidentemente, apenas *uma vez menor* já é igual a zero.

ministro de “descendência” árabe

Pode haver ministro de *ascendência* árabe, e não de “descendência” árabe. O que produz um filho ou a prole é *ascendente*; o que resulta disso, ou seja, o filho ou a prole, se diz *descendente*. Assim, pergunta-se corretamente: – *Você tem ascendência italiana?* Responde-se:

– *Sim, tenho ascendência italiana*.

cerveja que desce redondo

Frase perfeita. *Redondo*, aí, é advérbio, e não adjetivo; equivale a *de modo redondo, redondamente*. Na frase, tem sentido figurado e significa: *fácil e*

gostoso (= de modo fácil e gostoso).

recém / refém

São ambas oxítonas, mas aqui e ali sempre se ouve *"récem"*, *"réfem"*. É perigoso! Já pensou ter um *"récem-nascido"* como *"réfem"* de bandidos?

É torturante!...

oct**o**genário

É a palavra correta, mas há quem insista em usar "octagenário".

Na revista *Quatro Rodas* apareceu isto: *Quando leio ou escuto a palavra* roadster, *logo o E-Type aparece na minha mente. Julgo-o o supra-sumo da categoria. Norman Dewis (hoje um "octagenário" ativo que participa de eventos da Jaguar) teve soberba sensibilidade em seus testes.*

No melhor jornal da Bahia se leu isto: *Uma visita à Bahia feita pelo "octagenário" pianista cubano Bebo Valdés foi o ponto de partida do filme espanhol.*

Será que alguns jornalistas só vão aprender quando se tornarem octogenários?

Filme pode agradar "o" público?

Não, filme só pode *agradar* **a***o público*. *Agradar* só se usa como transitivo direto quando o sujeito é ser animado: *Por mais que se esforce, ela não consegue agradar o chefe* (ou *agradá-lo*).

Se o sujeito é ser inanimado, convém usar o verbo apenas como transitivo indireto: *A notícia agradou* **a***o presidente* (ou *agradou-lhe*). **** O resultado das pesquisas agradou* **à** *candidata* (ou *agradou-lhe*).

O antônimo, *desagradar*, é rigorosamente transitivo indireto: *A notícia desagradou* **a***o presidente* (ou *desagradou-lhe*). **** O resultado das pesquisas desagradou* **à** *candidata* (ou *desagradou-lhe*).

Na mídia, porém, se vê tudo diferente: *A nova proposta da Fiesp não agradou "os" sindicatos.. *** Novos preços do arroz não agradam indústria do RS. *** Mudanças na Unesco para agradar "os" EUA. *** Aumento da meta de* superavit, *de 3,75% para 4,25% do PIB, agrada "o" FMI.*

Durante a realização de um de nossos salões do automóvel, um instituto

de pesquisa distribuiu um folheto com a seguinte pergunta: *Qual o automóvel nacional que mais "o" agradou neste salão?*

Por ocasião do lançamento do Honda FIT, a revista *Quatro Rodas* trouxe na capa a foto do veículo junto com uma pérola: *Será que o campeão de vendas no Japão vai agradar "o" brasileiro?*

Carro *agradar* gente é mesmo coisa do outro mundo.

Em suma: essa gente não anda agradando **a** ninguém...

ao + infinitivo

Tipo de construção cujo infinitivo varia obrigatoriamente. Ex.: ***Ao entrarmos**, encontramos tudo revirado.* *** ***Ao ouvirem** isso, todos ficaram preocupados.* *** **Ao derreterem-se**, *as amostras de gelo deixaram grossas camadas de sedimentos negros*. Agora, veja o que os jornalistas usam: sempre o singular neste caso. Ou seja, eles são coerentes sempre...

Numa importante revista nacional, há uma entrevista com um membro da Academia Brasileira de Letras, que diz: *Os colonizadores ingleses, "ao vir" para a América, estavam dando as costas para a Europa. Sua intenção, "ao chegar" ao Novo Mundo, era conceber uma nação ou várias pequenas nações nas treze colônias.*

Houve um tempo em que na Academia Brasileira de Letras só tinha acolhida gente que respeitava o idioma. Hoje... bem, hoje os tempos são outros. Ah, se Machado de Assis ainda vivesse!

Êmerson (pronúncia)

Repare como está escrito: com acento circunflexo. E acento circunflexo indica som fechado. Então, por que quase todo o mundo diz "Émerson"? Infelizmente, não tenho a resposta...

mais bem – mais mal

São formas corretas, quando usadas antes de adjetivos-particípios. Assim, por exemplo: *Suas crianças estão gordas, porque são mais bem-alimentadas que as minhas.* *** *Seus filhos são mais mal-educados que os meus*. (Convém usar o hífen, quando for o caso.)

Se houver posposição, empregar-se-ão as formas sintéticas *melhor* e *pior*:

*Suas crianças estão gordas, porque são alimentadas melhor que as minhas. *** Seus filhos são educados pior que os meus.*

"sócio-econômico"

O elemento *socio-* (redução de *social*) não exige hífen: *socioeconômico, sociocultural, sociolinguística, sociopolítico*, etc.

"vigir"

Não, o que existe é **viger**, que – convém salientar – só possui formas em que aparece **e** depois do **g** (apesar de haver corrente em contrário, que só admite a defectibilidade na primeira pessoa do singular do presente do indicativo): *Naquela época, o contrato ainda* **estava vigendo** (e não "vigia"). *** *O acordo* **vige** *até hoje. *** O contrato* **vigeu** *até ontem. *** O pacto social* **vigerá**
até quando?

A *Veja*, ed. 2.111, pág. 120, trouxe: *Os ministros do STF sepultam a Lei de Imprensa, que "vigia" desde o auge do regime militar.*

Normal...

"todos dois"

Não existe *"todos dois"* em nossa língua, embora seja combinação muito usada em certas regiões do Nordeste. Por exemplo: *O clube contratou Alex e Pedrinho. "Todos dois" são armadores.*

O pronome *todos* só se usa de três em diante: *Estavam no carro os três filhos de Isaac; todos três saíram ilesos do acidente.* (Note: **todos três**, e não todos "os" três, porque, na ausência do substantivo posposto, o artigo é dispensável.)

Numa de nossas revistas semanais de informação, todavia, apareceu isto: *Elas são seis: Adélia, Otilia, Juracy, Laurinda, Eulinda e Marinete – as irmãs Lira, como são conhecidas em Caruaru, PE. Algumas são cinquentonas; outras já estão na casa dos 60. "Todas as seis" são solteironas.*

O uso do artigo, neste caso, só se justifica quando o numeral antecede o substantivo. Assim, por exemplo: *Todas* **as seis solteironas** *são de Caruaru (PE). *** Todos* **os quatro filhos** *de Cármen já*

são formados.

bossa nova = Bossa Nova?

Não. A **bossa nova** é o ritmo musical, misto de *jazz* com samba, de melodia e harmonia novas, excepcionalmente inovadoras, surgido no final da década de 1950, em Ipanema, bairro carioca; muitos dizem apenas *bossa*. *O Brasil precisa reencontrar urgentemente o caminho da* **bossa nova***, que é o verdadeiro rumo da sua cultura musical*. **Bossa Nova** é o nome do movimento ou, com mais propriedade, do surto cultural da música popular brasileira, iniciado em 1958, no Rio de Janeiro, com o propósito de renovar a forma rítmica, harmônica e melódica da música popular da época e valorizar as suas letras, com o ressurgimento do sentimento da beleza da vida, dos encantos da terra e da paixão à mulher amada. Constitui-se na principal arrancada da nossa cultura musical rumo ao belo, à perfeição. Mas... tornemos à *bossa nova*. Como é um misto de *jazz* com samba, a *bossa nova* agradou em cheio ao mais exigente dos músicos norte-americanos, que a chamam com propriedade *o jazz brasileiro*. *Garota de Ipanema, Ela é carioca, Samba do avião, Samba de uma nota só* e *Corcovado* são as cinco músicas que marcaram o auge da *bossa nova*, tanto no Brasil quanto no exterior. Não por acaso, todas cinco são composições de Tom Jobim, o gênio da *bossa nova* e um dos maiores compositores da música popular brasileira de todos os tempos. Hoje, incompreensivelmente, ouve-se mais *bossa nova* nos Estados Unidos e no Japão que no Brasil. **O Brasil precisa merecer a bossa nova** – eis a frase proverbial de Tom Jobim.

Merece? Hoje o mundo canta e toca *bossa nova*. E o Brasil? O Brasil se enroscou no sertanejo, que é de uma pobreza invejável de todos os pontos de vista. Eita, Brasil!

“Reage Rio”

Há uma regra singela de pontuação que preceitua o seguinte: todo vocativo deve vir isolado por vírgula. Portanto: **Reage, Rio!** (Note, ainda, o ponto de exclamação, também obrigatório, porque se trata de frase imperativa, com caráter enfático.)

Um partido político saiu-se recentemente com esta: *“Competência Brasil!”* (Foi justamente o que eles esqueceram: a competência.)

A TV Senado tem um programa chamado “Alô Senado”. Que tipo de alô é esse? Das trevas?

A Rede Record de Televisão tem um noticiário a que deu este nome: “Fala Brasil”. Um imperativo desastroso!

Não faz muito, o Ministério da Saúde lançou um programa muito interessante pelas televisões educativas, apresentado por um conhecido médico, que tinha ainda o mérito de ser bastante didático. Mas o nome do programa padecia de doença grave: *O que eu faço doutor?*

Se usar preservativo, nos dias de hoje, é importante; se fazer exercícios físicos sempre foi uma necessidade do homem; se fumar ou deixar de fumar é apenas uma questão de ser inteligente ou não, convém saber que a vírgula nunca deixou de ser importante.

Portanto, pra frente**,** Brasil!

mais vírgula

A vírgula é um sinal de pontuação importante, mas cada vez mais desprezado, não por redução de sua importância, mas por queda de conhecimento, queda de cultura, queda até de bom senso, ao escreverem.

Antes de orações reduzidas temporais iniciadas por *ao + infinitivo*, por exemplo, é obrigatório o uso da vírgula. Veja, porém, o que se leu num editorial da maior revista semanal de informação do Brasil: *O governo do PT está brincando com fogo ao permitir que diversas autoridades deem livremente sua opinião sobre taxa de câmbio*.

A falta da vírgula depois de *fogo* e antes da oração reduzida iniciada por *ao + infinitivo* revela que o redator não tem pleno domínio do que escreve.

O texto continua assim: *Até o presidente contribuiu para o erro ao dizer, dias atrás, que o real não deveria valorizar-se muito para não atrapalhar as exportações*.

São duas, agora, as vírgulas faltantes: uma depois de *erro*, e a outra antes de *para* (que inicia nova oração reduzida).

Mais adiante se lê: *Há dois anos os epidemiologistas americanos ficaram intrigados “ao encontrar” traços de um dos vírus mais antigos de que se tem notícia, o da malária, em Boston*.

São dois os problemas aí: “*encontrar*” (por *encontrarem*) e a ausência da vírgula, depois de *intrigados*.

O redator de um editorial deveria ser o melhor jornalista da organização; caso contrário, acontece isso aí.

a vírgula, outra vez

Qualquer estudante do ensino médio sabe que o sujeito não pode vir separado do predicado por vírgula. Por isso, nenhum deles escreve: *Minha namorada, queria me dar um beijo*. Mesmo porque seriam duas mentiras...

Jornalista que mente, porém, é intolerável. Veja esta “mentira” de um deles: *Os CDs de Inezita Barroso, Teca Calazans e Isaac “Brasil, mostram” que há no país música rural de qualidade. Não é apenas aquele lixo das duplas sertanejas disponíveis no mercado*.

Ao menos, no final, esse jornalista foi sincero: a música popular brasileira, nos dias atuais, está não um lixo, mas um lixão!

ainda, a vírgula

As orações explicativas vêm obrigatoriamente antecedidas de vírgula. Por quê? Por arbitrariedade da língua? Não, porque esse tipo de oração exige pausa. Daí a razão pela qual escrevemos: *Não chore,* **que é pior!** *** *Não faça isso,* **porque é feio!**

Os vocativos, como já vimos, desde o surgimento de Camões, devem vir sempre separados por vírgula: **Jeni,** *venha cá.* *** *Aonde foste,* **Mônica***?*

No editorial de uma revista apareceu isto: *Vamos lá que o desafio não é pequeno.*

A bem da verdade, faltaram dois sinais: a vírgula, antes da oração explicativa, e o ponto de exclamação, encerrando o período, já que as frases imperativas normalmente exigem seu término com esse sinal.

Ao virarmos a página, encontramos: *Salve simpatia*.

Salve**,** língua portuguesa!

finalmente, a vírgula

A vírgula é obrigatória, para separar orações iniciadas pela conjunção **e**, quando os sujeitos forem diferentes. Eis exemplos singelos: *A mulher*

*chegou, e o homem saiu. *** O presidente discursou, e o ministro apenas falou à imprensa.*

De um famoso jornalista carioca, sediado em Brasília: *Nossa economia estagnou e a luz de alerta está acesa no Palácio do Planalto.*

Uma singela vírgula depois de *estagnou* elevaria o conceito do jornalista perante muitos leitores.

Esse mesmo jornalista é autor desta frase (completamente sem vírgula): *A privatização além de piorar os serviços públicos também os tornou mais caros.*

Ele truncou a oração principal e não indicou graficamente. A leitura correta dessa frase é esta: *A privatização* (pausa) *além de piorar os serviços públicos* (pausa) *também os tornou mais caros.*

A pausa da fala é marcada na escrita, normalmente, pela vírgula.

Esse mesmo jornalista escreve (totalmente sem vírgula): *Nessa torre de babel que é a reforma da Previdência não há ninguém para zelar por nós trabalhadores que temos uma aposentadoria limitada.*

Em português escorreito, essa mesma frase deveria ser publicada assim: *Nessa torre de babel, que é a reforma da Previdência, não há ninguém para zelar por nós, trabalhadores, que temos uma aposentadoria limitada.*

Um dia eles aprendem. É a nossa esperança!

confraternizar

É verbo transitivo indireto ou intransitivo, mas nunca pronominal, ou seja, nunca deve acompanhar pronome oblíquo: *Ao final da partida, alguns jogadores* **confraternizaram** *com o árbitro. *** Ao final da partida, os jogadores e o árbitro* **confraternizaram**.

Nada, portanto, de ‘confraternizar-se”, “confraternizaram-se”.

No editorial do *Correio Braziliense*, porém, se leu: *O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vive momento de grande contradição. Seus líderes vão ao Palácio do Planalto, “confraternizam-se” com o presidente da República, que, apesar do evidente desgaste, se deixa fotografar com boné da entidade na cabeça, mas, em vez de ceder ao diálogo, continua a se utilizar da força.*

Agora, repare como define *confraternização* um de nossos dicionários: ato ou efeito de “confraternizar-se”. Logo abaixo, está o verbete *confraternizar*,

mas o autor não classifica o verbo como pronominal. Então, é o caso de perguntar: o que é "confraternizar-se"? O que é de fato um **bom** dicionário?

Classic

A palavra é inglesa, portanto, pronuncia-se *kléssik*. Se a palavra é inglesa, devemos lê-la à inglesa. Conforme fazemos, aliás, com *Sprite*, *Nike*, *Hilux*, *Goodyear, Firestone, American Airlines*, etc. Se a palavra é francesa, devemos lê-la conforme sua língua de origem, ou seja, à francesa. Por exemplo: *Air France, Renault, Michelin*, *5àSec* (mas a própria empresa anda anunciando *"cinco" a sék*), etc.

Nos anos setentas, despontou nos Estados Unidos um conjunto vocal chamado *Classics Four*. Nenhum locutor por aqui, naquela época, ousou dizer "klassíks fór". No Brasil, o ensino tem regredido tanto da década de 1970 para cá, que as pessoas, ao invés de progredirem, regridem. E a passos largos!

Pouco tempo atrás, o próprio Banco do Brasil lançou um cheque especial chamado *Classic*. Tudo seria normal, se o banco não fosse o do *Brasil* e não o anunciasse como "klassík".

O Boticário lançou uma fragrância masculina e lhe deu o nome *Classic*. Mas nenhum dos seus funcionários fala em suas lojas em "klassík".

Por aqui, é normal termos pessoas pronunciando equivocadamente nomes estrangeiros. Existe um clube de futebol no Peru de nome *Alianza*. Sabe-se que no espanhol não existe o som zê: a consoante [z] equivale ao nosso **c** ou **ç**. Então, pronuncia-se *aliança*. Há, contudo, uma casta de repórteres esportivos que leem a forma castelhana como se portuguesa fosse: "alianza". Parece brincadeira. Mas é normal, o que mais eles fazem durante o trabalho é brincar. O diabo é que brincam com coisa séria. Daí por que perdem o respeito.

Existe outro clube de futebol, agora na Espanha, chamado *Zaragoza*. Os repórteres esportivos são incapazes de dizer corretamente. Só sai "zaragôza". Normal...

Quando houve, em 2009, um sério problema político em Honduras, quase todos os repórteres brasileiros falaram num tal de "Zelaya". Existe?

O correio eletrônico, no Brasil, é chamado *e-mail*, como nos países de

língua inglesa. Naturalmente, se a palavra é inglesa, devemos lê-la integralmente à inglesa: *i-mêil*. Pois já existe gente por aí dizendo **e**-*mêil*. Mas ainda ninguém chegou a dizer "e-ma-il". Graças a Deus! Não deixa de ser um progresso...

brincadeira de "mal gosto"

Esta é, de fato, uma brincadeira de muito *mau gosto*: escrever *mal* por *mau* é coisa que tem relação, no máximo, com o quinto ano do ensino fundamental.

Não faz muito, um ministro da Casa Civil deu uma declaração um tanto ou quanto meio estranha, que o *Jornal do SBT* reproduziu assim: *O governo é "mal" como um pica-pau*.

Nem mesmo o *u* do *pica-pau* serviu para ajudar...

Certa feita, um famoso e já antigo apresentador da televisão brasileira, também empresário, resolveu fazer brincadeira com a repórter de uma revista e declarou, lá dos Estados Unidos, que estava à beira da morte, que já havia vendido seus bens e nunca mais voltaria ao Brasil, porque queria morrer em paz.

Muito bem. A coisa repercutiu enormemente. A editora vendeu tantas revistas, que conseguiu equilibrar o orçamento do ano inteiro. Dias depois, como o rumo que o caso tomou foi bem diverso do pretendido, o "moribundo" resolveu desmentir.

Eis como foi, por um jornal: *"Foi uma brincadeira que não saiu como eu queria e que passou a ser uma brincadeira de "mal gosto"*.

Esse é o tipo de brincadeira que nunca acaba mesmo em boa coisa.

torcer "para" o Palmeiras

Torcedor que se preza torce *por* seu time, e não "para" seu time. Por isso, é melhor torcer **pel**o Palmeiras, **pel**o Flamengo, **pel**o Cruzeiro, **pel**a seleção brasileira, etc.

Manchete de uma gazeta paulistana: **Marcelo Teixeira diz que vai torcer "para" o Japão, no jogo de hoje contra o Brasil**.

Como seria bom se todos torcêssemos só **pel**o Brasil!...

Quem torce pelo Palmeiras é “palmeirista”?

Não. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense*. Ou *esmeraldino*.

Mas agora é também *porco*, denominação recente, grotesca, pejorativa, de profundo mau gosto. O bicho-símbolo do Palmeiras sempre foi o periquito. Mas espíritos de porco existem em toda parte...

Os corintianos gostam de chamar os palmeirenses de *porcos*. Os palmeirenses revidam, chamando-os de *gambás*. Aí começa uma rivalidade não muito inteligente. O Corinthians e o Palmeiras são, na verdade, clubes coirmãos, quer queiram, quer não queiram os seus torcedores; suas histórias estão intimamente ligadas. Por isso, o Corinthians e o Palmeiras são clubes e times rivais, mas nunca inimigos.

O Palmeiras e o Corinthians são os clubes de maior rivalidade em São Paulo. Os corintianos se orgulham de formar a segunda maior torcida do país. Os palmeirenses, na eterna “guerra” de gozações que empreendem contra os corintianos, não se incomodam, mas rebatem, dizendo que o importante mesmo é ter saúde.

Agora, para desespero maior dos corintianos, surgem os astrônomos norte-americanos e declaram, para espanto do mundo (não meu), que o universo é verde. Essa realmente é de ficar orgulhoso. Será mesmo que o Criador também tem seu clube preferido?!...

“alvi-rubro” / “alvi-verde” / “alvi-negro”

O Internacional de Porto Alegre sempre foi *alvirrubro*; o Palmeiras sempre foi *alviverde*. Quem escreve “alvi-verde”, naturalmente, deve torcer por outro time. Por um *alvinegro* qualquer, por exemplo...

“super-campeão”

Não. O Palmeiras, de Valdir, Djalma Santos, Valdemar e Geraldo, Zequinha e Aldemar; Julinho, Romeiro, Américo, Chinesinho e Nardo, foi, na verdade, *supercampeão* em 1959, disputando três jogos decisivos com o poderoso Santos F.C., de Pelé, Zito e Coutinho.

O alviverde ganhou, assim, naquele ano, o *supercampeonato* paulista de futebol. Aliás, o Palmeiras (permita-me dizer, caro leitor) foi a única equipe no futebol paulista que conseguiu interromper a série de títulos do

então fabuloso Santos F.C. Por isso, merece lembrança e menção honrosa aqui. Só por isso...

O prefixo *super-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **h** (*super-***h***omem*) ou **r** (*super-***r***ealista*). Fora daí, não há hífen.

Na capa da *Quatro Rodas,* porém, saiu certa vez: **Tigra! – o "supersegredo" da GM**.

A verdade é que esse modelo, o *supersegredo* da GM, por coincidência ou não, acabou sendo um fracasso de vendas no Brasil.

"bi-campeão"

Quem fica campeão de verdade duas vezes é *bicampeão*; três vezes, *tricampeão*; quatro vezes, *tetracampeão*; cinco vezes, *pentacampeão*; seis vezes, *hexacampeão*; sete vezes, *heptacampeão*; oito vezes, *octacampeão*; nove vezes, *eneacampeão*; dez vezes, *decacampeão*; onze vezes, *undecacampeão*; doze vezes, *duodecacampeão*. Quando o São Paulo F.C. se tornou bicampeão mundial de futebol, mandaram escrever bem à frente do seu estádio: **"Bi-campeão" mundial de futebol**. Mais tarde, anos depois, procederam à correção. Ainda bem.

Os derivados também se escrevem sem hífen: *bicampeonato, tricampeonato, tetracampeonato, pentacampeonato,* etc.

Corinthians: campeão do "IV.º" Centenário?

O Corinthians foi o legítimo campeão do **IV** Centenário (1954), mas não do "IV.º", que isso não existe.

Os algarismos romanos não devem vir acompanhados do sinal **º.**, porque eles já são lidos como numerais ordinais. Tal sinal só acompanha numerais cardinais: 1.º, 2.º, etc. Aliás, convém acrescentar que não se usa tracinho neste caso, mas ponto.

Na sala de troféus do Sport Club Corinthians Paulista, guarda-se a bola com que foi disputado e ganho o título do IV Centenário da cidade de São Paulo. Na velha bola marrom, vê-se: **Bola do "IV.º" Centenário**.

Como deverá ser, então, a bola do **V** Centenário?...

por ora / por hora

São duas expressões que se usam em situações distintas. A primeira equivale a *por enquanto, por agora*: **Por ora**, *estou satisfeito com o meu salário. *** Vou aplicar* ***por ora*** *apenas metade do que eu tenho.*

A segunda equivale a *cada período de sessenta minutos*: *Você ganha vinte centavos* **por hora** *e diz que por ora está satisfeito com seu salário?*

Numa das principais revistas de esporte do país uma vez lemos isto: *É praticamente certo que Luiz Gonzaga Belluzzo disputará a eleição do Palmeiras contra o atual presidente, que "por hora" conta com o apoio da maioria dos conselheiros "alvi-verdes".*

O jornalista nem sequer soube escrever *alviverde*. (Adivinhe, então, qual é o time dele!...)

Bem, *por ora* é só.

site

Trata-se de um anglicismo consagrado no âmbito da Internet, assim como consagrados estão os anglicismos *shopping, show*, *slalom, skate*, *pullman*, etc.

Os portugueses usam *sítio*, aportuguesamento que, como tantos outros, não soou muito simpático entre nós, brasileiros, já que preferimos usar essa palavra para significados mais singelos...

Os puristas (e também os pseudopuristas), que adoram uma novidadezinha dessas, já estão por aí, no entanto, a empregar *sítio* por *site*. Ora, quem usa *sítio* por *site* deve (se for coerente) usar também *rato* por *mouse*; *semicúpio* por *bidê, ludopédio* por *futebol* e *escaparate* por *vitrina*...

cal

É palavra feminina: **a** *cal,* **uma** *cal, cal hidratad***a**, *cal viv***a**, *cal nov***a**. *** *Quando viu a mulher, ficou branco tal qual* **a** *cal. *** O susto a fez branca como* **a** *cal.*

Na imprensa esportiva, todavia, usam-na como palavra masculina: *O árbitro marcou a falta dentro da área e apontou a marca "do" cal.*

Hoje, porém, só os jornalistas de quinto escalão cometem tal equívoco. Os mais qualificados já se corrigiram.

Estou curioso “por” saber

Na verdade, quem está curioso, está curioso **de** alguma coisa, e não “por” alguma coisa. Por isso, se você estiver curioso **de** saber o resultado das eleições, é só ligar o rádio ou o televisor.

Região “Centro-Sul”

É uma região brasileira que ainda não existe. Mas, se existe, nem mesmo o IBGE a conhece. Os jornalistas brasileiros, no entanto, referem-se a ela quase todos os dias.

O IBGE divide o Brasil apenas nestas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região “Centro-Sul” é um adendo jornalístico, talvez para corrigir uma “falha” do IBGE...

Eis uma referência a essa região, feita por um de nossos jornalistas: *A previsão da próxima safra é otimista, com a área do milho crescendo em todo o “Centro-Sul”.*

E eu continuo curioso de saber: onde fica?

enxaqueca (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico fechado (*enxaqu**ê**ca*): *Cerca de 5% da população mundial sofre de enxaqueca.*

“uma” BMW / “uma” Mercedes / “uma” Ferrari

Coisa boa isso não é. Atrás do nome de qualquer carro está uma ideia masculina: *automóvel*. Daí por que só devemos sonhar com **um** *BMW,* com um *Mercedes,* com **um** *Jaguar*, com **um** *Porsche*,
com **um** *Ferrari* e até com **um** *Romi-Isetta*.

Muita gente, porém, usa *“uma” Ferrari, “uma” Mercedes* (às vezes até no diminutivo: *“uma” Mercedinha*), talvez por desejar fazer prevalecer a ideia de *poderosa máquina* sobre a de um simples *automóvel*. Tolice.

Mas as tolices estão por aí, em toda parte. Isto, por exemplo, nós colhemos no *site* de um conhecido provedor: “*Uma*” *Porsche é “pequena” demais para se transar “nela”, mas você vai transar assim que sair “dela”.*

Chamar **um** Porsche, carro macho, de “ela” não é provocação, não?

“laranja lima”?

José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) escreveu um livro que encanta a garotada de todas as idades, ao qual deu o nome de *Meu pé de laranja lima*. Se vivesse até nossos dias, o escritor veria que o título de sua obra, levado em conta o VOLP, está errado. Sim, porque a 5.ª edição do VOLP registra **laranja-lima** (com hífen), assim como registra *laranja-baía, laranja-cravo, laranja-mimosa, laranja-pera, laranja-tangerina, laranja-toranja*. O mais curioso é que essa mesma edição registra ainda *laranjeira-pera, laranjeira--toranja*, etc., mas não registra *laranjeira-lima*. Fico, então, cá a pensar com meus botões: que diabos teria o nome do pé que dá a deliciosa laranja-lima?

É um mistério!...

a / há

Ainda há muita gente que sente dificuldade em empregar a preposição *a* ou *há*, forma do verbo *haver*. É muito simples: *há* se usa quando for possível sua substituição por *faz*; não havendo essa possibilidade, emprega-se *a*. Ex.: *Estou esperando meus amigos aqui* **há** (= faz) *muito tempo.* *** *Estou esperando meus amigos* **a** *vinte metros de casa.*

Simples assim, como chupar laranja-lima. Mas nem todo o mundo sente facilidade em chupar seja lá o que for. Quer um exemplo? Recentemente, um subsíndico de edifício saiu-se com isto, ao afixar um aviso ao elevador do prédio: *Informamos “há” todos que sábado o edifício todo ficará sem energia.*

Já vi muitos usarem **a** por **há**, mas o inverso é absolutamente novidade. A cada dia que se vive, mais se aprende...

remontar “há”

O verbo *remontar* (ter sua origem ou princípio) é transitivo indireto e se usa com a preposição *a*: *A invenção da imprensa remonta* **a** *séculos.* *** *A informática remonta* **a** *poucos anos.*

Apesar de ser assim desde Camões, aparece um jornal e traz: *O Afeganistão é um mosaico étnico de antigas culturas, cuja origem remonta “há” séculos de ocupação das estepes e montanhas da*

Ásia central.

O uso da preposição *a* e de *há*, forma do verbo *haver*, tem sido uma das maiores dificuldades encontradas pelo comum dos mortais brasileiros, mas já não deveria estar confundindo jornalistas.

indústria "automobilística"

Eis aqui um problema sério, um caso generalizado, que precisa ser corrigido. O adjetivo *automobilístico* se relaciona com *automobilismo* (modalidade esportiva). Assim, só se aplica adequadamente quando se trata de corrida de automóvel: *prova automobilística, corrida automobilística, pista automobilística,* etc. As indústrias que participam da Fórmula 1 são *automobilísticas*, porque estão voltadas para o automobilismo; mas as outras, que montam carros para o público em geral, são *automotivas*. Boa parte dos jornalistas brasileiros usam indústria "automobilística" em qualquer circunstância, mas não são corajosos o suficiente para afirmarem que o Salão de Frankfurt é um evento "automobilístico". Nem são insensatos em afirmar que uma loja vende tintas "automobilísticas" ou presta serviços "automobilísticos". Imagine, caro leitor, dizer que uma peça de automóvel é uma peça "automobilística"! Ou que um engenheiro especializado em automóveis é um engenheiro "automobilístico"!

Em suma: é o adjetivo *automotivo* que devemos usar no lugar de *automobilístico*: *indústria automotiva, setor automotivo, peças automotivas, oficina automotiva*, *poluição automotiva*, *evento automotivo*, *tintas automotivas*, *vidro automotivo*, etc. Em Portugal, também se usa o adjetivo *automóvel* por *automotivo*: indústria *automóvel*, setor *automóvel*, peças *automóveis*, etc.

Por isso, quero cumprimentar efusivamente o jornalista que escreveu: *O Salão do Automóvel de Detroit a mais de um século tem a missão de mostrar as novidades da indústria* **automotiva**.

Pena que ele usou *"a" mais de um século*, em vez de **há** *mais de um século*. É, acontece...

talvez

Esta palavra, quando usada antes do verbo, exige o subjuntivo: *Amanhã*

eu talvez **vá** *ao estádio. *** No futuro talvez eu* **faça** *uma viagem dessas. *** Talvez o pessoal* **tenha** *chegado e ainda não* **tenhamos** *sabido.*

Após o verbo, porém, a palavra não interfere no emprego do modo: **Irei** *ao estádio talvez amanhã. *** O pessoal* **chega** *talvez ainda hoje.*

Num editorial, porém, se leu: *Talvez "chegou" a hora do Brasil.*

Hora de quê?...

"auto-falante"

Esta é uma das mais tolas invenções modernas. As pessoas acham que estão se referindo a **falantes** de ***auto***móveis. Então, não têm dúvida: escrevem "auto-falante". As Lojas Americanas estão anunciando assim: *"Auto-falantes" com preço baixo é nas Americanas.*

Até algumas fábricas estão anunciando que seus veículos têm seis "auto-falantes". Deve ser uma barulheira daquelas!...

"showmício"

É uma excrescência: mistura palavra estrangeira (*show*) com o final de palavra vernácula (*co***mício**). Mas consta no VOLP, o que só vem confirmar o que eu penso dessa edição do *Vocabulário Ortográfico*.

Os neologismos surgem por necessidade de momento. Para serem incorporados ao vocabulário, é necessário que não possuam equivalentes no idioma e que estejam de acordo com os princípios da língua, ou seja, que sejam bem-formados. *Comício-show* me parece muito mais razoável que essa excrescência.

dona de casa

É assim que se escreve, e não "dona-de-casa". Mas os jornalistas insistem em usar os hifens, que aí não têm nenhuma necessidade. Repare como sai no vídeo, quando um repórter de televisão entrevista uma *dona de casa*.

Ora, quem coloca hifens aí teria de, por coerência, colocá-los também em "dor-de-cabeça", "dor-de-barriga", "dor-de-dente", etc. E por que não o fazem? Porque ao menos isso eles sabem que é asneira.

intervir

Este verbo segue a conjugação de *vir*. Sendo assim, não existem as formas "interviu", "interviram", "intervisse", etc., mas *interveio, intervieram, interviesse*, etc.

O uso incorreto de *intervir* é frequente, como se vê nesta notícia de jornal, triste de todos os pontos de vista: *A disputa por uma cadeira na sala de aula levou um aluno de 16 anos a esfaquear um colega de 15, ontem, em uma escola de Ribeirão Preto. Revoltados, outros alunos tentaram apedrejar o adolescente, que só não foi linchado porque professores "interviram" e o trancaram em outra sala até a chegada da polícia.*

lhama

É palavra masculina, sempre foi: **o** *lhama*, **um** *lhama*. Todos os bons dicionários, principalmente os antigos, só davam esta palavra como masculina. Mas a 5.ª edição do VOLP registra também o gênero feminino para a palavra: é mais uma confirmação do que eu penso sobre essa edição.

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação trouxe, na ed. 1.096, pág. 20: *Cientistas árabes comemoram o primeiro mês de vida de um animal gerado com esperma de um camelo e óvulo de "uma" lhama. O filhote, batizado de cama, herdou o pelo suave da linhagem materna.*

Se o esperma de um camelo e o óvulo de "uma" lhama produzem uma *cama*, que produto sairá do esperma de um camelo e do óvulo de um lhama?

sintaxe (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *sintássi*, mas um velho e já cansado dicionário recomenda também a pronúncia "sintáksi", num de seus inúmeros e tradicionais equívocos. Por isso, normal...

"o" Marrocos

Marrocos é nome que não exige artigo: *Conheço Marrocos. *** Já estive em Marrocos. *** Governo de Marrocos. *** Passei rapidamente por Marrocos.*

Mas os jornais só trazem assim: *"O" Marrocos está decidido a castigar sem*

clemência os terroristas.

Castigo só para eles?!...

Jornalistas, em princípio, deveriam conhecer a língua, porque vivem dela, é seu instrumento de trabalho. Os diretores do jornal suíço escrito em francês *Les Temps*, cansados de ver erros linguísticos na publicação, decidiram multar os jornalistas em três dólares por erro cometido, seja de ortografia, seja de sintaxe. Se a medida fosse adotada no Brasil, os diretores de jornal já não precisariam preocupar-se em vender suas publicações: estariam milionários...

Mas não são apenas os jornalistas que padecem desse mal: entre eles há até dicionaristas! V. item seguinte.

um "tira-teima"

Em português legítimo só existe *tira-teimas*, assim como só existe *tira-dúvidas* (e não "tira-dúvida"). A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra também "tira-teima", o que só vem confirmar o que eu penso dela.

"Tira-teima", a bem da verdade, é brincadeira do mais refinado mau gosto. Mas, mesmo assim, além do VOLP, foi agasalhada por dois dicionários, o que não chega a ser novidade nem espantar. Foi-se o tempo em que dicionários brasileiros eram confiáveis. Cada página deles traz no mínimo três aberrações. Só quem os analisou página por página pode afirmar isso de cadeira. Num deles encontramos *mistério* e *segredo* como sinônimos e "vereador municipal", como se houvesse vereador estadual... No outro, *teta, mama, seio* e *úbere* são sinônimos. Ora, mulher tem teta?! Mulher tem úbere?! Esse é o dicionário que muitos consideram o papa da lexicografia brasileira. No Brasil de hoje, onde campeia a inversão de valores, vale tudo.

Ainda vai acabar aparecendo dicionarista que registrará "auto-falante". Para atender ao interesse das fábricas que, quase sem exceção, fazem propaganda afirmando que seus carros têm seis "auto-falantes". No Brasil de hoje é assim.

"às custas de"

Não existe tal locução em nossa língua. Mas o dicionário do "tira-teima"

não só a registra, como usa “às custas de” no verbete **astúcia**.

Se um marido vive *à custa d*a mulher, ninguém tem nada a ver com isso, mas se um jornalista ou um dicionarista vive “às custas do” leitor, do consulente ou do assinante, bem, aí a coisa muda.

Recentemente, declarou uma autoridade argentina: *Temos a mesma necessidade de crescer que o Brasil. O Brasil não vai crescer* **à nossa custa**.

Nuestros “hermanos”, muy amigos...

viking / viquingue

Os *vikings* ou *viquingues* (aportuguesamento) eram piratas escandinavos que saquearam as costas da Europa desde o século IX até o século XI. Até aqui, nenhuma novidade.

Um de nossos dicionários não faz nenhuma referência à forma *viking*; prefere registrar o aportuguesamento *viquingue* (paroxítono). O outro não registra *viquingue*, mas apenas *viking*, porém, cometendo um erro palmar de ordem alfabética: inclui o verbete depois de *vípero*, quando deveria figurar antes de *vil*, que, aliás, assim como 51, também nos dá uma boa ideia...

A palavra *viking*, na verdade, pronuncia-se *váikin*, mas no Brasil, a exemplo de *Titanic* (que todo o mundo diz *titanique*), todo o mundo diz *víkin*. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) também não registra *viking*; só traz *viquingue* (que nunca ninguém usou, ao menos em pleno gozo das faculdades mentais). Além de registrar essa forma estrambótica, o VOLP classifica a palavra apenas como adjetivo, quando ela é essencialmente um substantivo. Assim, para o VOLP, os **vikings** não existiram, nem muito menos **os** viquingues. Estamos bem de vocabulário oficial?

esgotar

Na acepção de *vender até o último artigo ou exemplar*, é verbo pronominal, ou seja, tem de vir obrigatoriamente acompanhado do pronome oblíquo: *O estoque de televisores da loja* **se esgotou** *em dois dias. *** O livro* **se esgotou** *em pouco tempo. *** Esta obra* **se esgotará** *brevemente.*

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo também como intransitivo. Normal...

Na verdade, somente na acepção de *esvaziar-se ou vazar-se completamente*, ou na de *consumir-se, gastar-se completamente* é que esse verbo pode ser usado como intransitivo ou como pronominal: *A água do reservatório* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em três tempos. *** A fortuna do pai* **esgotou** (ou **se esgotou**) *em poucos anos, com suas extravagâncias*.

espreguiçar

É verbo pronominal, e não intransitivo; por isso, o pronome oblíquo deve sempre estar presente: *Hortênsia saiu do quarto* **espreguiçando-se**. *** *Eu nunca* **me espreguicei** *na vida. *** Não é muito aconselhável* **espreguiçar-se** *em público*.

Há dicionário por aí que registra tal verbo como intransitivo na referida acepção. Normal.

estilhaçar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *As vidraças do prédio* **se estilhaçaram** *com o terremoto. *** O para-brisa* **se estilhaçou**, *ferindo o motorista. *** Este vidro trinca, mas não* **se estilhaça**.

Há dicionário por aí, no entanto, que registra tal verbo como intransitivo. Normal.

estragar

É verbo pronominal, e não intransitivo: *Vinho aberto* **se estraga** *facilmente. *** Fora da geladeira, qualquer leite* **se estraga** *em pouco tempo*.

Há um dicionário por aí que registra tal verbo também como intransitivo. Normal.

sujar

Este verbo é rigorosamente pronominal, na acepção de *tornar-se sujo*: *Com este ar poluído, a pele e os cabelos facilmente* **se sujam**. *** *O chapéu* **se sujou** *logo ao primeiro uso*.

Há um dicionário por aí que o registra direitinho como verbo pronominal. Parabéns! Mas... no verbete **salvaguarda**, acepção 5, usou-o como verbo intransitivo e só o corrigiu na edição reduzida, publicada recentemente. Parabéns!

azaleia / azálea

As duas formas existem, mas a segunda é mais aconselhável, embora a primeira seja a mais popular.

Sofia ou Sófia (capital da Bulgária)

Ambas são corretas. Como nome de mulher, no entanto, é apenas *So***fi***a*.

ciriguela

É o nome de uma frutinha comum no Nordeste. Repare: escreve-se

com *ci* inicial. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), no entanto, registra (que maravilha!) tanto *ciriguela* quanto "seriguela". É extraordinário! Se alguém me pedisse que fizesse uma comparação, eu a faria deste jeito: registrar *ciriguela* a par de "seriguela" é o mesmo que registrar *salsicha* a par de "xalxixa". Não, por favor, não ria, porque não há mesmo diferença nenhuma! A tolice é a mesma. Imagine agora um líder em quem você confia (ou deve confiar). Ele marcha para o precipício, você está vendo que o desastre é iminente, ele se lança no vazio e desaparece. Você o seguiria? O VOLP tem força de lei. Mas se uma lei nos manda ir pro buraco, quem vai? Nesse caso e em muitos outros, estou com o poeta português José Régio:

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali…
A minha glória é esta:

Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.

Que fantástica é a poesia! Que fantásticos e divinos são os poetas! Parece que suas palavras são ditadas por Deus!

piscada e temerosidade

Se você for procurar em qualquer dicionário tais palavras, não as encontrará. Nem mesmo no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) elas têm registro. Então, não podemos usá-las? Muito ao contrário.

Há centenas de palavras de uso diário que o VOLP não registra. Não é porque alguém pisa num excremento que nós vamos ter de pisar também. É uma temerosidade seguir a incúria. É uma temerosidade seguir os que não prestam atenção aonde andam… As palavras estão nas ruas, na boca de qualquer um, na mídia, na Internet. Mas no VOLP não está. Vamos, então, deixar de usá-las?

pisar **a** grama ou pisar **na** grama?

As duas construções são corretas, no português contemporâneo: a primeira é a tradicional; a segunda é eminentemente popular, que vingou, ao longo do tempo. De fato, pedir que as plaquinhas de jardins sejam substituídas por *pisar* **a** *grama* me parece um tanto ou quanto fora da realidade.

clitóris ou clítoris?

Embora a segunda prosódia tenha registro no VOLP; embora seja até defensável tal prosódia, a que se consagrou no português moderno é *clitóris*. Por isso, diga sempre *clitóris*; deixe "clítoris" para os que preferem viver os tempos do Onça...

"mais" anterior

Palavras como *anterior, posterior, inferior, superior*, etc. não admitem modificadores como *mais, menos*, etc., porque sua terminação já dá a ideia de *mais* ou de *menos*. Não existe, portanto, um fato "mais" anterior a outro.

Existe, sim, fato anterior a outro. Não existe, em rigor, um produto "mais" superior a outro. O que temos é um produto superior a outro.

Há, todavia, por aí, um dicionário em que se lê no verbete *clitóris*: *porção "mais" anterior da vulva*.

Isso existe?

assim, assim

Quando alguém nos pergunta como vamos, e a nossa saúde não anda lá essas coisas, costumamos responder: *Vou assim, assim*.

Mas um dicionário por aí não vai *assim, assim*. Vai "assim-assim".

Será que vai bem?...

redator-chefe (e os nossos dicionários)

Eis a questão. Há certos dicionários brasileiros que se dizem os papas da lexicografia brasileira. Um deles é um calhamaço de quase três mil páginas, cheias de entulhos. Se, porém, alguém precisar saber o que é *redator-chefe*, ou o plural desse composto, vai ficar sem saber. Porque nenhum dos dicionários traz o verbete. Os entulhos, todavia, estão todos lá, vibrantes...

Radiocarbono? Também nenhum deles traz.

Ocasionalidade? Também nenhum deles traz.

Misto-frio? O calhamaço não traz. Mas os entulhos estão todos lá, vibrantes…

sociocultural

É assim que se escreve tal palavra, e o dicionário do "tira-teima" a registra corretamente, mas... no verbete **ambiente**, acepção 8, se vê diferente: "sócio-cultural". Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram tal acepção. Matreiramente...

cadê?

Não há problema algum em usar a contração popular de **que é de?**: **Cadê** *o dinheiro que estava aqui?* (Frase popularizada pela TV Globo, no programa *Fantástico*, quando apresenta casos notórios de corrupção pelo

país.)

crisântemo

É a única prosódia da palavra, no português contemporâneo. O dicionário-calhamaço registra direitinho a palavra como proparoxítona, mas... no verbete **variante**, ao fornecer exemplo de variantes prosódicas, lasca lá um “crisantemo”, a par de *crisântemo*. Na edição reduzida que publicaram recentemente, tiraram os exemplos. Matreiramente...

Acerca dessa edição reduzida do calhamaço, temos ainda algo a comentar. Na edição antiga, de três mil páginas, a parte etimológica das palavras tinha explicação na própria obra. Nessa edição reduzida, aparecem gatos e ratos. Explico melhor: você vai ao verbete **autoafirmação** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)*-. Mas cadê **aut(o)**-? O gato comeu? Você vai a **autosito** e quer saber a etimologia. Remetem para *aut(o)*- e para *sito*. Cadê ambos? O gato comeu?

Você vai ao verbete *idioleto* e vê na parte etimológica que remetem para *idi(o)*-. Mas cadê **idi(o)**-? O rato comeu...

E assim é na obra inteira. Quiseram reduzir para ganhar maior fatia de mercado e acabaram por mutilar todo o dicionário. Por isso, perdoe-me a pretensão, mas o **Grande Dicionário Sacconi**, no quesito *etimologia*, é o mais perfeito do país. Obrigado pela compreensão...

antiapopléctico

É esta a única forma registrada pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP), mas um dicionário por aí registra “antiapoplético”. Quem está certo?

antirruga

O VOLP só registra esta forma, ou seja, sem **s** no final. Portanto, usaremos *creme antirruga* (no singular), *cremes antirrugas* (apenas no plural). O dicionário a que nos referimos acima, no entanto, registra “antirrugas”. Quem está certo?

antitabagismo e antitabagista

Quem já não ouviu ou viu tais palavras? Creio que todo o mundo. Mas o dicionário a que nos referimos acima desconhece o que seja *antitabagismo* e *antitabagista* justamente numa época em que se tomam medidas responsáveis contra esse ruinoso e estúpido vício.

franco-atirador (qual o plural?)

A 5.ª edição do VOLP traz apenas um plural: *franco-atiradores*.

destarte / dessarte

As duas formas existem. Mas nenhuma delas se classifica como advérbio; trata-se de palavra denotativa. O VOLP também registra a palavra como advérbio, o que não chega a ser nenhuma novidade. Daí por que talvez tenha escrito um jornalista: *Quando o erudito deputado usou o "advérbio"* **dessarte** *em um de seus artigos pela privatização, a bandeira maior do neoliberalismo, os ossos do padre Vieira chacoalharam de satisfação na Bahia, onde foi enterrado há trezentos anos: ele usou* **dessarte** *em um de seus sermões no Século 17*.

peso-pesado

Em se tratando de boxe, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* resolveu nos dar um direto no queixo, que é para ir à lona e nunca mais se levantar. Veja o que faz o VOLP: registra *peso-mosca, peso-galo, peso-pena* e *peso-pesado* (todos com hífen), mas *peso leve, peso leve ligeiro, peso meio pesado* e *peso médio* (todos sem hífen). Por outro lado, registra *peso meio-médio* e *peso meio-médio ligeiro*.

Essa bagunça desnorteou um tradicional dicionário brasileiro, que traz tudo errado. Confira na sua edição mais recente e veja a lambança que ali fizeram. Mas lambança é coisa de crianças, que misturam tudo quanto podem, quando brincam. Às crianças é dado o direito de brincar. A dicionaristas, **não**.

indochinês e indo-chinês

Convém não confundir. **Indochinês** é da península da Indochina, península do Sudeste asiático.

Indo-chinês é da Índia e da China ou entre esses dois países: *as relações indo-chinesas.*

Repare: a Indochina fica no *Sudeste* da Ásia. Pois bem. O dicionário do entulho, no entanto, traz justamente o oposto: que a referida península fica no "Sudoeste" asiático.

E agora?

avultar

Este verbo não é pronominal, portanto não deve ser usado com pronome oblíquo. Assim, ninguém "se" avulta. Em verdade: *Entre os cientistas do mundo,* **avulta** *Einstein. *** Entre os escritores brasileiros* **avulta** *Machado de Assis*. Neste caso, *avultar* significa *sobressair, destacar-se.*

Também na acepção de *crescer, aumentar*, *tomar vulto*, este verbo é rigorosamente intransitivo: *As baixas norte-americanas* **avultam** *no Iraque. *** O prestígio do PT só* **avultava** *com a surpreendente gestão do presidente Lula. De repente, a crise.*

Um dicionário por aí, no entanto, registra tal verbo como pronominal. Está claro que não é. Nunca foi.

espremer (pronúncia)

Este verbo não tem formas com o **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *espr**e**mo, espr**e**mes, espr**e**me, esprememos, espremeis, espr**e**mem* (pres. do ind.); *espr**e**ma, espr**e**mas, espr**e**ma, espremamos, espremais, espr**e**mam* (pres. do subj.).

tremer (pronúncia)

Este verbo também não tem formas com **e** tônico aberto. Portanto, sempre com timbre fechado: *tr**e**mo, tr**e**mes, tr**e**me, trememos, tremeis, tr**e**mem* (pres. do ind.); *tr**e**ma, tr**e**mas, tr**e**ma, tremamos, tremais, tr**e**mam* (pres. do subj.).

mala sem alça

Os nomes femininos de coisas, usados em sentido figurado, em referência a pessoas, passam a sobrecomum, no masculino. Assim, se *banana* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Ele* (ou *Ela*) *é* **um** *banana*. Se *picareta* (feminino) se aplica a alguém, empregamos: *Esse homem* (ou *Essa mulher*) *é* **um** *picareta*. Se *laranja* (feminino) se aplica a uma pessoa, usamos: *Esse rapaz* (ou *Essa garota*) *é só* **o** *laranja, o chefão não aparece nunca*.

Muito bem. Passemos, agora, ao caso de *mala*, redução de *mala sem alça*, termo que se aplica no Brasil, como gíria, ao indivíduo cacete, chato, cri-cri, cuja companhia nunca é agradável ou bem-vinda. Trata-se, como *banana, picareta* e *laranja*, de um nome feminino de coisa, em referência a pessoas. Portanto, o nome é sobrecomum, e não comum de dois, como querem dicionaristas menos avisados. Portanto: *Esse dicionarista* (ou *Essa dicionarista*) *é* **um** *mala!*

Será que fomos suficientemente claro?...

pé de atleta / pé-quente

É assim que se grafam tais palavras; a primeira é da área dermatológica (micose); a segunda se aplica à pessoa que dá ou traz sorte.

aziago

Esta palavra tem acento prosódico no segundo **a**, já que é paroxítona: *azi***a***go*, embora muita gente diga “azíago”, talvez por influência de *azia*. Vejamo-la em exemplos: *Alguns acham que sexta-feira é dia* **aziago**. *** *Toda segunda-feira, para ele, é dia* **aziago**.

derivar

É verbo transitivo indireto, usado pronominalmente ou não, na acepção de *originar-se, provir; resultar*: *Jiboia* **deriva** (ou **se deriva**) *do tupi*. *** *O queijo e o iogurte* **derivam** (ou **se derivam**) *do leite*.

Um dicionário por aí registra tudo diferente. Normal...

Tomamos o verbete **derivar** apenas como um modelo da bagunça que

campeia na obra, na classificação dos verbos. A ânsia por economia de espaço obrigou o autor a englobar várias classificações num só item. O resultado é um imbróglio que confunde até mesmo o consulente mais atento. Acrescente-se a esse imbróglio a escolha infeliz do autor de usar nomenclatura arcaica:
bitransitivo, p. ex.

Outro fato que salta aos olhos é a classificação errônea dos verbos. Em **derivar**, p. ex., na acepção 10, o que para o autor é transitivo indireto, na verdade se trata de verbo intransitivo, já que campeia confusão, em toda a obra, entre objeto indireto e adjunto adverbial, mas de que padece também o outro dicionário, mais antigo. Na edição reduzida, tiraram tal acepção. Matreiramente...

E saber que uma revista semanal de informação alardeou, à época do seu lançamento, a obra como a melhor no gênero já publicada
no Brasil.

Cego julgando cego dá nisso.

Habemus papam dominum?

parodiador = parodista?

Não. O *parodiador* é aquele que faz imitações humorísticas. Existem apresentadores de televisão que têm muitos *parodiadores*, alguns bons, outros sofríveis. Quantos *parodiadores* não tem conhecido ex-presidente?

Parodista é a pessoa que escreve paródias, é o escritor ou a escritora de paródias. Um dicionário por aí, todavia, registra ambos os termos como sinônimos. Nele, porém, tudo é normal, como você já está cansado de saber. Na edição reduzida, o que fizeram? Não registraram *parodiador*, mas no verbete **parodista** se vê a palavra. Onde foi parar *parodiador* como verbete? O gato comeu?...

apogeu e perigeu

Todo o mundo sabe disto, não é novidade nenhuma: *apogeu* é o oposto de *perigeu*. Em astronomia, *apogeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra mais **distante** da Terra; *perigeu* é o ponto da órbita de um planeta ou de um satélite no qual este se encontra

mais **próximo** da Terra.

Em sentido figurado, *apogeu* significa o grau máximo de desenvolvimento ou de perfeição que uma pessoa ou uma coisa pode alcançar, o ponto ou grau mais alto. Uma mulher pode estar no *apogeu* da sua juventude. Uma pessoa pode estar no *apogeu* da carreira. Minha geração viu o *apogeu* e a derrocada do império soviético.

Ora, se *apogeu* e *perigeu* são antônimos, como pode *perigeu* signifi-car também o ponto ou grau mais alto? Pois é. O dicionário-calhamaço veio mesmo para mudar tudo. *Habemus papam dominum*?

cromossomo ou cromossoma?

As duas formas coexistem hoje.

“mais” inferior / “mais” superior

Qualquer estudante mais ou menos aplicado já sabe que *inferior* e *superior* são palavras que não admitem modificadores, como “mais”, “menos”, “muito mais”, “muito menos”, etc. Também não aceitam “que” ou “do que”, mas apenas *a*: *Esse produto é inferior* **a***o meu. *** O preço desse carro é superior* **a***o preço do meu?*

Muito bem. Espantar-se-ia o caro leitor se deparasse “mais inferior” num dicionário? Talvez não. Talvez sim. Pelo sim, pelo não, queira consultar o verbete **escorralho**, num desses dicionários que existem por aí. Não, não se surpreenda: há coisas mais cabeludas nele!

estafilococo – estreptococo (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o **o** tônico aberto: *estafilok***ó***ku, estrèptok***ó***ku.*

exoesqueleto (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *ézu-eskelêtu*. É o nome que se dá à camada dura e externa dos crustáceos. Recentemente, num programa de televisão, ouvimos “éksu-eskelêtu”.

habeas corpus / *habeas data*

É assim que se escrevem tais latinismos, ou seja, sem acento nem hífen.

Um dicionário por aí, contudo, registra *habeas corpus* (corretamente), ao lado de “hábeas-data”. Coerência formidável!... (Na edição reduzida, consertaram o erro.)

habitar

Este verbo pode ser transitivo direto ou intransitivo. Como transitivo direto, temos: *Habito uma casa modesta.* *** *Ele habita favela.*

Como intransitivo: *Habito numa casa modesta.* *** *Ele habita em favela.* Como intransitivo, costuma ter adjunto adverbial regido da preposição *em* (**n***uma casa modesta,* **em** *favela*).

Qualquer estudante do oitavo ano do ensino fundamental sabe distinguir um objeto indireto (complemento de verbo transitivo indireto) de um adjunto adverbial de lugar.

Um dicionário por aí, todavia, revela desconhecer a diferença entre um e outro, e isso está claro em muitos verbetes, inclusive em *habitar*, em que considera transitivo indireto um verbo que é claramente intransitivo.

descongelar

Cubos de gelo *se* descongelam: o verbo *descongelar* (derreter-se, degelar) é rigorosamente pronominal, por isso não dispensa o pronome oblíquo **se**. No micro-ondas, uma carne congelada **se** descongela mais rapidamente.

Um dicionário por aí, todavia, registra o verbo também como intransitivo. Normal.

consistir

Rege a preposição *em*, e não “de”: *O esqueleto humano consiste* **em** *muitos ossos.* *** *Minha biblioteca consiste* **em** *algumas obras raras.* *** *A Terra consiste* **em** *três quartos de água.* *** *A vida consiste* **em** *muitos anos de tolices e* **em** *uns poucos anos de lucidez.*

Muito bem. Um dicionário por aí traz exemplos perfeitamente corretos com esse verbo. Mas, ao usá-lo ao longo da obra, faz justamente o oposto, conforme se vê nos verbetes **escorregador** e **número** (acepção 3).

Podemos até afirmar, para sermos bem didático, que o dicionário consiste

em uma série inimaginável e imperdoável de equívocos...

E que “tudo mais” vá para o inferno!

A exemplo de *todo o mundo*, a expressão em destaque não dispensa o artigo. Portanto, quero, sim, que ela me aqueça neste inverno. E que *tudo* **o** *mais* vá para o inferno!

“questã”

Quem usa “questã” está muito perto de usar também “coraçã”, “limã”, “mamã”, “melã”, “sabã”, “bobã”: tudo é *questão* de cultura... Há ainda os mais corajosos, que dizem “kuestã”! Certa feita uma senhora, muito simpática, depois de uma de nossas palestras, chegou e nos convidou, à queima-roupa: *Professor, eu faço “questã” que o senhor jante com a gente*.

Está claro que preferi a fome...

treinador tampão (qual o plural?)

É *treinadores* **tampão**. Sempre que um substantivo exerce funções adjetivas, não varia. Eis outros exemplos: *operários* **padrão**, *empresas* **fantasma**, *visitas* **surpresa**, *gols* **relâmpago**, *manifestações* **monstro**, etc.

“consultar-se com”

Se estiver sentindo dor em alguma região do corpo, convém *consultar* um médico; se estiver sentindo dor de cotovelo, talvez seja conveniente *consultar* um psicólogo. Como se vê, ninguém deve “consultar-se com” um médico nem “consultar-se com” um psicólogo. Basta *consultar*: é o bastante (e o correto). Num telejornal, no entanto, um velho apresentador disparou mais esta tolice: *Os obesos nesse hospital são obrigados a “se consultar com” o médico de plantão*. Sugerimos a ele ou à produção do programa que consulte bons livros de língua portuguesa antes de prepararem a matéria.

“mendingo” / “menas”

“Mendingo” e “menas”, a exemplo de “questã”, são farinha do mesmo

saco.

Sobre “menas”, extraímos este trecho de um *post* do jornalista Augusto Nunes: *Mesmo os que não se expressam corretamente entendem quem fala “menos”. Não falta inteligência ao povo. Falta escola. Falta educação. Falta gente letrada com disposição e coragem para corrigir erros cometidos por adultos que nasceram pobres. Lula deixou de dizer “menas” quando alguém lhe ensinou que a palavra não existe.*

Sobre o fato de Lula gabar-se de ter chegado aonde chegou sem saber escrever, nem ao menos ter lido um livro ou cursado uma faculdade, afirma o mesmo jornalista: *A celebração da ignorância é sobretudo um insulto aos pobres que estudam. É também uma agressão aos homens que sabem. Num Brasil pelo avesso, os que aprenderam português logo terão de pedir licença aos analfabetos, para expressar-se corretamente, e os que estudaram em Harvard esconderão o diploma no sótão. A boa formação intelectual não transforma um governante em bom presidente. Mas quem se orgulha da formação indigente e despreza o conhecimento só se candidata a estadista por não saber o que é isso. Lula será apenas outra má lembrança destes tempos estranhos.*

Um dos leitores do *blog* de Augusto Nunes, ao ler o referido *post* fez este comentário: *O fato de ele se vangloriar da ignorância é só um aspecto do problema, não tão importante ante outros, que são notórios: a conivência com a corrupção, o patrocínio da roubalheira, o cinismo da mentira, a aproximação com o que há de pior na política brasileira, a incompetência, a preferência por ditadores e tiranos.*

Peço-lhe mil desculpas, caro leitor, por não fazer mais nenhum acréscimo...

cobrão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto: *còbrão*. Como ninguém diz “côbra” nem “cobrinha” (com **o** fechado), não dá para entender por que muita gente diz *cobrão*, com o primeiro **o** fechado. Por isso, repita comigo: *Ademir da Guia era um **cobrão***. (Há novidade nisso?)

pantera negra

Não se trata de uma espécie diferente de animal. Trata-se apenas de uma pantera que, por ter excesso de melanina, apresenta a pelagem totalmente negra. Por isso, não há nenhuma necessidade de se usar o hífen aqui. Um dicionário por aí, todavia, registra "pantera-negra". (Na edição reduzida, retiraram o verbete.)

Se "caso" eu não puder ir, irá meu filho

"Se caso" é má combinação, já que se trata de duas conjunções. Repare que, num conhecido samba, imortalizado por Elza Soares, todos cantamos assim: *Se* **acaso** *você chegasse e no meu barracão encontrasse aquela mulher que me deixou...*

de somenos importância

Assim como não existe "menas", também não existe "somenas". Recentemente, porém, um presidente de tribunal, numa entrevista pela televisão, afirmou com toda a segurança que o problema da morosidade na justiça é de "somenas" importância.

O que, então, é **realmente** importante?

nomes das horas

Os nomes das horas exigem o artigo: *Trabalho d***as** *8h* **às** *18h*. (E não: *Trabalho "de" 8h às 18h*.) *** *Cheguei por volta d***a** *meia-noite*. (E não: *Cheguei por volta "de" meia-noite"*.) *** *As lojas, aqui, abrem a partir d***as** *9h*. *** *Esperei-a desde* **as** *duas horas*. *** *Antes d***o** *meio-dia estarei lá*. *** *D***a** *zero hora aos trinta minutos, passamos muito frio lá*. *** *Telefone-me por volta d***o** *meio-dia!* *** *Estarei de volta entre* **as** *duas e* **as** *três horas*. *** *Só a encontrei depois d***a** *uma da madrugada*.

É justamente esse artigo que justifica o uso do acento da crase em: *Voltei* **à***s nove horas*. *** *Cheguei* **à***s 15h*.

Se não houvesse o artigo, frases que tais dispensariam o acento grave, porque não haveria a ocorrência de crase.

Por isso, quem usa o acento grave aí, e não usa o artigo nas frases como as que se viram acima, não sabe nem mesmo por que acentua o **à** ou **às**.

Alguns jornalistas acham exagero exigir o uso do artigo antes dos nomes

das horas.

O valor ou a importância das coisas, para esses, certamente, se mede pelo seu tamanho.

Na mídia, volta e meia aparecem frases assim: *Morre Joel, campeão mundial em 1958: o corpo será velado a partir "de" 19h30 na sede da Gávea. *** Entre "10h40" da manhã e "21h20" da quinta-feira passada, Paulo Maluf fez um programa diferente dos que costuma cumprir em suas férias anuais em Paris. *** Uma estudante foi morta com várias facadas por volta "de" meia-noite, logo após chegar ao prédio com um homem que seria o seu namorado. *** Voltou a chover forte no centro de São Paulo, por volta "de" 17 horas.*

Veja, agora, caro leitor, o exemplo que encontramos no verbete **bacurau**, acepção 5, em alguns dicionários por aí: *ônibus que circula entre "uma" e "seis" horas da manhã*.

Estamos bem de dicionários?

"às" 0 hora

Isto é construção de gente escolarizada? Pois o jornalista de um famoso provedor escreveu: *Horário de verão começa "às" 0h deste domingo; adiante o relógio*.

Estamos bem de jornalistas?

cor-de-rosa

Não varia: *camisas* cor-de-rosa, *meias* cor-de-rosa, *fitas* cor-de-rosa, etc. Se se usar apenas *rosa*, também não haverá variação: *camisas rosa, meias rosa, fitas rosa*, etc. Mas saiu assim uma manchete de uma folha de S. Paulo: **México lança táxis "rosas" exclusivo para mulheres**.

Estamos bem de jornalistas?

operários "padrões"

Não, não existem operários "padrões". Não varia substantivo que faz as vezes de adjetivo: *operários padrão, contas fantasma, eleitores laranja, gols relâmpago, revelações bomba, fiscalizações surpresa, elementos chave, passeatas monstro*, etc. *Pirata* não entra nessa lista, porque também se

classifica como autêntico adjetivo. Portanto: *fitas piratas, produtos piratas*, etc.

lateral-direit**a**

É a palavra rigorosamente correta, a par de *lateral-esquerd***a**, em referência ao atleta que atua nessas posições. O futebol, na verdade, possui *lateral-direita*, e não "lateral direito" (sem hífen). Por isso, pode-se fazer estas duas afirmações, sem nenhum medo de errar: *O maior lateral-direit***a** *do mundo foi Djalma Santos*. *O maior lateral-esquerd***a** *do mundo foi Nílton Santos*. O jornalismo esportivo brasileiro, no entanto, usa apenas "lateral-direito" e "lateral-esquerdo", e ainda ambas as palavras com hífen! Normal.

Se *lateral* e *ponta* são palavras femininas, só poderemos ter (corretamente, claro): *lateral-direita, lateral-esquerda, ponta-direita, ponta-esquerda.* Por que é que nenhum jornalista esportivo usa "ponta-direito", "ponta-esquerdo"? Ora, por quê. A resposta é óbvia.

Nos dias que correm, o *lateral* foi substituído pelo *ala*. Mas nenhum jornalista ainda teve o desplante de usar "ala-direito" nem "ala-esquerdo". Todos dizem ou escrevem direitinho: *ala-direita*, *ala-esquerda*.

O nosso futebol é pentacampeão mundial. E os nossos jornalistas esportivos?

ternos azul-marinh**o**

Concordância correta: *azul-marinho* é adjetivo invariável, assim como *azul-celeste* e *furta-cor*. Portanto, também corretas são estas concordâncias: *meias azul-celeste, tecidos furta-cor*.

eu "sube" – eu "trusse"

Há pessoas que substituem, na fala, *soube* por "sube" e *trouxe* por "trusse": *Eu "sube" disso ontem.* *** *Eu não "trusse" dinheiro*. São elegantes?

"de sábado"

Quando algo se repete, nos dias da semana, usamos o nome do dia no plural, antecedido da preposição *a*: **Aos sábados** *não há expediente.* *** **Às**

segundas-feiras *tenho aula de Português. **** **Aos domingos** *não saio de casa.*

Quem, na década de 1960, não cantou, pelo menos uma vez, aquela bela canção americana *Never on Sunday*? Ou seja: *Nunca* **aos domingos**.

Há pessoas, no entanto, que se sentem melhor cantando "Nunca de domingo"... Assim como há os que se sentem melhor falando em "lateral direito" e "lateral esquerdo". Paciência!

tipo

Quando se vai classificar alguma coisa em vários itens, usa-se a palavra *tipo* no plural, mas seu complemento fica no singular ou no plural, indiferentemente. Ex.: *São seis os tipos de* **pronome** ou *São seis os tipos de* **pronomes**. Da mesma forma, se essa palavra não aparece: *São dois os gêneros do* **substantivo** ou *São dois os gêneros dos* **substantivos**.

O *Titanic* "afundou"

O *Titanic* em verdade **se** *afundou* logo na viagem inaugural, quando se dirigia da Inglaterra para os Estados Unidos, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, depois de chocar-se com um *iceberg*.

Há uma diferença abissal entre *afundar* (= ir ao fundo) e *afundar-se* (= ir a pique, naufragar). Um mergulhador ou um submarino *afunda* e logo emerge. Muito diferente é um submarino *afundar*, e outro *afundar-se*: para um, trata-se de operação meramente de rotina; para outro, nem tanto...

Golfinhos, baleias e jacarés *afundam* e logo voltam à tona.

Há dicionários que confundem *afundar* com *afundar-se*. Não chega a causar AQUELA surpresa nem AQUELE espanto...

sogros (como se pronuncia?)

Dois homens são *sogros* (ô); um sogro e uma sogra, porém, são *sogros* (ó). Assim, só deve alguém dizer: *Meus sogros (ó) chegaram*. Suponhamos, no entanto, uma festa de que só podem participar homens que sejam *sogros* (ô). Neste caso, só cabe a pronúncia com timbre fechado.

jogo de “pimbolim”

O jogo que se faz com 22 bonecos numa caixa de madeira, imitantes a jogadores de futebol, é o *pebolim*.

Um famoso treinador, porém, depois de uma grande vitória do Palmeiras sobre o São Paulo (4 x 2), quando tudo indicava fácil triunfo são-paulino, talvez empolgado pelo placar elástico, que teve até gol de chapéu (Alex), declarou solenemente que futebol não é jogo de “pimbolim”.

Isso não existe. Nem em Luxemburgo...

gêiser (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *jêizer*, embora muitos narradores de documentários pela televisão digam “gáizer”, que corresponde ao inglês *geyser*. *Gêiser* é o nome que se dá à fonte termal de origem vulcânica que flui de forma intermitente.

semi-

Este prefixo passou a exigir hífen apenas antes de *i* ou de *h*, depois da reforma: *semi-intensivo, semi-herbáceo*. Portanto, escrevemos agora: *semirreta, semissintético*, etc. Não há hífen em nenhum outro caso. Os revendedores de veículos novos têm geralmente um setor de carros usados, que eles tratam por “semi-novos”. A partida que antecede a final de uma competição não é *semifinal*. Para os jornalistas esportivos, trata-se de “semi-final”. Eles sabem muito!...

mini-

Este elemento passou a exigir hífen também apenas antes de *i* ou de *h*. Portanto, grafamos agora: *minissaia, minissérie, minisselo, minirrestaurante, minirrevólver*, mas: *mini-irrigação*, *mini-hotel*, etc.

Frase de um jornalista esportivo: *O jogador ficará na reserva no “mini-coletivo” da seleção.*

E saber que, mesmo antes da reforma ortográfica, *mini-* NUNCA exigiu hífen antes de **c**! O mundo esportivo no Brasil anda um bocado chato já faz algum tempo.

cobrelo (qual a pronúncia correta?)

Pronuncia-se *cobrêlo*. *Cobrelo* é diminutivo de *cobra* e também nome de uma doença de pele, à qual o povo chama *cobreiro*, por julgar que provém de cobra que passou por sobre a roupa posta a secar.

Quem nasce no Acre é...

Na verdade, *acr***i***ano*: é a vogal *i* que se usa neste caso, com queda da vogal final **e**. Repare: *Açores/açor***i***ano, Goethe/goeth***i***ano, Iraque/iraqu***i***ano, raque/raqu***i***ano*, etc.

Houve (ou ainda está havendo) uma indignação muito grande dos *acrianos* acerca da mudança da grafia de seu pátrio. Ora, o que é, é; se houve um erro no passado, temos de persistir nele, só porque já estavam acostumados com a grafia antiga? Ora! Se é para voltar à escrita antiga, então que retornemos a *pharmacia,* a *Josephina,* a *Goyaz, etc.*

Assim, os que nascem em Várzea (PB e RN), em Várzea da Palma (MG), em Várzea do Poço (BA) e em Várzea da Roça (BA) não são “varzeanos”, mas rigorosamente *varzianos*. Se seus habitantes não ficarem satisfeitos, não adiantará reclamar: a língua não tem orelhas e é imune a manifestações, passeatas, protestos, apitaços e quejandos...

Incoerências gráficas no VOLP

Há várias incoerências gráficas em nosso léxico. Os luminares da Academia Brasileira de Letras têm de nos explicar, por exemplo, por que não se registram as formas legítimas *carcassa, cassarola, chererém, corsel, gengibirra, harpão, liaça* e *miçanga,* que, pelos seus étimos, jamais poderiam ser grafadas como estão no VOLP. E por que *enga***z***opar*, se se trata de derivada de *gá***s**? E por que *card***e***al*, se a palavra nos vem do latim *card***i***nalis*? Onde foram achar esse **e**? E por que **chu***pim*, se a palavra nos vem do tupi *x***o***'pi*? E por que **ch***ute*, se o grupo *sh* do inglês se representa com x em português (*xampu*, *xerife*, etc.)? Não seria um verdadeiro *chute*?

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis e outros intelectuais contemporâneos seus para — precipuamente — cuidar da língua portuguesa. Sendo assim, a entidade tem de nos explicar por que, por exemplo, só admite as formas *eng***u***limos* e *eng***u***lis*, do presente do

indicativo, se o verbo é *eng***o***lir*. Tem de explicar por que agasalha a forma *estripulia* (forma incabível em Portugal, em que só se usa *estrepolia*). Tem de explicar por que *estr***u***pício*, se o étimo é *str***o***ppicio* (italiano) e em Portugal só se tem corretamente *estr***o***pício*. Tem de explicar por que acolhe a forma *mezanino*, se os *zz* italianos (*mezzanino*) dão necessariamente *c* ou *ç* em português. A coerência e a história nos levam a apenas uma grafia: *meçanino*. Tem de explicar por que abona *e***x***tensão* a par de *e***s***tender*, se são palavras da mesma família.

Por que a Academia nos faz escrever *perôn***i***o*, se o étimo é o grego *peron***e**, através do latim *peron***e***us*? Por que fazer conviverem *perôn***i***o* e *peron***e***al*? Por que *s***u***stenido*, se o étimo, seja o espanhol *s***o***stenido*, seja o italiano *s***o***stenuto*, só nos leva a grafar com **o** na primeira sílaba? Por que a Academia prefere a grafia *acríd***e***o* a *acríd***i***o* (a oficial em Portugal), se a palavra provém do grego *akrid***i***on*, diminutivo de *akris* = gafanhoto? Por que a Academia registra *xucro*, se a palavra tem por étimo *chucre,* que, em espanhol, significa *recém-chegado* e, como tal, *ignorante das coisas americanas*?

Esperamos ainda da Academia Brasileira de Letras uma solução para o caso dos nomes próprios, alguns de origem indígena, como *Mossoró* e *Sergipe*, e outros de origens as mais diversas, como *Gibraltar*, que deveriam, todos três, de acordo com seus étimos, ser grafados, respectivamente, *Moçoró, Serjipe* e *Jibraltar*.

A Academia Brasileira de Letras precisa, enfim, começar a atuar como a Academia Francesa, por exemplo, que produz o *Dicionário*, uma obra séria, o árbitro oficial da língua francesa. Afinal, já temos mais de quinhentos anos! Não está na hora de criarmos juízo?

EM TEMPO – Sobre a Academia Brasileira de Letras, eis o que trouxe uma revista semanal de informação, na ed. 1.715, pág. 144: *Há muito tempo, a Academia Brasileira de Letras não produz nada de relevância cultural. Gera, no máximo, algumas fofocas curiosas. E, mesmo assim, só de vez em quando.* Como se vê, muito longe dos princípios que nortearam Machado de Assis a fundá-la.

Foi essa mesma Academia que teve a pachorra de publicar um *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP) todo cheio de erros e equívocos, que mudou a ortografia de muitas palavras (*veredito*, entre elas) e também o verdadeiro gênero de muitas palavras (*lhama* e *bebê*, por

exemplo). Como seguir um vocabulário desses, sem se sentir um paspalho?

piorar “mais” / piorar “ainda mais”

Visíveis redundâncias, porém, muito cometidas nos dias que correm, principalmente por repórteres. Eis um exemplo: *Em São Paulo, 66% da população considera o trânsito da cidade ruim e 67% acreditam que a situação vai piorar ainda “mais”.*

Numa revista: *Empresas e prestadores de serviço fazem malabarismos para evitar que a situação piore “ainda mais”.*

Nos dois casos, bastaria encerrar a frase em *piorar/piore*.

adiar “para depois”

Nem é preciso comentar: trata-se de uma redundância cabeluda. Há, porém, variantes. Repare nesta frase de um economista, escrita num periódico: *Crédito, ou confiança, que um estabelecimento dispensa ao consumidor permite adiar o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade posterior”.*

Mais curioso ainda seria se um estabelecimento adiasse o cumprimento de uma obrigação “para uma oportunidade anterior”...

melhorar “mais”

Redundância explosiva, como as anteriores. Semelhante a “cair para baixo”. Ou seja, coisa de “demente mental”... O governo federal, no entanto, cometeu-a. Em 1996, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, um de seus anúncios pela televisão comunicava uma melhora para todos os brasileiros. Então, se lia na tela: *Para uns, “melhorou mais”, para outros “melhorou menos”, mas que melhorou, melhorou.*

Naturalmente, o razoável seria que lêssemos de outra forma. Assim, por exemplo: *Para uns, melhorou* **muito**, *para outros melhorou* **pouco**, *mas que melhorou, melhorou.*

apedrejar “com pedras”

Visível redundância. Quem apedreja não usa pedras? Ou usa chicote? Mas

está na Bíblia, Deuteronômio 21: *Então, todos os homens da sua cidade o apedrejarão "com pedras", até que morra; e tirarás o mal do meio de ti, para que todo o Israel o ouça e tema.*

Creio, porém, que pior redundância que o apedrejamento "com pedras", foi a que cometeu um estudante que participou do ENEM, ao escrever: *Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais uns aos outros*.

Depois desse sábio conselho é que a gente compreende melhor a frase popular *De boas intenções, todo cemitério está cheio*.

Houve ainda outro, que escreveu: *Precisamos de menos desmatamentos e mais florestas arborizadas*. Também concordo: de florestas não arborizadas, basta o Saara...

Outro exemplo de redundância, digno de não ser esquecido, por sua retumbância, é este, de outro participante do ENEM: *O que é de interesse coletivo de todos nem sempre interessa a ninguém individualmente*.

Concordo...

palavrão "de baixo calão"

Nova redundância, esta ouvida num telejornal. Ora, todo palavrão é um termo de baixo calão. Ou não?

hieróglifo ou hieroglifo?

As duas prosódias são boas.

ileso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente com **e** aberto (*iléso*), mas no Brasil só se ouve com **e** fechado (*ilêso*). Diz-se rigorosamente o mesmo de *obeso*.

obsoleto (como se pronuncia corretamente?)

Em Portugal se pronuncia com **e** aberto; no Brasil, com **e** fechado. Ocorre aqui, contudo, uma incoerência por parte dos brasileiros. Todos pronunciamos com **e** aberto palavras com a mesma terminação de: *Beto, completo, concreto, dileto, discreto, feto, neto, quieto, repleto, reto, secreto, seleto, teto*, etc. Por que, então, pronunciamos *obsolêto*? Ninguém sabe.

ir para

Quem vai **para** algum lugar, vai para ficar ou demorar bastante; quem vai passear ou mesmo trabalhar às pressas e tenciona regressar brevemente, vai **a**. Portanto: *Vou* **a** *Santos todos os fins de semana.*** Nas férias irei* **a** *Madri. *** Vou* **a** *Fortaleza, mas voltarei amanhã.*
**** Faz dez anos que Bernadete foi* **para** *Lajes. Depois disso nunca mais a vi. *** Querida, escolhi nossa futura cidade: iremos* **para** *Teresópolis!* Assim, não se usa com propriedade, por exemplo, a preposição **para** em frases assim: *vou "para" a praia, vou "para" a piscina, vou "para" o clube*. A não ser que a intenção seja morar ali definitivamente, o que não parece coisa razoável.

Num jornal se leu recentemente: *Para ver uma rena ao vivo, só indo "para" o polo Norte ou "para" a Eurásia (a parte superior da Europa), seu ambiente natural.*

Nem tanto...

Noutro jornal: *Uma empresária foi vítima de assalto e acabou baleada no braço quando levava três filhas "para" a escola.*

Quer dizer que as filhas ficaram lá na escola para sempre? Nunca mais voltaram para casa?!...

dar à luz uma criança

É assim que se constrói o verbo *dar* nesta expressão. Eis mais exemplos: *Minha vizinha deu à luz gêmeos.* (E não: *Minha vizinha deu "a" luz "a" gêmeos.) *** A elefanta deu à luz um macho.* (E não: *A elefanta deu "a" luz "a" um macho.)*

Num jornal: *Cigarra consegue dar à luz "a" mais de 300 filhotes.* (E muitos pensaram que o verdadeiro exagero estava nos 300...)

coleta (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre *coléta*: *a col***e***ta de lixo, a col***e***ta de sangue, a col***e***ta de donativos*, etc.

nucleico e proteico (como se pronunciam?)

Em Portugal, pronuncia-se com o ***e*** fechado, mas no Brasil se dá preferência à pronúncia com tal vogal aberta. Portanto: *ácido nucléico*, *carga protéica*. Os biólogos e nutricionistas brasileiros, no entanto, adoram dizer *nuclêico* e *protêico*. Qualquer dia destes ainda começarão a dizer "diarreico", "piorreico", "seborreico". É só uma questão de tempo.

assim como / bem como

Quando entre os sujeitos houver a expressão *assim como* ou *bem como*, o verbo concordará sempre com o primeiro sujeito: **Eu**, *assim como vocês,* **sou brasileiro**. *** **Vocês**, *bem como eu,* **são brasileiros**. *** **O Brasil**, *bem como todos os países sul-americanos,* **é pobre**. *** **O homem**, *assim como todos os seres humanos,* **é mortal**. *** **Nós**, *assim como elas,* **chegaremos** *a um acordo*. *** **Elas**, *bem como nós,* **chegarão** *a um acordo.*

De um jornalista: *A partir de agora, a publicação de livros, revistas, jornais e panfletos, bem como sua importação e comercialização, "dependerão" de autorização prévia das autoridades.*

berinjela ou beringela?

O VOLP traz apenas a primeira forma, mas a etimologicamente correta é a segunda. Um dicionarista registra a forma *beringela* como correta, fato que tem um lado positivo e um negativo. O positivo fica por conta da iniciativa corajosa, digna de um autêntico dicionarista; o negativo fica por conta da confusão em que a iniciativa pode meter alunos, que já não saberão como escrever a palavra corretamente; e professores, que não poderão corrigir nem uma nem outra forma de seus alunos, já que campeia a bagunça, a desordem, o caos em relação à palavra.

Movido pelo legalismo e sempre levado pelo rigoroso senso de disciplina, que nos norteia, nossa posição é de defesa da forma *berinjela,* até que os luminares da Academia Brasileira de Letras se prontifiquem a registrar a outra forma, mais consentânea com a etimologia. Os acadêmicos se basearam no espanhol *berenjena* para fixar a grafia da nossa palavra, mas se esqueceram do persa (*badingan*) e das demais línguas latinas, com exceção do espanhol, que só a registram com *g*, caso do catalão *alberginia* e do francês *aubergine*.

O que me surpreende, todavia, no dicionarista que dá preferência à forma *beringela* é o fato de não proceder da mesma forma em relação a outras palavras, cujo étimo leva à escrita diferente daquela registrada no VOLP. *Carcaça*, por exemplo. A palavra, em rigor, se levado em conta o seu étimo, só poderia ser escrita com *ss: carcassa*. Nada nos faz escrever com *ç*, a não ser o registro oficial. Por que, então, o dicionarista não mudou também a grafia da palavra?

Por que não mudou a grafia de *arpão* para *harpão*?

Por que não mudou a grafia de *caçarola* para *cassarola*?

Por que insiste em dar registro correto a *Cingapura*, se tudo nos leva a grafar corretamente *Singapura* (o mundo todo escreve com
S inicial)?

Por que não fez constar em seu dicionário a grafia *corsel*?

Por que não mudou a grafia de *giz* para *gis*, já que o étimo só nos leva a esta forma?

São perguntas que, infelizmente, não podem ter resposta, uma vez que o autor já não está entre nós.

malograr

É verbo pronominal, no sentido de fracassar, gorar, por isso não deve aparecer sem o pronome oblíquo: *Os esforços para a paz* **malograram-se.** *** *Os planos do governo para erradicar a fome* **malograram-se**.

Escreve um jornalista carioca sediado em Brasília: *Funcionalismo público promete greve geral para amanhã, mas parece que vai "malograr".*

No editorial de um jornal: *Esse plano, como se vê, tem tudo para "malograr". Por isso, se a realidade da educação básica já é trágica, ela poderá piorar "ainda mais" se Lula não mandar seu ministro da Educação deixar de lado a demagogia e preparar um novo plano mais realista e compatível com a realidade financeira do Estado.*

Será que tudo mesmo vai *piorar*?...

bastidores

É palavra só usada no plural (lado íntimo ou curioso, pouco sabido do público): *os bastidores da política, os bastidores das emissoras de televisão.*

Dia desses, uma repórter começou seu trabalho assim: *Comenta-se "no bastidor" que*... Repórter que já começa dando notícia dessa forma não deve conhecer nada do que acontece nos *bastidores*.

Outra repórter nos informava que "no bastidor" já se sabia que o ministro dos Transportes não seria exonerado pelo presidente. Na verdade, nenhuma conhece o trabalho de *bastidores*...

história / estória

Urge estabelecer a distinção entre *história* e *estória*, como já fizeram João Ribeiro, Câmara Cascudo e tantos outros insignes brasileiros. Guimarães Rosa, um de nossos mais revolucionários e notáveis escritores, escreveu *Primeiras estórias* (contos, 1962). Todos eles teriam cometido equívoco? Todos teriam vacilado? A distinção entre as formas *história* e *estória* é uma questão de bom senso, e não propriamente de etimologia, de ciência.

A forma *estória* nos vem do inglês *story*, trata-se em verdade de um estrangeirismo como outro qualquer e merece, sim, toda a consideração. Ou você também é avesso aos estrangeirismos? Se for, não se envolva com informática! Se for, não se meta com futebol nem muito menos com esportes radicais! Se preferir ser ranzinza, ranheta, você vai acabar ficando confinado numa jaula linguística. Não vale a pena: a vida é curta!

Ademais, *estória* não é só um anglicismo, senão uma forma arcaica do próprio português. João Ribeiro, o gramático, em 1919 já admitia o seu emprego, a par de *história*. Foi ele quem sugeriu o emprego da palavra, na acepção de balela, lorota, conversa mole, ou na acepção de ficção: *Não me venha com estórias! *** Ladrão, em frente de juiz ou de delegado, gosta mesmo é de contar estória*. Câmara Cascudo, um grande brasileiro, acatou-lhe a sugestão, além de tantos outros insignes escritores nacionais.

História é ciência, é o que jamais se inventa; é o que existe ou o que existiu como fato; é fato comprovado por documentos. Sendo assim, *estórias* jamais ganharão o *status* de *histórias*. Nenhuma *estória* faz *história*; vira conto, narrativa. Mas a *história* propicia muitas *estórias* engraçadas. Houve já um autor nacional que resolveu contar-nos passagens dos bastidores da nossa história. Intitulou a obra desta forma: *Estórias da nossa história*. Perfeito.

Repare ainda nestas frases, em que só cabe mesmo o emprego de *estória*,

aqui equivalente de *complicação*: *Deus me livre de estória com a polícia! Não há uma pessoa na cidade que queira estória com essa gente*. É bem verdade que muitos de nossos escritores, principalmente os regionalistas, relutaram em usar *estória* e, na dúvida, empregavam mesmo *história*, para não criarem polêmica.

É mais do que sabido que a única grafia cientificamente defensável, no português, é *história*. Não é esse, porém, o ponto que se discute. Se as maiores autoridades em lexicografia latina já registravam *história* por "causo" ou por *conversa fiada*, é hora de estabelecermos a distinção, para maior clareza da comunicação, por bom senso (que não faz ciência, mas é virtude sempre indispensável). Um ladrão ou um bandido, à frente de um juiz, nunca jamais contará a *história*; preocupar-se-á com *estórias*, porque a verdade conspira contra ele.

O *Dicionário do folclore brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, traz a forma *estória*, além da informação de que em Portugal o conde de Sabugosa, no prefácio de *Damas de tempos idos*, propõe a forma que tanta abominação causa a certos autores e escritores brasileiros, muitos deles caturras por excelência.

Caldas Aulete registra a forma *estória*, além de outros lexicógrafos de nomeada. Nós estabelecemos a diferença e fazemos questão de nos nortear por ela. O leitor que dela não se convencer estará livre para encerrar-se definitivamente na *história*, quando contarem "causos": não ofende a língua, mas agride firmemente o bom senso!

Por falar em "causo" e só por mor de ilustração, eis um interessante, que talvez o ajude, caro leitor, a decidir por esta ou aquela forma, conforme sua consciência:

Numa cidadezinha do interior, dois compadres conversavam aproveitando o clarão da Lua. Cadeira na calçada, pito na boca e o costumeiro pijama listrado. Aí, um compadre diz pro outro:

— Conta uma daquelas **estórias** suas, *cumpade*! A Lua *tá* tão boazinha, *tá memo* pra gente *proseá*. Como foi *memo* sua *viage* à Bahia? Deu tudo certo?

Vendo que não podia fugir do papo, o compadre respondeu:

— Que certo, que nada, *cumpade*, quase que eu morro!

Aparteando com um *Num diga!*, o compadre viu logo que ia sair ***estória***. Encostou mais a cadeira, e o outro foi narrando sua aventura.

— Quando o desgraçado do navio ia se aproximando da costa da Bahia,

cumpade, não é que foi *batê* logo numa pedra e arromba todo o casco? E haja água pra *entrá* por tudo quanto era buraco!

O compadre, cada vez mais interessado pela **estória**, procurando ajudar o outro, ajuntou:

— E *vosmecê*, *cumpade*, que nunca nadou nem *memo* em riacho daqui, que tem somente uns *parmo* de fundura, hem?

E o outro prosseguiu:

— Mas na hora da morte, *cumpade*, a gente é capaz de tudo! Quando vi o aguaceiro *entrá* porta adentro do meu quarto do navio, subindo *parmo* a *parmo* numa ligeireza danada, e a porta depois *fechá* com o ferrolho emperrado, tive uma ideia pai-d'égua.

— Conta, conta, *cumpade* — acudiu o outro, cada vez mais interessado.

— Então, abri aquela portinha redonda de vidro que fica no quarto pra gente *oiá* o mar; tirei toda a roupa, peguei minha latinha de vaselina, besuntei todo o corpo e... tchibung! caí no mar e *taquei* a *nadá* em direção a terra.

— Nadando *memo*, *cumpade*? — aparteou o outro.

— Nadando que nem um cão, guiado por umas *luizinha* que *piscava* lá longe. Mas isso *num* é tudo! O *pió* é que quando eu *tava* meio caminho andado, já perto da terra, não é que me vi cercado de tubarão por tudo quanto é canto, cada um querendo me *ganhá* primeiro, *cumpade*, e por baixo!!!

— Ixe, nossa mãe!

— Aí, *cumpade*, *num* tive dúvida, saquei da minha *pexera* e fui degolando de um em um.

— Mas como, *cumpade*?! — atalhou o outro. — *Vosmecê num* disse que tinha saído do navio nuzinho em pelo?

A essa altura, o compadre estourou:

— Basta, *cumpade*, basta! Já vi que *vosmecê num tá* querendo *memo* ouvi **estória**.

E retirou-se, zangado.

Há muita gente séria por aí que só gosta de ouvir *histórias* desse tipo...

Um time pode perder "do" outro?

Não, um time *ganha* **do** outro, mas *perde* **para** o outro: *Faz tempo que o*

Flamengo ganha **do** *Vasco da Gama. *** Faz tempo que o Flamengo não perde* **para** *o Vasco. *** O Corinthians andava ganhando de todo o mundo. *** O Palmeiras perdeu até* **para** *o ASA, de Arapiraca!*

acordo entre “Brasil” e “Argentina”

É comum nossos jornais trazerem manchetes assim, ou seja, sem o artigo antes de nomes que o exigem. Ora, alguém mora “em” Brasil ou “em” Argentina?

Veja este exemplo, naturalmente de um jornalista: *“França” e “Brasil” se aproximam ainda mais graças a encontro entre representantes dos dois países.*

Você, caro leitor, por acaso, já visitou “França”? Conhece “França”? Mora “em” Brasil? Vive “em” Brasil? Trabalha “em” Brasil? Já viajou “por” Brasil?

Numa revista: *A história das relações entre “Brasil” e “Argentina” obedece a um princípio básico: toda vez que a economia de um deles atinge velocidade superior à do outro, surgem atritos diplomáticos.*

Uma das nossas revistas semanais de informação fez, certa feita, uma entrevista com o senador Pedro Simon. Lá pelas tantas, pergunta o repórter:

— *O senhor acha que os paulistas são arrogantes?*

— *Não. É que São Paulo está muito à frente. Tem de fazer um esforço muito grande para conversar com o resto do Brasil. É como os Estados Unidos dialogando com “Bolívia”, “Equador” ou Uganda.*

Repare no uso escorreito do artigo antes de *Estados Unidos* e de *Brasil.* Mas... por que diabo o senador o omitiu antes de *Bolívia* e *Equador*?

É um mistério!

Nomes de clube também exigem o artigo?

Também: **o** *Flamengo,* **o** *Corinthians,* **a** *Portuguesa,* **o** *Atlético,* **o** *Cruzeiro,* **o** *Grêmio,* **o** *Internacional,* **o** *Palmeiras,* **o** *ASA...*

Quando, porém, a referência é a um jogo, a omissão do artigo é também correta: *Palmeiras e Corinthians sempre foi um jogo emocionante. *** A tabela marca Vasco e Flamengo no Maracanã.*

olhinhos, ossinhos, ovinhos (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto.

taça Libertadores "de" América

Em português não existe isso, mas alguns de nossos jornalistas e narradores esportivos abusam da expressão. Em espanhol, sim, é que a palavra *América* dispensa o artigo; os povos de língua espanhola estão, portanto, corretos em usar a expressão daquela forma. Nós, brasileiros, não. Que brasileiro diria que Colombo foi o descobridor *"de"* América?

campeonato mundial "interclubes"

A palavra *interclube* é malformada, já que o prefixo *inter-* se apõe a adjetivo, e não a substantivo. Assim, deveríamos ter em seu lugar *interclubista*, que ninguém usa, mesmo porque não existe no seio da língua. Em razão dessa má formação, os jornalistas esportivos usam a palavra por *entre clubes*, daí resultando uma concordância extraterrena: um adjetivo no plural modificando uma expressão no singular.

Olimpíadas

Os jogos olímpicos modernos se denominam *Olimpíadas* (sempre no plural). A *Olimpíada* (no singular) faz parte do tempo do Onça: eram jogos disputados antes de Cristo. Apesar disso, a mídia brasileira continua insistindo em usar o singular. Estaria ela no tempo do Onça?

A revista *Época*, ed. 593, estampou na capa: *"A Olimpíada" no Brasil*. Cada um dá o que tem. O curioso é que, no miolo da revista, na matéria, os jornalistas têm um repente de salubridade e usam apenas: *as Olimpíadas*.

Num jornal: *São Paulo e Rio de Janeiro acirram disputa "pela Olimpíada" de 2016.*

A manchete seria mais palatável se estivesse rigorosamente assim: *São Paulo e* **o** *Rio de Janeiro acirram disputa pel***as Olimpíadas**

de 2016.

A vida, no entanto, nunca é como a gente quer...

massivo

Em rigor, não deveria existir tal palavra em nossa língua. Quem a usa está, na verdade, empregando uma adaptação do vocábulo da língua inglesa *massive*. Em português existe *maciço*, vocábulo que, aliás, deveria ser grafado de outra forma: *massiço*, já que é derivado de *massa*. O VOLP, todavia, prega-nos mais essa peça.

Num jornal: *Documento confirma que Iraque não possuía armas de destruição "massiva"*.

Noutro jornal: *Ataque "massivo" dos Estados Unidos ao Iraque*.

O que se vê, na verdade, cotidianamente, é um ataque **maciço** à língua...

crianças "prodígias"

Prodígio (extraordinariamente talentoso) é uma palavra que, usada como adjetivo, não varia: *Madame de Staël foi uma menina* **prodígio**. *** *Essa escola está cheia de alunas* **prodígio**. *** *Joana Maranhão, garota* **prodígio** *de 16 anos, ganha medalha e vai às Olimpíadas*.

Existem até os que usam para animais: *cachorros* **prodígio**, *cavalos* **prodígio**, etc. Note: além de não variar, também sempre sem hífen.

Numa emissora de televisão, num desses programas de fofocas, a apresentadora, ao falar sobre o excepcional papel desempenhado por uma menina em certa novela, afirmou: *Muitas crianças já foram consideradas "prodígias" na TV*.

A autora da pérola, certamente, nunca esteve entre elas...

Ele só fala "dele" mesmo

Em português, os pronomes da terceira pessoa que indicam reflexibilidade são *se, si* e *consigo*. Assim, ninguém fala "dele" mesmo, nem faz elogio a "ele" mesmo, mas fala de *si* mesmo, faz elogio a *si* mesmo: *Os árabes brigam entre* **si** *mesmos.* *** *As mulheres se enfeitam para* **si** *mesmas.* *** *Ele só fala* de **si** *mesmo.* *** *Ela só gosta* de **si** *mesma.* *** *Eles só falam* de **si** *mesmos.* *** *Elas só gostam* de **si** *mesmas.* *** *Ele só se interessa* por **si** *mesmo.* *** *Ela só se esforça* por **si** *mesma.* *** *Eles só respondem* por **si** *mesmos.* *** *Elas só se responsabilizam* por **si** *mesmas.* *** *O ministro fez*

um elogio a **si** *mesmo.*

Declaração de um zagueiro do Palmeiras: *No ano passado, o Palmeiras perdeu pra "ele" mesmo.* Com um zagueiro desses, o Palmeiras tinha mesmo de perder para **si** mesmo...

Agora é a vez dos jornalistas: *O nosso planeta, a Terra, gira em volta "dele" mesmo. *** Deputados trabalham para "eles" mesmos. *** Quem acompanha futebol conhece as brincadeiras que os jogadores costumam fazer entre "eles".*

Numa revista: *Será que não está na hora de o povo brasileiro ser fã "dele mesmo" e não cultuar tantos artistas e atletas?* Está na hora de tantas outras coisas!...

Manchete de um âncora de telejornal: *Deputados aumentam salários para "eles" mesmos.*

Se ISSO não é uma **ver-go-nha**, o que será?

"poetiza"

Qualquer aluno do sétimo ano já aprendeu que o feminino de *poeta* é *poetisa* (com *s*), já que o sufixo marcador de feminino é sempre com *s*: *-isa*. Vem alguém e me pergunta: Mas os jornalistas sabem disso? E eu respondo: Não sei. É provável que sim, é provável que não. Esta manchete de um famoso provedor do nosso poluído planeta Terra dá a resposta por si só, ao tratar da poetisa Cora Coralina: *Museu de língua portuguesa celebra os 120 anos da "poetiza"*. Só faltou escreverem "portugueza"...

a "poeta"

As mulheres sensíveis, que procuram atingir e difundir o belo em versos, são rigorosamente *poetisa*s.

Há somente um caso em que a palavra *poeta* pode ser empregada em referência a mulheres, mas só absolutamente um caso: quando se considera o todo, o universo dos poetas (homens e mulheres). Assim, por exemplo: *Cecília Meireles é* **o** *maior* **poeta** *da literatura brasileira*. Ou seja: entre todos os poetas (homens e mulheres) brasileiros, Cecília é quem se destaca, quem sobressai. Fora daí, nada!

Numa revista se leu: *Atenção para o nome de Maria Lúcia Dal Farra:*

ninguém no Brasil é melhor poeta que ela.

Alvíssaras! Certo! Absolutamente certo! Quando li, fiz um esforço danado para que a forte emoção não me dominasse por completo...

Só para firmar conhecimento, veja mais este exemplo: *Juçara é o melhor advogado da cidade*. Se afirmarmos que Juçara é *a* melhor *advogada* da cidade, os homens que exercem a mesma profissão estarão de fora, automaticamente.

Certa feita, qualificaram-se em Maceió e Natal para disputar o segundo turno duas mulheres em cada uma dessas capitais. Tanto bastou para que uma repórter anunciasse (com certo ar de regozijo de classe): *Em Maceió e Natal, "a prefeita" será obrigatoriamente uma mulher*. Não será, não! Em Maceió e Natal, **o prefeito** será obrigatoriamente uma mulher.

Noutra vez, uma revista semanal de informação trouxe na capa (ed. 1.670): **Marta Suplicy, candidata a "prefeita" em São Paulo**. Não, ela foi candidata a **prefeito**. Dois anos depois, num jornal: *Marta é a pior entre 9 prefeitos, segundo pesquisa Datafolha*. (Aliás, Marta era **o** pior entre 9 prefeitos.)

No *site* da Jovem Pan: *Marta é considerada pior "prefeita"*. (Aliás, Marta era considerada pior **prefeito**.)

O mais curioso nisso tudo é que as livrarias estão cheias de manuais de redação que se propõem "ensinar" português. De modo mambembe, naturalmente.

Escreve-me um consulente afirmando que, numa consulta a certo professor eletrônico, este afirmou que **poeta** já é substantivo comum de dois. Sem comentários. Nem mesmo o *Vocabulário Ortográfico* comete essa asneira.

Lojas Americanas

Expressão que não leva o verbo ao plural, a exemplo de *Casas Bahia, Supermercados Pão de Açúcar, Lojas Brasil, Lojas Riachuelo, Casas da Banha*, etc. Se, porém, tivéssemos um artigo antes de tais nomes, o verbo iria obrigatoriamente para o plural.

Suponhamos, então, que o nome da empresa fosse *As Lojas Americanas*. Construiríamos: *As Lojas Americanas* **abrirão** *nova filial na cidade.* Portanto: *Casas Bahia* **deseja** *a seus amigos e fregueses um feliz Natal.* ***

Lojas Riachuelo **comunica** *à praça que... *** Casas da Banha* **felicita** *os campeões. *** Tintas Coral* **muda** *de endereço.*

Para finalizar, veja que construção correta conseguiu um jornalista, nesta frase: *Com seu sistema quase intuitivo de dar crédito,* **a** *Casas Bahia* **tornou-se** *um exemplo mundial de acesso da classe C ao consumo.*

Tão raro, que é digno de parabéns.

défice / *superávit*

A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* trouxe (já estava passando da hora) o aportuguesamento do latim *deficit*, mas ainda não o de *superavit*. Ora, se já podemos grafar *défice*, por que não haveremos também de poder grafar *superávite*? É uma pergunta cuja resposta só mesmo os luminares da Academia Brasileira, responsáveis pela referida edição, poderiam dar (se é que conseguem). E por que também não aportuguesar *habitat*? Por que não grafarmos *hábita*? (São, todas essas, perguntinhas muito marotas...)

"um" mil

Uma das grandes tolices inventadas por alguém que não tinha o que fazer é essa de usar *um* antes de *mil*. Só uma cabeça muito pequena pode conceber um singular junto de um plural.

O Brasil foi descoberto em *mil e quinhentos*, e não em "um mil e quinhentos". Bombril nunca foi uma esponja de aço de "uma mil" e uma utilidades. E nenhum país, até hoje, produziu "uma mil" toneladas de aço.

Apesar da evidência, há ainda os que preenchem cheques desta forma: "um mil reais". Por receio de fraude, outros preenchem cheques assim: "hum mil reais".

Alguns até acham que é uma exigência bancária a inclusão desse malsinado "hum" antes de *mil*. Qual nada! A Lei do Cheque (7.357, de 2/9/1985) não traz nem poderia trazer a esdrúxula e inaceitável exigência.

EM TEMPO – Se usar "um mil" já é desaconselhável, que se dirá, então, dos que consideram essa expressão como de plural? Pois é assim que consideram os nossos jornalistas. Um deles nem se sentiu envergonhado, ao escrever isto: *"Dos 1 mil" entrevistados, só 14% são contra a investigação contra Temer*. Isto é que é jornalismo

de primeira!...

um milhão

É preciso não fazer confusão: *milhão, bilhão, trilhão,* etc. são nomes coletivos e de número singular. Sendo assim, ao contrário de *mil* (que é numeral), aceitam o *um*. Não há nenhuma grande novidade nisso.

Certa vez, ouvimos de uma repórter de televisão: *Eu e "todos os outros um milhão" e duzentos mil mutuários do Sistema Financeiro de Habitação pagaremos maior prestação da casa própria.*

Que pérola! Se *um* é singular, como aceitar "outros"?

Por falar em um singular, eis mais uma frase, agora de um jornalista especializado em automóvel: *Com a queda e consequente estabilização do dólar na casa "dos" R$ 1,70, as principais marcas que atuam no setor de automóveis importados comemoraram bons resultados em termos de volume em 2009, ano em que esse segmento atingiu 2% de participação no mercado nacional.*

Não consigo entender qual a equação matemática em que 1 é plural. Gostaria muito de aprender isso. Mas ainda não fiz esse curso. Lamentavelmente...

Um milhão de pessoas morreu nessa guerra

Frase corretíssima. *Milhão*, como vimos no caso anterior, não é palavra de plural; trata-se de nome coletivo, assim como *exército, turma, bando,* etc., palavras que exigem o verbo no singular, embora deem ideia de vários ou de muitos seres. Note, ainda, que *milhão* se faz acompanhar de *um*. E *um*, neste mundo que Deus criou, é e sempre será de singular. A menos que os extraterrestres cheguem a qualquer momento e nos mostrem que não é bem assim...

Enquanto eles não chegam, sejamos ao menos razoáveis! Construamos apenas: *Um milhão de reais* **foi gasto** *à toa nessa obra.* *** *Um bilhão de pessoas* **vive** *na Índia.* *** *Um trilhão de dólares* **é** *o* défice *dos Estados Unidos.* *** *Um milhão de crianças* **foi vacinado** *ontem.* *** **Foi arrecadado** *um milhão de reais em donativos.*

Usar verbo no plural com *um milhão* é o mesmo que usar verbo no plural

com *meio milhão*, coisa que nenhum débil mental faz ou já fez. A própria *Veja* nos informa, na pág. 109 da ed. 2.090, que **Vive** *no Paraguai meio milhão de brasileiros e descendentes*. O mais incrível é que essa mesma *Veja* usaria o verbo no plural se no lugar de *meio milhão* estivesse *um milhão*, porque já estampou na capa certa vez: **Um milhão de brasileiros já "moram" em condomínios fechados**. É, realmente, formidável!...

Que jornalista sério construiria uma frase assim: *Uma centena de bananas foram colhidas*? Ou: *"Foram colhidas" uma centena de bananas?*

Noutra revista, encontramos: *"Vivem" em todo o mundo um milhão de bebês de proveta.* Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Um milhar de aves silvestres "foram apreendidas" na feira*? Ou: *"Foram apreendidas" um milhar de aves na feira*? Será que a mesma revista ousaria construir uma frase assim: *Uma dúzia de pessoas "foram vacinadas" contra a gripe suína*? Ou: *"Foram vacinadas" uma dúzia de pessoas*?

Num tradicional jornal paulistano se viu isto: *A frota brasileira de veículos a gás é a segunda do mundo, com 660 mil veículos, e só perde para a da Argentina, onde "existem" 1 milhão de veículos desse tipo.*

Manchete de um diário de São Paulo: *Quase um milhão de aposentadas "sustentam" a família em São Paulo.*

Manchete desse mesmo diário: *Pelo menos 1 milhão "participam" da Marcha para Jesus em SP, diz PM*. Escrever assim é dar um tapa na lógica e na inteligência do leitor.

Notícia preocupante desse mesmo diário: *Um chinês foi preso por manter cinco mulheres, também chinesas, em condições de trabalho escravo dentro de uma casa no bairro do Ipiranga, Zona Sul da capital. No local, funcionava uma confecção clandestina que produzia roupas falsificadas. A residência era vigiada há mais de 40 dias e os policiais não viram as vítimas saírem de lá em nenhuma ocasião. Na casa "foram encontradas" um milhão de peças falsificadas*. Em que cabeça sã cabe "foram encontradas um milhão"? Só mesmo de jornalista brasileiro.

Dia destes uma repórter de televisão anunciou: *"As" um milhão de assinaturas colhidas não "foram suficientes" para sensibilizar a prefeita*.

Cometeu dois erros de concordância: um nominal e o outro verbal. Como é que **um** pode ser "as"? Como é que **um milhão** pode levar o verbo ao plural? *Dezena* leva? *Centena* leva? *Milhar* leva?

Acho louvável toda atitude ou toda campanha antitabagista, porque o

fumante é um ser que precisa de ajuda, que necessita de cuidados especiais (mas jamais de compreensão...). Por quê? Porque fumar é um exercício de imbecilidade extrema! Fumar significa aumentar as rugas ao redor da boca e favorecer o aparecimento do câncer bucal. Fumar significa potencializar os sintomas do envelhecimento. Porque onde há fumaça há fogo (câncer); daí por que não há nenhum exagero em afirmar que todo fumante é um câncer ambulante. Porque fumar está completamente fora de moda. Porque fumar é andar malcheiroso, espalhando fedor por onde passa. Porque, enfim, todo fumante é um estúpido, não tem sequer bom senso. Por tudo o que a medicina conhece e procura prevenir as pessoas, fumar hoje chega a ser não só sinônimo de alta estupidez, de pulmão e boca fétidos, como também de intolerável breguice! O que antes era charmoso, hoje é a expressão da mais inequívoca deselegância, do mais insuportável mau gosto!

Tudo isso para dizer que, recentemente, uma empresa antitabagista fez campanha pela imprensa, nestes termos: *Nos Estados Unidos, mais de 1 milhão de pessoas já "abandonaram" o cigarro sem usar nicotina. Este sucesso já está no Brasil.*

Escrevendo assim, eles ainda têm coragem de falar em sucesso!...

EM TEMPO – Há um autor que defende a construção com verbo no singular quando *um milhão* é seguido de nome no plural. Há autores e autores... No final de seu arrazoado, faz, a seu ver, uma pergunta apoteótica e, também a seu ver, arrasadora, definitiva: *Quem diria "Um milhão de mulheres está grávido"?* Quem diria? Ora, quem diria! Eu digo, assim como sempre disse, assim como sempre direi *Bom número de mulheres está grávido*, assim como digo e sempre direi *Boa parte dos homens está nervosa*, concordâncias perfeitas, legitimamente portuguesas. Onde está o problema de se construir *Um milhão de mulheres está grávido*? Misturas lógica com língua portuguesa, ó Catilina?... Esses professores midiáticos são dados a muitas gracinhas (e plágios descarados também). Até a didática de outros professores eles copiam!

namorar com

Construção própria do italiano, já incorporada no português do Brasil, até porque boa parte dos brasileiros descende de italianos. Trata-se de

construção plenamente consagrada não só entre jovens, mas entre bons autores, assim como *jogar* **de** *goleiro* e *entrar* **de** *sócio*. Quem é que, na prática do futebol, diz que *joga* **como** *goleiro*, e não que *joga* **de** *goleiro*? Quem é que, associando-se a um clube, diz que *entrou* **como** *sócio* do clube, e não que *entrou* **de** *sócio*? Que aluno que, ao não conseguir aprovação para o ano seguinte, diz que *repetiu* **o** *ano*, e não que *repetiu* **de** *ano*? Que estudante, por mais dedicado e aplicado que seja, diz que *passou* **o** *ano*, e não que *passou* **de** *ano*? Por tudo isso é que estamos livres para *namorar todo o mundo* ou **com** *todo o mundo*. O importante é ser honesto.

"girabrequim"

Há muita gente por aí que, se pudesse, construiria motor com "girabrequim". Claro que fundiria na primeira movimentação. A peça boa, que qualquer motor saudável aceita, é o *virabrequim*. Um dicionário por aí, todavia, registra "girabrequim". Faz parte...

A viagem não foi "de toda" má

Não. Viagem assim é sempre *de todo* muito má. Locução adverbial não varia: *A sentença não foi* **de todo** *injusta.* *** *A vida na ilha não é* **de todo** *monótona.* *** *Disfarça-te e sai* **de fininho***!* (E não: "*de fininha*".) *** *Vidas têm sido colocadas* **em risco** *nos estádios de futebol.* (E não: "*em riscas*".) *** *Muitas espécies animais estão* **em extinção**. (E não: "*em extinções*".) *** *Recebi mensagem* **por escrito**. (E não: "*por escrita*".) *** *A questão está* **em aberto**. (E não: "*em aberta*", como disse um deputado cearense na televisão.) *** *Os salários estão* **em dia**. (E não: "*em dias*".) *** *A equipe corintiana se abriu* **por inteiro**. (E não: "*por inteira*".) *** *Houve muitos votos* **em branco** *nestas eleições.* (E não: "*em brancos*".)
*** *Loja que vende miudezas* **em geral**. (E não: "em gerais".)

Certa feita, um repórter esportivo nos revelou que um jogador de futebol havia pisado com as duas pernas "em falsas", por isso sentia muitas dores. E o repórter? Não sentiu dor nenhuma?!

Noutra oportunidade, um repórter policial perguntou a uma delegada, depois da prisão de uns marginais: *E agora, doutora, o que vai ser feito desses ladrões?*

A resposta foi sensacional: *Eles serão autuados "em flagrantes" e encaminhados ao xadrez.*

Cadeia?! Não faz muito tempo, um governador paulista ordenou a um repórter que o cobrava de algo ainda não atendido: *Faça uma carta "por escrita" me relatando tudo e me mande, que eu tomarei as providências cabíveis!*

O governador deveria, certamente, estar um pouco nervoso ou muito desorientado: se é *carta*, só pode ser *por escrito*; e "por escrita" se deve a outras causas...

"primeiro-damo"

Eis mais uma invenção de jornalista brasileiro. Quando Benedita da Silva assumiu o governo do Rio de Janeiro, em abril de 2002, os jornalistas logo acorreram a cuidar da sua vida pessoal. Como ela é casada com Antônio Pitanga, trataram-no por "primeiro-damo", numa analogia com *primeira-dama*. Como pilhéria, troça ou gozação, até que serve.

Com a eleição de outra governadora, no Rio de Janeiro, ficou a pergunta: *Garotinho, agora, virou "primeiro-damo"?* Não, não virou, não. Marido de governadora ou de presidenta não tem na língua, por enquanto, nome especial. Tenho, porém, uma sugestão: *cavalheiro-de-honra*.

ante "a" isso

Ante já é preposição; então, para que se lhe pospor outra preposição? Alguns advogados (naturalmente os pouco sérios) são mestres nesse emprego abusivo.

Recentemente, um jogador ganhou uma ação trabalhista contra o Palmeiras. O ministro do Tribunal Superior do Trabalho, ao dar a sentença, escreveu assim: *Nego provimento ao agravo e, "ante a" seu caráter manifestamente protelário, condeno a agravante ao pagamento de multa de 10% sobre o valor corrigido da causa.*

Ante isso, o Palmeiras teve forçosamente de pagar. Mas quem teve de pagar o pato foi a língua...

apaziguar / averiguar

Antes do Acordo Ortográfico, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no **u**, nas formas rizotônicas do português do Brasil: *apazig***u***o*, *apazig***u***as*, *apazig***u***a*, *apazig***u***am*; *averig***u***o*, etc. Hoje, no entanto, podemos usar tais formas também com acento no **i**: *averíguo, averíguas, averígua, averíguam; apazíguo*, etc.

aguar / desaguar / enxaguar / minguar

Antes do Acordo Ortográfico, no português do Brasil, tais verbos tinham obrigatoriamente acento prosódico no *a* ou no *i* anterior ao *g*, nas formas rizotônicas: *águo, deságua, enxáguam, míngua*, etc. Hoje, podemos usar tais formas também com acento no **u**: *ag***u***o, desag***u***a, enxag***u***am, ming***u***a*, etc.

Ficar "comovido" com um grande espetáculo

Fica *comovido* aquele que sente um choque, uma emoção negativa muito forte. Quando perdemos um ente querido, ficamos *comovidos*. Mas quando nos admiramos de um grande espetáculo, ficamos naturalmente *emocionados*. Ante um incêndio devastador, quem não fica *comovido*? Mas ante uma bela mulher, que homem de bem não ficará naturalmente *emocionado*?

reboliço e rebuliço

Há quem confunda adjetivo (*reboliço*, que significa que rebola: *Cantinflas tinha um andar* **reboliço**) com substantivo (*rebuliço* = grande confusão). Deste, saiu a abreviação *rebu*; daí por que fica difícil aos que raciocinam trocar uma palavra pela outra.

Mas há. Há os que, ou não raciocinam, ou são dados mesmo a cometer rebus. Numa revista se viu isto: *Das histórias envolvendo presidentes e mulheres bonitas, nenhuma se iguala "a" de Itamar Franco. No carnaval de 1994, o mineiro foi flagrado ao lado de Lilian Ramos. Até aí nada "demais". O que causou "reboliço" foi o que a moça mostrou para os fotógrafos debaixo do pequeno vestido...*

Se a modelo causou *rebuliço*, naquela ocasião única e ímpar, que se dirá de jornalista que causa *rebuliço* todos os dias em seu ofício?

Não perca a conta dos erros: "a", em vez de *à*; "demais" por *de mais*; e "reboliço" por *rebuliço*.

Cabe, então, a pergunta: quem mais está nu? A modelo?!

penalizar e apenar

Há quem confunda o significado de ambos os verbos. **Penalizar** é atormentar, afligir. Quem não sabe que uma goleada do Palmeiras *penaliza* qualquer corintiano ou que uma vitória maiúscula do Flamengo *penaliza* todo vascaíno?

Mas há quem use *penalizar* por *punir, castigar*, que são justamente os sinônimos de **apenar**. Todos sabemos que a inflação *apena* mais os pobres. Os guardinhas de trânsito estão aí em todas as ruas das grandes cidades, vestidos desta ou daquela cor (é marronzinho, é azulzinho, é roxinho, etc.), para *apenar* todos os motoristas, justa ou injustamente. Afinal, hoje se ganha por produtividade...

Sim, mas o assunto não é bem esse: o certo é que jornalistas que se prezem não têm o direito de confundir *penalizar* com *apenar*. Mas confundem. Repare nesta frase encontrada numa revista: *Modelo de reajustes de tarifas de serviços públicos "penaliza" o consumidor e engessa ações do governo*.

Escreve um ex-secretário da Receita Federal: *A ideia de monitoramento, pela Receita, de gastos com cartões de crédito para combater a sonegação é uma mudança de comportamento: pretende-se aumentar a arrecadação em cima de quem não está pagando adequadamente em vez de "penalizar" quem já paga corretamente.*

Aqui, todavia, existe uma explicação até que meio convincente: o Leão *penaliza* sempre...

governo Lula ou governo de Lula?

Tanto faz. Os jornalistas costumam não usar a preposição, talvez por uma questão de economia de espaço.

"duas" milhões de pessoas

Grande bobagem. Se a palavra *milhão* é masculina (**o** *milhão*, **um** *milhão*), não há como explicar esse feminino ("duas milhões"). Nunca vi ninguém

usar “uma milhão”. Então, por que “duas milhões”?

Enquanto a resposta não vem, convém acostumar as orelhas: *Foram* **vacinados dois** *milhões de crianças ontem. *** Serão* **exportados duzentos** *milhões de toneladas de soja.*

Eis o que nos informa, todavia, um de nossos jornais: *Depois de ultrapassar a marca “das” 20 milhões de cópias vendidas, o romance O Código Da Vinci, de Dan Brown, se vê envolvido numa polêmica com a Igreja Católica.*

Eis mais uma “boa” informação, de um diário de São Paulo: *O sonho de abrir o próprio negócio pode se transformar em pesadelo quando não dá certo e é preciso fechá-lo. Muitos brasileiros simplesmente deixam de dar baixa na empresa e têm problemas mais tarde. “Das” 5,29 milhões de empresas no estado, 1,52 milhão está inativa.*

E o jornalista cometeu outro erro de concordância aí, agora nominal: *1,52 milhão está “inativa” por* **inativo**. A concordância se faz com *1 milhão*, e não com *empresa*.

“as” milhares de crianças

Este é um caso sério, de erro generalizado. Impressionante: a maioria dos jornalistas não conhece o gênero da palavra **milhar**!!! Assim como *milhão*, **milhar** é palavra **masculina**: **o** *milhar*, **um** *milhar*, **dois** *milhares de crianças*, **duzentos** *milhares de mortes*, **muitos** *milhares de mulheres*.

Veja, porém, estas frases, todas extraídas de nossos jornais: “Duas” *milhares de maçãs foram “perdidas” durante a viagem. *** “As” milhares de mulheres que aqui estão têm filhos menores. *** “Duzentas” milhares de crianças sul-vietnamitas foram “levadas” para os Estados Unidos. *** “Essas” milhares de crianças abandonadas do Brasil serão exatamente o quê, amanhã?*

Num jornal apareceu isto: *Confira “as” milhares de ofertas dos classificados.*

Convém?

Propaganda de uma rede de lojas, pela televisão: *Confira “as” milhares de ofertas das nossas lojas.*

Convém?

Há, no entanto, jornalistas competentes, que escrevem: *Cem*

pesquisadores passaram os últimos três anos confinados em laboratórios e escritórios, analisando **os milhares** *de informações coletados até hoje sobre a biodiversidade mundial. *** As Farc são apenas terroristas. Não lutam para solucionar problemas sociais. Na verdade, com os atentados e os sequestros, criam mais pobreza. É muita hipocrisia alguém no exterior defender a guerrilha e esquecer* **os milhares** *de vítimas dos guerrilheiros.*

Milagres acontecem...

mil

Mil é um caso diferente de *milhar*, porque se trata de numeral, e não de substantivo. Adquire, por isso, o gênero do substantivo que se lhe segue: *duas mil pessoas, duzentas mil laranjas, dois mil pedidos, duzentos mil pedaços,* etc.

Um apresentador de um famoso telejornal nacional disse não faz muito tempo: *Cerca de "dois mil" pessoas participaram das manifestações.*

Pouco tempo depois, no mesmo telejornal, do mesmo apresentador, ouviu-se isto: *Mais de "dois mil" pessoas recebem seguro-desemprego com um salário de R$10.000,00*. Isto é: o homem confundiu conhaque de alcatrão com catraca de canhão...

"Benvindo" a São Paulo!

Boas-vindas se dão de modo diferente: **Bem-vindo** *a São Paulo!*

Frases de jornalistas: *O PMDB e o PDS goianos encaram como "benvindos" os votos dos fazendeiros. *** Fidel confirmou que o capital estrangeiro continua sendo "benvindo". *** "Benvindo" ao passado, Brasil...*

Há certos lojistas que ostentam logo à entrada de seu estabelecimento a sua própria identidade: "Benvindos".

Cuidado, ao entrar!

malvindo

É assim que se grafa esta palavra, a nosso ver o verdadeiro antônimo de *bem-vindo* (um dicionário dá *bem-ido*). Ora, quem não é bem-vindo a algum lugar, é naturalmente malvindo (ou seria bem-ido?) Há jornalista que escreve "mal vindo": *Já está ficando claro que a reforma tributária vai*

atender a todos os interesses menos os do contribuinte, portanto, ela é muito "mal vinda".

pezão e pedrão (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com o **e** aberto, assim como fazemos com os diminutivos: *pezinho, pedrinha*.

solidarizar-se

É simples: quem se solidariza, se solidariza *com* alguém. Há, porém, quem prefira inventar. Num jornal: *Lula se solidariza "a" Genoino. Depois de levar uma torta na cara, no Fórum Social de Porto Alegre, o presidente do PT recebeu um telefonema do presidente, que está na Europa.*

Quem levou a torta foi o então deputado; quem se lambuzou todinho foi o jornalista.

Pasárgada (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *pazárgada*, embora muitos insistam em dizer "paçárgada". *Pasárgada* é o nome dado por Manuel Bandeira a um lugar mítico, onde só se gozam delícias e prazeres.

comparecer a "féretro"

Trata-se de ato não só desagradável, mas impossível: *féretro* é *caixão*. Podemos dizer, sim, que o *féretro* saiu atrasado, que todo o mundo queria carregar o *féretro*, mas não que alguém compareceu ao "féretro".

Autoridade, civil ou militar, comparece a *funeral*, que é a cerimônia de sepultamento. Cuidado, portanto, com frases assim: *Estive no "féretro" de seu pai. *** O "féretro" do prefeito tinha muita gente.*

Dizem que isso costuma dar até cemitério...

prefiro "milhões de vezes do que"

O mundo está cheio de gente que prefere "mil vezes", que prefere "milhões de vezes", que prefere "antes", que prefere "muito mais", etc. É

desperdício: no prefixo (*pre-*) já existe a ideia de intensidade ou de anterioridade desejada.

Quem prefere de verdade, simplesmente prefere alguma coisa **a** outra, e não "do que" outra: *Prefiro chuchu* **a** *jiló. *** Elisabete prefere escrever* **a** *discursar. *** As crianças preferem praia* **a** *piscina, calor* **a** *frio. *** Eles preferem comer arroz* **a** *comer macarrão.*

Também não convém preferir uma coisa "em vez de" outra. Numa revista, porém, apareceu: *Pesquisas recentes revelaram que 41,8% dos consumidores preferem hambúrguer congelado "em vez de" bife*.

atenuante e agravante

São de preferência palavras femininas: **a** *atenuante*, **a** *agravante*. Mas o *Vocabulário Ortográfico* agora as registra como dos dois gêneros: *o/a atenuante, o/a agravante*.

"sendo que"

Não existe tal combinação em nossa língua, mas ela aparece muito na mídia: *Apenas 2 dos 348 estudantes que responderam aos questionários disseram conhecer a tricuríase, "sendo que" ambos demonstraram ter conhecimentos incorretos.*

Nessa frase, "sendo que" poderia ser substituída por *mas, porém, todavia*, etc.

Recentemente, ouvimos um metalúrgico reclamando: *Recebi cinco mil reais,* "sendo que" *boa parte foi retida pelo imposto de renda*. Caberia nessa frase a mesma substituição da primeira.

Não faz muito tempo, lemos a orientação de um advogado: *Quando o casal já está separado de fato judicialmente, o divórcio pode ser requerido após um ano da decretação da separação. Não havendo ainda a separação judicial, apenas a separação física, o divórcio pode ser efetivado, "sendo que" há a necessidade do casal estar separado de fato há mais de dois anos, o que deverá ser provado por testemunhas*.

Também aqui cabe qualquer conjunção adversativa.

Num jornal: *A maioria ganha mais de dez salários mínimos mensalmente, "sendo que" 32% recebem entre dez e vinte salários.*

Basta usar *mas*.

Há casos em que a substituição se faz por palavra ainda menor: **e**. Veja: *Ele já escreveu muitos livros, "sendo que" muitos deles já foram traduzidos para vários idiomas*.

Não querendo usar o *e*: *Ele já escreveu muitos livros, sendo muitos deles já traduzidos para vários idiomas*.

caixa

Que é palavra feminina, todo o mundo sabe: *a caixa de sapatos, a caixa de papelão, a caixa registradora*, etc. O que poucos sabem é que esta palavra é masculina, quando usada na acepção de *féria* ou na de *pessoa que trabalha junto a uma caixa pagadora ou recebedora*. Portanto: *O comerciante fez* **o caixa** *e verificou que o movimento tinha sido muito bom naquele dia, mas de repente os assaltantes entraram e levaram tudo o que havia na caixa. *** **Os caixas** *do banco ficaram apavorados no momento do assalto. *** Não há* **um** *só* **caixa** *livre no banco. *** Passe n***o** *caixa para receber o salário!*

Usa-se também no masculino essa palavra, na acepção de *dinheiro arrecadado*: *A grande diferença entre os dois candidatos está no tamanho d***o** *caixa de campanha*.

Muito bem. Certa vez, houve uma greve de metroviários em São Paulo. A cidade virou um caos ao quadrado (porque caos é seu estado permanente). Um comerciante, abatido, declara, então: *As faxineiras chegaram duas horas atrasadas, e "uma caixa" não chegou até agora*.

É o caso de perguntar: Uma caixa de quê? De mangas?

Quantias exigem o verbo no singular?

Depende: se a quantia for de um real, um dólar, etc., use o singular. Mais que isso, use o plural: *Ele disse que R$ 500,00* **bastavam**, *mas não* **bastaram**. *** *Não* **deram** *os R$ 200.000,00 que eu levei. *** Na minha caixa, hoje, só* **entraram** *R$ 10,00!*

aríete

Nome de uma antiga máquina de guerra, que servia para arrombar portas e muralhas. Note: a palavra é proparoxítona, mas muitos insistem em dizer

"ariête".

"indiscreção"

Se você vir alguma *indiscrição* em algum comentário aqui, esteja certo de que não foi propositado. Afinal, quem prima pela *discrição* não pode cometer *indiscrições*... Num de nossos principais jornais, no entanto, apareceu isto: *Os funcionários do Caesar Park Hotel são de uma "discreção" padronizada, da roupa ao tom de voz.*

E onde é que ficou a *discrição*? Fugiu pela porta dos fundos do hotel?

tchau / tcheco / Tchetchênia

Nenhuma destas palavras é compatível com a índole da língua portuguesa, que não agasalha formas iniciadas por *t* não apoiado em consoante. Algumas delas, todavia, têm o amparo do *Vocabulário Ortográfico*. Normal.

O som [tS] = *tch* é um alofone de [t] antes de vogal. Não há, contudo, em nosso modo de ver nenhuma necessidade de representar tal som por *tch*, assim como não se grafa "tchê", mas sim *chê*; assim como não se escreve "Tchaco", mas *Chaco;* e ninguém grafa "tchiu", mas *tio*, exceto, naturalmente, quando se trate de gírias ou de modismos, como "tchurma", "pitchula", "mintchura", "tchan", etc., em que se deseja, por alguma razão, dar ênfase ao alofone. Os chilenos pronunciam o nome do seu país desta forma: "tchile", mas nem por isso escrevem "Tchile". Note, ainda, que todos pronunciamos *djins* (*jeans*), mas não representamos esse som inicial na escrita.

Portanto, as grafias, a nosso ver, rigorosamente corretas são *chau, checo, Checoslováquia, Chechênia, chê* e *Chaco*.

EM TEMPO – Nós, brasileiros, temos a mania de contar piadas de português, mas os portugueses não cometem a asnice de escrever "tchau" nem "tcheco". O momento, então, é de quem rir de quem?

campanhas antifumo

A vida sem cigarro é, de fato, não só mais saudável, como também muito

mais inteligente e menos desagradável para quem está nas proximidades. Fumar é um castigo para quem respira e uma demonstração de estupidez do viciado.

Quando o prefixo *anti-* se junta a um substantivo, na função de adjetivo, fica invariável. Portanto: *campanhas antifumo, drogas anticâncer, pneus antiderrapagem, portas antifogo, manifestações antiguerra, medidas anticrime; xampus anticaspa; cremes dentais anticárie*. Tal combinação é própria da língua inglesa; nós apenas imitamos.

Aqueles que acharem isso um tanto antieufônico, optem, então, pela construção rigorosamente portuguesa: *campanhas contra o fumo, drogas contra o câncer, manifestações contra a guerra, xampus contra a caspa, cremes dentais contra a cárie,* etc.

E saúde para todos!

Amuleto “trás” boa sorte?

Só *traz* para os espertos. A forma do verbo *trazer* é *traz*, e não *“trás”*, que, no português contemporâneo, só se grafa posposta a preposição: *por trás* (ela veio por trás), *para trás* (deixar os amigos para trás).

Certa vez, em Fortaleza, a fantástica, formidável e toda esburacada capital do Ceará, uma cartomante mandou afixar cartazes aos postes de toda a cidade, convidando incautos para “consultas”. Assim: *Sara “trás” seu amor de volta.*

Nessa, seu dinheiro já se foi, e seu amor... adeus!

No *site* do Estado do Espírito Santo, em destaques turísticos, viu-se: *Vitória — a ilha que “trás” no nome o motivo de sua existência.*

cujo

É um pronome relativo que não admite posposição de artigo. Portanto: *O homem,* **cujo pai** *morreu, está passando mal. *** O homem,* **cuja mãe** *morreu, está passando bem. *** O homem,* **cujos filhos** *morreram, está passando bem. *** O homem,* **cujas filhas** *morreram, está passando bem.*

Os “adevogados” costumam usar “cujo o pai”, “cuja a mãe”, “cujos os filhos”, “cujas as filhas”.

Não só “adevogados”. Escreve um jornalista: *Um dos engenheiros em cujo “o” velório o presidente chorou, pediu um adicional de periculosidade de 30%, ganhou na Justiça depois de 11 anos, há 5 tem direito a ele e morreu sem receber*.

Escreve outro jornalista: *Segundo reportagem da Fox News, o Banco da América vendeu a dívida que tinha com Michael Jackson, no valor de mais US$ 270 milhões, para o grupo Fortress Investments, cuja “a” sede fica em Manhattan.*

Quando *cujo* (ou uma de suas variações) se refere a dois ou mais substantivos, não varia no plural, concordando sempre com o elemento mais próximo. Atenção, “adevogados” de todo o Brasil!

Numa peça advocatícia, leu-se, certa vez: *Reclamou ter sido lesado pela autora em “cujas” seriedade e probidade confiou*.

No lugar do *“cujas”*, os **advogados** usam *cuja*.

Aristobulo

Nome de homem. Note: é palavra paroxítona (*Aristo***bu***lo*), mas há os que insistem em usá-la como proparoxítona (“Aristóbulo”).

“os” chitas

Eis aí um bicho que não existe. Ao menos na Terra. *Chita* é palavra feminina em qualquer sentido.

Num documentário sobre animais selvagens, porém, o narrador televisivo conseguiu “criar” uma espécie animal estranha, desconhecida dos biólogos: *“os chitas”*.

A apresentadora de um dos mais importantes telejornais nacionais anunciou certa feita: *Como vivem “os chitas” na África — este será o assunto do Globo Repórter de hoje.*

A televisão brasileira tem gente extremamente culta e criativa...

Também não “existe” lobisomens?

Não. Não *existem* lobisomens, assim como não *existem* “os chitas”. Pessoas que cometem asneiras, contudo, *existem* a mancheias. Cuidado com elas, porque costumam atacar antes e depois da meia-noite! E não só

às sextas-feiras...

Certa vez, ouvimos isto de um ex-governador paulista: *Acho normal que "exista" reclamações do presidente, pois isso faz parte da democracia.*

Certíssimo: asnices também fazem parte da democracia...

gêmeas "xipófagas"

É outra coisa que não existe. Crianças que nascem unidas desde o apêndice até o umbigo dizem-se *xifópagas*, e não "xipófagas", como quis certa feita um apresentador de telejornal, que anunciou: *As gêmeas "xipófagas" que nasceram em Porto Alegre foram operadas e passam bem.*

E houve quem, num sofá, começasse a passar mal...

"blásfemo"

Não. *Blasfemo* (ê) é que é sinônimo de *blasfemador*.

Numa produção televisiva, exibida recentemente, um ator disse, referindo-se a Jesus: *Prendam esse "blásfemo"!*

Há dois pecados evidentes aí.

invasão "ao" Iraque

Não. *Invasão* se usa com *de*: *invasão* **de** *domicílio, invasão* **de** *privacidade, invasão* **de** *fazendas, invasão* **de** *propriedade*, etc.

Frase de jornalista: *A invasão "ao" Iraque é iminente e vai empobrecer o mundo.*

A invasão **d**o Iraque, como se viu, não empobreceu o mundo; por aqui, porém, empobreceu um pouco a língua.

"Fazem" muitos anos que saí da escola

Quem diz uma frase assim deveria voltar imediatamente. À escola, naturalmente. Aí, então, vai aprender que o verbo *fazer*, em orações que dão a ideia de tempo, não varia: **Faz** *muitos anos que saí da escola.* *** **Faz** *dois anos que enviuvei.*

Aparecendo verbo auxiliar, este fica também invariável: **Vai fazer** *catorze anos que casei.* *** **Está fazendo** *cem anos que ela nasceu.* *** **Ia fazer** *três*

meses que estávamos juntos. *** **Costuma fazer** *noites frias no Sul do Brasil.*

Aprecio muito as composições do mineiro Ari Barroso. Mas não posso desculpá-lo por enodoar a letra de uma de suas músicas (*Já era tempo*), ao fazer esta concordância: *Já "fazem" meses que você, meu bem, disse adeus e partiu.*

Falando assim, qualquer amor tem mesmo de dizer adeus e partir...

em mão

É a expressão verdadeiramente correta. Quando entregamos alguma coisa pessoalmente, entregamo-la, em verdade, *em* **mão**.

Assim como ninguém lava roupa *"a mãos"*, assim como ninguém faz sapatos *"a mãos"*, uma carta ou um volume qualquer só pode ser entregue *em* **mão**.

Nunca ouvi dizer que alguém fosse a algum lugar *"a pés"* nem que pianista tocasse *"de ouvidos"*, ainda que tenhamos todos — graças a Deus — dois pés e dois ouvidos (que hoje se dizem, mais propriamente, *orelhas*).

Prefiro, por isso, levar qualquer documento importante *em* **mão** (cuja abreviatura é **E.M.**) a confiar em qualquer outro portador. Mas você, caro leitor, se achar que deve usar a outra expressão, fique à vontade, já que há, hoje, até dicionário que registra "em mãos". Normal.

embora + gerúndio

Conjunção (*embora*) não combina com gerúndio. Por isso, usa-se o verbo no subjuntivo: *Embora* **vivesse** *no Brasil, ela não era brasileira.* (E não: *Embora "vivendo"* no Brasil, ela não era brasileira.) *** *Embora* **coma** *bastante, não engorda.* (E não: *Embora "comendo"* bastante, não engorda.) *** *Embora* **estivesse** *cansado, fui acompanhá-la.* (E não: *Embora "estando"* cansado, fui acompanhá-la.) *** *Embora* **seja** *pobre, não rouba.* (E não: *Embora "sendo"* pobre, não rouba.)

O gerúndio se usa com *mesmo*, palavra denotativa: **Mesmo vivendo** *no Brasil, ela não era brasileira.* *** **Mesmo comendo** *bastante, não engorda.* *** **Mesmo estando** *cansado, fui acompanhá-la.* *** **Mesmo sendo** *pobre, não rouba.*

Por falar em roubar...

Por falar em *roubar*, convém saber que esse verbo não tem nenhuma forma com **o** aberto. Durante a conjugação, o ditongo *ou* soa fechado: *roubo, roubas, rouba, roubam; roube, roubes, roube, roubem*.

O diabo é que todo dia há neste país gente que "róba", que é uma barbaridade! Por exemplo, o ex-ministro José Dirceu, assim que deixou a Casa Civil e já deputado, ao discursar na Câmara, avisou: "*Este goverrrno não róba e não deixa roubarrr*". R**ou**ba, Zé, r**ou**ba...

Todo verbo com o ditongo *ou*, *oi* ou *eu* tem suas formas rizotônicas com **o** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Portanto, não convém dizer "eu *róbo*, porque todo o mundo *róba*", "eu *cavóco*, porque todo o mundo *cavóca*", "eu *estóro* de raiva", "se acontecer isso, ela *endóida*", "eu só *nóivo* uma vez por semana", "se facilitarem, ele *abiscóita* esse prêmio"; "ele *endéusa* os filhos". Constituem exceções apenas *aboiar, apoiar* e *boiar*.

em detrimento "a" alguém

Esta expressão, em que *detrimento* é sinônimo de *prejuízo*, exige a preposição *de*, e não a prep. "a". Portanto: *em detrimento* **de** *alguém*. O governo não pode adotar uma política em detrimento **d**o povo. É uma verdade.

Eis, agora, a mentira (de uma revista de automóveis): *O único senão do Alfa Romeo 147 é o tempo da troca de marcha que poderia ser menor, mesmo em detrimento "ao" conforto.*

em nível de

É esta a locução que temos: *Reunião* **em** *nível de diretoria*. Ou seja: só participarão da referida reunião diretores do mesmo nível.

Há, contudo, uma verdadeira febre de *"a nível de"* por aí. De gente sem nível, evidentemente. Iriam, esses, para uma reunião "a" todos os níveis?

O mais interessante é que certas pessoas usam a expressão "a nível de" em qualquer caso: *"A nível de" casamento, eu diria que estou fora. *** "A nível de" besteiras, eu digo que sempre estou dentro...*

Mesmo em referência ao nível do mar, preferimos o uso da preposição *em*: *Camboriú está situada* **n***o nível do mar.*

Usa-se muito a preposição **a** neste caso, em razão de, na pergunta, aparecer essa preposição. Por exemplo: *São Paulo está situada* **a** *quantos metros acima do nível do mar?* A resposta a uma pergunta dessas, evidentemente, será: *São Paulo está situada* **a** *800m acima do nível do mar.*

Essa preposição, contudo, só tem cabimento nos casos de cidades que não estão **n***o nível* do mar, naturalmente. Sim, porque se perguntarem: *Camboriú está a quantos metros acima do nível do mar?*, a resposta deverá ser dada desta forma: *Camboriú está* **no** *nível do mar.*

É o mesmo que perguntarmos a um corredor de Fórmula 1: — **A** *quantos quilômetros estás indo agora?* E ele responder, simplesmente: — *Estou* **em** *casa, agora, não estou correndo ou viajando.*

Fiz-me entender?

ensebar (pronúncia)

As formas rizotônicas deste verbo têm sempre **e** fechado: *ensebo, ensebas, enseba, ensebam* (pres. do ind.); *ensebe, ensebes, ensebe, ensebem* (pres. do subj.).

descobrir “primeiro”

Alguma dúvida? Quem descobre já não encontra ou acha primeiro que outros? Pois é. Desde o meu tempo de menino é assim. E, com certeza, bem antes disso...

Há, por aí, no entanto, alguns artistas da publicidade que, talvez por não terem tido infância, querem mudar. Na propaganda de um modelo de *minivan*, saiu o tal *descobri “primeiro”*. Será que em alguma agência de propaganda existem mesmo os que descobrem “depois”?...

novidade “inédita”

Toda novidade não tem de ser necessariamente inédita? Pois bem, não para todos. Recentemente, pela televisão, anunciaram o lançamento de um filme. O locutor, então, soltou a pérola, com aquele vozeirão: *Cenas inéditas, “nunca vistas” no cinema!*

O caro leitor já viu alguma cena *inédita já vista* no cinema?

voar “pelos ares”

Redundância sensível, já que ninguém ainda conseguiu voar pelas águas... Nossos jornalistas, contudo, em vez de irem aos ares, continuam voando “pelos ares”. Veja o que escreveram alguns deles: *Um carro-bomba com várias toneladas de explosivos fez voar “pelos ares” a sede da ONU em Bagdá. *** No sábado de aleluia, em dez minutos, bonecos da malhação voam “pelos ares”. *** A vida de José Carlos Pace, pontuada de algumas alegrias e obstáculos constantes, voou “pelos ares” a bordo de um avião monomotor que se espatifou em 1977, quando ele ainda não havia completado 33 anos. *** Acionou um dispositivo, uma bomba fortíssima abriu o asfalto e o carro do ex-primeiro-ministro de Franco, Carrero Blanco, voou “pelos ares”, subiu a mais de 30 metros, ultrapassou o muro alto de um colégio de freiras e se espatifou lá dentro.*

Como se vê, o nosso jornalismo aprecia uma chuva no molhado.

direito individual “de cada um”

Redundância visível. Na ânsia de apresentar emendas à reforma da previdência, declarou um parlamentar: *A apresentação de emendas é um direito individual “de cada um” dos parlamentares.*

Bastaria retirar “de cada um” para que tudo ficasse perfeito. Todos temos direitos, mas não podemos nos esquecer das nossas obrigações, não é mesmo, deputado?

minha opinião “pessoal”

Visível redundância. Ora, se a opinião é *minha*, só pode ser *pessoal*. Ou haverá uma opinião que seja *minha*, mas não seja *pessoal*?

Certa feita, o eminente empresário Antônio Ermírio de Moraes declarou: *Na minha opinião “pessoal”, ele não tem condições de ser presidente da República*.

De fato não tinha, mas foi...

elo “de ligação”

No mundo dos terráqueos, todo *elo* é obrigatoriamente *de ligação*, assim como toda surpresa é inesperada, todo lançamento é novo, toda novidade é inédita, etc. Não obstante a evidência, há sempre os que têm “surpresas inesperadas” e os que são loucos por um “novo lançamento”. Veja: *O presidente da Abeiva disse que o crescimento do setor de veículos importados pode ser explicado pelo lançamento de “novos” produtos.*

Eis o que disse um repórter esportivo: *O treinador precisa de um jogador para ser um elo “de ligação rápida” entre a defesa e o ataque*.

Ataque? Houve quem quase teve um...

Veja, agora, que interessante esta notícia de uma folha paulistana: *Os elefantes parecem ter a habilidade de imitar os sons do ambiente em sua volta, a exemplo do que fazem os papagaios, de acordo com os cientistas. Em um estudo publicado na revista científica “Nature”, pesquisadores relatam como um dos animais estudados chegou a imitar o barulho feito por caminhões. Os pesquisadores acreditam que a capacidade de reproduzir sons pode ter sido desenvolvida devido à necessidade de manter a coesão social das manadas. Os sons ajudariam a manter um elo “de ligação” entre os vários indivíduos da manada, já que eles se separam e voltam a se reunir.*

E então? Tudo isso não é digno de um ataque?

ocasião “favorável”

Outra tolice. Na palavra *ocasião* já está implícita a ideia de *favorável*. Toda ocasião é algo favorável. Tanto é assim, que diz o aforismo popular: *A ocasião faz o ladrão*. Ou seja: A circunstância favorável propicia o surgimento do ladrão.

Certa feita, uma empresa fez anúncio em que mostrava um certo cidadão, aquele professor midiático dado a plágios, definindo a palavra *oportunidade*. A definição era capenga: *oportunidade* é ocasião “favorável”. Ah, se não fosse!

Agora, só por mera curiosidade: recentemente, folheando um dicionário, à pág. 2.159, encontrei a redundância. O mundo, realmente, está ficando muito moderno (mas nada favorável...).

pico “culminante”

Visível redundância, mas nem por isso fora das nossas salas de aula de Geografia nem dos livros da mesma matéria. O que é, afinal, um *pico*? Nada mais que um topo agudo ou ponto mais elevado de uma montanha ou cordilheira.

outras redundâncias

Redundância nada mais é que a capacidade que as pessoas têm, na fala ou na escrita, de choverem no molhado. As redundâncias são conhecidas também como *pleonasmos viciosos*.

Eis mais algumas delas: *subir para cima, descer para baixo, mulher de cocó* (ou *de coque*) *na cabeça, acabamento final, metades iguais, quantia de dinheiro, recuar para trás, avançar para a frente, programar primeiro, seus respectivos, safra agrícola, entrar para dentro, sair para fora, se caso eu for, sorriso nos lábios, afastar para trás, almirante da Marinha, general do Exército, brigadeiro da Aeronáutica, breve menção, amanhecer o dia, anexar junto, árvore oca por dentro, aumentar mais* (ou *aumentar ainda mais*), *melhorar mais* (ou *melhorar ainda mais*), *piorar mais* (ou *piorar ainda mais*), *emulsão de óleo, cair um tombo, canja de galinha, coletivo para todos, individual para cada um, consenso geral, conviver juntos, destaque excepcional, sintomas indicativos, detalhes minuciosos, livre escolha,* superávit *positivo, défice negativo, crise caótica, dar de graça, decapitar a cabeça* ou *decapitação da cabeça, degenerar para pior, fato real, frequentar constantemente, empréstimo temporário, demente mental, desejar votos de felicidades, desembolsar muito dinheiro do bolso, receber mensalmente R$ 300,00 por mês, dois gêmeos, surpresa inesperada, completamente vazio, engolir pela boca, defecar pelo ânus, erário público, planejar antecipadamente, comparecer em pessoa, exportar para fora, importar para dentro, expulsar para fora, exultar de alegria, filhote novo, felicidade geral de todos, hemorragia de sangue, hepatite do fígado, pancreatite do pâncreas, introduzir dentro, labaredas de fogo, lugar incerto e não sabido, milênios de anos, monopólio exclusivo, fazer planos para o futuro, fazer projeto para o futuro, plebiscito popular, pomar de frutas, abusar demais* e *preconceito intolerante.*

Uma universidade federal, certa vez, no exame vestibular, trouxe este teste: Assinale a alternativa que traz oração subordinada adjetiva: a) Ele falou que compraria a casa. b) Não fale alto, que ele pode ouvir. c) Vamos embora, que "o dia está amanhecendo". d) Em time que ganha não se mexe. e) Parece que a prova não está difícil.

Numa ocasião, certo presidente sul-americano foi ao Vaticano, para participar das últimas homenagens ao falecido Papa João Paulo II. Na sua comitiva levou ex-presidentes, que lá em Roma se encontraram com outro, então embaixador na Itália, Itamar Franco. Depois do evento, declarou o referido presidente, num misto de encanto e tristeza pela morte do Santo Padre: *Em que momento da história o Brasil conseguiu juntar quatro presidentes "juntos"?*

Em nenhum, presidente, em nenhum **mesmo**. Parabéns!...

Quer dizer que o mundo está cheio de redundâncias?

O mundo de quem?

Há pessoas que ainda gostam muito de uma *hemorragia "de sangue"*, de *anexar "junto"* e tantas outras chuvas no molhado.

Não faz muito, ouvimos esta: *Ele "autosuicidou-se"*.

Obra, naturalmente, de *demente "mental"*...

Certa feita, um jornalista saiu-se com esta: *Você poupa mensalmente R$500,00 "por mês" durante cinco anos.*

Duro mesmo seria poupar mensalmente por ano...

Esta é de outro jornalista: *Ele estaria convencido de que, mais do que nunca, cautela e canja "de galinha" não fazem mal a ninguém.*

Quem encontrar, em algum restaurante, canja que não seja de galinha, saia correndo: é veneno!

Houve outro que escreveu, ainda: *Pomares "de fruta", terras cultiváveis, uma casa e dez tapetes iranianos estão sendo oferecidos ao candidato a assassino do escritor iraniano Salman Rushdie.*

Certamente, esse jornalista tem em seu quintal um pomar "de legumes"...

Para encerrar, só mais esta, claro, de outro jornalista: *Uma companhia californiana anunciou que vai dar "de graça" 10 mil computadores.*

No duro?!

Há redundância em usar sistema ABS?

Enorme! Ora, ABS é sigla alemã de *antiblockiersystem*. Note: já há a palavra *sistema*.

A mim me parece

Trata-se, agora, de pleonasmo literário. A repetição do pronome oblíquo configura um pleonasmo de grande efeito comunicativo. Repare nestes exemplos, todos perfeitos: **A mim me parece** *que o governo está querendo mais impostos.* *** **A nós** *não* **nos** *parece justo esse imposto.* *** **A vocês lhes** *parece bom esse tipo de imposto?* *** **A mim** *vocês não* **me** *enganam não!*

O pleonasmo que se deve evitar é o vicioso, que não acrescenta coisa nenhuma à comunicação.

sexy

Esta palavra inglesa não varia, quando usada no português. Portanto: *garotas sexy, poses sexy*. Mas *pornô*, redução de *pornográfico*, assim como *retrô*, equivalente de *novo, inspirado em algo antigo*, varia normalmente: *filmes pornôs, modelos retrôs*
de automóvel.

Manchete de uma folha paulistana: **Britânicos são punidos por acessar sites "pornô" no trabalho**.

arraigar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no i: *arraígo, arraígas, arraíga, arraígam* (pres. do ind.); *arraígue, arraígues, arraígue, arraíguem* (pres. do subj.). Ex.: *A falta de crença na imortalidade da alma se* **arraíga** *cada vez mais.* *** *É preciso que o sentimento ecológico se* **arraígue** *em todos os corações humanos.*

É preciso deixar "claro" uma coisa: está difícil

Erro comum de concordância, próprio de gente que saiu da escola sem ter noção de análise sintática. Se *claro* está em **clara** referência a um nome

feminino (*coisa*), como pode ficar no masculino?

Apesar de a coisa ser **clara** demais, eis como escrevem os jornalistas: *O PT mudou ao chegar ao poder, mas uma coisa precisamos deixar "claro": ninguém apaga o passado*.

Na verdade, estamos nos empenhando em apagar é o presente...

a expensas de

Esta locução sempre traz o **a** no singular, a exemplo da equivalente *à custa de*: *Mulher que vive* **a expensas d***o marido*. *** *Viajar* **a expensas d***a firma*. *** *Formar-se* **a expensas d***a namorada*. *** *Concluí o curso* **a** *minhas* **expensas**. *** *Vives* **a** *tuas* **expensas** *ou* **a expensas d***a mamãe?*

Num edital do Tribunal de Justiça do Paraná apareceu isto: *Os exames de saúde que não forem passíveis de ser realizados no Tribunal de Justiça ficarão "às" expensas do candidato*. No mesmo edital: *O candidato considerado inabilitado terá acesso ao laudo médico, podendo requerer, "às" suas expensas, outros exames.*

Numa resolução do Tribunal de Justiça da Paraíba, porém, a surpresa foi ainda maior: *A celebração do Convênio, para que produza seus efeitos legais, será objeto de publicação no Diário da Justiça, "sob às" expensas do Poder Judiciário*.

No projeto de lei de um deputado: *Parágrafo único. As despesas decorrentes da aquisição e da instalação do equipamento correrão "as" expensas do consumidor*.

Convém deixar claro: quem faz questão de usar *"às" expensas de*, preferindo seguir registros de certos dicionários, inçados de erros e equívocos, não pode deixar de usar, por coerência, "às custas de".

somos "em" cinco

Trata-se de um italianismo, como estes: *Estávamos "em" seis no automóvel*. (Em português: *Estávamos seis no automóvel*.) *** *Íamos "em" dez pela estrada, conversando*. (Em português: *Íamos dez pela estrada, conversando*.) *** *Vínhamos "em" quinze na caminhonete*. (Em português: *Vínhamos quinze na caminhonete*.) *** *Éramos "em" quatro no carro*. (Em português: *Éramos quatro no carro*.)

A exemplo de *namorar* com e de *jogar de goleiro*, é uma construção própria do italiano, mas devidamente consagrada na nossa língua cotidiana.

continuação e continuidade

Continuação é prosseguimento; *continuidade* é sucessão ininterrupta. Um árbitro pode dar *continuação* a um jogo até os 50min, se achar conveniente; o novelista que não souber dar *continuidade* à trama estará irremediavelmente fora do ibope, porque não despertará interesse.

Na mídia, porém, se veem comumente frases assim: *Docentes da Unicamp, da USP, da Unesp e da Unifesp decidiram pela "continuidade" da greve contra a reforma da Previdência.*

Na verdade, os professores decidiram pela **continuação** da greve.

Numa revista: *O ministro da Defesa defende a "continuidade" do programa espacial brasileiro.*

Estou certo de que o ministro está a defender a **continuação** do programa espacial brasileiro.

Eis, agora, o emprego correto da palavra *continuidade*, num artigo publicado no *Jornal da Tarde*: *O que mais se temia, em matéria de educação, acabou acontecendo. Em vez de dar* **continuidade** *à política de avaliação implementada pelo governo anterior, e cujo estrondoso sucesso foi registrado pelo Censo Escolar de 2003, o governo do PT optou por desmontá-la progressivamente.*

cateter (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se corretamente *catetér*: a palavra é oxítona, ou seja, tem tonicidade na última sílaba. O plural, *cateteres*, é que é paroxítono: *catetéres*. Não há sequer um livro, não há sequer um dicionário, não há sequer uma publicação séria que tenha como registro "catéter" ou "catéteres". Mas os jornalistas brasileiros continuam pronunciando erradamente esta palavra. Recentemente, um cirurgião de Campo Grande esqueceu um *cateter* no coração de um bebê de seis meses. Os jornalistas e apresentadores de telejornal se apressaram em nos dar a notícia; era um tal de "catéter" e de "catéteres", que causou enjoo. Mas não são apenas os

jornalistas que cometem tal impropriedade, chamada *silabada*; todos os médicos (note: **todos** os médicos) vivem dizendo o que não devem. Se, no entanto, você, caro leitor, um dia encontrar algum médico que pronuncie corretamente as duas palavras, por favor, avise-me com urgência: o prêmio é tentador!...

"cataclisma" / "aforisma"

Trata-se de cacografias que muito se veem em todos os tipos de publicações. Nove entre dez brasileiros escrevem errado as duas palavras, ou seja, "cataclisma", "aforisma", em vez de *cataclism***o**, *aforism***o**. Tudo por influência de palavras mais conhecidas, como *cinema, dilema, problema, programa, telefonema, teorema, etc.*

Numa folha paulistana se leu: *Cientistas russos relançaram o debate sobre o misterioso "cataclisma" da Tunguska, na Sibéria, em 1908, afirmando ter encontrado nos locais da catástrofe pedras suspeitas e fragmentos do que teria sido uma nave "extra-terrestre", que teria se chocado com um cometa.*

Note: o **cataclismo** foi tão grande aí, que o jornalista não soube nem mesmo escrever corretamente *extraterrestre*!

No editorial de tradicional jornal paulistano se leu: *Um conhecido "aforisma" diz que aqueles que esquecem a História estão condenados a revivê-la.*

E aqueles que desconhecem a própria ortografia estão condenados a quê?

Pio X / século I / ano II / capítulo III

Na sucessão de papas, séculos e anos, de I a X lemos em ordinal; de XI em diante, em cardinal. Portanto: século **I** (= século primeiro), ano **II** (= ano segundo); ano **III** (= ano terceiro); Pio **X** (= Pio décimo); século **XI** (= século onze), ano **XII** (= ano doze).

Não existe século "um", século "dois", século "três", século "quatro", século "cinco", século "seis", século "sete", século "oito", século "nove" nem século "dez". Mas é justamente desse modo que diz a maioria dos repórteres e narradores de documentários pela televisão. Alguns até fazem pior. Escrevem: *Papa elogia combate de Pio "10" ao modernismo. Dois barcos que datam do século "1" foram descobertos...*

Numa revista: *Cientistas israelenses anunciaram a descoberta de uma pedra com inscrições do século "9" a.C. que pode ter sido parte do lendário Templo de Salomão, citado no Antigo Testamento.*

Ora, escrevendo em cardinais, obrigam o leitor a ler erradamente.

Num grande telejornal se ouviu certa vez: *Arquimedes viveu no século "três" antes de Cristo.*

Tudo mentira.

"um xerox"

Quem quiser uma cópia boa, sem rasuras, borrões e distorções, que peça sempre *uma xérox*!

Em português, todas as palavras dissílabas terminadas em *-x* são paroxítonas: *bórax, cóccix, dúplex, tríplex, Félix, fênix, gúmex, índex, ônix*, enfim, todas. Constituem exceções, evidentemente, as que se criam com fins eminentemente comerciais, quase sempre ao sabor do arbítrio, com o suposto sufixo *-ex*, indicador do produto: *Durex, Duratex, Mentex, Pirex*, etc. Nenhuma dessas formações pertence ao léxico português; nenhuma possui história: nasceram ontem, aqui mesmo, talvez numa acanhada sala de agência
de propaganda.

Xérox nos vem do grego *xéros, e, on*, que significa *seco*, *secura*. Tal radical está presente em *xeroftalmia, xerografia, filoxera*, em que a vogal da sílaba *xe* possui timbre aberto (*xèroftalmia, xèrografia, filoxéra*), constituindo-se em mais um fato comprobatório da prosódia legítima *xérox*.

Em inglês, a palavra já é paroxítona. Só mesmo os "artistas" preferem pronunciá-la como oxítona. E de "artistas" o Brasil está cheio! Às vezes até trabalham em empresas multinacionais...

Frase de um jornalista: *"Os xerox" estão para os livros como as fitas piratas estão para a indústria de cinema e discos.*

E o caso de telex?

Telex é abreviamento da expressão inglesa *teleprinter exchange* = intercomunicação impressora a distância. Foge, portanto, à norma descrita no caso anterior.

Mooca

Mooca, sempre *Mooca*, sem acento. *Mooca* é um antigo e simpático bairro paulistano. Muita gente, no entanto, pensa que mora na “Moóca”, jura que mora na “Moóca”. Nunca morou!

banana

Não é obrigatório, mas a melhor pronúncia desta palavra é *bãnâna*, e não “bánâna”. Sempre que houver uma consoante nasal após uma vogal, esta é fechada. Note que estamos falando em **preferência** de pronúncia, e não em erro. A ressalva é necessária, porque sempre há uns e outros que, ansiosos pela crítica, desejosos do nosso sangue, querem logo ir à veia, à jugular. E há, por aí, dois deles, caro leitor, que se especializaram em nos criticar. Criticar por criticar, para deleite próprio, apanágio dos seres desprezíveis. Ambos são professores universitários, mas nunca produziram sequer um trabalho importante, que fizesse algum sucesso. E isso dói. Dói muito. Principalmente quando se trata de sucesso de professor de outra universidade. Então, para aliviarem a dor moral, despejam seu veneno em quem costuma ser mais feliz. O despeito é perigoso, sempre foi muito perigoso, principalmente em pessoas cuja ética se rivaliza com o mesmo papel que costumamos jogar na lixeira do banheiro. Trata-se de um tipo de pessoa que não consegue conviver bem com o êxito alheio; assim, todo sucesso de outrem é visto como se fosse um autêntico “insulto pessoal”: em vez de admiração, causa ressentimentos; produz inveja, despeito, rancor, mesquinharia – enfim, põe em modo operacional toda uma série de traços entre os menos atraentes da personalidade humana. São uns infelizes, que só se darão conta da intensidade da sua infelicidade ao longo da vida.

Mas voltando à *banana*: recentemente, uma mulher foi a um programa de entrevistas e cantou uma música da bossa nova, em cuja letra aparece várias vezes a palavra *banana*. Foi “bánâna” para cá, “bánâna” pra lá, pra dar e vender. Afeou a música.

falámos / tratámos / conversámos

Pelo Acordo Ortográfico, diferencia-se o presente do pretérito abrindo a vogal **a** das formas pretéritas. Ex.: *Ontem falamos de tudo, tratamos de*

tudo, conversamos sobre tudo. (Ou seja: *falámos, tratámos, conversámos*). Não há erro, no entanto, em pronunciar, mesmo nesse caso, fechando a vogal: *falâmos, tratâmos, conversâmos* (que é a minha preferência).

"mâs"

Na década de 1960 tivemos um presidente da República (folclórico, de todos os pontos de vista) que se notabilizou não só por dizer "senhôra", mas também por pronunciar a conjunção **mas** desta forma: "mâs", como, aliás, ainda dizem os gaúchos. Ora, o que ocorre aqui é uma grande confusão: a vogal **a** só se fecha quando **antecede** consoante nasal, nunca quando se pospõe a ela (c**a**ma, s**o**ma, t**e**ma, etc.). Não fosse assim, também teríamos de dizer "nâda", "mâla", etc., aberrações semelhantes ao "mâs" gaúcho.

serpente "não venenosa"

Eis aí algo que é difícil de aceitar. Por quê? Porque há uma diferença entre *cobra* (qualquer ofídio, venenoso ou não) e *serpente* (cobra venenosa, peçonhenta). Quando deparamos uma coral, dizemos que se trata de uma *cobra*, porque ela pode ser peçonhenta ou não (existem as falsas). Mas quando nos referimos à passagem bíblica, somos obrigados a dizer que foi uma *serpente* que tentou Eva no Paraíso, e não uma *cobra*. Tinha, naturalmente, de ser uma serpente... Cleópatra também morreu em consequência da picada de uma *serpente*, uma áspide. Tinha de ser...

Eis que, todavia, ao ler uma de nossas principais revistas semanais de informação, encontro as trevas: *Um veterinário australiano, especialista em cobras, foi chamado às pressas para retirar do telhado de uma casa uma serpente de 7kg e 3m de comprimento. Missão cumprida, o vaidoso veterinário posou para fotógrafos e cinegrafistas. Foi quando a cobra se vingou e o atacou no rosto. Ele teve sorte: a serpente não era venenosa.*

Toda serpente é venenosa; se não for venenosa, não é serpente, é apenas cobra.

arguir "da" constitucionalidade de uma medida

É tolice: o verbo *arguir* não é transitivo indireto. Quem questiona, discute,

apresentando razões a favor ou contra, argúi alguma coisa, e não *"de"* alguma coisa. Podemos, agora, *arguir* uma questão controversa: o voto dos analfabetos.

Quando um ministro dos Esportes apresentou sua proposta de mudanças na lei do passe, um jornalista esportivo insistiu em afirmar na televisão: *Os cartolas estão querendo arguir "da" constitucionalidade da proposta.*

O homem comete tanto furo, é tão desastrado e intragável, que já o chamam de Juquinha Kfuro!

"duzentas" gramas de queijo "prata"

Eis aqui uma porção suficiente para causar aquela indigestão. Ao menos aos seres humanos. Sim, porque **duzentas** *gramas* só burros, jumentos e jegues é que costumam comer, já que *grama* (feminino) é *capim*.

E o queijo que costumamos comer em lanches é o *prato*. Até o momento nenhum laticínio se empenhou em fazer o queijo "prata", naturalmente porque o custo não deve ser vantajoso...

Houve época em que os jornalistas da revista *Veja* defenderam com unhas e dentes a expressão "uma grama de ouro". Que bom que os tempos mudam!

uma blitz, duas ...

...*blitze*, já que, em alemão, o plural de *blitz* é ***blitze***. Os nossos jornalistas, que até pouco tempo atrás usavam *duas "blitz"*, já passaram a usar a forma certa.

Repare nestes exemplos, para firmar conhecimento: *Em razão da onda de sequestros, a polícia tem feito muitas* ***blitze*** *pela cidade de São Paulo. *** Passei por várias* ***blitze*** *sem me pararem.*

Repare "as" pernas dela!

Quem repara *"as"* pernas é mecânico, já que *reparar* (sem a preposição *em*), na linguagem culta formal, significa *consertar*: *reparar* relógios, *reparar* fechaduras e até *reparar* pernas, quando mecânicas.

Pessoas mais elegantes, de espírito mais sutil, *reparam* **n***as* pernas de uma garota, mas antes reparam **n***os* seus bonitos olhos, **n***os* seus lábios, **n***o* seu

jeito de andar e de falar, **n***o* seu olhar, **n***a* sua boca, **n***a* textura dos seus lábios, enfim, reparam **em** tudo o que ela tenha de reparável e, sobretudo, de irreparável.

Pode tratar-se de bandidos

Frase perfeita. O verbo *poder*, nesse caso, é auxiliar de um verbo transitivo indireto acompanhado do pronome *se*, que indetermina o sujeito. Por isso, pode abrir a porta: *pode* tratar-se de amigos!

Antes de abrir a porta, porém, repare nestoutra frase: *Pode verificarem-se protestos, se a polícia usar de violência.*

Reparou? O verbo *poder*, em suma, em frases desse tipo, equivale a *é possível*.

arruinar

Todas as formas rizotônicas deste verbo têm tonicidade no **i**: *arruíno, arruínas, arruína, arruínam* (pres. do ind.); *arruíne, arruínes, arruíne, arruínem* (pres. do subj.). Ex.: *O tabagismo* **arruína** *a saúde; as drogas* **arruínam** *a vida. *** Não mexa na ferida, que ela* **arruína***! *** Não deixe que uma pequena divergência* **arruíne** *uma velha amizade!*

aprendendo o bê-á-bá

Apesar de ser assim, veja como escreveu um jornalista: *Tanto discutimos a inflação e suas causas, durante estes anos todos, que acabamos esquecendo o "beabá", o básico, o elementar.*

Há pessoas que querem ser formadoras de opinião sem sequer terem aprendido o *bê-á-bá*.

Mas há esperanças, há esperanças. Eis como escreveu outro jornalista, talvez mais letrado (ou mais bem-alfabetizado): *Ao criticar e desafiar uma MP que está vigendo, o governo Lula está mostrando ser analfabeto num ponto fundamental que é o* **bê-á-bá** *do Estado democrático de Direito.*

Digno de encômios...

por si só

A expressão *por si só* (= por si sozinho) varia normalmente: *As declarações do réu, por si* **sós**, *já bastam para condená-lo. *** Há políticos que, por si* **sós**, *já nos causam arrepios.*

Certa feita, uma fábrica de inseticida fez propaganda pela televisão, na qual o apresentador, logo de início, saiu-se com esta: *Existem coisas que fazem mal por si "só".*

De fato.

No *Jornal do Carro* se leu: *Os carros já são fascinantes "por si só". E quando se mistura arte + carros, com bom gosto, claro, vale até exposição.* Há muita gente por aí se metendo a escrever sem ter noção da própria língua.

No editorial de uma importante revista semanal de informação se leu recentemente: *As leis de mercado se mostraram frágeis, inúteis e insustentáveis "por si só".*

Certos textos jornalísticos também se mostram frágeis, inúteis e insustentáveis por si **sós**...

Peloponeso (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *peloponézo*. O *Peloponeso* é uma península do Sul da Grécia, causa de grandes conflitos na Antiguidade por causa da fertilidade de suas terras. Dominado por Esparta (que o conquistou de Atenas, na guerra que levou o seu nome) até o século IV a.C., caiu nas mãos de Tebas e da Macedônia, mais tarde. Conquistado pelos romanos em 146 a.C., tornou-se província romana e, depois, bizantina. O controle bizantino durou até 1432, quando passou para o governo turco, até 1460.

peixe tem "espinho"?

Pelo menos nas águas do planeta Terra, não. O que peixe tem é *espinha* dorsal. Mas uma repórter da Rede Globo não vacilou em afirmar, certa feita, que os habitantes de Londrina preferem consumir peixe sem *"espinho"*.

Nós todos também...

a pé

Sempre sem acento no ***a***: *andar* **a** *pé*.

Não se usa, ainda, "de a pé" por *a pé*: vou *a pé*, vim *a pé* (e não: vou *"de" a pé*, vim *"de" a pé*).

Em algumas regiões do Nordeste se usa *"de" pé* por *a pé*. Em Salvador, por exemplo, as pessoas costumam ir *"de" pé* e vir *"de" pé*. Assim, quando um motorista paquerador oferece uma carona a qualquer garota que vai passando pela rua, esta reage quase sempre brava e desta forma: — *Não, não preciso de carona: eu vou "de" pé mesmo*.

Ao chegar a casa, ela dá a notícia à mãe:

— *Mãããããe, mãinha! Um cara queria me dar carona, mas eu não aceitei: vim "de pé" mesmo*.

O mais importante é que ela chegou...

de pé / a pé

Já que estamos com a mão na massa, não é costume haver diferenças de significado entre estas expressões:

1) **ir a pé** = ir usando os pés, por oposição a *ir a cavalo*, *ir de carro*, etc.: *Quando lhe ofereceram carona, ela recusou, dizendo que preferia ir a pé*.

2) **ir de pé** ou **ir em pé** = ir com o corpo todo ereto, com apoio apenas nos pés, por oposição a *ir sentado*, *ir deitado*, etc.: *Nos ônibus urbanos, muita gente vai de pé. Nos ônibus interurbanos, é proibido ir em pé.*

3) **estar a pé** = estar já desperto e fora da cama, ter já se levantado: *Na zona rural, às 5h o pessoal já está a pé*. (O povo usa, neste caso, "de" pé ou "em" pé.)

serviço de "metereologia"

O que temos é o Serviço de *Meteorologia*, palavra que vem de *meteoro*. No entanto, o erro é comum. O adjetivo correspondente
é *meteorológico*.

No provedor Terra apareceu isto: *Saiba a melhor maneira de dirigir em situações "metereológicas" adversas como: neblina, chuva, vento, lama e até gelo.*

E num jornal: *Um terremoto medindo 7,2 graus na escala Ritcher atingiu a*

região do Pacífico perto das ilhas Salomão e de Papua Nova Guiné hoje, segundo um instituto "metereológico" dos Estados Unidos.

Estamos bem de jornalistas?

"sob" o ponto de vista

É um galicismo dispensável, já que temos **d***o ponto de vista*, aliás, expressão muito mais elegante. **De** todos os pontos de vista...

Numa revista, porém, se leu: *O movimento de José Rainha é um anacronismo "sob" qualquer ponto de vista pelo qual seja observado.*

Isso aí também não deixa de ser um anacronismo, **de** qualquer ponto de vista...

"sob" esse aspecto

A preposição *sob*, em português elegante, deve ser substituída em tal expressão por *em*: **N***esse aspecto, posso dizer que a amo; mas* **n***outro aspecto, não*.

Numa revista se leu, porém: *Deputados e senadores que elegemos nunca nos consultam sobre coisa alguma. Eles nem sabem a quem representam, nem ao menos têm os nossos e-mails. "Sob" esse aspecto, nem uma República de fato somos*.

Nesse aspecto, estou com o jornalista...

circuito / gratuito / fluido (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se com acento no **u** do ditongo: *circúito, gratúito*, *flúido* (o substantivo). É bem verdade que apresentadores e repórteres de televisão continuam dizendo "circuíto", "gratuíto" e "fluído". Mas creia: são apenas os despreparados.

o dois-pontos

O nome do conhecido sinal de pontuação (:) tem hífen: *dois-pontos*.

Poucos sabem usar o dois-pontos. Certa feita, a Toyota do Brasil fez publicidade capenga. Acima da foto do Corolla se lia: *Ótimo desempenho e*

muita segurança. O que toda mulher procura num homem e todo homem procura num carro.

A mensagem publicitária perfeita, no entanto, é esta: *Ótimo desempenho e muita segurança: o que toda mulher procura num homem, e todo homem procura num carro.*

EM TEMPO – Há quem use assim: *os dois pontos* (os portugueses o fazem), ou seja, sem hífen e sempre no plural. Para bom entendedor, *dois pontos (os)* são isto: **..**, ou seja, um ponto atrás do outro; *dois-pontos (o)* é isto: **:**, ou seja, sinal de pontuação.

zero “pontos”

Se 1 não exige nomes e verbos no plural, que se dirá de *zero*! Há, todavia, quem consiga enxergar plural em *zero*. Repare nesta notícia de *A Gazeta Esportiva*: *O Oeste de Itápolis foi julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Paulista de Futebol, por atuar com três jogadores que estavam com suas documentações irregulares e acabou punido com a perda de 12 pontos. A Federação não divulgou se, após essa decisão, o Oeste, que possuía dois pontos em quatro jogos e era o penúltimo no Grupo 2, passará a figurar com menos dez ou com zero “pontos”.*

Não sabemos dizer se estamos mais com pena do Oeste do que do Leste...

representação das horas e dos minutos

As horas e os minutos se representam assim, e só assim: *20h, 20h15min, 15h02min, 18h, 12h38min.*

Há os que usam o dois-pontos: *“20:15”*. Há os que usam, além do dois-pontos: *“20:15hs.”*. Há de tudo, menos o correto.

Certa vez, fixaram um grande aviso à entrada de um elevado em São Paulo, conhecido popularmente por Minhocão: *O elevado estará interditado “das 0 HS às 5 HS”.*

Note que, além da representação gráfica errada das horas, o zero foi considerado como nome do plural! Não seria mais econômico, mais sensato, mais educativo, elaborar um aviso assim: *O elevado estará interditado* **da 0h às 5h**?

Recentemente, uma emissora de televisão, depois de encerrar suas atividades, deixou esta mensagem na tela: *Fim de transmissão. Horário de programação: "de 08:00hs às 00:00hs."*. Aqui, uma série de absurdos ocorreu, como facilmente se nota. E saber que é tão fácil (e muito mais econômico) escrever corretamente: **das 8h à 0h**!

abreviaturas de grama, quilo e de quilômetro

As abreviaturas de *grama*, *quilo* e de *quilômetro*, junto de números, se usam assim, e só assim: *100g, 2kg, 50kg, 1km, 80km* (note: não há *s* nem ponto, e a abreviatura segue imediatamente o algarismo, não havendo nenhum espaço entre eles).

Portanto, o limite de velocidade na maior parte das rodovias brasileiras é de **80km/h**, e não de "80 KM", como se vê comumente nas placas pelas nossas estradas. Está aí a razão por que os motoristas costumam exceder a velocidade máxima permitida: falta de respeito se paga com falta de respeito...

abreviaturas de litro e de mililitro

Hoje devemos usar assim: L para *litro* e mL para *mililitro*. A mudança de l para L e de ml para mL se deveu para evitar confusão com o algarismo 1. É a nova orientação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Vimos aqui todos os dias para rezar

Frase perfeita: o presente do indicativo do verbo *vir*, na primeira pessoa do plural, é *vimos*. Portanto, em cartas: **Vimos** *informar a Vossas Senhorias que ...* *** **Vimos** *notando ultimamente uma queda nas vendas dos nossos produtos*.

ATENÇÃO – A frase **Viemos** *aqui para beber ou para conversar?* é defensável, desde que não se perca de vista o aspecto verbal. A ideia de constância, de frequência, traduz-se pelo presente: **Vimos** *aqui para beber ou para conversar?* (Ou seja: *Vimos aqui* **todos os dias** *para beber ou para conversar?*). Se o fato se dá apenas vez ou outra, cabe o emprego do pretérito: *Afinal,* **viemos** *aqui para beber ou para conversar?* Quando um fabricante de cerveja fez anúncio usando a frase, estava clara a intenção de

frequência, de constância naquele hábito.
Daí por que censuramos a frase numa das edições anteriores.

“sentar na” mesa

É coisa de gente pouco civilizada. Gente educada, elegante, civilizada, *senta*-**se à** *mesa*, quer para comer, quer para dialogar, discutir, debater, assinar acordos. É melhor usar como pronominal, mas há dicionários que já trazem o verbo *sentar* como intransitivo. Normal.

Uma prefeita de São Paulo queria porque queria sentar “na” mesa com os empresários de ônibus urbanos e “ter com eles uma parceria”. Será que os empresários aceitaram?!

“os” 5.° e 6.° anos

É tolice. Antes de palavras no singular (5.º), não se usa o artigo no plural, ainda que haja uma sequência delas: *Dou aulas n***o** *7.º e 8.º anos. *** Transcrevi* **o** *2.º, 3.º e 4.º parágrafos. *** Ângulo formado pel***a** *2.ª e 3.ª porções do duodeno. *** Eram pessoas indicadas para* **o** *2.º e 3.º escalões do governo. **** **A** *1.ª e 2.ª varas cíveis. *** Não concordo com* **o** *4.º e 5.º itens desse documento.*

A maioria dos jornalistas desconhece completamente o assunto, o que não chega a ser AQUELA novidade. Repare na frase de um deles: *Após três meses de governo, continua a corrida pelas vagas “nos” segundo e terceiro escalões.*

Esta é de outro jornalista, cujo nome lembra um famoso presidente norte-americano: *Em viagem ao Senegal, Lula visitou a Casa dos Escravos, na ilha de Goree, um dos pontos de partida dos negros que cruzavam o oceano Atlântico rumo às Américas. Emocionado, pediu perdão aos africanos pela escravidão que durou “dos séculos” 16 ao final do 19.*

Eles são assim...

dizer “para” que

Quem diz, diz alguma coisa a alguém: *O presidente disse aos ministros que não renunciará, apesar dos sucessivos escândalos à volta do seu governo.*

Escreve o mesmo jornalista do item anterior: *A crise se agravando*

semanalmente e Lula dizendo a jornalistas “para” que olhem para a sua cara e vejam seu ar despreocupado.

Pra que o *para*?

eu quero me divertir

Há professores que condenam o uso de pronome oblíquo isolado entre dois verbos, amparando-se na sintaxe do português lusitano. Convém parar.

Aliás, ainda há provas de exames vestibulares que exigem conhecimentos da sintaxe de colocação usada meramente em Portugal, o que é um acinte para qualquer brasileiro. Universidade ou faculdade que ainda exige isso deveria ser cassada, a bem do serviço público...

No português do Brasil, o pronome oblíquo pode perfeitamente vir isolado entre dois verbos. Não há nenhuma necessidade de usar o hífen (*Eu quero-me divertir*). Deixemos os portugueses com seus empregos; fiquemos com os nossos! Ou temos de falar português como eles “tambáim”?

Ártemis

Na mitologia grega, deusa virgem da caça, dos animais selvagens e da Lua, irmã gêmea de Apolo, identificada com a deusa romana Diana. Note: é nome proparoxítono, embora muitos insistam em dizer “Artêmis”.

proceder “um” sorteio

Não. No sentido de *fazer, efetuar, levar a efeito*, **proceder** é transitivo indireto: *proceder* **a** *um sorteio,* **a** *um exame,* **a** *uma vistoria,* **a** *uma cobrança,* **a** *investigações,* **a** *pesquisas,* **a** *diligências.*

Num formulário de depósito bancário, leu-se, certa vez, esta advertência: *A disponibilidade do depósito em cheque ocorrerá após a respectiva cobrança “que procederemos” por sua conta e risco.*

Pois a cobrança **a** *que procederemos* é para sempre. E será maligna!...

olhar

Na acepção de *levar em conta ou em consideração* é transitivo indireto:

Quando ele vai a restaurantes, não olha **a** *preços. *** Gosto de Beatriz, porque ela não olha* **a** *meus defeitos.*

Um jornal reproduz a entrevista com um ministro: *Essa greve do judiciário vai se voltar contra as instituições e será uma greve antipática. Uma greve por melhores condições da sua própria carreira, que não olha "a" situação da totalidade do povo brasileiro.*

Há, por acaso, alguém que olhe **à** situação do povo brasileiro?

Ela "mesmo" diz que merece a punição

Mesmo e *próprio* variam em gênero e número, quando funcionam como demonstrativos de caráter reforçativo: *Ela* **mesma** *diz que merece a punição. *** Ela* **própria** *diz que deve ser punida. *** Elas* **mesmas** *lavam suas roupas. *** Luísa, seja honesta consigo* **mesma***!*

Mesmo não varia somente quando equivale a *de fato, realmente*: *Ela veio* **mesmo** *aqui hoje? *** Suas filhas sabem* **mesmo** *cozinhar?*

Num de nossos jornais apareceu certa vez esta frase: *As montadoras estão virando "no" avesso uma máxima que elas "mesmo" criaram: vender barato para vender mais.* Montadora, no Brasil, vende veículo barato?

Viridiana é uma "soprana"?

Não. *Soprano* é termo que se aplica tanto ao cantor quanto à cantora. A distinção de sexo se faz trocando o gênero do artigo ou de qualquer outro determinante: *o soprano, a soprano; aquele soprano, aquela soprano,* etc. Trata-se, portanto, de um nome comum de dois, assim como *dentista, jovem, selvagem, motorista*.

Certa feita, uma apresentadora de telejornal informou que a *"soprana"* Aprile Millo chegaria ao Brasil.

E nem sequer ficou vermelha!

Alguém pode ter olhos "castanhos-escuros"?

Não. Num adjetivo composto, só o último elemento varia. Portanto, só podemos ter *olhos* **castanho**-*escuros, cabelos* **castanho**-*escuros, olhos* **verde**-*claros, olhos* **azul**-*claros, equipamentos* **médico**-*hospitalares, política* **econômico**-*financeira, tonalidades* **claro**-*azuladas, pessoas* **maníaco**-

depressivas, etc.

Num jornal, porém, se viu isto: *Os animais, como as pessoas e principalmente como as crianças, merecem uma série de cuidados "higiênicos-dietéticos", que abrangem, além de limpeza e alimentação, os serviços "médicos-veterinários".*

Certas pessoas, assim como certos animais, merecem — de fato — uma série de pequeninos cuidados...

"após ter"

Não é bom português o uso de *após* antes de formas nominais. Prefere-se *depois de*: **Depois de** *se levantar da cama, tome banho!* *** **Depois de** *ocorrido o acidente, começou a chover.* *** **Depois de** *ter marcado o gol, o jogador foi até a galera*.

Se o uso de formas nominais com a preposição *após* já é de todo condenável, que se dirá, então, do seu emprego não só assim, mas junto de preposição? Foi o que encontramos no rótulo de um molho de tomate. A patada veio em forma de conselho: *"Após de abrir" conservar em geladeira*. Não é uma fria? Quanto à falta da competente vírgula depois de *abrir*, então, nem vamos comentar: é café-pequeno.

Após "ao" almoço, escove os dentes!

Após já é uma preposição; não aceita outra preposição posposta. Assim, usaremos: *após o jantar, após as refeições, após as 18h, após o jogo, após o programa, após o almoço*, sempre sem a combinação **ao** ou sem a crase **à**. De vez em quando, no entanto, aparece um aviso correndo na parte inferior da tela do nosso televisor: *Após "ao" futebol, assista a um filme inédito.* De quem é a culpa? Claro: do futebol!...

Outro dia ouvi de um repórter esportivo de Belo Horizonte isto: *O técnico foi demitido logo após "ao" jogo contra o Bahia*. Essa gente não tem a mínima condição de estar trabalhando como jornalista. Sim, porque jornalista que não conhece a língua é o mesmo que mecânico que não tem noção do que seja uma chave de fenda. Você vai pagar pelo conserto, e seu carro nunca ficará apto a trafegar com segurança.

Para encerrar, certa feita no *site* da Jovem Pan se leu: *Romeiros:*

movimento na Dutra será mais intenso após "às" 16h do domingo.

De quem é a culpa? Sem dúvida: dos romeiros...

bife a cavalo

Quem conhece o delicioso alimento sabe que aí existe um paradoxo: por que bife *a cavalo*, se é o ovo que vem por cima? Explica-se: essa expressão é uma redução infeliz de outra, bem mais lógica, porém, pouco usada: *bife com ovo a cavalo*.

Se, porém, algum de nós chegar a um restaurante e pedir um bife com ovo a cavalo, é bem provável que o garçom nos traga outra coisa...

arrepender-se

É verbo que não dispensa nunca o pronome: *eu* **me** *arrependi do que fiz* (e não apenas: "eu arrependi" do que fiz) e assim por diante.

Certa feita, um apresentador de programa esportivo pela televisão perguntou a um ex-treinador da seleção brasileira de futebol: *Você "arrependeu" de não ter convocado Romário para as Olimpíadas?* A resposta veio tão capenga quanto a pergunta: *Não, não "arrependi"*. Pois então, *arrependa*-**se** de não ter aproveitado os seus anos escolares como deveria!

O número sete deve ter corte?

De preferência, não. Verifique em qualquer teclado: o **7** tem corte?

O corte nesse algarismo começou a aparecer para espantar a confusão com o 1, ou mesmo com o 2. Convém saber, todavia: o corte é apenas ratificativo, e não absolutamente necessário.

Há uma explicação galhofeira para o corte no 7. Diz-se que, quando Moisés desceu do monte Sinai com a Tábua dos Dez Mandamentos, passou a ler as leis de Deus para o povo. Chegando ao mandamento de número 7, ergueu um pouco mais a voz: **Não cobiçar a mulher do próximo!** Ao que o povo protestou prontamente, gritando: **Corta, corta!**

somatória

Até ontem, esta palavra era considerada errada; a correta era apenas e tão somente **somatório**. Até que chegaram os luminares da Academia e, na 5.ª edição do VOLP, acabaram por registrá-la. Baseados em quê, ninguém sabe. Como o VOLP tem força de lei, somos obrigados a engolir mais esse sapo, entre outros tantos.

saco de papel multifoliado

É a grafia correta da palavra, e não "multifolhado", que é, porém, como se viu num jornal: *Os sacos "multifolhados" originaram-se na Europa, em meados do século XVIII.*

"meu" óculos

Óculos é palavra só usada no plural: *os óculos*. Quando precisar de *bons óculos*, procure uma ótica! Antes, porém, não se esqueça de consultar um bom oftalmologista, que lhe indicará *os melhores óculos* para o seu caso.

Certa feita, noticiou um jornal, para grande surpresa nossa: *A polícia francesa anunciou ontem o roubo d***os óculos** *usados por Napoleão Bonaparte na histórica batalha de Austerlitz, de 1805, em que venceu os exércitos austríaco e russo.*

A hora é de festa, de alegria: exultemos!

Já durante a cerimônia de transferência de faixa presidencial, Fernando Henrique Cardoso, ao retirar a faixa, deixou cair *os óculos*. A apresentadora de uma emissora de televisão, todavia, que sabe falar fluentemente o francês e o inglês, não conseguiu dizer **os** *óculos*. Ficou mesmo com *"o" óculos*. É a miopia sempre presente.

A estátua de Carlos Drummond de Andrade, no Rio de Janeiro, vive sendo alvo de vândalos, que insistem em lhe retirar os óculos de bronze. O jornal *O Globo* noticiou assim o último desses roubos: **Estátua do poeta volta a perder parte "do" óculos.** *A escultura do poeta Carlos Drummond de Andrade no calçadão da Praia de Copacabana voltou a ficar sem a haste "do" óculos. O acessório de cobre é frequentemente alvo de vândalos. Desta vez só conseguiram levar metade "do" óculos.*

Eles são assim...

Deixe “eu” dormir sossegado!

Frase típica da língua falada. Preste atenção a estes seis verbos e nunca mais os esqueça: *deixar, mandar, fazer, ver, ouvir* e *sentir*. Todos seis exigem pronome reto antes de infinitivo, e não pronome oblíquo. Repare nestas frases: *Deixe-***me** *dormir sossegado! *** Mandaram-***me** *ficar aqui. *** Fizeram-***me** *beber todo o purgativo. *** Vi-***o** *entrar. *** Ouvi-***as** *chorar. *** Senti-***a** *mexer-se.*

Mas na língua falada, a do dia a dia, entre amigos, é comum encontrarmos o pronome reto, o que não chega a ser um crime de leso-idioma, por se tratar de língua falada e entre amigos: *Mandaram “eu” ficar aqui. *** Fizeram “eu” beber todo o purgativo. *** Vi “ele” entrar. *** Ouvi “elas” chorar. *** Senti “ela” mexer-se.*

Faça entrar as visitas!

Frase corretíssima. Lembra-se dos seis verbos do caso anterior? Eles estão presentes, novamente. Todos seis, quando usados com infinitivo imediatamente posposto, dispensam a flexão do infinitivo, independentemente do número em que se encontra o sujeito. Ex.: *Mande* **sair** *as crianças.* (O sujeito de *sair* é *as crianças*.) *** *“Deixai* **vir** *a mim as criancinhas!”*. (Sujeito de *vir*: *as criancinhas*.) *** *Vi* **morrer** *os soldados. *** Ouvi* **bater** *portas e janelas. *** Senti* **cair** *os meus óculos.*

Se aparece um pronome oblíquo como sujeito, o infinitivo continua invariável. Ex.: *Faça-as entrar!* (O sujeito de *entrar* é *as*.) *** *Mande-as sair! *** Deixai-as vir a mim! *** Vi-os morrer. *** Ouvi-as bater. *** Senti-os cair.*

Se, no lugar do pronome oblíquo, aparece um substantivo ou um pronome substantivo, a flexão é facultativa ou opinativa. Ex.: *Faça as visitas entrar* (ou *entrarem*)*! *** Mande todos sair* (ou *saírem*)*!*

A Goodyear lançou um pneu à prova d’água. Sua propaganda começava com esta frase: *Quando as águas chegarem, deixe as águas* **rolarem**. Perfeito. Mas se estivesse **rolar**, em vez de ***rolarem***, a frase não só estaria perfeita, como castiça.

Os jornalistas, por sua vez, desconhecem por completo o assunto. Eis um exemplo, dos milhares que já encontramos em publicações de todos os

tipos: *O ano de 1985 "viu passarem" pela área econômica três administrações distintas*.

A *Veja*, ed. 1.621, apresentou interessante reportagem sobre os mamutes. E uma frase assim: *Corpo bem conservado de mamute morto há 23.000 anos* **faz** *cientistas* **sonhar** *em recriar a espécie*.

Extraordinariamente correto! Houve até quem ficasse extremamente emocionado...

risco de vida / risco de morte

A expressão rigorosamente lógica, racional, é *risco de morte* (o elemento final, após *risco*, deve denotar sempre algo ruim), daí por que existe o *risco de infecção* num ambiente infecto; assim como se corre *risco de contágio*, se se tem contato com alguém que sofre de mal contagioso, etc.

Nem sempre, porém, o que é racional, lógico, acaba a braços com a língua, que também agasalha *risco de vida*. Aliás, consta dos mais antigos (e bons) dicionários. Afinal, quando uma pessoa se põe a andar a 200km/h, nas estradas brasileiras, arrisca *a vida* (e não
a morte).

perigo de vida / perigo de morte

É outro caso interessante, semelhante ao anterior. A língua só possui *perigo de vida*. E note que a palavra *perigo*, logicamente, não poderia nunca pedir outra de significado meliorativo, mas sim de significado ruim, desagradável, funesto. As pessoas que ganham a vida remexendo lixões correm perigo de *doença*; uma equipe não corre perigo de "vitória", mas perigo de *derrota*, numa partida difícil. Então, por que apenas perigo de *vida*? Não tenho, infelizmente, a resposta.

quer...quer

As conjunções correlativas alternativas não podem ter elementos diferentes. Portanto, usamos sempre: *quer...quer, ou...ou, seja...seja*, etc. Volta e meia, no entanto, encontramos frases mais ou menos assim: *Estamos cansados de radicalismos,* "quer" *de esquerda* "ou" *de direita.* *** *Mulheres e até homens se preocupam com a própria pele,* "seja" *no verão*

“ou” *no inverno.*

Seja no verão, *seja* no inverno, a realidade é essa...

De boas intenções, o mundo realmente está cheio. Recentemente, um abnegado se dispôs a comentar os erros encontrados nos livros didáticos do ensino fundamental. Sua primeira frase, para iniciar o comentário dos erros, foi esta: *Uma rápida folheada num livro, pretensamente didático, destinado ao Ensino Fundamental, seja de Geografia “ou seja” de Ciências demonstra, geralmente, um grande número de erros, de imperfeições, de omissões e/ou de desatualizações na parte referente à Astronomia.*

Ele continua: *O mais grave dessa situação é que os livros são usados tanto pelos alunos como pelos professores, sendo, muitas vezes, o único livro de referência disponível. Assim, o professor aprende errado, ensina errado, o aluno se torna professor e o ciclo da ignorância se fecha e perpetua.*

Não é que o autor tem razão?!...

Esta saiu num jornal: *Não se pode confiar nos homens públicos,* **seja** *na Nova República* “ou” *na Velha.*

Que constatação fantástica!...

Preciso de ajudantes, sejam mulheres, sejam homens

Frase perfeita: *sejam* aí é verbo. Mas a mesma frase poderia estar assim, com conjunção alternativa: *Preciso de ajudantes,* **seja** *mulheres,* **seja** *homens*. = *Preciso de ajudantes,* **ou** *mulheres,* **ou** *homens.*

Outro exemplo: *Estamos cansados de radicalismos,* **sejam** (ou **seja**) *de esquerda,* **sejam** (ou **seja**) *de direita*.

Portanto, perfeita esta frase da revista *Veja*, ed. 1.815, p. 57, sobre cuja correção nos enviaram consulta: *Na hora do voto, o eleitorado americano costuma rejeitar os candidatos extremistas —* **sejam** *de direita,* **sejam** *de esquerda*.

Poderia estar aí também, portanto, *seja...seja*.

“muito” embora

Combinação esdrúxula. Use-se apenas *embora*, já que tal palavra, no português contemporâneo, só pode ser conjunção ou palavra denotativa, mas nunca advérbio, como já o fora antanho.

Os jornalistas, no entanto, desconhecem tudo isso e escrevem: *Os gastos dos técnicos com viagens, por exemplo, subiram 40% em três anos, "muito" embora as crises financeiras tenham sido raras no período.*

Pergunta de uma repórter a um galã do cinema: *Há muitos anos que é considerado um dos símbolos sexuais masculinos de Hollywood. "Muito" embora esteja agora noivo de Jennifer Lopez, foi assediado por muitas mulheres quando era solteiro?*

Eita, jornalismo brasileiro!

suor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *suór*. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no entanto, certa vez, num discurso, quis parodiar Churchill. Mas fê-lo tão mal, que seria melhor que não o fizesse. Numa daquelas crises por que passou o seu governo, ele disse que só tinha a oferecer ao povo brasileiro *"suôr" e lágrimas*. E voltou a usar a famigerada expressão "brasileiras e brasileiros", que, aliás, já houvera empregado dias atrás, noutro de seus discursos.

Não sei quem foi que me disse certa vez que sociologia fazia mal às pessoas, que mexia muito com a cabeça. Estou já quase me convencendo...

os "pataxó"

É outra asneira, difundida por um grande jornal paulista, que já se está tornando famoso por suas invencionices na língua, para depois colocá-las todas em seu manual de redação. As vítimas, naturalmente, são os compradores do manual, que buscam, ansiosos, **conhecimentos** de português e ficam sem tê-los.

A invenção acima, no entanto, quase ia pegando, não fosse o bombardeio cerrado que se realizou contra ela. Estavam querendo que todos os nomes de nações indígenas não variassem e tivessem (ainda) iniciais maiúsculas! Aí, então, teríamos "os Guarani", "os Tupi", a Rua "dos Tamoio", a Ladeira "dos Tabajara", e o poema de Gonçalves Dias, naturalmente, iria virar "Os Timbira".

Ou seja, falaríamos língua de índio. Felizmente, percebeu-se a tempo a asnice. Eita, jornalismo brasileiro!

Entro no trabalho às 8h ou “de 8h”?

Quem é consciente, responsável, entra no trabalho **às** *8h*. Sempre **às** 8h.

No Ceará, todavia, as pessoas não entram no trabalho *às 8h* nem saem *às 18h*. Elas entram “de 8” e saem “de 18”. Certa vez, encontrando uma conhecida funcionária de uma farmácia, em Fortaleza, perguntei-lhe: – *Já está indo para o trabalho?* A resposta veio assim: – *Não, hoje só entro “de 4”.*

E ela ainda fez expressão de desentendida, quando me viu rindo...

“inhoque” com frango

É um prato indigesto. Há restaurantes que oferecem isso; convém comer só o frango, deixando a massa...

Prato saudável, que deve constar em cardápio de restaurantes confiáveis (e limpos) é só o **nhoque** com frango.

Nhoque é um aportuguesamento do italiano *gnocchi*. Note: nem na língua de origem existe o “i” inicial, que muitos donos de restaurante fazem a gente empurrar goela abaixo.

Foi “criado” uma CPI

Ah, este aqui também é um caso sério, porque generalizado. Impressionante! Quem assiste à televisão e ouve noticiários pelo rádio se depara a todo o momento com alguém cometendo erro de concordância semelhante. O fato é que alguns jornalistas não conseguem distinguir tempo composto de voz passiva e, assim, acabam colocando os pés pelas mãos.

No tempo composto, o particípio não varia: *tenho* **visto**, *temos* **visto**, *havemos* **encontrado**, *havíamos* **jogado**.

Na voz passiva, ao contrário, o particípio varia normalmente: *ela foi* **vista**, *elas estavam* **eleitas**, *elas foram* **encontradas**, *estávamos* **jogados**.

Com os verbos *ter* e *haver* se formam os tempos compostos; com *ser* e *estar*, principalmente, forma-se a voz passiva.

Veja mais exemplos em que há voz passiva: **É vetada** *a publicação de revistas pornográficas.* *** **Será adotada** *uma atitude cautelosa.* *** **Foi encontrada** *uma fórmula para solucionar o impasse.* *** **Foi feita** *uma*

avaliação do estado do jogador.

Todas essas frases foram ouvidas de repórteres, porém, com o particípio absolutamente invariável, numa demonstração inequívoca de desconhecimento do assunto. Aliás, até aqui, nenhuma novidade.

Se os sujeitos vierem no plural, a voz passiva os acompanhará: **São vetadas** *as publicações de revistas pornográficas.* *** **Serão adotadas** *atitudes cautelosas.* *** **Foram encontradas** *fórmulas para solucionar o impasse.* *** **Foram feitas** *avaliações do estado do jogador.*

Vejamos, agora, frases de repórteres ou de jornalistas, assim como elas vieram ao mundo, tanto de teclados quanto de bocas: *Foram "atingidas" pelo decreto um total de 11 áreas nos municípios catarinenses. *** As entregas são feitas a domicílio, ou é "cobrado"*
*R$ 10,00 pelo serviço. *** Nesse caso, é "cobrado" uma mensalidade de R$ 20,00. *** Só é "permitido" a retirada de três livros de cada vez. *** Brevemente será "incluído" na biblioteca circulante da loja coleções de Machado de Assis, Humberto de Campos, Aloísio de Azevedo, Guilherme de Almeida, etc.*

Eita, jornalismo brasileiro!

antílope

É nome masculino e epiceno: **o** *antílope macho,* **o** *antílope fêmea*.

Certa feita, um repórter de televisão nos informou que o zoológico da cidade havia ganho "uma antílope" (em referência ao antílope fêmea). Disse mais: que "a antílope" parecia um bode.

E o cheiro perdura até hoje...

pagar "a" longo prazo

Não convém. Prefira pagar **em** *longo prazo*. É a preposição *em* que se usa neste caso: **em** *longo prazo,* **em** *curto prazo,* **em** *médio prazo*.

Para ter certeza disso, repare neste sugestivo diálogo entre um encanador e um cliente necessitado: — **Em** *que prazo você me faz o serviço? — Faço o serviço* **em** *três dias.*

Observe qual foi a preposição usada. Esse mesmo diálogo seria impraticável (ou não é praticado) com a preposição "a". O encanador

poderia dizer que faria o serviço *em* tempo mais longo (*em* vinte dias, por exemplo; seria, então, um serviço **em** *médio prazo*); poderia pedir ainda muito mais tempo para executar o trabalho (*em* seis meses, por exemplo; seria, então, um trabalho **em** *longo prazo*).

As expressões "a longo prazo", "a médio prazo" e "a curto prazo" receberam clara influência da locução adverbial de modo *a prazo*; no entanto, quando se faz um serviço "a longo prazo" não se tem ideia de circunstância de modo, mas sim de *tempo*.

Há jornalistas que acertam, ao usarem a expressão: *Governar e fazer política assim é absolutamente inviável pelo menos no médio e longo "prazo"*. Acertou no emprego da preposição, mas deslizou na concordância, já que o substantivo deveria estar no plural: *prazos*.

Ou seja: de vez em quando eles acertam, mas dão sempre uma no cravo e a outra bem cravada na ferradura...

ao encontro de = de encontro a?

Não. São exatamente locuções antônimas. **Ao encontro de** indica situação favorável, conformidade; **de encontro a** indica contrariedade, oposição, choque. Assim, uma filha que aguarda a chegada da mãe de uma longa viagem, num aeroporto, estará naturalmente com saudade e, logo que a vê, vai **ao encontro d**ela; um aumento de salários vem sempre **ao encontro d**o desejo dos trabalhadores. Já uma carreta que colide com um muro vai **de encontro a** ele; uma redução de salários vem sempre **de encontro a**o desejo dos trabalhadores.

O Acre teve uma governadora que declarou: *O Congresso Constituinte deve ir "de encontro aos" anseios por mudanças da população do país*.

Disse o que não queria, o que não devia, o que não podia.

"industrializar" testemunhas

É algo um tanto ou quanto difícil. O que se costuma fazer — e não se trata de prática muito aconselhável — é **industriar** testemunhas, ou seja, instruí-las ou orientá-las para não entrarem em contradição no momento do depoimento.

É crime **industriar** *testemunhas*. Os bons advogados usam sempre assim.

Já os “adevogados” preferem “industrializar” as testemunhas.

mesada semanal = incoerência?

Não. A noção de mês na palavra *mesada* se perdeu completamente. Há uma figura de linguagem que justifica todos esses empregos, considerados, à primeira vista, como de incoerência: é a *catacrese*.

tsunami

Esta palavra, de origem asiática, é masculina: **o** *tsunâmi,* **um** *tsunâmi*. Os apresentadores de famoso telejornal brasileiro, tão afeitos a provocar muitos tsunâmis na língua, usam-na como feminina. Parece haver um certo gostinho de prestar desserviço à educação por parte de certas emissoras, que propagam pronúncias viciosas como “Queóps”, “Roráima”, “récorde”, “somáli”, “bagdáli” e tantas outras asneiras.

Não sabemos por que cargas d’água a nova edição do VOLP não trouxe o aportuguesamento da palavra (tsunâmi). É mais um entre tantos problemas dessa edição, que é um verdadeiro desastre no que tange a incorreções, incoerências e outros que tais.

planeja (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *planêja*. Dos verbos terminados em *-ejar*, só *invejar* tem o **e** aberto nas formas rizotônicas; todos os demais têm o **e** fechado: *almejo, alvejo, apedreja, areja, azuleja, bocejo, cacareja, caleja, corteja, coteja, despeja, enseja, esbraveja, esquarteja, fareja, festeja, fraqueja, gagueja, gargareja, goteja, lateja, maneja, peleja, pestaneja, poreja, pragueja, preteja, rasteja, relampeja, solfeja, veleja*, *viceja*, etc. Portanto, nada de “alméjo”, “alvéja”, “apedréja”, “festéja”, etc. Quem é que diz “eu deséjo”, “ela deséja”, “eles deséjam”? Só os que não têm bons desejos, naturalmente...

Um jornalista esportivo, certa vez, declarou: *Esse é um jogador que “faréja” o gol.*

De outra feita, um jornalista da TV Cultura disse, num programa noturno de entrevista, na ânsia de justificar a apresentação de certos programas do mundo cão, que a televisão “despéja” o programa que a população quer.

Estamos condenados a ver e ouvir o que não queremos.

idoneidade / espontaneidade

São as palavras corretas, embora o povo goste muito de "idoniedade" e "espontaniedade".

Repare ainda nestas palavras, com terminação semelhante:
contemporaneidade, homogeneidade, heterogeneidade, instantaneidade, simultaneidade.

laringe (é masculina ou feminina?)

Em rigor, *laringe* é palavra masculina (**o** *laringe*). Só passou a ser usada como feminina por influência do gênero de *faringe*.

Assurbanipal

Nome do rei da Assíria, também conhecido por Sardanapalo pelos gregos. Note: é palavra oxítona, mas há muito professor de História por aí que diz, sem se envergonhar: "Assurbanípal".

"a" mapa

Qualquer aluno do primeiro ano sabe que *mapa* é substantivo masculino, pois nenhum deles diz "a" mapa. Mas um minidicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC (normal), dá a palavra como substantivo feminino: "a" mapa.

E não fica só por aí. Segundo esse mesmo dicionário, distribuído oficialmente às nossas crianças, com aprovação do MEC, são palavras femininas: *brioche, rolimã, sistema, capacete, planeta, carma, ídolo, rocambole, miasma, deságio, biriba, diapasão, sifão, guache, sorvedouro, clã* e *ribamar*.

Segundo o mesmo dicionário, são palavras masculinas: *soja, manobra, mecha, bólide, tribo, abusão* e *piracema*. Depois da reforma ortográfica, introduziram as modificações, mas não foram capazes de corrigir os erros de gênero de todas essas palavras. Quem são as vítimas? Nossas crianças. Com a total cumplicidade do MEC (que já não é o mesmo faz tempo).

ignomínia

É a palavra que existe. Significa: **1.** Estado de quem perdeu toda a honra, por ter cometido uma ação infamante; grande desonra ou humilhação pessoal: *passar pela ignomínia de ter de renunciar por peculato.* **2.** Qualquer ação, palavra, dito, conduta ou papel vergonhoso, infame, desonroso: *não é ignomínia renunciar a um cargo; ignomínia é, sim, não honrá-lo; cometer ou dizer ignomínias.*

Quem usaria "ignomia" por *ignomínia*? Talvez uma criança. Talvez um mau estudante. Talvez um iletrado. Talvez. Mas um dicionário registrar "ignomia" por *ignomínia* é, sem dúvida, a mais forte das ignomínias. Pois um dicionário, aprovado com louvor pelo MEC (normal), cometeu esse dislate. E foi distribuído às nossas crianças.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, traz os verbetes *abade* e *abadia* antes de *abacate*, como se num dicionário a ordem alfabética não tivesse a mínima importância.

Esse mesmo dicionário, aprovado com louvor pelo MEC, define assim *clamar*: gritar em voz alta. Como se se pudesse gritar em voz baixa...

E o que poderíamos dizer de um professor que ensinasse a seus alunos que *sultão* não tem plural? Certamente, perderíamos a confiança em seus ensinamentos. E o que poderíamos dizer de um dicionário que ensina isso?

Quem são as vítimas? Sempre: nossas crianças; porém, com alta cumplicidade do MEC.

Além desses absurdos, o dicionário traz tantos outros, que, se fôssemos tratar deles todos, iríamos aqui às mil páginas. Mas o MEC aprovar obras desse tipo já não surpreende: afinal, os que cometem erros primários e gritantes de português na elaboração de simples provas do ENEM não podem querer arvorar-se em autoridades, em juízes, embora posem como tais. É gente desse jaez que está incumbida de aprovar ou de reprovar dicionários e obras didáticas. Eita, Brasil!

"Falta" dois minutos para as seis

O verbo *faltar* sempre tem sujeito (no caso, *dois minutos*). Se o sujeito estiver no plural, o verbo não poderá estar no singular. Portanto: **Faltam** *dois minutos para as seis.* *** **Faltavam** *quatro segundos para o término do jogo.* *** *Quantos minutos* **faltam** *para as dez horas?* *** *Quando* **faltarem** *cinco minutos para a uma, avise-me!* *** **Faltam** *remédios para o povo,*

faltam *hospitais,* **falta** *tudo! *** Não* **deviam faltar** *nem dois segundos para as 18h, quando chegamos. **** **Estão faltando** *poucos minutos para a meia-noite. *** Não* **podiam faltar** *frutas na casa dele, por causa das crianças.*

Note que, mesmo com verbo auxiliar, a regra não se altera. O povo, contudo, diz: *"Fazem" dois minutos que ela saiu,* a par de: *"Houveram" muitas reclamações*. Por outro lado, usa também: *"Falta" dois minutos para as seis*. Dá para entender?

decano (qual a pronúncia correta?)

É *decâno*. Todo membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia ou corporação é um *decano*. Muitos insistem em dizer "décano", talvez por estarem *décadas* atrás...

"mordida" de mosquito

Não. Só *morde* o que tem dentes; como inseto nenhum ainda teve esse privilégio, eles continuam *picando*.

Os que têm ferrão *ferroam, dão ferroadas*. Dolorosas à beça, mas sem – ainda – "morderem".

Por falar em mosquito, cuidado com as *picadas* do inseto da dengue!

Certa vez, numa propaganda de repelente de insetos, lia-se bem em cima do bumbum de uma linda garota: *Em todo acampamento sempre aparecem alguns sujeitinhos que vão lá só para "morder" os outros. São os mosquitos, os borrachudos, os pernilongos e demais insetos voadores. Essas criaturas escolhem as partes mais gordinhas e delicadas das pessoas para se divertirem.*

O visual e a situação exigiam **picar** no texto: muito mais pertinente...

Apresento "à" Vossa Excelência

Antes de pronomes de tratamento não se usa o acento da crase: *Apresento* **a** *Vossa Excelência meus cumprimentos.*

Atenção: a abreviatura de *Vossa Excelência* é **V. Ex.ª**, e não "V. Excia.", mas quase todo o mundo usa esta, porque é mais fácil
ou prática.

A cultura caminha passo “à” passo com o progresso?

Não: caminha passo **a** passo. Se outro for o passo, é torção na certa.

Locuções adverbiais com palavras repetidas dispensam o acento, mesmo que tais palavras sejam femininas: *passo* **a** *passo, minuto* **a** *minuto, segundo* **a** *segundo, ombro* **a** *ombro; cara* **a** *cara, frente* **a** *frente*, *face* **a** *face, gota* **a** *gota, uma* **a** *uma,* etc.

Refiro-me “à” exportações

Também não. Não se usa o **a** com acento grave antes de palavras no plural, porque nesse caso não ocorre crase, basta usar a preposição **a**: *Refiro-me* **a** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **a** *picadas de cobra*.

O acento só terá sentido se no lugar do **a** aparecer **as** (neste caso, o substantivo está determinado): *Refiro-me* **às** *exportações. *** Existem animais que são imunes* **às** *picadas de cobra*.

Devo usar artigo antes de pronome possessivo?

Não, necessariamente. É facultativo o emprego do artigo antes de pronomes possessivos. Por isso, usamos, indiferentemente: *meu carro* ou **o** *meu carro*, *minha cidade* ou **a** *minha cidade*, *seu nome* ou **o** *seu nome*, *nosso quarto* ou **o** *nosso quarto*.

Sendo assim, também facultativo é o uso do acento grave da crase antes de pronomes possessivos femininos: *estou* **a** (ou **à**) *sua disposição*; *ela ficou* **a** (ou **à**) *nossa espera por duas horas*.

“à” respeito de

Está claro que antes de palavra masculina não se usa **a** com acento grave, indicando a existência de crase. Porque é impossível haver crase com palavra masculina.

Num de nossos jornais, porém, apareceu isto: *É cedo para qualquer apreciação “à” respeito do novo ministério.*

Nunca é tarde, porém, para aprender...

Enquanto católico, não aceito o aborto

Frase corretíssima, tanto na estrutura quanto no teor. *Enquanto* equivale, nesse caso, a *no papel de, na qualidade de, como.*

Eis outros exemplos: **Enquanto** *brasileiro, sinto vergonha de viver num país onde campeia a violência, onde campeia a impunidade, onde campeia a corrupção.* *** **Enquanto** *rubro-negro, ele quer que os vascaínos desapareçam da face da Terra, e estes desejam o mesmo aos rubro-negros.* *** *O presidente prestará depoimento tão somente* **enquanto** *testemunha.* *** *Como agir* **enquanto** *professor, quando descubro que um adolescente é usuário de maconha?*

Eis, agora, um exemplo excelente, muito bom mesmo, retirado de um editorial de jornal: *A teoria na prática costuma ser outra, especialmente na política.* **Enquanto** *oposição, o PT deitava falação contra as prorrogações da CPMF. Quando assumiu o poder, o Partido dos Trabalhadores mudou de opinião: quis transformar em definitiva a contribuição provisória que em nada melhorou a saúde pública no país.*

Na prática, a teoria é quase igual...

Convém não confundir esse uso correto de *enquanto* com este, incorreto, que se substitui por *quanto*: *"Enquanto" a mim, estou tranquilo.*

o dinheiro sumiu

É assim que o povo diz. É assim que está ficando. No português castiço, todavia, tudo o que desaparece, *some*-**se**. O pronome do verbo *sumir-se* está sumindo-se na língua cotidiana, a exemplo do que já ocorre com *secar*-**se** e *vencer*-**se**. Por isso, há muita gente por aí que já canta: *A fonte secou, quero dizer que entre nós*
tudo acabou!

E a duplicata que *vence* amanhã? Bem, isso é só amanhã...

um dos que

Esta expressão leva o verbo obrigatoriamente ao plural, no português contemporâneo: *Sou um dos que mais* **trabalham** *aqui.* *** *Você é um dos que mais* **reclamam**, *porém, um dos que menos* **ajudam**. *** *Manuel foi um dos que mais me* **incentivaram**.

A mídia brasileira ainda não tomou conhecimento do assunto. Tanto é que só usa o singular com tal expressão. No Terra: *Depois de 1994, o Brasil viu-se invadido por montadoras do mundo inteiro. A francesa Renault foi uma das que "chegou" e "conseguiu" se firmar.*

Todo o mundo consegue se firmar no Brasil. Menos a imprensa brasileira. É impressionante!

Veja, agora, esta pérola, em manchete: **Cardeal brasileiro é um dos mais "cotado" para suceder Bento XVI**.

Só mesmo dizendo: MEU DEUS!!!

Blumenau viveu certa feita uma tragédia. Mas não foi apenas Blumenau que sofreu com as chuvas, enchentes e deslizamentos de terras. Também sofreram Itajaí, Ilhota, Camboriú, etc. Pois um dos apresentadores de telejornais da Globo usou esta frase para nos comunicar o fato: *Blumenau é uma das cidades que mais "sofre" com as enchentes*. Ora, se não foi apenas Blumenau, o verbo tem de ir ao plural: *Blumenau é uma das cidades que mais* **sofrem** *com*
as enchentes.

Mas essa gente conhece o assunto? Que nada! O pior de tudo é que eles pensam que sabem. E ainda se dão ares de formadores de opinião! Infeliz daquele que embarca na canoa deles.

"guspir"

Não é coisa que se fale nem se escreva. Se *cuspir* já não é um gesto recomendável, que se dirá, então, de alguém que "gospe"!

Em português existe apenas *cuspir, cuspo, cuspida*, admitindo-se ainda a variante *cuspe.* Fora daí, tudo é muita falta de educação.

Há dentistas que pedem a seus clientes, na cadeira de "tortura": *Pode "guspir"!*

Há quem, todas as vezes, resista...

a partir "da" meio-dia

É inacreditável, mas há profissional de televisão, tanto no esporte quanto fora dele, que já disse isso. Um famoso político declarou, certa vez, logo após ser eleito: *Amanhã, a partir "da" meio-dia eu darei uma entrevista*

coletiva.

Quanta asneira não viria, então, na tal entrevista!...

chuva de “granito”

A chuva ou a queda de *granizo* é menos devastadora.

Quando da posse do novo presidente, em 2003, havia previsão de chuva justamente para o momento do evento. Aguardando por aquele instante havia mais de uma década, o presidente eleito declarou, então, às vésperas do acontecimento: *Amanhã eu subo a rampa, mesmo que seja sob tempestade de granizo*.

Se fosse apenas um ou dois anos antes, ele trocaria *granizo* por “granito”. Que evolução!...

austero

A palavra é paroxítona: *austéro*. Há, no entanto, por aí, muita gente que, sem ser austera, espalha a pronúncia viciosa: “áustero”.

avaro

Eis outra palavra que, volta e meia, pronunciam errado. *Avaro* tem acento prosódico na segunda sílaba: *a***va***ro*. Há, no entanto, por aí, avaros da língua que só dizem “ávaro”.

tinha “salvo”

Não é boa combinação. O verbo *salvar* tem dois particípios: **salvado** (que se usa com *ter* e *haver* e é invariável) e **salvo** (que se usa com *ser* e *estar* e é variável). Portanto: *Os moradores já* **tinham salvado** *os móveis da enchente, quando os bombeiros chegaram*. *** *Os móveis* **foram salvos** *a tempo da enchente*.

“vez que”

Não existe esta locução em nossa língua, que se substitui por *já que, porque, uma vez que*: *Ele é o assassino,* **uma vez que** *confessou o crime*.

Frase de um juiz da Justiça Federal de Brasília, colhida num *site* de um grande jornal baiano: *Os dois denunciados encontravam-se momentaneamente sem foro especial por prerrogativa de função, "vez que" renunciaram aos seus mandatos eletivos*.

É assim que **não** se escreve...

"um" de fevereiro / "um" de março

Não existe nada disto. O primeiro dia do mês é sempre *primeiro*. Quem é que viu alguém pregar "um" de abril em alguém? Quem já comemorou o "um" de Maio? Qual foi o ano que teve início em "um" de janeiro? No meu mundo, nenhum.

Não tem ninguém em casa

Há quem condene esta frase, em que o verbo *ter* está usado impessoalmente, por *haver*. Na fala descontraída, do dia a dia, admite-se o seu emprego. Por exemplo: à porta do banheiro. Só se pergunta: *Tem gente aí?* (Repare: à porta do banheiro.)

Na linguagem formal, contudo, convém observar o rigor gramatical, ainda que tenha havido famoso poeta que usou *ter* por *haver*, por licença poética.

Um jornalista, por exemplo, deve usar sempre a norma culta, em sinal de respeito não só ao leitor, mas à própria língua, seu instrumento de trabalho. Ocorre que nem sempre eles conhecem a norma culta (às vezes nem sabem o que é isso). Então, escrevem: *"Tem" carioca achando que mora em Jerusalém ou Bagdá, tamanha a onda de violência no Rio de Janeiro*.

É do mesmo jornalista: *Vai sair faísca quando a direção nacional do PT reunir a bancada do partido na Câmara dos Deputados. Já "tem" gente avisando que não poderá comparecer*.

É o mesmo jornalista quem nos faz uma revelação fantástica, inédita, em absoluta primeira mão: *"Tem" cada coisa tão engraçada na política!!!*

Há cada coisa tão engraçada no jornalismo brasileiro!!!

Um presidente da República (é outro exemplo) deve também sempre fazer uso da norma culta, a não ser em casos especialíssimos. Em seus

discursos, a norma culta é de rigor tanto quanto nos periódicos. Em sinal de respeito não só aos valores nacionais, como também aos cidadãos e ao cargo.

Um dia desses, porém, um presidente brasileiro declarou: *"Tem" jogador que pega a bola, não olha pro lado, dá uma bicuda e não marca o gol. "Tem" outro que olha pro lado, vê um companheiro livre, passa a bola e marca o gol. Nós não temos tempo para dar bicuda.*

Já não deu?! Deu até demais!

É também do mesmo presidente: *Não "tem" chuva, não "tem" geada, não "tem" terremoto, não "tem" cara feia, não "tem" Congresso nem Poder Judiciário. Só Deus será capaz de impedir que a gente faça este país ocupar seu lugar de destaque.*

O Brasil, de fato, ocupou grande lugar de destaque e ainda no seu governo: a roubalheira foi a maior da humanidade. Isso é pouco?

É também do mesmo presidente (em visita a Portugal): *Se "tem" uma coisa que admiro nos Estados Unidos é que primeiro eles pensam neles, em segundo neles e em terceiro neles também. Se sobrar tempo, pensam um pouco neles outra vez.*

Um dia, ainda, o governo federal fez propaganda para nos dar esta grande informação: *No Brasil não "tem" maremotos, vulcões, terremotos, furacões.*

Certo. E precisa?!

pirâmide de Quéops

Perfeito. Este nome é paroxítono, assim como são paroxítonos todos os nomes terminados em *ps*: *bíceps, fórceps*, etc.

Quéops (2590-2567 a.C.) foi um dos mais notáveis faraós. Repare: muitos anos antes de Cristo. Construiu a maior de todas as pirâmides, em Gizé, encontrada em 1954. Note mais uma vez: o rei egípcio viveu há mais de 4.500 anos.

Pois a TV Globo, certa vez, apresentou um programa sobre o referido faraó, e o apresentador só dizia "keóps". Era "keóps" pra cá, "keóps" pra lá. O programa todo. Uma tortura! Principalmente para os estudantes do quinto ano do ensino fundamental. Que já ouviram falar em *Quéops* várias vezes...

recorde

Pronuncia-se exatamente como se escreve: *recórde.* Muita gente, no entanto, tem batido o "récorde" por aí, imitando a prosódia inglesa. Mas quem é que diz Rede "Récord"? E veja que, nesse caso, o vocábulo é rigorosamente inglês: *Record*. Nem por isso existe a
Rede "Récord".

Há uma famosa rede de televisão que só bate o "récorde". Bem, quem já divulgou a pronúncia "keóps" e quem insiste em divulgar a pronúncia de índio "Roráima" merece toda a nossa compreensão.

Nada contra os índios; tudo contra quem é líder sem ter o mérito...

os requebros de uma garota

Como se pronuncia corretamente a palavra *requebro*? Com **e** tônico fechado: *requêbro*. Também assim no plural: *requêbros.*

Certa vez um repórter de uma famosa rede de televisão saiu-se com esta: *Os "requébros" de Michael Jackson chamam a atenção de todo o mundo.*

Para quem diz "Roráima" e "keóps", a frase está perfeita!

"nenhuma" cócegas

Nenhum varia normalmente. Não há *nenhuns* motivos para que não varie: *Não sinto* **nenhumas** *cócegas. *** Vocês não são* **nenhuns** *coitadinhos,* **nenhuns** *joões-ninguém. *** Não se perceberam nela* **nenhuns** *sinais de remorso.*

Nenhuns e *nenhumas*, contudo, só se usam antes do substantivo, nunca depois dele. As formas do singular é que se empregam em qualquer posição. Exemplos: *Estou sem* **nenhuns** *trocados. (E não: Estou sem trocados "nenhuns".) *** Ninguém toma* **nenhumas** *providências. (E não: Ninguém toma providências "nenhumas".) *** Não vi* **nenhuns** *óculos na mesa. (E não: Não vi óculos "nenhum" na mesa.)*

Certa vez declarou com certo ar de autoridade um empresário nacional: *O país está sem condições "nenhuma" de congelar novamente os preços.*

Uma grande e tradicional loja de departamentos anunciou certa vez pela televisão a venda de todo o seu estoque, em três vezes, *sem juros "nenhum".*

Pouco tempo depois, faliu. Se tivesse vendido todo o seu estoque sem

nenhuns juros, talvez tivesse melhor sorte...

pedir vista de um processo

Frase perfeita. *Vista*, aqui, significa *ato pelo qual o interessado num processo recebe os autos para tomar conhecimento de tudo o que nele contém e se pronunciar como lhe aprouver*. Não há nenhuma necessidade do uso de "vistas" neste caso.

cair "de" sábado

Nada cai "de" algum dia da semana, mas **em** um dia da semana. Portanto: *Neste ano, meu aniversário vai cair* **n***um sábado. *** O Natal, este ano, vai cair* **n***um domingo*.

destro (como se pronuncia corretamente?)

A pronúncia rigorosa é com **e** fechado, sempre foi com **e** fechado: *dêstro*. A 5.ª edição do VOLP, no entanto, registra as duas pronúncias: *dêstro* e *déstro*. De tanto os narradores e repórteres esportivos dizerem "déstro", os luminares da Academia acabaram cedendo, no que considero mais um de seus inúmeros equívocos.

Ainda com relação a esta palavra, os jornalistas esportivos também a empregam erroneamente. *Destro* designa aquele que tem mais habilidade ou facilidade de emprego da mão direita. Repare: da **mão**, e não do pé. Os jornalistas esportivos acham o contrário. Ponto para eles?...

apêndice supurado

O apêndice, às vezes, causa sérios problemas de saúde e exige cirurgia imediata.

Já o popular *apêndice "estuporado"* que muito se ouve, principalmente no interior do país, causa problemas na língua...

Certa vez nos perguntaram: *O senhor já foi operado da "pênis" ou da "prosta"?*

Que resposta poderíamos ter dado?

passar de ano

Em português legítimo não se usa a preposição *de* nesta expressão, nem em *repetir de ano*. Esse “de” é italiano. Mas que estudante brasileiro não passa *de* ano ou não repete *de* ano?

Não temos nada contra os estrangeirismos. Quem tiver, que, então, nunca mais use *bar* (use *botequim*); que nunca mais use *bidê* (use *semicúpio*); que nunca mais use *detalhe* (use *pormenor, minúcia*, ou, então, *minudência*); que nunca mais use *vitrina* (use *escaparate*); que nunca mais use *rocha* (que é galicismo); que nunca mais use *soldado* (que é italianismo), que nunca mais tenha *saldo* bancário (porque *saldo* é um italianismo), etc. Não resta dúvida de que, assim, a vida ficará bem mais difícil...

Jogos “Panamericanos”

Não existem tais jogos. O prefixo *pan-* exige hífen antes de palavras iniciadas por *h* (*pan-***h***elênico*) ou *vogal* (*pan-***a***mericano*).

Antigamente, havia uma rádio em São Paulo chamada “Panamericana”. Como a audiência andava baixa, talvez por causa da gafe, mudaram o nome da emissora para Jovem Pan. (E deu certo!...)

Recentemente, num jornal se leu: *O pacto de defesa “panárabe” obriga todos os estados árabes a ajudar qualquer outro membro do grupo que seja vítima de uma agressão*.

cheque pré-datado e cheque pós-datado

Há grande diferença entre um e outro. O cheque *pré-datado* é aquele que se preenche antes do dia em que se quer vê-lo descontado; o cheque *pós-datado* é o que se preenche depois do dia em que deveria ter sido descontado.

preenchimento de formulário pessoal

Quando se preenche formulário de dados pessoais, no item *nacionalidade*, use (se for homem) *brasileiro,* ou *brasileira* (se for mulher).

Muitos homens preenchem com “brasileira”, atendo-se ao gênero da palavra *nacionalidade*. Não. Se assim fosse, no item *estado civil*, as

mulheres teriam, então, de escrever "casado".

Se no formulário, porém, além da nacionalidade e do estado civil, exigissem que se indicasse o *estado de saúde* ou o *estado mental*, o homem deveria preencher com *bom* (ou com *precário*); se fosse mulher, a mesma coisa. Nesse caso, a concordância tem de ser feita com a palavra constante do item, porque, ao perguntarmos a qualquer pessoa (homem, mulher, velho ou criança) *Como vai o seu estado de saúde?,* a resposta será sempre: *Bom* (ou *Precário*).

Por outro lado, quando perguntamos a uma senhorita: *Qual é o seu estado civil?,* ouvimos a resposta sempre desta forma: *solteira*.

Se a resposta vier "solteiro", olhe bem fixo para ela!...

os não fumantes

Perfeito. Já não se emprega o hífen quando a palavra não exercer a função de prefixo, mesmo que se trate de expressão substantiva. Portanto, grafamos hoje, segundo o Acordo Ortográfico: *produto* **não perecível**, *o* **não pagamento** *da dívida*; *amor* **não correspondido**, *a* **não variação** *de uma palavra*.

Há gigantes que adormecem e "que" não acordam

Esse **que** (pronome relativo) é maroto. Por que maroto? Porque não exerce nenhuma função na frase. Se o retirarmos, a frase ficará perfeita.

O **que** coordenado só é correto quando exerce a função de conjunção integrante. Assim, por exemplo: *Eu disse que ela era francesa* **e que** *gostava de namorar. *** Ela afirmou que não gosta do rapaz e que não quer mais vê-lo. *** Você acha que é esperto e que sempre vai levar vantagem em tudo?*

Mas não assim: *Há coisas que a gente vê e "que" já não aceita. *** Existem rios que são poluídos e "que" por isso não têm peixes.*

Retirado o "que" maroto e intruso, faz-se a luz.

ídolo

É sempre nome masculino, ainda que se refira a mulher: **Meu** *ídolo era Carolina Ferraz. *** Paula era* **o** *ídolo de boa parte dos aficionados ao basquete.*

Há quem, por mera brincadeira, use "ídola". Mas é só por brincadeira.

gênio

É outro nome sempre masculino: *Onde está* **aquele gênio** *de sua irmã, que deixou a televisão ligada a noite inteira? *** Essa cientista,* **um gênio**, *recebeu o Prêmio Nobel de Física. *** Susana era* **o gênio** *da classe.*

Muito bem. Está claro que não existe "gênia", forma que só se admite mesmo em programas humorísticos de mau gosto da televisão e em brincadeirinhas do recesso do lar. Fora daí, jamais.

Eis, porém, que surge uma apresentadora de televisão que, do alto do seu 1,85m, declara, até que meio aborrecida: *Estão dizendo que faço dos meus erros de português um* marketing. *Que tipo de "gênia" sou eu, para falar errado e achar que é* marketing?

De fato, de nenhum tipo...

indivíduo

É, igualmente, outro nome sempre masculino: *Mariana,* **esse indivíduo maravilhoso**, *fará parte do elenco da novela das 7h. *** Carolina é o tipo de* **indivíduo** *que costuma aparecer na Terra só de cem em cem anos.*

Há quem, por brincadeira, também use "indivídua". É preciso, no entanto, nunca esquecer que brincadeira (de qualquer tipo) sempre tem hora.

traste

É também sempre nome masculino: *Viridiana é* **um traste**. **** Essa menina virou* **um traste**.

Minha vizinha é mesmo "uma sujeitinha" à-toa

Sujeitinho à-toa realmente existe, em todos os lugares; já "sujeitinha" não existe em lugar nenhum. Mulher, homem, criança é sempre *sujeito* (nome sobrecomum), a exemplo de *ídolo, gênio, indivíduo, traste,* etc.

Por isso é que suas amigas são — todas elas — *uns sujeitinhos falsos, uns trastes* mesmo...

mais pequeno

É expressão corretíssima, embora mais usada em Portugal. Pode usar sem receio. O que não se deve é empregar “mais grande” (legítima no espanhol).

É expressão legítima também no português, mas somente quando comparamos qualidades de um mesmo ser. Assim, por exemplo: *Sua filha é* **mais grande** *que pequena.* *** *Esse rapaz é* **mais grande** *que inteligente.*

14 de julho

É uma data histórica, não só para a França, mas para o mundo. E, agora, também para famosa rede de televisão.

Pois bem. O numeral 14, que se escreve por extenso *quatorze* ou *catorze* (mas lê-se de uma só forma: **ka***tôrzi*; nunca “kuatôrzi”).

A apresentadora de esportes da referida rede de televisão nos comunica, todavia, entre sorridente e eufórica: *No dia “kuatôrzi” de julho, o Globo Esporte faz 30 anos*.

A ocasião era para ser de parabéns...

dolo (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *dólu*: *Não ficou constatado nenhum* **dolo** *em seus atos*.

Trata-se de uma palavra do meio jurídico. O que mais espanta é ver advogados (ou seriam “adevogados”?) dizerem a todo instante justamente como não deviam: “dôlu”.

Clandestinos são pegos nos Estados Unidos

O verbo *pegar* não é abundante, mas já se está tornando abundante, com o uso tanto de *pegado* (com *ter* e *haver*) quanto de *pego* (com *ser* e *estar*). Assim, podemos usar, sem problemas: **Tenho pegado** *muito resfriado ultimamente.* *** *O ladrão* **foi pego** *em flagrante.*

Daí a concluir, no entanto, que também é correto usar “chego”, “trago” e “falo” vai boa distância. Por enquanto, só use: *chegado, trazido* e *falado*.

boia-fria

Todo o mundo sabe o que é *boia-fria*: pessoa que trabalha no meio rural, sem vínculo empregatício, geralmente no corte de cana-de-açúcar.

Pouca gente sabe que o plural é *boias-frias* (ambos os elementos variam, porque se trata de um substantivo e de um adjetivo).

Manchete num jornal: **Acidente com ônibus de "boia-frias": 12 feridos.** *Um acidente envolvendo um ônibus de "boia-frias" e um Corsa deixou 12 pessoas feridas.*

O jornalista errou duas vezes o plural. Ou seja: saiu ferido, sem estar no ônibus...

a norte / a sul / a leste / a oeste

Todo o mundo usa **ao** *norte* e **ao** *sul,* mas com os outros dois pontos cardeais ninguém vacila em grafar apenas: **a** *leste,* **a** *oeste.* Como coerência é importante, sugiro que se use apenas **a** *norte,* **a** *sul,* **a** *leste e* **a** *oeste*. Ou apenas: **ao** *norte,* **ao** *sul,* **ao** *leste e* **ao** *oeste.*

O mal está na mistura das coisas. Mas o que se vê, justamente, é isto: *A Venezuela fica* **ao** *norte do Brasil; o Uruguai,* **ao** *sul; o Peru* **a** *oeste; o oceano Atlântico* **a** *leste.*

Observe como a revista *Veja* é perfeita (alvíssaras!), neste seu texto: *Uma imagem captada em agosto do ano passado pelo telescópio espacial Hubble deixou os cientistas intrigados. Prometeu, uma das cerca de vinte luas de Saturno, estava fora do lugar. Alguma força descomunal havia empurrado o satélite, de 140km de diâmetro, para uma posição 20 graus além de onde deveria estar. É como se, vista da Terra, a Lua num determinado dia começasse a nascer um pouco mais* **ao norte** *e não* **ao leste***, como tem feito há bilhões de anos.*

Milagres, volta e meia, acontecem...

o Sul do Brasil

Os nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões, grafam-se agora, com o Acordo Ortográfico, facultativamente, com inicial maiúscula ou minúscula. Portanto: *Há previsão de geada para o* **Sul** (ou **sul**) *do Brasil. *** Conheci todo o* **Sudeste** (ou **sudeste**) *da Itália. *** O narrador esportivo disse que conhecia o* **Norte** (ou **norte**) *do Brasil, mas só*

até o Maranhão... Eu, de minha parte, continuo preferindo o uso das maiúsculas.

Há certa tendência de as pessoas confundirem a Região Norte com a Região Nordeste. Dizem, então, que os brasileiros precisam conhecer o Norte do Brasil e citam Natal, Fortaleza e São Luís, capitais de estados do Nordeste.

Certa feita, um narrador de esportes, já morto, porém notório por suas asneiras, afirmou: *Vocês precisam conhecer o "Norte" do Brasil*: *Natal e Fortaleza são uma maravilha!*

E ele morava em Porto de Galinhas, Pernambuco, Nordeste do Brasil!

"aleitamento" materno

É bobagem. *Aleitamento* é ato ou efeito de aleitar, ou seja, de dar de mamar a, usando a mamadeira; *amamentação* é que é ato ou efeito de dar de mamar a, usando as mamas. Assim, uma veterinária pode *aleitar* um filhote de golfinho, de chimpanzé, etc., mas não será imprudente a ponto de *amamentá*-los, com certeza.

Os médicos deveriam sempre aconselhar a *amamentação*, e não "o aleitamento materno".

Recentemente, uma de nossas revistas semanais de informação deu esta notícia: *Recentes pesquisas comprovam que, quanto maior o tempo de "aleitamento materno", maior a inteligência do indivíduo na vida adulta. A composição do leite materno é vital para o desenvolvimento neurológico da criança.*

Teria o jornalista sido *amamentado*?...

dar de mamar à filhinha "nas" mamas

É algo que se pode evitar. A relação de proximidade é representada, em português castiço, pela preposição **a**, e não pela preposição "em". Note que falamos **a**o *telefone* (bem mais confortável que falar *"no" telefone*), que vivemos **a**o volante (bem melhor que viver
"no" volante).

Convém ressaltar, todavia, que o brasileiro gosta muito da preposição *em*. Não, *gosta* é pouco; o brasileiro **adora** a preposição *em*! O português nem

tanto.

crianças de “0” a dois anos de idade

É uma das grandes tolices dos adultos. Existirá a criança de 0 ano? Está claro que não. Como, então, podem ser vacinadas crianças de “0” a 6 anos, conforme dizem todos os dias os repórteres de televisão? Não seria mais coerente, mais consequente, mais aceitável dizer que todas as crianças de *até dois anos* foram vacinadas?

Mais cruel ainda é aquele que vê no *zero* uma palavra indicativa de plural. Escreveu um jornalista: *São histórias sem nexo. Para crianças e adultos “dos 0” aos 80 anos.*

Papel, de fato, aceita tudo...

vir “com” o avião

Quem vem “com” o avião, normalmente, é o Super-Homem...

Só homens voadores podem vir *com* um avião, isto é, na companhia dele. Seres humanos menos pretensiosos preferem ir, vir, chegar, voltar **no** avião, **pelo** avião. Ou ir, vir, chegar, voltar **no** (ou **pelo**) trem das onze.

Houve uma época que ficou marcada por uma propaganda assim: *Voe “com” a TAP.*

Os portugueses voavam mesmo é **pela** TAP, empresa que até mudou de nome, mas não sei dizer se foi pelo fracasso do convite...

“mulher bispo” / “a soldado”

Qualquer aluno do quinto ano sabe que o feminino de *bispo* é *episcopisa*.

Num importante jornal paulista, porém, apareceu esta maravilha: *Bárbara, a primeira “mulher bispo”.*

Ora, “mulher bispo”!...

Resta saber, agora, quando é que o jornal vai nos apresentar a “mulher frade” e a “mulher padre”, como, aliás, já deu em manchete famoso telejornal. Esse mesmo telejornal, em vez de referir-se à militar como *a soldada*, saiu-se com mais uma pérola recentemente, falando em “mulher soldado” e em “a soldado”.

“inobstante”

É tolice. Alguns “adevogados” é que criaram a maravilha. Para esses, certas “criações” lhes conferem autoridade, sapiência, excentricidade. Repare em frases comumente vistas em suas peças: *O locatário foi insultado, “inobstante” haver pago pontualmente seu aluguer.* *** *O réu tinha bons antecedentes, “inobstante” o crime que cometera.*

Advogados, ou seja, profissionais sérios, competentes, dignos de confiança, usam o que a língua lhes oferece: *não obstante*. Já com os “adevogados”, a coisa funciona um pouquinho diferente...

notícia “vinculada” pela imprensa

Nova tolice. Notícia só pode ser *veiculada* pela imprensa.

Um famoso treinador de futebol, porém, disse certa vez que os repórteres não podiam *“vincular”* tantas mentiras.

Soou-nos como autêntica novidade: quer dizer, então, que além de escreverem errado, eles também “vinculam” mentiras?!

Será que em Luxemburgo também é assim?...

Pode-se responder “o” questionário?

Não. Responde-se **a** questionário, **a** perguntas, **a** processo, **a** inquérito, **a** cartas, **a** tudo o que merece resposta.

No sentido de *retrucar malcriadamente* é que se usa apenas *responder*: *responder os pais, os professores, os mais velhos*, etc.

Manchete de uma folha de S. Paulo: **Israel vai responder ataques de palestinos**. Normal.

Manchete do Estadão: **Supremo decide processar Azeredo por mensalão tucano.** *Senador do* PSDB-MG *“responderá processo” criminal por suspeita de envolvimento no esquema*. Normal.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (observe bem: da **Educação**) promoveu, certa feita, um concurso público para provimento de cargo de escriturário. Na primeira folha da prova (de *Português*, atente bem!), no item Instruções, lia-se: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão “que” você está respondendo.* Logo a seguir, vinha: *Responda “todas” as questões.*

Alguém que fosse realmente competente — e responsável — de um governo também competente e responsável, escreveria: *Você deve procurar, na folha de respostas, o número da questão* **a que** *está respondendo.* (Repetir o "você" pra quê?) *Responda* **a todas**
as questões!

A última advertência repetia o erro grotesco: *Você terá 3 horas para responder "todas" as questões.*

Se nem mesmo eles sabem coisa nenhuma, com que autoridade exigem conhecimentos de alguém? Que educação é essa? Eita, Brasil!

às avessas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncie sempre com o **e** aberto: *av**é**ssas*. Significa *ao contrário; do avesso*. Ex.: *Vesti a blusa às* **avessas**. *** *Fiz tudo às* **avessas**. *** *A história do Brasil foi ensinada, muitas vezes, às* **avessas**.

lá de cima

Muitos usam indevidamente a preposição "de" antes das expressões *lá de cima, lá de baixo, lá do alto, lá de casa, lá de dentro, lá de fora; aqui de cima, aqui de baixo, aqui do alto, aqui de casa, aqui de dentro, aqui de fora*, etc.

Repare nestes exemplos: *A cusparada veio lá do alto*. (E não: *"de" lá do alto*.) *** *Os papéis picados vinham lá de cima*. (E não: *"de" lá de cima*.) *** *As crianças já vieram lá de baixo?* (E não: *"de" lá de baixo*.)

Antes do trágico acidente com a nave espacial Colúmbia, em fevereiro de 2003, uma astronauta enviou aos amigos do planeta um *e-mail*, que os jornalistas da *Folha de S. Paulo* traduziram assim: *Olá, "daqui" de cima do nosso magnífico planeta Terra, a perspectiva é verdadeiramente inspiradora.*

Lá de cima, de fato, a perspectiva podia ser mesmo inspiradora, mas... e **aqui de baixo**?

Certa feita, uma grande editora de revistas afixou cartazes às bancas de jornal, com estes dizeres, ao lado da foto de uma linda garota: *Beleza vem "daqui" de dentro.*

Sim, e *"de" lá de fora* vem o quê?...

Você é “daqui” de São Paulo?

Não, não se pergunta assim. A preposição *“de”* combinada com *aqui* ou com *aí*, em frases semelhantes, também é dispensável: — *Você é* **aqui** *de São Paulo? — Sim, sou* **aqui** *de São Paulo. *** — Vocês gostaram* **aqui** *de casa? — Sim, todos gostamos* **aí** *de sua casa. *** — A que horas as crianças saíram* **aí** *da sua casa? — As crianças saíram* **aqui** *de casa às 8h.*

Uma caneta como “esta daqui” custa caro

Também não existe “esta daqui” nem “essa daí” e suas variações, embora sejam expressões comuns na boca do povo. Também aqui a preposição *de* está demais. Portanto: *Uma caneta como* **esta aqui** *custa caro. *** Um país como* **este aqui** *não pode passar por tantas crises. *** Garotas tão lindas e ousadas quanto* **essas aí** *do Rio de Janeiro não há.*

Possuo poucos bens, “qual seja” um carro e um terreno

Qual deve concordar com o antecedente (no caso, *bens*), e o verbo deve concordar normalmente com o seu sujeito (*um carro e um terreno*).

Eis outros exemplos: *Possuo uma propriedade,* **qual seja** *um apartamento. *** Ela possui dois carros,* **quais sejam** *um importado e uma carroça. *** Nós temos alguns bens,* **quais sejam** *dois apartamentos e uma moto.*

No lugar de *qual seja* podemos usar também *como seja*.

Quando “munto” a cavalo, eu “soo” feito uma bica!

Frase dolorosa! Primeiro, porque o verbo *montar* tem a forma *monto* no presente do indicativo (eu); segundo, o verbo *suar* tem a forma *suo* no mesmo tempo, modo, número e pessoa.

Já ouvi muita gente dizer, ainda: *Ela “soa” como uma bica!*

Campainha é que soa...

neologismos

Nossa língua está, nos tempos atuais, sujeita a neologismos de todos os tipos e matizes, assim como a Terra anda sujeita a todos os tipos de

asteroides. É um bombardeio incessante. Alguns, temos de assimilar; outros explodem na língua e causam crateras imensas!

Eis alguns dentre os que já se vão firmando: *acessar, acidentalizar, aidético* (mas o melhor é *sidético*), *alavancar, biodiversidade, biônico, celetista, clonagem, dedetizar, deletar, desassonalizar, disponibilizar, ecologia, elencar, estiletar, flexibilização, formatar, futsal* (grafia incrivelmente abonada pelo VOLP), *futevôlei, ideologizar, impactar, importantizar, informatizar, insumo, megassena, narcotráfico, oportunizar, parametrizar, pedagiar, performar, pivete, precificar, priorizar, relativizar, resetar, roteirizar, tablitar, tematizar, unitar, urgenciar* e *xérox*.

Aniversariar, dedetizar e *parabenizar* também são neologismos, antes muito criticados pelos puristas; hoje quem não *aniversaria*? Quem não *dedetiza* a casa, para afugentar os pernilongos? Quem não *parabeniza* o governo pelo excelente trabalho que vem fazendo na Educação, na Saúde, na Segurança Pública e sobretudo na Receita Federal?...

Erros se fazem ou se cometem?

Erros mais se *cometem*. Os jornalistas da *Veja* estão corrigindo-se a cada edição e já não cometem tantos erros primários quanto antigamente. Já não se vê na revista *"duas" milhões de pessoas* nem *"os" um milhão de adeptos*; já não se lê na revista *"a diabete"*; já não se encontra na revista *"uma" grama de cocaína* nem *dar "a" luz "a um" bebê*, nem mesmo *"no" Marrocos*, entre outros de seus antigos tradicionais deslizes.

Não obstante, a revista insiste em não pluralizar os nomes próprios (os "Bórgia", p. ex.).

Mas não fique preocupado não, caro leitor: um dia ela chegará lá...

tampouco e tão pouco

Convém não confundir. **Tampouco** equivale a também *não, nem sequer*: *Elisa não me cumprimentou nem eu* **tampouco** *a ela. *** O pessoal não veio* **tampouco** *avisou que não vinha.*

Tão pouco equivale a muito pouco, de tal forma pouco: *Dormi* **tão pouco** *hoje, que nem tive tempo de sonhar. *** Ganho* **tão pouco**, *que mal consigo sobreviver.*

Usa-se também *tão pouco* por *tão pouca gente* e, se no plural, por *tão poucas pessoas*: *Nunca tantos enganaram* **tão pouco**. *** *Nunca tantos enganaram* **tão poucos**.

No Terra, porém, se leu: *O presidente da operadora telefônica afirmou que a participação acionária da Oi seria minoritária, mas evitou dizer qual seria o percentual. "Tão pouco" confirmou se a Oi decidiu exercer a opção.*

Num diário de S. Paulo se leu: *A Ford apresentou na Índia o carrinho mais barato do mundo, que custa cerca de US$ 2.500. Trata-se do Figo, que nada mais é que o Fiesta europeu antigo, com uma roupagem nova e dianteira semelhante à do Fiesta atual europeu. Não foi revelado ainda se esse modelo será vendido em outros mercados, "tão pouco" seus dados técnicos e preço.*

No setor *Comentários* de um jornal, um leitor se manifestou assim: *O PT nunca pensou no povo. Só pensou em agradar uma parcela pequena de miseráveis com migalhas e hipocrisia. O PT não tem competência para administrar. Só sabe aparelhar os órgãos públicos, em troca de votos pra se perpetuar no governo. Nesses 13 anos, não promoveu NENHUMA reforma, não investiu na infraestrutura, "tão pouco" na educação. Ou seja, partido de discurso. É contra as privatizações, mas faliu a Petrobras. Chega de PT, Lula e Dilma!* Chega também de exemplos, caro leitor?

extorquir

É verbo defectivo. Conjuga-se por *abolir*; portanto, não possui a primeira pessoa do presente do indicativo e, consequentemente, todo o presente do subjuntivo, além de formas do imperativo.

Está correta, pois, a frase lida numa revista, mas questionada por alguns leitores: *Os membros das Farc* **extorquem** *desde os camponeses até os empresários*.

Marinha, Exército e Aeronáutica

Segundo a hierarquia das Forças Armadas, é a sequência correta, quando nos referimos às três armas. A Marinha tem precedência sobre o Exército, e o Exército sobre a Aeronáutica, pois esta foi criada somente na década de 1940, é a última das três. É por isso que nos desfiles militares a Marinha sempre se posiciona à frente das demais armas. Portanto: chefes do Estado-

Maior da *Marinha, Exército e Aeronáutica*.

Escreve, porém, um jornalista (que, por sua profissão, jamais deveria ignorar isso): *É inconcebível imaginar "Exército, Marinha e Aeronáutica" combatendo o narcotráfico no Rio de Janeiro*.

Há muito mais coisas inconcebíveis entre o céu e a terra do que supõe a vossa vã filosofia...

"lembro de" tudo

O verbo *lembrar* só aceita a preposição **de** quando na companhia de um pronome oblíquo, ou quando antecede infinitivo: **Lembro-me** *de tudo. *** Não* **lembro** *de ter feito isso*.

Os jornalistas estão longe de se lembrar disso. E escrevem: *Seria bom que os poderes no Brasil "lembrassem de" um velho ditado: Cada macaco no seu galho*.

Certinho: cada macaco no seu galho...

"implantar" uma grande reforma no judiciário

É tolice. *Implementar* é que significa *executar* (plano, projeto, medida, reforma, programa, etc.); *implantar* é introduzir. Por isso, podemos *implementar* uma nova política, para *implantarmos* um novo regime no país.

Há gente, todavia, que gosta de "implantar" não só projetos, mas medidas, reformas, etc. Como há de tudo por aí, a gente entende. Mas não perdoa.

parecer

Este verbo pode ser auxiliar (*as crianças* **parecem** *estar com sono*) e intransitivo (*as crianças* **parece** *estarem com sono* ou *as crianças* **parece** *que estão com sono*).

À primeira vista, pode parecer que haja erro de concordância nos exemplos do verbo intransitivo. Ocorre que as frases não têm aí seus termos na ordem normal. Repare agora como fica tudo mais claro: **parece** *estarem com sono as crianças;* **parece** *que as crianças estão com sono*.

Observe ainda estas frases, perfeitamente corretas, pela mesma razão (inversão dos termos): *Quando eu estava com ela, as horas* **parecia** *que*

voavam! *** *Os meninos* **parecia** *que brincavam, mas na verdade brigavam.* *** *Nós* **parecia** *que estávamos tranquilos, mas não estávamos.*

Um jornalista esportivo ignorou tudo isso e escreveu: *Nos últimos 25 minutos, os dois times "pareciam" que não estavam tão preocupados com goleada, tanto que se abriram e buscaram o gol.*

E ainda há por aí gente que sustenta ser supérfluo conhecer análise sintática! Ah, escola antiga, que saudade!

"o" alface

Tenha isto sempre em mente, meu caro leitor: todas as coisas verdadeiramente deliciosas são, geralmente, femininas... Uma delas é *a alface,* as outras são *a libido, a micareta, a poncã, a própolis, a mascote* e tantas mais, que não vem ao caso citar aqui.

Certa vez, uma jornalista especializada em economia aconselhava pela televisão: *Se "o" alface está caro, vamos substituir "o" alface por outra verdura mais barata!*

Vamos substituir, sim: pel**a alface**, por exemplo, que é bem mais barata e não causa tanta azia nem tamanha dor de cabeça.

Conversas que não vem (ou "vêm") ao caso citar aqui?

Conversas que não **vem** ao caso citar aqui. O sujeito do verbo *citar* é uma oração: *que não vem ao caso*; daí não ter cabimento o uso do plural.

O uso do plural, neste caso, é um erro comum, principalmente na boca ou no teclado de quem nunca aprendeu a fazer análise sintática. E o que é fazer análise sintática? É entender a estrutura da língua e aprender a ser disciplinado. (Alguns "estudiosos da linguagem" acham isso um sacrilégio; e ainda se dizem *estudiosos*! Veja você!)

Na frase *Essas coisas nem vale a pena lembrar*, corretíssima, o sujeito do verbo *valer* não é "essas coisas", como parece à primeira vista ou aos olhos dos que não têm noção da estrutura da nossa língua. O sujeito do verbo *valer* é o infinitivo *lembrar*. Afinal, o que nem vale a pena? *Lembrar* (eis o sujeito). Sendo assim, a frase equivale a esta: *Lembrar essas coisas nem vale a pena.*

Eis outros exemplos, em que a concordância está correta: *São casos que se*

torna necessário *elucidar.* *** **Às** *crianças só* **faltou comer** *terra.* (E não: *As crianças só "faltaram" comer terra.*) *** *Estas são providências que nos* **compete tomar**. *** **As crianças parece** *que estão chorando.* (E não: *As crianças "parecem" que estão chorando.*) *** *São problemas que* **cabe** *ao diretor* **resolver**. *** *Ao Flamengo são dois os jogos que ainda* **resta vencer**, *para ganhar o campeonato.* *** *Na minha mesa estão os contratos que ainda* **resta bater** *à máquina.*

Em *Macbeth*, de Shakespeare, lê-se: *Às coisas sem nenhum remédio não adianta olhar. O que está feito, está feito.*

O verbo *faltar* é a maior "vítima" dos que não têm ideia da asneira que cometem.

Num jornal apareceu isto: *Na Colômbia, um país onde os traficantes de drogas só "faltam" assumir a presidência...*

Grave.

Noutro jornal: *O ministro escolhe seus assessores. Mas "faltam" definir muitos nomes.*

Noutra página, mais amena, de esportes, leu-se: *O jogador botafoguense disse que a sua negociação está quase definida. "Faltam" apenas definir alguns detalhes sobre a duração do contrato.*

Uma de nossas revistas semanais de informação publicou, na ed. 1.569, na pág. 89, uma matéria sobre os eletrodomésticos futuristas. Encimou-a um título pouco futurista: **Só "faltam" falar**.

E ainda existem "educadores" e "pedagogos" que se põem visceralmente contrários ao aprendizado de análise sintática em nossas escolas! Talvez porque eles próprios nunca tivessem conseguido aprendê-la.

A competência da atual pedagogia ou filosofia da educação adotada em nosso país pode ser medida todos os anos, nos exames vestibulares, entre os que fazem as provas de redação. Segundo a Unesco, estamos entre os piores países do mundo em relação ao aprendizado. Nossas crianças não conseguem entender o que leem. O economista norte-americano Albert Fishlow, da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, declarou em 2007 que o Brasil é o único país no mundo em que 50% dos que completam cinco anos de educação básica são classificados como analfabetos. Segundo declaração do então presidente da República, por ocasião da abertura da XVIII Bienal do Livro, 52% dos alunos das escolas públicas não conseguem interpretar um texto lido. Culpa de quem? Das nossas crianças? Não,

absolutamente. Culpa dos nossos “estudiosos”, da nossa pedagogia incompetente, falida (embora haja pedagogos que a considerem uma maravilha).

Veja, agora, caro leitor, o que escreve um articulista da *Folha de S. Paulo*, em 24/5/2005: *Está crescendo o número de queixas contra médicos nos Conselhos Regionais de Medicina. Há unanimidade na explicação de pelo menos uma das causas desse crescimento: a formação ruim dos estudantes. Ou seja, gente despreparada está sendo liberada, sem maiores critérios, para cuidar da saúde das pessoas.*

Ou seja: a sociedade está experimentando só agora os profissionais que se formaram fazendo cruzinhas nas provas, critério esse criado pelos nossos maravilhosos pedagogos modernos. Por que os alunos, principalmente das nossas escolas públicas, depois de onze anos assistindo a aulas de Português, saem de nossas escolas sem saber português? A maioria sai sem saber distinguir sujeito de objeto direto, daí por que dizem e escrevem: *“Acabou” as aulas, “começou” as férias*.

A escola antiga não abortava analfabetos funcionais. A escola antiga não produzia “gênios” com suas monumentais patadas nos exames vestibulares.

A escola antiga ensinava a escrever, ensinava a pensar, ensinava a entender melhor os textos lidos, ensinava a ter mais respeito pela língua e também pelo professor. A escola antiga tinha professores que recebiam um salário digno e eram respeitados pelos alunos.

Aqui, *antiga* bem poderia ser substituída por *eficiente*. E a escola de hoje? A escola de hoje é um verdadeiro desastre pedagógico e disciplinar. Professores, hoje, apanham de alunos nas escolas! Mas a escola de hoje tem defensores intransigentes. É natural: foram abortados por ela! A gente entende. Aliás, a gente sempre entende. Mas nunca perdoa.

O Brasil possui cerca de 90 milhões de pessoas, entre 16 e 64 anos, que são analfabetos numéricos, ou seja, sabem o que é um número, mas não conseguem desenvolver operações simples de soma ou subtração. Além disso, 42 milhões nessa mesma faixa etária estão em estado crítico de leitura, ou seja, conseguem ler uma palavra ou outra, mas não entendem o conteúdo do texto. De maneira geral,
86 milhões de brasileiros são analfabetos funcionais, pois não dominam habilidades nem de português nem de matemática. Os dados foram apresentados por Suely Druck, então presidente da Sociedade Brasileira de

Matemática (SBM), durante a conferência Produção de Analfabetos no Brasil, em julho de 2005, na 57.ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza. Certos professores se empenham em ensinar teorias de Barthes, Lacan e Chomsky, e nossos alunos não conseguem distinguir uma preposição de uma conjunção nem muito menos um sujeito de um predicado. Alguns deles têm o desplante de afirmar aos quatro cantos do mundo que falar e escrever de acordo com a gramática normativa é uma aspiração reacionária, própria de gente conservadora, o que, já de per si, define-os como enganadores, pseudoprofessores, vigaristas. E a Educação de qualquer país, mesmo o mais atrasado, não deveria agasalhar gente desse tipo. Daí por que a carência educacional no Brasil é tão avassaladora!

"por conta de"

Há muita gente por aí usando a língua por conta própria; acham-se no direito de criar. E esta é mais uma das criações modernas: *Os hortifrutigranjeiros sofreram majoração de preço "por conta da" inundação na Ceagesp*. A língua possui inúmeras locuções que a substituem com vantagem: *por causa de, graças a, devido a, à mercê de, em razão de*, etc. Mas vem o criador e rejeita-as todas. Quando, todavia, há ideia de *responsabilidade* ou *encargo*, a expressão é correta: *Os preços são baixos, mas o transporte das mercadorias fica* **por conta d***o cliente*.

Eis, no entanto, declaração de alguém muito preocupado com a Educação moderna: *Há uma grande ansiedade "por conta do" futuro da Educação neste país.*

A ansiedade é enorme!...

informamoS-lhes

Correto. O pronome *lhe*(*s*) não suprime o *s* de nenhuma forma verbal. Portanto, usamos corretamente: *Informamo***s***-lhes que não há vaga*. (E não: "*Informamo-lhes*" que...) *** *Comunicamo***s***-lhes a data do exame. (*E não: "*Comunicamo-lhes*" a data...) *** *Enviamo***s***-lhes toda a documentação pedida*. (E não: "*Enviamo-lhes*" toda a...) *** *Demo***s***-lhes total apoio*. (E não: "*Demo-lhes*" total...) *** *Solicitamo***s***-lhes pronta resposta a nossa*

reivindicação. (E não: *"Solicitamo-lhes"* pronta...)

O *s* final só deixa de aparecer nas formas da primeira pessoa do plural, nos verbos pronominais essenciais. Assim, por exemplo: **Queixamo-nos** *de tudo, menos disso.* *** **Arrependamo-nos** *dos nossos pecados enquanto é tempo!* *** **Informamo-nos** *do preço da passagem.*

Se o pronome átono exerce função objetiva, a forma verbal só perde o *s* final quando o pronome *o* (e variações) se transforma em *lo* (e variações). Ex.: **Informamo-lo** *de que...* *** **Certificamo-los** *de que...* *** **Comunicamo-las** *de que...*

ilhas "Falklands"

Os argentinos as chamam *Malvinas*, mas os ingleses, donos do arquipélago, preferem chamá-las *Falkland* (sem o "s").

Escrevem, todavia, os jornalistas: *O general Pinochet foi um bom amigo da Inglaterra durante a Guerra das "Falklands".*

Normal.

clarinete ou clarineta?

As duas formas existem, mas com uma diferença substancial: o gênero. A primeira (*clarinete*) é masculina: *o clarinete*; a segunda (*clarineta*) é feminina: *a clarineta*.

Portanto, trocou as notas um músico que escreveu isto sobre o maestro Severino Araújo: *Em* Chorinho pra você*, Severino mostra sua habilidade "no" clarineta nesse gênero musical brasileiríssimo que é o chorinho*.

E uma vírgula antes do *que* seria muito bem-vinda...

crosta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se crôsta: *uma* **crosta** *de nata no leite que esfriou,* **crostas** *de pão,* **crostas** *de sujeira*, *a* **crosta** *terrestre*.

Europa é nome feminino: a Europa

Mas... e o nome do satélite de Júpiter? O nome do satélite de Júpiter, *Europa*, é masculino (**o** *Europa*), já que está subentendida a ideia de *satélite*

(que prevalece sobre a de *lua*). Trata-se, portanto, de uma concordância siléptica.

Também são nomes originalmente femininos: Adrasteia, Amalteia, Ananque, Carme, Métis, etc., todos, porém, nomes masculinos quando se aplicam a satélites. Daí por que os astrônomos se referem ao Europa, ao Métis, ao Adrasteia, ao Ananque, etc.

Numa revista, porém, se viu isto: *Com tamanho similar ao da Lua terrestre, Europa é totalmente "recoberta" por uma crosta de gelo de 19 quilômetros de espessura.*

N**o** Europa deve mesmo fazer muito frio...

retado e arretado

São gírias e formas variantes, a primeira usada na Bahia; a segunda, em Pernambuco. Pode exprimir inúmeras ideias meliorativas, de acordo com o contexto, ou seja, pode significar *bonito, formoso, legal, excelente, vistoso*, etc.: *carro retado, garota arretada, penteado retado, dia arretado, bom para praia; camisa retada*.

Os dois Estados, a Bahia e Pernambuco, são rivais, principalmente em futebol e na música.

Os baianos dizem que música é com eles mesmos: começam citando João Gilberto, o pai da bossa nova, e vão até Cláudia Leitte, a musa da axé-*music*.

Os pernambucanos enumeram de Luís Gonzaga a Alceu Valença.

No futebol, os baianos botam as manguinhas de fora: vão logo citando o primeiro campeonato brasileiro de futebol conquistado pelo Bahia (1959) e as derrotas que sua equipe infligiu ao poderoso Santos de Pelé, nessa mesma época. Os pernambucanos não deixam por menos: vão logo falando no Ibis, time conhecido no mundo inteiro como o pior de toda a história do futebol mundial. Falam também no Sport Club Recife, legítimo campeão brasileiro de 1987.

Mas não há coisa que deixe o baiano mais **retado** que alguém dizer que ele ficou "arretado", porque isso é coisa de pernambucano.

A ed. 1.817, da *Veja*, conseguiu a proeza, ao trazer, na pág. 95, a foto de uma bela baiana, encimada por um título que, certamente, deixou os baianos profundamente retados: **Uma baianinha "arretada"**.

pedir “se”

Não se usa a conjunção “se” com o verbo *pedir*, mas sim com *perguntar*. Portanto: **Pergunte** *a sua mãe* **se** *ela deixa você ir comigo*. (E não: *“Peça” a sua mãe...*) *** **Perguntei** *ao pai dela* **se** *permitia o casamento*. (E não: *“Pedi” ao pai dela...*)

pedir para

Só se admite tal combinação, quando a palavra *licença* ou *permissão* está clara ou subentendida: *O aluno* **pediu para** *ir ao banheiro*. (Isto é: *O aluno pediu* licença *para ir ao banheiro*.)

Se não for possível tal subentendimento, usar-se-á apenas *que*, e nunca “para que”: *Pedi* **que** *me trouxessem um copo d’água. *** O último presidente militar, ao deixar o cargo, pediu* **que** *o esquecessem*.

Os jornalistas da revista *Veja* evoluem dia a dia. Eles já estão escrevendo: *Jefferson pede que o PTB entregue cargos*.

Afinal, a vida existe para que os seres humanos evoluam, não é mesmo?

Mas um jornal ainda aguardará mais um tempinho para evoluir, pois estampou esta manchete: **Cúpula islâmica pede aos EUA “para” sair do Iraque**.

Convenhamos: esse não seria bem o caso de pedir *licença*...

condor (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kondôr*, embora haja muita gente por aí que diga “kôndor”, prosódia que se espalhou, porque a maioria das palavras terminadas em -*or*, em português, são oxítonas. Confira: *alvor, amor, ator, bolor, doutor, isopor, monitor, rigor, salvador, tenor, torpor, vigor, valor*, etc.

posto que

Esta locução só existe em português como equivalente de *embora*, e não como sinônima de “porque”. Eis frases com seu uso correto: *Viajou,* **posto que** *não estivesse disposto. *** Comeu,* **posto que** *não estivesse com fome.*

Os “adevogados”, no entanto, preferem usá-la desta forma: *O réu foi absolvido, “posto que” não havia provas contra ele.*

Os advogados usam *porque, visto que, uma vez que* ou *porquanto* no lugar de “posto que”, nessa frase.

Frases da mídia: *O preço da gasolina subiu, “posto que” o preço do barril de petróleo aumentou. *** “Posto que” o pensamento se situa numa zona invisível para os olhos humanos, muitos supõem que podem pensar o que quiserem sem que tenham que arcar com as consequências. *** A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a buscarem uma equiparação aos homens, “posto que” no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

A bem da verdade, o último texto tem outros inconvenientes e deveria estar assim: *A vida moderna tem arrastado as mulheres para um comportamento equiparado ao* **do** *homem, isto é, a luta pela vida tem levado as mulheres a* **buscar** *uma equiparação aos homens,* **porque** *no passado foram discriminadas e marginalizadas.*

um “chopes” / um “pastéis”

Se um dia alguém convidá-lo para tomar “um chopes” ou para comer “um pastéis”, caro leitor, desconfie! Ou o **chope** está choco, ou o **pastel** estará vazio...

um “parênteses”

É outra tolice. São dois os parênteses, um que abre, e o outro que fecha: ( ). Cada um desses sinais é *um parêntese*. Sendo assim, como alguém pode querer abrir ou fechar “um parênteses”? É coisa própria de quem gosta de tomar “um chopes” e de comer “um pastéis”.

Frases da mídia: *A França, considerada terra de asilo e capital mundial dos Direitos do Homem, está abrindo “um parênteses” em tudo isso. *** “Um parênteses”: é uma vergonha para a sociedade brasileira que as creches públicas existentes no país sejam os programas infantis das redes de televisão.*

Há coisas bem mais vergonhosas...

um “dropes”

Outra tolice. E ainda há os que escrevem “drop”, “drops”, copiando o inglês.

No tubinho vêm geralmente dez balinhas, ou seja, dez *dropes*. Cada uma delas, portanto, é *um* **drope**.

Quem não se lembra dos dropes Dulcora?

Num jornal: *“O dropes” Dulcora foi lançado no final dos anos 50. Foi “o primeiro dropes” quadradinho e embrulhado um a um.*

Para o referido jornalista, naturalmente, *o drope* descia quadrado...

“um” picles

Aqui o caso se inverte (em relação ao anterior). *Picles* é palavra só usada no plural. Sendo assim, todos os determinantes devem estar também nesse número. Ex.: *Gosto* **desses picles**. *** *Recebi* **uns picles importados**.

Mas sempre aparece aquele que usa “o” picles, “um” picles, etc. Veja como um jornal forneceu uma receita às donas de casa de todo o Brasil: *“O” picles de cebola “caseiro” vai bem com qualquer prato.*

Há quem duvide...

um “frios”

Frios (produtos de carne de porco, como mortadela, salame, presunto, etc.) também é palavra só usada no plural: *os frios, uns frios*.

Um consulente me escreve, afirmando: *Há pouco vi no cardápio de um restaurante: escolha “um frios” e monte o seu sanduíche.*

Ele próprio finaliza, perguntando: *O senhor aceitaria o meu convite para comer “um pastéis” e “um frios”?*

Minha resposta foi singela.

“o” brócolis

Brócolis é palavra só usada no plural: *os brócolis*, assim como *cócegas* (*as cócegas*), *fezes* (*as fezes*), *núpcias* (*as núpcias*), etc. Portanto, construímos: *Os brócolis fazem muito bem à saúde*. *** *O preço dos brócolis não anda convidativo*.

Os portugueses preferem a forma *brócolos*, mas sempre no plural.

Recentemente, uma repórter de televisão anunciou que, em razão das fortes chuvas em Teresópolis, o mercado de legumes e hortaliças do Rio de Janeiro tinha sido afetado. E completou: *"O" brócolis e a alface foram os itens que mais tiveram seus preços elevados.*

A *Folha de S. Paulo* nos dá uma informação valiosa, se não fosse imperfeita: *Os elementos presentes "no" brócolis auxiliam o organismo a reduzir o colesterol, melhorar a imunidade e formam uma rica fonte de fibras.*

Na revista *Veja* apareceu este título de notícia: *Proteína "do" brócolis protege pulmão dos fumantes*. No corpo da matéria, então, leu-se: *Uma substância encontrada "no" brócolis pode ajudar a reduzir os danos causados nos pulmões de pacientes que sofrem da doença pulmonar obstrutiva crônica, normalmente desenvolvida por fumantes.*

Todos deveríamos estar empenhados em reduzir muitos outros tipos de danos...

sentir "muito ciúmes" de alguém

É perigoso. Quem sente "muito ciúmes" está pronto para comer "um pastéis"...

Podemos usar *ciúme* (no singular) ou *ciúmes* (no plural), mas não devemos misturar singular (*muito*) com plural (*ciúmes*).

Repare: *Você sente muitos ciúmes do seu namorado?* (Ou: *muito ciúme.*) *** *Ela tem uns ciúmes do marido!* (Ou: *um ciúme.*) *** *Os ciúmes de minha namorada são exagerados.* (Ou: *O ciúme de minha namorada é exagerado.*)

Na revista *Veja*, ed. 1.791, pág. 84, aparece publicidade de uma revistinha da própria Editora Abril. Nestes termos: *A sua TV vai chiar de "tanto ciúmes".*

De um locutor de televisão: *Saiba como lidar com "o ciúmes" das crianças!*

De um ex-prefeito e ex-governador paulista, hoje procurado pela Interpol: *Ciúmes de homem "é pior" que ciúmes de mulher.*

Sem dúvida.

um "patins"

Nas lojas se vende *par de patins*, assim como *par de chinelos, par de*

sapatos, par de meias, etc. Não me consta que, por isso, alguém tenha usado, até hoje, "um chinelos", "um sapatos", "uma meias".

Comprar "um patins", mesmo em promoção, é coisa de gente que não sabe ainda nem andar. Que se dirá, então, de patinar!

Certa vez uma repórter perguntou a uma entrevistada: *E hoje? Você ainda usa "o patins"?*

O mundo tem gente assim...

ver tudo "sob" outro prisma

É ver torto ou embaçado. A luz se decompõe passando *pelo* prisma ou *através do* prisma, mas nunca *"sob"* o prisma. Sendo assim, vê-se tudo *por* um prisma ou *através de* outro prisma.

Mário Gonçalves escreveu: *Cada homem vê a existência através de um prisma especial. Assim também acontece às sociedades, tanto no espaço como no tempo.*

Um jornalista, por sua vez, escreveu: *Na Bahia todos os santos, os jornais e emissoras de TV às vezes operam milagres com a notícia. Vinculados a grupos políticos rivais, os principais veículos de comunicação do Estado chegam a oferecer ao público versões conflitantes para o mesmo acontecimento, "sob" o prisma que interessa ao grupo.*

E ainda há os que querem que vejamos os nossos nobres jornalistas **por** outro prisma, **através de** um prisma agradável!

tim-tim por tim-tim

É assim que se grafa agora. Antes era *tintim por tintim*, que eu ainda prefiro (mas já não uso...).

foi um deus nos acuda

Ou seja, foi uma confusão, uma balbúrdia: *Quando as misses chegaram, foi um deus nos acuda*. Repare: agora sem hifens, e *deus* sempre com inicial minúscula.

Na mídia: *Perdendo El Alamein, os aliados certamente perderiam o controle do Canal de Suez, e aí seria um "Deus nos acuda", pois os alemães teriam acesso direto ao petróleo do Oriente Médio. *** Mais uma vez os*

bispos da CNBB se reúnem em Itaici. Agora de olho nas eleições, os bispos abandonam os fiéis. É um "Deus nos acuda"...

Que Deus nos acuda!...

oficiala

Feminino de *oficial*. Anote mais estes femininos: *adida, alfaiata, bacharela, bugra, carteira* (funcionária dos Correios), *comandanta, comedianta, coronela, fariseia, filhota, generala, marechala, mecânica, música, oficiala-generala, paraninfa, perita, pilota, política, primeira-ministra, primeira-sargenta, sargenta, soldada, suboficiala, técnica* e *tribuna*.

Use-os sem receio! Se der cadeia, procure-me!...

A força feminina é grande, mas alguns de nossos jornalistas parecem desconhecê-la. Veja como eles tratam as mulheres: *Sete mulheres, membros da Força Aérea dos EUA — inclusive "uma piloto" e "quatro copilotos" — serviram a bordo de aviões de abastecimento aéreo que deram apoio ao ataque contra a Líbia. *** Débora Rodrigues: "piloto" de jamantas. *** ..."a primeiro-tenente" da PM mineira, Fabiana Norovele.*

Será que a *primeira-tenente* gostou?

A Fórmula 1 já tem uma mulher entre os pilotos. Eles a estão tratando de "homem": é "a piloto" pra cá, "essa piloto" pra lá.

Numa revista, porém, encontramos um milagre: *Pela primeira vez na história, a Academia da Força Aérea Brasileira abriu uma turma feminina para formar* **pilotas**.

Devagarzinho, devagarzinho, eles acabam chegando lá...

Quando surgiu a palavra *primeiro-ministro*, era um deus nos acuda para a formação do seu feminino. Alguns jornalistas usavam "a primeiro-ministra", outros "a primeiro-ministro" e os mais corajosos optavam por "a primeira-ministro". Nenhum enxergava o óbvio: *a primeira-ministra*. Até que, num passe de mágica, fez-se a luz, e eles passaram, todos, a empregar o feminino correto, tão simples!

Há certas coisas incompreensíveis na mídia brasileira. Que os extraterrestres, naturalmente, haverão naturalmente de explicar tim-tim por tim-tim, quando aqui aportarem...

cônjuge (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *cônjuje*, embora haja muita gente por aí que insista em dizer "cônjugue". Deve ser gente que gosta de conjugar verbos...

corre um "buxixo" por aí

A forma verdadeira é *bochicho*, com as variantes *bochincho* e *bachinche*. Mas a rigorosamente correta é *bochinche* (daí por que só exista uma forma adjetiva: *bochincheiro*).

dizer "de" que

Só os que não têm nenhuma noção da língua usam "de que" a torto e a direito. E como os há, caro leitor, como os há! É um tal de comentei "de" que, disse "de" que, queremos "de" que, creio "de" que, pensei "de" que, etc. O fato já tem até nome: *dequeísmo*.

O raciocínio é simples demais: quem diz, diz alguma coisa; quem comenta, comenta alguma coisa; quem crê, crê em alguma coisa; quem pensa, pensa em alguma coisa.

Onde apareceu o *de*? Em lugar nenhum! Então, por que usar uma preposição que o verbo não pede?

Usemos *de que* quando o verbo ou o nome pedem tais palavras. Assim, por exemplo: *Lembre-se* **de que** *amanhã é dia útil!* (Quem se lembra, se lembra **de** alguma coisa.) *** *Tenho a impressão* **de que** *vai chover*. (Quem tem a impressão, tem a impressão ***de*** alguma coisa.) *** *Estou certo* **de que** *ela me telefonará*. (Quem está certo, está certo **de** alguma coisa.)

Fora daí, "de que" pra quê?

dar uma pensada / dar uma verificada

Só porque podemos dar uma *olhada*, dar uma *chamada* e também dar uma *passada*, muitos acham que também podem dar uma "pensada" ou dar uma "verificada". Na fala diária, podemos até usar quase sem muito problema *Vou dar uma pensada no assunto* ou *Vou dar uma verificada no documento*. Convém evitar esse emprego, contudo, na escrita ou em momentos em que os registros da língua popular não são muito

aconselháveis (como num julgamento ou até mesmo numa entrevista). Prefira usar *Vou pensar, Vou verificar*. Não é mais simples?

“uma” matiz diferente

Matiz é palavra masculina: *o matiz, um matiz*. Há quem confunda *matiz* com *matriz*. Daí vermos frases assim, nos jornais: *Isso trouxe ao debate público, com “todas as” matizes indispensáveis a uma campanha eleitoral, o nome de alguém que é considerado apto ao exercício da função presidencial.* *** *Os arquivos do SNI contêm as fichas de milhares de brasileiros, catalogados em função de “sua matiz ideológica” e ligações atuais ou pregressas.*

Um ex-governador de São Paulo saiu-se com esta frase, certa feita, estampada num jornal: *É preciso que, acima de divergências partidárias e de matizes “ideológicas”, os povos da América Latina e suas lideranças se unam na luta comum pela democracia.*

Matiz tem como sinônimo *nuance* (de var. *nuança*), que é, esta sim, palavra feminina.

obrigar as crianças a “comerem”

O infinitivo fica invariável quando não há nenhuma dúvida acerca do seu sujeito. Na frase em epígrafe, não há nenhuma dúvida de que o sujeito de *comer* é *as crianças*; portanto, desnecessária é sua flexão.

Outros exemplos: *O tiroteio obrigou os motoristas a* **retornar**. *** *Convidei os turistas a* **ir** *à praia.* *** *Os policiais forçaram os manifestantes a* **recuar**. *** *Os jogadores foram acusados de* **boicotar** *o treinador.* *** *As pessoas eram obrigadas a* **aguardar** *em fila.* *** *Vocês têm razão de* **falar** *duro com seus filhos.* *** *Nada nos permite* **chegar** *a essa conclusão.* *** *Era impossível aos passageiros* **sair** *do avião.*

copão (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o primeiro **o** aberto, assim como fazemos em *copo* e em *copinho*. Muita gente fecha essa vogal, mas não tem coragem de fechá-la em *copo* nem em *copinho*. Por que será?...

salário de mil "e" duzentos e cinquenta reais

Não se usa "e" depois de *mil* seguido de centena. Nem muito menos vírgula, como faz muita gente, no preenchimento de cheques. Esquecendo o intruso (e desnecessário) "e" e a indevida vírgula, temos: *Salário de* **mil duzentos** *e cinquenta reais. *** Gastei* **mil quinhentos** *e quinze reais. *** Estávamos em* **mil novecentos** *e noventa e oito. *** A despesa foi de* **mil oitocentos** *e um reais.*

O Brasil foi descoberto em "mil quinhentos"

Não é verdade. Quando a centena termina por dois zeros (1.500, por exemplo) ou começa por zero (1.015, p. ex.), o uso do **e** é de rigor. Veja: *Gastei* **mil e** *quinze reais, mas só ganho* **mil e** *dez.*

As centenas devem sempre ser unidas às dezenas e unidades por *e*: *Gastei mil quinhentos* **e** *quinze reais. *** A despesa foi de mil oitocentos* **e** *um reais.* Note: em nenhum caso se usa a vírgula.

Com *milhão, bilhão, trilhão*, etc., o uso do *e* também é obrigatório. Ex.: *Um milhão* **e** *duzentos mil reais. *** Dois trilhões* **e** *quatrocentos e cinquenta bilhões* **e** *setecentos e trinta milhões de reais.*

ter que / ter de

É indiferente, no português contemporâneo, o uso de **ter que** e de **ter de**: *Tenho* **que** (ou **de**) *ir amanhã a Salvador. *** Vocês* **têm de** (ou **que**) *sair já daí!*

Aos que não aceitam o emprego de *ter* **que**, tenho uma sugestão: leiam Fernando Pessoa.

Interessante neste caso é a opinião (nada abalizada) do autointitulado repórter carioca Hélio Fernandes, cuja maior virtude era o irmão que tinha. Veja o que ele escreve (e pasme!) sobre os jornalistas da atualidade: *Quem escreve bem, escreve assinado. Hoje, no Globo, apareceu quatro vezes tem DE, quando o certo é tem QUE. Depois do verbo TER vem sempre QUE. O tem DE faz o ouvido sofrer, tranquilo e correto o tem QUE.*

É sempre assim, quando o sapateiro se põe a ir muito além do sapato.

prazeroso / prazerosamente

É assim que se escrevem tais palavras. Mas sempre há os que acham "praze**i**roso" escrever "praze**i**rosamente". Eis como se leu em um portal da Internet, recentemente: *Para conhecer bem o BMW 745iA, serão necessárias algumas "prazeirosas" semanas de uso. E nós só tivemos uma...*

É prazeroso ler assim?

entre...e / de...a / desde...até

Assim como a vida nos faculta escolher as companhias que melhor nos aprazem, na língua também certas preposições escolhem seus parceiros. Não pode, aqui, haver troca de parceiros, sob pena de repulsa. Ou de deselegância. Portanto, construímos: *A idade das crianças variava* **entre** *5* **e** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **de** *5* **a** *8 anos. *** A idade das crianças variava* **desde** *5* **até** *8 anos. *** Aguardei-a* **entre** *o meio-dia* **e** *a uma hora. *** Aguardei-a* **d***o meio-dia* **à** *uma hora. *** Aguardei-a* **desde** *o meio-dia* **até** *a uma hora.*

Foi com enorme satisfação que lemos, certa vez, num jornal: *O ganso sinaleiro chinês tem plumagem farta, costuma pesar* **entre** *2,5kg* **e** *4,5kg e medir* **de** *75cm* **a** *89cm*. Extraordinariamente perfeito!

Foi com enorme desgosto que lemos, certa vez, noutro jornal: *Os ladrões roubam os veículos em São Paulo e vendem no Paraguai. A maioria dos carros é vendida por preços que variam entre dez "a" quinze mil reais.*

O desgosto foi ainda maior, ao lermos esta notícia, também num jornal: *Das festas, às segundas-feiras, participariam pelo menos quatro adolescentes, com idades entre 12 "a" 15 anos, que teriam recebido drogas e bebidas alcoólicas para manter relações sexuais com os suspeitos.*

Foi num misto de insatisfação e desgosto que lemos certa feita isto, escrito por um ex-ministro da Justiça do Sr. Fernando Henrique Cardoso: *Promete-se dar tudo às crianças, desde a instrução "à" alimentação e "à" saúde.*

Existem gramáticos, no entanto, que estão com o ex-ministro. Normal.

Suponhamos esta frase: *Dormi* **desde** *o ponto inicial do ônibus* **até** *chegar ao trabalho*. Ou esta: *Ela chorou* **desde** *lá* **até** *aqui*. Como usar a preposição "a" no lugar de *até*?

Um dicionário por aí traz este exemplo no verbete **desde**: *A multidão se estendia desde o centro “à” periferia da cidade*.

Nele, porém, como você já sabe, tudo é normal!

corça (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *kôrça*. Muitos, no entanto, insistem em dizer “kórça”. Se a pronúncia correta fosse esta, o plural de *corço* teria vogal tônica aberta, e não fechada. Observe estes casos: *p**o**rto/p**o**rta/p**o**rtos; m**o**rto/m**o**rta/m**o**rtos; t**o**rto/t**o**rta/t**o**rtos*. A pronúncia equivocada com timbre aberto surgiu justamente pelo fato de se supor que também fosse possível o trinômio *c**o**rço/c**o**rça/c**o**rços*. Não é.

Existia um modelo de veículo nacional com o nome *Corsa*, grafia correta, já que não se refere ao animal, mas a uma espécie de veículo puxado por homens, para o transporte de pessoas, existente na ilha da Madeira.

“acabou” as férias / “começou” as aulas

Só fala ou escreve assim o que não tem a mínima noção de análise sintática. Ou seja: aquele que confunde sujeito com objeto direto. Se *férias* e *aulas* exercem a função de sujeito, não há como deixar de levar o verbo ao plural. Pronto: **acabaram** *as férias,* **começaram** *as aulas.* Já era tempo...

subir **n**o ônibus errado

No Brasil, todo o mundo costuma subir **n**o ônibus, mas, em Portugal, todos sobem não só **para** o ônibus, mas também **para** o trem, **para** o avião, **para** o automóvel, etc.

Aliás, no Brasil também costumamos subir **n**o telhado e **n**as árvores. Em Portugal, porém, sobe-se **a**o telhado e **à**s árvores.

Os brasileiros trepamos **n**as árvores, **n**os muros; os portugueses preferem trepar **à**s árvores, **a**os muros.

Tanto nós quanto eles conseguimos chegar lá, sem problema nenhum...

“a” peixe-boi “fêmea”

Eis um caso de dois erros numa só expressão: primeiro, a fêmea do *peixe-*

boi se chama *peixe-mulher* (pode ser esdrúxulo, mas é assim); segundo, o gênero do nome do animal nunca muda, quando a referência é à fêmea. Portanto, o correto é **o** *peixe-mulher* (e ainda este nome é masculino). Suponhamos que *peixe-boi* fosse um substantivo epiceno; então, à fêmea nomearíamos assim: o *peixe-boi fêmea*, mas nunca *"a" peixe-boi "fêmea"*, como fez uma apresentadora de televisão, num programa sobre os peixes-boi.

plural de MP4

O plural de MP4 se faz normalmente: MP4**s**. Já com MP3, não há necessidade do acréscimo do **s** no final, porque *três* não admite variação.

pichar

Pode parecer incrível, mas cometer erro primário de ortografia num grande jornal, no Brasil, é coisa corriqueira. Qualquer estudante do quinto ano sabe que *piche* se escreve com *ch*, assim como todos os seus derivados: *pichar, pichação, pichador*, etc. Jornalista brasileiro, no entanto, contraria todas as normas da língua, talvez desejando edificar um idioma próprio, movido pelos "sábios" Manuais de Redação, a maioria dos quais com pérolas de todos os matizes.

Eis a maravilha que encontramos num dos principais jornais de São Paulo: *Casa do ex-prefeito, na região dos Jardins, foi "pixada" hoje com a frase CADEIA É SÓ PARA POBRE.*

Como é que um jornalista desses, que não conhece sequer ortografia, deseja ser um formador de opinião? Jornalista que escreve "pixada" equivale a um médico que diz que o coração fica no umbigo.

ser atingido por um "relâmpago"

É um pouco difícil: *relâmpago* é o clarão instantâneo produzido por descarga elétrica entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o solo, é a luz rápida e intensa que precede ou acompanha um trovão.

Raio é a descarga elétrica entre uma nuvem e o solo, acompanhada de relâmpago e trovão. Daí por que existem os para-raios, e não os "para-

relâmpagos”.

Não obstante a evidência, a apresentadora de um telejornal nos informou certa vez que um atleta havia sido atingido por um “relâmpago”, num campo de futebol. Só ela mesma é que foi atingida...

adrede

Adrede é um advérbio que significa *de propósito, de caso pensado, intencionalmente.* Pronuncia-se corretamente *adrêde*, embora por aí só se ouça “adréde”.

Eis exemplos em que entra tal palavra: *Foi um crime* **adrede** *preparado.* *** *Um colegiado* **adrede** *escolhido pelo presidente irá estudar o caso e propor soluções.*

Há os que, não conhecendo a função adverbial desta palavra, usam “adredemente”. E ainda pronunciam “adrédemente”! Lembra quem? A famosa personagem Odorico Paraguaçu, que usava sem pejo “apenasmente”, “somentemente”, “de repentemente”, “conformemente”, etc.

Tudo isso, naturalmente, é brincadeira. Quando se trata de um dicionário, contudo, qualquer tipo de brincadeira fica afastada, porque dicionário é coisa séria. Pois não é que agora também um dicionário traz “adredemente”? Inacreditável? Não, nesse dicionário tudo é absolutamente normal. Na edição reduzida, retiraram o verbete. Matreiramente...

“deverasmente”

É incrível, mas aconteceu. O advérbio *deveras* recebeu o sufixo *-mente*, assim como Odorico Paraguaçu fazia com tantos outros advérbios. Foi um delegado da Polícia Federal. Encarregado de verificar as contas clandestinas de brasileiros nos Estados Unidos (caso Banestado), ele declarou ao repórter: *Fiquei “deverasmente” atordoado, quando vi o nome de tanta gente poderosa!*

Quem não ficará deveras embasbacado?

Quem nasce em Bagdá é...

...*bagda***li** (note: a palavra é oxítona), mas, nos telejornais, seus

apresentadores ainda não aprenderam isso. Vai demorar um pouco, mas um dia eles chegam lá... Também os jornalistas ainda não entraram na "era de Aquário". Num grande jornal de São Paulo, apareceu isto, recentemente: *Os invasores não têm apoio da população "bagdáli"*.

E os jornalistas? Têm apoio jornalistas que não conhecem a própria língua?

cornos – fornos – socorros (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se, todas três, com o primeiro **o** aberto: *kórnus, fórnus, sokórrus*. Ex.: *Os* **cornos** *saem dos ossos frontais do crânio. *** Essa empresa é líder na fabricação de* **fornos** *para panificação. *** Na minha rua existem dois prontos-***socorros**.

acenar

Quem acena, acena *com* alguma coisa *a* (ou *para*) alguém: *Acenei* **com** *a mão* **a** (ou **para**) *todos os que ficavam. *** O motorista acenou* **com** *o braço* **à***s* (ou **para** *as*) *crianças. *** O rapaz acenou-nos* **com** *a cabeça. *** Os que ficavam acenavam* **com** *ambas as mãos* **a***os* (ou **para** *os*) *que partiam. *** Duas garotas acenaram-***me** **com** *o braço, pedindo carona*. Há, contudo, quem acene "a mão", quem acene "o braço", quem acene "a cabeça", etc., coisa não recomendável.

Em sentido figurado, só se admite *a...com* ou apenas *com*: *O presidente acenava* **a***o Congresso* **com** *a possibilidade de novas cassações. *** O presidente acena* **com** *a possibilidade de novas emissões de medidas provisórias.*

Na mídia, porém, só se vê: *Os magistrados seguem reunidos em Brasília e ainda não se pronunciaram oficialmente sobre a greve. Pela manhã, acenaram "para" a possibilidade de fixar prazo de até o dia 4 de agosto para iniciarem paralisação.*

"primeiroanista" de Medicina

Aquele que frequenta o curso de Medicina em seu primeiro ano é

primeiranista de Medicina; o que frequenta o segundo ano é *segundanista*; o terceiro ano, *terceiranista*; o quarto ano, *quartanista*; o quinto ano, *quintanista*; o sexto ano, *sextanista*; o sétimo ano, *setimanista* e o último ano, *ultimanista*. Certa vez, o Ministério da Educação quase que descredenciou quatro faculdades de Medicina, por incompetência. Médicos andam formando-se por aí, prontos para mutilar, aleijar, matar, quando não para assassinar a língua.

Surgiu a notícia de que o aspartame pode ser um dos causadores do mal de Alzheimer. Um estudante de Medicina escreveu a uma geneticista para conhecer-lhe a opinião. Desta forma: *Sou "sexto-anista" de medicina*.

ao invés de = em vez de?

Não. *Ao invés de* indica oposição, situação antônima, contrária: *O dólar,* **ao invés de** *baixar, sobe. *** Teresinha chora,* **ao invés de** *sorrir. *** O custo de vida sobe,* **ao invés de** *baixar. *** O mundo,* **ao invés de** *melhorar, piora!*

Há quem use "ao envez de", o que piora o quadro.

Em vez de indica mera substituição, simples troca: **Em vez de** *ir ao cinema, fui ao teatro*. (= *No lugar de ir ao cinema, fui ao teatro*.) **** Teresinha,* **em vez de** *ir ao quarto, foi à cozinha. **** **Em vez de** *almoçar, ele come sanduíche.*

Uma construtora paulista lançou certa vez promoção de vendas de um edifício. O anúncio começava assim: *"Ao invés de" um grande passo na vida, dê logo um salto.*

Para onde? Para o abismo?!

Um de nossos jornais fez certa vez propaganda assim: *"Ao invés de" falar de renovação de assinatura, que tal falarmos sobre esportes, economia, lazer ou cultura?*

Em vez disso, que tal aquilo?

dois "CD's" / dois "DVD's"

O plural das siglas se faz mediante o simples acréscimo de um **s** imediatamente após a última maiúscula: CDs, DVDs, FMs, PMs, IOFs, IPTUs, IPVAs, ETs, etc.

Recentemente, num informe publicitário da Associação dos Magistrados

Brasileiros (AMB), viu-se duas vezes “CPI’s”, em vez de CPIs; usou-se “MP’s” (medidas provisórias), em vez de *MP***s** e também “ao invés de” por *em vez de*.

A revista *Época*, em sua edição 593, traz matéria sobre os Beatles e em letras maiores apresenta: *Os Beatles poderão encerrar a primeira década do século XXI como campeões de venda de CD*.

O normal era escreverem *...venda de CD***s**, assim como escreveriam *venda de disco***s***, venda de computador***es** (sempre com o último elemento no plural). Por que diabos não teria usado o plural o autor do texto? Eu tenho uma tese...

o moral

Moral, palavra masculina, entre outras coisas, significa estado de espírito ou espírito de luta de pessoa ou grupo, movido por confiança, entusiasmo, etc.; ânimo. Por isso, usamos: **o** *moral, moral alt***o***, moral baix***o***, muit***o** *moral*, etc.

Moral, palavra feminina (**a** *moral*), significa, entre outras coisas, conjunto de valores éticos que norteiam as relações sociais e o comportamento humano; é, enfim, ética.

Eis algumas frases em que se usa corretamente a palavra masculina: *Naquela época os palmeirenses estavam com* **o** *moral baixo. E hoje?* *** *É preciso reerguer* **o** *moral dessa gente.* *** *O ânimo excita* **o** *moral das pessoas.*

Um médico, certa vez, após uma fracassada tentativa de salvar seu paciente, declarou: *Quando o médico perde a sua esperança, ele perde realmente “toda a moral” para tratar de seu enfermo.*

Médico nenhum no mundo perde **a** *moral*, a não ser que seja um libertino, um devasso, um pedófilo — e não era o caso.

Recentemente, escreveu um jornalista, de Nova Iorque: *Os nova-iorquinos reproduziram em luz as torres do World Trade Center, que foram postas abaixo. É um projeto de um grupo de artistas e arquitetos para levantar “a moral” da cidade.*

Ou seja, é o tipo de jornalista que não consegue levantar **o** *moral* de ninguém.

“Aluga-se” apartamentos

Trata-se de uma concordância gramaticalmente correta, mas bastante discutível. Por enquanto, convém considerar, neste caso, *apartamentos* como sujeito, que é a orientação gramatical tradicional. Assim, temos: *Alugam*-se apartamentos. *** *Vendem*-se casas.

Eis outros exemplos similares: *Não se* **apresentaram** *todas as provas necessárias. *** O povo espera que se* **consolidem** *as instituições democráticas no país.* *** **Podem**-*se levar em consideração duas sugestões apenas*. *** **Devem**-*se considerar todas as hipóteses.* *** **Dão**-*se aulas particulares de português.* *** **Exigem**-*se referências.* *** **Cobrem**-*se botões.* *** *Já não se* **fazem** *máquinas tão boas quanto antigamente.* *** *Queremos que se* **considerem** *todas as hipóteses possíveis*. *** **Aviam**-se receitas.

Para que ocorra tal concordância, é fundamental que o verbo seja transitivo direto e que o elemento que seria objeto direto esteja no plural, representando coisa. Quando representa pessoa, ou mesmo ser animado (ou considerado como animado), para evitar ambiguidade, convém apelar para o objeto direto preposicionado. Por exemplo: *Puniu-se aos infratores*. (A frase *Puniram-se os infratores* dá a entender que eles se puniram a si próprios.) *** *Ama-se aos irmãos*. (A frase *Amam-se os irmãos* pode dar ideia de reciprocidade.) *** *Encontrou-se aos desaparecidos*. (A frase *Encontraram-se os desaparecidos* dá duplo sentido.) *** *Feriu-se aos cães*. (A frase *Feriram-se os cães* é ambígua.) *** *Movimenta-se aos galhos da árvore para a queda dos frutos*. (A frase *Movimentam-se os galhos da árvore* é ambígua.)

Este é, todavia, um caso controvertido da nossa gramática. Há uma forte corrente (à qual somos simpático) que prefere considerar o pronome *se*, nesses exemplos todos, um mero índice de indeterminação do sujeito. Visto assim, o verbo ficaria sempre no singular. Mas, por enquanto, a gramática tradicional é que deve prevalecer, mormente em concursos e exames vestibulares.

“Precisam-se” de empregados

Aqui, já é caso bem diferente. Trata-se de um verbo transitivo indireto. Neste caso, o singular sempre foi de rigor. Outros exemplos: **Gosta**-*se de*

*doces. *** **Acredita**-se em milagres. *** **Assiste**-se a filmes nesse canal. *** Chegaram os turistas.* **Trata**-*se de ingleses. *** É preciso paciência com as crianças, porque se* **trata** *de seres incapazes de compreender muita coisa.*

Não são poucos os que usam o plural, neste caso, mormente quando o verbo é *tratar*. Veja, por exemplo, como escreveu um de nossos jornalistas: *A crise diplomática entre Colômbia e Venezuela se aprofundou nas duas últimas semanas, quando dois militares venezuelanos foram assassinados no Estado "fronteriço" de Táchira por supostos paramilitares. Depois do incidente, a presença militar venezuelana foi reforçada nas fronteiras com a Colômbia e o Brasil, sob o argumento de intensificar as operações contra o narcotráfico e a extração ilegal de minérios. Antes do assassinato dos militares, há duas semanas, dez pessoas que haviam sido sequestradas foram encontradas mortas, também no Estado de Táchira. O governo venezuelano disse na ocasião que "se tratavam" de paramilitares colombianos em treinamento na Venezuela.*

O referido jornalista, além do "se tratavam", usa "fronteriço", em vez de *fronteiriço*, não usa o devido e competente artigo antes de *Colômbia* e *Venezuela*, no início do texto, e também ignora a necessidade de vírgula após *Colômbia*, no segundo período. Por tudo isso é que insisto em dizer: continua indo muito bem o jornalismo brasileiro...

amílase ou amilase?

Ambas as pronúncias são aceitas. O sufixo *-ase*, em química, é indicativo de enzimas. O VOLP costuma registrar apenas as formas proparoxítonas (*celúlase*, p. ex.), mas vai inteiramente de encontro ao uso popular e até ao uso nas universidades. Convém dar às palavras que trazem o elemento *-ase*, preferencialmente, caráter paroxítono.

A criança ora gritava, "e" ora chorava

Não. A conjunção alternativa *ora* não admite, na correlação, a inclusão de um *e* anteposto. Empregamos sempre *ora...ora, quer...quer, ou...ou*, etc.

Do artigo de um ex-militar, aliás muito culto, publicado no *Correio Braziliense*, colhemos isto: *Frequente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta "e" ora como desfrutador de privilégios*.

Quem nasce na Somália é...

somali. Note: a palavra é oxítona. Os repórteres e apresentadores de telejornais só dizem “somáli”. Normal.

O mesmo problema ocorre com *bagdali* e *punjabi*, também oxítonas. Eles só dizem “bagdáli” e “punjábi”. Claro...

pirata = corsário?

Não, são conceitos levemente distintos. **Pirata** era a pessoa aventureira que viajava pelos mares somente com o objetivo de roubar e pilhar outros navios. Praticamente desapareceram. Temos, nos dias que correm, os piratas modernos, somalis, que sequestram navios, para obterem altas quantias em resgate.

Corsário era o comandante de navio, armado por particulares, com autorização do governo, para caçar navios mercantes de nações inimigas; era o pirata legal.

Nossos jornalistas ignoram completamente a diferença, a ver-se por esta notícia, retirada de *O Estado de S. Paulo*, na qual ora se fala em piratas, ora se fala em corsários: **Piratas** *somalis tentam sequestrar cruzeiro com mil a bordo. Embarcação de luxo foi interceptada no fim de semana.* **Piratas** *somalis falharam na tentativa de sequestrar um cruzeiro americano de luxo com mais de mil pessoas a bordo. Os* **piratas** *abriram fogo contra o navio de passageiros, mas a embarcação estava mais rápida do que as lanchas dos* **corsários**.

E então? O jornalismo brasileiro não é mesmo maravilhoso?

ir “em” estádio

No registro da norma culta, usa-se **a** com verbos de movimento. Claro está que no registro coloquial podemos usar a preposição *em*, preferida dos brasileiros.

Há certas construções, contudo, nas quais não parece caber essa preposição. Repare nestas frases: *Os dias de progresso chegaram “no” fim. *** O boxeador foi “na” lona. *** Devagar se vai “no” longe. *** Não vá com muita sede “no” pote! *** O rei foi “na” caça. *** O programa vai “no” ar todos os domingos.*

Quem usa ou já usou assim? Poucos, muito poucos: a deselegância é notória.

E quem poderia imaginar uma fábrica de cigarros que pedisse a seus consumidores que fossem “no” sucesso?

eu “se” enganei

E como! **Eu** não combina com **se**, são de pessoas diferentes (1.ª e 3.ª, respectivamente). Mas volta e meia ouvimos frases assim (principalmente quem gosta de futebol): *Confesso que eu “se” perdi inteiramente. *** Eu “se” esforcei demais nesse jogo, mas não adiantou. *** Pode deixar, que eu “se” viro! *** Nós “se” poupamos no segundo tempo. *** Deixe, que eu “se” entendo com o jogador! *** Nós “se” preocupamos muito com o futuro do Brasil.*

Mesmo?

Em São Paulo já houve um saudoso presidente de clube que declarou, sem pejo nem complexo de culpa: *Eu “se” fiz por “si” mesmo.*

Havia quem risse. Mas muitos choravam...

fiquei fora de “si”

É caso semelhante ao anterior. **Si** é da 3.ª pessoa; *fiquei*, da 1.ª, daí por que não há como conciliarmos uma e outra.

Repare nestas frases, todas corretas: **Ela** *ficou fora de* **si**. (**Ela** e **si** = 3.ª pessoa.) *** **Ficamos** *fora de* **nós** *por alguns minutos*. (**Ficamos** e **nós** = 1.ª pessoa.) *** *Aquilo* **me** *deixou fora de* **mim**. (*Me* e *mim* = 1.ª pessoa.)

Declarou um jogador de futebol, recentemente: *Amanhã nós vamos dar tudo de “si” para conquistar mais uma vitória.* (Não, não ria: ele ganha quinhentos mil reais por mês!)

Certa vez, pela televisão, porém, veio esta declaração: *Quando eu me “di” por “si”, já tinha sido roubada.*

“Di” por *dei* e *“si”* por *mim*! Ou seja, não restou absolutamente mais nada: roubaram-lhe tudo...

“imparciabilidade”

Esta palavra já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos

mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê a pérola (no verbete **equidade**), em vez de **imparcialidade**. Na edição reduzida, recentemente publicada, consertaram-na. Antes tarde do que nunca.

"calcáreo"

Esta palavra também já seria reprovável na boca ou na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas há dicionário por aí em que se vê essa cacografia (no verbete **bezoar**), em vez de **calcário**. Na edição reduzida, consertaram-na.

"rabujento"

Esta outra palavra também seria reprovável na pena do comum dos mortais. Que se dirá, então, se figurasse num dicionário? Pois é, mas dicionário há por aí em que ela aparece (no verbete **coroca**). Na edição reduzida, a cacografia continua. Dá para deixar de ser **rabugento**?

"aterrizar"

A maioria das pessoas sabe que um avião, quando pousa, *aterra* ou *aterrissa*. Seus substantivos correspondentes são, respectivamente, *aterragem* e *aterrissagem*.

Aterrar e *aterragem* são formas legitimamente portuguesas; *aterrissar* e *aterrissagem* são formas copiadas ao francês, portanto, trata-se de galicismos.

Muito bem. O povo, no entanto, ignora muitas vezes ambas essas formas e usa quase sempre "aterrizar" e "aterrizagem", que em verdade são meros brasileirismos.

Há um dicionário por aí que registra "aterrizar", mas não "aterrizagem". Aliás, o VOLP comete o mesmo pecado. Ambos podem perfeitamente se dar as mãos...

coma alcoólico

Correto. Como a palavra *coma* é masculina, só pode haver *coma alcoólico*,

e não “coma alcoólica”, como se ouve em nossas telenovelas.

Os jornais também não ficam atrás. Veja o que trouxe um deles: *A meningite caracteriza-se pelo início súbito, com febre alta, náuseas, vômitos e rigidez na nuca. O delírio e “a coma” são frequentes.*

Certo dicionário traz a palavra *coma* como palavra masculina ou feminina, indiferentemente. Em edições anteriores, porém, registrava a mesma palavra tão somente como feminina, em todas as acepções.

“elegantérrimo”

Evite usar formas superlativas criadas pelo vulgo, como “elegantérrimo” ou “elegantésimo”, “finérrimo” ou “finésimo”, “chiquérrimo” ou “chiquésimo”. Só pessoas pedantes, normalmente de baixa escolaridade, usam adjetivos assim.

“magérrimo”

A forma superlativa sintética da norma culta de *magro* é *macérrimo* (do latim *macer* + sufixo *-rimo*), e não “magérrimo”, cujo *g* tem origem em *magro*. Trata-se de um registro da língua coloquial.

Xavier Fernandes, em suas *Questões de língua pátria*, considera “magérrimo” um despautério que não se justifica. É assim pouco mais ou menos como “advogacia”, “gabina”, “degote”, “guspir”.

O VOLP, no entanto, registra ambas as formas, o que não chega a ser novidade.

Qualquer dia destes ainda vão aparecer no VOLP e em alguns dicionários “menas”, “mendingo”, “mortandela”, “sombrancelha” e tantas outras cacografias. É só “questã” de tempo...

e nem

Só se usa **e nem** quando pudermos pospor *sequer*: *Eles chegaram* **e nem** *me telefonaram. = Eles chegaram e nem sequer me telefonaram.* *** *A criança se divertia* **e nem** *percebia a presença do tio. = A criança se divertia* **e nem** *sequer percebia a presença do tio.*

Não havendo essa possibilidade, basta retirar o “e”, para que tudo fique perfeito: *Ela não come* **nem** *bebe.* (E não: *Ela não come “e” nem bebe.*) ***

As crianças não almoçaram **nem** *jantaram*. (E não: *As crianças não almoçaram "e" nem jantaram.*)

Os jornalistas ainda não aprenderam nada disso. E escrevem: *No lançamento do Fome Zero, o presidente disse que a fome não será vencida da noite para o dia, "e" nem apenas com algumas medidas isoladas do governo*.

Quando do episódio da presença de Manuel Zelaya, ex-presidente de Honduras, na embaixada brasileira em Tegucigalpa, declarou José Sarney, então presidente do Congresso: *Esse abuso não é bom nem para o Zelaya e nem para o Brasil. A embaixada brasileira tem que zelar pelas leis que "marca" o asilo e não pode se meter em assuntos internos dos países*. Note que, além do "e nem" e do elementar erro de concordância verbal ("marca" por *marcam*), o Sr. Sarney também usou artigo antes de Zelaya (**o** Zelaya), o que configura, segundo as normas gramaticais,
grande intimidade...

E a figura ainda é membro da Academia Brasileira de Letras! Mesmo depois de ter criado a expressão mais simplória da língua portuguesa: "brasileiras e brasileiros".

Por fim, repare nesta declaração infeliz de um ex-presidente do PT, ao renunciar a seu cargo: *Nós do PT não praticamos irregularidades. O PT não compra "e" nem paga deputados.*

Quanta mentira!

"impassividade"

Trata-se de mais uma invenção do jornalismo esportivo brasileiro. Um famoso jornalista esportivo escreveu: *Todos notaram a fúria do jogador e a "impassividade" do árbitro.*

É própria dos jornalistas esportivos a invenção, a criação (quase sempre absurda). Eles são realmente admiráveis. Muito mais admiráveis que a **impassibilidade** do povo inglês.

Tão admiráveis eles são, que um deles escreveu em sua coluna, em *A Gazeta Esportiva*: *As jogadas de Robinho estão manjadas demais. "Fácil" de "serem" neutralizadas.*

Quer dizer que as jogadas são "fácil" de ser neutralizadas? Grande!

Tão admiráveis eles são, que um ex-repórter da TV Bandeirantes chegou a declarar: *Eu gostaria muito de trabalhar como* manager *no Palmeiras.*

Seria bom até para provar que jornalista esportivo não é imbecil.

Pois é...

O dono desse carro "é" eu

Não se diz nem se escreve assim. O verbo *ser* concorda sempre com o pronome reto: *O culpado* **és tu**, *o responsável* **somos nós**. *** *Quem fez isso* **fui eu** *ou* **fomos nós***?*

Redobrada atenção devemos ter com as locuções verbais: *Não* **vou** *ser eu o escolhido, tenho certeza.* (E não: *Não "vai" ser eu...*) *** **Devo** *ser eu o responsável por isso?* (E não: *"Deve" ser eu...*)

Antioquia

Cidade histórica da Turquia. Pronuncia-se *antiokía*, e não "antiókia".

Há um departamento na Colômbia com o mesmo nome. Quando ocorreu a tragédia com o avião da LaMia, que levava jornalistas e a delegação da Chapecoense, não houve um repórter ou apresentador de jornal sequer que pronunciou corretamente esse nome.

Eis, agora, como um jornal paulistano nos conta sobre o primeiro papa da história: *São Pedro: pontificou 34 ou 37 anos. Considerado o primeiro papa, de acordo com os historiadores, o período de início e de fim de seu papado é desconhecido. Segundo a tradição, seus últimos 25 anos como papa foram passados em Roma. Os outros ele teria vivido "na Antióquia".*

Note que o jornalista ainda usou artigo antes do nome da cidade, ou seja, cometeu dois erros em duas palavras. Índice respeitável...

Conseguimos nos "mantermos" em pé

Nas locuções verbais, só varia o primeiro verbo, ou seja, o auxiliar, ficando invariável o verbo principal. Portanto: *Não podes entrar sem seres anunciado*. (E não: *Não "podes entrares"...*) *** *Vocês querem tomar um copo de leite?* (E não: *Vocês "querem tomarem" um copo de leite?*)

Repare que o sujeito de ambos os verbos é rigorosamente o mesmo, daí a não flexão: *nós* (de *conseguimos* e de *manter*); *tu* (de *podes* e de *entrar*); *vocês* (de *querem* e de *tomar*).

Numa revista, porém, se leu: *Militares liderados pelos Estados Unidos no Iraque afirmaram "terem" matado seis pessoas, durante uma incursão à procura de insurgentes na cidade de al Qaim, próxima da fronteira com a Síria.*

Às vezes, o verbo auxiliar vem separado do verbo principal: **Podem** *as autoridades estaduais* **resolver** *esse problema.* *** **Devem** *os estrangeiros* **comparecer** *à delegacia da Polícia Federal, para fazerem o recadastramento.*

em que pese "o"

É asneira. Em português toda locução prepositiva termina por preposição: *apesar de, diante de, em frente a, em frente de* e, naturalmente, *em que pese a*. Portanto: *Em que pese* **a***o mau tempo, chegamos bem.* *** *O Palmeiras venceu, em que pese* **a***o árbitro.* *** *Em que pese* **a***o presidente ter feito essa declaração, poucos acreditaram.* *** *Em que pese* **à** *tempestade, chegamos bem.*

Nossos jornalistas conseguem usar uma locução prepositiva sem preposição. Veja: *"Em que pesem as" críticas atuais, a dívida externa contribui para o progresso do país.*

Não só eles. Um presidente da OAB-SP certa vez escreveu isto: "*Em que pesem os" defeitos e pecados remanescentes, a imprensa brasileira já atingiu sua maioridade.*

Doutor, só os "adevogados" escrevem assim.

José Dirceu, ex-chefe da Casa Civil, teve um artigo publicado no *blog* de conhecido jornalista. Começou o artigo como encerrou a sua jornada no governo: "*Em que pese os" pontos ainda pendentes no Congresso dos EUA, a aprovação da reforma no sistema de saúde norte-americano joga luz sobre a necessidade de pensarmos o modelo que adotamos no Brasil.*

Jogar luz? Estou aqui eu jogando alguma luz há um bom tempo, mas sempre há os que a rebatem com trevas...

EM TEMPO – Num desses manuais de redação de jornal, entre tantos outros equívocos figura o que trata da expressão *em que pese* a. O autor afirma que devemos usá-la quando a referência for a pessoa e apenas "em que pese" quando a referência for a coisa. Ao ler isso, houve quem, além de ruborizado, ficasse mortalmente impressionado...

E ainda têm a coragem de expor tais manuais de redação em livrarias, para serem vendidos e espalharem tolices.

na medida em que

Trata-se de um modismo dispensável, mas acabou vingando no português do Brasil. Emprega-se como equivalente de *se* ou de *caso*. Ex.: *Só é possível usar-se a inteligência na medida em que ela exista. *** Aprender línguas estrangeiras é útil na medida em que possamos praticá-las constantemente.*

Muitos a empregam por *à medida que*, o que é reprovável: *"Na" exata "medida em que" empobrece, a classe média perde noção de deveres e direitos*.

Num editorial de importante jornal paulista se leu certa vez a locução *na medida em que* usada com valor causal, o que a língua desconhece inteiramente: *No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guru oferece soluções geniais para alguns dos graves problemas nacionais. "Na medida em que" há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor*
cresceu muito.

De fato, há muito tempo a questão *Educação* não é levada a sério neste país.

ficar de olho em alguém

É assim que todos usamos. Desde o tempo de César. De repente, aparece um ex-árbitro de futebol, pela televisão, fazendo comentários de arbitragem. É ele quem comenta, num lance do jogo: *Esse jogador é malandro: o "juiz" precisa ficar de olho "com ele".*

A regra é clara: isso não existe!...

metades "iguais" / "duas" metades

Redundâncias. Certa vez, a apresentadora de um programa de televisão saiu-se com esta: *A linha do equador divide a Terra em "duas metades".*

Que baita novidade!

cabala ou cabalá?

Em português, *cabala*; em hebraico, porém, a prosódia é outra: *cabalá*. Nós, todavia, falamos português (por enquanto...).

Ganhar e perder são do esporte

Correto: infinitivos antônimos exigem o verbo no plural. Eis outros exemplos: *Amar e odiar* **são** *próprios do ser humano. *** Nascer e em seguida morrer* **são** *apanágio de crianças de alguns países subdesenvolvidos.*

Não sendo antônimos os infinitivos, o verbo ficará no singular: *Beber e comer não* **é** *apanágio do ser humano. *** Fumar e beber cachaça* **faz** *mal à saúde. *** Passear em parques e tomar banhos de sol em piscinas ou praias* **é indicado** *para a saúde da criança.*

Certa feita, um jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua portuguesa, escreveu: *Ganhar e perder "é" do esporte.*

O fato de colegas lhe devotarem respeito por um conhecimento que absolutamente ele não tem não significa absolutamente coisa nenhuma: em terra de cego, quem tem meio olho é Juquinha Kfuro...

entorse

É palavra feminina: **a** *entorse,* **uma** *entorse*; **violenta** *entorse.*

Os jornalistas esportivos, no entanto, vivem informando que determinado jogador sofreu *"um" entorse* no tornozelo.

Desde "de" manhã está chovendo

É tolice. A preposição *desde* rejeita "de": *Desde manhã está chovendo. *** Desde 1960 não ocorrem terremotos por aqui. *** Trabalhamos desde manhã até altas horas da noite.*

Na mídia, porém, se vê frequentemente: *Desde "de" 1945, a Corrida Internacional de São Silvestre vem atraindo a atenção dos meios de comunicação de todo o mundo. *** O deputado disse que desde "de" menino tem fascínio pela Academia Brasileira de Letras. *** Desde "de" 1985, o São Paulo não chegava à fase final do campeonato paulista. *** Desde "de" janeiro de 1994, criança nascida na França não é automaticamente

*francesa. *** A equipe do São Paulo não consegue uma vaga na Libertadores desde "de" 1994. *** Dados da Unicamp indicam que o índice de chuvas só nesta segunda-feira, de 113,2mm, é o maior registrado no mês de fevereiro desde "de" 1926. *** Desde "de" quinta-feira dez ônibus foram incendiados por homens encapuzados na região de Vitória.*

Certa feita, ouvimos de um garoto sem escola: *Estou aqui desde "das" seis horas da manhã.*

Alguns jornalistas estão na mesma trilha...

"todos" foram "unânimes"

A combinação "todos unânimes" constitui redundância, pois *unânime*, por si só, já significa *relativo a todos*. Portanto: *Todos foram concordes com essa opinião.* Ou, então: *Houve unanimidade nessa opinião.*

Num jornal, porém, se leu: *"Todos" são "unânimes" em afirmar que a reforma tributária aumentará a carga de impostos.*

Eis aí uma verdade. Vestida de mentira...

Para "chegar" aqui, gastamos duas horas

A regra é clara: no início da frase, o infinitivo antecedido de preposição ou de locução prepositiva varia obrigatoriamente. Portanto: *Para* **chegarmos** *aqui, gastamos duas horas. *** Por* **terem** *chegado tarde, ficarão de castigo. *** Em vez de* **irem** *ao cinema, eles foram ao teatro. *** Apesar de* **ficares** *calado, conhecemos tua opinião*.

Vejamos como escrevem os jornalistas: *Apesar de "possuir" hábitos diferentes, os pirilampos e vaga-lumes têm características diferentes. *** Para "evitar" as invasões, os fazendeiros começam a se armar*.

A revista *Veja* trouxe na ed. 1.808 uma matéria sobre casamento homossexual. Abriu-a assim: *Até algum tempo atrás, para "encontrar" amigos e "namorar" sem ser molestados, os* gays *se isolavam em guetos.*

No meio da matéria ainda se leu: *Em vez de "manter" o confinamento como técnica de defesa, os* gays *começam a se expor, a se exibir, a emergir.*

Na edição 1.818 da mesma revista, escreve um de seus colaboradores: *Antes de "chegar" ao poder, os parlamentares lulistas criticavam a participação brasileira na Estação Espacial Internacional. Agora mudaram*

de ideia.

Todos nós, um dia, mudamos...

Noutra de suas edições, trouxe: *Antes de "condenar" os brasileiros que tentam realizar seu sonho de obter um curso superior fora do país, precisamos entender o porquê dessa escolha.*

O infinitivo só não varia quando aparece depois do verbo principal. Por exemplo: *Gastamos duas horas para* **chegar** (ou **chegarmos**) *aqui.* *** *Eles ficarão de castigo, por* **ter** (ou **terem**) *chegado tarde.* *** *Eles foram ao teatro, em vez de* **ir** (ou **irem**) *ao cinema.* *** *Conhecemos tua opinião, apesar de* **ficar** (ou **ficares**) *calado*.

Mesmo em tal situação, o infinitivo varia obrigatoriamente, se for pronominal ou se exprimir reciprocidade ou reflexibilidade de ação: *Gastamos duas horas para* **nos dirigirmos** *até lá.* *** *Eles relutaram muito para* **se cumprimentarem**. *** *Foram até um canto da sala, a fim de* **se pentearem**.

Mas os jornalistas não aprendem. E escrevem: *Daqui a pouco vão demonizar o direito de as pessoas "se apaixonar"*.

cacoepia ou cacoépia?

Ambas as prosódias são boas, a exemplo de *ortoepia* e *ortoépia*.

Dá gosto de ver esse time jogar!

Frase de cunho eminentemente popular, a exemplo de *Agora ela inventou de ser tribalista!* A norma culta prefere frases assim: *Dá gosto ver esse time jogar!* *** *Deu gosto assistir àquele jogo!* *** *Dá gosto viver num país como aquele!*

A inclusão da preposição **de** nesses casos, sem dúvida, realça a comunicação.

A cena se passa em 1964

Para nós, brasileiros, sempre será preferível a próclise, ou seja, a colocação do pronome oblíquo antes do verbo. Nós temos especial predileção por tal colocação. Por isso, **se passa** prevalece sobre **passa-se**, que é a colocação preferida dos portugueses.

Eis outros exemplos: *As crianças* **se** *acostumaram aqui*. (Português do Brasil.) *** *As crianças acostumaram-***se** *aqui*. (Português luso.) *** *O rapaz* **se** *perdeu*. (Português brasileiro.) *** *O rapaz perdeu-***se**. (Português de Portugal.) *** *O carro* **se** *atolou*. (Português do Brasil.) *** *O carro atolou-***se**. (Português de Portugal.)

Qualquer das colocações é absolutamente correta, o problema aí é só de conforto. Ou de hábito, de preferência. Não se pode dizer o mesmo da colocação vista neste texto jornalístico: *A cárie dentária e doenças gengivais são causadas principalmente pela placa bacteriana que nada mais é do que uma película esbranquiçada que "adere-se" às superfícies dos dentes e é formada principalmente por bactérias e restos alimentares.*

O jornalista optou por uma colocação que agride a orelha (ex-ouvido). Note que, além da eufonia, sai mais naturalmente **que se adere** do que "que adere-se". Ademais, o redator deveria ter usado a competente vírgula depois de *bacteriana*.

Como se vê, bactérias causam muito mais problemas do que supõe toda a nossa vã filosofia...

Para encerrar o assunto, eis um trecho de um artigo de José Sarney, o criador da fantástica expressão "brasileiras e brasileiros", grande presidente da República e um dos presidentes do Senado mais amados do Brasil, sobretudo por sua lealdade a princípios ideológicos, por sua seriedade e sobretudo por seu caráter absolutamente incorruptível: *Lembro-me de que, quando os ossos de dom Pedro I vieram para o Brasil e percorreram todas as capitais do país, em Recife não quiseram recebê-lo, pois ele fora o repressor da Confederação do Equador e quem mandara enforcar o Frei Caneca. Enquanto "discute-se" isso, os operadores de controle alfandegário podem tirar as nossas roupas e verificar o que temos demais e de menos*.

Respeito, porém, muito respeito: o homem é membro da Academia Brasileira de Letras...

mulher que "apaixonou-se" por mim

No caso anterior dissemos que o brasileiro prefere a próclise. É de todos sabido, ademais, que a palavra *que* — em qualquer função — atrai o pronome oblíquo, ou seja, exige a próclise. O assunto se aprende lá pelo sétimo ano, nas escolas brasileiras. Mas ainda há os que não aprenderam.

Ou não conseguiram passar para o oitavo. Numa publicação distribuída por uma folha de São Paulo, leu-se no verbete *resina*: *polímero natural ou sintético que "torna-se" viscoso ao ser submetido ao calor.*

pixote

Foi uma grande *pexotada* de um cineasta argentino quando rodou um filme com este nome. Sim, porque, em português, a grafia é *pexote* (da locução chinesa *pe xot* = não sei). O VOLP e alguns dicionários registram "pixote", mas isso não faz nenhuma diferença: uma *pexotada* a mais, uma *pexotada* a menos, não vai alterar muita coisa em certos dicionários. Interessante o VOLP: registra *pexote, pexotada, pexotar, pexotear* e *pexotice*, mas apenas *pixote* e *pixotada*. É mais uma de suas pexotadas.

EM TEMPO – Convém ressaltar que, embora devamos escrever *pexote*, a pronúncia pode ser *pixote*, da mesma forma que estamos autorizados a dizer também *minínu, mixiríka, marcinêiru*, etc.: a vogal **e** pretônica ou postônica normalmente se reduz, ou seja, soa *i*.

encarar "de frente" os problemas

Mais uma tolice do mundo moderno. Será interessante, um dia, ver alguém encarando os problemas "por trás" ou "de lado"...

A cara de pessoas e animais fica – por enquanto – na frente. Ou não? E há, ainda, os que usam enfrentar "de frente"! Por que não usam também encarar "de cara"? É um mistério...

Os jornalistas que já estão no futuro escrevem: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa.*

Vamos encarar a frase do jornalista com bastante isenção de ânimo: quando as autoridades se reúnem, elas põem os problemas **na** mesa, e não "*à*" mesa. As pessoas, sim, é que ficam **à** mesa, isto é, próximos dela.

pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito

Trata-se de uso comum, na língua falada despretensiosa (registro coloquial).

Não se usa, todavia, o futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito do

subjuntivo, como se viu no editorial de importante revista semanal de informação, ed. 1.626: *A confusão em torno da reforma tributária trouxe uma revelação assombrosa. Em nenhum momento o governo empenhou-se genuinamente na produção de um texto de reforma eficaz, que "permitiria" desonerar a produção industrial e modernizar o atual sistema de tributos.*

Se o redator usasse dois-pontos no lugar do primeiro ponto; se o redator empregasse *permitisse*, em vez de "permitiria"; se o redator usasse, de preferência, a próclise, como é do feitio do português do Brasil (*se empenhou*), talvez o editorial ficasse um pouquinho melhor. O jornalismo brasileiro, no entanto, hoje, é isso aí e um pouco mais.

a estas horas

A expressão é *a estas horas*, e não "as estas horas", como quis certa feita um jornalista esportivo, que escreveu: *Os dirigentes corintianos devem estar dando sonoras gargalhadas "as" estas horas.*

Há quem costuma dar sonoras gargalhadas justamente quando lê jornais e revistas e assiste a certos programas de televisão...

"Bixiga"

Cacografia. Em São Paulo existe um bairro cujo nome é *Bexiga* (que os jornalistas chamam "Bixiga"). Além dessa cacografia, os jornalistas cometem outras. Por exemplo: "Wenceslau Braz", "Braz Cubas", "Casemiro de Abreu", "Campos Elíseos" e outros milhares delas, em vez de *Venceslau Brás, Brás Cubas, Casimiro de Abreu, Campos Elísios*, etc.

EM TEMPO – As vogais **e** e **o**, quando em sílaba pretônica ou postônica, podem soar **i** e **u**, respectivamente. Daí por que podemos dizer *iscola, guvernu*, etc. Há um jornalista esportivo na Fox que diz fut**e**bol, fazendo questão de acentuar o **e**, não aceitando o *futibol*. Convém rever seus conhecimentos, mano...

um terço / dois terços

Os números fracionários exigem concordância normal, ou seja: **Um terço** *dos nossos bens* **ficou** *com o advogado.* *** **Dois terços** *dessas propriedades* **serão leiloados**. *** *Somente* **um quarto** *das nossas terras* **é fértil**. *** **Dois**

quartos *da lavoura* **foram dizimados** *pela nuvem de gafanhotos.*

Na mídia se vê de forma bem diferente. Veja: *Dois terços da população brasileira "passa" fome. *** São Paulo está tomada por vendedores ambulantes: só no centro "estão" um quarto deles. *** Somente um quarto dos votantes "compareceram" às urnas. *** Menos de um quarto dos interrogados (24%) "disseram" que confiam nesse presidente. *** Um terço das presas de 53 cadeias "cumprem" pena em lugar errado*. Errado, está tudo errado...

Eis, agora, como escreve um economista, ao concluir uma pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada pelo BNDES: *Pelo menos um terço das compras de livros de qualquer biblioteca deveria ser "feitas" em livrarias regionais, do próprio estado, para fortalecer o varejo local.* Ou seja: acertou no cravo, mas se afundou na ferradura...

Por fim, no editorial de um jornal: *Cerca de um quarto dos brasileiros "são analfabetos".*

Vê-se...

"elefoa"

Há muita criança que na escola aprende que o feminino de *elefante* é "elefoa". O feminino de *elefante* é um só: *elefanta*. E mais nenhum outro. Quem usa *aliá* também se equivoca.

Não obstante, continuam existindo professores por este Brasil afora que ensinam a seus alunos que o feminino de *elefante* é *elefoa* ou *aliá.* Também já ouvi professor ensinar que o feminino de *sapo* é *rã*. Deixe a sapa saber disso...

adaptar / captar / optar / raptar

Têm o **p** debilmente pronunciado durante toda a conjugação, principalmente nas formas rizotônicas, em que a vogal que o antecede é tônica: *adapto, capto, opto, rapto; adapta, capta, opta, rapta; adaptam, captam, optam, raptam; adapte, capte, opte, rapte; adaptem, captem*, *optem*, *raptem*, etc. Portanto, nada de "adapita", "capita", "opito", "rapitam", etc.

designar / estagnar / indignar / impregnar / impugnar / repugnar

Nas formas rizotônicas, têm a vogal que antecede o *g* fortemente pronunciada: *designo, estagno, indigno, impregno, impugno, repugno; designa, estagna, indigna, impregna, impugna, repugna; designam, estagnam, indignam, impregnam, impugnam, repugnam; designe, estagne, indigne, impregne, impugne, repugne; designem, estagnem, indignem, impregnem, impugnem, repugnem*, etc. Portanto, nada de "desiguíno", "estaguíno", "indiguína", "impreguína", "impuguína", etc.

sentinela

Sentinela é nome sobrecomum, a exemplo de *pessoa, criança*, etc., ou seja, usa-se **a** *sentinela* sempre, tanto para o homem quanto para a mulher: *A sentinela se chamava Ivã. *** Hersílio era a sentinela mais atenta de todas.*

Num jornal, porém, se viu isto: *Era noite. Na entrada, só "um" sentinela. Manuel Fernandes reduziu a marcha, se aproximou devagar e gritou: — Viva a Fidel Castro! Entediado, "o" sentinela respondeu, em voz baixa: — Viva!*

Ainda chegará o dia em que leremos nos jornais: "um pessoa", "um criança". É só uma questão de tempo.

EM TEMPO – Até a saudação estava errada. *Viva Fidel Castro!*

bebê

Também é e sempre foi nome masculino: usa-se, em rigor, *o bebê* tanto para o menino quanto para a menina: *Lurdes era um bebê bonito. *** Como é o nome do seu bebê: Cassilda ou Jeni? *** Então, é menina esse seu lindo bebê?*

Se usarmos o diminutivo, teremos sempre *bebezinho* (e nunca "bebezinha"). Mas a 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* agora traz *bebê* como substantivo comum de dois gêneros; sendo assim, podemos usar *o/a bebê, o/a bebezinha*, conforme se trate de homem ou mulher. Essa gente muda o idioma como muda de meias. Os dicionários portugueses e os mais tradicionais dicionários brasileiros registram a palavra como substantivo masculino, e não como comum de dois gêneros. Mas o tal vocabulário tem

força de lei, ele nos enfia goela abaixo coisas fantásticas. Enfim, temos de engolir mais esse sapo. V. **nenê**.

dois “Ka” e três “Fiesta”

É assim que sai nos jornais. Alguns jornalistas acham que nomes de automóvel não se pluralizam. Achar não ofende (mas o que incomoda não é brincadeira)...

Só os nomes de fábrica é que não sofrem variação no plural. Ex.: *veículos* **Ford**, *automóveis* **Toyota**, *carros* **Fiat**, *dropes* **Dulcora**, *tintas* **Coral**.

Substantivados, os nomes de veículo sofrem flexão normalmente: *os Kas, os Fiestas, os Gols, os Astras, os Golfs, os Corollas*, *os Civics*, etc. Mas não sofrem variação quando aparecem assim: *os automóveis Ka, os veículos Fiesta, os carros Gol, os aviões Brasília*. Por quê? Porque a flexão numérica já foi satisfeita no substantivo anterior.

Anos atrás foi exibido um filme com este nome: *Os irmãos Cara de Pau*. Se fosse omitida a palavra *irmãos*, esse mesmo filme teria este nome: *Os caras de pau*. O princípio é o mesmo, quando se trata de nomes de veículo. Só resta nortearem-se por ele. Creio que não seja tão difícil.

Uma revista especializada em automóveis trouxe isto, ao analisar o modelo BMW, série 5: *Na Alemanha, nos trechos com velocidade liberada, foi possível chegar aos 200km/h. Mas, assim como surgiam “Porsche” para nos empurrar, vez ou outra apareciam “Astra” nos forçando a desacelerações fortes, nas estradas.*

São jornalistas, naturalmente, que estão mais para *Mobis* que para *Porsches*...

mico

Mico não varia, quando usada como adjetivo, por *desagradável* ou *que impressiona mal:* carros *mico,* jogadores *mico.*

Quando vamos a uma concessionária de automóveis, veem-se veículos de todas as cores, das discretas às mais ousadas. A verdade é que estas, anos mais tarde, acabam dando alguma dor de cabeça ao dono do carro, que sente dificuldade em vender seu veículo.

Um carro que tenha a cor de mostarda, por exemplo, quando novo,

parece o céu! Na hora de vender, é o inferno!

Numa revista especializada em automóveis, então, se leu: *O Classe A vendia bem em cores sóbrias, como prata, cinza e preto, mas encalhava nas três cores "micos": verde tropical, vermelho vulcânico e azul marítimo.*

Mas, afinal, quem é que pagou o maior mico?

os "Kennedy"

Este é o chamado plural à jornalista brasileiro, que, em vez de atentar para as regras da língua portuguesa, prefere copiar o que existe na língua francesa. Em francês é que os nomes próprios não vão ao plural; em português não. Mas os jornalistas brasileiros apreciam muito escrever justamente em outra língua, mesmo porque não conhecem a própria.

Certa vez, a TV Globo levou ao ar um programa a que deu este nome: *Os "Kennedy" não choram*. Os Kennedys podem não chorar, mas não faltou gente que chorasse durante o programa inteiro...

A revista *Época*, pertencente à mesma organização, trouxe na capa da sua ed. 58: **Os "Matarazzo" — ascensão e queda de um império**.

Cuidado, porque toda revista tem também sua ascensão e queda.

Outra revista de informação, a *Veja*, trouxe: *Uma tragédia atingiu o clã dos "Safra" na semana passada.*

Tragédia na língua, ali, é semanal. Recentemente, só se viu nela e em outras revistas também *os "Batista"*, em referência aos irmãos Joesley e Wesley Batista. Normal.

Na mesma revista apareceu certa vez, na capa: **A saga dos "Matarazzo"**. Normal.

Nomes e sobrenomes portugueses vão ao plural normalmente; os estrangeiros ganham apenas um *s*, mas jamais devem ficar absolutamente invariáveis (e gramático que advoga a não variação, neste caso, se equivoca em grande estilo). Portanto: *os Josés, as Luísas, os Joões, as Raquéis, as Esteres, os Ademires, os Rauis, os Aníbais, os Machados, os Matarazzos, os Rangéis, os Amarais, os Vidais, os Kennedys, os Bopps, os Chopins, os Disneys*, etc.

Eça de Queirós (os jornalistas conhecem?) é autor de *Os Maias*, e não de "Os Maia"; em São Paulo existe a Rua dos Gusmões e a Rua dos Andradas.

Ou os jornalistas passam pela Rua dos "Gusmão" e pela Rua dos "Andrada"? A verdade é que os jornalistas de hoje, além de absolutamente incoerentes, não têm nem mesmo capacidade de cotejar. Não espere deles o que se lhes afigura impossível de dar.

O mais curioso disso tudo é que esses mesmos jornalistas que estupidamente se recusam a flexionar nomes próprios e sobrenomes, escrevem: *Os* **Simpsons** *estão de volta*. Se isso não é absoluta incoerência, o que será?

Se o nome ou o sobrenome já termina em *-s* ou em *-z*, fica invariável, com exceção de *Luís,* que faz no plural *Luíses: os Quadros, os Rodrigues, os Vaz, os Moniz.*

Nossos jornais trazem, todavia, diariamente: "os Sampaio", "os Toledo", "os Matarazzo", "os Suplicy", etc. Certa vez, leu-se num deles: *Muitas "Maria" e muitos "João" vivem pelos cantos, pelas escadas ou corredores das repartições públicas lamentando-se dos baixos salários.*

Tudo isso é muito lamentável...

No *Correio Braziliense* se leu: *"Os Silva" vêm aí. Tios e primos do presidente petista viajarão 36 horas, entre Caetés (PE) e Brasília, para assistir "o" parente ilustre receber a faixa presidencial.*

Dois erros primários em três linhas. Mas eles continuam publicando seus manuais de redação, arrogando-se o direito de legislar em língua portuguesa! E esse mesmo jornal ainda divulga, de tempos em tempos, pérolas de jornalistas pelo seu *site*. Que tais as suas próprias?

Palácio "do" Alvorada

É incrível, mas ainda existe jornalista brasileiro que não sabe sequer o nome correto da residência oficial do presidente da República. Dia desses, um deles disse pela televisão *Palácio "do" Alvorada*, em vez de *Palácio* **da** *Alvorada*. Está certo que, com o governo do PT, o Brasil acordou para *um novo amanhã*. Mas não era preciso exagerar, não é mesmo?...

"a" Fonte Nova

A Bahia tinha um estádio que se chamava *Fonte Nova*. Depois de uma tragédia, acabou interditado. Para a Copa do Mundo de 2014, resolveram

construir no mesmo local uma arena, coisa do Primeiro Mundo, e mantiveram o nome: *Fonte Nova*. Mas continuam a usar o nome do estádio como se pertencesse ao Quarto Mundo. Ora, *estádio* é nome masculino, e qualquer recém-nascido sabe disso. Sendo assim, como entender que alguém jogue "na" Fonte Nova, fazendo a concordância com *fonte*, que nada tem que ver com *estádio*?

Note que todos usamos: *O jogo foi* **no** *estádio da Fonte Nova.* Se retirarmos a palavra *estádio*, essa frase fica assim: *O jogo foi* **no** *Fonte Nova.*

Se você ainda tem dúvida, eis exemplos semelhantes, que confirmam essa nossa afirmação: *Moro* **na** *Avenida Vieira Souto. = Moro* **na** *Vieira Souto.* (Você moraria "no" Vieira Souto?) *** *Viajei* **no** *iate Marina. = Viajei* **no** *Marina.* (Você viajaria "na" Marina?) *** *O presidente despacha* **no** *Palácio da Alvorada. = O presidente despacha* **no** *Alvorada hoje.* (Ou alguém já cometeu a insensatez de dizer que o presidente despacha "na" Alvorada?)

Como se vê, a coisa é simples. Mas os jornalistas esportivos não dão conta nem sequer de entender as coisas mais elementares! Que se vai fazer? Só resta mesmo o escárnio.

Em Goiânia (GO) há um grande estádio: **o** *Serra Dourada*. (Note que *serra* é palavra feminina.) Até hoje, porém, não apareceu nenhum jornalista esportivo dizendo ou escrevendo *"a" Serra Dourada*. Por quê? Porque, sem embargo de estarem próximos, ainda não chegaram ao estádio da loucura... Mas continuam insistindo *"na" Fonte Nova*. Fazer o quê? Existe gente assim. (Mas os Direitos Humanos – cuidado – exigem que os respeitemos...)

Suponhamos que exista um estádio com o nome de *Princesa Isabel.* Chamá-lo-íamos, então, de *"a Princesa Isabel"*? Os jogos seriam realizados *"na Princesa Isabel"*?

Senhores jornalistas esportivos, por favor, raciocinem! Raciocinar não dói, não; muito ao contrário, alivia...

Agora, veja a que ponto chega a "verve" dos jornalistas brasileiros! Repare na manchete de um diário de São Paulo: **Fogo no Buraco Quente.** *Um incêndio ontem à tarde espalhou medo e destruição na Favela do Buraco Quente, na Avenida Washington Luís, próximo ao Aeroporto de Congonhas, na Zona Sul.*

Ora, se se tratava do nome de uma *favela*, o fogo só poderia ser **na** Buraco Quente.

O problema é que eles não raciocinam! Nem pedindo; nem implorando; nem mesmo provando por á + bê. É o jornalismo brasileiro. Fazer o quê?

“reverter” o quadro

É a frase da moda. Estará correta?

Médicos, economistas e tecnocratas de todas as áreas estão a inventar uma língua própria: a asinina. Entre tantas asnices que se notam em seu linguajar, salienta-se o emprego do verbo *reverter* por *inverter*: *É preciso “reverter” o quadro da economia brasileira.* (Em vez de: *É preciso* **inverter** *o quadro da economia brasileira.*) *** *O governador não soube “reverter” o escândalo a seu favor.* (Em vez de: *O governador não soube* **inverter** *o escândalo a seu favor.*) *** *A “reversão” desse quadro é difícil. (Em vez de:* A **inversão** *desse quadro é difícil.*)

besouro (como se pronuncia?)

A palavra é *besouro*, que se pronuncia *bezôuro*, mas não se sabe ainda por que razão há os que insistem em dizer “bizôrro”. Por que é que essas mesmas pessoas não dizem “tizôrro” para *tesouro*? É um mistério...

“Independente” do salário, o Palmeiras descarta esse jogador

Foi a manchete de um jornal esportivo há pouco tempo. Do jeito que anda o jornalismo brasileiro, pedir que os jornalistas usem **independentemente** (advérbio) por “independente” (adjetivo) parece ser uma exigência absurda, já que eles não conseguem distinguir as diferentes classes de palavras, assunto que deveria ser aprendido no ensino fundamental. É inútil pedir, é perda de tempo (e de paciência).

Observe estas frases: *Somos um país independente.* (Frase correta, porque *independente* aqui é adjetivo.) *** **Independentemente** *da vontade dos pais, ela casou.* (Aqui temos um advérbio.) *** **Independentemente** *do salário, o Palmeiras descarta esse jogador.* (Eis a manchete que deveríamos ter lido.)

Vejamos, porém, outra frase de jornalista: *Preservar o ambiente é dever do agricultor, “independente” da pregação de demagogos e da ação do Estado.*

E qual é o dever de todo aquele que escreve em jornais?

Numa de nossas revistas semanais, lemos esta declaração de um diretor de escola carioca: *Um bom professor é aquele que serve de exemplo, "independente" da matéria que leciona.*

Ele próprio seria, sim, um exemplo...

Um jornalista carioca sediado em Brasília escreve: *Governadores, "independente" de filiação partidária, vivem um drama: precisam apoiar o governo federal.*

Não são apenas os governadores que vivem lá seus dramas...

Um desses professores eletrônicos que pululam por aí, em resposta à dúvida de uma consulente sobre a acentuação nos nomes próprios, escreve: *O acento não é levado em conta na caracterização do nome do indivíduo; por isso, o melhor é sempre acentuar de acordo com a regra de acentuação que estiver vigorando, "independente" do registro civil.*

Em cada canto da Internet se encontra um professor que "tira as suas dúvidas". E deixa quantas?

"há" muito tempo "atrás"

Frase redundante. O uso da forma verbal *há* já indica fato passado. Usa-se, portanto, apenas o *há*, ou apenas o *atrás*, mas não ambos na mesma frase: **Há** *cinquenta anos tudo era muito diferente. *** Cinquenta anos* **atrás** *tudo era muito diferente.*

Anuncia um grande banco nacional: *Há 10 anos "atrás" todo "o" dinheiro era de papel.*

Além da redundância, usou-se "todo o" por *todo*. Dinheiro traz felicidade?

"Chove" besteiras por aí

Seria uma verdade por inteiro, não fosse o erro de concordância. O verbo *chover*, usado em sentido figurado, varia normalmente: **Chovem** *besteiras por aí. **** **Choveram** *asneiras nas provas de Português. **** **Choverão** *papeizinhos picados dos edifícios, na passagem do ano. **** **Estão chovendo** *cães e gatos! **** **Começam a chover** *gatos e lagartos! **** **Vão chover** *propostas para você. *** Daqui a pouco* **choverão** *telefonemas para cá.*

Um apresentador anunciou pela televisão certa vez: *“Está chovendo” bons goleiros no Parque Antártica.*

Numa revista se leu: *“Chove” pedidos dos romeiros para a santa da janela, em Ferraz de Vasconcelos.*

Na letra de uma música, ouviu-se: *“Vai chover” pingos de amor.*

Qualquer dia destes *vão chover* pingos de raiva!

A doença de Chagas é transmitida por um “mosquito”?

Não, por um *percevejo*, conhecido popularmente por *barbeiro*.

correr atrás do “prejuízo”

É outra grande criação do jornalismo esportivo brasileiro. Quando uma equipe está perdendo o jogo, diz-se que os jogadores têm de *correr atrás do “prejuízo”.*

Só derrotados podem correr atrás do “prejuízo”; vencedores preferem *correr atrás da* **vantagem** ou *do* **lucro**. Creio ser uma atitude mais inteligente.

Se se deseja usar a palavra *prejuízo*, sugiro *inverter o prejuízo: O time tomou três gols em dez minutos e agora terá de* **inverter o prejuízo**.

antes “de” que

Não existe em português “antes de que”, mas sim *antes que*, da mesma forma que não existe “depois de que”, mas apenas *depois que*: **Antes que** *me esqueça: venha visitar-me!* *** **Depois que** *ele chegou, foi dormir.*

Agora, veja como escreve um jornalista: *Irritar-se é um direito dos militares como de qualquer outro cidadão. Mas, “antes de que” pensem na tal de última saída, convém uma ajuda-memória.*

Irritar-se é, de fato, um direito de qualquer cidadão.

confessar-se perante “a” Deus

A preposição *perante* dispensa a companhia de outra preposição: *Confessar-se perante Deus.* *** *Perante o juiz, confessou tudo.* (E não: *Perante “ao” juiz...*) *** *Perante Deus, estou em paz.* (E não: *Perante “a”*

Deus...)

No *Jornal do Brasil* se leu logo no primeiro dia do ano, que é para ir já se acostumando durante o ano todo: *O novo presidente tomou posse e fez juramento perante "à" Constituição.*

Eita, jornalismo brasileiro!

mediante "ao" documento apresentado

Caso idêntico ao anterior. O uso de *mediante* dispensa a presença de outra preposição: *Mediante o documento apresentado, pude entrar. *** Mediante a nota fiscal na mão, pude lacrar o veículo.*

Numa revista de automóveis, um leitor escreve aborrecido: *Não havia peças para solucionar o problema do meu carro. Imediatamente foi feito um pedido de urgência à fábrica. Mediante "a" isso, recorri à agência...*

Mediante isso, temos uma sugestão ao leitor: recorra antes a um bom livro de língua portuguesa!

"uma" jacaré fêmea

É bicho que não existe. Ao menos na Terra.

Jacaré é nome epiceno, ou seja, não tem seu gênero alterado para indicar mudança de sexo; basta o acréscimo das palavras *macho* ou *fêmea*. Portanto: *o jacaré macho, o jacaré fêmea*. Os engraçadinhos, no entanto, usam "jacaroa" para a fêmea do jacaré. E tome cuidado: eles estão em todo lugar.

"uma" gorila

É outro bicho que não temos. *Gorila* também é nome epiceno; sendo assim, usamos: *o gorila macho, o gorila fêmea; um gorila macho, um gorila fêmea.*

Certa feita, apareceu num telejornal: *Koko, "uma" gorila, aprendeu a linguagem dos surdos-mudos.*

Pois é. Até *um gorila fêmea* aprende...

Baleia é nome epiceno?

Podemos considerar *baleia* como substantivo epiceno: *a baleia macho, a baleia fêmea*.

nenê / neném

As duas formas existem. Ambas sempre foram masculinas. Ou seja: mesmo que se trate de uma menina, é **o** *nenê* ou **o** *neném*. A 5.ª edição do *Vocabulário Ortográfico* registra ambas, mas *nenê* como substantivo comum de dois gêneros e *neném* apenas como substantivo masculino. Durma-se com um barulho desses! Essa gente parece o velho Chacrinha: veio para confundir, e não para explicar. Eita, Brasil!

rubrica (como se pronuncia?)

A palavra é paroxítona, tem tonicidade na penúltima sílaba, mas há os que insistem em pronunciá-la como se proparoxítona fosse. Portanto, pronuncia-se *rubríka*. Outra palavra que muitos pronunciam como proparoxítona é *Salonica*, nome de uma cidade grega, antigamente conhecida por Tessalonica.

plural de meia-noite

É *meias-noites*, assim como o plural de *meio-fio* é *meios-fios*.

O apresentador de um famoso telejornal disse, certa vez: *Sexta-feira 13: um dia de vinte e cinco horas e duas "meia-noites" marca o fim do horário de verão.*

Quando se fala em sexta-feira, 13, e ainda em *meia-noite*, só pode mesmo haver turbulências.

judaico = judeu?

Não. *Judaico* se aplica às **coisas** judias: *religião judaica, literatura judaica, história judaica, arte judaica*.

Judeu, de feminino *judia*, se aplica a **pessoas**: *governo judeu, cidadão judeu, estudante judeu, mulher judia*.

A revista *ISTOÉ*, ed. 2.081, no entanto, trouxe, na pág. 16, *casamento "judeu-católico"*, imperdoável, mesmo que desejassem evitar a cacofonia *co-ca*, existente na junção correta: *judaico-católico*.

Recentemente, uma repórter de televisão falou em "tanque judeu". Ou seja, o que ela quer é guerra mesmo...

lâmpada "florescente"

Não existe este tipo de lâmpada. O que temos à disposição é a lâmpada *fluorescente*, a que muitos também chamam "fosforescente", sem sê-lo.

chamar-se

É pronominal (no sentido de *ter por nome*), portanto deve estar sempre acompanhado do pronome oblíquo: *Eu* me *chamo Luís, ela* **se** *chama Beatriz, nós* **nos** *chamamos Manuel.*

Há um famoso, antigo e já cansado animador de televisão que só pergunta: *Como você "chama"?* Seria o caso de responder com outra pergunta: *Como eu chamo quem?*

biótipo ou biotipo?

As duas prosódias existem hoje, mas convém saber que apenas a primeira é original; a segunda surgiu por influência de *tipo*.

pé de "jabuticabeira"

Jabuticaba, mormente a cultivar *sabará*, é uma fruta muito saborosa, principalmente quando saboreada no pomar. Ao pé de jabuticaba. Ou, então, à jabuticabeira. Já ao pé da "jabuticabeira", a fruta me parece meio azeda...

Os quintais saudáveis costumam ter *pé de manga, pé de abacate, pé de laranja,* etc. Ou, então, *mangueira, abacateiro, laranjeira,* etc. Quem tem *pé de "mangueira", pé de "abacateiro"* ou *pé de "laranjeira"*, que não dê mudas a ninguém!...

Esse menino é o pai, cuspido e escarrado!

É a frase popular, mas a original é outra: *esculpido e encarnado.*

O povo, contudo, que nada ou pouco entende de escultura e encarnação, mudou a expressão a seu bel-prazer, para *cuspido e escarrado*, que até acabou vingando.

Há os mais corajosos que dizem "guspido e escarrado". Os radicais, todavia, preferem "guspido e cagado", o que complica muito o quadro.

Não faz muito, ouvi uma maldade: *Quando criança, essa menina era a tia, "cuspida e escarrada"; agora é o tio "guspida e cagada".*

Percebeu a maldade, caro leitor?

Ao longo da vida, a par de "guspido e cagado", tenho ouvido muitas outras pérolas, entre as quais *atestado de "órbita"* (em vez de *atestado de* óbito); *poço "cartesiano"* (em vez de *poço* artesiano); *antena "paranoica"* (em lugar de *antena* parabólica); *"assustar" o cheque* (em vez de sustar *o cheque*); *aos "troncos" e "barroncos"* (em vez de *aos* trancos *e* barrancos); *bebê de "trombeta"* (em vez de *bebê de* proveta); *ficar em estado de "cômoda"* (em vez de *ficar em estado de* coma); *professor "jipe"* (em vez de *professor hippie*); *levar a filha ao "pediatra", para ver o que tem no pé* (em vez de *levar a filha ao* ortopedista); *estar com "a pênis estuporada"* (em vez de *estar com* o apêndice supurado); *a situação está "periquitante"* (em vez de *periclitante*); *dos males, o "melhor"* (em vez de *dos males, o* menor) e, ainda há pouco, de um presidente da Câmara: *A esperança é a "única" que morre*.

A última foi esta, dia desses: *Ela me ofendeu com palavras de baixo "escalão".*

acne

Ninguém duvida de que a palavra é feminina: *a acne, as acnes, uma acne, duas acnes.* Todo adolescente sabe quanto incomodam, física e espiritualmente, *as acnes*.

Na *Folha de S. Paulo*, todavia, uma leitora quis saber o que é exatamente *acne*. Um professor da Faculdade de Medicina da USP respondeu: *"O" acne é uma enfermidade cutânea do folículo "pilo-sebáceo" frequente na adolescência, podendo ocorrer também em outras faixas etárias. "O" acne vulgar tem um componente genético muito importante.*

É preocupante ver um catedrático da mais conceituada universidade do país usar *"o" acne* e *"pilo-sebáceo"*, quando o mundo só conhece *a acne* e *pilossebáceo.*

que nem

Só se usa corretamente quando há indício de ideia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho* **que nem** *pimentão*. = *Fiquei vermelho que nem pimentão* é tão vermelho. *** *Vim rápido* **que nem** *um foguete*. = *Vim rápido que nem um foguete* viria tão rápido. *** *O ministro ria* **que nem** *hiena*. = *O ministro ria que nem hiena* ria tanto.

Não havendo essa ideia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como*, ou, então, *igual a* e até *feito*: *Não seja* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *seus amigos: preguiçoso. *** Minha namorada é* **como** (ou **igual a** ou **feito**) *gasolina: cara, mas pega fogo por qualquer coisinha!*

Certo presidente da República de um país sul-americano fez esta declaração, quando lhe perguntaram se a eventual candidatura de Marina Silva iria dividir o eleitorado do PT: *Petista é "que nem" flamenguista, "que nem" corintiano: não se divide nunca.*

Ele já deixou de usar "menas", mas, de resto, não tem jeito...

férias

É palavra só usada no plural, que exige todos os determinantes e modificadores também nesse número: *férias escolares, boas férias, férias coletivas, férias anuais, férias remuneradas*, etc.

Recentemente, perguntaram a uma ex-governadora nordestina, que então postulava candidatura à presidência da República, mas se encontrava em recesso com os jornalistas: *Como estão suas férias?*

A resposta veio capenga: *"Tá boa minha férias"*.

E uma figura dessas pleiteava ser presidente da República! Não surpreende. Houve outro que cometeu abusos muito maiores. Eita, Brasil!

o pessoal "gostam" de você; a turma "gostaram" da aula

Se o sujeito está no singular (*pessoal*; *turma*), como pode o verbo ir ao

plural?

Ah, o pessoal **gosta** de *você*? E da língua? Da língua a turma não **gosta**?

O casal de médicos "abandonaram" o paciente em coma

E a língua? A língua, o casal de médicos também *abandonou* em coma?

Esta saiu num de nossos principais jornais: *O casal de escritores "são" também convidados especiais do presidente.*

O casal *"são"*?!

um "quebra-cabeças"

Em nossa língua existem inúmeros substantivos que terminam em *–s* e pertencem ao número singular. Ex.: *lápis, pires, tênis, conta-gotas, para-raios, conta-giros*, etc. Por causa deles, muita gente confunde alhos com bugalhos e usa *"quebra-cabeças"* no singular. Gente assim, naturalmente, também gosta de *"um chopes"* e de *"um pasteizinhos"*...

Numa folha paulistana apareceu isto: *Os novos dados são mais uma peça no "quebra-cabeças" do nosso entendimento dos processos celulares e moleculares associados ao envelhecimento.*

Um jornalista esportivo, tido por colegas como profundo conhecedor do idioma, em certa época, enveredou por escrever páginas na *Playboy*. Então, escreveu: *Andrea Guerra resume num corpo só as fantasias dos leitores que construíram o delicioso "quebra-cabeças" para formar a mulher ideal.*

A moça, de fato, era um exemplo de formosura, mas o tal jornalista é desses de cometer tantos furos quando escreve, que passou a ser conhecido por Juquinha Kfuro.

um "guarda-roupas"

Isso não existe. O que temos em casa (e nos bons dicionários) é um guarda-*roupa*.

O que não existe, porém, consta muitas vezes em dicionários, alguns até aprovados oficialmente e distribuídos às nossas crianças. Um deles define *gaveteiro* desta forma: parte do "guarda-roupas" onde se encaixam as gavetas.

Talvez estribado nessa definição, declarou recentemente um estilista sem

freio na língua, num programa de televisão (antes de ter “visitado” o cemitério): *Dizem que Adriane Galisteu tem “um guarda--roupas” de 35 metros quadrados. Pra guardar aquela porcaria?*

O homem é corajoso! Ia até a cemitérios para “conservar em casa” objetos de algum valor...

“repercutir” os vestiários dos dois times

Os jornalistas esportivos estão inventando mais uma das suas. Agora, deram de usar o verbo *repercutir* como transitivo direto. A invenção, como se vê, já está repercutindo.

Na *Veja* 1.907: *Os* linkers *usam seu* blog *para “repercutir” as informações que veiculam na imprensa*.

Uma das apresentadoras de um telejornal saiu-se com esta: *O mercado “repercute” hoje a alta da taxa Selic, decidida ontem pelo Copom.*

O mal sempre se propaga com grande facilidade.

Nem aquele dicionário registra *repercutir* nesse sentido. Como se vê, o caso é grave mesmo...

carros “cinzas”

Cinza é uma daquelas palavras que, ao serem usadas como adjetivo, na indicação da cor, não variam. Portanto: *carros cinza, ternos cinza, camisas cinza*. Se essa palavra vier em composto, este não variará: *carros cinza-claro, ternos cinza-escuro, camisas cinza-escuro*.

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, depois de ler esta frase de um deles: *As revelações de que o general Geisel defendeu a morte dos militantes de esquerda na guerra suja, não deslustra sua biografia, mas servem para atenuar com tons “cinzas”, uma reputação de herói da democracia*.

Como também se notou, os conhecimentos do jornalista sobre o emprego da vírgula são *cinza*...

esfirra

É assim que se escreve a palavra, e não “esfiha” nem muito menos “sfiha”, como se vê por aí. Jornalista que honra a profissão (e são raros) sabe disso.

Há jornais em São Paulo, no entanto, que não têm jornalistas tão convictos da profissão que exercem. Num deles se leu: *"Esfiha" com requeijão é uma opção para toda hora*.

No outro, fez-se uma pergunta em letras garrafais: **Por que não tem "esfiha" nos restaurantes libaneses em Beirute?**

Em seguida: *A palavra "esfiha" é mais conhecida no Brasil do que no Líbano. Aqui em Beirute, nos restaurantes libaneses, ela é inexistente. O quibe sim, sempre, nas suas variadas formas. Mas a "esfiha", que muitas vezes parece sua parceira inseparável, não. Vi pratos com o formato da "esfiha". Especialmente no café da manhã. Mas a massa é de pão de kak e apenas com recheio de queijo ou zatar. Não há de carne. E o nome é diferente*.

O nome por aqui também é um pouquinho diferente...

emoção = comoção?

Não. **Emoção** é um sentimento agradável, experimentado pela alma; pode até provocar lágrimas, mas lágrimas de satisfação, de felicidade. **Comoção**, de sua vez, é abalo emocional violento, altamente desagradável, experimentado pela alma ou pelo físico; é impressão emocional forte e violenta, que no mais das vezes provoca lágrimas e até desespero.

A perda de um ente querido nos causa grande *comoção*, do mesmo modo que grande *comoção* nos causa uma queda ou pancada. Já o nascimento de um filho causa a quaisquer pais *emoção*. Uma grande surpresa nos causa *emoção*, assim como um grandioso espetáculo, uma audição musical, um filme dramático. Ficamos *comovidos* com o sofrimento das pessoas, com a miséria; ficamos *emocionados* com a alegria do povo, com a conquista de um campeonato mundial. Ninguém fica comovido com algo bom ou agradável. A conquista da Lua pelo homem provocou *emoção* em todo o mundo; poderia ter causado *comoção* se alguma catástrofe houvesse no caminho da conquista, ou mesmo depois dele, como o que ocorreu com a nave espacial Columbia, em 2003.

blefe (como se pronuncia?)

Não é logro nem tapeação: pronuncia-se *bléfi* ou *blêfi*. A última vogal soa

i, já que se reduz.

comemorativo "a"

Comemorativo se usa com **de**: *Foi inaugurado na praça um monumento comemorativo* **d***o 1.º de Maio. *** Foi feita uma placa comemorativa* **d***o centenário de fundação da empresa.*

Mas um narrador de esportes da Rede Record de Televisão, durante a transmissão de um jogo no Maracanã, convidava-nos a todo o instante para o *show comemorativo "aos" 50 anos da Record.*

Essa gente do esporte é incrível! Emociona. Mas também comove...

pigarro

Quem fuma, geralmente, tem isto: *pigarro*, que, aliás, rima com *cigarro*. Algumas pessoas usam "pigarra", coisa que costuma afetar galinhas. Há, ainda, os mais corajosos, que dizem: *Estou com "pigarra na garganta"*. Primeiro, o correto é *pigarro*; segundo, *pigarro* só dá mesmo na garganta. Ou já se viu alguém com *pigarro* no nariz? A frase foi ouvida de uma personagem de telenovela, o que, aliás, é absolutamente normal.

atuação de "raros" brilho e vigor

Uma das regras de concordância nominal é esta: um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo. Portanto: *atuação de* **raro** *brilho e vigor; o* **eficiente** *assessor e secretárias; a* **eficiente** *assessora e secretários;* **seu** *marido e filhos;* **sua** *mulher e filhos;* **qualquer** *dia e mês;* **distinta** *senhora e marido;* **distinto** *marido e senhora.*

Os jornalistas sabem disso? Que nada! Veja como escreveu um deles: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Num editorial de jornal apareceu isto: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras" felicidade e oportunidade.*

Noutro editorial, do mesmo jornal: *O governador do Paraná parece estar fazendo o que está a seu alcance para repetir no governo Lula o papel desempenhado na gestão Fernando Henrique pelo ex-governador de Minas*

Itamar Franco. A bem da verdade, ele se tem empenhado nisso com "tais" talento e devoção que pode criar mais problemas ao presidente aliado do que seu modelo criou para o principal alvo de sua ira cega e devastadora.

Naquele dicionário, já sobejamente conhecido de você pelas gafes que traz, no verbete **moralismo** se vê na definição de **falso moralismo**: *comportamento, atitude que denota "falsas" adesão e defesa de um valor moral qualquer.*

Não surpreende: nele tudo é perfeitamente normal...

Caraíbas ou "Caráibas"?

Há somente um mar entre as duas Américas maiores: o mar das *Caraíbas*, também conhecido como *mar das Antilhas* e *mar do Caribe*. Há, no entanto, uns e outros que continuam insistindo em dizer "Caráibas".

crase

Existe uma regrinha para o uso do sinal da crase que diz o seguinte: não se usa o acento no **a** antes de nomes próprios que venham por inteiro. Assim, usamos: *Fizemos uma visita* **a** *Maria Monteiro. *** Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia Mendes.*

Mesmo antes de nome próprio simples não convém usar o sinal: *Fizemos uma visita* **a** *Maria. *** Ninguém lá fez alusão* **a** *Ifigênia.*

Na mídia, porém, se vê bem diferente: *Pesquisa dá vantagem "à" Dilma Rousseff.*

Quando o ex-marido de Susana Vieira morreu, assim se expressou uma apresentadora de televisão, no horário da manhã: *Tenho pena "do" Marcelo Silva.*

Tenha dó!...

hoje é dois de maio

Do ponto de vista gramatical, a frase merece reparos quanto à concordância verbal, já que o verbo *ser* deve concordar com o numeral. A língua cotidiana, no entanto, vê *hoje* como sujeito da oração, ou – mais provável – vê oculta a ideia de *dia* e, assim, não leva o verbo ao plural.

Numa linguagem formal, use o plural; no dia a dia, opte pelo que o povo

usa.

Já na interrogação, melhor será usar o plural: *Quanto***s são** *hoje?, Quanto***s foram** *ontem?, Quanto***s serão** *amanhã?,* assim como fazemos quando desejamos saber as horas: *Que horas são?* (Embora possa ser *uma hora*.) Nunca ouvi ninguém perguntar *"Que hora é?"*, mesmo porque, se ouvir, não vou dar resposta...

Por falar em hora, já ouvi alguém perguntar: *Que horas "tem aí"?* E saber que é tão simples perguntar de forma honesta...

eu me inteiro da situação (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *intêiro*. Todo verbo com o ditongo *ei* tem suas formas rizotônicas com **e** fechado, e o ditongo deve ser pronunciado claramente. Por isso, não convém dizer "eu me *intéro* da situação", "eu *aléjo* você", "os carros que passam *empoéram* os móveis", "ela *penéra* a farinha", "as drogas *céifam* muitas vidas", "durante a Copa do Mundo, as pessoas *embandéram* as janelas", etc.

ele se espelha no pai (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *espêlha*. Dos verbos terminados em *-elhar*, apenas *flechar* e *mechar* têm suas formas rizotônicas com **e** aberto. Assim, não convém dizer "eu *aparélho* meu consultório frequentemente", "ele se *assemélha* a um jumento", "ela *avermélha* tudo, porque é torcedora do Inter".

Note que, num dos versos do Hino Nacional, cantamos assim: *E o teu futuro espelha essa grandeza*.

panicar

O mercado financeiro passou tempos atrás por uma de suas piores crises. E, com ele, também a língua acabou indo de roldão. Numa entrevista pela televisão, disse um economista, sem nenhum peso na consciência: *O Brasil não está imune à crise, mas o brasileiro não tem nenhuma razão para "panicar", como estão "panicando" os correntistas dos países desenvolvidos.*

"Panicar"?!!! Entrei em pânico!...

ele é tal “qual” os irmãos

Tal e *qual* são palavras que concordam com o nome a que se referem. Se *tal*, nessa frase, se refere a *rapaz*, naturalmente não varia; mas *qual* está diretamente ligado a *irmãos*; daí a necessidade do emprego do plural: *Ele é* **tal quais** *os irmãos*.

Repare em mais estes exemplos: *Esses rapazes são* **tais qual** *seu irmão. *** Esses rapazes são* **tais quais** *seus irmãos. *** Sou* **tal quais** *essas crianças. *** Essas crianças são* **tais qual** *eu.*

Daí ser realmente uma pena termos de cantar assim, naquela canção que os brasileiros todos conhecemos: *Teus olhos são duas gotas pequeninas, “qual” duas pedras preciosas, que brilham mais que o luar.*

Ficaria bem melhor, sem nenhum prejuízo da beleza da canção, se estivesse *quais* no lugar de “qual”. E, assim, com certeza, os nossos olhos iriam brilhar muito mais que o luar...

Eis, agora, como escrevem nossos jornalistas: *Muita gente tem saudade dos tempos em que o leite vinha em litros em vez de saquinhos. Agora o leite tipo A recuperou as garrafinhas, em embalagens plásticas descartáveis, “tal” como as utilizadas nos EUA e na Europa. *** Os travestis, com os corpos tratados “tal qual” as mulheres, tomaram de assalto a grande cidade.*

Alguns escritores modernos não variam os pronomes, considerando

tal qual = *como*. *Achar* não ofende... O que mais intriga é que os grandes escritores, tanto brasileiros quanto portugueses,
nunca *acharam*...

problema difícil de “se” resolver

Não há nenhuma necessidade de usar esse “se”: depois de *difícil de, fácil de, duro de, gostoso de, bom de, ruim de, agradável de*, etc., a presença desse pronome é dispensável. Portanto, use sempre assim: *problema* **difícil de** *resolver, questão* **fácil de** *contornar, osso* **duro de** *roer, automóvel* **gostoso de** *dirigir, água* **boa de** *beber, remédio* **ruim de** *tomar, trabalho* **agradável de** *fazer*.

Escreve um leitor da revista *ISTOÉ*, misturando erro e ironia: *Algumas pessoas questionam se Portugal e o Brasil são países amigos ou países irmãos. Particularmente, acredito que somos nações irmãs. E o motivo é fácil de “se”*

perceber: amigos, a gente escolhe...

Certa vez, a Eletropaulo, empresa energética de São Paulo, fez publicidade assim: *A energia que você usa é muito difícil de "se" obter.*

Puro desperdício.

Desperdício, porém, é coisa pouca, quando se apanha um dicionarista em flagrante usando a impropriedade. Está lá, no verbete **latim** (que ironia!): *difícil de "se" entender*. Difícil mesmo...

problemas fáceis de "resolverem"

Nesse caso (adjetivo no plural + a preposição *de*), além de prescindir do pronome *se*, a construção exige infinitivo invariável. Portanto: *problemas fáceis de* **resolver**, *mudanças difíceis de* **fazer**; *frutos fáceis de* **madurar**; *plantas duras de* **desenvolver**; *pessoas fáceis de* **convencer**, etc.

Um famoso político baiano declarou certa feita: *Quando os princípios são os mesmos, as coisas são mais fáceis de "acontecerem".*

No Brasil, coisas assim e até muito mais cabeludas são muito fáceis de *acontecer*.

ruim (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *ru-ím*, assim como fazemos com *tuim*: *tu-ím*. Em suma: há hiato na palavra, e não ditongo. Convém acrescentar que *ruína* também traz hiato, e não ditongo: *as ruínas de Roma*.

gravidez

Usa-se no plural, normalmente: *Minha mulher teve duas* **gravidezes** *muito difíceis.* *** *O tratamento que minha mulher fez a tornou sujeita a* **gravidezes** *múltiplas.* *** *Depois de passar por quatro* **gravidezes** *problemáticas, ela resolveu fazer laqueadura.*

Certa vez, fiz visita a uma escola do Recife. Na sala dos professores, uma professora de Português disse: *Nas minhas duas* **gravidezes**, *sofri como condenada!* Seus colegas, de outras matérias, arregalaram os olhos. Sem razão.

Aliás, professor está acostumado a sofrer como condenado, sem necessariamente passar por *gravidezes*...

alarde

Faz-se alarde sempre *de* alguma coisa. No editorial de uma revista, porém, leu-se: *Muito alarde se fez "com" o fato de o presidente ter sido recebido com vaias no congresso da CUT*.

Vaias? Que boa ideia!...

boêmia ou boemia?

As duas prosódias são aceitas hoje, mas convém dizer que a segunda é meramente popular, surgida por influência de *orgia*. Foi na Boêmia (região da Europa) que se deu aos ciganos, costumeiramente vagabundos e boas-vidas (ou tidos assim), o nome de *boêmios*. Os boêmios habitualmente bebiam e saíam cantando pelas ruas, perturbando o sono da população. A palavra, hoje, não significa apenas *vagabundagem, vadiagem*, mas também define uma forma desorganizada e sonhadora de vida, sem preocupações materiais, sem interrogações ao futuro. O boêmio de hoje faz o que agrada ao espírito, aos ideais. É um romântico a seu modo e geralmente de muito talento. A literatura brasileira e a mundial são pródigas deles.

obedeça à sinalização!

Era assim que deveria estar nas placas das nossas rodovias. No entanto, o que vemos é o **a** sem o acento em todas as placas.

Quem obedece, obedece **a** alguém ou **a** alguma coisa. O verbo é rigorosamente transitivo indireto, assim como o antônimo *desobedecer*. Veja exemplos em que ambos os verbos estão empregados corretamente: *Obedeça* **a***os mais velhos!* *** *Obedeçamos* **a***o regulamento!* *** *As leis estão assim, mas poucos* **lhes** *obedecem.* *** *Desobedeceu* **a***o professor e foi castigado.* *** *Quem desobedece* **à***s regras de trânsito é multado.*

Os clássicos usaram o verbo como transitivo direto, e alguns de nossos escritores contemporâneos os imitaram, talvez na ânsia de a eles se parecerem. A verdade é que na norma culta, que deve ser seguida pelos meios de comunicação de massa (e também pelos escritores de respeito), o verbo é transitivo indireto.

Para alguns jornalistas, a regência do verbo, porém, ainda é aquela do tempo do Onça. Num jornal se leu: *Bagdá começou a destruição de seus*

mísseis, “obedecendo um” prazo estipulado pela ONU.

Numa revista: *Quem pensa que malhar é vestir bermuda, top e camiseta, ouvir as instruções do treinador e esfalfar-se para “obedecê-las” está enganado*.

Enganado está mesmo quem?!...

Certa feita, uma fábrica de refrigerantes lançou propaganda nacional, usando esta frase imperativa: *Obedeça sua sede*.

Pessoas de bom senso, naturalmente, não obedeceram **à** sugestão.

“ha!, ha!, ha!”

Gargalhada se representa graficamente de outra forma: *ah!, ah!, ah!*, e não “ha!, ha!, ha!”, como fazem certos jornalistas. Podemos empregar, ainda, *quá-quá-quá!*, que é justamente o que muitos deles nos provocam diariamente.

“à” esta altura dos acontecimentos...

A esta altura dos acontecimentos, podemos dizer que nada vai bem no quartel de Abrantes...

Antes do pronome demonstrativo *esta* não se usa o acento grave, porque não pode haver crase. Mas os jornalistas do quartel de Abrantes continuam usando-o.

O valor dos aluguéis “caíram” em São Paulo

A frase foi ouvida num famoso telejornal nacional. Trata-se de um erro de concordância muito comum, principalmente entre os que não têm noção de análise sintática, ou seja, entre os que não têm noção da estrutura da sua própria língua. Ou seja: a maioria dos nossos jornalistas.

Se o núcleo do sujeito (*valor*) está no singular, o verbo tem de estar no singular; não importa que o adjunto (*dos aluguéis*) esteja no plural, porque os adjuntos não interferem na concordância verbal.

Por isso, o que todos deveríamos ter ouvido (até por sinal de respeito) seria esta frase: *O valor dos aluguéis caiu em São Paulo.*

Eis outra demonstração de desrespeito de outro telejornal: *A organização dos Jogos Olímpicos “foram” um desastre!*

Falar em *desastre* a esta altura **não é** mera coincidência.

Roraima fica “ao” norte do Brasil?

Não. *Roraima* fica **no** Norte do Brasil. Da mesma forma: A *colônia alemã está concentrada* **no** *Sul do Brasil. *** A menor incidência de chuvas ocorre* **no** *Nordeste brasileiro.*

Agora, repare nestoutros exemplos: *O Uruguai é um país que fica a* (ou *ao*) *sul do Brasil. *** A Venezuela é um país localizado a* (ou *ao*) *norte do Brasil.*

Ninguém mais duvida que o Uruguai fica **ao** sul do Brasil: afinal, a Província Cisplatina já não nos pertence faz algum tempo. É certo, da mesma forma, que a Venezuela é um país localizado **ao** norte do Brasil: se estivesse situada **no** Norte do Brasil, teríamos petróleo em abundância, e não pagaríamos tão caro por uma gasolina ordinária como a nossa.

Numa enciclopédia distribuída pela *Folha de S. Paulo*, no verbete **Ribeirão Preto** se lê: *Cidade localizada “ao” norte do Estado de São Paulo.*

Ora, **ao** norte do Estado de São Paulo fica Minas Gerais!

bodas (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bôdas*, mas há muitos que insistem em dizer “bódas”: “*bódas* de prata”, “*bódas* de ouro”, etc.

emprestar

Quem cede empresta: *Emprestei um livro a ela. *** Ela emprestou a caneta a uma colega.*

Quem se beneficia do empréstimo *pede* ou *toma emprestado*: *Tomei emprestado o carro dele. *** Pedi emprestada a tesoura. *** Tomei mil reais emprestados a Sigismundo.*

Numa revista, porém, se leu: *O horizonte “a” longo prazo é turbulento para as empresas que “emprestaram” dinheiro para voar*.

Quer dizer, então, que as quase falidas companhias de aviação nacionais estão *emprestando* dinheiro?

Note, ainda, que se usou *“a” longo prazo*, em vez de **em** *longo prazo*.

bater “palma”

Bater **palmas** é mais gratificante. Há apresentadores de televisão que pedem *uma salva de “palma”* para seus convidados. Por que não pedem também uma *rajada de “tiro”*? Não há diferença nenhuma...

“possa” ser que amanhã eu viaje

“Possa” ser é uma expressão corrente em certas regiões nordestinas, principalmente na Bahia, onde é comum ouvirmos: *“Possa” ser que amanhã faça sol. *** “Possa” ser que eu vote nesse candidato*.

Na deliciosa e simpática Salvador **pode** ser que haja muitos brincalhões. **Pode** *ser*...

ibero / celtibero (como se pronunciam corretamente?)

Pronunciam-se *ibéro* e *celtibéro*, respectivamente. Há, no entanto, por aí, muita gente que insiste em dizer “íbero-americano”, “celtíbero”.

Bem ou “má”, a legislação existe

Não. O antônimo de *bom* é *mau*; o de *bem* é *mal*. Assim, não se leva em conta o gênero de *legislação*, porque não se tem aí um adjetivo, mas um advérbio (*bom* é adjetivo; *bem* é advérbio). Bem ou mal, a explicação está dada.

A frase acima foi ouvida na televisão, num desses inúmeros programas de entrevista, em que saem mais “largatos” que *lagartos*...

Há pessoas que sentem enorme dificuldade no uso de *mau* ou *má* e *mal*. Um ex-jogador de futebol, tricampeão do mundo, quando fazia comentários pela televisão, disse: *A defesa do Palmeiras está “má” posicionada. *** Eu já falei sobre o “má” posicionamento dessa defesa.*

É o mesmo que de vez em quando soltava lá seu “dibrar” e seus “dibres”.

“mais diferente do que”

Isso é brincadeira, mas já aconteceu! Um grande zagueiro do nosso futebol, titular da seleção brasileira em 1978 e 1982, declarou: *Jogo decisivo*

é "mais diferente do que" os outros.

Ora, o que é diferente, é diferente. Basta. Pra que "mais"? E "diferente do que" é linguagem de criancinha.

Bola e língua nunca se deram bem, já é tradição.

"os" 0,5% de juros da caderneta de poupança

Se nem mesmo 1 é plural, que se dirá, então, de *meio*?

Para alguns jornalistas, no entanto, 1 é plural (e muito plural!). Repare nas suas frases: *O ganho real do aplicador em caderneta de poupança está restrito apenas "aos" 0,5%. *** Só 1,5% "tinham" algum nome de candidato na cabeça. *** Analisou "os seus" um por cento de intenções de voto. Ainda bem que "existem estes" um por cento de teimosos. *** Saiu da eleição com "escassos" 1% dos votos. *** O Brasil é um dos países onde menos se toma sorvete: 1,5 "litros" por habitante ao ano. *** Em Brasília falta tudo: moradia, emprego, transporte, assistência médica, segurança pública e até água para abastecer regularmente "seus" 1,9 milhão de habitantes.*

Não é só em Brasília que falta tudo; em certas redações anda faltando também muita coisa.

Dia desses, um velho e calejado jornalista de Brasília escreveu um artigo que começava assim: *Indagado sobre as chances de aprovação do projeto que limita as passagens aéreas gratuitas para senadores, Pedro Simon respondeu com um percentual: meio por cento.*

Eis como ele intitulou a matéria: **Só meio por cento "evitam" o ridículo.**

Ridículo? Também acho...

ela não quis "vim"

Na verdade, *vim* é forma do passado (**vim** *ontem aqui*); fora daí, não tem cabimento seu emprego. Parece-me, todavia, que essa forma corrupta só é usada mesmo na fala, em conversa informal. Mas, mesmo na fala, não se admite o seu emprego nos meios de comunicação de massa. Há um ex-comentarista de futebol,

ex-jogador, que jogou em Roma e por lá foi até considerado rei, que usa muito "vim" após outro verbo ou depois de preposição. Nesse caso, é

imperdoável.

Veja exemplos em que só cabe o infinitivo *vir*: *Você não deve* **vir** *com essa roupa tão decotada. *** Ontem eu não pude* **vir**. *** *Para* **vir** *aqui, não foi fácil. *** Antes de* **vir** *a Bajé, estive em Lajes. *** Em vez de* **vir** *com Jeni, vim com Juçara. *** Depois de* **vir** *falar comigo, ela foi falar com Lurdes.*

Repare que, se trocarmos o verbo *vir* por *ir*, teremos sempre: *Por que ela não quis* **ir**? *** *Ontem eu não pude* **ir**. *** *Para* **ir** *até lá não foi fácil.*

Alguém usaria *"im"* no lugar de *ir*? Hem, senhor rei de Roma?

bolão (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bòlão*, ou seja, com o primeiro **o** aberto, já que se trata de aumentativo de *bola*. Mas os jornalistas esportivos insistem em dizer que Ademir da Guia foi um "bolão", com **o** fechado. Seria porque eles nunca batem um *bolão* na língua?

"super-interessante"

Não, a forma correta é *superinteressante*: o prefixo *super-* só exige hífen antes de **h** (*super-***h***omem*) ou de **r** (*super-***r***ápido*).

Há uma ótima revista nacional com tal nome. Repare, porém, como está na capa.

hiper- = super-?

Sim, são prefixos que exigem hífen antes das mesmas letras (*h* e *r*: *hiper-***h***umano, hiper-***r***ancoroso*) e se empregam um pelo outro, sem nenhuma diferença de significado; *hiper-* vem do grego; *super-*, do latim.

Há, no entanto, uma tendência moderna de conferir a *hiper-* uma noção de superioridade, em relação a *super-*. Assim, um *hipermercado* seria um supermercado gigante, com muito mais ofertas de mercadorias que o supermercado.

Apesar de não ter nenhum fundamento linguístico, tal diferenciação está se consolidando.

pra = para a?

Sim, *pra* é contração de *para a* e pode ser usada, mormente na linguagem coloquial ou na escrita despretensiosa ou naquela que pretenda reproduzir a coloquial. Assim, podemos usar *Vá* pra *lá* e até *Vá* pro *inferno* (**pro** é contração de *para o*). O que não se aconselha é usar "pa" por *pra*, mesmo na fala, como faz um ex-presidente da República, em cujo governo o Brasil foi "pa" frente...

"Daqui um" pouquinho estaremos de volta

Frase típica de apresentador de programa de televisão, antes de um intervalo comercial. Ora, não se usa *daqui* sem o apoio da preposição *a*: *daqui* **a** *um pouquinho estaremos de volta, daqui* **a** *um pouco eu vou, daqui* **a** *três minutos começa a aula, daqui* **a** *um minuto estaremos de retorno.* O curioso é que todo o mundo usa *daqui a pouco estarei de volta* (nunca se viu nem ouviu alguém usar "*daqui pouco estarei de volta*") e, por outro lado, quase todo o mundo usa "daqui um pouquinho estarei de volta". Dá pra entender? Frase de um jornalista: *Cientistas fazem simulação de como seria o mundo "daqui milhões" de anos sem a existência dos seres humanos.*

Pior foi o que disse um apresentador de esportes de famosa rede de televisão: *O jogo "terminou daqui um pouquinho".*

Essa foi de rachar o cano!

Daqui "em" Criciúma é longe!

Quando se usa a preposição *de* (presente em **d***aqui*), usa-se automaticamente a preposição correspondente, que é **a**, e não *"em"*: *Daqui* **à** *praia são duas quadras. *** Você sabe qual é a distância exata daqui* **à** *Lua?*

Mais triste do que usar *daqui "em"* é empregar *daqui "há"*, como se viu no Terra: *O carro da Volkswagen deve parar de ser produzido no país daqui "há" alguns anos.*

Daqui **a** alguns anos, essa gente ainda vai acabar escrevendo *xalxixa*...

ovos "estalados"

Mais saborosos são os ovos *estrelados*, isto é, ovos fritos sem serem mexidos. Não faltam boas cozinheiras que nos *estrelem* ovos. Então, por

que engolir os outros?
O povo usa "estalado", por ouvir estalos, assim que os ovos caem no óleo quente da frigideira.
Certa vez se leu num grande jornal paulistano: *Esperando ovos "estalados", os jogadores do São Paulo eram a imagem do desânimo*.
Também, pudera!

blá-blá-blá

É assim que se grafa agora. Sem mais *blá-blá-blás*...

aborígine

Muitos usam "aborígene", por influência da palavra *origem*. O VOLP registra também essa forma, o que não nos surpreende. Qual dicionário sério, antes do "advento" do VOLP, registrava essa cacografia? Absolutamente nenhum.

ficar "no" aguardo de notícias

Será sempre mais esperançoso ficar **a***o aguardo de notícias*, assim como todos ficamos **à** *espera*. Nunca vi ninguém ficar *"na" espera de* dias melhores.
Um homem verdadeiramente apaixonado, por exemplo, fica sempre **a***o aguardo d*ela, ou seja, **à** *espera d*o ser amado. Mas no Brasil só se usa a preposição "em" neste caso; daí por que os jornalistas escrevem: *O país está parando "no" aguardo de definições no campo econômico e político*. Aliás, todos estamos também **a***o aguardo de* concordâncias mais razoáveis. Nos **campos** *econômico e político*.

"octagésimo" lugar

Poucos jornalistas conhecem os numerais ordinais, depois de *trigésimo*. Até aí eles até que vão bem. Chegando a *quarenta*, já começam a titubear. Que se dirá, então de *cinquenta*, *sessenta*, *setenta*, *oitenta* e *noventa*? Não sai nada mesmo. Aliás, sai: asneira.
Vamos aprender juntos: o numeral ordinal correspondente a *quarenta* é

quadragésimo; a *cinquenta* é *quinquagésimo* (o *u* soa); a sessenta é *sexagésimo*; a *setenta* é *setuagésimo* (de preferência sem o *p*); a *oitenta* é *oct***o***gésimo*; e a *noventa*, *nonagésimo*.

Repórteres policiais, ao se referirem ao 72.º distrito, preferem dizer "setenta e dois distrito" a dizer *setuagésimo segundo distrito*. Normal.

zero-quilômetro

O que diz a regra? Variam ambos os elementos de um substantivo composto formado por dois substantivos. Esta é a regra mais simples da formação do plural dos nomes compostos. Ora, se *zero* e *quilômetro* são substantivos, o plural de *zero-quilômetro* não pode deixar de ser *zeros-quilômetros*. Portanto: *um zero-quilômetro, dois zeros-quilômetros.*

Se, porém, fizermos desse composto um adjetivo, equivalente de *novo, saído de fábrica*, então, não haverá variação: *um carro zero-quilômetro, dois carros* **zero-quilômetro**.

Há os que se espantam. Esquecem-se de que lógica e língua são coisas que não se misturam. Se se misturassem, jamais teríamos esta concordância: *Mais de um passageiro* **morreu**. Ou esta: *Menos de dois passageiros* **morreram**.

A língua não se guia por regras lógicas, tanto é que antigamente havia a análise *lógica*, que passou a ser chamada com propriedade análise *sintática*. Por quê? Porque a língua se norteia por normas sintáticas. Como poucos têm consciência disso, espantam-se com o plural de *zero-quilômetro*. Compreende-se: vivemos num mundo conturbado...

Os jornalistas escrevem "os zero-quilômetro". Normal. Veja: *"Os zero-quilômetro" pagam 35% de imposto de importação, fora outros tributos, como o IPI. *** "Mosca branca" entre os "zero-quilômetro", o carro a álcool também sumiu das lojas de usados.*

Como se vê, encontrar jornalista brasileiro que escreva corretamente é mesmo mosca-branca...

A maioria dos homens ficou nervosa

Nesta frase, correta, existe mais uma prova de que lógica e língua não se misturam. Numa frase em que entra *a maioria de* + complemento no

plural, o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*maioria*) ou, excepcionalmente, com esse complemento. Portanto, temos duas concordâncias corretas: a que vimos acima, gramatical, e a lógica, que é *A maioria dos homens ficaram nervosos*. O mesmo se dá com *grande parte de, boa parte de, bom número de, metade de,* etc., chamados *coletivos partitivos*.

Daí por que não houve erro na construção de um jornalista, que escreveu: *Metade das 33 viagens do presidente foram para São Paulo*.

Prefira, no entanto, a concordância gramatical, que é a que leva em conta o núcleo do sujeito.

meio-dia e "meio"

Aliás, meio-dia e ***meia*** (hora). Ora, se todos dizemos *uma e* meia, *duas e* **meia**, *três e* **meia**, etc., porque, então, *meio-dia e "meio"*? Como se viu, há subentendimento da palavra *hora,* nesse caso: *uma e meia (hora), duas e meia (hora), meio-dia e meia (hora).*

Nossa, já "são" meia-noite?!

Para evitar o sobrenatural, convém ter mais cuidado: o verbo não tem por que, aqui, ir ao plural, já que *meia-noite* não pertence a esse número. Existem pessoas, no entanto, que dizem: *Já "são" meio-dia: preciso ir*. É bom que vá mesmo...

Um candidato a presidência da República, derrotado no segundo turno, declarou horas antes da eleição: *"São" meio-dia. Daqui a vinte horas começa a virada*.

Virada para quê? Para o sobrenatural?

A antiga e excelente Rádio Jornal do Brasil certa vez teve um locutor — talvez acossado pelo sobrenatural — que soltou isto: *"São" meia-noite e quarenta e cinco minutos no Rio de Janeiro.*

O sobrenatural, assim como o povo, é muito poderoso!

bororos (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *borôros*, se a referência é a indígenas que vivem em Mato Grosso. A palavra oxítona, *bororós*, existe, mas designa espécimes da nossa fauna. Os *bororos* não gostam de ser confundidos com *bororós*. Por justa

razão...

“São” Salvador

O nome da capital baiana é *Salvador*. Só. Os baianos a chamam também, carinhosamente, *Cidade do Salvador*. Quem nasce em *Salvador* é *salvadorense* ou *soteropolitano* (adjetivo preferido na Boa Terra). Quem nunca esteve em *Salvador* precisa arrumar um tempo para conhecê-la. Quem nunca esteve na *Cidade do Salvador* não pode dizer que conhece o Brasil. A capacidade comunicativa do soteropolitano contagia.

EM TEMPO – *Soteropolitano* (tè) vem de *Soterópolis*, nome erudito de Salvador; forma-se do grego *Soter* = Salvador + *polis* = cidade. Assim, *Soterópolis* = cidade do Salvador.

todas as vezes “em” que

Expressão equivocada; trata-se de mais uma invenção dos jornalistas brasileiros, a exemplo de “à medida em que”. Veja como eles a usam, sem pejo nenhum: *Todas as vezes “em” que a televisão mostrou homens e mulheres nus...*

Todas as vezes que leio jornal...

caudal

É palavra masculina: **o** *caudal*, **um** *caudal*. Portanto: *Era extraordinário* **o caudal** *do rio*. *** *Surgiu* **um caudal** *de boatos*. Jornalistas há que imaginam haver algo em comum entre *caudal* e *cauda*. Naturalmente que não há. Mas eles insistem. E escrevem: *O PT é apenas um tributário “da” grande caudal da crise brasileira.*

Eles são assim...

é preciso – é necessário – é bom

Trata-se de expressões invariáveis. Repare nestas frases: **É preciso** *muita paciência para lidar com crianças.* *** **É necessário** *atenção redobrada, ao dirigir veículos à noite.* *** **É bom** *toda a cautela neste caso.*

Por que podemos construir assim? Porque, geralmente, há um verbo subentendido depois do adjetivo. Exemplos: *É preciso* **ter** *muita paciência para...* *** *É necessário* **manter** *atenção redobrada...* *** *É bom* **usar** *toda a cautela...*

Repare ainda nestas frases, em que também o adjetivo não varia, por haver um verbo subentendido: *É lindo uma mulher que chora. = É lindo* **ver**... *** *Maçã é* **ótimo** *para os dentes.* = **Comer** *maçã é...* *** *Cerveja é* **bom** *para engordar.* = **Beber** *cerveja é...*

Veja, agora, outros exemplos, para firmar conhecimento: **É necessário** *muitos exercícios para aprender isso. = É necessário* **fazer**... *** **É preciso** *muitas sessões de psicanálise para ficares bom. = É preciso* **frequentares**... *** **É bom** *apenas frutas e legumes no verão. = É bom* **comer** *apenas...* *** **Era preciso** *informações exatas. = Era preciso* **obter**... *** **Será bom** *prudência nesse caso. = Será bom* **ter**... *** *Calma, para a saúde,* **é ótimo***!* = **Manter** *a calma, para a...*

O egrégio Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, ao confirmar uma sentença, redigiu: *Acertada foi a condenação, pois, como é sabido e reconhecido pela jurisprudência, castigo corporal através de tapas no rosto de alunos configura o delito de maus tratos, pois* **é inadmissível** *tais corretivos como atos de disciplina escolar.*

Perfeito: é inadmissível **adotar** tais corretivos...

Repare, agora, nesta frase de jornalista, que acabou confundindo alhos com bugalhos: *Segundo o presidente da UIA (União da Indústria Argentina), Héctor Mendez, o nosso ministro do Desenvolvimento é o que mais preocupa os empresários argentinos. Para ele, "é necessário" a adoção de uma política empresarial entre Brasil e Argentina que seja capaz de corrigir as assimetrias do Mercosul.*

Ou seja: o jornalista aprendeu que não se varia a expressão *é necessário* em algumas circunstâncias. O problema é que não soube aplicar o que aprendeu. Repare, ainda, na falta do necessário artigo antes dos nomes *Brasil* e *Argentina*.

maus tratos

É assim que se escreve, ou seja, sem hífen, quando significa *tormentos, torturas*. Por exemplo: *Homem que maltrata os animais, que inflige* **maus**

tratos *a esses seres indefesos, não pode ser chamado com justiça de ser humano.* Só o termo jurídico é que leva hífen, formando um nome composto: *maus-tratos*. Neste caso significa *crime cometido por aquele que põe em risco a vida ou a saúde de pessoa que está sob sua autoridade, guarda ou vigilância.* Os jornalistas brasileiros desconhecem por completo a diferença. Normal.

Título de notícia em uma revista: **Manual dos "maus-tratos"**.

Conforme sobejamente visto aqui, são constantes os *maus tratos* que eles infligem à língua.

exceder

Este verbo pode ser transitivo direto e também transitivo indireto, mas neste caso só aceita a preposição *a*: *Beba, mas não exceda os* (ou **a***os*) *limites!*

Um antigo dicionário fornece exemplo com a preposição "de". Daí por que em alguns elevadores se lê (equivocadamente): *Capacidade licenciada: 8 pessoas ou 576kg. É proibido exceder "destes" limites, sob pena de multa imposta pela prefeitura.*

Maus exemplos correm muito mais depressa que os bons.

caroços / carocinhos / caroção

Todas três têm o primeiro **o** aberto. Em exemplos: *Os* **caroços** *do pêssego não são tão grandes quanto os do abacate, que tem* **caroção**. *** *Toda mama normal tem uns* **carocinhos** *correspondentes às glândulas que produzem o leite materno.*

quantos são duas vezes dois?

É assim que se pergunta. Sendo *vezes* palavra feminina, não tem cabimento perguntar *Quanto é dois vezes dois?*, como se ouve comumente — e com o verbo e pronome interrogativo no singular!

Eis outros exemplos: *Aprendi ontem* **quantos são duzentas vezes** *um.* *** **Quantos são** *três mais um?* *** *Nunca soube* **quantos são trezentas vezes** *três.*

O número que aparece depois de *vezes* não varia, porque se toma como

substantivo: *duzentas vezes* **um**. O pronome interrogativo *quantos*, neste caso, não varia em gênero.

com nós

O uso de *com nós* é possível, mas somente quando aparecem palavras reforçativas ou apostos. Assim, por exemplo: *As crianças vieram* **com nós dois**. *** *Entramos em conflito* **com nós mesmos**. *** *Queremos estar em paz* **com nós mesmos**. *** *Quem irá* **com nós, professores**? Caso contrário, usa-se *conosco*. Inadmissível é o uso desta forma com palavras reforçativas, como se viu, certa feita, numa revista: *Férias — tempo de abertura de nossos campos de encontro "conosco mesmos", com os familiares, com os outros, com a natureza, com sua imensa riqueza.*

bulimia (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *bulimía*, embora muitos (até médicos, mas só os despreparados) digam "bulímia".

palato (como se pronuncia corretamente?)

Sem dúvida, *paláto* (ou melhor: *palátu*), embora muitos médicos (só os despreparados) digam "pálato".

derreter

É verbo pronominal (*derreter*-**se**), na acepção de *tornar-se líquido*: *O gelo* **se derreteu** *em poucos minutos.* *** *Fora da geladeira, o sorvete logo* **se derreteu**.

Um dicionário (aquele) registra-o também como intransitivo. Normal...

Certa vez, uma fábrica de fogões, no afã de promover seu novo produto, mandou afixar painéis em toda a cidade com um texto assim, ao lado do fogão que estava lançando: *Uma promessa que não "derrete" com o tempo*.

Mais abaixo se podia ler: *Esta marca ninguém apaga*.

Será?

plural de júnior e de sênior

De júnior, *juniores* (ô); de sênior, *seniores* (ô). Hoje a maioria dos jornalistas esportivos aprendeu. Eles já dizem direitinho: *juniôres*, *seniôres*, mas no início só se ouvia "júniors", "sêniors".

Uma emissora de televisão de São Paulo resolveu promover, certa vez, um campeonato mundial de futebol, do qual participariam veteranos de todo o mundo. Ao darem nome à competição, lambuzaram-se: *campeonato mundial de "sêniors".*

Essa gente é ótima!...

por cada

Não é importante, mas convém fazer uma ressalva. Às vezes não há como fugir a esta cacofonia, mas há outras em que ela é perfeitamente evitável, com a simples omissão da palavra *cada*. Como nestas frases colhidas em jornal: *Convênio prevê que Prefeitura de SP pagará ao Estado R$38,14 "por cada" multa aplicada. *** Segundo norma da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ao fim do prazo as operadoras terão de depositar R$ 50,00 "por cada" cliente que não tenha feito o cadastro.*

No *site* da Abrelivros, entidade que congrega a maioria dos editores brasileiros, apareceu certa feita: *O governo brasileiro paga menos do que uma revista Caras "por cada" livro adquirido para distribuição nas escolas.*

Não é importante, mas para que usar *por cada*, quando não há nenhuma necessidade de fazer lembrar suínos?

Cinco reais "são" muito por um jornal

Sujeito que dá ideia de preço, quantidade, peso, medida, etc. exige o singular: *Onze meses* **será** *muito: não vou aguentar de saudades, meu amor! *** Um é pouco, dois* **é** *bom, três* **é** *demais. *** Quinze metros* **era** *pouco para fazer o vestido daquela mulherona.*

Num jornal: *Dois dias "foram" muito pouco para que o PT pudesse definir todos os detalhes para a campanha das eleições.*

Para alguns jornalistas, dez mil dias **é** pouco para aprenderem coisinhas tão simples...

dar murro em faca de ponta

Frase tão correta quanto a outra, mais conhecida: *dar murro em ponta de faca*.

O brasileiro está cansado de *dar murro em faca de ponta*: pede mais segurança e ganha mais imposto; pede mais saúde e ganha
mais imposto; pede mais educação e ganha mais imposto; pede mais saneamento básico e ganha mais dengue.

Em qualquer circunstância, *dando murro em faca de ponta* ou *dando murro em ponta de faca*, a verdade é que o povo está sempre se machucando...

por "isto"

Não existe esta locução em nossa língua, mas apenas *por isso*. Por isso, use sempre *por isso*.

"Antártida"

O verdadeiro nome do continente situado dentro do círculo antártico e assimetricamente centrado no polo Sul é *Antárti***c***a*. Tudo o mais é conversa para pinguim dormir... E os pinguins andam dormindo demais, a ver-se como escrevem nossos jornalistas. Veja o que nos traz um deles: *O mapa da "Antártida" está ligeiramente mudado*.

Já no UOL se leu: *Pesquisadores detectaram uma nova fenda na plataforma de gelo Larsen C na "Antártida"*.

Bom é que não são todos os jornalistas que usam tal forma; os competentes só fazem uso de **Antártica**.

árbitro e juiz

Árbitro é mediador de jogos esportivos. **Juiz** é magistrado que julga nos fóruns ou tribunais. O *árbitro* nem precisa ter curso superior; basta ter diploma de curso médio (que alguns ainda falsificam, para conseguir apitar jogos). O *árbitro*, diferentemente do *juiz*, decide sempre de modo discricionário, ainda que tenha regras por seguir. De qualquer forma, sua decisão provém de um impulso momentâneo, fato inadmissível numa

decisão de *juiz*, que não raro passa meses e até anos estudando um processo, para proferir uma sentença que considera perfeita, justa. Além do quê, o *juiz* julga dispondo de fartos elementos para embasar a sua decisão, o que falta ao *árbitro*, que não julga, apenas assinala infrações. Assim, o que existe – e muito – é *árbitro* ladrão; raro é termos um *juiz* larápio ou mau-caráter.

Portanto, nos campos de futebol existem *árbitros*, e não "juízes", apesar de os torcedores só chamarem "juiz ladrão".

Num jornal se leu: *O São Paulo venceu. Mas quem brilhou foram as "juízas". Apesar dos protestos do Guarani, que teve dois gols anulados, as meninas acertaram em todas as jogadas polêmicas.*

Sim, as meninas acertaram em tudo. Mas... e os jornalistas?

comunicar "sobre"

Não existe esta regência na norma culta. Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém: *Ninguém comunicou o roubo à polícia.* *** *Ela não quis comunicar o fato ao marido.* *** *Comuniquei meus planos a todos.*

De um ex-árbitro, durante a transmissão de um jogo de futebol pela televisão, se ouviu isto: *O bandeirinha comunicou o "juiz" "sobre" a agressão do zagueiro ao atacante.*

A regra é clara...

comentar "sobre"

Também não existe tal regência na norma culta. Quem comenta, comenta alguma coisa. Ou seja: o verbo *comentar* é transitivo direto, portanto não se usa com preposição nenhuma: *O presidente* **comentou** *a crise e disse que ela será quase imperceptível para nós, brasileiros, que a sentirão mais como uma marolinha que como um* tsunâmi. *** *O ministro afirmou que não* **comenta** *o assunto, porque não é da sua competência.*

Recentemente, um presidente da Câmara, interrogado por uma repórter sobre caso cabeludo, reagiu assim: *Não, não vou comentar "sobre" reforma da Previdência. Não vou comentar isso.*

Reparou? Deu uma no cravo e outra na ferradura.

Num grande jornal paulista se nos deparou isto: *Na quinta-feira,*

profissionais das mesas de operações de bancos e corretoras comentavam "sobre" o temor de uma demora ainda maior para aprovação do pacote.

Bastaria retirar a preposição para que tudo ficasse muito mais elegante.

Um dicionário (aquele) fornece, no verbete **comentar**, exemplo errôneo do emprego deste verbo. Mais um, menos um, não vai fazer nenhuma diferença.

atrasar

Este verbo é intransitivo (coisa que chega atrasada) e pronominal (pessoa que chega tarde ou atrasada): *O ônibus* **atrasou**, *e ele chegou mais tarde ao trabalho. *** Se o trem* **atrasar**, *não chegaremos a tempo.* Mas: *O chefe* **se atrasou**, *chegando mais tarde ao trabalho. *** Quem* **se atrasar** *não fará a prova.*

Há, no entanto, certos dicionários que registram o verbo pronominal como intransitivo. Em dicionários de hoje, ao que tudo indica, isso e mais aquilo são coisas muito normais.

Daí por que se leem em jornais frases como esta: *Chávez "atrasou" outra vez: ouviu um não de Lula.*

"Há" muito tempo que não viajávamos

Não, há um erro de uniformidade temporal aí: mistura-se presente (*há*) com pretérito imperfeito (*íamos*). A frase irrepreensível é: **Havia** *muito tempo que não íamos a Salvador.*

Outros exemplos: **Havia** *muito tempo não comíamos tão bem. *** Não víamos terra* **havia** *meses.*

Se o verbo da oração subordinada estiver no pretérito mais-que-
-perfeito do indicativo, ainda assim, *haver* ficará no pretérito imperfeito: **Havia** *mais de cinco anos que não estudáramos* (ou *tínhamos estudado*) *tanto! **** **Havia** *pouco tempo que ele fora estudar em Paris.*

Na quarta capa de uma gramática, apareceu isto: *Com a evolução dos estudos linguísticos e das pesquisas em língua portuguesa, "há" muito não saía uma gramática completa que pudesse dar conta
deste progresso.*

No editorial de um grande e tradicional jornal paulistano se leu: *"Há"*

muito o Brasil não passava por uma fase tão ostensiva e sistemática de demonstrações de desprezo pelas regras civilizadas de conduta na vida pública.

O editorial trazia um título interessante: **Às favas os escrúpulos**.

Noutro editorial, do mesmo jornal, se leu: *Um traficante carioca arrependido, disposto a contar o que sabia à Justiça, mudou de ideia quando soube que o Programa de Proteção à Testemunha fora desativado "há" cinco meses.*

Numa revista: *Famílias inteiras assistem à* Grande Família, *da Rede Globo. "Há" tempo não se via nada assim*.

Num de nossos principais jornais: *Uma turista japonesa que chegara "há" poucas horas na cidade do Rio de Janeiro, na noite de sexta (12), deixou suas malas no hotel e saiu com o marido pelas ruas de Copacabana, em busca de sossego, de paz e da brisa do mar, o que, afinal, todos os turistas buscam ao chegar em uma cidade balneário. Mas o que Yoshiko Magoshi, de 61 anos, não sabia, ou ignorou, é que algumas cidades brasileiras oferecem muito mais que fresquidão ou belas paisagens. Magoshi foi vítima de mais uma tentativa de assalto ontem à noite, em Copacabana.*

Não são só as ruas das nossas principais cidades que são extremamente perigosas...

vice

Qualquer elemento linguístico, quando faz as vezes de substantivo, tem de variar normalmente: *os mínis, as micros, as mídis, as múltis, os híperes, os vices*, etc. Sendo assim, ficamos sem entender por que a *Veja* usou aspas, nesta manchete: **"Vices" fazem discurso à família**. A insegurança teria dado margem às aspas, com receio de, não usadas, pudesse haver alguma crítica àquilo que absolutamente não existia?

Eneias, estou aborrecido "consigo"

No português do Brasil, não convém usar *consigo* em referência à primeira pessoa, fato comum em Portugal. Entre nós, *consigo* só se usa em referência à terceira pessoa: **Ela** *fala* **consigo** *mesma. *** **Eles** *trouxeram* **consigo** *os documentos.*

Do contrário, use sempre *com você(s), contigo* ou *com o senhor, com a senhora*: *Isabel, estou aborrecido* **com você** (ou **contigo**). *** *Eneias, há uma pessoa aí fora querendo falar* **com o senhor**.

pernoite

É palavra masculina: **o** *pernoite,* **um** *pernoite,* **bom** *pernoite,* **mau** *pernoite.*

Recentemente, porém, um repórter de televisão nos deu má notícia: *"A" pernoite custa baratinho no albergue do pico do Jaraguá.*

Quem pagaria um centavo por "ela"?

O verbo correspondente a tal substantivo é *pernoitar*, que não tem nenhuma forma com "ói"; portanto, *pernoito, pernoitas, pernoita, pernoitam*; *pernoite, pernoites, pernoite, pernoitem* (sempre com o ditongo fechado).

Um correspondente da TV Cultura nos Estados Unidos, todavia, saiu-se com esta, certa feita: *Os carros "pernóitam" nas ruas*.

Tenha sempre uma boa *"nóite",* meu caro jornalista!

Euler: pronúncia correta

Quem quiser pronunciar corretamente este nome próprio, dirá *óiler*. Quem diz assim? Ninguém. Pois todo o mundo erra. Sim, meu caro leitor, todo o mundo erra.

À luz da lógica, não há como defender a pronúncia "êuler". Vou explicar por quê: o grupo *eu* alemão soa *ói*. *Euler* não é um nome português. Nem brasileiro. É um nome alemão. Ora, as palavras estrangeiras devem ser pronunciadas de acordo com a sua língua de origem. Daí por que pronunciamos *spráite* (Sprite), *náike* (Nike), *ráiluks* (Hilux), *uóchinton* (Washington), *mai-âmi* (Miami), *renô* (Renault), *michelã* (Michelin), etc.

Voltemos, contudo, ao alemão. Como é que todo o mundo pronuncia este nome alemão: *Reuters*? Você sabe: *róiters*. (Alguém diz "rêuters"?)

Como é que todo o mundo pronuncia *Neubarth*, nome de uma repórter de televisão? Você também sabe: *nóibar*. (Alguém diz "nêubar"?)

Como é que todo o mundo pronunciou o nome da personagem Odete *Roitman*, de uma famosa telenovela? (Alguém falava "rêutmã"?)

Quem seria levado a sério se dissesse que a psicanálise foi iniciada com

“frêud”?

Ora, senhores, quem diz *fróid* (Sigmund *Freud*) não pode cair no ridículo (eu considero assim) de dizer “êuler”. Ou a coerência não vale nada? E se a coerência não valer coisa nenhuma, desculpem-me todos, mas este não é um mundo razoável.

Pronunciar nome estrangeiro como se português fosse me soa inaceitável. Não são poucos, contudo, os que pronunciam “klassík” (*Classic*) e “titaník” (*Titanic*).

O Botafogo do Rio de Janeiro teve um zagueiro chamado *Scheidt*. Por que ninguém pronunciava “chêit”? Nem mesmo os narradores e repórteres esportivos cometiam essa estupidez. Todos diziam *cháit*. Por quê? Porque o grupo *ei* alemão soa *ai*. Por isso, se diz *aíki* para *Eike*, pela mesma razão. Quem diz “êiki” não respeita o alemão...

O Brasil já teve um grande militar (foi até candidato a presidente da República) com o nome *Euler*. Houve um jogador de futebol também com esse nome. Só se ouviu “êuler”. Só “frêud” explica...

Nova Iorque

É assim que se escreve em português. Se quisermos escrever na forma inglesa, usaremos por inteiro: *New York*. O que não se recomenda é a grafia mista: *Nova “York”*. Por quê? Porque *New York* é uma locução substantiva. E nenhuma locução se aportuguesa parcialmente. O aportuguesamento de qualquer locução deve ser completo, total. Se temos a locução *New Wave* (nome que se deu a um movimento do cinema francês, na década de 1960), temos obrigatoriamente de aportuguesá-la por completo, ou seja: *Nova Onda*, e não *Nova “Wave”*. Isso é ridículo? Pois o que certos jornalistas fazem é justamente a mesma coisa, quando escrevem *Nova “York”*. Não importa que *York* seja um nome próprio (deriva de duque de *York*). A origem não é relevante.

Veja que interessante: quem nasce em *Nova Iorque* é *nova-iorquino*. Todos os jornalistas escrevem *nova-iorquino*. Ninguém, até agora, se atreveu a grafar “nova-yorkino”. Ora, como pode alguém ser de *Nova “York”* e ser *nova-iorquino*? Será, sim, se coerência valer alguma coisa, “nova-yorkino”. *Ah, mas isso não existe!*, poderão argumentar alguns. E *Nova “York”* existe?

advertir

Quem adverte, adverte alguém ***de*** alguma coisa: *Os guardas rodoviários estão advertindo os motoristas* **d***a forte neblina na serra. *** Adverti-o* **de** *que não tinha razão*. Note: em nenhum dos casos se usa a preposição “para”, nem a preposição “contra”, ambas tão a gosto dos jornalistas brasileiros, que costumam escrever: *Os Estados Unidos advertiram a Rússia “para” que não se envolvesse no conflito do Oriente Médio. *** Governador do Amazonas adverte “para” uma ocupação internacional que já estaria ocorrendo, sem alarde, na Amazônia. *** China adverte EUA “contra” exercício militar em Taiwan*. Ou seja: eles usam tudo! Menos a preposição correta.

ter bastantes amigos

Bastante, nessa frase, é adjetivo, e todo adjetivo varia. Outros exemplos: *Comprei* **bastantes** *peras na feira. *** Tenho* **bastantes** *amigos na cidade.* Muita gente estranha, mas *bastante*, aí, equivale a *muito*. Faça a substituição. Como ficam as frases? No meio jurídico, esse mesmo adjetivo ora aparece antes, ora aparece depois do substantivo e equivale a *competente* ou a *suficiente*: *Hersílio de Sousa vem, respeitosamente, por seus advogados e* **bastantes** *procuradores... *** Não há provas* **bastantes** *para a condenação do réu.*

Bastante só não varia quando é advérbio; nesse caso também equivale a *muito*. Faça aqui também a substituição e veja como ficam as frases: *Essas pessoas trabalham* **bastante**. **** As crianças estão* **bastante** *doentes. *** Os professores ganham* **bastante** *mal.*

Será que os jornalistas brasileiros sabem distinguir uma classe de outra? Vejamos pelo que escrevem: *A proporção ideal de carne é de apenas 30% do total de alimentos de um prato — que deve conter “bastante” verduras e legumes.*

Sabem?

Um médico oncologista nos revela pela televisão as medidas preventivas para não contrair câncer: *Não fumar; manter atividade física regular; não abusar do consumo de gorduras nem de carnes vermelhas e ingerir “bastante” frutas e verduras.*

Eu sempre digo: os médicos entendem muito. De **medicina**.

Um âncora de telejornal afirmou certa vez: *Nos países que conheço — e conheço "bastante" — os pobres moram no centro das cidades; os ricos, nas periferias. No Brasil é o contrário.*

No Brasil, tudo é ao contrário...

sabiá (masculina ou feminina?)

Em algumas regiões do Brasil, só ocorre como masculina; em outras, apenas como feminina. São aceitos os dois gêneros: **o/a** *sabiá*.

bairro "das" Perdizes

A cidade de São Paulo conhece apenas este bairro, por sinal muito simpático (mas dos mais vitimados pela dengue): *Perdizes* (sem o artigo). Assim, ninguém mora "nas" Perdizes, mas *em* Perdizes. Nenhuma linha de ônibus passa "pelas" Perdizes, mas *por* Perdizes.

Nomes de bairro exigem normalmente o artigo (a Lapa, a Penha, o Leblon, a Tijuca, o Leme, as Laranjeiras, os Aflitos, a Pituba, etc.), mas esse é uma das exceções, a par de *Ipanema, Pinheiros, Copacabana, Santana, Itapuã, Cascadura, Brotas, Cajazeiras, Tamarineiras*, etc.

As pessoas moram *na* Lapa, *no* Leme, *nas* Laranjeiras, *na* Pituba, mas também moram *em* Ipanema, *em* Cascadura, *em* Cajazeiras, etc.

Quando se usa o nome de um bairro pelo de um estádio, se houver um adjetivo, omite-se o artigo. Assim, temos: *O Náutico perdeu o título* **em plenos** *Aflitos*.

Recentemente, uma apresentadora de um programa esportivo pela televisão, bem ao meio-dia, anunciou uma péssima notícia: *O Fluminense perdeu em "plena" Laranjeiras*.

A beleza da moça, de lindos olhos verdes, superava qualquer gafe. Pois não é que foram substituí-la tempos depois por um sujeito intolerável? A vida tem dessas coisas: os opostos estão sempre
se encontrando.

tirar "uma fina" de um carro

Não, ninguém tira "uma fina" de coisa nenhuma. Quem passa muito

rente por alguém ou por alguma coisa, geralmente com um veículo, *tira* **um fino**. Mas há muita gente por aí que anda tirando "uma fina" dos outros. Há até gente mais corajosa, que quer passar ainda mais perto dos outros; então, tiram "uma fininha"...

meses: algarismos indicativos

Só se usa o zero antes de 1 (janeiro) e de 2 (fevereiro), para se evitarem possíveis adulterações: 12/01/1987, 15/02/2004. Se não procedermos assim, fica fácil, num escrito, mudar o mês de 1 para 11 e de 2 para 12, de acordo com a conveniência do falsificador. Como não existem os meses 13, 14, 15, etc., não há nenhuma necessidade de usar um zero antes dos números 3 (março), 4 (abril), 5 (maio), 6 (junho), 7 (julho), 8 (agosto) e 9 (setembro). Portanto: 12/3/1949, 18/7/2019, e assim por diante, ou seja, sem o 0 antes do algarismo indicativo do mês.

mau humor

É assim que se grafa, mas muitos substituem *mau* por "mal"
nesta palavra.

Ora, se *humor* é substantivo, e *mal* é advérbio, um não pode combinar com o outro, porque a palavra que modifica o substantivo é o adj*e*tivo (*mau*); portanto, com ou sem *mau humor*, escreva sempre corretamente!

mal súbito

É assim que se escreve, porque aqui *mal* é substantivo (o *mal*, os males), e não advérbio.

Num jornal, porém, se leu: *A experiência universal indica que um grande número de pessoas que morrem em decorrência de traumatismo ou "mau" súbito poderiam ser salvas.*

Título de notícia de um jornal paulistano: **"Mau" súbito mata torcedor no Morumbi.**

Eles não são ótimos?

seleta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com o **e** tônico aberto: *seléta*. João Ribeiro escreveu uma obra chamada **Seleta** *Clássica*.

220 pp. = duzentas e vinte páginas

Muitos usam “duzentos”, não flexionando o numeral. Nenhum livro do mundo tem *“duzentos” e vinte páginas*. Não obstante o óbvio, volta e meia se ouve alguém dizer, mormente pela televisão, que o acidente provocou *“quatrocentos” e quinze vítimas*. Aliás, a essa altura já serão *quatrocentas e dezesseis* as vítimas, porque uma sofreu mal súbito só de ouvir a tolice...

Certa vez, uma repórter de uma famosa rede de televisão noticiou a morte de *“duzentos” e noventa pessoas* que estavam a bordo de um avião iraniano, abatido pelos norte-americanos, no golfo Pérsico.

Os americanos abateram o avião; a repórter fulminou a língua.

Mulheres bonitas é o que não “faltam” no Brasil

O sujeito de *faltar*, nesta frase, não é *mulheres*, mas o pronome relativo *que* (representante de um termo no singular, o pronome *o*). O verbo de ligação, em frases assim, concorda com o pronome neutro **o**, e não com o termo no plural. Sendo assim, temos: *Mulheres bonitas* **é** *o que não* **falta** *no Brasil. *** Candidatos* **foi** *o que não* **faltou** *ao emprego anunciado. *** Vagas* **é** *o que não* **falta** *na indústria e no comércio. *** Fofocas* **é** *o que nunca* **falta** *por aqui.*

Como se vê, quem conhece análise sintática não comete erro em frases desse tipo. Mas há quem veja o ensino de análise sintática nas escolas como um mal. De certa forma, é compreensível: quem concluiu todo o seu curso superior fazendo X nas questões das provas deve ter perdido o contato com o raciocínio; por isso, compreende-se a resistência a tal ensino.

dar “de graça”

Trata-se de clara redundância. Quem dá, já entrega de graça. Dar “de graça” é chover no molhado.Outra bobagem é *ganhar “de graça”*. Ora, quem **ganha**, naturalmente não paga nada pelo objeto ganho. Mas bobagens é o que mais se vê por aí.

Um ex-prefeito de São Paulo, por exemplo, acusado de ter-se enriquecido

no cargo, saiu-se com esta e com ênfase: *Eu dou “de graça” a fazenda para quem provar que tenho essa propriedade.*

Não é uma graça?

aumentar “ainda mais”

Aumentar já traz a ideia de *mais*. Comete redundância, portanto, quem “aumenta mais”, quem “aumenta muito mais”, ou quem “aumenta ainda mais”. É o mesmo que “diminuir menos”, “reduzir menos”, “subir pra cima” e “descer pra baixo”.

Certa vez, uma famosa rede de televisão anunciou-se assim: *“Aumentou ainda mais” a audiência da Globo.*

Aumentou muito não serve?

Num jornal paulistano apareceu isto: *Propostas norte-americanas para o plano de livre comércio para as Américas causaram reação negativa do Itamaraty e deverão aumentar “ainda mais” as divergências entre “Brasil” e “EUA”.*

(Brasil e EUA estão entre aspas porque aparecem sem o competente artigo: **o** Brasil, **os** EUA.)

Aumentar consideravelmente não serve?

Num editorial de outro jornal paulistano apareceu isto: *Enquanto as autoridades discutem fórmulas para coibir a violência, o desprezo a medidas sensatas já adotadas para garantir a vida de testemunhas e juízes revela como a inépcia administrativa do poder público é um estímulo para que o crime organizado aumente “ainda mais” sua eficiência operacional.*

Aumente muito não serve?

Comentário de um megaempresário pela Jovem Pan: *Corre-se o risco de as reformas tributária e da Previdência, como estão sendo discutidas, aumentarem “ainda mais” o desemprego e a economia informal.*

O risco é geral...

acrescentar “mais”

Se para alguns a redundância aqui é clara, para outros nem tanto. Veja o que saiu num jornal paulistano, na primeira página: *A USP e a Escola Paulista de Medicina estão “acrescentando mais” aulas práticas aos seus*

currículos.

É preciso, na verdade, *acrescentar* aulas, muitas aulas, a certos jornalistas brasileiros. E os manuais de redação estão aí pelas livrarias, pretendendo "ensinar" normas da língua. É o fim da picada.

acessório

É a palavra que significa *complemento, detalhe*. Eis, todavia, o que se leu num jornal paulistano, alguns dias depois da queda de Saddam Hussein: *Adolescentes, adultos e velhos — homens de todas as idades — fazem fila nas barbearias de Bagdá para se livrar dos bigodes, "assessório" quase oficial nos tempos do ex-ditador*.

E os manuais de redação? E dizer que tais manuais pretendem "ensinar" alguma coisa...

é de "se" esperar que...

Não se usa o pronome *se* entre a preposição e o infinitivo quando este conjunto equivaler a um adjetivo (*de esperar* = *esperável* ou *esperado*).

Num dos editoriais de um grande jornal paulista se viu isto: *Era de "se" esperar que o realismo administrativo produzisse choques frontais contra as utopias voluntaristas dos grupos radicais do PT*.

Esta é de outro jornalista: *Como era de "se" esperar: o PT está aparelhando o Estado brasileiro e politizando a administração*.

Sempre é de esperar que os jornalistas, um dia, evoluam, aprendam a escrever. Afinal, é do homem evoluir...

Entre "eu" e ela há muito amor

Desconfie sempre de quem diz ou escreve "entre eu". Desconfie sempre!

Eu só se usa antes de verbo (claro ou subentendido); as preposições pedem *mim*. Portanto: *Entre* **mim** *e ela há muito amor. *** Nunca mais vai haver paz entre* **mim** *e essa gente.*

Numa coordenação desse tipo, a prioridade é sempre para a primeira pessoa, principalmente quando um dos elementos coordenados possui certa extensão. Por exemplo: *Entre mim e todos aqueles que me ajudaram a sair daquele inferno, que é o Vietnã, sempre existiu mais do que*

solidariedade humana.

Recentemente, um jornalista de uma famosa rede de televisão foi assaltado no Rio de Janeiro por quatro meliantes. Mesmo sem resistir, levou uma bala, que passou rente a sua orelha esquerda, sem atingi-lo. Considerando o fato um verdadeiro milagre, reagiu, mas só algumas horas depois, declarando: *Tenho certeza de que Deus estava entre a bala e "eu"*.

Compreendeu-se a sua emoção (muito maior de quando apresenta os Big Brothers da vida), mas só...

"pseuda penalidade"

Pseudo- é prefixo e, como tal, elemento invariável. Sendo assim, não pode haver *"pseuda", "pseudos", "pseudas"*.

Esse prefixo só exige hífen antes de palavras iniciadas por *o* (*pseudo-oferenda*) ou por *h* (*pseudo-herói*). Fora daí, não há hífen. Portanto, escrevemos: *pseudoliderança, pseudodirigente, pseudociência, pseudopoeta, pseudopenalidade, pseudopunição*, etc.

Os narradores esportivos é que apreciavam muito dizer *"pseuda penalidade", "pseudos árbitros", "pseuda liderança", "pseudos dirigentes", "pseuda infração"*. Na ânsia de mostrarem erudição, acabavam enfiando os pés pelas mãos.

Se *pseudo-* é prefixo, e não adjetivo, jamais poderá haver a forma "pseudamente", já que o elemento *-mente* se pospõe a **adjetivos** no feminino.

Eis, no entanto, o que se leu no editorial de um tradicional jornal paulistano: *Errar, todos os partidos erram. O problema do PT é ver virtudes onde existe erro, quando o erro é seu. Os outros estão sempre errados, jamais o PT. O secretário de Comunicação, Luiz Gushiken, não apenas considerou injustas as críticas que têm sido feitas ao governo, como tentou dar uma justificativa "pseudamente" científica para o aparelhamento do Estado.*

Errar, todo o mundo erra. Até eu. (Era assim que deveria ter começado o editorial...)

manter / deter / conter / entreter / obter / reter

Todos são verbos derivados de *ter* e por ele se conjugam: *Você é um*

desonesto: não **manteve** *a palavra! *** Se ele* **mantiver** *a palavra, farei o negócio. *** O patrulheiro* **deteve** *o motorista bêbado. *** O povo não* **conteve** *a insatisfação e vaiou o presidente. *** Um dos ladrões* **entretinha** *o guarda, enquanto o outro roubava. *** O ministro voltou dos EUA dizendo que não* **obteve** *novo empréstimo. ****** **Retiveram** *toda a arrecadação da partida.*

Há os que usam "manteu", "mantesse", "deteu", "conteu", "entretia", "obteu", "reteram", etc. Há também até certos autores e professores que defendem essas formas. É, de uns tempos para cá, o mundo anda perigoso, muito perigoso...

Num jornal paulistano: *O técnico e o vice-presidente do Corinthians "manteram" dois contatos sigilosos.*

No mesmo jornal: *Se o governo "manter" a correção da tabela, terá o aplauso do setor industrial.*

Merece aplauso jornalista desse tipo?

"desmistificar" a matemática

Nem mesmo o mais sábio dos homens consegue tamanha proeza! Quem faz ver uma coisa como ela realmente é *desmitifica* a coisa, e não "desmistifica-a".

Desmistificar é desmascarar. A gente precisa aprender a *desmistificar* todos esses charlatães esotéricos que pululam por aí, tungando os incautos. A política e a vida vivem *desmistificando* demagogos e corruptos. É preciso *desmistificar* o câncer de mama e incentivar o autoexame. No jogo do amor, é preciso *desmistificar* a ideia de que os homens não gostam de se envolver e as mulheres estão sempre insatisfeitas.

Não faz muito, leu-se num jornal universitário: *A perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno. Assim, passou-se a* **desmistificar** *a figura de Luiz Inácio, não mais*

visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos.

Perfeito.

Passemos, agora, aos imperfeitos. Recentemente, uma editora lançou uma obra sobre cálculos financeiros para todo o sistema bancário. A propaganda veio assim: *A obra procura "desmistificar" toda problemática do cálculo e torna possível aos menos versados na arte do cálculo, com a utilização da Calculadora HP12C a conclusões espetaculares.*

Num grande jornal paulista, se leu certa vez esta declaração de uma veterinária: *Temos de "desmistificar" o leite de cabra, que ainda é visto como remédio*.

empresas "laranjas"

Todo e qualquer substantivo usado em função adjetiva se torna invariável. Assim, temos: *empresas laranja, empresas fantasma, promoções surpresa, sequestros relâmpago, crianças prodígio, operários padrão, carros esporte, elementos chave, países tampão, carros chefe*, *camisas vinho, sapatos gelo, tons pastel*, *ternos cinza, etc*.

A *Veja*, ao comentar a prisão dos donos da cervejaria Schincariol, por sonegação fiscal, em 2005, fez-nos ler assim: *Empresas "laranjas" ou de fachada emitiam notas fiscais frias*.

Em compensação, a *Folha de S. Paulo* deu esta manchete recentemente, o que nos encheu de esperanças: **Senado valida atos secretos usados para contratar funcionários fantasma**.

Parabéns! Encheu-me de esperanças, sim, mas não cheguei a exultar: nem sempre desabrocham rosas nessa horta...

"quadriplicar"

Não existe tal forma. A palavra correta é *quadruplicar* (= redobrar, reduplicar, tornar quatro vezes maior).

Frase de uma repórter de televisão: *O número de funcionários "fantasmas" na Assembleia Legislativa este ano "quadriplicou"*.

Dois erros numa frase curta. A proporção é injusta.

Não faz muito, um repórter da TV Cultura usou "quatriplicar". Eles não

são ótimos?

“ultra-som”

O prefixo *ultra-* exige hífen apenas antes de *a* (*ultra-azedo*) ou de *h* (*ultra-higiênico*), depois que foi efetivado o Acordo Ortográfico. Portanto: *ultrassom, ultrassonografia*. E também: *ultrabarato, ultracaro, ultraconservador, ultraleve, ultraliberal, ultramar, ultramicroscópio, ultrarradical, ultrarreligioso, ultrarrevolucionário, ultravioleta, etc.*

raios “ultravioletas”

Ultravioleta não varia no plural: *raios ultravioleta, radiações ultravioleta, luzes ultravioleta, lâmpadas ultravioleta.*

Frase de um nobre jornalista: *A camada de ozônio que protege a Terra das radiações “ultravioletas” vai continuar nesta década.*

Coisas ruins nunca deveriam continuar. Mas continuam! Tanto continuam, que escreveu numa prova do ENEM um desses estudantes paraquedistas: *Isso tudo é devido aos raios “ultra-violentos” que recebemos todo dia.*

Eu só aceitaria como válida tal afirmação, se ele tivesse vindo diretamente do Iraque para fazer a prova...

subsídio (como se pronuncia corretamente?)

Pronuncia-se *subcídiu*, e não “subzídiu”. Já *subsistir* e *subsistência* podem ser pronunciados de duas formas, indiferentemente: *subssistir* ou *subzistir*; *subssistência* ou *subzistência*.

Mas quem diz “subzídiu”, “subzistir”, “subzistência” está obrigado, por coerência, a dizer também “subzólu” e “subzecretaria”. Sob pena de não subsistir por muito tempo...

O mais incrível é que há os que têm a coragem de escrever “subexistir”! Veja como um jornalista nos deu uma informação: *“Subexistem” algumas dúvidas a respeito do funcionamento da escala móvel, mais conhecida como gatilho salarial.*

O tal do gatilho veio mesmo para fazer estragos gerais...

Dê “um chego” até aqui!

Frase própria de adolescente. Ou de gente que mal frequentou escola. Será sempre melhor dar *uma chegada* e até *uma chegadinha* que dar “um chego”.

eis aqui

Há redundância aí? Absolutamente, não!

Segundo um manual de redação, porém, *eis* já significa *aqui está*. Teria cometido redundância Newton Mendonça, quando compôs, com Tom Jobim, o excelente *Samba de uma nota só*? **Eis aqui** *este sambinha, feito de uma nota só*. Há redundância aqui?

Redundância, redundância mesmo, de arrepiar pelos e cabelos, é a que apareceu no jornal que publica certo manual de redação: *Um diplomata africano contou que, ao chegar em Angola, em 1982, precisou comprar vara de pesca e anzol e “pescar peixe” para o seu jantar, tamanha a escassez de alimentos na capital angolana.*

Isso é que é re-dun-dân-cia. Manual de redação tem autoridade para ensinar alguma coisa?

eis que

Não se usa com propriedade tal locução em substituição a *porque, pois* ou *porquanto*. Assim, por exemplo: *Deve chover logo, “eis que” nuvens plúmbeas se acumulam no horizonte.*

Os “adevogados”, no entanto, adoram escrever assim: *O réu foi condenado, “eis que” confessou o crime.*

Só se usa corretamente *eis que* para indicar situação de imprevisto, equivalendo a *de repente,* sem ser locução conjuntiva: *Quando os namoradinhos menos esperavam,* **eis que** *surge, então, o pai dela, furioso!* *** *Quando menos esperávamos,* **eis que** *desaba uma tempestade!*

“expo”

Quando se reduzem palavras, e a redução termina em *-e* ou em *-o*, ela se torna, geralmente, uma oxítona. Assim é que temos *apê* (de *apartamento*),

metrô (de *metropolitano*), *expô* (de *exposição*), etc. Além do quê, diz-se *espô*, e não *"ékspo"*, como muito se ouve: *Visite a "Expo" Center Norte esta semana!*

"eme-ele"

A abreviatura do submúltiplo do litro, o *mililitro* (mL), tem sido lida desta forma: "eme-ele". Você vai, então, a uma farmácia, já com algum problema, aborrecido, chateado, às vezes até com dor, e o atendente solta a pergunta: — *O senhor quer água oxigenada? De quantos "eme-eles"?*

Como você é elegante, caro leitor, com educação responde: — *De 50 mililitros*. Mas há pessoas neuróticas, estressadas, que respondem de forma bem diferente...

Qualquer dia destes ainda vai aparecer um "artista" por aí que vai ler *10km* desta forma: *dez "cá-emes"*. Ou *5kg* desta: *cinco "cá-gês"*.

Cheguei, "me troquei" e saí

Ninguém "se troca"; o máximo que as pessoas podem e devem fazer é *trocar de roupa*; ou, então, se preferirem, que *se vistam*! Não existe o verbo "trocar-se".

Dia desses, porém, ouvi na televisão: Mal deu tempo para "me trocar".

Mal, muito mal...

Hoje, os jogadores "aquecem" no próprio gramado

Quando os atletas, antes de uma partida, preparam-se fisicamente para dela participar, eles **se** aquecem (o verbo é pronominal, rigorosamente). Hoje, muitas equipes **se** aquecem no próprio gramado; antigamente **se** aqueciam nos vestiários.

Declaração de um jogador: *Participei da preleção com os meus companheiros, até fiquei com o grupo no aquecimento. Só não "aqueci" junto com o pessoal, porque estava suspenso e não ia participar do jogo.*

De um jogador de futebol é compreensível ouvir isso, mas de um repórter é bem menos.

em face de

É a locução que temos: **Em face d***as dificuldades surgidas, os ministros resolveram entregar o cargo.* *** **Em face d***o exposto, peço a condenação do réu.* *** **Em face d***a crise energética, devemos economizar energia.* *** **Em face d***os boatos de ontem, o treinador resolveu pedir rescisão do contrato com o clube*.

Na linguagem forense, sobretudo, usa-se muito a locução "face a", que não temos: *"Face ao" exposto, peço a condenação do réu.*

Os advogados não a usam; já os "adevogados"...

repetir "outra vez"

Redundância visível, a exemplo de *repetir "duas vezes"*, *repetir "de novo"* e *repetir "novamente"*. Não há redundância nenhuma, contudo, em *repetir três vezes* ou mais.

Alguns narradores de futebol pela televisão costumam dizer: *Vamos "rever outra vez" o lance!* Há quem tape olhos e orelhas...

Veja estoutra "maravilha" colhida num jornal: *Repetindo "a mesma coisa" que aconteceu nos EUA, o filme* Matrix *não conseguiu superar a bilheteria do* Homem-Aranha.

reincidir "de novo" no "mesmo" erro

Duas redundâncias em tão curta frase. *Reincidir* já significa, por si só, *tornar a praticar*. Quem *reincide*, só pode reincidir na *mesma* coisa, não há como fugir. Procure não *reincidir no erro*, caro leitor, faz bem à saúde!

psique (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *p'síke*, embora muitos insistam em dizer "pissikê". A *psique* é, na literatura grega, a personificação da alma. Pode ser usada também por **a alma** ou **a mente**.

em hipótese nenhuma

É a única expressão que temos: *Não vou pedir perdão a ela* **em hipótese**

nenhuma. *** *Não vou mais lá* **em hipótese nenhuma**.

No Nordeste, no entanto, usa-se muito *"de" hipótese nenhuma*: *Não concordo com isso "de" hipótese nenhuma!*

Certa vez, em Recife, um irado pai vociferou a um pretenso genro*: Você, seu cabra safado, não vai casar com minha filha "de" hipótese nenhuma!*

E o casamento, de fato, não saiu. Sorte ou azar do noivo?

à família enlutada, os nossos "sentidos pêsames"!

"Sentidos pêsames" é coisa de "demente mental": na palavra *pêsames* já existe a ideia de *sentidos, doloridos*, etc. Trata-se, portanto, de redundância clara. Há muita gente, no entanto, que, para mostrar muita sinceridade, exagera e acaba chovendo no molhado.

milênios "de anos"

Mais redundância. Quem fala em *milênios*, já fala em *anos*, evidentemente, mas isso não bastou para que o presidente de uma central de trabalhadores declarasse, emocionado: *Há milênios "de anos" que os trabalhadores estão sendo explorados pelos empresários.*

Emoções muito fortes costumam ser perigosas...

manter o "mesmo" time

Está claro no verbo *manter* a ideia de *mesmo, igual*, etc. Mas há muita gente que gosta de manter "a mesma" disposição da adolescência, que aprecia manter "o mesmo" dinamismo do ano passado, que deseja manter "o mesmo" entusiasmo dos colegas, etc. Trata-se de gente realmente vigorosa, que gosta de repetir tudo direitinho...

substituir um dispositivo "por outro"

Ora, sim, senhor... Alguém consegue substituir um dispositivo pelo mesmo? Quem conseguir, esteja certo: é extraterrestre...

batom "na boca"

Há certas redundâncias que arrepiam todos os pelos e cabelos, de vivos e mortos. Certa feita uma senhora, entre admirada e crítica, disse a outra, ao nosso lado: *Veja, aquele rapaz está usando "batom na boca"!*

Ora, alguém usaria batom noutro lugar?!

planos "para o futuro" / sorriso "nos lábios" / estrelas "do céu"

Quem duvidará de que há novamente aqui mais três redundâncias? Fazer planos "para o futuro" dá a entender que alguém possa fazer planos "para o passado", o que seria, sem dúvida, uma grande inovação...

Quando ela, a um galanteio, responde com um sorriso "nos lábios", tome cuidado, porque ela também pode responder com um sorriso em outro lugar...

E os românticos que encontrarem estrelas luminosas noutro lugar, que não no céu, que me escrevam!

não ver "qualquer" beleza em alguém

Qualquer se usa nas frases declarativas afirmativas; nas negativas se emprega o pronome existente especialmente para elas: *nenhum* (e variações). Portanto: *Não vejo* **nenhuma** *beleza nessa moça.*

Numa repartição pública se leu certa vez este aviso: *Não estão abertas "quaisquer" inscrições para o INAMPS.* Coincidência ou não, tempos depois o INAMPS foi extinto.

um ovo choco, dois ovos...?

chocos (com *o* tônico aberto, rimando com *ovos*).

Não "grita" comigo!

Frase comum na língua falada, mas que contém erro no emprego do imperativo negativo, que tem origem no presente do subjuntivo. Como *grita* não é forma verbal desse tempo e modo, fica fácil perceber o inconveniente, que na língua escrita é imperdoável. *Não* **grite** *comigo!*: essa é a ordem.

Na língua falada é comum encontrarmos frases assim: *Ela teve de casar?*

*Não “brinca”! *** Não “cumprimenta” esse cara! Ele é indecente! *** Não “amola” o papai, filhinho! *** Por favor, não me “beija” na frente de todo o mundo! *** Não “conta” isso pro seu pai! *** Não “mexe” em vespeiro!*

Para acertar a forma, basta conjugar o presente do subjuntivo, tempo e modo que emprestam suas formas ao imperativo negativo. E cada uma delas aparecerá. Pela ordem: *brinque, cumprimente, amole, beije, conte* e *mexa*.

Eis, agora, frase dita por um arcebispo brasileiro, em resposta a um jornalista que lhe perguntou se não estava na hora de o mundo ter um papa brasileiro, especialmente depois que o país teve um presidente operário: *Não, “não mistura” o Lula nessa história ainda não. Aí confunde tudo, porque ele com o Espírito Santo não se entende muito bem.*

Meu anjinho da guarda acaba de me advertir: *Não* **mexa** *em vespeiro!...*

tratar “à”

Às vezes, vemos anunciada frase assim: *Precisa-se de secretárias. Tratar “à” Rua da Paz, 100*. O verbo *tratar*, em frases desse tipo, usa-se com *em*. Por isso, quem quer tratar de um assunto, vai tratar **em** algum lugar: *Precisa-se de secretárias. Tratar* **n***a Rua da Paz, 285. *** Interessados no emprego devem tratar* **n***a Avenida do Trabalho, 153.*

“formado-me”

Particípio não admite a posposição de pronome oblíquo: *Nasci em Bajé, tendo* **me** *formado em Majé.*

Não obstante isso, foram lidas num jornal paulistano estas pérolas: 1. *As vendas de caminhões leves da Ford têm sido fator importante na nova fase da montadora. A comercialização nesse segmento tem “ajudado-a” a contrabalançar a ausência de lucros significativos dos carros compactos.* 2. *O repórter falou com o sobrinho do governador, que teria “aconselhado-o” a evitar...*

Se jornalista não conhece assunto tão elementar, como ter a pretensão ridícula de ser formador de opinião?

“uns par de”

É comum, sobretudo no interior do país, ouvirmos a expressão inexistente "uns par de": *Meu time já ganhou "uns par de" títulos*.

Alguns, vários, diversos: é só escolher qualquer desses pronomes, e tudo ficará em seu devido lugar.

"Ave-maria", que mulher feia!

Ave-maria é nome de oração. Quando alguém se admira de algo, usa-se *ave, Maria*: **Ave, Maria**, *quanta corrupção!* *** **Ave, Maria**, *que bela classe política temos!*

Vale acrescentar que o plural de *ave-maria*, em que o elemento *ave* é interjeição latina e significa *salve*, é *ave-marias*.

Certa vez, um repórter perguntou a um de nossos ministros da área econômica qual a saída para a crise. A resposta estava na ponta da língua: *A saída para a crise é ajoelhar e rezar três "aves-marias"*.

Ave, Maria: ministro que não sabe ao menos rezar três *ave-marias* tem, no mínimo, que rezar dez salve-rainhas e uns vinte pai-nossos, só para poder permanecer no cargo. Coincidência ou não, três meses depois foi exonerado.

"normatização"

Convém usar *normalização* no lugar de "normatização", que é um neologismo dispensável. Observe que a sigla *Inmetro* assim se desenvolve: Instituto Nacional de Metrologia, *Normalização* e Qualidade Industrial.

estar "ao" par de tudo

Quem diz *estou "ao" par* deve ficar **a** *par* disto: *ao par* é expressão de uso estritamente comercial; quando dois países negociam reciprocamente, e um compra do outro tanto quanto este lhe vende, o câmbio está *ao par*; também *ao par* estará a ação emitida por uma empresa quando seu valor atual é o mesmo do valor nominal, ou seja, aquele que se encontra declarado na referida ação.

No sentido de *estar ciente, inteirado; ter conhecimento*, usa-se *a par*: *estar* **a** *par de tudo, estar* **a** *par de toda a fofoca do bairro, estar* **a** *par da vida da vizinha*, *estar* **a** *par da cotação do dólar*, etc.

Os jornalistas brasileiros parecem desconhecer a diferença, a ver como escrevem: *Jacqueline Kennedy não gostava, mas aceitava as aventuras "extra-conjugais" do marido. Estava também "ao par" dos esforços de membros do* staff *presidencial, a fim de conseguir encontros amorosos para Kennedy*.

De quebra, como você notou, o jornalista ainda escreveu "extra-conjugais". Eles são ótimos!

virar "às" esquerda, "às" direita

É perigoso à beça fazer qualquer de tais tipos de conversão. Quem, um dia, precisou tomar alguma informação numa dessas pequenas cidades do interior, fatalmente já ouviu: *Vire "às" esquerda* ou *Vire "às" direita*.

Nunca faça isso, caro leitor! Prefira *tomar* **à** *direita* ou *tomar* **à** *esquerda*: o perigo de ir dar a um beco sem saída é bem menor...

levar as crianças à escola

É a construção da norma culta. No português do Brasil, contudo, prefere-se o emprego da preposição *em*: *Quem levou as crianças "na" escola?* No português elegante sempre se construirá: *A babá leva todos os dias as crianças* **a***o parque. *** O taxista levou o turista* **a***o aeroporto. *** O namorado queria levá-la* **a***o motel, mas ela não foi.*

Hortênsia, estão chamando você "no" telefone

Frase típica da língua cotidiana, sempre informal, despretensiosa. No português culto se prefere o emprego da preposição **a**, porque *chamar*, aí, dá ideia de movimento, e em português todo verbo ou expressão que dá ideia de movimento usa-se melhormente com a preposição **a**. Portanto, na norma culta: *Hortênsia, estão* **chamando** *você* **a***o telefone. *** Virgílio, estão* **chamando**-*o* **à** *sala do diretor. **** **Chamei**-*o* **a***o escritório. *** Ninguém me* **chamou à** *cozinha, para ajudar. *** O professor sempre me* **chama a***o quadro-negro. **** **Chamaram**-*me* **à** *janela para ver o desfile. *** Quem é que está me* **chamando a***o portão?*

São frases — convenha comigo, caro leitor — muito mais elegantes. O povo prefere chamar *"no" telefone, "na" janela, "no" portão*. Não, não está

errado. É apenas uma questão de bom gosto.

Nos jornais e revistas, essa regência popular deve ser evitada. Deve. Veja, porém, como se lê neles: *O ministro foi chamado "no" Rio para tentar explicar.*

E a elegância, o bicho comeu!

descer ao andar térreo

Também aqui se trata de um verbo de movimento (*descer*). A preposição mais indicada para acompanhar esse verbo, numa linguagem formal, mais elegante, é a preposição **a**. No Brasil, contudo, o povo gosta mesmo é de *descer "no" andar térreo,* de *descer "no" porão,* de *descer "no" ponto de ônibus*, de descer, enfim, "no" fundo do poço...

Não, não é errado. A questão é outra: elegância (que para os "estudiosos da linguagem" ou da "oralidade" não vale coisa alguma). Não conheço pobre de espírito que dê algum valor à elegância.

Faz sentido.

"peãozada"

Não. Uma porção de peões forma uma *peonada*, e não uma "peãozada", muito comum na língua falada despretensiosa. O feminino de *peão* pode ser *peoa* ou *peona*; o plural: *peães* ou *peões*.

transcrever "certa" uma frase

Certo e *errado*, quando advérbios, não variam; equivalem, respectivamente, a *certamente* e *erradamente*. Veja exemplos: *Será que ela sabe somar* **certo** *a conta?* *** *Você transcreveu* **certo** *a frase?* *** *Enviei* **certo** *toda a documentação.* *** *Copiei* **errado** *a lição.* *** *Mandei* **errado** *a carta.*

Eis, agora, exemplos em que *certo* e *errado* são adjetivos, variam normalmente, portanto não equivalem a *certamente* e *erradamente*: *Ela transcreveu a frase certa, e não a frase errada. *** Ela me deu a conta certa. *** Eles me entregaram a conta errada. *** Está certa a sua frase. *** O professor considerou errada a minha lição.*

diferente

Também *diferente*, quando exerce a função de advérbio, no lugar de diferentemente, não varia: *Eles reagiram* **diferente** *de mim*. (= Eles reagiram *diferentemente* de mim.)

Eis, porém, como disse uma psicóloga: *Pessoas covardes se comportam "diferentes" quanto estão em bandos.*

Psicólogos entendem muito. De psicologia...

Antigo Testamento

Expressão preferível a "Velho Testamento", que passa a ideia de que o livro já está ultrapassado ou defasado. Os termos *velho* e *antigo* não são sinônimos perfeitos.

compadecer

No português contemporâneo, usa-se mormente como pronominal, tanto na acepção de *sentir compaixão* (rege *de*) quanto na de *harmonizar-se, conciliar-se* (rege *com*): *Cristo se compadeceu* **d***o sofrimento dos homens.* *** *Compadeci-me* **d***o seu precário estado físico.* *** *A generosidade se compadece* **com** *a humildade.* *** *Um juiz não pode compadecer-se* **com** *o crime organizado.*

daqui ao estádio é uma boa "esticada"

Quem quer chegar tranquilo a um estádio, ou a qualquer destino, sem nenhuma dor de consciência, dá uma boa *estirada* (= caminhada longa), e não "esticada". Também é *de uma estirada* que se emprega por *de uma vez, sem interrupção ou parada*: *Fui de São Paulo a Vitória* **de uma estirada**. *** *É cansativo ir* **de uma estirada** *até Manaus.*

projétil ou projetil?

As duas prosódias são boas, a exemplo de *réptil* e *reptil*.

chamar

É verbo transitivo direto, na acepção de convocar: *Cristo chamou Pedro para ser seu vigário na terra.* = *Cristo chamou-***o** *para ser seu vigário na terra*.

Numa aprazível capital nordestina, uma entidade religiosa mandou afixar *outdoors* pela cidade. Neles se lia: *A vocação é uma resposta ao compromisso batismal. Você já descobriu para que Deus "lhe" chama?*

Eu, francamente, ainda não!...

Cem vidas tivesse eu, "daria-as" por Isadora

Nem o futuro do pretérito nem o futuro do presente aceitam o pronome átono posposto ao verbo. Quem deseja ser autenticamente romântico, que o seja por completo: *Cem vidas tivesse eu,* **dá-las-ia** *por Isadora.* Ou ainda assim, se o uso da mesóclise lhe parecer um tanto ou quanto conservador demais: *Cem vidas tivesse eu,* **as daria** *por Isadora*. Mas... ficaria elegante?

Os jornalistas estão escrevendo assim: *Neste verão de calor escaldante, a visão de um Rio de Janeiro repleto de telhados verdes "assemelharia-se" ao paraíso*.

Com mais telhados verdes, de fato, o Rio de Janeiro *assemelhar-se-ia* ao paraíso. Mas... e o jornalista? Com um telhado desses, assemelhar-se-á a quê?

redarguir (como se pronuncia?)

A palavra perdeu o trema, mas nem por isso deixa de ter **u** sonoro. Convém não confundir com *retorquir*, que admite ambas as pronúncias, com **u** sonoro ou não.

zircônio

Nome de um elemento químico metálico (símb.: Zr), muito leve e resistente à corrosão e ao calor, de largo emprego industrial. Muito bem, repare: o nome é *zircônio*. Numa propaganda de um novo tipo de lentes para óculos se leu: *As lentes Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em antirreflexo. Sua camada de "zircone" torna as lentes ultrarresistentes a arranhões e muito mais duráveis.*

Duráveis?!

pudico (como se pronuncia?)

Pronuncia-se como está escrito: *pudico*. Há, no entanto, os que veem um acento (que não existe) na primeira sílaba e dizem "púdico".

A mãe fez tudo para que o filho "sossegasse-se"

O modo subjuntivo geralmente exige uma conjunção (*que, se, quando*, etc.). Como as conjunções são fatores de próclise, isto é, exigem que o pronome oblíquo venha antes do verbo, não há como defender a colocação da frase acima, que se usa portuguesmente assim: *A mãe fez tudo para que o filho* **se** *sossegasse.*

Alguns jornalistas, contudo, nem mesmo consultam a orelha. E escrevem: *Lula cometeu uma grosseria, ao temer que os interesses de Brizola "limitassem-se" apenas à sucessão presidencial.*

É inacreditável (mas compreensível) que ainda haja jornalistas que não saibam colocar os pronomes nas frases. Porque eles são ótimos! Porque eles são gênios!

Ele não "houve" nada, nada!

Parece incrível, mas ainda há gente que confunde *houve*, forma do verbo *haver*, com *ouve*, forma do verbo *ouvir*.

Num livro sobre aves, encontramos esta "pérola": *O papagaio é a única ave do mundo que imita a voz humana, repetindo tudo exatamente como "houve".*

Num jornal paulistano, outra "pérola": *Nos últimos dias, o governo andou justificando o déficit comercial, que muitos atribuem ao câmbio, ao déficit público persistente. "Ouve" até comparações entre o caso brasileiro e os twins deficits (déficits gêmeos) dos Estados Unidos.*

Que mal lhe pergunte, caro leitor: como vão os tais manuais de redação?...

Escrevo direito ou Direito, medicina ou Medicina?

Do jeito que achar melhor. Tais palavras, como outras que designam

curso de estudo, não precisam necessariamente ser escritas com inicial maiúscula, a menos que a frase exija. Como nesta frase de para-choque de caminhão, por exemplo, muito galhofeira: *Caso seu marido não faça Direito, eu faço.* O uso da inicial maiúscula afasta de pronto qualquer interpretação maldosa, que certamente o caminhoneiro não nos quer forçar a ter...

panorama "parcial" / panorama "geral"

São impróprias as duas expressões. Se *panorama* traz os elementos gregos *pan-* (= tudo) e *-orama* (= visão, espetáculo), a palavra já significa *visão total, vista de tudo, vista geral*. Sendo assim, nenhum *panorama* pode ser *"parcial"* nem *"geral"*, conforme se leu no editorial de importante revista semanal de informação (ed. 1.597): *O Brasil passa por um momento delicado, um desses instantes de sobressalto em que os sinais se confundem no painel de instrumentos. O governo parece sem rumo, o Congresso gasta o seu tempo em interrogatórios e o cidadão comum tornou-se mais descrente em decorrência da maré de escândalos. Contra esse pano de fundo, nada mais recomendável do que se distanciar um pouco do epicentro da crise para observar o "panorama geral".*

Como cidadão comum — confesso — também estou descrente. Mas não surpreso: o primeiro ministro da Justiça do governo Lula foi a uma faculdade de Direito de São Paulo para proferir uma palestra. O tema: *Drogas nas escolas: um panorama "geral".*

Certa vez, anotamos esta frase de um sequestrado, logo após sua libertação: *Não fomos amarrados no cativeiro, fomos tratados como "gente humana" mesmo*.

Neste caso, é perfeitamente compreensível: a emoção superou a razão, e a síndrome de Estocolmo aflorou. Se, por acaso, você riu, não se esqueça de que "gente humana" nada fica a dever a "panorama parcial" ou a "panorama geral". Tudo é coisa de "demente mental".

protótipo / quadrúmano

São proparoxítonas; então, como se explica que haja pessoas que digam "prototípo" e "quadrumâno"? *A fábrica exibiu um* **protótipo** *futurista no*

Salão do Automóvel. *** *Os símios são* **quadrúmanos**, *isto é, têm quatro mãos*.

Se ela, que é mulher, não gosta de homem, "que dirá eu"!

"Que dirá eu" é expressão própria da língua falada. Na língua mais cuidada ou na linguagem elegante, se usa *que se dirá de mim, que se dirá de nós*, etc.: *Se ela, que é mulher, não gosta de homem,* **que se dirá de mim!** *** *Se Calasãs, que é professor, escreve errado,* **que se dirá de mim!** *** *Se ele, que é presidente, não resolve a situação,* **que se dirá de nós!**

Podemos usar ainda *quanto mais eu!, quanto mais nós,* etc. e até *muito menos eu!*, *muito menos nós,* etc., evitando, assim, "*que dirá eu!*", "*que dirá nós!*", porque *eu* não "*dirá*" nada nunca!

uma patinete / a matinê

É o gênero correto: **A** *patinete* ainda está na moda, mas **a** *matinê* parece que não tem mais vez entre os adolescentes de hoje. Ficou para trás o tempo em que os estudantes preferiam namorar n**a** *matinê* do cinema, tempo em que pegar na mão da namoradinha era uma doce conquista! Ficou realmente no passado **a** *matinê*.

Já *patinete* voltou certa vez à moda. Numa revista, então, apareceu esta manchete: **"Os velhos" patinetes viram mania**.

Eles são assim...

gerúndio + infinitivo

Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio. Portanto, construiremos sempre assim: *Já foi marcada a época dos exames,* **devendo** *as provas* **ser** *realizadas no período de 5 a 20 de dezembro*. (E não: "*serem*".) *** *Alguns corpos das vítimas do acidente já foram retirados do local,* **devendo** *seus familiares* **proceder** *ao exame de reconhecimento no IML*. (E não: "*procederem*".) *** *As inscrições ao concurso estão abertas,* **podendo** *os candidatos* **dirigir-se** *à sede da empresa*. (E não: "*dirigirem-se*".) *** *A documentação está correta,* **devendo expedir-se** *os respectivos atestados de frequência*. (E não: "*expedirem-se*".)

Na *Folha de S. Paulo*, ed. 21.130, escreveu um ex-governador paulista:

Não podem as forças democráticas "ficarem" divididas e subordinadas a interesses ou posições de intransigência.

Começava justamente com ele a **in**segurança pública, vivida até hoje pelos paulistas.

"corpo delito"

Quando alguém sofre uma agressão corporal, há repórteres que anunciam: *Foi ao Instituto Médico-Legal para fazer exame de "corpo delito".* Isto é: falam na coisa, sem saber bem de que se trata. *Corpo* **de** *delito* é o conjunto dos elementos materiais que comprovam a ocorrência de um fato criminoso. Existe o *corpo* **de** *delito* direto, feito por meio de exame ou vistoria, e o *corpo* **de** *delito*
indireto, que é efetivado por depoimento de testemunhas. Mas sempre corpo **de** delito.

ela disse que mora na Avenida Sul, número "tanto"

O pronome indefinido *tanto*, neste caso, deve figurar no plural: *Ela me disse que morava na Rua da Paz, número* **tantos**. *** *Teresa me deu o telefone, número* **tantos**, *e partiu.*

piscicultura

A *piscicultura* é a arte de criar e multiplicar peixes para consumo ou ornamentação. A palavra nos vem do latim *pisc-* = peixe + *cultura*. Não faz muito, porém, uma emissora de televisão apresentou uma reportagem sobre a criação de peixes em cativeiro. No vídeo apareceu (isto é incrível!): *A moderna "psicultura"*. De moderno, isso, de fato, tem tudo! As pessoas conseguem confundir o que é da alma (*psic-*) com o que é do peixe (*pisc-*).

"o" Sergipe, "o" Pernambuco

Não, não: tais nomes não se usam com o artigo. Mas existe certo tipo de repórteres e apresentadores de programas de televisão que vivem dizendo que isto aconteceu "no" Sergipe e se espalhou para "o" Pernambuco. É um tipo de "cultura" nova, que se espalha rapidamente, tal qual a gripe suína...

cair na “gandalha”

Quem já não caiu, pelo menos uma vez na vida, na *gandaia*? Cremos que todos nós.

Uma atriz de telenovela, porém, resolveu cair de outro jeito, bem mais comprometedor, em sua fala: *O síndico aderiu à “gandalha”*.

Talvez tenha sido a ânsia de não parecer caipira (que diz “paia” por *palha*, “muié” por *mulher*). Preocupação, a nosso ver, descabida, já que houve até um presidente da República que declarou no exterior que os brasileiros, sem exceção, somos todos caipiras. Mas se até o síndico aderiu à *gandaia*, a coisa devia mesmo estar muito boa!

olhar de “esgueio”

Quem olha obliquamente, de soslaio, geralmente desconfiado, olha *de* **esguelha**. Mas muitos dizem “esgueio” ou “esgueia”. A esses, devemos sempre olhar *de* **esguelha**.

Escreveu incrivelmente correto uma jornalista, certa vez: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, “que” o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação*.

Note: ela acertou no *esguelha*, mas se complicou na regência verbal e no uso do pronome relativo adequado. A frase que ela realmente quis usar, sem poder, foi esta: *O namoro dos gansos começa com um olhar de* **esguelha** *da fêmea, ao qual o macho corresponde sem inibição, mostrando sua excitação*.

É, portanto, mais um jornalista ao qual devemos olhar sempre de *esguelha*...

ao lado de / do lado de

São expressões corretas: *Você está* **ao lado d***os bons ou* **do lado d***os maus?* *** *O partido expulsou os deputados e senadores que não estiveram* **ao lado d***o* (ou **do lado d***o*) *governo, nessa votação.* *** *Afinal, você está* **d***o meu lado ou* **a***o lado deles?*

caso “seríssimo”

Não: caso *seriíssimo*. Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de consoante possuem o superlativo com dois *ii*: *friíssimo* (de *frio*), *maciíssimo* (de *macio*), *necessariíssimo* (de *necessário*), *precariíssimo* (de *precário*), *propriíssimo* (de *próprio*), *provisoriíssimo* (de *provisório*), *reacionariíssimo* (de *reacionário*), *revolucionariíssimo* (de *revolucionário*), *sumariíssimo* (de *sumário*), *vadiíssimo* (de *vadio*), etc.

Os adjetivos terminados em *-io* antecedido de vogal possuem, todavia, o superlativo com um *i* apenas: *feíssimo* (de *feio*), *cheíssimo* (de *cheio*), etc.

Há os que confundem um caso com outro e, então, mandam usar dois *ii* em ambos. É lamentável! Alguns dicionários estão entre eles. Normal...

Aliás, um dicionário por aí registra todos os superlativos, como *necessariíssimo*, *seriíssimo* e *precariíssimo*, mas (matreiramente) não registra *provisoriíssimo* nem *sumariíssimo*.

caixa de "Pândora"

Não, não existe tal caixa. Segundo a mitologia, *Pandora* (dó) foi a primeira mulher que surgiu no mundo. A expressão *caixa de Pandora* significa *fonte de todos os males.* Assim, podemos afirmar que a inflação é a caixa de ***Pandora*** de toda a economia. Essa mesma frase foi ouvida de um jornalista especializado em economia. Mas com *caixa de "Pândora"*.

conde d'Eu (como se pronuncia?)

Pronuncia-se *conde* **dê** (o **e** soa bem fechado, já que o nome é francês). O conde d'Eu era um príncipe francês que casou em 1864 com a princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro. Nomeado marechal do Exército brasileiro, comandou as tropas durante a fase mais aguda da Guerra do Paraguai, obtendo uma série de grandes vitórias. Há muitos logradouros públicos, em várias cidades brasileiras, com o seu nome. Mas o povo diz *conde "deu"*.

Santa Bárbara d'Oeste

No Estado de São Paulo, existe uma cidade muito simpática, de povo acolhedor e mulheres lindas, sobretudo inteligentes, chamada *Santa Bárbara* **d'***Oeste*.

No interior de qualquer locução substantiva própria, todas as palavras átonas se grafam com inicial minúscula. Portanto, também: *Afogados* **da** *Ingazeira, Santo Antônio* **d'***Aldeia, Dias* **d'***Ávila, Estrela* **d'***Oeste, conde* **d'***Eu, Olho* **d'***Água das Flores, Rio* **d'***Una, Rápido* **d'***Oeste, Joana* **d'***Arc, Antônio* **d'***Alembert*, etc.

Recentemente, num importante jornal paulista surgiu isto: **Manuela "D'Ávila" recorre ao TSE contra multa por propaganda antecipada**. *A deputada federal Manuela "D'Ávila" (PC do B-RS) recorreu ao TSE pedindo cancelamento de multa por propaganda antecipada na eleição municipal de Porto Alegre*.

Manuela **d'**Ávila: tão novinha! E já tão velha!

Você mora em "S." Paulo?

Não, moro em **São** Paulo. Atenção para isto: nomes geográficos não se abreviam. Portanto, escreva sempre por extenso: **São** *Paulo,* **Coronel** *Fabriciano,* **Marechal** *Cândido Rondon,* **Dona** *Inês,* **Engenheiro** *Passos,* **Santa** *Bárbara d'Oeste,* **São** *Manuel,* Dom *Pedrito,* **General** *Câmara,* **Doutor** *Severiano,* **Padre** *Cícero,* **Frei** *Inocêncio,* **Tenente** *Portela,* **Major** *Vieira,* **Almirante** *Tamandaré*, etc.

A norma foi fixada pela Conferência de Geografia, em 1926, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se estende aos nomes de logradouros públicos, que se abreviam: *Avenida* **Mar.** *Castelo Branco, Rua* **Gen.** *Carneiro*, etc.

Títulos de jornais se veem com abreviaturas. Só se perdoa àqueles periódicos que foram fundados antes de 1926.

EM TEMPO – Em Mato Grosso existe uma cidade chamada Vila Bela da Santíssima Trindade, que, em razão de sua extensão, tem seu nome abreviado assim: "*V. Bela da SS Trindade*". Haverá perdão dos Céus?

dolo (como se pronuncia?)

É aberto o timbre da vogal tônica: *dólo*. Com a conclusão do inquérito sobre o acidente com o avião da TAM, em 17 de julho de 2007, tanto os parentes das vítimas como seus advogados falaram em "dôlo". Mas, afinal, o que seria "dôlo"? Não tenho a menor ideia. Os "adevogados", no entanto,

sabem...

dado “ao” interesse pelo carro, seu preço subiu

Dado, quando equivale a *por causa de*, não se usa com “a”: **Dado o** *interesse pelo carro, seu preço subiu.* *** **Dada a** *importância do jogo, foi escalado um árbitro experiente.* *** **Dados os** *inconvenientes apontados, escolheu-se outra solução.* *** **Dadas as** *circunstâncias em que ocorreu o acidente, tudo indica que o chofer do ônibus dormiu ao volante.*

Quando *dado* equivale a *interessado, inclinado*, é que se usa *a*: *O rapaz não era muito* **dado a***o estudo.* *** *Edite era muito* **dada à** *leitura.*

Nos autos de um processo se leu: *A vítima vem passando sérias dificuldades em residir no local, “dado às” constantes provocações proferidas pelas vizinhas.*

Não é provocação?

tampar = tapar?

Não. *Tampar* é fechar usando tampa ou qualquer outra peça movediça própria. Assim, *tampamos panelas, garrafas, bueiros, vidros de remédio*, etc.

Tapar é fechar, encobrir, vedar, vendar, sem necessidade do uso de tampa. Desta forma, *tapamos* tudo o que tem tampa e o que não tem tampa: *tapamos a boca, a orelha, os olhos, o nariz, um buraco qualque*r, etc.

Numa propaganda de televisão, certa vez, recomendava-se um medicamento para desobstrução do nariz. Assim: *Dormir com o nariz “tampado” é o maior sufoco*.

Desse jeito, francamente, não dá nem para dormir...

“emissão” de posse

Convém não confundir *emissão*, do verbo *emitir* (= pôr em circulação, exprimir), com *imissão*, do verbo *imitir* (= fazer entrar, investir). Assim, temos: **emissão** *de cheques,* **emissão** *de opinião*, mas: **imissão** *de posse*.

Num jornal, porém, se leu: *Para o juiz, o ministro está, no mínimo, mal informado, porque a justiça federal tem um andamento muito rápido no que se refere à “emissão” de posse*.

Quem mesmo é que está mal-informado?

Qual das misses “são” as preferidas?

Erro de concordância. Qualquer pronome interrogativo no singular, antecedido da preposição *de*, exige o verbo no singular: **Qual** *das misses* **é** *a que tem mais chance de vencer o concurso?* *** **Qual** *das misses* **é** *a preferida?* *** **Qual** *de vocês* **fez** *isso?* *** **Quem** *de todos esses alunos* **ganhará** *o prêmio?*

Declara, então, a mulher de um dos candidatos derrotados ao governo de São Paulo: *As mulheres dos outros candidatos são simplesmente suas esposas. Eu não. Qual das outras mulheres dos candidatos “são conhecidas” nacionalmente, independentemente da profissão do seu marido?*

Todo pronome indefinido de singular também exige o verbo no singular, ainda que esteja seguido de nomes ou pronomes no plural. Ex.: **Nenhum** *dos três goleiros da seleção* **era** *bom.* *** **Nenhum** *dos atacantes* **chutava** *a gol.* *** **Cada um** *de nós* **sabe** *o que faz.* *** **Cada um** *dos ministros* **tomava** *uma decisão diferente.* *** **Qualquer** *das pessoas presentes* **poderá** *dar sua opinião.*

A tendência popular, neste caso, é esquecer o sujeito (o pronome indefinido) e dar toda a atenção ao nome pluralizado que se lhe segue. Daí o erro.

assaltar “nos faróis”

Farol por *semáforo* ou *sinaleira*? Não. Todo *farol* pressupõe foco potente de luz. No sinal luminoso de trânsito não há esse requisito básico, por absoluta desnecessidade. Os portos têm *farol*; os veículos têm *farol*, mas nenhum sinal de trânsito tem “farol”. Por isso, nunca pare ao “farol” vermelho: vá sempre em frente! Se encontrar, porém, um *sinal* vermelho ou um *semáforo* no vermelho, não avance!

mau-caratismo / bom-caratismo

São neologismos. Como *mau-caráter* e *bom-caráter* não têm um substantivo correspondente, oficial, cria-se.

Repare neste texto de eminente economista brasileiro: *O subdesenvolvimento não resulta de espoliação internacional ou de falta de recursos naturais. É sempre um fenômeno cultural: misto de idiotice e* **mau-**

caratismo. *Infelizmente, ambas as coisas são abundantes neste subcontinente.*

Se os maus-caracteres estão em todos os cantos, enquanto os bons-caracteres mínguam, tinha de existir um substantivo que representasse esse vício de personalidade tão asqueroso.

colchão / coxão

São palavras que não devem ser empregadas uma pela outra, principalmente a primeira pela segunda, quando esta designa corte de carne: *coxão mole, coxão duro*.

Chegar a um açougue e pedir um *"colchão" duro* é confiar demais na dentadura...

Será que o Corinthians "classifica"?

Não. Os verdadeiros times de futebol, aqueles que dão alguma alegria à sua torcida, *classificam*-**se** para as fases finais de seus campeonatos.

O verbo não dispensa o pronome oblíquo (*classificar*-**se:** ser qualificado num torneio ou num campeonato para a fase seguinte), portanto não se usa apenas "classificar".

Os repórteres esportivos vivem dizendo: *Eu acho que o Corinthians não "classifica"*.

E é a preposição *para* que se usa com esse verbo, e não "a". Nos jornais se lê comumente: *O time se classificou "à" próxima fase do torneio*.

Resta saber quando é que certos jornalistas vão se classificar *para* a grande fase do jornalismo brasileiro...

concentrar

Também é verbo pronominal, quando se usa, em futebol, por *ficar em concentração*: *Os jogadores já* **se concentraram** *para o jogo de domingo. *** Há certos atletas que não gostam de* **concentrar-se**.

Recentemente, um jornal estampou em manchete, na página de esportes: **"Concentra" ou não "concentra"?** O jornalista, autor disso aí, é que tinha de *se concentrar* bastante antes de ir à redação.

Os jornalistas esportivos parece não apreciarem muito o uso de verbos

pronominais. Agora, estão deixando de usar o pronome oblíquo também com *aquecer*. Os repórteres de campo vivem dizendo: *Os jogadores reservas estão "aquecendo"*.

É o caso de se perguntar: *Estão aquecendo o quê?*

sacolinha / sacolão (como se pronunciam?)

Pronunciam-se com o primeiro **o** aberto: *sakòlinha, sakòlãu*.

sou "de" menor

Ninguém é *"de" menor* nem *"de" maior*. Na língua culta ou mais cuidada existe o *menor de idade* e o *maior de idade*. Portanto, diga sempre, como gente grande: *sou menor*. Ou, então, como gente que entende: *sou maior*.

No registro coloquial, todavia, só se encontra *"de" menor* e *"de" maior*. Um dicionário (aquele) abona as expressões impugnadas. Normal.

"fundamento"

Para não continuar errando, convém que todo jogador de futebol, viciado em erros de passes, treine bastantes *fundamentos*. Os primeiros rudimentos ou as primeiras noções básicas ou fundamentais de qualquer coisa são *fundamentos*, sempre no plural. Agora, permita-me uma opinião: jogador profissional que erra passe é algo imperdoável. Para quem só faz isso na vida, e ganha fortunas só para fazer isso na vida, é difícil aceitar. Jogador profissional que erra passes ou que erra um gol à frente da meta é comparável a professor de Português que escreve "xalxixa". Dá pra aceitar?

reclamo não tanto por mim, "mas" pelas crianças

A palavra que corresponde a *não tanto* é *quanto*, e não "mas" ou "mas também", correlativos de *não só*. Portanto, reclame, mas reclame não tanto por si, *quanto* pelas crianças.

Repare ainda nestas frases: *O namorado a beijou* **não tanto** *por desejo* **quanto** *por hábito.* *** *O jogador se contundiu* **não tanto** *pelo choque com o adversário* **quanto** *pelo mau estado do gramado.* *** *Juçara veio até aqui* **não tanto** *para buscar o livro* **quanto** *para me ver.*

Observe que tal correlação implica predomínio de um fato sobre o outro; a correlação *não só... mas também* enuncia adição de fatos, ambos importantes e significativos: **Não só** *eu,* **mas também** *o motorista pegamos no sono.* *** **Não só** *o garoto,* **mas também** *a mãe viram o óvni.*

palavra de honra

Usa-se com *em*: *Dou minha palavra de honra* **em** *que isso é verdade.* *** *O presidente deu sua palavra de honra* **em** *que erradicaria o analfabetismo em cinco anos .* *** *Dê sua palavra de honra* **em** *que não vai cobrar isso dele!* *** *Ela deu sua palavra de honra* **em** *que me procuraria.*

Na primeira página de um jornal apareceu isto: *O novo ministro da Fazenda deu a sua palavra de honra "de" que as taxas de juros começarão a cair a partir de hoje.*

A verdade é que as taxas de juros acabaram caindo mesmo. E o ministro também...

as partes ou a parte contrária "entrarão" em acordo

Quando há mistura de números no sujeito composto, conforme se vê aí, a concordância se faz sempre com o elemento mais próximo, e o fator determinante é a conjunção *ou*, de valor corretivo. Portanto: *As partes ou a parte contrária* **entrará** *em acordo.* *** *Os ladrões ou o ladrão* **conseguiu** *fugir pela chaminé.* *** *O ladrão ou os ladrões* **conseguiram** *fugir pela chaminé.* *** *Os assassinos ou o assassino* **continua** *solto.* *** *O assassino ou os assassinos* **continuam** *soltos.*

Num jornal paulistano, no entanto, se leu: *Existe uma síndrome do candidato. Na verdade, é o próprio candidato que fabrica sua síndrome, de modo que os sintomas ou a massa deles "variam" de acordo com a personalidade, o temperamento, o caráter (se existente) de cada caso examinado.*

Em outra edição, do mesmo jornal, apareceu isto: *Desde 11 de setembro de 1973, "estão" em vigor no Chile um ou mais estados de exceção.*

Eles são assim...

errata

É um plural latino, cujo singular correspondente é *erratum*. Assim, só tem cabimento o seu emprego quando se vai tratar de dois ou mais erros; quando se vai corrigir apenas um erro, usa-se, naturalmente, *erratum*.

Não faz muito, contudo, o *Ponto Frio* mandou publicar uma nota de esclarecimento na Folha de S. Paulo (ed. 25.204, pág. 5), para corrigir um único erro e encimou-a com a palavra *errata*. O *Ponto Frio* não teria, assim, entrado numa gelada?

Mas não é só o *Ponto Frio* que aprecia uma geladinha. Na pág. 10 da mesma edição da referida folha, há outra *errata*. Agora do *Pão de Açúcar*, que também quis consertar um erro surgido num de seus anúncios.

A vida está mesmo muito difícil. Principalmente nos supermercados...

Isto são horas de chegar?

Frase típica de pais preocupados, dita geralmente de madrugada... Muitos duvidam de sua correção, mas sem razão.

O verbo *ser*, quando aparece entre um pronome ou um nome no singular e uma palavra no plural, concorda com esta, a não ser em alguns casos especiais, como, por exemplo, quando o pronome ou o nome representa pessoa. Assim: *Você é grande, mas não* **é** *dois.* *** *O neto* **é** *as delícias dele.*

De outra forma, podemos construir sem receio: *Isso* **são** *ossos do ofício.* *** *Aquilo* **são** *estrelas ou são planetas?* *** *Meu lazer* **eram** *aqueles exercícios.* *** *Nossa diversão sempre* **foram** *esses brinquedinhos.* *** *Pesquisas* **são** *uma necessidade durante as eleições.*

Se, porém, o pronome demonstrativo **o** vier como predicativo, a concordância do verbo *ser* se fará geralmente com ele: *Problemas* **é o** *que não falta no Brasil.* *** *Risos* **era o** *que ninguém gostaria de ver naquele instante.*

Num jornal, porém, se vê de tudo, inclusive isto: *Mas o destaque do C3 "é" realmente as linhas modernas e bastante atraentes.*

Repare agora nestas frases, colhidas na etiqueta de uma loja: *Conforto, praticidade e beleza* **é o** *que procura o homem moderno. Pesquisa, tecnologia e bom gosto* **é o** *que oferecemos.* Tudo certinho. Por quê? Porque não se

trata de frases de jornalistas. Simples assim...

Esse livro é para "mim" ler?

"Mim" não lê coisa nenhuma.

Quem é que fala assim? Só mesmo índio (e dos antigos) é que fala assim. Pois quem usa "mim" antes de verbo está falando quase igual àqueles índios do tempo do Onça, porque os da atualidade conhecem mais português que muito homem dito civilizado.

Gente civilizada, educada, elegante, usa apenas *eu* onde o índio antigo usava "mim": *Não deu para* **eu** *ir ao escritório hoje*. (E não: *Não deu para "mim" ir ao escritório hoje.*) **** Deram um bom livro para* **eu** *ler. (E não: Deram um bom livro para "mim" ler.*) *Deixaram tudo para* **eu** *fazer*. (E não: *Deixaram tudo para "mim" fazer*.)

Não havendo verbo, aí, sim, empregaremos *mim*: *Deram um bom livro para* **mim**. **** Deixaram tudo para* **mim**.

EM TEMPO – Note estas frases, todas absolutamente corretas: *É difícil para mim dirigir e prestar atenção à sua conversa. *** Foi duro para mim vê-la sofrendo.*

À primeira vista, podem parecer frases de índio. Não são. Nesse caso, na verdade, as frases se encontram em ordem inversa. Repare na ordem direta: *Dirigir e prestar atenção à sua conversa é difícil para mim. *** Vê-la sofrendo foi duro para mim.*

Reparou? O *mim* nada tem que ver com o verbo; não se trata de sujeito, mas de complemento nominal: *difícil para mim, duro para mim.*

Não entendi "tamanhas" ignorância e falta de educação

Não. Um adjetivo ou um pronome adjetivo anteposto, quando modifica dois ou mais substantivos, concorda sempre com o elemento mais próximo: *Não entendi* **tamanha** *ignorância e falta de educação. *** Foi um caso de* **raro** *brilho e acontecimento. *** Onde estão* **seu** *marido e filhos? *** Aonde foram* **sua** *mulher e filhos? *** Visitarei vocês* **qualquer** *dia e mês destes.*

Os jornalistas conhecem o assunto? Responda a essa pergunta você mesmo, caro leitor, depois de ler este editorial de um importante jornal de

São Paulo: *O empresário fechou o ano com um protesto de "raras" felicidade e oportunidade.*

Rara infelicidade e ocasião.

Noutro jornal de São Paulo se leu ainda: *O mercado imobiliário tem "menores" liquidez e rentabilidade do que muitas outras aplicações.*

Enfim, o jornalismo brasileiro vai de vento em proa...

Não só o jornalismo. A Honda, que nos vende veículos bons e baratos, anunciou recentemente assim: *No Express Service, você pode realizar uma série de serviços rápidos. São técnicos especialmente treinados e uma estrutura exclusiva para atendê-lo com toda comodidade, rapidez, transparência e "as inigualáveis" garantia e qualidade Honda. É a Honda trabalhando para deixar os proprietários mais felizes do País ainda mais satisfeitos.*

Ainda mais satisfeitos?! Nem tanto, como se vê...

Bom "Ano Novo" a todos!

Desejo malfeito: tanto *ano-novo* quanto *ano-bom* se escrevem com hífen e com iniciais minúsculas. Por isso, o desejo sincero só pode vir desta forma: *Bom* **ano-novo** *a todos!*

Mas os jornalistas escrevem ou sem o hífen ou com iniciais maiúsculas. Veja: *É melhor rever seus planos para o "ano novo".*

*** *Feriado do "Ano Novo" deixa 109 mortos em estradas federais.*

Ué! E seus manuais de redação?! Mandam escrever assim?!

Agora, veja que maravilha: um dicionário por aí resolveu juntar as duas impropriedades numa só, na definição de *réveillon*: *ceia da noite de "Ano-Novo".*

(Por que as iniciais maiúsculas, se assim nem o próprio dicionarista registra? É um mistério...)

seja quem for

Trata-se de uma locução pronominal indefinida invariável, por conta do pronome *quem*. Assim, construímos: *O governo punirá todos os corruptos,* **seja quem for**. *** *A morte leva todas as pessoas,* **seja quem for**, *pobre ou rico*.

Por ocasião do trágico acontecimento numa das faculdades cariocas, na qual foi vítima uma estudante, que ficou tetraplégica, a direção da escola emitiu uma nota em que afirma sua disposição de colaborar com a polícia e encontrar o autor ou os autores do crime, "sejam quem forem". O criminoso, até hoje, está à solta...

Seja quem for é uma locução pronominal indefinida e invariável: *Vou expulsar todos os arruaceiros, seja quem for.* *** *O Brasil tem de colocar na cadeia os corruptos, seja quem for.*

O Estado de S. Paulo publicou certa vez o que ocorreu durante um debate entre candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro. Lá pelas tantas se lê: *Gabeira disse que o presidente da República e o governador respeitam os candidatos eleitos "sejam quem forem".*

Não há como deixar de fazer a clássica pergunta: estamos bem de jornalistas?

instalações "hidro-sanitárias"

Errado: *hidro-* é um elemento que só exige hífen antes de palavra iniciada por **o**. Portanto, escrevemos: *hidrossanitário, hidroginástica, hidromassagem,* etc. A maioria dos engenheiros e arquitetos, no entanto, continua insistindo em duas coisas: nas *instalações "hidro-sanitárias"* e no "ante-projeto". Ainda não tive o prazer de conhecer nenhum que escrevesse de outro modo, ou seja, corretamente. Ou teria sido sina mesmo?

mega-

O elemento *mega-*, usado como substantivo, varia normalmente (2 megas, 3 megas, etc.), assim como os prefixos *mini-* e *hiper-*, que, usados como substantivo, não só variam, como recebem acento: os *mínis* (= os minidicionários) do mercado; os *híperes* (= hipermercados) da cidade.

A Embratel fez anúncio nas principais revistas do país desta forma: *Chega de sofrer. Embratel Pequena e Média Empresa. Quem experimenta fica. Internet banda larga de até 2 "mega" de velocidade.*

Chega de sofrer...

no Sul “gia” demais no inverno

No Sul *geia* muito no inverno. O verbo é *gear*, e não “giar”. Todo verbo terminado em *-ear* ganha um **i** nas formas rizotônicas. Confira: *passear* (*passeio, passeia*), *massagear* (*massageio, massageia*), *frear* (*freio, freia*), *recear* (*receio, receia*), *torpedear* (*torpedeio, torpedeia*), etc.

Veja, agora, como um comentarista esportivo do Rio de Janeiro, velho botafoguense, vacilou, ao escrever no *Jornal do Brasil*, certa feita: *Eles não fazem isto e ainda “torpediam” quem tenta defendê-los.*

Eu nunca faço isso e ainda *torpedeio* quem faz...

“freiada”

O verbo *frear* tem como substantivo correspondente *freada*, e não “freiada”. Nessa família de palavras, só *freio* tem **i**; as demais não: *freando, freava, freasse, freado, etc.*

Anote, ainda: *afear, enfear, estrear, recear, rechear, passear*, todas sem *i*. Mas todos os substantivos correspondentes com **i**: *feio, estreia, receio, recheio, passeio.*

Escrevem os jornalistas, no entanto (para variar): *O teto solar surgiu logo depois da II Guerra Mundial, quando era preciso economizar aço ao máximo e os carros tinham parte da capota substituída por tecido. Como o tecido “enfeiava” o carro, surgiu a ideia de fazer o teto abrir. *** A nova rede de televisão do Paraná deve “estreiar” dia 25 de fevereiro.*

E quando é que os jornalistas vão *estrear* um novo português, um português razoável, um português respeitoso?

“no que pertine” à questão das multas

Os advogados não usam “no que pertine” por *no pertinente*, *no concernente* (ou *no que concerne*), ou *no referente* (ou *no que se refere*). Já os “adevogados”...

“louva-deus”

Nenhum bicho tem este nome. O inseto verde, predador, cuja postura, quando pousado, lembra alguém de joelhos, em oração, tem nome

parecido: *louva-a-deus*.

Alguns jornalistas, todavia, criaram outro bicho. Veja por este pequeno texto, de um deles: *Pesquisadores norte-americanos descobriram que o “louva-deus”, inseto que parece um ramo de árvore, possui um ouvido localizado no centro do corpo que tem por função, além da auditiva, iludir seus inimigos e atrair um companheiro para reprodução.*

Em que mata se encontra esse bichinho?

motorista

Motorista é uma palavra que se usa tanto para o homem quanto para a mulher. Trata-se de um substantivo comum de dois, a exemplo de *pianista, dentista*, *jornalista*, etc. Existe alguma novidade nisso? Creio que não. Todavia, num programa de famosa rede de televisão, uma repórter saiu-se com esta, ao apresentar uma mulher que trabalha a um volante: *Ela é a única “motorista mulher” de máquinas pesadas entre 2.100 homens.*

Ora, sim, senhor! Será possível que se, em vez de mulher, tivéssemos ali um homem, ela diria também: *Ele é o único motorista homem de máquinas pesadas*? Motorista mulher! MEU DEUS!!!

do Oiapoque ao Xuí

Uma de nossas revistas semanais de informação fez certa vez matéria sobre o “arroio *Chuí*”, repetindo várias vezes a forma “Chuí”, que vigorou até 1943, assim como *pharmacia, Goyaz*, etc. Mas quem é que hoje escreve *pharmacia* ou *Goyaz*? Nem mesmo Bartolomeu Guimarães, personagem de Ronald Golias, o faria.

Embora a grafia seja **Xuí** desde 1943, alguns dicionaristas, ainda desse tempo, registram “Chuí”. Até o IBGE adota “Chuí”. Se consultassem Caldas Aulete não estariam tão desatualizados. Se consultassem Cândido Jucá também não. Se consultassem a pág. 209 do quinto volume da série *Gafite — as gafes da atualidade*, de Luiz Antonio Sacconi, também não. Não há autoridade atual séria que defenda a forma “Chuí”, porque ela foi abolida em 1943, quase há um século.

Os jornalistas e também os funcionários do IBGE deveriam saber que, depois de 1943, todas as palavras de origem indígena passaram a ser

grafadas com *x*, nunca com *ch*: *xavante, xaxim, xeréu, xerimbabo, xeripana* e, naturalmente, **Xuí**.

Ah, sim, no Uruguai existe um município de nome *Chuy*. Mas essa grafia é da língua espanhola, e não da portuguesa. Em 1995 foi criado um município gaúcho que, tendo em vista essa grafia espanhola, intitulou-se "Chuí", o que não deixa de ser lamentável, pelo descaso com as normas da nossa língua. Sim, porque toda cidade fundada ou todo município criado depois de 1943 têm de ter o registro de seu nome de acordo com as normas da língua. Este, portanto, não é exatamente caso de respeito à tradição ou à secularidade, como são os casos de *Pirassununga, Jaboticabal, Bagé, Lages, Cotia, Taboão da Serra*, etc. Aliás, também no Uruguai existe uma cidade de nome *Paysandu*, que ficou conhecida no Brasil por ter sido tomada de assalto em 2 de janeiro de 1865 pelas forças brasileiras comandadas pelo general Mena Barreto. Algumas placas de algumas das nossas vias públicas ainda conservam essa grafia, por terem sido confeccionadas antes de 1943. Em São Paulo, por exemplo, ainda se vê placa assim: Largo do *Paysandu*, assim como se vê também Rua *Goyaz*, que fica não muito distante dali. Mas em português atual escrevemos *farmácia*, *Goiás* e *Paiçandu*; só os que ainda estão no tempo do Onça escrevem "pharmacia", "Goyaz", "Paissandu", "Chuí". E, pelo visto, há muitos que ainda estão vivendo esse tempo no Brasil.

"próximos 1 km"

Nas nossas rodovias, volta e meia se leem placas assim, quando está havendo algum reparo: *Cuidado — entrada e saída de veículos — "próximos 1 km".*

Se 1 nunca foi plural (ao menos entre os terráqueos), como entender o uso de "próximos"? Ademais, os símbolos das unidades de medida se escrevem imediatamente após o algarismo, sem nenhum espaço. Além do quê, só se usa o algarismo de 2 em diante.

Portanto, a placa deveria trazer outro aviso, mais educativo, mais respeitoso: *Cuidado: entrada e saída de veículos no próximo quilômetro* (ou, por tolerância, *no próximo km*). Em rigor, também não se usa abreviatura sem o devido algarismo, mas, por medida de economia ou de falta de espaço nas placas de sinalização, admite-se tal prática.

Quem passava pela Rodovia dos Imigrantes, em São Paulo, notava placas de aviso assim: *Fone de emergência — "cada 1 Km"*. Ora...

Como se vê, o problema das nossas rodovias não está só nos buracos, nos enormes buracos, mas também nos furos, que talvez sejam até mais perigosos...

horário "de pique"

O trânsito fica insuportável, em São Paulo, nos horários de *pico*. Mas há pessoas que, quando abrem a boca, vão a pique...

ter dor "na costa"

É difícil alguém ter dor "na costa"! Porque as pessoas não têm "costa"; as pessoas têm *costas*. Países é que têm *costa*, ou seja, *litoral, região à beira-mar*.

Repare na imensa diferença por estes exemplos: *Minhas* **costas** *estão doendo: o que será? *** Eu estava de costas; fui atingido pelas* **costas**. **** Não sei por que Aguinaldo me voltou as costas. *** Qual é o único inseto que anda de* **costas**? **** Suas* **costas** *estão vermelhas: caiu ou apanhou? *** A* **costa** *brasileira é extensa. *** Os navegantes alcançaram a nossa* **costa** *depois de mil dias. *** A Bolívia e o Paraguai não têm* **costa**.

Um ex-presidente, autor da simplória expressão "brasileiras e brasileiros", nos agraciou com esta frase: *O peso do combate à inflação não pode ser jogado somente "na costa" do povo pobre*.

Depois, um famoso humorista, no seu programa de entrevistas pela televisão, ao tentar desenhar o mapa do Brasil, falou em "costas do Brasil". Ele sempre faz rir...

Como o pobre nunca teve "costa" nem o Brasil nunca teve "costas", como é que se dorme com um barulho desses?

alterar

Verbo que não dispensa a companhia do pronome, na acepção de *modificar-se, transformar-se*, *mudar*, e não é intransitivo em nenhum significado: *A cor do camaleão* **se** *altera de acordo com o meio. *** Seu humor* **se** *altera conforme as condições meteorológicas*.

Os jornalistas sabem disso? Responda você mesmo, caro leitor, por esta frase de um deles: *Desempenho do Astra bicombustível não "altera" quando se troca de combustível.*

"manter a direita"

Quem viaja pelas nossas rodovias está fadado a ler placas com este aviso: "Mantenha a direita". Ou com este: "Conserve a direita". Mais seguro, porém, é sempre *manter*-**se à** *direita*, é *conservar*-**se à** *direita*.

Outra bobagem que se lê à beira das nossas rodovias é esta: *"Mantenha a sua mão"*.

É o caso de se perguntar: *Mantenha com quê? Com um bom hidratante? E de que marca?...*

tornar-se "em"

No português do Brasil, o verbo *tornar-se* rejeita a preposição "em", diferentemente do que ocorre no português de Portugal. Portanto, no Brasil devemos construir: *O Brasil se tornou pentacampeão mundial de futebol. *** Muitos se tornaram reféns do bandido.*

Jornalista brasileiro, por isso, não deveria construir manchete assim: **Lucélia de Carvalho se torna "na" 1.ª brasileira a ganhar dois ouros individuais em Pan**.

No início da matéria ainda se leu: *Lucélia de Carvalho se tornou "na" primeira atleta brasileira a ganhar dois títulos consecutivos em provas individuais na competição continental.*

Alguns dizem que esse jornal se tornou o melhor do país...

sassafrás

Varia normalmente no plural: *sassafrases*.

Num jornal, porém, se viu: *A morte dos cedros, "sassafrás", canelas e guapuruvus, entre outras árvores frondosas, eliminou dois andares ou patamares de floresta.*

pagar / perdoar

Usam-se da mesma forma: *pagar* (ou *perdoar*) alguma coisa a alguém. Note: o objeto indireto é sempre pessoa; o direto é coisa. Portanto, *pagamos* dívidas, pecados, compromissos, etc., mas *pagamos* **a**o dono do armazém, **a**o dentista, **a**o médico, **a**o taxista, **à** costureira, **à** professora particular, **a**os empregados, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como fica: *Paguei-***lhe** *ontem a dívida, não foi? *** Eu quis pagar-***lhe***, mas ele não quis receber.*

Portanto, não se usa "pagá-lo", "pagar o dono do armazém" ou "pagá-la", "pagar a dona do armazém", em referência a pessoa, mas apenas *pagar-***lhe***, pagar* **a***o dono do armazém, pagar* **à** *dona do armazém*.

Agora, o verbo *perdoar*. *Perdoamos* dívidas, pecados, desfeitas, ofensas, etc., mas *perdoamos* **a**o devedor, **a**o pecador, **a**o ofensor, **a**o irmão, **a**o vizinho, **a**o amigo, **a**o colega, etc. Se transformarmos isso em pronomes, eis como ficará: *Seu pai ainda não* **lhe** perdoou *aquela sua malcriação? *** Luís, seu amigo diz que nunca vai perdoar-***lhe**. *** Depois de muito tempo é que fui perdoar-***lhe**.

Portanto, não se usa "perdoá-lo", "perdoar um amigo" ou "perdoá-la", "perdoar uma amiga", em referência a pessoa, mas apenas *perdoar-***lhe***, perdoar* **a** *um amigo, perdoar* **a** *uma amiga*.

Mas os jornalistas fazem tudo diferente. Veja esta manchete, de um deles: **Mãe perdoa "o" filho pela morte de estudantes**. Logo abaixo: *Ela pede que as famílias de Liana e Filipe também perdoem "o" seu filho*.

O crime cometido foi desses que não merecem perdão.

Uma de nossas revistas semanais de informação trouxe certa vez um anúncio da própria publicação em forma de advertência: *A redação é uma das provas mais temidas pelos vestibulandos. Em geral, examinadores não "perdoam quem" foge ao tema ou comete erros grosseiros. A seção Veja Educação é uma ótima ferramenta para quem deseja escrever em bom português. Traz testes de vocabulário, reportagem sobre dificuldades da língua e dicas sobre recursos estilísticos. Há ainda a seção Erros e Acertos, com as regras seguidas pelos jornalistas da revista*.

Depois de errarem na regência do verbo *perdoar*, eles ainda se acham no direito de oferecer dicas sobre português. Estamos vivendo mesmo num mundo estranho...

má-criação ou malcriação?

A nova edição do VOLP registra ambas as grafias; anteriormente, porém, só registrava *má-criação*. Também são boas as escritas *malcriado* e *malcriadez*. E, por incrível que pareça, a referida edição do VOLP também registra *malcriadeza*, que até ontem era um barbarismo. Talvez na próxima edição do *Vocabulário* ainda apareçam "menas", "mendingo", "mortandela" e "questã"...

benzinho / amorzinho / brotinho

São três palavras absolutamente invariáveis em gênero, mesmo em referência a mulher. Trata-se de diminutivos carinhosos, respectivamente, de *bem, amor* e *broto*, também, naturalmente, nomes sobrecomuns. Portanto, usamos: *Ifigênia é* **meu benzinho**. *** *Juçara é* **meu amorzinho**. *** *Sua filha é um* **brotinho lindo***!*

Há namorado apaixonado por aí que, quando comete alguma asneira, digna de fim de namoro, sai-se com esta, junto à amada: *"Benzinha", não foi por querer. Perdoa!*

Merece perdão?

Uma jornalista, talvez vizinha desse namorado imperdoável, resolve imitá-lo, escrevendo numa folha de S. Paulo: *"Brotinha": se você já fez 14 anos, mas ainda não tem 21; se mede mais de "1m68", mas não ultrapassa "os 1m81"; é bonita, é bonita e é bonita, acorde*!

Acorde?! Quem usa "brotinha", "1m68" e "os 1m81", em vez de *brotinho, 1,68m* e *o 1,81m*, ainda tem coragem de pedir que
alguém **acorde**?!

Aparecida

É o nome da cidade paulista, onde se situa a maior basílica do Brasil, dedicada à padroeira do nosso país, Nossa Senhora Aparecida. Alguns jornalistas, porém, insistem em chamá-la Aparecida "do Norte", uma cidade que, em verdade não existe, assim como não existe Salto "de Itu", mas apenas *Salto*.

sanguíneo (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **u** sonoro ou não, indiferentemente. A mesma faculdade se dá com *sanguinário*.

aparte

É palavra masculina: **o** *aparte,* **um** *aparte*. No diminutivo, mantém naturalmente esse gênero: **um apartezinho**. Mas muita gente continua pedindo “uma apartezinha” por aí.

Um deputado, num debate pela televisão, saiu-se com esta: *Hélio, se me permite “uma apartezinha rápida”, gostaria de falar sobre esse assunto*.

Já tinha falado bobagem, antes mesmo de se lhe permitirem um apartezinho rápido.

“por causa que”

Não, não existe nada “por causa que”. Mas, apesar disso, apesar de sua inexistência, um dicionário (aquele) a registra. E mais: registra também “por causo que”! É, o mundo está ficando mesmo muito estranho, muito perigoso!

Talvez “por causo” desse registro, um provedor da Internet tenha lançado recentemente em manchete esta frase: **O treinador confessou que só usa três zagueiros “por causa que” o lateral não sabe marcar**.

Numa das provas do ENEM escreveu um candidato a médico: *O nosso ambiente. Ele estava muito estragado e muito poluido “por causa que”, os outros não zelam pelo ar puro*.

Cuidado, caro leitor, ao fazer suas consultas médicas daqui a uns anos! Essa gente, fatalmente, vai chegar lá. Alguns, aliás, já chegaram...

Certa vez, ouvi um pseudoapaixonado se dirigir assim à namorada: *“Benzinha, onte eu num pude vim, por causo que tive doente, apesar que tava loco pa vê ocê”*.

Será que as mulheres acreditam mesmo em gente assim?!

Certas passagens e frases da vida — não sei por quê — me fazem lembrar um fato relatado por uma professora e ocorrido numa de suas salas de aula:

O aluno era de péssimo aproveitamento em português. A professora, sempre muito dedicada, querendo corrigir mais um de seus inúmeros erros, mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo **caber**, *porque ele só dizia "cabeu", em vez de* **coube**. *A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, como uma espécie de castigo. O garoto, então, encheu a página de* **coube**: **coube, coube, coube**... *No finzinho, escrupuloso, deixou uma nota no caderno à professora, já ausente:* "Fessora, num escrevi cem veiz por causo que num cabeu".

Já que pra chorar não dá, a gente ri...

pão-duro

Trata-se de nome absolutamente invariável em gênero: *turma pão-dur***o**, *namorada pão-dur***o**, *mulher pão-dur***o**, *gente pão-dur***o**. Da mesma forma: *Sua amiga é* **um** *pão-duro de marca maior!*

Uma revista semanal de informação nos revelou, todavia, na sua ed. 1.626, pág. 172, que a modelo gaúcha Gisele Bündchen é "*pão-dura*" assumida.

Será?

Num jornal houve a confirmação: *Descobrimos um defeito em Gisele Bündchen: ela é "pão-dura".*

Como é que têm coragem de falar em defeito justamente aqueles que estão cheios deles?!

dedo-duro

A exemplo de *pão-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente dedo-dur***o**, *vizinha dedo-dur***o**, *turma dedo-dur***o**, *namorada dedo-dur***o**, *colega dedo-dur***o**. Da mesma forma: *Sua namorada é* **um** *dedo-duro de marca maior!*

nó-cego

A exemplo de *pão-duro* e *dedo-duro*, também é nome invariável em gênero. Portanto, use sempre: *gente nó-ceg***o**, *vizinha nó-ceg***o**, *turma nó-ceg***o**, *namorada nó-ceg***o**, *colega nó-ceg***o**. Da mesma forma: *Sua irmã é* **um**

nó-cego de marca maior!

"marcar-mos" / "poder-mos" / "fazer-mos"

Não, não se separa a terminação *-mos* do resto do verbo. Por isso, escrevemos sempre assim: *marcarmos, podermos, fazermos, entregarmos, pedirmos,* etc.

Só os pronomes átonos se ligam por hífen às formas verbais: *marcar-nos, fazer-nos, entregar-nos, pedir-nos*, etc.

sapé ou sapê?

Ambas são corretas, a exemplo de *crochê* e *croché*, mas apenas *rapé* e *relé*.

"raspar" bigode

Ninguém, em sã consciência, faz isso. As pessoas que não são masoquistas preferem *rapar* o bigode: é bem menos dolorido! Bigode, axilas, cabeça e pelos se *rapam*. O que se *raspa* é taco, parede, porta, janelas e até bilhete de loteria.

Lembre-se das palavras de Deus a Moisés: *Os sacerdotes não* raparão *as cabeças, nem as barbas, e não farão golpes no seu corpo*.

A uma ordem de tamanha magnitude, obedece-se!

quinta e "sexta-feiras"

Não, não deve haver variação neste caso, porque *feira* não é adjetivo. Portanto, usaremos sem nenhum problema: *O comércio estará fechado na quinta e sexta-***feira**. *** *Não haverá aula na segunda e terça-***feira**.

gás lacrimogêneo

É o nome do gás, e não "lacrimogên**i**o", cacografia que recebeu nítida influência de *gênio*. Mas... que tem a ver *lacrimogêneo* com *gênio*? Nada. O povo, contudo, sempre vê alguma coisinha em tudo...

Não só o povo; alguns jornalistas também. Eis como se leu num jornal, recentemente: *Em meio ao gás "lacrimogênio", opositores, situacionistas,*

policiais militares e a Guarda Nacional se misturam numa batalha campal nas ruas da capital da Venezuela.

A luta continua...

Cheguei agora "do" Guarujá

É assim que se ouve sempre. Mas nomes de cidade rejeitam o uso do artigo. Note que todos empregamos assim: *Cheguei agora* **de** *Campinas,* **de** *Santa Bárbara d'Oeste,* **de** *Santos,* **de** *Jaú,* **de** *Bauru,* **de** *Franca,* etc., sempre sem o artigo. Portanto, também: *Cheguei agora* **de** *Guarujá, voltei* **de** *Guarujá, estou* **em** *Guarujá, não conheço Guarujá.*

Existe atualmente uma certa febre, na mídia brasileira, de usar o artigo não só antes dos nomes de cidade (*"o" Jaú, "o" Bauru, "a" Franca,* etc.), mas agora também com nomes de Estado que não exigem essa classe de palavras. Então, ouve-se: *"o" Pernambuco, "o" Goiás; cheguei agora "do" Sergipe; estou "no" Pernambuco, já voltei "do" Goiás.*

Veja o que saiu numa folha paulistana: *Avião da FAB some em voo "no PE".*

Dias depois, no mesmo jornal, apareceu esta manchete: **Tornado "no" Chipre deixa 30 feridos**.

Dias depois, no mesmo jornal: *Portuguesa contrata jogador que estava "no" Chipre.*

Agora, num tradicional jornal paulistano, em manchete: **MST realiza sete ocupações "no" PE**.

Essa gente não se cansa mesmo de inventar.

Outro dia, a apresentadora do jornal *Hoje*, da Rede Globo, anunciou: *Hoje, na viagem pelo Brasil, vamos levá-lo "ao" Sergipe*. (Quem aceitou a viagem, naturalmente, se deu mal...)

Nessa baderna toda, quem acaba se machucando são os que se orientam pelos tais manuais de redação, que são, sem dúvida, uma parafernália!... Eles mandam usar artigos onde não há nenhuma necessidade e mandam retirá-los quando são absolutamente necessários, como em manchetes deste tipo: **Brasil e Argentina assinam acordo de cooperação**, em vez de: **O** *Brasil e* **a** *Argentina assinam acordo de cooperação.*

Ou seja, esses manuais de redação são um festival de invenções, que só podem sair mesmo de cabecinhas altamente privilegiadas...

Sergipe (de novo)

O futebol brasileiro é dos melhores do mundo, e disso ninguém duvida. Mas... e o jornalismo esportivo brasileiro? É, também sem dúvida, um dos piores do mundo. A cada rodada, os homens do esporte inventam uma. A imaginação deles é extraordinariamente fértil! Recentemente, durante um jogo do campeonato brasileiro de futebol, o narrador disse (várias vezes): *Amanhã, não percam: decisão da Série C do campeonato brasileiro. O Guarani de Campinas enfrenta o Confiança, "do" Sergipe.*

Que beleza!... É o mesmo narrador que costuma fazer gracinhas totalmente sem graça durante as partidas, que quase sempre terminam com esta frase dele, numa outra asneira: *Teremos três minutos de "acréscimos".*

Que beleza!...

Autor de uma frase como essa mostra que não tem noção da própria língua, não conhece absolutamente nada sobre a estrutura da língua. Mas recebe, como recompensa a tamanhos dislates, altíssimo salário. Esse é o Brasil de hoje.

Para encerrar, veja ainda esta manchete de um jornal: **Redes de arrasto podem ter ocasionado mortes de golfinhos**
"no" Sergipe.

Voltem à escola, senhores: seus aprendizados estão incompletos! Não continuem a fazer vítimas!

mulheres alemãs e crianças catalãs

Perfeito. *Alemão* faz no plural *alemães*; *alemã* faz no plural *alemãs*; *catalão* faz no plural *catalães;* no feminino, *catalãs*. Aliás, todas as palavras terminadas em *-ã* fazem o plural mediante o acréscimo de *-s*: *fã, fãs; romã, romãs; amanhã, amanhãs, etc*.

De um jornalista, porém, saiu isto: *Depois de uma guerra nuclear, não haverá "amanhães"*. Ou seja, para esse jornalista, existe *"amanhão"*, e não *amanhã*.

É brincadeira?

eclampsia

É a prosódia registrada pelos bons dicionários e a única vista nos

dicionários portugueses. O VOLP também registra *eclâmpsia*, mas convém que se diga: trata-se de prosódia meramente popular. Um jornal, entre uma forma gramatical e outra, popular, deve escolher qual? Naturalmente, a gramatical. Mas o jornalismo brasileiro, maravilhoso, opta sempre pelo "surreal".

Numa de nossas revistas semanais de informação se leu recentemente: **Diagnóstico da pré**-eclâmpsia **com exame de sangue**. *As grávidas podem saber se correm risco de entrar em*
*pré-***eclâmpsia** *muito antes dos sintomas aparecerem, apenas com uma amostra de sangue.*

Deus – "nEle"

Em referência a Deus, grafa-se com inicial maiúscula o pronome ou a contração: *Creio muito em Deus e espero que* **E***le sempre esteja comigo. *** Acredito em Deus e confio* **N***ele. *** Acredito em Deus e quero estar sempre junto* **D***ele.*

Há muitos, no entanto, que usam "nEle", "dEle", etc.

visar / aspirar

São verbos que exigem a presença da preposição **a**, no sentido de *pretender, objetivar*: *visar* ou *aspirar* **a** *um cargo, visar* ou *aspirar* **a** *um prêmio, visar* ou *aspirar* **a** *uma boa carreira, visar* ou *aspirar* **a** *um diploma, visar* ou *aspirar* **à** *presidência da República.*

Ambos os verbos podem (note: *podem*) dispensar a preposição, se vêm antecedidos de infinitivo. Portanto: *ele visa* (ou *aspira*) *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) *eleger-se no primeiro turno.*

Os que primam pelo rigor, no entanto, preferem construir: *ele visa* (ou *aspira*) **a** *conquistar esse cargo; ele visava* (ou *aspirava*) **a** *eleger-se no primeiro turno.*

Na mídia se vê, porém: *Nas emissoras de televisão não há nenhuma preocupação com programas que visem "o" desenvolvimento da criança, como programas de cunho educativo. *** O treinador não conseguiu fazer o treino, visando "o" amistoso marcado para quarta.*

Acho que estamos precisando criar urgentemente um programa que **vise**

ao melhor desempenho profissional de alguns jornalistas. Para, enfim, eles merecerem o que percebem mensalmente.

ver / vir

Cuidado ao usar tais verbos! O problema maior com o primeiro se dá no futuro do subjuntivo. Muitos usam *"se eu ver"*, que não existe. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é este: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem* (que muitos pensam ser do verbo *vir*). Portanto: *Se eu* **vir** *Juçara, darei o seu recado. *** Quem* **vir** *meus filhos por aí, por favor, avise-me! *** Na hora que eu* **vir** *Selma, vou arrancar-lhe os cabelos! *** Não vou descansar, enquanto não* **vir** *esse caso resolvido. *** Aquele que* **vir** *a Deus e continuar ateu, não terá salvação.*

O futuro do subjuntivo do verbo *vir* é: *vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.* Eis frases com tais formas: *Se eu* **vier** *aqui amanhã, falarei com vocês. *** Quem* **vier** *mais cedo será recompensado. *** Quando eu* **vier** *aqui novamente, tudo será diferente. *** Na hora que eu* **vier** *a Salvador, resolverei esse caso. *** Aquele que* **vier** *a Deus e não O vir, não merecerá salvação.*

Só por mera curiosidade, eis como aparece nos jornais: *Quem passar pela Avenida Ribeiro Dantas, em Bonsucesso, e "ver" o rosto do Cristo Redentor...*

Isso me faz lembrar aquela frase de para-choque de caminhão: *Se você me "ver" abraçado com mulher feia, separe, que é briga!*

Ano 2011.° da era cristã: como escrever por extenso?

Assim: *ano* **segundo milésimo décimo primeiro** (ou **segundo milésimo undécimo**) *da era cristã.*

Suponhamos, agora, que você tenha sido o *3001.º* colocado num concurso. Escreverá, então: *Fui o* **terceiro milésimo primeiro** *colocado no concurso.*

Suponhamos, ainda, que alguém seja a *5.232.ª* pessoa de uma fila. Dirá, então, um tanto desanimado, naturalmente: *Sou a* **quinta milésima ducentésima trigésima segunda** *pessoa da fila!*

os democrata-cristãos

É o plural de *democrata-cristão*. Quando um composto é formado de dois adjetivos, só o último varia: *social-democratas, nacional--socialistas, social-liberais, marxista-leninistas, policial-militares, liberal-progressistas*, etc.

Numa revista semanal de informação, porém, apareceu: *Segundo a pesquisa, os "sociais-democratas" receberiam 40% dos votos contra 38% dos "democratas-cristãos".*

Escreve outro velho jornalista: *Os "sociais-democratas" do Nordeste, Norte e Sul estão rejeitando a dobradinha café com leite (Serra-Aécio).*

A língua também rejeita isso.

No principal jornal baiano, vimos esta manchete: **"Democratas--cristãos" deixam o governo de Berlusconi**.

Assim, não há cristão que aguente!

"aparição" do Papa no terraço da basílica

Os jornalistas brasileiros insistem em confundir *aparição* com *aparecimento*. A primeira só se usa com seres sobrenaturais e com fenômenos; a segunda é que se aplica aos demais casos. Assim, temos: *a* **aparição** *da Virgem, a* **aparição** *de um fantasma, de uma alma, a* **aparição** *do Sol, de um cometa*, etc.

Mas: *o* **aparecimento** *do papa no terraço da basílica, o* **apa-recimento** *do governador para falar com um sequestrador*, *o* **aparecimento** *do candidato para as câmaras de televisão,* etc.

Eis, porém, como se viu escrito numa de nossas revistas semanais de informação: *O senador faz "aparições" certas nos três noticiários diários*.

O jornalista não soube informar, porém, quando foi que o senador virou fantasma ou qualquer outro ser sobrenatural...

retreta (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **e** tônico fechado: *retrêta*. Tem estas acepções: **1.** Formatura de soldados ao fim do dia, para verificação de ausências. **2.** Concerto popular de uma banda em praça pública.

"Anexo" segue a foto

Anexo não é advérbio (palavra invariável), mas adjetivo (palavra

variável). Como o adjetivo toma sempre o gênero e o número do substantivo modificado, temos: *Anexas seguem as fotos. *** Anexos seguem os recibos. *** Anexa segue a nota fiscal. *** Anexos envio os documentos.*

Eis outro exemplo de emprego inadequado da palavra: *"Anexo" à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Vemos aí *anexo* novamente como advérbio. A frase legítima é: **Anexa** *à presente envio-lhe a nota fiscal.*

Apenso se usa rigorosamente como *anexo*.

Convém, contudo, não confundir *anexo* com *incluso* (= o que está dentro, o que está contido; ou seja, equivale a *incluído*).

Anexo é o que está junto, ligado, unido. Repare nestes exemplos: *Já está* **inclusa** *na conta* **a comissão** *do garçom. *** Seguem* **anexas as novas listas** *de preços.*

"em anexo"

Os que sentiam uma natural dificuldade no emprego de *anexo* como adjetivo resolveram encontrar uma saída (pouco honrosa) para o problema: criaram a locução "em anexo", que, como locução, não sofre variação nunca. Ora, "em anexo" equivale rigorosamente a "em junto". Quem enviaria *"em junto"* sua foto?

Pamela

Este é um nome anglo-saxão, com tonicidade na antepenúltima sílaba.

Em inglês, como se sabe, não existem acentos gráficos; sendo assim, *Pamela* não poderia mesmo trazer acento. Se esse mesmo nome for usado em português, no entanto, deveremos grafar com acento, *Pâmela*, porque todo nome proparoxítono em nossa língua tem acento. Mesmo que não haja acento no registro civil da pessoa com esse nome, a pronúncia deverá ser a mesma: *Pâ-mela*. Notem que se num registro civil o nome estiver *Estevão*, sem acento, nem por isso pronunciaremos "Este**vão**", mas sim Es**tê**vão. Se no registro civil de uma pessoa constar *Monica*, sem acento, nem por isso a chamaremos "Mo**ni**ca". Isso me parece tão lógico, que nem seria necessário comentar.

Mas por que, afinal, tratar desse assunto? É que a Globo tem ou tinha uma

correspondente em Londres de nome *Pamela Valente*, a que todos os apresentadores chamam “Paméla” Valente.

“Este**vão**”, onde está o “Este**vão**”?…

“Mo**ni**ca”, onde está você, “Mo**ni**ca”?…

perder feio

Quem lê jornais no Brasil está condenado. Condenado a desaprender. Veja este trecho de um jornalista de Brasília, que tem mais anos de jornal que o monte Everest tem de existência e ainda não aprendeu: *Dona Marta faz o dia seguinte ficar pior do que a véspera. Perdeu “feia” a disputa pela prefeitura paulistana, deveria tirar lições da derrota, como a de que não se faz campanha com base na presunção. Pois não é que em vez de ficar quieta, curtindo a experiência para aplicá-la em outras eleições, a candidata acaba de entrar na Justiça pedindo a cassação da vitória de Gilberto Kassab?*

Perdeu “feia”? Que **feio**!…

“lapizão” de cera

O aumentativo de *lápis* — qualquer criança sabe — é *lapisão*, mas uma fábrica de lápis de cera achou de estampar na caixa do seu produto, em letras enormes: *“Lapizão” de cera*. Não tenho visto o referido produto: ou acabou, ou mudaram o nome. Se acabou, mereceu; se mudaram o nome, fizeram-no a tempo.

creme dental com “micro-partícula”

Há uma empresa que anda divulgando aos quatro cantos do mundo que acabou descobrindo isso aí. Se tivessem feito propaganda de um produto com *micropartícula*, talvez fossem levados mais a sério.

O elemento *micro-* não se liga a nenhuma palavra mediante hífen, exceto em *micro*-habitat.

As vendas do comércio caíram “em” 30%

O verbo *cair*, assim como *aumentar* e *diminuir*, não admite “em”, nesta

frase e semelhantes: *As vendas do comércio* **caíram** *30%. *** As vendas de veículos* **caíram** *10%. *** As vendas de chuchus aumentaram 50%. *** A inflação* **diminuiu** *8% este ano.*

Nos jornais, porém, sai diferente: *Conjunto de opcionais pode aumentar o preço de um carro "em" mais de 20%. *** O movimento de compensação de cheques em Salvador caiu "em" cerca de 30%.*

A paciência de alguns já caiu 100%.

irascível

Como facilmente se percebe, este adjetivo tem nas duas primeiras sílabas *ira*, e não "irra". Pronuncia-se, portanto, **iracível**, e não "irracível".

Certa vez, porém, durante a transmissão de um jogo de futebol, o narrador perguntou ao comentarista de plantão, aliás, sofrível como sempre: *Lédio, você acha que Escudero é um bom reforço para o Corinthians?*

A resposta: *Acho bom, embora ele seja um pouco "irracível".*

Só faltou dizer "seje"...

puro-sangue / pele-vermelha / cara-pálida / pronto-socorro

São substantivos compostos formados por adjetivos e substantivos, elementos que variam normalmente no plural: *puros-sangues, peles-vermelhas, caras-pálidas* e *prontos-socorros* (có).

Nos jornais, vê-se tudo diferente: *Criar cavalos "puro-sangue" é um negócio milionário. *** A miséria é intercalada com publicidade de jatos particulares e cavalos "puro-sangue". *** Gerônimo, líder dos "pele-vermelha". *** Com a greve dos médicos, a população passou a procurar os "pronto-socorros" da Prefeitura.*

Leia jornais, amigo! Leia! A vida fica sempre mais difícil
lendo-os...

lotação

Pode ser palavra feminina ou masculina, com significados diferentes.

A lotação é a capacidade de veículos coletivos, elevadores, salas de espetáculo, estádios, etc.: **a lotação** *do ônibus é de 40 passageiros.*

O lotação é redução de *autolotação*, ou seja, qualquer veículo coletivo (carro, perua, ônibus, etc.) que transporta passageiros de um ponto a outro da cidade, com maior rapidez e preços maiores que os coletivos de linha regular, saindo do ponto de origem somente quando se completa a sua capacidade de transporte. Assim, usaremos: O *motorista d***o lotação** *estava nervoso, porque o prefeito o proibiu de trabalhar. Há muit***o***s* **lotações** *clandestin***o***s na cidade.*

Num telejornal, porém, o apresentador disse um pouco diferente da realidade: *A população paulistana voltou hoje a se apertar "nas" lotações, por causa da greve dos ônibus*.

Vejam telejornais, amigos! Vejam! A vida fica sempre mais difícil vendo-os...

é para a frente que se anda

Perfeito. Há muita gente que deseja andar *para trás*, quando escreve: *É "para frente" que se anda*, isto é, sem o devido uso do artigo antes da palavra *frente*. Note que em situação antônima (com o uso de *atrás*), o artigo não aparece.

Antigamente, ficou famosa uma frase entre nós: *O Brasil é um país que vai pra frente*. Está correta. Por quê? Porque aí houve a contração de *para a* em *pra*. Aliás, não eram poucos os que diziam: *O Brasil é um país que vai "pa" frente*.

A verdade é que, com *pra* ou com "pa", o país ainda não foi. Irá?

"semi-final" / "semi-novos"

O prefixo *semi-* só exige hífen antes de palavras iniciadas por **i** (*semi-***i***nterno*) ou por **h** (*semi-***h***orda*). Em qualquer outro caso, não deve aparecer o hífen.

O jornalismo esportivo, no entanto, quer diferente. Veja como um dos seus membros escreveu: *O Peixe obtém um bom resultado na Cidade do México. Precisa de uma vitória simples na Vila para ir à "semi-final"*.

Chega a ser inacreditável que ainda haja jornalistas que escrevam "semi-final", assim como inacreditável é ter, no século 21, revendedoras de automóveis que vendem "semi-novos".

movimento “ético-moral” na política

Trata-se de uma redundância: o grego *ethike* corresponde ao latim *morale*. Sendo assim, *ética* e *moral* são rigorosamente sinônimos. Daí por que não existe nada (sério, pelo menos) que seja *“ético-moral”* ou *“ético e moral”,* tão a gosto de certos políticos brasileiros. *Essa é uma questão de ética e sobretudo de moral*: essa foi uma frase de conhecido político brasileiro, que, ao chegar à presidência da República, esqueceu tudo...

antítese

Certa vez me perguntaram o que vem a ser *antítese*. Não foi difícil dar a explicação, por isso vou repeti-la aqui: *antítese* é o oposto, o contrário (p. ex.: *bem/mal, amor/ódio*) e, como figura de linguagem, é aquela que opõe, numa mesma frase, palavras, expressões ou pensamentos contrários. Por exemplo: *Toda* **guerra** *finaliza por onde deveria ter começado: a* **paz**. (Jules Barthélemy Saint-Hilaire.) Ainda: *Do* **riso** *se fez o* **pranto**. (Vinícius de Morais.) Foi muito utilizada no Barroco.

Mas por que exatamente fui me lembrar dessa pergunta que me fizeram há muito, muito tempo? Por causa de um estudante que participou do ENEM, ao escrever isto: *O serumano no mesmo tempo que constrói também destrói, pois nos temos que nos unir para realizarmos parcerias juntos.*

O caro leitor estará disposto a realizar uma parceria com um “serumano” desse tipo? O curioso é que a antítese do *ser humano* não precisou nem ser citada...

O cúmulo da antítese, no entanto, ainda estava por ser criada. E é de um outro estudante participante do ENEM, que escreveu: *Vamos deixar de sermos egoístas e pensarmos um pouco mais em nós mesmos.*

Note que ele se esforçou por criar uma antítese, mas seu espírito não o deixou trair-se...

A medida tornou “inelegível” vários candidatos

A palavra *inelegível* está modificando um termo no plural (candidatos); portanto: *A medida tornou* **inelegíveis** *vários candidatos.*

Eis outros exemplos: *Faço* **minhas** *as suas palavras. *** Deixaram* **esburacadas** *as estradas federais. *** É preciso tornar novamente*

agradáveis *as noites paulistanas.* *** *O voto eletrônico tornou* **impossíveis** *as fraudes.* *** *Convém tornar* **úteis** *os deficientes físicos.*

Nos jornais – claro – se vê tudo diferente: *O IBGE só considera como "desempregado" aqueles que procuraram emprego nos 30 dias anteriores à consulta.* *** *O governo vai divulgar nova tabela do IPI de modo a tornar "compatível" as alíquotas brasileiras "às" cobradas pelos seus parceiros do Mercosul.*

No lugar de "compatível" deveria estar *compatíveis*; no lugar de "às", *com*, que é a verdadeira preposição pedida por *compatível.*

Como se vê, o fantástico jornalismo brasileiro continua evoluindo...

plantel de jogadores

Plantel é palavra que se usa com propriedade em alusão a atletas de primeira linha, a craques. Assim, o Flamengo tem o seu *plantel*, o Palmeiras tem o seu *plantel*, o Cruzeiro, o Atlético Mineiro, o Grêmio, o Inter, etc.

A *Folha de S. Paulo*, todavia, publica em seu manual de redação exatamente o inverso, ou seja, condena o emprego da palavra *plantel* em referência a jogadores de futebol. Assim como muitos jornalistas esportivos, inventou. Para ser bem verdadeiro, sem medo de errar, esses manuais de redação são, de fato, umas gracinhas sem graça nenhuma.

"estupideza" sem "tamanha"

Veja que interessante, caro leitor: *estupideza*, até ontem, era um barbarismo dos mais cabeludos. Eis senão quando aparece a 5.ª edição do VOLP e registra essa forma, assim como registra *malcriadeza*, que também era, até ontem, uma aberração gráfica. Por isso tudo, estou preparando desde já o meu espírito para ver, numa das próximas edições do VOLP, também "menas", "mendingo", "questã", "mortandela", "impecílio" e ainda outros absurdos. É só uma questão de tempo.

Os que variam o pronome *tamanho*, quando faz parte da expressão *sem tamanho* (= enorme, grandioso) demonstram desconhecer os princípios mais elementares da língua portuguesa.

Conhecido jornalista esportivo, tido pelos colegas como profundo conhecedor da língua, notável pelas asnices que comete, certa feita soltou isto: *Eurico Miranda é de uma desfaçatez sem "tamanha"!*

Ao ouvir a desfaçatez, acabei eu próprio ficando com uma cara *sem tamanho*! Não por acaso já lhe chamam Juquinha Kfuro.

Com mérito.

engajado / alistado / integrado / reintegrado

Usam-se de preferência com a preposição **em**, assim como todas as palavras da mesma família, além de *condução* e *recondução*: *estar* **engajado n***um movimento,* **n***uma candidatura; estar* **alistado n***o Exército; já estar* **integrado n***o plantel; ser* **reintegrado n***as funções;* **engajar-se n***a luta; o* **alistamento n***o Exército;* **integrar-se n***o grupo; a* **condução** (ou **recondução**) *do funcionário* **n***o cargo se deu por mandado judicial.*

Os jornalistas brasileiros preferem o emprego da preposição "a": *Há dentro do próprio Palácio do Planalto uma corrente não engajada* "a" *candidatura oficial. *** O jogador já foi reintegrado "ao" elenco do Corinthians.*

Declara uma professora de Psicologia da Educação, na revista *Veja*: *Se o indivíduo não consegue se integrar "a" uma sociedade, tenta destruí-la*.

Sem dúvida...

Não estou hoje "nos" meus melhores dias

Quando alguém se levanta visivelmente mal-humorado, pode dizer que não se levantou *num dos seus melhores dias*, mas não "nos seus melhores dias".

Como estou hoje *num dos meus melhores dias*, posso ainda continuar explicando: uma pessoa que dança, depois de longo tempo de inatividade, pode dizer a seu par: *Estou como nos meus melhores dias.* Agora, sim, podemos usar a expressão toda no plural, porque se trata de uma comparação: entre os tempos antigos e os atuais.

Dersa

Sigla de *Desenvolvimento Rodoviário S.A.* Como as siglas são do mesmo

gênero da primeira palavra que as formam, *Dersa* é **o**, e não “a”. Não importa que seja empresa. O SBT também é empresa e é **o**, porque é **Sistema** *Brasileiro de Televisão*.

Apesar da evidência, os jornalistas brasileiros continuam usando “a” Dersa. Normal. A gente entende (mas não perdoa)...

Os jornalistas da *Veja* se emendaram por um tempo, escrevendo corretamente: **o** Dersa. De repente, porém, a recaída: novamente na revista só se lê “a” Dersa. A gente sempre entende...

Os sabonetes custaram R$ 5,00 “cada”

O pronome *cada* é sempre adjetivo, por isso não se usa isoladamente. Portanto: *cada pessoa, cada sabonete, cada um*, etc.: *Os sabonetes custaram R$ 5,00* **cada um**.

Num dicionário, distribuído oficialmente nas escolas, aprovado pelo MEC, encontrou-se esta definição de basquete: *Jogo disputado entre duas equipes de cinco pessoas em dois tempos de vinte minutos “cada”.*

Quem são as vítimas? As nossas crianças, naturalmente.

cheirar

Na acepção de *ter ou exalar cheiro*, este verbo se usa sempre com **a** (é transitivo indireto): *Suas mãos* **cheiram a** *perfume.* *** *Sua camisa está* **cheirando a** *cigarro.*

Pode significar também *ter semelhança com*: *Isso* **cheira a** *malandragem.* *** *Isso está* **cheirando a** *golpe.*

Um jornalista, âncora de telejornal, já disse isto, entre outras coisas censuráveis: *O desfecho desse escândalo está “cheirando* pizza*” com sobremesa de marmelada. ISSO É uma ver-go-nha!*

O Brasil de hoje está cheio de muitas vergonhas.

o mesmo

É vicioso o emprego de “o mesmo” em substituição a pronomes.

Repare nestas frases: *A polícia foi atrás do bandido, mas* **ele** *conseguiu fugir*. (E não: *A polícia foi atrás do bandido, mas “o mesmo” conseguiu fugir*.) *** *Compraram o livro e não* **o** *levaram*. (E não: *Compraram o livro e*

não levaram "o mesmo".) *** *A inauguração do cinema se deu ontem;* **a ela** *compareceram várias autoridades.* (E não: *A inauguração do cinema se deu ontem; "à mesma" compareceram várias autoridades.*) *** *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel,* **que** *não quiseram dar entrevistas sobre* **ele**. (E não: *O fenômeno foi visto por Luísa e Manuel, e "os mesmos" não quiseram dar entrevistas sobre "o mesmo".*)

Nos jornais, tudo é o mesmo: *Haverá maneira de se consumirem frutas e hortaliças sem que "as mesmas" percam as suas propriedades nutritivas? *** O signo de Touro é justamente o que exalta os valores materiais, ou a preservação "dos mesmos". *** De fato, foi uma grande ideia promover esta Feira de Artesanato, mas é preciso que "a mesma" seja trabalhada de maneira profissional.*

Como se vê, a imprensa continua a mesma...

Agora, num dicionário (aquele): **Rapto consensual.** *Crime que consiste em raptar mulher maior de 14 e menor de 21 anos, com o consentimento "da mesma".*

dizer "em" alto e bom som

É preferível usar *alto e bom som* (sem a preposição "em"): *O pai disse alto e bom som: neste mês você não vai ter mesada! *** O ganso é uma boa ave de guarda: ele tem bons ouvidos e emite alto e bom som o seu alarme, ao perceber alguma anormalidade. *** Ela repetiu alto e bom som: Não quero mais nada contigo!*

Os jornalistas, no entanto, preferem usar a preposição: *O governador disse "em" alto e bom som que seu sucessor irá tungar os servidores, mudando a data de pagamento do funcionalismo e deixando de antecipar o 13.º salário.*

Um dicionário (aquele), todavia, registra a expressão também com a preposição. Não me surpreende. No Brasil, a gente está acostumado a ser tungado...

Desesperado, ele "começou chorar"

Antes de infinitivo, *começar* não dispensa a preposição: *Desesperado, ele começou* **a** *chorar. *** É preciso começar* **a** *pensar no futuro. *** Quando você começará* **a** *ter juízo? *** Em que século os jornalistas brasileiros vão*

começar **a** *escrever melhor?*

Além de *começar*, também *aprender* exige a preposição **a**: *aprender* **a** *nadar, aprender* **a** *dirigir, aprender* **a** *viver*.

Abramos os jornais. Neles se veem conselhos marotos. Como este: *"Aprenda cuidar" dos pés*.

Não estaria na hora de também aprender **a** cuidar da língua?

Curioso é que no mesmo jornal, no mesmo dia, apareceu ainda isto: *Veja o que "vai acontecerá" hoje nas novelas*.

"Foi aconteceu" o quê?... Hem! Hem!

"Viva" os brasileiros!

Embora todo o mundo use *viva* como se fosse uma interjeição, trata-se de um verbo, sujeito, portanto, a variações.

Salve! é que é interjeição e não varia nunca. Se o sujeito do verbo *viver*, em frases assim, estiver no plural, o verbo deverá, naturalmente, acompanhá-lo. Portanto: **Vivam** *os brasileiros! **** **Vivam** *os noivos! **** **Vivamos** *nós, brasileiros! **** **Viva** *eu! **** **Viva** *ela! **** **Vivam** *as férias! **** **Vivam** *os políticos brasileiros!*

Recentemente, uma revista de moda lançou publicidade com esta frase: *"Viva" os novos tempos!*

Como os velhos ainda não morreram, que **vivam** os velhos e os novos tempos!

um doze "avos"

A palavra *avo,* que só se usa com denominadores acima de dez, concorda com o numerador. Portanto, **1**/*12* se lê **um** *doze* **avo, 2**/*12* se lê **dois** doze **avos**.

Há um dicionário que "ensina" diferente: que devemos sempre usar "avos". Não. Talvez por causa desse "ensinamento", escreveu certa vez uma jornalista: *O TGV, trem francês que desenvolve 270km/h, poderá fazer a ligação entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Sozinho, hoje, o projeto custaria cerca de 3 bilhões de dólares — exatamente um 75 "avos" da dívida externa brasileira.*

Estamos bem de dicionários?

rostro (como se pronuncia?)

Pronuncia-se com **o** tônico aberto: *róstro*. Tem estas acepções: **1.** Bico das aves. **2.** Focinho de animais aquáticos **3.** Remate de proa de um navio. Está claro: não se confunde com *rosto*, cujo **o** tônico é fechado.

sósia

O *Vocabulário Ortográfico* mudou este nome de substantivo masculino (e sobrecomum) para substantivo comum de dois. Mas não é assim em nenhuma língua latina. Alguém anda se achando o dono do idioma, só pode ser.

Quando eu “pôr” a mão naquele dinheiro...

O futuro do subjuntivo do verbo *pôr* é *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.* Todos os seus derivados, que são muitos, conjugam-se por ele: *apor, compor, depor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, sobrepor, supor, transpor*, etc.

Numa revista masculina, porém, um jornalista nos declara, escrevendo, que não aprendeu nada disso. Veja: *Às vésperas da eleição presidencial, o episódio apressou mudanças. Estava claro, então, que um novo elemento se “sobrepora” à tradicional divisão entre republicanos e democratas.*

“Sobrepora”, em vez de *sobrepusera*, é de dividir não só republicanos e democratas...

Lurdes é da mesma idade que “eu”

Nas comparações, é comum estar subentendido termo ou termos já anteriormente mencionados, mas na frase apresentada não há nexo sintático entre “eu” e outro termo anterior. Portanto, convém comparar assim: *Lurdes é da mesma idade que* **a minha**. (Isto é: Lurdes é da mesma idade que a minha **idade**.) *** *Hersílio é do mesmo time que* **o meu**. (Isto é: Hersílio é do mesmo time que o meu **time**.) [E não: *Hersílio é do mesmo time que “eu”*.]

adido

Adido é funcionário auxiliar de uma embaixada, sem pertencer ao quadro diplomático nem estar subordinado a chefes, que trabalha numa repartição em tarefas bem-definidas ou específicas. O feminino é *adida*. Rege **a**: *Visitei um* **adido à** *embaixada brasileira em Paris. *** Hersílio é o novo* **adido a** *imprensa*. (Atenção: esse **a** é mera preposição, por isso não tem acento grave.)

Alguns jornalistas ainda escrevem: *A "adido" cultural "da" embaixada brasileira explicou que...*, ou seja, dois erros em cinco palavras.

Esta apareceu numa revista: *João Mota Pinto, adido comercial "da" embaixada de Portugal em Brasília, escreveu para a redação lembrando que seu país recebe 12,2 milhões de turistas por ano*.

madrilenho

Quem nasce em Madri, capital da Espanha, até ontem, era apenas *madrileno* (todos os dicionários só registravam esta forma). Eis senão quando, aparece a 5.ª edição do VOLP e com ela o registro também da forma *madrilenho*, cacográfica até há pouco tempo. Fica difícil entender como uma palavra pode ser errônea ontem e correta hoje. Outro exemplo é *somatória*. Até ontem esta forma era cacográfica; a palavra correta era apenas *somatório*. Aparece o VOLP e, como num passe de mágica, o que era ruim passa a ser bom. A mágica deixou de ser uma arte, para se transformar numa ciência... Alguém anda se achando o dono da língua, só pode ser.

Cheguei "às" dez para a meia-noite

É um erro generalizado entre nós, brasileiros. Ora, se *dez* se refere a **minutos** (que é palavra masculina), não tem cabimento chegar *"às" dez para a meia-noite*, mas sim **aos** *dez para a meia-noite*, ou seja, **aos** *dez* **minutos** *para a meia-noite*.

Acostumemos as orelhas: *O telejornal, naquela época, começava* **aos** *cinco para as oito. *** Eles retornaram* **aos** *vinte para a uma*. *** *A reunião começará* **aos** *quinze para as nove. *** O ônibus saiu* **aos** *dois para as seis.*

Os jornalistas e apresentadores de programas pela televisão usam assim? Que esperança!...

Eu nunca faria uma coisa “dessa”

Nem eu: depois da expressão **um... de** ou **uma... de**, usa-se o pronome demonstrativo no plural. Portanto: *Eu nunca faria* **uma** *coisa* **d***essas*, que equivale a *Eu nunca faria uma coisa dessas* **coisas**. Poucos usam corretamente. Jornalistas e apresentadores de televisão? Que esperança!

Outros exemplos, todos corretos: *Fizemos* **um** *esforço* **d***aqueles e nada conseguimos*. *** **Um** *país* **d***estes não pode passar por tantas crises*. *** *Depois de* **um** *esforço* **d***esses, vocês nada conseguiram?!*

“de” grátis

As pessoas, quando querem fazer graça, oferecem alguma coisa *“de” grátis*. Sabem que não existe nada *“de” grátis* neste mundo, ao menos neste mundo que (ainda) não é dos extraterrestres...

Quando alguma pessoa ou alguma empresa oferece algo sem necessidade de dar dinheiro ou qualquer tipo de serviço em troca, elas estão, na verdade, oferecendo algo *gratuitamente* ou, então, *de graça*. Ou, ainda, apenas *grátis*. Quem usa um “de” antes desta última palavra está querendo, naturalmente, fazer gozação.

“corinthiano”

Os torcedores do Corinthians levam ao estádio grandes bandeiras do seu time e nelas não raro se vê a grafia “corinthiano”, errada. Os verdadeiros torcedores do Corinthians sabem que são *corintianos*. Os outros são alviverdes enrustidos...

2

Dúvidas Comuns em Perguntas e Respostas

1. Nas datas com números, devemos usar hífen (10-11-1998) ou barra (10/11/1998)?

R) Tanto o hífen quanto a barra são sinais corretos nesse caso, mas ultimamente se tem visto mais o emprego das barras. O que não se recomenda é o uso do ponto (10.11.1998), que é justamente como aparece num conhecido e velho dicionário (no verbete **sem-teto**, pág. 1.835).

2. Devemos usar ponto separativo, quando escrevemos números que indicam quantias?

R) Devemos: R$5.800,00, R$15.500,00, R$3.441.994,20, etc. Repare que é a vírgula que separa a parte inteira da parte decimal. O ponto não deve substituir a vírgula nesse caso, como se faz em inglês. A indústria automotiva, no entanto, só lança veículos 1.0, 1.4, 1.6, 1.8, 2.0, 2.2, etc., rigorosamente como fazem os povos de língua inglesa. Como se vê, nem tudo o que é bom pra eles é bom pra nós...

3. Os números comuns devem trazer ponto?

R) A parte inteira de todos os números vem separada por ponto, em classe de três algarismos, da direita para a esquerda: 14.150, 86.947, 7.133.488, Lei 5.692, Decreto-Lei 4.112, etc. Podemos, ainda, deixar um espaço no lugar do ponto. Assim: 14 150, 86 947, 7 133 488, Lei 5 692, Decreto-Lei 4 112, etc. Mas essa prática favorece uma natural vocação humana: a fraude. Daí por que convém não esquecer o ponto. Vale lembrar, ainda, que os números que identificam os anos ficam de fora, ou seja, não devem ter ponto nem intervalo: 1500, 1822, 2007, etc.

4. O código de endereçamento postal (CEP) deve ter ponto?

R) Não, não deve. Ao preenchermos um envelope, usaremos sempre assim:

01330-000, 60110-141, etc., sem ponto nem espaço.

5. Qual a abreviação correta de *Sociedade Anônima*: S.A. ou S/A?

R) Ambos os modos de proceder são bons. Num Manual de Redação e Estilo, de tradicional jornal paulistano, no entanto, seu autor, sem explicar a razão, condena o uso de barra nessa abreviatura. Interessante: nunca soubemos disso...

6. É correta a expressão *ao vivo e "a" cores*?

R) Essa expressão começa bem e termina mal. Que tudo seja *ao vivo*, mas que seja também **em** *cores*. Todo o mundo já sabe que não existe a *televisão "a" cores*, mas apenas a *televisão* **em** *cores*. Mas muitos continuam usando *"a" cores* nessa expressão, como nesta frase, dita por alguém que retornava de muito longe: *Eis-me aqui de volta, ao vivo e "a" cores*. Não seria o caso de lhe darmos pêsames, em vez de boas-vindas?...

7. A frase *"Vem pra Caixa você também"*, da Caixa Econômica Federal, é boa?

R) Não, não é: *vem* é forma da segunda pessoa (**vem** tu, vinde vós), e *você* é pronome de tratamento da terceira pessoa. A mistura de tratamento numa mesma frase sempre foi condenada, em qualquer língua. Não tem sentido uma empresa do governo prestar desserviço à educação.

8. Qual o correto: *o lambri* ou *o "lambris"*?

R) Existem duas formas corretas: *lambri* e *lambril*. *Lambris* é, justamente, o plural de ambas. Quem usa "o lambris" também pode, perfeitamente, comer "um pastéis", regado a "um chopes"...

9. *Gavião* tem feminino ou é substantivo epiceno?

R) *Gavião* é substantivo epiceno: *o gavião macho, o gavião fêmea*. Há, no entanto, dicionários que trazem "gaviã" e "gavioa" como femininos de *gavião*. Faz-se confusão com *faisão*, que tem dois femininos com as mesmas terminações: *faisã* e *faisoa*.

10. *Faraó* tem feminino?

R) Não, *faraó* não tem feminino correspondente. Daí por que nos referimos a

Cleópatra apenas como *a rainha do Egito*.

11. Qual o correto: ***a folhas** 20, **na folha** 20* ou ***à folha** 20*?

R) As três formas de emprego são corretas, assim como estas, com a palavra *página*: ***a páginas** 20, **na página** 20* e ***à página** 20*. Muita gente, todavia, usa uma quarta forma, errônea: *"às" folhas 20, "às" páginas 20*. Vejamos exemplos: O anúncio saiu ***a folhas** 20* (ou ***na folha** 20*, ou ***à folha** 20*) do jornal. *** Esse texto está ***a páginas** 50* (ou ***na página** 50*, ou ***à página** 50*) do livro.

12. Qual o plural de *carro bicombustível*?

R) *Carros **bicombustíveis***. Uma grande e famosa revista nacional, no entanto, quando surgiram os primeiros carros bicombustíveis, tratou-os por *carros "bicombustível"*. Normal.

13. Qual o plural das seguintes palavras: *til, bem-estar, mal-estar* e *bota-fora*?

R) Anote: *tis, bem-estares, mal-estares* e *bota-foras*. Na dúvida sobre qualquer outro plural, consulte o **Míni Sacconi** (12.ª edição em diante) ou o **Grande Dicionário Sacconi**.

14. Em Brasília faz 30 graus "centígrados" ou faz 30 graus *célsius*?

R) Não só em Brasília, mas em qualquer parte do mundo, os graus são *célsius*. Até 1948, o termo usado era *centígrados*, na escala de temperatura. Depois desse ano, passou-se a usar internacionalmente *célsius*.

15. A palavra *cadáver* surgiu das iniciais da expressão ***ca**rne **da**da aos **ver**mes*?

R) Nada! Conversa mole! Estória! Na verdade, *cadaver* (em latim, sem acento) é um particípio latino que significa *morto, que morreu*. A crença de que a palavra significa *carne dada aos vermes* surgiu pelo fato de, nos túmulos, antigamente, haver quase sempre a inscrição: **CA. DA. VER.**, isto é, *caro data vermibus* (carne dada aos vermes). Houve, portanto, uma coincidência, propositada ou não.

16. Uma mulher pode ser candidata a "vereadora"?

R) Não, não pode. Todo o mundo (mulher ou homem) é candidato a ***vereador***, ou a ***deputado***, ou a ***senador***, ou a ***prefeito***, ou a ***governador***. Depois da expressão *candidato a* só deve aparecer masculino singular. Portanto, ainda: *Há muitos candidatos a **vereador*** (e não a "vereadores"). *** *Há quantos candidatos a **deputado*** (e não a "deputados")?

17. Está correta a frase *Marília foi **o** melhor atleta **brasileiro** nas Olimpíadas*?

R) Está correta. Significa que dentre todos os atletas brasileiros, Marília foi a melhor. A frase com o feminino (***a** melhor atleta **brasileira***) só estaria correta se o Brasil levasse às Olimpíadas apenas mulheres.

18. A palavra *cultivar*, sinônima de *variedade*, muito usada na agricultura, é masculina ou feminina?

R) É feminina: ***a** cultivar*. Trata-se de sigla inglesa (*cultivated variety* = variedade cultivada, de abreviatura cv.). Quando uma palavra surge da união de sílabas de uma expressão, ela toma o gênero da palavra principal dessa expressão (em português é sempre a primeira; em inglês, invariavelmente, a última). Portanto, ***a** cultivar* (manga *cultivar* Rosa, ameixa cv. Carmesim, etc.). Em espanhol e em francês a palavra é masculina, daí por que alguns, por aqui, usam-na nesse gênero. Na linguagem técnico-científica, hoje, só se emprega *cultivar* por *variedade*.

19. Afinal, devemos passar *cheque nominal* ou *cheque **nominativo***?

R) De preferência, devemos passar sempre *cheque **nominativo***. Os bancários não apreciam muito o *cheque nominal*, porque, no seu jargão, *cheque nominal* é o valor unitário atribuído a ações e outros bens sob custódia, para efeito de contabilização unificada.

20. Qual a pronúncia correta para *liquidação*: ***likidação*** ou ***likuidação***?

R) Ambas as pronúncias são corretas, ou seja, com *u* sonoro ou não. A mesma faculdade existe para a pronúncia de *liquidar, liquidez* e *liquidificador*.

21. Usa-se ***haja vista*** ou “haja visto”?

R) Usa-se no português contemporâneo apenas ***haja vista***, que equivale a *veja*. Ex.: *O Brasil vai ser realmente uma potência mundial;* ***haja vista*** *os políticos que tem... *** O Brasil vai eliminar vários impostos;* ***haja vista*** *a vontade política do presidente... *** O Brasil vai acabar com a violência e tratar menores criminosos como adultos;* ***haja vista*** *as diversas organizações não governamentais, empenhadas que estão nisso...*

22. Qual a grafia correta: *Jericoacoara* ou *Jeriquaquara*?

R) O nome correto dessa maravilhosa praia cearense é ***Jeriquaquara***: não há palavra de origem tupi em nossa língua que se escreva *-coa-* nem muito menos *-coara*. Por isso é que todos escrevemos: *Jaba**quara**, Arara**quara**, nhambi**quara**, Nhundia**quara**, Pira**quara**, ta**quara**, tembe**quara*** e, naturalmente, deveremos escrever ***Jeriquaquara***. O elemento *-quara*, indígena, significa *poça, buraco*. Em Niterói existe um bairro encantador, *Itaquatiara* (que é também o nome de uma cidade amazonense), mas os fluminenses só escrevem “Itacoatiara”, enquanto os amazonenses escrevem corretamente: *Itaquatiara*.

23. Qual a diferença entre ***parasita*** e ***parasito***?

R) **Parasita** é termo que se aplica aos vegetais: *O cipó-chumbo é uma **parasita***. **Parasito** é termo que se aplica a pessoas e insetos: *Ivã é um **parasito** da mulher: não faz nada o dia inteiro! *** Sem higiene, ninguém se livra dos **parasitos**, isto é, carrapatos, micuins, piolhos, pulgas, etc.*

24. Qual a pronúncia correta de ***chofer***?

R) *Chofer* se pronuncia com o ***e*** aberto: *chofér*. Também assim se pronuncia o plural choferes (*choféres*).

25. Farmácias podem fazer entregas *“a” domicílio*?

R) Vamos falar apenas das boas farmácias: as boas farmácias fazem apenas entregas *em* domicílio, ou seja, **n**as casas das pessoas. Você já viu alguém fazer alguma entrega “à” sua casa?

26. Nos leilões, a palavra a ser usada é “lance” ou ***lanço***?

R) Nos leilões, existem apenas ***lanços***: *O maior **lanço** foi o meu. *** Ninguém*

*cobriu o meu **lanço***. Também não se usa *"lance" de escada*, mas apenas ***lanço** de escada*: *Entre um andar e outro, havia dois **lanços** de escada*.

27. Há redundância em *mel de abelhas*?

R) Não, não há: o mel é realmente um produto só de abelhas. Ocorre que, em sentido figurado, podemos usar a palavra *mel* como equivalente de qualquer suco de frutas em forma de melado, de aspecto semelhante ao do mel. Daí, então, termos também o *mel de caju*, o *mel de carambola* e de outras frutas.

28. Qual a pronúncia correta dos sobrenomes *Mozart* e *Goulart*?

R) Anote: ***môtçart'*** e ***gulárt'***, ou seja, os *tt* finais soam, porém, brandamente.

29. Podemos dizer "nuclêico" e "protêico"?

R) No Brasil, convém dizermos sempre *nucléico*, *protéico*. Deixemos o "nuclêico" e o "protêico" com os portugueses, que eles têm lá suas razões para tais pronúncias. Convém acrescentar que o ditongo aberto **ei** já não se acentua graficamente: *nucleico, proteico*.

30. Qual a pronúncia e escrita corretas: *Oceania* ou *Oceânia*?

R) As duas prosódias e escritas são corretas; a primeira é a mais usada; a segunda é a mais aconselhável.

31. Posso ficar "de bruço" e "de cócora"?

R) Ficar ***de bruços*** e **de cócoras** é bem mais confortável...

32. Agora se escreve **auto de fé**, sem hífen?

R) Exatamente. Segundo a 5.ª edição do VOLP, escreve-se ***auto de fé*** o que antes se grafava auto-de-fé.

33. Agora se escreve **pão de ló**, sem hífen?

R) Exatamente, sem hífen, assim como *boa noite cinderela* e *mal e mal*, que antes da 5.ª edição do VOLP se grafavam, respectivamente, *pão-de-ló, boa-noite-cinderela* e *mal-e-mal*. Aliás, por falar em *mal e mal*, essa edição do VOLP está bem mal e mal... Para ter uma ideia exata do que lhe estou dizendo, leia o verbete *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* no **Grande Dicionário Sacconi**.

34. Existe “desmancha-prazer”?

R) Não, não existe; assim como não deveriam existir “tira-teima” nem “tira-dúvida”. Também não existe “desmancha-prazer”, mas apenas *desmancha-prazeres*, que é justamente o nome que se aplica à pessoa que atrapalha ou impede o divertimento, a alegria ou o prazer de outra(s).

35. As palavras certas são mesmo ***dú****plex*, ***trí****plex* e ***lá****tex*?

R) São mesmo paroxítonas tais palavras. Mas o povo as pronuncia como se fossem oxítonas: “dupléks”, “tripléks”, “latéks”. O povo pode tudo; você não! As duas primeiras já têm registro como oxítonas (*du**plex**, tri**plex***), mas prefira-as como paroxítonas. Por falar em tríplex, isso me lembra Guarujá, não sei bem por quê...

36. Qual a pronúncia correta do nome *Epicteto*?

R) *Epictéto*. Jamais diga “epíteto”. Epicteto, filósofo estoico frígio, viveu entre os anos de 50 e 135. Afirmava que o bem estava dentro de nós mesmos, defendendo a fraternidade humana. Escravo em Roma, libertado e depois exilado, seus ensinamentos exerceram grande influência sobre o imperador e também filósofo Marco Aurélio. Acreditava que poderíamos agir na vida como se participássemos de um solene banquete: tomando uma porção de tudo o que é oferecido, mas sempre de modo cortês
e moderado.

37. Existe a palavra *escravagista*?

R) O VOLP registra a forma *escravagista*. Mas não deveria fazê-lo, porque a única forma rigorosamente correta é *escravista*. Como tem força de lei, a resposta é **SIM** (mas nem tanto...). Esse mesmo VOLP registra *ciriguela* a par de *seriguela*, o que pode ser considerado uma grande mágica...

38. Qual é a pronúncia correta de *virtuose*?

R) É *virtuôzi*, embora muitos insistam em dizer "virtuózi". O *virtuose* (ou *virtuoso*) é o músico de raro talento, técnica ou estilo pessoal: *César Camargo Mariano é um* ***virtuose*** *do piano e do teclado*.

39. Qual a pronúncia correta do nome próprio: *Vôlnei* ou "Volnei"?

R) Esse nome se escreve assim: *Vôlnei*. Então, todos podemos concluir facilmente qual a pronúncia correta, não é mesmo?

40. A TV Brasil apresentava um programa às quartas-feiras e anunciava assim: *Todas "às" quartas-feiras*. Está certo?

R) Está errado. Depois do pronome indefinido *toda* ou *todas* não aparece nunca *a* com acento grave. Portanto, cuidado, ao assistir a esse programa todas *as* quartas-feiras!...

41. *Ginete* tem feminino?

R) Tem: *gineta*. Tanto o masculino quanto o feminino têm o **e** tônico fechado.

42. Podemos usar ***hidroavião*** a par de *hidravião*, ***hidroelétrica*** a par de *hidrelétrica* e ***radioatividade*** a par de *radiatividade*?

R) Podíamos. Com o Acordo Ortográfico em vigor, só usamos hoje ***hidroavião***, ***hidroelétrica*** e ***radioatividade***.

43. Há redundância em *prepúcio do pênis*?

R) Não, redundância nenhuma: existe também o prepúcio do clitóris. Mas para alguns avaliadores de minidicionários e obras didáticas do **MEC**, o prepúcio só existe no pênis. Para eles, portanto, existe aí uma redundância (que a medicina nem os **ETs** reconhecem...). Esses avaliadores do MEC são umas gracinhas! Cometem os maiores desatinos, e o Ministério não admite

sequer direito de defesa de suas vítimas. Eita, Brasil!

44. Agora se escreve ***coerdeiro***?

R) Exatamente. Os luminares da Academia Brasileira de Letras conseguiram encontrar essa grafia para o que antes era *co-herdeiro*. E, segundo eles, da mesma forma, devemos grafar: *corréu, corré, correitor* e assim por diante. Estamos bem de Academia, caro leitor?

45. Devo escrever *mau gosto* ou *mau-gosto*, com hífen?

R) Na língua contemporânea, melhor seria usar o hífen não só aí, mas também em *bom-gosto, boa-vontade, má-vontade, bom-humor, mau-humor, bom-senso, mau-senso, bom-juízo* e *mau-juízo*. No entanto, de nomes semelhantes, só *boa-fé* e *má-fé* devem oficialmente ter o hífen. Mas por quê, afinal, prefiro o uso do hífen também naquelas? Porque muito melhor será construir *muita boa-vontade, pouca boa-vontade, mais mau-gosto, mais bom-humor*, etc., do que *muito boa vontade, pouco boa vontade, pior gosto, melhor humor*, etc., como quer o VOLP. Quem usará *Ela tem melhor gosto que o meu*? Todos não usamos *Ela tem mais bom-gosto que o meu*? Não usando o hífen, teremos "mais bom": *Ela tem "mais bom" gosto que o meu*. É bom?

46. As pessoas têm "olheira" ou *olheiras*?

R) Há pessoas que têm *olheiras*, quer por herança, quer por não conhecer a importância que tem o sono nas suas vidas. Já "olheira" é algo que não diz respeito ao rosto das pessoas...

47. As pessoas têm ***sobrancelhas*** ou "sombrancelhas"?

R) Todos nós temos ***sobrancelhas***. Há, porém, os que preferem as sombras. Esses querem ter "sombrancelhas", porque raciocinam mais ou menos assim: *Se faz sombra aos olhos, só pode ser "sombrancelhas"*. Santa ingenuidade... Veja a santa ingenuidade deste jornalista, que escreveu isto, quando da visita do presidente Lula à Turquia, onde ele declarou (para pasmo da plateia) que no Brasil todo vendedor de porta em porta é turco: *Lula ainda fez alguns empresários levantarem a "sombrancelha" ao anunciar que o Brasil tinha 17 milhões de quilômetros de fronteira terrestre.*

48. Existem as palavras "acumpuntura" e "acumpunturista"?

R) Não, essa especialidade ainda não é conhecida da medicina moderna... O

que a medicina de hoje reconhece é a *acupuntura*, praticada pelos *acupunturistas*.

49. A palavra correta é "diabete" ou *diabetes*? Ainda: é feminina ou masculina?

R) A palavra correta é *diabetes* e, de preferência, usa-se apenas como masculina: ***o*** *diabetes*.

50. Agora se escreve ***autoajuda***, sem hífen?

R) Isso mesmo, sem hífen. O prefixo *auto-* só exige hífen antes de ***o*** (*auto-**ô**nibus*) e de ***h*** (*auto-**h**ipnose*).

51. Há redundância em "inventar novos produtos"?

R) Há. Quem inventa já traz à luz *novos* produtos, por isso em *inventar* já existe a ideia de *novo*. Pode alguém inventar *"velhos" produtos*? Se eu lhe disser apenas que inventei um produto, você não irá concluir que esse produto é novo?

52. Disse um comentarista esportivo: *Quando o zagueiro "obstaculou" a passagem do atacante, houve o choque*. Acertou? Existe o verbo "obstacular"?

R) Não, não existe "obstacular". O que existe é *obstaculizar*, sinônimo de *impedir*. Convém acrescentar, porém, que se trata de um neologismo e só usado no português do Brasil. Em Portugal, onde se prefere não inventar, usa-se *obstar*.

53. Posso usar ***calça***, ***cueca*** e ***calcinha***, no singular?

R) No Brasil, todas essas palavras são usadas no singular: *a calça, a cueca, a calcinha*, diferentemente do que ocorre em Portugal, onde são usadas rigorosamente no plural: *as calças, as cuecas, as calcinhas*. Como somos brasileiros, vamos de singular, que é como o povo por aqui já as consagrou. Mas convém lembrar que, em inglês, os termos relacionados com peças de vestuário duplas são todos pluralizados: *jeans, trousers, pants, shorts*, etc. O Brasil tem coisas que só existem mesmo aqui, além das jabuticabeiras...

54. Qual a pronúncia correta de ***watt***?

R) É *uót*, embora muitos insistam em dizer "vát". Você não está cansado de ouvir locutores e repórteres dizerem que suas emissoras possuem potência de dez mil "váts"? Alguns têm a coragem de dizer "uáts".

55. Muita gente diz: "Naquele dia, eu tinha *chego* tarde". Posso imitar?

R) Não convém imitar, porque *chego* é forma do presente do indicativo: eu *chego*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *chegar* é ***chegado***. Portanto, quando você desejar ser elegante, procure dizer assim: *Naquele dia, eu tinha* ***chegado*** *tarde*.

56. Eu já ouvi alguém dizer: "Como eu não tinha *trago* dinheiro, não pude entrar no estádio". Está certo?

R) Não, não está. *Trago* é forma do presente do indicativo: eu *trago*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *trazer* é ***trazido***. Portanto, quem realmente gosta de futebol, além de nunca esquecer o dinheiro em casa, diz diferente: *Como eu tinha* ***trazido*** *dinheiro, entrei no estádio*.

57. Por falar em estádio, eu também já ouvi alguém dizer: "O goleiro tinha *entregue* o jogo aquele dia". E agora?

R) Agora, a deselegância continua. *Entregue* é forma do presente do subjuntivo: que eu *entregue*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *entregar* é ***entregado***. Portanto, se tiver que acusar alguém, faça-o de forma segura, responsável, elegante: *O goleiro tinha* ***entregado*** *o jogo aquele dia*. Por falar nisso, o carteiro tem entregado correspondência regularmente em sua residência?

58. E se eu disser: "Eu tinha *falo* a verdade"?

R) Não vai ser elegante, e pode ser que alguém a seu lado não goste disso. *Falo* é forma do presente do indicativo: eu *falo*. Com os verbos *ter* e *haver* usamos o particípio. E o particípio do verbo *falar* é ***falado***. Portanto, quem realmente fala a verdade, não mente. Diz diferente: *Eu tinha* ***falado*** *a verdade*.

59. E se eu disser que ela já havia "aceito" meu convite?

R) Continuará deselegante, porque *aceito* é forma do presente do indicativo:

eu *aceito*. Com os verbos *ter* e *haver*, usamos o particípio. E o particípio do verbo *aceitar* é ***aceitado***. Portanto, se ela realmente já havia ***aceitado*** seu convite, por que não compareceu? Não seria por que você não havia ***aceitado*** o namoro com ela?

60. Qual a curiosidade que existe na palavra ***brasileiro***?

R) A palavra ***brasileiro*** é interessante, porque, no século XVI, quando o Brasil foi descoberto, era o negociante de pau-brasil que recebia esse nome. Não era o que nascia no Brasil, porque o nosso país, naquela época, nem mesmo se chamava Brasil. A rigor, quem nascesse no Brasil teria de ser chamado *brasilense* ou então *brasilês*. No entanto, prevaleceu ***brasileiro*** (que, cá para nós, é bem melhor). O sufixo *-eiro*, que se vê em *brasil**eiro***, não indica origem ou naturalidade. Apenas quatro adjetivos pátrios trazem tal sufixo, como casos excepcionais: *brasileiro, campineiro, mineiro* e *poveiro* (que é o que nasce em Póvoa de Varzim, Portugal). *Campineiro* era o que trabalhava nas campinas; *mineiro* era o que trabalhava nas minas; *poveiro* é o único adjetivo pátrio inexplicável quanto à presença de tal sufixo. E Eça de Queirós, um dos gigantes da literatura portuguesa, era poveiro.

61. Qual a origem da palavra ***larápio***?

R) A palavra ***larápio*** tem origem interessante. Havia em Roma um juiz que vendia sentenças, como se faz ainda hoje em certas partes do Brasil, o que é lamentável, se não vergonhoso. O juiz se chamava *Lucius Amarus Rufus Apius*. Quando proferia suas sentenças, assinava-se assim: **L.A.R. Apius**. Daí surgiu ***larápio***. Era o que ele era. É o que hoje muitos são.

62. Algarismos romanos têm traços em cima e embaixo?

R) Não, não têm. Um traço em cima de um algarismo romano indica milhar; embaixo não significa absolutamente coisa nenhuma. Portanto, nada de colocar traços em cima de I, II, III, IV, V, etc.

63. Devo, ao escrever, pingar o ***i*** e o ***j*** ?

R) Deve. Note que, quando você digita qualquer dessas letras, o pingo faz parte delas. Mas elas têm **pingo**, e não bolinha ou coraçãozinho, que é como fazem certas adolescentes apaixonadas em seus cadernos escolares. Note, porém, que estamos tratando das letras minúsculas; as maiúsculas não têm

pingo: I, J.

64. Por que não existe a televisão “a” cores?

R) Porque os nomes de cor, assim como a palavra *cor* (ou qualquer derivada), não admitem a preposição **a** anteposta. Você já deve ter votado ***em*** branco; se não votou, um dia ainda poderá votar. Ou você já viu alguém votar “a” branco? Ou você já viu alguém assistir a um filme “a” tecnicólor? Os livros escolares, hoje, são impressos *em* quatro cores, e todas as fotos digitais saem *em* cores. Daí por que também não se deve dizer “ao vivo e a cores”, mas sim *ao vivo e* ***em*** *cores*.

65. Que curiosidade trazem as palavras ***tara*** e ***tarado***?

R) ***Tara***, em sentido próprio, é o recipiente, o envoltório que contém determinado gênero, produto ou mercadoria; é, enfim, a diferença entre o peso líquido e o peso bruto. Assim, se na feira compramos uma caixa de uvas, a *tara* é a caixa; *taradas* são as uvas. Como foi possível daí terem surgido os termos *tara* e *tarado*, no sentido que mais hoje se empregam? Conta-se que um rapaz teria certa vez atacado e matado três lindas garotas, para satisfazer seus instintos sexuais. Ou seja: estupro triplo, seguido de morte. Descoberto o crime, seu autor foi condenado à forca. Chegado o dia da execução, o carrasco deparou com um problema: o rapaz estava tão magro, tão raquítico, que fatalmente não teria morte instantânea, como é de desejo de todos os algozes generosos. Não teve dúvida, então, em amarrar uma barra de ferro ao peito do rapaz, para que não ficasse agonizante por muito tempo. Cumprida a sentença, quiseram (por mera curiosidade) saber o peso do rapaz. Descontou-se, assim, o peso da barra de ferro (que era a ***tara***) e se obteve o peso do morto (o ***tarado***). Daí por diante os termos começaram a circular já com sentido figurado: ***tara*** (fúria sexual), ***tarado*** (furioso sexual). Só não sabemos dizer se isso é mera estória ou se é mesmo pura história...

66. Que curiosidade traz a palavra ***rapariga***, feminino de *rapaz*?

R) Em algumas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste, ***rapariga*** está longe de ser boa moça, gente honesta e ainda mais longe de ser feminino de *rapaz*. Significa *meretriz, prostituta*.

67. ***Giz*** tem plural?

R) Por que não haveria de ter? Alguns inventaram que *giz* não tem plural, talvez por basearem-se no inglês. Em português há um *giz*, há dois *gizes*, há muitos *gizes*. Há professores que têm alergia a *gizes*.

68. Existe a Capela “Sixtina”?

R) Não, não existe. A capela do Vaticano, famosa pelas pinturas de Michelangelo, Leonardo da Vinci e Boticelli, na qual se realizam os conclaves para as eleições papais, se chama ***Sistina***, que provém de Sisto, nome do papa (Sisto IV) que a construiu (1473-1483) e também fundou a Biblioteca do Vaticano.

69. Qual a pronúncia e escrita corretas: ***Agamênon*** ou “Agame**non**”?

R) A forma e pronúncia corretas são ***Agamênon***, nome do famoso rei que comandou os gregos na Guerra de Troia. Existe ainda a variante *Agamêmnon*, também paroxítona.

70. Como devo pronunciar a marca alemã de automóvel **BMW**?

R) Os povos de língua inglesa dizem *bê eme **dábliu***, enquanto os alemães (em cuja língua o *w* tem o som de *vê*) dizem *bê eme **vê.*** Quando uma palavra ou expressão aparece grafada de acordo com a sua língua de origem, mister se faz pronunciá-la também conforme ao idioma de origem. Daí por que dizemos *náiki* (Nike), *spráiti* (Sprite), *renô* (Renault), etc. Sendo assim, não dá pra entender como se pronuncia no Brasil a palavra inglesa *Classic*, por exemplo. A maioria das pessoas diz “klassík”. Um inglês ou norte-
-americano ouvindo isso, naturalmente, ri. Aliás, não só eles...

71. Que curiosidade trazem as palavras ***piscina*** e ***aquário***?

R) ***Piscina*** traz o radical ***pisc-*** (= peixe), e ***aquário*** traz o radical ***aqu-***

(= água). Assim, pela lógica, os peixes deveriam ser criados na piscina, e nos aquários é que deveríamos praticar o salutar esporte da natação. A semântica, porém, quis exatamente o contrário: nadamos nas piscinas e criamos peixes nos aquários.

72. Que curiosidade traz a palavra ***engraxate***?

R) ***Engraxate*** é palavra eminentemente popular e somente usada no português do Brasil. Não se sabe com certeza como surgiu. Alguns acreditam que se formou de "engraxa-te", que é como se via nas tabuletas afixadas aos locais de trabalho dos nossos saudosos *engraxadores*...

73. Qual a curiosidade existente no nome ***Corinthians***?

R) O nome oficial desse popular clube paulista é *Sport Club Corinthians Paulista*. Se formos aportuguesá-lo (como quis um velho dicionarista), teremos de fazê-lo por inteiro: *Esporte Clube Coríntiãs Paulista*. (Qual corintiano aceita isso? Creio que nenhum.) Houve época em que os jornalistas esportivos escreviam "Coríntians", aportuguesando apenas parcialmente o nome. Percebida a insensatez, hoje escrevem apenas ***Corinthians***. O adjetivo ***corintiano***, no entanto, grafa-se sem o ***h***, assim como ***baiano***, derivado de *Bahia*, não traz a mesma letra. Pronuncia-se claramente o fonema final: *Corinthian**s***. Há quem diga que torce pelo "Coríntia". Quem acredita?

74. Qual a curiosidade existente no nome ***Palmeiras***?

R) Primeiramente, convém saber: o Palmeiras e o Corinthians são clubes coirmãos; daí por que, quando se fala em um, sempre vem à lembrança o outro. São clubes rivais, mas não inimigos. O Palmeiras foi fundado em 1916, seis anos depois do Corinthians, por dissidentes corintianos. Vamos, agora, porém, falar apenas do Palmeiras. Pronuncia-se claramente o fonema final: Palmeira**s**. Há quem diga que torce pelo "Palmeira": não é bom palmeirense. Quem torce pelo Palmeiras é *palmeirense* ou *esmeraldino*, e não "palmeirista". Há quem use *porco* (mas são apenas os que têm esse espírito: a mascote do Palmeiras sempre foi o periquito). Embora *Palmeiras* seja redução da locução feminina *Sociedade Esportiva Palmeiras*, usa-se ***o*** *Palmeiras* (no masculino), porque em 1942, quando houve a mudança do nome, o clube já era conhecido como ***o*** *Palestra*.

75. Existe redundância em "*dunas de areia*"?

R) Não, não há. Nem toda duna é formada de areia. A grande maioria das dunas é feita de areia, mas elas podem ser formadas também por solo seco, gipsita ou neve seca e dura. No Brasil, as dunas de Natal (RN) e de Fortaleza

(CE) são as mais famosas.

76. Existe redundância na frase "Coloquemos as coisas em *seus*
respectivos lugares"?

R) Existe. *Respectivo* já significa *próprio, seu*. Portanto, a construção preferível é: *Coloquemos as coisas em seus lugares*. Ou: *Coloquemos as coisas nos respectivos lugares*. (Creio que agora colocamos as coisas em seus lugares...)

77. Existe redundância na frase "Exultei de alegria"?

R) Existe. Em *exultar* já existe a ideia de contentamento, de satisfação. Ninguém, em parte alguma, exulta de tristeza.

78. Existe redundância em "breve alocução"?

R) Existe. *Alocução* tem estes significados: **1.** *Discurso breve, proferido em ocasião solene*. **2.** *Breve discurso de um superior a seus subordinados*. Como se vê, toda alocução é breve. Sendo assim, choveu no molhado o jornalista que escreveu isto: *O governador foi elogiado e, depois, em "breve alocução", agradeceu os elogios*.

79. A frase "Estimo *em* vê-lo com saúde" traz alguma impropriedade?

R) Traz. O verbo *estimar*, que significa *alegrar-se*, não se usa com a preposição *em*. Portanto, constrói-se: *Estimo vê-lo com saúde*. *Estimar em* significa *calcular*: *O joalheiro estimou o anel em cinco mil reais*.

80. Qual o significado da abreviatura ***S.O.S.***?

R) Essas três letras, todo o mundo sabe, exprimem pedido de socorro. Seriam as letras iniciais das palavras da frase inglesa *save our souls* (= salvai nossas almas). Tais letras teriam sido usadas pela primeira vez por ocasião do naufrágio do Titanic. Entendidos em radiotelegrafia sustentam, porém, que tais letras possuem outra causa: no código Morse o S se escreve com três pontos (. . .), e o O, com três traços (_ _ _), que são, justamente, os sinais mais fáceis do referido código. Em situação de perigo, o bom senso manda ser simples, claro, fácil de entender. Mesmo porque não se pode conceber que um comandante de navio a pique fique preocupado em criar um sistema de

pedir socorro, arriscando-se a não ser entendido.

81. Por que se usa a palavra *laranja* por *testa de ferro*?

R) A causa certa não se sabe. Alguma luz, no entanto, vem do fato de *laranja* também significar *pessoa tola, abestada*, que costuma emprestar sua identidade (e às vezes até sua alma) a espertalhões. A polícia, geralmente, chega primeiro aos laranjas; depois, quando pode e quer, chega aos chefões. Importante é saber também que *laranja*, quando usada como adjetivo, não varia: *contas laranja, traficantes laranja*, etc. Os jornalistas ainda não sabem disso. Veja como escrevem: *O homem que atacou as jovens tem entre 20 e 24 anos, 1,78m de altura, é moreno e tem cabelos ondulados. No dia do crime, ele usava camiseta e bermuda "laranjas"*. Anda bem o jornalismo brasileiro?

82. Por que *Luís* se escreve com *s* e acento, e *Luiz* com *z* se escreve sem acento?

R) Por causa de uma regrinha de acentuação que diz o seguinte: quando o i tônico, isolado ou na companhia de *s*, for a segunda vogal do hiato, sempre recebe acento: *saída, jataí, açaí, faísca, Luís*, etc. Quando, porém, esse mesmo *i* formar sílaba com *z*, não haverá acento: *raiz, juiz, Luiz*, etc. Os plurais destes nomes, porém, recebem acento: *raízes, juízes, Luízes*. Por quê? Porque, agora, o *i* está isolado na sílaba, e não mais na companhia de *z*.

83. Que curiosidade traz a palavra ***tratante***?

R) Até o século XVI, ***tratante*** era um título que muito honrava os grandes comerciantes. Todo homem de negócios que se destacasse na sua profissão recebia o honroso título de *tratante*, então altamente dignificante. Hoje, porém, *tratante* já não é termo elogioso; ao contrário, define o indivíduo velhaco, espertalhão, vigarista. Por quê? Porque, a partir de dado momento, os comerciantes começaram a mudar de atitudes...

84. Que curiosidade traz a palavra ***caldo***?

R) A palavra ***caldo*** designava antigamente apenas e tão somente líquido ou suco bastante quente, fervente, já que provém do latim *calidus* (= quente). Hoje, porém, tomamos um ***caldo*** *de cana* ***gelado***, o que, à luz da lógica, é um contrassenso. Coisas da semântica.

85. Há algum problema na frase: "Já *terminei* de almoçar"?

R) Há: em português puro, não se usa infinitivo depois do verbo *terminar*, que se substitui por *acabar*. Portanto, será sempre melhor construirmos: *Já **acabei** de almoçar*. *** *Ainda não **acabei** de ler o livro*. (De preferência a: *Ainda não "terminei" de ler o livro*.) Num jornal: *O teatro já estava quase todo às escuras, com as últimas luzes se apagando lentamente, restando apenas uma difusa claridade no palco, onde os músicos "terminavam" de guardar seus instrumentos. Era o final de mais um concerto*.

86. Posso escrever com inicial minúscula os nomes de vias públicas?

R) Agora, pode, pois o Acordo Ortográfico nos faculta grafar ***r**ua da Paz* ou ***R**ua da Paz*, ***P**raça 7 de Setembro* ou ***p**raça 7 de Setembro*, etc.

87. E os nomes de regiões?

R) Os nomes de regiões também já podem ser grafados com inicial maiúscula ou com inicial minúscula, facultativamente: *Moro no **N**orte* (ou ***n**orte*) *do Brasil*. *** *Conheci o **S**ul* (ou ***s**ul*) *do Brasil*. *** *Você conhece o **n**ordeste* (ou ***N**ordeste*)? Em qualquer outra circunstância, usam-se apenas minúsculas: *Viajei de **n**orte a **s**ul do Brasil*. *** *O Brasil se limita a **n**orte com a Venezuela e **a** sul com o Uruguai*.

88. Não há contrassenso na combinação *erro de ortografia*?

R) Aparentemente, há, porque *ortografia* significa *escrita correta*. Mas a semântica explica esse caso e até lhe dá nome: *catacrese*. Também catacrese existe em *má caligrafia*. Ora, do ponto de vista lógico, não se pode ter uma *má caligrafia*, porque *cali-*, em grego, significa *belo*.

89. Há alguma impropriedade na frase "Eu *pareço* muito com você"?

R) Há: o verbo *parecer*, nesse caso, é pronominal, por isso não dispensa a companhia do pronome oblíquo. Então, sem impropriedade a frase fica assim: *Eu **me pareço** muito com você*. Certa vez, na época do regime militar, um senador quis ser presidente da República. Pronunciou, então, um discurso de impacto para a ocasião, opondo-se a uma série de medidas políticas tomadas pelo governo. Um jornalista, ao comentar o discurso, escreveu: *Sem dúvida, o senador mineiro "parece" muito com os camicases da II Guerra*

Mundial. Esqueceu-se, porém, o jornalista de dizer com quem ele próprio se parecia...

90. Há impropriedade na frase "Eu *não* fazia *sempre* a mesma coisa"?

R) Há: ***não*** e ***sempre*** não se usam juntos. Substitui-se o *não*, nesse caso, por *nem*: *Eu nem sempre fazia a mesma coisa*. Também não se usa a negativa *não* com a expressão *todos os dias*. Assim, devemos construir: *Nem todos os dias vou ao escritório*. (E não: *"Não" vou ao escritório todos os dias*.)

91. Que curiosidade traz a palavra ***aula***?

R) A palavra ***aula*** significava antigamente *palácio, corte*, assim como *áulico*, ainda hoje, significa *cortesão, palaciano*. Como veio a tomar o sentido que hoje possui, qual seja o de *lição de uma disciplina*? É que antigamente os filhos dos nobres eram educados nos palácios, nas cortes. Tanto bastou para que a palavra acabasse tomando tal sentido.

92. Que curiosidade traz a palavra ***aluno***?

R) ***Aluno***, na antiga Roma, era todo aquele que se educava fora de casa. Com o advento dos colégios, passou a ser chamado *aluno* todo aquele que os frequentasse, já que se tratava de educação recebida fora do lar.

93. Há alguma impropriedade na frase *O pai e o filho sofrem d**o coração***?

R) Não, não há, embora sejam dois os corações, um do pai, o outro do filho. Isso, porém, não é motivo bastante para que se use o plural. Existe uma norma em nossa língua que justifica o emprego do singular: se algum nome genérico se aplicar em sentido distributivo a duas ou mais pessoas ou coisas, usar-se-á o número singular. Assim, construiremos também: *A mãe e a filha foram operadas d**o apêndice**. *** Todos os filhos dela têm defeito n**a boca**. *** Quando o pai perguntou às filhas se elas iriam ao cinema, responderam afirmativamente com **a cabeça***.

94. Existe alguma diferença de significado entre estas duas frases: *Eu não sei **nada*** e *Eu não sei **de nada***, muito comuns em Brasília nos últimos tempos?

R) Existe, e o nosso espírito logo percebe a diferença. Quem *não sabe* ***nada*** nunca foi instruído em nada, é, assim, um ignorante das coisas. Quem *não sabe* ***de nada***, por outro lado, ainda não tomou conhecimento dos fatos. Um ministro de Estado, por exemplo, jamais poderá dizer *Eu não sei nada*; mas a maioria deles vive dizendo *Eu não sei de nada*...

95. Existe alguma impropriedade nesta frase: “Evite de trafegar na contramão”?

R) Do ponto de vista eminentemente gramatical, existe, porque o verbo *evitar* não se usa com a preposição “de”. Portanto, construiremos gramaticalmente: *Evite trafegar na contramão! *** Evite criticar gratuitamente as pessoas! *** Evite dirigir embriagado!* É preciso ressalvar, contudo, que a preposição *de*, usada com certos verbos, mesmo sem a chancela gramatical, confere expressividade à comunicação. Repare nestas frases, muito comuns na língua cotidiana: *Entendi* ***de*** *sair de madrugada e acabei sendo assaltado*. **** Os operários ameaçavam* ***de*** *quebrar tudo na empresa, se não lhes dessem aumento de salário*. **** Deu na cabeça dela* ***de*** *colocar* piercings *no nariz, na orelha, na língua, em tudo! *** Aconteceu* ***de*** *chover justamente na hora do jogo*. Todas essas frases são rejeitadas pela gramática, mas não pelo vigor da comunicação. Esta frase, por exemplo, é de um político: *Na hora da raiva, às vezes acontece* ***de*** *alguém dizer coisas de que depois se arrepende*. É mesmo: na hora da raiva, realmente aconteceu ***de*** tudo... A língua popular muitas vezes transforma certas impropriedades gramaticais em fatos linguísticos. Veja o caso do verbo *inventar,* que, seguido da preposição *de*, significando *resolver*, confere grande expressividade à comunicação. Como nesta frase, dita por um pai conservador inconformado: *Agora minha filha inventou* ***de*** *ser surfista*. Não há como deixar de perceber a grande expressividade da construção. Se o mesmo pai dissesse *Agora minha filha* ***resolveu*** *ser surfista*, não deixaria transparecer nenhum sinal de reprovação, decepção ou mesmo de perplexidade.

96. Há alguma impropriedade na frase “Ainda *faltam* votar muitos eleitores”?

R) Há. O sujeito de *faltar* não é “muitos eleitores”, mas *votar*. Afinal, o que é que falta? *Votar* é que falta. Ora, se o sujeito do verbo *faltar* é um infinitivo (*votar)*, o verbo não pode ir ao plural; tem de ficar no singular. Veja mais estes exemplos semelhantes: *Essas são providências que* ***compete*** *ao governo tomar*. ***** ***Esses são problemas que cabe ao diretor resolver***. **** O Flamengo venceu por qualidades que não* ***adianta*** *discutir*. **** Na minha mesa estão os contratos que ainda* ***resta*** *enviar aos autores*. **** Os torcedores insultaram tanto o árbitro, que só* ***faltou*** *dizerem que ele era* gay. **** A pobreza desses*

meninos é tamanha, que só ***falta*** *comerem terra. *** São cinco os jogos que* ***resta*** *ao Flamengo fazer, para tornar-se campeão brasileiro de futebol.* Note que, nesta última frase, se retirarmos o infinitivo (sujeito de *restar)*, o verbo *restar* deverá ir obrigatoriamente ao plural: *São cinco os jogos que restam ao Flamengo, para tornar-se campeão brasileiro de futebol.* Veja, agora, como escreveu um jornalista de *O Estado de S. Paulo*, por ocasião dos problemas políticos em Honduras, em 2009: *As negociações seguem baseadas nos 12 pontos do pacto de San José, dos quais oito tocam temas fundamentais e quatro dizem respeito a questões de procedimentos. Entre os pontos que "faltam" ser acertados está a volta de Zelaya ao poder.* E a volta do conhecimento da língua? É pra quando?

97. Posso abrir "um parênteses"?

R) Não convém. Quem abre "um parênteses" está muito perto de tomar "um chopes". Ou de comer "um pastéis". Ou mesmo de ficar sem "um clipes", para unir todas essas asneiras e jogá-las no lixo. ***Parêntese***, no singular; ***parênteses,*** só no plural. Por isso, pode abrir ***um parêntese*** aqui, ***outro parêntese*** ali, mas não se esqueça de também fechar ***um parêntese*** ali e outro aqui...

98. Um povo pode ser "simpatíssimo"?

R) Não. O superlativo sintético de *simpático* é ***simpaticíssimo***, assim como o superlativo sintético de ***antipático*** é ***antipaticíssimo***, e não "antipatíssimo". Certa vez, um locutor baiano, na ânsia de ser simpático, fez esta pergunta a um colega que se encontrava em outra cidade, através do rádio: *Como vai esse povo "simpatíssimo" aí de Itabuna*? Ansiedade nunca leva a boa coisa...

99. A frase *A doença encontra-se em* ***estádio*** *avançado* está correta?

R) Está correta, aliás, corretíssima! O diabo é que muitos confundem o significado de *estádio* com o de *estágio*, assim como confundem o sentido de *despercebido* (= não percebido) com o de *desapercebido* (= desprovido). Um erro pode passar *despercebido* de alguém, mas nunca "desapercebido". Uma pessoa pode passar *despercebida* de mim, mas nunca "desapercebida". Faz **estágio** quem se prepara para exercer alguma atividade profissional de forma definitiva. Assim, estudantes fazem *estágio* em empresas, com a esperança de a elas serem incorporados como funcionários regulares. Um estudante de

inglês também pode estar frequentando o primeiro, o segundo ou o terceiro *estágio* de aprendizagem, num curso qualquer. ***Estágio***, enfim, significa *preparação (profissional ou escolar)*. O termo que significa *época, fase, período*, é ***estádio***, que, em alguns casos, pode ser substituído por *estado*. Portanto, não só a frase citada está correta, como também corretas estão estas: *A política brasileira, de 1930 até hoje, passou por vários **estádios**. *** No **estádio** atual da língua pronuncia-se Cleópatra e pântano, e não "Cleo**pa**tra", "pan**ta**no". *** O **atual** estádio das pesquisas para a cura do câncer é animador*. Em suma: fazem estágio pessoas; passam por estádio coisas.

100. Que curiosidade traz a palavra ***esplêndido***?

R) ***Esplêndido*** é um adjetivo que só deveria ser aplicado ao que tem luz, ao que brilha. Assim, diríamos com propriedade: *aurora esplêndida, ocaso esplêndido, estrela muito esplêndida, palco esplêndido*, etc. Como tudo o que é esplêndido é magnífico, impressionante, excelente, hoje podemos até dizer que a sopa da sogra estava *esplêndida*, que a feijoada da namorada estava *esplêndida* e até que o automóvel do futuro sogro é *esplêndido*, mesmo sabendo que nada disso tem luz nem muito
menos brilha...

101. Que curiosidade traz a palavra ***safado***?

R) ***Safado***, a rigor, significa ***gasto com o uso***. Só depois de algum tempo passou a significar *homem desprezível, descarado, desprovido de senso moral*. E, hoje, amigos meus, é o que mais há, principalmente em certa capital de um país sul-americano...

102. Por que muitos se referem a Salvador, capital da Bahia, como ***São*** *Salvador*?

R) Porque o Papa Júlio III, ao nomear o primeiro bispo da cidade,
D. Pero Fernandes Sardinha, escreveu na bula de nomeação: ***São*** *Salvador*. E acabou ficando.

103. Qual o significado da palavra ***hemeroteca***?

R) ***Hemeroteca*** é o nome que se dá às seções das bibliotecas em que se catalogam jornais e revistas. Convém estar atento à palavra, porque muitos acabam dizendo "hemoteca", como fez certa vez folclórico presidente de

clube de futebol interiorano, ao declarar que mantinha em sua casa uma grande “hemoteca”. Como *hemo*, em grego, significa *sangue*, todo o direito tiveram alguns de concluir que se tratava de algum perdido herdeiro do conde Drácula...

104. É verdade que a pronúncia mais aconselhável da palavra ***homem*** é com **o** fechado?

R) É verdade. No português do Brasil, toda vogal que antecede *m*, *n* ou *nh* é fechada. A pronúncia com som aberto da vogal se deve à influência da fala lusitana, em que a vogal **o** é aberta. Lá em Portugal, por exemplo, se diz *sóma, dóno, sónho*. Aqui, não. É justamente por causa dessa influência que no Brasil quase todo o mundo diz “hómem”, “fóme”, “*sóme* daqui”, “tómo”. Mas ninguém no Brasil ainda conseguiu dizer “ómo sápiens” (*homo sapiens*). Por que será?...

105. A temperatura pode ser “fria” ou “quente”?

R) Não, a temperatura só pode ser *baixa* ou ***alta***; frio ou quente só pode estar o tempo. Uma emissora de televisão de São Paulo, no entanto, criou certa vez a “temperatura fria” e a “temperatura quente”, para espanto de todos os escolarizados.

106. Está certa a frase: “É preciso que o povo *se precavenha*, porque os assaltos estão em toda a parte”?

R) Não, não está, porque o verbo *precaver-se* não tem o presente do subjuntivo; suas falhas são supridas com as formas dos sinônimos *prevenir-se, acautelar-se* ou *precatar-se*. Assim, é preciso que o povo *se previna*, porque os assaltos estão em toda a parte. *** Convém, ainda, que os vascaínos *se acautelem*, porque os flamenguistas vêm com tudo no jogo de domingo. *** Que os corruptos *se precatem*, porque a polícia federal está de olho neles!

107. Existe uma música, por sinal muito bonita, chamada “*Lembra* de mim?”, cantada por Ivan Lins. Esse título, para a norma culta, está perfeito?

R) Não, para a norma culta, esse título não está perfeito. Por quê? Porque o verbo *lembrar*, quando usado com a preposição *de*, é obrigatoriamente pronominal (*lembrar-se*). Assim, para o rigor gramatical, a música deveria

chamar-se *Lembra-**se** de mim?* Eis outros exemplos rigorosamente normativos: *Não **me** lembro **d**o telefone dela.* *** *Você **se** lembra **d**aquele dia?* *** *Nunca mais **nos** lembramos **d**aquelas nossas brigas*. Convém salientar que, antes de infinitivo, o verbo *lembrar* pode dispensar o pronome oblíquo. Portanto, você construirá corretamente assim: ***Lembra de ter** me visto ontem na praia?* *** *Não **lembro de ter** anotado o telefone dela.* *** *Você **lembra de ter** feito alguma coisa naquele dia?* *** *Nunca mais **lembramos de brigar**.*

108. Para não esquecer: e o verbo *esquecer*, antônimo de *lembrar*?

R) O verbo *esquecer* se usa rigorosamente da mesma forma: *Esqueceram-**se de** mim*. (E não: "Esqueceram de mim", nome que, aliás, foi dado a um filme.) *** *Não me esqueci do telefone dela*. (E não: "Não esqueci do telefone dela".) *** *Você*

já se esqueceu daquele dia? (E não: Você já esqueceu daquele dia?") *** *Nunca mais nos esquecemos daquelas nossas brigas*. (E não: Nunca mais esquecemos daquelas brigas.) Antes de infinitivo, a exemplo de *lembrar*, dispensa o pronome oblíquo, mesmo com a preposição *de*: ***Esqueço de trazer** o documento todos os dias.* *** *Não **esqueci de ter** anotado o telefone dela.* *** *Você **esqueceu de ter** almoçado?* *** *Nunca mais **esquecemos de dar** presentes às crianças pobres, no Natal.*

109. Qual o plural de *Papai Noel*?

R) ***Papais Noéis***. Nos dias que antecedem o Natal, veem-se muitos *Papais Noéis* pelos *shopping centers* de todo o Brasil. Note que se escreve com iniciais maiúsculas. Já vimos quem escrevesse "papais-noéis" (e ainda com hífen).

110. É correto usar *anãozinho*? Na palavra *anão* já não existe a ideia de pequenez?

R) De fato, em *anão* já existe a ideia de pequenez, de diminuição, mas não há nenhum inconveniente no uso de *anãozinho*, porque, além dos aspectos puramente gramaticais, temos de levar em conta os aspectos afetivos da comunicação. A terminação *-zinho*, nesse caso, imprime afetividade, não tendo valor gramatical. Convém lembrar o caso dos advérbios, que, gramaticalmente, não possuem grau diminutivo, mas nem por isso deixam de existir na língua as formas *longinho, pertinho, agorinha, depressinha, cedinho,*

à tardinha e tantas outras. O que não devemos é partir para o exagero, usando “comiguinho”, “unzinho”, “minzinho”, “euzinho”, etc. Aí já é demais.

111. Estará correta a famosa frase, atribuída a Jânio Quadros, sobre as razões da sua renúncia: “Fi-lo porque *qui-lo*”?

R) Segundo as normas da sintaxe portuguesa, a frase merece reparos: *porque* é fator de próclise; sendo assim, a frase correta é *Fi-lo porque* ***o quis***. O ex-presidente, no entanto, era homem interessado naturalmente em impressionar incautos; daí por que enveredou por esse caminho rimado. Qualquer pessoa que o conheceu nos áureos tempos da vassourinha sabia do seu zelo pela colocação dos pronomes átonos, que, a bem da verdade, é, de todos os tipos de sintaxe, o de menor relevância, ao menos entre nós, brasileiros. Haja vista as palavras de Sílvio Romero, ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras: *Prefiro os que colocam bem as ideias aos que colocam bem os pronomes*. Frase histórica mais coerente, mais importante, mais responsável, mais respeitosa, mais inteligente, menos dolorosa. E corretíssima!

112. A frase *Antes, durante e depois do jogo, mantenho a calma* é correta?

R) Sim, é correta. Há ocasiões em que a estilística deve prevalecer sobre a gramática, e esta é uma dessas ocasiões. Quem considera errônea tal construção argumenta que somente *antes* e *depois* regem *de*; *durante* não. Propugnam, então, por esta construção: *Durante o jogo, antes ou depois dele, mantenho a calma*. Ora, optar por essa construção, e só por essa, equivale a dar um pontapé no estilo e na lógica da sequência temporal. A soberania da gramática obedece a um limite, cuja linha demarcatória é o bom senso. A ela não podemos ultrapassar, sob pena de nos expormos a situações artificiais, vexatórias e até ridículas. Assim, não há incorreção nenhuma na frase acima, nem nestas: *Você é a favor ou contra esse candidato? *** Este produto é igual ou melhor do que aquele? *** Hernâni entrou e saiu de casa às pressas. *** Assisti e não gostei desse filme. *** Bebi e gostei muito desse vinho. *** Recebi e respondi a seu recado quase que imediatamente. *** Conheci e simpatizei logo com Teresa*. Preferimos ver elipse em tais frases, e não erro: *Você é a favor (desse candidato) ou contra esse candidato? *** Este produto é igual (àquele)*

*ou melhor do que aquele? *** Hernâni entrou (em casa) e saiu de casa às pressas. *** Assisti (a esse filme) e não gostei desse filme. *** Bebi (esse vinho) e gostei muito desse vinho. *** Recebi (seu recado) e respondi a seu recado quase que imediatamente. *** Conheci (Teresa) e simpatizei logo com Teresa*. Nosso espírito percebe logo a omissão de termo(s) quando se diz: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra ou a favor? *** Vou ao teatro. Você está a fim?* Ao espírito da pessoa que ouve frases assim, ambas as construções são íntegras: *Estou namorando Beatriz, pai. Você é contra* ***o namoro*** *ou a favor* ***do namoro****? *** Vou ao teatro. Você está a fim* ***de ir ao teatro comigo****?* Camilo Castelo Branco, pena clássica, não hesitou em escrever: *O visconde postava espias no Rocio para espreitarem as pessoas que entravam e saíam do hotel dos Irmãos Unidos*. O padre Antônio Vieira, o sempre excepcional padre Vieira, escreveu: *Adão não coube nem se contentou com um império tão vasto*. Machado de Assis escreveu em *Memorial de Aires*: *Venho cansado demais para dizer tudo o que ali se passou antes, durante e depois da comida*. Com abonação tão forte e abalizada, quem haverá de voltar-se contra tal construção?

113. Existe alguma impropriedade na frase "A moça implorou *para* que não a matassem"?

R) Existe. O verbo *implorar* é transitivo direto: quem implora, implora alguma coisa, e não "para" alguma coisa. Por isso, a frase que está de acordo com as normas gramaticais é: *A moça implorou que não a matassem*. Antes de infinitivo, também não se usa "para": *Pego com drogas, o cantor implorou "para" não ser preso*. Substitui-se por: *Pego com drogas, o cantor implorou* ***que não fosse preso***. Frase de um jornalista: *Quando o homem, que era casado, foi flagrado acompanhado de uma* scort-girl *(que implorou "para" que não revelássemos seu nome), pediu que ela se afastasse*. Pergunta-se: para que o "para"?

114. O verbo *atingir* é transitivo direto ou é transitivo indireto?

R) O verbo *atingir* é apenas transitivo direto: *Dois terremotos* ***atingiram*** *a região da Califórnia esta madrugada. *** Ondas gigantes* ***atingiram*** *a costa do Sri Lanka, causando mortes. *** As despesas* ***atingem*** *uma soma elevada. *** Meninas* ***atingem*** *a puberdade mais cedo atualmente*. Manchete de um jornalista: *Mutações causadoras de câncer de pulmão atingem "a" mulheres*

fumantes mais do que a homens. Frase de um jornalista: *A relação dos desabrigados em Santa Catarina atingiu "a" mais de dez mil famílias.*

115. Não há redundância em dizer "encarar de frente" ou "enfrentar de frente"?

R) Está claro que há. Quando alguém encara alguma coisa (pergunto eu, ingenuidade premeditada) pode encarar "de trás"? A cara de pessoas e animais não fica na frente? Ou já se viu cara atrás? Nem mesmo os **ET**s têm cara atrás... Numa importante revista brasileira se leu: *Metido numa crise econômica sem precedentes, o país não conseguirá adiar indefinidamente a hora de encarar "de frente" os problemas que hoje estão postos "à" mesa*. Seria interessante que o jornalista que escreveu isso aí encarasse uma boa gramática, porque não é também a preposição "a" que se usa nesse caso, mas *em*. Os problemas estão ***na*** mesa, ou seja, sobre a mesa; as pessoas é que ficam ***à*** mesa, ou seja, junto dela.

116. Por falar em mesa, o ditado correto é *Beleza não se põe na mesa* ou é ***Beleza não põe mesa***?

R) O ditado correto é ***Beleza não põe mesa***, onde *beleza* está por *mulher bonita,* e *não põe mesa* significa *não sabe cozinhar*. O povo, contudo, corrompeu o ditado, por não entender nada de linguagem metafórica, criando aqueloutro. Outra curiosidade envolvendo provérbios é sobre este: *Mais vale dois passarinhos na mão que dois voando*. O provérbio, em rigor, surgiu com homeoteleuto (rima na prosa): *Mais vale dois passarinhos na mão que dois que voando vão*.

117. Qual a expressão mais coerente com a índole da nossa língua: *a rigor* ou *em rigor*?

R) A expressão mais coerente com a índole da nossa língua é, sem dúvida, *em rigor*, já que *a rigor* é cópia do francês *à la rigueur*. Os francesismos, assim como os anglicismos, porém, estão tão arraigados no nosso idioma, que hoje é praticamente impossível eliminá-los. Assim, escolha a expressão que mais lhe convém e use-a sem nenhum receio!

118. Usa-se vírgula antes de ***etc.***?

R) Usa-se. Embora *etc.* signifique *e outras coisas*, pelo sistema ortográfico

vigente no Brasil, somos levados a usar vírgula antes de tal abreviatura. Dicionários que se dizem sérios não a usam, no entanto. Normal... Já depois de *Caixa Postal* não se usa a vírgula: Caixa Postal 575.

119. Há erro na frase *Eles ainda não são ricos, mas ainda "os" serão*?

R) Há. O pronome demonstrativo *o* fica invariável quando funciona como vicário, ou seja, quando puder ser substituído por *isso*. Assim, essa frase ficará correta desta forma: *Eles ainda não são ricos, mas ainda* ***o*** *serão* (o serão = serão isso). Outra frase: *Se vocês sabem quem é o assassino e não o demonstram, são coniventes* (não o demonstram = não demonstram isso).

120. Há alguma impropriedade na frase: *Durante a festa,* ***foi notada a presença*** *de Hortênsia, Jeni e Clarisse*?

R) Não, nenhuma impropriedade há nessa frase. Não há nenhuma necessidade de se usar o plural (*foram notadas as presenças*), nesse caso, por tratar-se de nome abstrato (*presença*). Eis exemplos semelhantes: ***A promessa*** *de Inês e Luísa não foi levada a sério.* *** ***A permanência*** *de Virgílio e Filipe no aeroporto foi comentada*. Se o substantivo for concreto, todavia, o plural será obrigatório: ***As cabeças*** *de Luís, Ivã e Hersílio vão rolar*. *** ***Os livros*** *de Lurdes e Cármen estão aí.*

121. Quando ofereço alguma coisa a alguém, devo perguntar: "Está servido?" ou ***É servido?***

R) Pergunte, de preferência: ***É servido?*** (a homem) ou *É servida?* (a mulher). A frase com o verbo *estar* pode dar a impressão de que a pessoa já se serviu daquilo que lha oferecemos.

122. Existe erro na frase "Traga cervejas o mais geladas *possíveis!*"?

R) Existe. *Possível* não varia quando acompanha *o mais, o menos, o melhor, o pior, o maior* e *o menor*. Portanto, construiremos: *Traga cervejas* **o mais** *geladas* **possível**! *** *Queremos guaranás* **o mais** *gelados* **possível**. *** *Procurem* **o melhor** *dos melões* **possível**! *** *Reúna* **o maior** *número de provas* **possível**! *Possível* varia, porém, quando o artigo dessas expressões aparece no plural: *Traga* **as mais** *geladas cervejas* **possíveis**! *** *Queremos* **os** *guaranás*

mais *gelados* **possíveis**. *** *Procurem* **os melhores** *dos melões* **possíveis**! Já *quanto possível* é locução invariável: *Traga cervejas geladas* **quanto possível**!

123. Se eu disse que *já "deu" três horas* cometo erro?

R) Comete erro de concordância, porque o verbo *dar* concorda com o número de horas. Portanto, você deveria perguntar: *Já* **deram** *três horas?* Eis outros exemplos: **Deu** *uma hora e, logo em seguida,* **deram** *duas horas*. *** *Quando* **davam** *cinco horas, a empregada saía*. *** **Estão dando** *quatro horas neste instante*. (Como se vê, quando aparece verbo auxiliar, este também varia.) Se na frase a palavra *relógio* funcionar como sujeito, o verbo ficará, logicamente, no singular: **Deu** *três horas agora mesmo o* **relógio** *da sala*. Os verbos *bater* e *soar* usam-se igualmente: Veja: **Batem** *oito horas neste instante*. *** **Devem estar soando** *onze horas agora*.

124. Qual a origem da palavra *gari*?

R) A palavra *gari* surgiu com o primeiro proprietário de empresa de serviços de limpeza do Rio de Janeiro, no final do século XIX: *Aleixo* ***Gary***. Seus funcionários eram inicialmente chamados pela população de *empregados do Gary*; posteriormente, apenas ***garis***, aplicada mais uma vez a lei do menor esforço, lei de que o povo tanto gosta, desde os tempos do latim.

125. Qual a origem do nome ***Viracopos***, dado ao aeroporto internacional de Campinas (SP)?

R) O nome ***Viracopos*** surgiu do fato de o aeroporto estar localizado num bairro onde se situa a zona do meretrício, local em que pontifica a baderna, a arruaça, a bebedeira. A consequência disso eram mesas jogadas ao ar e copos virados todas as noites. Iniciada a construção do aeroporto, comentava-se, em tom de galhofa, que o bairro iria ganhar mais um virador de copos (pela deslocação de ar que os grandes jatos naturalmente
iriam provocar).

126. Quantas palavras possui atualmente o vocabulário português?

R) O vocabulário português possui atualmente cerca de 500 mil palavras. No século XVI, contudo, a língua portuguesa só tinha 10 mil palavras. O novo contingente vocabular está representado sobretudo por derivações,

composições, conversões, onomatopeias, neologismos, estrangeirismos, adaptações, incorporações, etc.

127. Como devo perguntar: "Que cor é a sua camisa?" ou *De que cor é a sua camisa?*

R) Entre essas duas perguntas, a mais consistente, sem dúvida, é a segunda, que admite esta resposta: *Minha camisa é da cor verde*. Melhor, contudo, será perguntar: *Qual a cor da sua camisa?*, que teria como resposta, por exemplo: *A cor da minha camisa é verde*. Há uma terceira hipótese: — *Que cor tem sua camisa? — Minha camisa tem cor verde*.

128. Qual o significado da expressão ***solução de continuidade***?

R) ***Solução de continuidade*** significa *interrupção ou suspensão (de qualquer processo ou algo em andamento)*. Quando alguém diz ou escreve *Nossos planos não sofreram solução de continuidade*, está comunicando que os planos continuaram em execução, não foram interrompidos, não goraram. Muitos usam a expressão no sentido de *processo normal de continuidade*, invertendo, assim, a própria comunicação. Dessa forma, a frase *Nossos planos sofreram solução de continuidade* comunica que os planos já não continuam em execução, sofreram interrupção de continuidade. Escreveu alguém, certa vez, num jornal: *Para os que ficam ou são deixados, uma sequência de fases se desenrola desde a* **solução de continuidade** *da relação amorosa. Tem a fase do impacto, o choque da perda. Depois, a revolta. Mais adiante, a busca das razões, dos motivos que expliquem o desfecho. E vem a saudade, porque ninguém escapa do sentir falta.*

129. A frase *O caso constitui "num" problema para a polícia* está correta?

R) Não, não está, porque o verbo *constituir* é transitivo direto; *constituir-se* é que é transitivo indireto. Portanto, construiremos, indiferentemente: *O caso* ***constitui um*** *problema para a polícia* ou *O caso constitui-**se n**um problema para a polícia.* *** *Marca própria* ***constitui um*** *bom negócio para empresas* ou *Marca própria constitui-**se n**um bom negócio para empresas.* *** *A burocracia* ***constitui um*** *óbice ao acesso à Justiça* ou *A burocracia constitui-**se n**um óbice ao acesso à Justiça.*

130. Está correta a frase *Juçara, Jeni e Filipe chegaram; todos "os" três são meus amigos*?

R) Não, o artigo aí está demais. Não se emprega artigo nesse caso, a menos que o numeral anteceda substantivo. Assim, por exemplo: *Todos* ***os três amigos*** *dela foram convidados, mas não compareceram*. Convém acrescentar que *todos* só se emprega de *três* em diante; portanto, substitua "todos dois" e "todas duas", expressões muito usadas no Nordeste, por *ambos* e *ambas*, respectivamente.

131. Está correta a frase *"Dois" vezes quatro são oito*?

R) Não, não está. Se *vezes* é palavra feminina, o numeral deve acompanhá- la: ***Duas*** *vezes quatro são oito*. O número que aparece depois da palavra *vezes* não varia, porque se toma como substantivo.

132. A frase *Qualquer pessoa neste país "legisfera"* está correta?

R) Não, não está. Ninguém *legisfera* em lugar nenhum do mundo; o que muito se faz é *legiferar*, sinônimo de *legislar*.

133. Posso dar *u**ma mão**zinha*, sem nenhum problema?

R) Pode. Há aqueles que, para evitar a cacofonia, usam *u'a* no lugar de *uma*, quando a palavra seguinte começa com *ma*. Isso (u'a) não existe; se não querem usar *uma*, que então usem *ua*, esta, sim, uma redução aceitável. Mas o emprego de *uma* está longe de constituir impropriedade. Às vezes, no ato da comunicação, é impossível fugir a algu**ma caco**fonia...

134. Que curiosidade traz a palavra ***canalha***?

R) A palavra ***canalha*** é formada de *cane* (cão) + o sufixo *-alha*. *Canalha* (quem não sabe?) é pessoa infame, cujos atos lembram os de um cão de rua. Aliás, muitas vezes nem mesmo os atos de um cão de rua se lhe assemelham.

135. As palavras ***censo***, sinônima de *recenseamento*, e ***censor***, associada a censura, são da mesma família?

R) São: possuem o mesmo radical. Na antiga Roma, a pessoa encarregada de proceder ao levantamento das populações das cidades conquistadas tinha o direito de bisbilhotar a vida de todo o mundo. Tudo o que se referia à moral e

aos bons costumes estava afeto aos *censores*, que se achavam no direito de fazer e desfazer, sem dar satisfação a ninguém. Essa pretensão correu séculos (e ainda não se cansou)...

136. Existe alguma afinidade entre as palavras ***defunto*** e ***função***?

R) Existe: ambas possuem o mesmo radical latino. ***Defunto*** nos veio de *defunctus*, aquele que cumpriu uma ***função***.

137. Por que se chama ***conclave*** a reunião de cardeais para eleger o papa?

R) *Conclave* significa *com chave*. Enquanto dura a eleição, os cardeais ficam fechados à chave.

138. A operação ***cesariana*** tem alguma coisa a ver com *Júlio César*, o ditador romano?

R) Tem. Júlio César nasceu por esse processo obstétrico.

139. Disse certa vez uma filha única: “Meu pai não me deixa namorar porque só tem *eu*”. Acertou?

R) Não: depois de verbo, claro ou subentendido, não se usam pronomes retos, que devem dar lugar aos pronomes oblíquos tônicos. Portanto, a infeliz filha única deveria ter dito assim: *Meu pai não me deixa namorar, porque só tem **a mim***. Outros exemplos semelhantes: *Não tenho outro amigo senão **a ti***. (E não: *Não tenho outro amigo senão “tu”*.) *** *Eles não viam no mundo outra pessoa senão **a mim***. (E não: *Eles não viam no mundo outra pessoa senão “eu”*.) *** *Nunca hei de amar outra mulher senão **a ela***. (E não: *Nunca hei de amar outra mulher senão “ela”*.)

140. Existe alguma impropriedade na frase: *Não me **sobrou** senão alguns trocados*?

R) Não, não existe nenhuma impropriedade aí. Nesse caso o verbo pode ser usado tanto no singular quanto no plural, indiferentemente: *Não me **sobraram** senão alguns trocados*. Por quê? Porque antes de *senão* pode-se subentender a palavra *nada*, na frase com o verbo no singular.

141. E nesta frase existe algum problema: "Possuo algumas propriedades, *qual* seja cinco casas e um terreno"?

R) Agora, sim, existe um problema de concordância, porque *quais* deve concordar com o termo antecedente (*propriedades*), e o verbo concorda necessariamente com o sujeito (*cinco casas e um terreno*). Em vez de *qual* pode aparecer *como*: *Possuo algumas propriedades,* ***como*** *sejam cinco casas e um terreno.*

142. Está correta esta frase: *Esse menino obedece a qualquer pessoa,* ***exceto os*** *pais*?

R) Está correta, mas é preferível empregar a palavra *exceto* com a preposição pedida pelo verbo ou pelo nome relativo. Se usarmos *menos* no lugar de *exceto*, a preposição será obrigatória. Portanto, podemos ainda construir: *Esse menino obedece a qualquer pessoa,* ***exceto a****os pais*. Mas apenas: *Esse menino obedece a qualquer pessoa,* ***menos a****os pais*. Outros exemplos com *exceto*: *Beatriz gostava de todo o mundo,* **exceto** *Luís* (ou **exceto de** *Luís*). *** *Era uma pessoa que concordava com todos,* **exceto** *sua mulher* (ou **exceto com** *sua mulher).* *** *A garota tinha confiança em qualquer pessoa,* **exceto** *sua tia* (ou: **exceto em** *sua tia*).

143. Que curiosidade trazem as palavras ***caminhoneiro*** e ***caminhão***?

R) *Caminhoneiro* é vocábulo usado apenas no português do Brasil. Em Portugal se usa *camioneiro*, forma preferível de todos os pontos de vista, porque tem origem no francês *camion* + sufixo *-eiro*. *Caminhão*, ainda que forma consagrada entre nós, foi criada arbitrariamente, já que o francês *camion* só nos poderia fornecer *camião*, de uso corrente em Portugal. De *caminhão* surgiu *caminhonete*, aportuguesamento do francês *camionette*. Os portugueses preferem usar *camioneta*, porque abominam os galicismos.

144. Por que os portugueses abominam os galicismos?

R) Os portugueses de fato fogem dos galicismos como o Diabo foge da cruz. Cá entre nós os puristas os imitam. Mas têm lá os portugueses suas razões (sérias) para não gostar dos francesismos. São motivos históricos: foram os franceses que obrigaram a Família Real a vir (leia-se *fugir)* para o Brasil. Nós não temos nada com isso; aliás, fomos até beneficiados com essa vinda

inesperada de D. João VI, que criou a Biblioteca Nacional, o Banco do Brasil e tantas outras coisas que não tínhamos.

145. A frase correta é *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá* ou é *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*?

R) Ambas são corretas. O verbo **dar** pede objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa. De fato, quem dá, dá alguma coisa a alguém. Nesse caso, a coisa é *o trabalho*; portanto, a construção mais aconselhável será *Eu me dei* **o** *trabalho de ir lá*. Mas ainda não acabou: ocorre que o verbo *dar* também se emprega em nossa língua com objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa. Por exemplo: *Luísa deu à luz gêmeos* (isto é: deu ao mundo gêmeos). Está aberto o precedente, que, sem dúvida, autoriza a construção *Eu me dei* **ao** *trabalho de ir lá*. Em espanhol, porém, diz-se: *Me doy el trabajo de hacerlo*. Em francês: *Je me donne la peine de faire*.

146. Que diferença existe entre *ter* **à** *mão* e *ter* **na** *mão*?

R) *Ter* um objeto **à** *mão* é tê-lo ao alcance da mão; *ter* um objeto **na** *mão* é estar com ele na mão, é estar de posse dele. Assim, convém *ter* sempre **à mão** um bom dicionário e **na mão** um excelente livro de português (como este, por exemplo...). No aeroporto de Salvador existia (ou ainda existe?) um aviso assim para os passageiros: *SALA DE EMBARQUE — Passagem "à" mão*. Na verdade, o que se estava querendo pedir era bem outra coisa: que os passageiros estivessem com os bilhetes ***na*** *mão*.

147. Usa-se obrigatoriamente o acento grave em *Vendas* ***à*** *vista*?

R) Não, obrigatoriamente, não. No português do Brasil se tornou tradição usar acento no **a** antes de palavra feminina, nas locuções, mesmo nos casos em que não ocorre a crase. Esse é um deles. Portanto, se você usar o acento aí estará conforme à tradição da língua portuguesa usada no Brasil; se você não usar o acento, estará correto também, porque esse não é um caso de crase. Tanto não é que, se substituirmos *à vista* por *a prazo*, o artigo *o* (de *prazo*) não aparece. Só quem sabe de fato O QUE É CRASE entende essas minhas palavras; quem pensa que sabe não vai entender coisa alguma.

148. É verdade que devo *confessar-**me***, mas nunca

“comungar-me”?

R) É verdade: o verbo *confessar* é pronominal, portanto nunca dispensa o pronome; já o verbo *comungar* é intransitivo e rejeita a companhia de pronomes oblíquos. Portanto, construa: *Confessei-**me** ontem e **comunguei** hoje*. *** *Você **se** confessa e não **comunga**?!*

149. Na porta estava escrito: “*Proibido* a entrada de pessoas estranhas”. Está certo?

R) Não, está errado. O adjetivo *proibido* só não varia quando o substantivo não vem determinado por artigo. Assim, por exemplo: ***Proibido entrada** de pessoas estranhas*. Se aparece o artigo, é obrigatória a concordância do adjetivo: *Proibid**a a** entrada de pessoas estranhas.*

150. Existe diferença entre ***amante*** e ***amásio***?

R) Muita: ***amante*** é a pessoa que mantém ligação íntima ou amorosa, geralmente ilícita, com outra. D. Pedro I tinha muitas *amantes*, o que lhe acarretou vários processos pelo Brasil afora, embora fosse o imperador (naqueles tempos não havia impunidade...). Sabe-se hoje que o presidente John Kennedy tinha inúmeras *amantes*, entre as quais Marilyn Monroe. ***Amásio*** é o homem que se ligou ilicitamente a uma mulher com quem convive. É o mesmo que *companheiro* (mas não na acepção que os partidários do PT dão a essa palavra, com o mesmo valor de *camarada*, entre os velhos comunistas). O *amante* não se **separa** da família para viver com outra mulher, ao contrário do *amásio*, que deixa mulher e filhos para coabitar com a nova parceira. O *amante* mantém a família direitinho, mas esconde a nova companheira. É um esperto? Quem sabe. Na verdade, ambos pecam pela profunda ingenuidade...

151. Existe diferença entre ***burrice*** e ***ignorância***?

R) Também muita: comete ***burrice*** aquele que, mesmo sabendo a diferença entre o certo e o errado, prefere enveredar pelo errado. Ou aquele que já se saiu mal no mesmo empreendimento e faz tudo do mesmo jeito, buscando o mesmo desastroso resultado. É ***ignorante*** aquele que comete desatinos por absoluta falta de informação. Mas isso não impede que alguém *ignorante* cometa *burrices*. É que o *ignorante* nem tudo ignora. Por mais *ignorante* que alguém seja, sabe que é um erro rasgar dinheiro. Se mesmo assim o faz, é, sem

dúvida, *burro*, a quem muitos preferem chamar *estúpido*.

152. Existe diferença entre ***engolir*** e ***beber***?

R) Existe: ***engolir*** é fazer passar (geralmente alimento líquido) direto da boca para o estômago, sem mastigar. Ao oferecermos um pedaço de carne a um cão faminto, notamos que o animal *engole* o alimento. ***Beber*** é tomar (geralmente alimento) na boca e ingeri-lo em dois ou mais goles. Todo o mundo sabe quanto é bom e saudável *beber* uma água de coco. Nós *engolimos* a saliva, não "bebemos" a saliva. O *beber* envolve um processo em duas ou mais fases; o *engolir* implica um processo único, uma única fase.

153. Existe diferença entre ***divisa*** e ***fronteira***?

R) Existe: ***divisa*** é limite de território estadual ou municipal: *A **divisa** dos Estados de São Paulo e do Paraná é marcada por um rio. *** Na **divisa** de Santos com São Vicente se deu o acidente*. **Fronteira** é o limite internacional de um país: *O Brasil não faz **fronteira** com o Equador nem com o Chile*. Já *limite* se usa para ambos os casos.

154. Por que o ***s*** de *trânsito* tem som de *zê*, se não está entre vogais?

R) Porque o *n* de *trânsito* não é propriamente uma consoante, mas um *sinal de nasalação* (a que os linguistas preferem chamar *arquifonema nasal*). Note que podemos substituí-lo por um til: *trãsito* (repare que agora o *s* se encontra entre vogais; portanto, cabe-lhe representar o som zê). Estão no mesmo caso: *transa, transação, transe, transeunte*
e *transigir*.

155. Por que *honra* se escreve apenas com ***r***, se o som desse ***r*** é forte?

R) A palavra *honra* deveria, em rigor, ser escrita com ***rr*** (*honrra*), pois o ***r*** entre vogais tem som brando (*cara, Pará, barata*, etc.). E por que não é, então, assim? Acontece que em português não existe nenhuma palavra com ***r*** brando após som nasalado. A língua, então, simplifica a escrita de *homrra* (forma arcaica) para *honra*, de *gemrro* (forma arcaica) para *genro*, etc. Nunca é demais lembrar que no português arcaico se escrevia *rrey, rrazões*, etc.

156. Por que existe a madre ***superiora***, se o adjetivo *superior* não varia em gênero?

R) De fato, *superior* é adjetivo invariável em gênero, assim como *anterior, inferior, interior* e *posterior*. Esse, porém, é o único caso em que se flexiona em gênero o adjetivo *superior*. Talvez seja concessão divina...

157. Por que quase todo o mundo escreve *arroz*, mas pronuncia *arrôiz*?

R) E não há erro nisso. Note que todos dizemos *páis* (paz), *fáis* (faz), *vocêis* (vocês), *trêis* (três), *vêiz* (vez), etc. Na língua falada, essa epêntese (intercalação de fonema no meio da palavra) é perfeitamente normal. Portanto, pode continuar comendo o seu *arrôiz* com *fejão*, sem problema nenhum! (Na fala, o ditongo *ei*, principalmente, pode perder o *i*; daí por que quase todo o mundo diz *fejão, dinhero, quejo*, etc.)

158. Posso usar: "Isso é *mais superior do que* aquilo"?

R) Poder, até que pode, mas não deve. *Superior*, assim como *inferior*, não admite modificador nem "do que", mas ***a***. Por isso, convém usar sempre assim, principalmente ao escrever: *Os carros japoneses são superiores* ***a****os brasileiros.* *** *O vinho alemão é superior* ***a****o francês.* Não convém imitar, portanto, um jornalista, que escreveu numa revista: *Carro francês inova no tamanho para oferecer um modelo médio com porte "mais superior".*

159. Existe redundância na combinação *crepúsculo vespertino*?

R) Não. Quem pensa que *crepúsculo* é uma palavra que se relaciona só com o período da tarde, engana-se: existe o crepúsculo *matutino*.

160. Uma *mesada* pode ser *semanal*?

R) Pode, porque também aqui não há nenhuma redundância: a noção de *mês* na palavra *mesada* se perdeu completamente. Esse caso é semelhante ao de *marmelada de chuchu*, expressão que à primeira vista poderá parecer discrepante, mas se justifica plenamente no âmbito da língua. A figura de linguagem que permite esse tipo de combinação se chama *catacrese*.

161. A palavra correta é ***rissole*** ou *risólis*?

R) Prefira comer ***rissole***, sempre que puder; rejeite a outra, que só lhe causará indigestão!...

162. Qual a correta pronúncia da palavra ***inexorável***?

R) É *inezorável*. Mas toda pessoa que se quer passar por intelectual ou erudita pronuncia a palavra desta forma: "ineksorável". Ora, mas o *x* aí tem valor de *z*! Portanto, a palavra soa *inezorável*. Que tipo de intelectual é esse? De araque, certamente.

163. Qual o gênero da expressão inglesa ***happy hour***?

R) *Happy hour* é de gênero feminino: ***a*** *happy hour*. Mas muita gente anda fazendo coisa diferente às sextas-feiras no final da tarde: "o" *happy hour*. (Não dá estresse?) Louvável, portanto, esta manchete da *Folha de S. Paulo*: Bar de SP oferece caipirinha e chope em dobro n**a** *happy hour*.

164. Existe a palavra "aficcionado" em nossa língua?

R) Não, não existe a palavra "aficcionado" em nossa língua, mas quase todo o mundo se diz "aficcionado de" ou "aficcionado por" alguma coisa, quando – de preferência – deveria ser ***aficionado a*** alguma coisa: *Ele é **aficionado a**o automobilismo. *** Já são muitos os **aficionados a**os esportes radicais.*

165. Qual a abreviatura correta da palavra ***número***?

R) É **n.º**, com ponto, e não com tracinho, como faz quase todo o mundo.

166. Qual a diferença de significado entre ***valorar*** e ***valorizar***?

R) ***Valorar*** é determinar ou estimar o valor monetário ou o preço de (alguma coisa), atribuir valor econômico a (alguma coisa); avaliar: *O ourives **valorou** a joia em um milhão de reais.* É, ainda, emitir ou proferir um juízo de valor sobre (alguma coisa); dar parecer sobre (alguma coisa); avaliar, apreciar: ***Valorar** a qualidade de uma telenovela.* ***Valorizar*** é dar o devido valor a (alguma coisa): *É preciso **valorizar** o professor*. É também aumentar o valor de (alguma coisa): *Esse acessório **valoriza** o automóvel*. É também ter em alta conta, apreciar: *Eu **valorizo** sua amizade*. É, ainda, calcular ou estimar a qualidade de (uma coisa), numa escala de valores: *Eu **valorizo** a saúde sobre o dinheiro*. Apesar das diferenças, há dicionários que registram ambos como sinônimos. Como se vê, não são.

167. A palavra correta é ***alto-falante*** ou “auto-falante”?

R) A palavra correta é ***alto-falante***. Desde os mais remotos tempos, escreve-se ***alto-falante***. Creio que até antes dos tempos pré-adamíticos... De repente, porém, alguém achou que estava errada a primeira palavra, raciocinando mais ou menos assim: *Claro que está errada: afinal, se se trata de uma peça que se usa em automóvel, a palavra só pode ser escrita mesmo com u, e não com l*. Raciocínio tolo, pueril, que algumas fábricas de automóvel até encampam, porque fazem constar “auto-falante” em seus *sites*. A primeira palavra aí é um advérbio (*alto*) e nada tem a ver com *automóvel*. Afinal de contas, *alto-falante* não é algo que se use apenas em automóveis. Ou é?...

168. Se a palavra *chouriço* tem ditongo (*ou*), por que todo o mundo diz “churiço”?

R) A essa pergunta, infelizmente, não tenho resposta. Se a palavra é *couraça*, e todo o mundo diz direitinho: *c**ou**raça*, e não “curaça”; se a palavra é *louraça*, e todo o mundo diz direitinho: *l**ou**raça*, e não “luraça”, e assim por diante, fica difícil dizer por que é que o povo diz “churiço”, em vez de *ch**ou**riço*.

169. Qual é um dos grandes problemas relacionados com a crase?

R) É este: não existe *a* com acento grave (*à*) antes de número. Então, você passa por uma farmácia e vê uma placa anunciando: *Descontos de 50 “à” 80%*. E nunca mais entra nela, nem mesmo com tamanho desconto...

170. Qual é a pronúncia correta da palavra ***cassetete***?

R) É *cassetéte*. Os apresentadores e repórteres de telejornais precisam urgentemente saber disso...

171. Como se pronuncia corretamente o verbo *obstar*?

R) Pronuncia-se, nas formas rizotônicas, como no verbo *optar*: com tonicidade no o (***o**bsto, **o**bstas, **o**bsta, **o**bstam; **o**bste, **o**bstes, **o**bste, **o**bstem*).

172. Existe diferença de significado entre *eficiência* e *eficácia*?

R) Existe: ambos os termos significam *produção do efeito desejado com o mínimo custo, esforço ou desgaste*, mas ***eficácia*** se refere a coisas; ***eficiência***, a pessoas. Assim, nenhum produto de limpeza, por melhor que seja, pode ser

número 1 em “eficiência”, como um deles alardeia.

173. Qual é a pronúncia correta de *Quo vadis*?

R) ***Quo vadis?*** é o nome do romance histórico de autoria do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, publicado em 1895 e adaptado para o cinema. Trata da perseguição aos cristãos em Roma, no tempo de Nero. O título foi tirado da frase latina *Quo vadis, Domine?* = Aonde vais, Senhor? Pronuncia-se *kúo vádis?*

174. Como se pronuncia corretamente o verbo *ritmar*?

R) Nas formas rizotônicas, pronuncia-se com tonicidade no i: *r**i**tmo, r**i**tmas, r**i**tma, r**i**tmam; r**i**tme, r**i**tmes, r**i**tme, r**i**tmem*.

175. Qual é a pronúncia correta de ***netinho*** e de ***netinha***?

R) Se você diz *neto* ou *neta,* com o *e* aberto, o diminutivo não poderá ter essa vogal fechada; pronuncie, então, *nètínhu, nètínha*. Diz-se o mesmo de *retinha* e *retão*, derivados de *reta*; de ***chefão*** e ***chefinho***, derivados de *chefe*; de ***telão*** e ***telinha***, derivados de *tela*; e ***festão*** e ***festinha***, derivados de *festa*.

176. Qual é a pronúncia correta das palavras ***lojão*** e ***lojinha***?

R) Anote: ***lòjãu, lòjínha***, ou seja, com o ***o*** aberto, já que *loja*, o substantivo primitivo, tem esse ***o*** aberto. Da mesma forma se pronunciam ***rodão*** e ***rodinha***, derivados de *roda*.

177. Qual a concordância verbal correta quando após um coletivo se segue nome no plural?

R) É fazer o verbo concordar com o coletivo. Ex.: *Uma junta de médicos **examinou** o paciente. *** Uma nuvem de gafanhotos **devastou** a lavoura de milho. *** Uma turma de torcedores **vaiou** o time, por causa da derrota. *** Um bando de vândalos **destruiu** vários orelhões na cidade*. Há quem aceite, lamentavelmente, o verbo no plural nesse caso, fazendo confusão com outro caso de concordância, ou seja, com os coletivos partitivos (*a maioria de, bom número de, a maior parte de*, etc.). Estes, sim, podem deixar o verbo no singular ou no plural. Ex.: *A maior parte dos torcedores **vaiou*** (ou ***vaiaram***) *o time. *** A maioria das pessoas **acredita*** (ou ***acreditam***) *em tudo o que **lê*** (ou ***leem***). Imagine, caro leitor, dizer que uma turma de torcedores “vaiaram” o

time ou um bando de vândalos “destruíram” vários orelhões na cidade. É quase a mesma coisa que dizer “o pessoal chegaram e não gostaram do que viram”...

178. Qual a diferença de significado entre ***bobo*** e ***tolo***?

R) ***Bobo*** é o que só diz ou faz bobagens; é o mesmo que *tonto*. Em salas de aula há muitos. ***Tolo*** é o que comete asneiras, num determinado instante, por ser ingênuo ou pouco inteligente. As mulheres sabem muito bem o que é um *tolo* e como facilmente se faz um... O *bobo* não tem remédio, agirá sempre como tal; o *tolo* é uma vítima das circunstâncias.

179. Qual a diferença de significado entre ***descriminalizar*** e ***descriminar***?

R) ***Descriminalizar*** é declarar oficialmente a isenção de crime a (um hábito): *Querem* ***descriminalizar*** *o uso das drogas*. (Todavia, que fique bem claro: não se descriminalizam as drogas, mas seu uso, sua prática, seu porte, o hábito, o vício, a posse.) ***Descriminar*** é inocentar, absolver: ***Descriminaram*** *todos os deputados envolvidos em corrupção. *** O juiz* ***descriminou*** *o réu*. Será possível um dia “descriminarem as drogas”? O substantivo correspondente é *descriminação*: *Só cabe ao júri a* ***descriminação*** *desse réu*. Muito bem. Veja agora como um jornalista redigiu a sua manchete e diga se desta vez acertou: *FHC defende descriminalização “da maconha” para consumo pessoal*. Quando se fala em droga, tudo se torna muito nebuloso...

180. Qual é a grande invenção dicionarista dos últimos tempos?

R) A grande invenção dicionarista dos últimos tempos é a palavra *tira-teima*. Nossa língua possui certas palavras que, embora no singular, terminam em s. São muitos os casos, entre os quais *pires* (o pires), *lápis* (o lápis), *tênis* (o tênis), *porta-aviões* (o porta-aviões) e também, naturalmente, *tira-dúvidas* (o tira-dúvidas), além de *tira-teimas* (o tira-teimas). Uma rede de televisão (a do “Roráima”), no entanto, inventou o “tira-teima”, como se também pudéssemos usar “tira-dúvida”, “pire”, “lápi”, “têni”, “porta-avião”. Vulgarizou de tal forma a invenção, que um dicionarista resolveu encampá-la, registrando-a em seu dicionário. Mas esse mesmo dicionarista não teve a coragem de registrar “tira-dúvida”. Nem “pire”, “lápi”, “têni” e “porta-avião”,

evidentemente. Claro, porque essas formas, assim como "tira-teima", não existem. Mas, mesmo não existindo, foi feito lá o registro. E a 5.ª edição do VOLP, para não ficar atrás, acabou também registrando a palavra. Eita, Brasil!

181. Qual a diferença de significado entre ***enjeitar*** e ***rejeitar***?

R) ***Enjeitar*** é recusar com desprezo: *Ela* ***enjeitou*** *o meu convite para jantar*. *** *Existem aves que* ***enjeitam*** *seus filhotes*. ***Rejeitar*** é repelir (o que é dado ou oferecido), é não aceitar, é recusar: *O presidente lhe ofereceu o cargo, mas ele o* ***rejeitou***. *** *Ofereci-lhe ajuda, mas ela a* ***rejeitou***. *** *Há mendigos que* ***rejeitam*** *moedas de baixo valor*. *Enjeitar* implica desprezo por algo que já tínhamos ou que estava à nossa disposição.

182. Que curiosidade traz a palavra ***canibal***?

R) A palavra *canibal* surgiu por acaso, em razão de um erro de leitura. Cristóvão Colombo, quando descobriu a América, em 1492, ao fazer referência a silvícolas antropófagos em seu diário de viagem, anotou *caribales* (plural de *caribal*, em espanhol), ou seja, habitantes do Caribe. Ao ler a palavra, alguém trocou o *r* pelo *n*. Nasciam, assim, os *canibais*.

183. Existe alguma diferença de significado entre ***assassino*** e ***homicida***?

R) Existe: ***assassino*** é o que mata alguém intencionalmente; ***homicida*** é o que mata alguém voluntária ou involuntariamente. Aquele que mata em legítima defesa não é *assassino*, mas não deixa de ser um *homicida*.

184. Existe alguma diferença de significado entre ***barranca*** e ***barranco***?

R) Existe. Ambos são terrenos altos e íngremes, mas *barranca* se aplica apenas a rio, sendo, portanto, equivalente de *ribanceira*; ***barranco*** se aplica a estrada e também a rio. Portanto, podemos usar: *a barranca* (ou *o barranco*) *do rio*. Mas apenas: *o barranco da estrada*.

185. *Futebol* e *voleibol* têm plural?

R) Têm: *futebóis, voleibóis*. Daí por que podemos usar, sem problema nenhum: *O Brasil pratica um dos melhores* ***futebóis*** *e* ***voleibóis*** *do mundo*. (Há quem duvide...)

186. Qual a diferença de significado entre ***conferência*** e ***palestra***?

R) A ***conferência*** é uma lição formal e catedrática sobre assunto importante, na qual o conferencista discorre magistralmente. A ***palestra*** é a mesma lição, porém, durante a qual ou depois dela se pressupõe discussão ou debate sobre o assunto tratado. O palestrante quase sempre admite apartes e está sempre disposto a aceitar conceitos distintos dos seus, em relação ao que foi abordado. Não assim o conferencista, que, douto sobre o assunto, sobre ele discorre sem deixar margem a dúvidas ou a complementos.

187. É verdade que a forma ***tsar*** é melhor que ***czar***?

R) É verdade. A forma *tsar* é preferível, por corresponder quase exatamente à pronúncia russa; a forma *czar* nos veio através do húngaro e *tzar* do alemão. O último *tsar* russo foi Nicolau II (1868-1918), que reinou de 1894 a 1917.

188. Qual a grande informação sobre o verbo ***aumentar***?

R) *Aumentar* é um verbo que significa, entre outras acepções, tornar ou ficar maior (***aumentar** o conhecimento; minha sede **aumentou***) ou adquirir mais (qualquer coisa): ***aumentei** de peso de repente*. Como se vê, no próprio verbo já existe a ideia de *maior*, de *mais*. Mas os jornalistas brasileiros, sobretudo os repórteres, insistem em usar “aumentar mais” ou “aumentar ainda mais”. Pra quê?

189. Alguém pode “fluoretar” a água?

R) Não. Se alguém tentar fazer isso, não vai conseguir, já que não existe esse verbo em nossa língua. Os seres sadios ***fluoram*** a água.

190. Qual a grande informação sobre a palavra ***alerta***?

R) A palavra ***alerta*** é advérbio, e não adjetivo. Por isso, não varia. Mas alguns apresentadores de telejornais e jornalistas, com receio de serem mal interpretados (afinal, eles nunca são...), em vez de dizer ou escrever *As pessoas estão mais **alerta** nas ruas*, eles usam: *As pessoas estão mais* “em alerta” *nas ruas*. Mas... pra que esse “em”? Não há nenhuma necessidade! *Grosso modo,* do ponto de vista gramatical, vamos substituir *alerta* por *atento*: *As pessoas estão mais atentas nas ruas*. Substituir *alerta* por “em alerta” seria o mesmo que substituir *atentas*, nessa frase, por “em atenção”.

Quem o fará? Veja, agora, meu caro amigo, como escreve um médico: *Os chás, em sua maioria, são veículos de flavonoides, substâncias de efeitos antioxidantes. Seus princípios ativos, como os medicamentos, têm indicações, mas também podem trazer efeitos colaterais. A teína destes chás estimula o coração e nos deixa "alerto"*. Costumo dizer: os médicos entendem muito. (De medicina...) Na verdade, muitos médicos estão colhendo hoje o que semearam quando da época de estudantes. Nos cursinhos preparatórios para vestibulares, era comum os alunos desprezarem as aulas de Língua Portuguesa, achando que importantes mesmo eram as de Biologia, Matemática, Física e Química. Atitude "sábia"! Hoje, eles sabem um pouco da sua profissão e nada da própria língua; tornaram-se indivíduos sofríveis no uso do próprio idioma. Atitude de estudante estúpido. Por isso, com alguns médicos de hoje, estejamos sempre *alerta*!

191. Por que se usa a palavra ***veado*** em referência ao pederasta passivo?

R) A origem está num médico judeu de Frankfurt, Alemanha, de nome *Hirsch*, que, em alemão, significa *veado*. Tinha o Dr. Hirsch verdadeiro fascínio pela dupla sexualidade. Considerava os andróginos seres superiores, verdadeiros gênios, representantes da evolução espiritualista da humanidade. Diante de tanto fanatismo, não custou aparecerem imediatamente os *hirschs*, adeptos fervorosos, que pregavam a pederastia aberta e publicamente, sem nenhum pejo, sem nenhum constrangimento.

192. Por que a palavra ***zebra*** passou a significar *acontecimento inesperado, geralmente em competição esportiva*?

R) É que a zebra, como todos sabemos, não figura entre os 24 bichos do jogo do bicho. Certo dia, então, apareceu um treinador de futebol no Rio de Janeiro, muito galhofeiro, que garantia a todos os repórteres que naquele ano de 1964 ia dar *zebra*, porque o seu time, a Portuguesa, seria campeã carioca. Os repórteres gostaram da brincadeira, mesmo porque só podia ser brincadeira... Adotaram a palavra como sinônima de *acontecimento pra lá de inesperado* e se encarregaram de divulgá-la Brasil afora. Pegou.

193. Qual a curiosidade envolvendo a palavra ***saudade***?

R) A palavra *saudade* tem tradução exata em poucas línguas. Não é, como

imaginam muitos, um idiotismo da língua portuguesa. O russo, o alemão, o romeno, o árabe, o armênio e até o japonês possuem palavras que lhe correspondem, mas nenhuma tem a mesma suavidade sonora. Também não têm fundamento a noção de que não se usa essa palavra no plural (saudades). Uma pessoa pode ter *saudade* ou *saudades* de alguém.

194. Por que é que se diz ***santo do pau oco*** em referência a *pessoa falsa*?

R) A expressão *santo do pau oco* surgiu no Brasil colonial e, mais exatamente, em Minas Gerais, no final do século **XVII**, época do auge da mineração no país. A Coroa portuguesa costumava cobrar impostos altíssimos sobre todos os metais preciosos. Os que não queriam pagar esculpiam santos em madeira oca e os recheavam de ouro em pó. Assim, conseguiam passar pelos postos de fiscalização. Usa-se também a expressão em referência a menino levado, e, neste caso, *santo* aparece geralmente no diminutivo.

195. Agora só se escreve ***corpo a corpo***, sem hifens?

R) Exatamente, em qualquer significado, escreve-se *corpo a corpo*. Antes, fazia-se distinção entre *corpo-a-corpo* (luta corporal, luta de corpo a corpo: *o soldado francês é ótimo no* ***corpo-a-corpo***) e *corpo a corpo* (modo como se luta ou se age: *os soldados lutavam* ***corpo a corpo****; amarraram* ***corpo a corpo*** *e jogaram numa vala comum*). Agora, virou uma bagunça só, coisa, aliás, muito própria dessa 5.ª edição do VOLP.

196. A palavra correta é ***Pireneus*** ou “Pirineus”?

R) A palavra correta é *Pireneus*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer “Pirineus”, que não existe. Outro erro comum nos livros de Geografia é “Orenoco”. O rio venezuelano tem outro nome: *Orinoco*.

197. A expressão correta é *ventos alísios* ou é “ventos alíseos”?

R) A expressão correta é *ventos alísios*, mas muitos livros de Geografia insistem em trazer “ventos alíseos”, que nunca sopraram em lugar nenhum. Minto. Já sopram na 5.ª edição do VOLP. Normal...

198. Existe alguma diferença entre ***invenção*** e ***invento***?

R) Existe. As duas palavras exprimem o que se inventou, a obra do inventor, com a diferença de que *invenção* tem muito mais extensão, é termo bem mais abrangente. O *invento* se restringe às artes. A pilha, o rádio, a televisão e o computador são *invenções*; o cinema, além de *invenção*, é um extraordinário *invento*. Há coisas, no entanto, que não podem (nem devem) ser inventadas. Um estudante participante do ENEM, no entanto, preocupado com o futuro dos inventores, escreveu isto: *Lavoisier foi guilhotinado por ter inventado o oxigênio*. Esse é o tipo de invento que, em verdade, é uma invenção...

199. Qual a diferença entre ***idealizar*** e ***idear***?

R) ***Idealizar*** é planejar algo sublime, da mais alta aspiração intelectual, estética, espiritual, afetiva: ***idealizar** a mulher amada*. Substantivo correspondente: *idealização*. ***Idear*** é projetar ou planejar (em qualquer sentido): *idear uma viagem, um sequestro, um roubo, um assalto*. Substantivo correspondente: *ideação*.

200. Qual a diferença de emprego entre os verbos ***tachar*** e ***taxar***?

R) Ambos têm a mesma significação: qualificar, classificar, mas o primeiro se usa sempre no mau sentido, enquanto o segundo se usa tanto no sentido positivo quanto no negativo. Assim, podemos ***tachar*** ou ***taxar*** um colega de mal-educado, um político de corrupto, um presidente de mentiroso e cínico. Mas só podemos ***taxar*** alguém de inteligente ou de gênio.

201. Existe diferença de significado entre ***prefixar*** e ***pré-fixar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Prefixar*** é usar prefixo em: ***prefixar** um radical.*
Pré-fixar é fixar com antecedência: *pré-fixar os juros*. (A grafia *pré-fixar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

202. Existe diferença de significado entre ***pré-juízo*** e ***prejuízo***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-juízo*** é a opinião antecipada ou juízo falso, geralmente adverso e sem conhecimento de causa, sem exame prévio dos fatos; é o mesmo que *prejulgamento*: *Não devemos fazer **pré-juízos** contra ninguém*. Significa ainda *preconceito*: *povo de muitos **pré-juízos***. ***Prejuízo*** é dano, mal: *causar **prejuízos** ao país; os **prejuízos** que o fumo causa à saúde*. (A

grafia *pré-juízo* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

203. Existe diferença de significado entre ***pré-ocupar*** e ***preocupar***?

R) Sem dúvida, existe. ***Pré-ocupar*** é ocupar antecipadamente, geralmente por precaução: *Os proprietários do prédio em construção, temendo uma invasão dos sem-tetos, pré-ocuparam todas as suas unidades, mesmo sem instalações hidráulicas*. ***Preocupar*** é causar preocupação a: *A inflação já preocupa novamente os brasileiros*. (A grafia *pré-ocupar* não consta no VOLP, mas, como se vê, é necessária; por isso, registramo-la no **Grande Dicionário Sacconi**.)

204. ***Inarrável*** e ***inenarrável*** são mesmo sinônimos, como dão os dicionários brasileiros?

R) Certamente, não. ***Inarrável*** é que não se pode narrar ou contar; é o mesmo que *incontável*: *Foi uma reação* ***inarrável***. *** *Ele tem um repertório de piadas* ***inarráveis***. ***Inenarrável*** é que não se pode narrar ou descrever, por sua grandeza ou importância; é o mesmo que *indescritível*, *tremendo, grandioso*: *Os campeões foram recebidos com* ***inenarrável*** *entusiasmo da população*. *** *Ator de* ***inenarrável*** *talento*. (Dicionários há por aí, porém, que dão tais palavras como sinônimas. São?)

205. Qual é a pergunta que não quer calar do jornalismo esportivo brasileiro?

R) Se no futebol os pontas, aliás, os saudosos pontas, eram chamados por todos os narradores e jornalistas esportivos de ponta-direit**a** e ponta-esquerd**a**; se os alas são hoje chamados por todos os jornalistas e narradores esportivos de ala-direit**a** e de ala-esquerd**a**, como se explica que os narradores e jornalistas esportivos chamem os laterais de “lateral direit**o**” e de “lateral esquerd**o**”? Para alguns, isso tem explicação...

206. Qual é a pergunta que não quer calar dos dicionários brasileiros?

R) Se o que está cercado não encontra passagem por nenhum dos lados, como se explica que nos dicionários brasileiros apareça a definição de península

desta forma: *porção de terra cercada de água "por todos os lados", exceto por um*?

207. Qual é a grande informação envolvendo o verbo ***desculpar***?

R) O verbo *desculpar* é dos mais interessantes: quem desculpa, desculpa alguém de (ou por) alguma coisa: ***Desculpe**-nos da nossa falha*. *** ***Desculpe**-me pelo atraso*. *** ***Desculpem**-nos pelo transtorno*. Claro que nós só podemos desculpar **alguém**, uma pessoa, e nunca uma coisa. Aquele que quiser desculpar uma coisa está perto de ir para um sanatório, porque isso é impossível! Mas, qual nada! Todo o mundo usa: *"Desculpe a nossa falha"*, *"Desculpe o meu atraso"*, *"Desculpem o transtorno"*. Ora, se não se desculpa a coisa, como se pode construir frases assim? Dá pra entender? (E desculpe-me você, caro leitor, de toda esta nossa chateação!...)

208. Quem nasce em *São Luís* do Maranhão se diz o quê?

R) Quem nasce em São Luís é ***são-luisense***, mas na cidade muitos preferem ser chamados de **ludovicenses**.

209. Os nomes dos meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial maiúscula ou não?

R) Os nomes dos dias e meses do ano e dos dias da semana se escrevem com inicial minúscula: *Nasci num **dezoito** de **dezembro**, numa **quinta-feira***. Só em casos excepcionais se grafam tais nomes com inicial maiúscula. Por exemplo: *O povo comemorou o **Sete** de **Setembro** e o **Quinze** de **Novembro** nas ruas*. (Trata-se de datas históricas.) *Os católicos celebram a **Quarta-Feira de Cinzas***. (Trata-se de nome de dia religioso.) Os nomes de festas pagãs, no entanto, não se grafam com inicial maiúscula. Portanto, escreva sempre carnaval, micareta, etc. Os jornalistas brasileiros, no entanto, insistem em escrever "Carnaval".

210. A palavra ***inguinal*** já não tem trema?

R) A palavra *inguinal* nunca teve trema; sendo assim, sempre se pronunciou *inghinal*, e não "ingüinal". *Inguinal* é um adjetivo que se refere à virilha: uma hérnia *da virilha* é uma hérnia *inguinal*. Como todos vocês já sabem, o trema foi abolido, já não se usa em palavras portuguesas. Como a pronúncia dessa

palavra é e sempre foi *inghinal*, e não “ingüinal”, conclui-se que nunca recebeu trema. Sempre se escreveu *inguinal*, sem trema, e a pronúncia sempre foi *inghinal*. Faço questão de repetir, para ficar bem claro. Pois bem. Outro dia, durante a transmissão pela televisão de um jogo do Palmeiras, o repórter de campo nos informou que “Marquinhos sofreu uma cirurgia de hérnia ‘ingüinal’ e só voltará a jogar daqui a dez dias”. Ao que o narrador perguntou: *“Ingüinal” com trema ou sem trema?* É ele mesmo quem responde: *Claro, sem trema, porque caiu o trema*. Ou seja: não bastou que pronunciasse errado a palavra (ele naturalmente deve pensar que a palavra tem algo a ver com íngua...); segundo seus “amplos e profundos” conhecimentos de português, a palavra levava trema anteriormente. Ante o exposto, alguns até poderiam aconselhar a esse narrador: *Fica quietinho aí no teu canto, narra direitinho aí o teu jogo e te aquieta, não te arrisques a ir muito além do teu sapato, que te perdes sozinho!* Eu seria um deles...

211. Qual a grafia correta: ***pátio*** ou “páteo”?

R) Está claro que a grafia correta é ***pátio***. A forma “páteo” se grafava antes da Reforma Ortográfica de 1943. Se há no Pátio do Colégio, em São Paulo, uma placa com *Páteo do Colegio*, isso se deve ao fato de essa placa ter sido ali colocada antes dessa Reforma Ortográfica, que é quando ainda se escreviam *Goyaz, Goytacaz, pharmacia, camondongo*, etc.

212. Ao escrever os símbolos químicos, uso o masculino, mesmo se tratando de um composto de nome feminino? Por exemplo: *água* é nome feminino, então, ao me referir a seu símbolo (H_2O), devo usar “a” H_2O ou **o** H_2O?

R) Antes de qualquer símbolo químico, usa-se o gênero masculino, por estar subentendida essa expressão, que é de gênero masculino (*símbolo químico*): **o** H_2O, **o** NH_3, etc. Quando se diz *o* NH_3 *é volátil*, o espírito percebe a mensagem desta forma: **o** símbolo químico **NH3 é** de um composto *volátil*.

213. Qual é a frase correta: ***Deve***-se criar impostos ou ***Devem***-se criar impostos?

R) A frase *rigorosamente* correta é *Não se deve criar impostos*... Voltando à gramática: ambas as frases estão corretas. Na primeira, *criar impostos* é uma oração reduzida subjetiva: *o que se deve? criar impostos* (oração reduzida

subjetiva), daí o verbo no singular. Na segunda, o verbo *dever*, auxiliar, deve concordar com o sujeito (impostos), já que se trata de uma passiva sintética, equivalente desta, analítica: *impostos devem ser criados*. A mesma faculdade se dá com o verbo *poder*: *Pode*-se criar impostos (= Criar impostos é podido), *Podem*-se criar impostos (= Impostos podem ser criados). Se me perguntarem que construção prefiro, opto pela segunda, com o verbo auxiliar.

214. Qual o verdadeiro significado do verbo ***acatar***?

R) No **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**, há para ***acatar*** o registro de duas acepções: **1.** Seguir ou observar com submissão ou com respeito; aceitar: *acatar os conselhos dos pais, as opiniões dos mais velhos.*
2. Respeitar; cumprir; obedecer a: *acatar as leis, o regulamento.* Sendo assim, acata quem tem juízo. No meio jurídico, tem sido usado erroneamente, por *acolher*, que significa receber para tomada de providências, dar acolhida a. Ex.: *Ele é o encarregado na empresa de acolher as reclamações dos consumidores.* *** *O juiz acolheu a tese de prescrição de prazo*.

215. Agora se escreve *cara de pau*, sem hifens?

R) Exatamente, sem hifens, mas o plural continua sendo *caras de pau* (que é o que mais há por aí, principalmente numa capital de país...).

216. Uma partida de futebol pode ser transmitida na madrugada de “sábado para” domingo?

R) Voltemos ao **Grande Dicionário Sacconi** para sabermos o que é, de fato, *madrugada*: período de tempo compreendido entre a zero hora e o alvorecer. Ora, se assim é, uma partida de futebol, ou qualquer outra coisa, só pode acontecer na *madrugada do domingo*. Não existe madrugada “de sábado para domingo”. Ou melhor: existe. (Mas é uma expressão de absoluta exclusividade da mídia esportiva...)

217. Um acidente pode causar vítimas “fatais”?

R) Não, de jeito nenhum. Vejamos todas as acepções de *fatal* do **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**: **1.** Fixado pelo destino; determinado pelo fado; inevitável: *a morte é fatal, ninguém escapa a ela.* **2.** Que causa ou é capaz de causar a morte: *a tuberculose foi fatal a muitos poetas*

românticos; recebeu um tiro fatal; golpe fatal; qualquer erro numa viagem espacial pode ser fatal aos astronautas. **3.** Que traz consigo a desgraça e a ruína; de efeitos desastrosos ou nefastos; ruinoso: *golpe fatal contra os traficantes de drogas; a invasão da União Soviética foi fatal para a Alemanha nazista.* **4.** De importância decisiva: *a opinião do ministro foi fatal para a decisão do presidente.* **5.** Que não se pode alterar, prorrogar ou revogar; improrrogável; irrevogável; inalterável; inadiável: *dia 25 era a data fatal para a invasão da Europa.* Como se vê, não houve
vítimas "fatais"...

218. Tanto ***faz*** (ou tanto "fazem"?) morangos com ou sem chantili.

R) A expressão *tanto faz* é invariável. Por isso não tanto faz...

219. É possível "capturar" imagens?

R) É um bocadinho difícil, mas há quem consiga... Há pessoas que não sabem distinguir a diferença de significado existente entre *capturar* e *captar*. **Capturar** é prender (*capturar criminosos*), é conquistar (*capturar territórios inimigos*), é apreender (*capturar muamba*); **captar** é colher, obter (*captar recursos, imagens*), é recolher, apanhar (*captar águas pluviais*), é apreender, entender (*captou o que estou dizendo?*), receber (*captar sinais de rádio, tv, etc.*). Apesar de tudo, vê-se notícia assim redigida em nossos jornais: *A sonda Cassini, da Nasa, "capturou" uma série de imagens que revelam uma região escura e bem definida na superfície de Titã, a maior das luas de Saturno. Capturar* está mais para polícia que para sonda...

220. Qual o gênero de ***pen drive*** e de ***pet shop***?

R) *Pen drive* é de gênero masculino: ***o*** *pen drive*; *pet shop* é de gênero feminino: ***a*** *pet shop*.

221. Qual o gênero da sigla ***Serasa***?

R) *Serasa* é sigla de ***Ser****viços de* ***A****ssessoria* ***S.A***., hoje *Centralização de Serviços de Bancos S.A.* Como a primeira palavra que compõe a locução é feminina (Centralização), a sigla é de gênero feminino: **a** Serasa. Havia antigamente uma fábrica de doces em São Paulo cuja sigla era **Pan** = *Produtos Alimentícios Nacionais*. O gênero da sigla era feminino: **a** Pan. Por quê? Porque o primeiro

nome da locução, embora seja masculino (*produtos*), está no plural. E aí aquela regrinha já não vale. É o mesmo caso de *Ceasa* (Centrais de Abastecimento S.A.),
que é sigla de gênero masculino: **o** Ceasa, embora *Centrais* seja de gênero feminino.

222. Recentemente, um advogado, interessado em pegar uma causa, perguntou a um possível cliente: *Por que você não "penetra" com uma ação contra esse banco?* O verbo *penetrar* foi usado corretamente aí?

R) Se você consultar o verbete *percorrer*, no **Grande Dicionário Sacconi**, não vai encontrar nenhuma acepção em que esse verbo tem o significado que o referido advogado lhe quis dar. Quem está interessado em demandar alguém, *ingressa* com uma ação contra, sem necessidade nenhuma de penetrar...

223. Nomes de escola ou de qualquer outra instituição devem vir entre aspas ou não?

R) Não, tais nomes não devem vir entre aspas. Portanto, escreva sempre: Escola Estadual Castro Alves, Casa Rui Barbosa, Sociedade Amigos de Machado de Assis, Colégio Dante Alighieri, etc. E, por falar nisso, vamos aproveitar para dizer que as aspas aparecem depois da pontuação somente quando abrangem todo o período. Assim, por exemplo: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico." Caso contrário, a pontuação ficará depois delas: Napoleão Mendes de Almeida afirmou: "O culto do vernáculo faz parte do brio cívico". Quando já existem aspas numa citação, ou numa transcrição, use aspas simples: "Um espartano, convidado a ouvir alguém que imitava o canto do rouxinol, respondeu firmemente: 'Já ouvi o rouxinol'."

224. *"De repente", a gente volta a se encontrar por aí, numa dessas quebradas da vida.* Essa frase, que um namorado usou para encerrar o namoro e servir de consolo para a garota, está certa?

R) Há quem condene esse emprego, qual seja, de *de repente* por *é possível que*, *pode ser que*, como nessa frase. Para essa corrente, *de repente*, que muita gente escreve "derrepente", só se usa por *subitamente*: *Ela chegou **de repente** e me*

deu um beijo. Assim, ainda para essa corrente, o namorado deveria dizer à namorada: *Meu amor de repente acabou, então tomei a decisão, que não foi de repente, de acabar o nosso namoro. Só espero que eu não me arrependa tão de repente quanto da outra vez que terminamos*. De repente, os que formam tal corrente estão um tanto precipitados, algo equivocados...

225. Com certeza!

R) Bem, agora a estória é outra: não se usa *com certeza* por *sim*, como você fez. A expressão *com certeza* se emprega corretamente por: 1) Decerto; por certo; certamente; na certa: *Ela com certeza não recebeu minha carta*. *** *Hoje chove com certeza*. 2) Com exatidão; ao certo: *Não sabemos com certeza qual a quantia roubada*. 3) Talvez (com verbo no subjuntivo): *Com certeza ela não tenha recebido minha carta*. *** *Com certeza chova ainda hoje*. Mas usar *com certeza*, com ênfase na preposição, por *sim*, como em: — *Você vai à praia hoje? Com certeza!*, é, na verdade, não ter certeza de absolutamente coisa nenhuma...

226. Há redundância em ***réplica do verdadeiro***?

R) Não, não há, já que pode haver réplica do falso. Também não há redundância em **réplica do original**, pois pode haver réplica do não original.

227. Existe a "pastora alemã"?

R) No meu modo de ver, não. Digo no meu modo de ver, porque há vários outros modos de ver que abonam a expressão. Estaria eu treslendo? Vamos a ver. Debrucei-me sobre o assunto, ao elaborar o verbete *pastor-alemão*, no **Grande Dicionário Sacconi**. E a conclusão a que cheguei foi que a fêmea do pastor-alemão é, na verdade, a **cadela** (ou **cachorra**) **pastor-alemão**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pastor-alemão; assim como não existe "a pequinesa", mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **pequinês**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* pequinês; assim como não existe "a são-bernarda", mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **são-bernardo**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* são-bernardo; assim como não existe "a buldogue", mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **buldogue**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* buldogue; assim como não existe "a galga espanhola", mas sim a **cadela** (ou **cachorra**) **galgo espanhol**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* galgo espanhol; assim como não existe "a labradora", mas sim a **cadela** (ou

cachorra) **labrador**, ou seja, a cadela (ou cachorra) *da raça* labrador. Creio que todos esses exemplos são convincentes. Ou não? Na língua espanhola se usa *pastora alemana*. Mas, felizmente, nossa língua é outra...

228. Devo usar duas cadelas "pastores-alemãs", duas cadelas "pastoras-alemãs" ou duas cadelas ***pastor-alemão***?

R) Sem nenhuma dúvida, duas cadelas ***pastor-alemão***.

229. E se omitirmos a palavra *cadelas?*

R) Uso duas ***pastor-alemão***, assim como uso duas ***pequinês***, como uso duas ***labrador***, como uso duas ***galgo espanhol***, como uso duas ***são-bernardo***, como uso duas ***buldogue***!

230. Como nomeio a fêmea do ***porco-espinho***?

R) Está aí. Positivamente, não será "porca-espinho" nem muito menos "porca-espinha". A fêmea do *porco-espinho* atende pelo nome de *porco--espinho fêmea*, assim como a fêmea do *sapo-boi* atende pelo nome de *sapo-boi fêmea* (e não por "sapa-vaca") e a fêmea do *sapo-cachorro* atende pelo nome de *sapo-cachorro fêmea* (e não por "sapa-cadela" ou "sapa--cachorra"), e a fêmea do *frango-d'água* atende pelo nome de *frango--d'água fêmea* (e não por "franga-d'água"), e a fêmea do *pato-marinho* atende pelo nome de *pato-marinho fêmea* (e não por "pata-marinha"). Seria igualmente cômico alguém dizer que o feminino de *cavalo-marinho* é "égua-marinha", que o feminino de *dragão-de-komodo* é "dragoa-de--komodo", ou que o masculino de *viúva-negra* é "viúvo-negro"... Os que raciocinam razoavelmente sabem que a fêmea do *cavalo-marinho* (único macho que engravida) é *cavalo-marinho fêmea* e que o macho da *viúva--negra* é *a viúva-negra macho*. É preciso perceber que o estabelecimento da distinção de sexo entre os animais não se realiza de modo comum, como se costuma fazer normalmente. Daí por que a fêmea do *pastor--alemão* atenderá sempre pelo nome de *pastor-alemão fêmea*, além de *cadela pastor-alemão* ou *cachorra pastor-alemão*. Dizer que a fêmea do pastor-alemão é a "pastora-alemã" me soa como a "égua-marinha"...

231. Se as palavras registradas no VOLP são ***escandescência***, ***escandescente***, ***escandescer***, ***escandescido***, por que o dicionário

Houaiss traz “escandecência”, “escandecente”, “escandecer”, “escandecido”?

R) Confesso que não sei responder. Como o autor, infelizmente, já não está entre nós, fica difícil saber a razão pela qual houve registro de todas essas formas cacográficas. Confesso que também não sei responder por que esse dicionário traz “multipontoado” em vez de *multipontuado*. Confesso que também não sei responder (xi! mil outras coisas
desse dicionário)...

232. Como fica a concordância do verbo, quando numa frase a conjunção *ou* tem valor corretivo? Assim, por exemplo: *O ladrão ou os ladrões* (“saiu” ou ***saíram***?) *em fuga, quando chegou a polícia.*

R) Nesse caso, em que *ou* tem valor corretivo, com o singular antes e o plural depois, o verbo concordará obrigatoriamente com o último elemento: *O ladrão ou os ladrões* ***saíram*** *em fuga, quando chegou a polícia*. Portanto, um famoso e competente jornalista escorregou, quando escreveu em seu *blog*: *O texto abaixo, ou as informações nele contidas, ainda “vai acabar” se transformando num documento*. Num esforço para não errar, ou para encobrir o deslize, ele usou as vírgulas, que não adiantaram nada... Aliás, logo em seguida a essa frase veio esta, com uma redundância: *Ou bem os tucanos se entendem e descobrem onde pôr as “suas respectivas” vaidades ou bem desistem da disputa*. Agora, quando deveria usar vírgula antes do ou, omitiu-a. Pois é...

233. Posso dar uma “espreguiçada” depois do almoço?

R) Creio que não, porque essa palavra não existe em nossa língua (nem no VOLP), embora seja muito usada na língua cotidiana. Sendo assim, convém usar ***espreguiçadela*** (que nenhum dos calhamaços brasileiros registra, embora conste no VOLP).

234. E “espirrada”, posso dar à vontade?

R) Nem mesmo com muita boa vontade... “Espirrada” está na boca do povo, mas não consta do VOLP. Sendo assim, convém usar *espirro*. Mesmo assim, *espirro* não é algo que se dê em qualquer lugar (num restaurante, por exemplo, nem pensar). Se não der para contê-lo, uma providencial mãozinha,

para abafá-lo, é altamente desejável.

235. Mas uma "vasculhada" no lixo, posso fazer, para ver se encontro um documento?

R) Também não pode, porque a palavra *vasculhada* não tem registro no VOLP. (Que maravilha!) Se quiser ir a seu lixo, procurar por um documento que alguém teria jogado fora inadvertidamente, você terá que fazer nele uma ***vasculhadela***. Só assim, o VOLP aceita. Lixo...

236. O VOLP está em que edição mesmo?

R) Está na quinta edição, que, aliás, saiu com lacunas, erros e equívocos inimagináveis para uma obra de consulta ou referência. Exemplos de lacuna: as palavras *espelho-d'água, esqualeno* e *esquindô*, embora correntes, não constam no vocabulário; exemplo de erros e equívocos: não se sabe se a grafia correta é *sub-humano* ou *subumano*, porque o VOLP não se define.

237. Só isso?!

R) Se fosse só isso, todos estaríamos muito felizes. Vejamos o que fizeram com *dois-pontos*. Registraram corretamente *dois-pontos* (com hífen), mas classifica-se o composto como substantivo masculino plural. Ora, então, teremos de escrever, doravante, "os dois-pontos", em referência a apenas ***um*** *dois-pontos*? Os corretores de imóveis terão, agora, de falar em "os dois-quartos" (que o VOLP não registra), em referência a apenas ***um*** *dois-quartos*? Os treinadores de futebol terão, doravante, de fazer "uns dois-toques" em vez daquilo que sempre fizeram: ***um*** *dois-toques*? Os mecânicos terão, agora, de falar, em referência ao motor de dois-tempos: "os dois-tempos", em vez de ***o*** *dois-tempos*? Tiraram os hifens de *pé-de-água*, de *pé-de-anjo*, de *pé-de-atleta*, de *pé-de-bode*, de *pé-de-boi*, de *pé-de-cana*, de *pé-de-moleque*, etc. Ora, se retiro o hífen de um composto, ele deixa de ser um mero substantivo, para virar uma locução substantiva. Mas o VOLP e o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras, continuam considerando as locuções substantivas *pé de água, pé de anjo, pé de atleta, pé de bode, pé de boi, pé de cana, pé de moleque*, etc. como meros e singelos substantivos masculinos. Ora, senhores!

238. Só isso?!

R) Não, isso é apenas a ponta do *iceberg* (que os luminares da Academia ainda não se deram ao trabalho de aportuguesar). Para o VOLP, no mundo não existem *misses*; não existe a fruta *atemólia* ou *atimólia*. Os imortais parece nunca terem visto uma linda *misse* Bahia ou uma bela *Miss* Brasil; nunca devem ter provado a fruta, uma anonácea, muito saborosa. E a inépcia do registro de *ciriguela*, a par de "seriguela", continua, embora a forma correta seja apenas uma: *ciriguela*. Não existe "seriguela" em lugar nenhum do mundo, mas para alguns existe (mas não existe atimólia, não existe misse, não existe esquindô...).

239. Só isso?!

R) Se você tiver paciência, posso continuar. Confesso que estava ansioso pela publicação do VOLP, porque achava que, nesta edição, os luminares da Academia Brasileira de Letras iriam, finalmente, resolver o caso de *futsal* (que é uma excrescência brutal, mas reconhecida na quarta edição e também agora nesta) e o de *megassena*. Incompreensivelmente, vê-se na obra *futsal* a par de *futevôlei* (se houvesse coerência, teriam de grafar *futvôlei*) e nada de *megassena*. Ora, se houve o registro de *futevôlei*, o mínimo que se poderia esperar era um ato de coerência e se registrasse *futessal*. Ou o oposto: *futvôlei, futssal* (que seriam, ambas, formas cômicas, porém revelariam ao menos alguma coerência). Mas não, preferiram enveredar pelos meandros escuros e formidáveis da insensatez. Aguardava ainda eu a publicação do VOLP para ver se solucionariam a dúvida sobre a grafia de *lava-a-jato* (forma que assumi por conta própria nos meus dicionários). Mas lá não se veem nem *lava-a-jato* nem muito menos *lava-rápido*, que são estabelecimentos corriqueiros, encontrados em cada esquina das nossas cidades. A aluvião de incoerências é de assustar: registra-se agora *além-fronteira*, a par de *além-fronteiras*, mas o antônimo, ah, o antônimo só pode ser *aquém-fronteiras* (eles não quiseram saber de conversa com *aquém-fronteira*).

240. Só isso?!

R) E você acha pouco? Para encerrar, por ora, tenho mais algumas novidades. Segundo as novas normas, o pseudoprefixo *tele-* (que prefiro chamar elemento prefixo-radical) exige hífen antes de palavras iniciadas por **e**. Assim, teríamos *tele-educação* e *tele-entrega*. Mas os imortais da Academia Brasileira de Letras não houveram por bem registrar tais formas, preferindo agasalhar

apenas *teleducação*, sem fazer menção a *telentrega*. O que seria de esperar, numa obra sensata, seriam variantes gráficas para ambas as palavras: *teleducação/tele-educação* e *telentrega/tele-entrega*. Não! Entenderam de modo diferente. E quanto ao plural dos compostos formados por verbos iguais? A regra (desde Camões) diz o seguinte: variam ambos os elementos, ou apenas o último, quando o composto for formado por elementos verbais iguais. Assim, temos: *corre-corre* (pl.
corres-corres ou *corre-corres*), *pisca-pisca* (pl. *piscas-piscas* ou *pisca-piscas*), etc., todos devidamente registrados no VOLP. Mas, incompreensivelmente, os luminares da Academia acharam que com *empurra-empurra* tudo tem de ser muito diferente. E só registram o plural *empurra-empurras*. Com *esconde-esconde*, então, nem mesmo qualquer plural tem registro. Com *vira-vira*, também acharam de mudar (por quê?). Agora, o plural de
vira-vira não é mais *vira-viras* (registrado por todos os dicionários até agora). A partir da quinta edição do formidável VOLP, o plural de *vira-vira* só pode ser *vira-viras* e (pasme!) *viras-vira*. Mas onde é que foram achar este plural? Por mais que eu queime as pestanas, por mais que eu questione os meus botões, não consigo encontrar a razão de terem registrado esse plural estapafúrdio. Como é que os professores vão ensinar o plural desse tipo de compostos a seus alunos? Baseados em que regra, se a regra foi mandada para o lixo? O hífen (tolo, asinino) de *alto-mar* continua lá, incólume. Senhores, *alto mar* se escreve, racionalmente, sem hífen. Se *mar alto* se escreve sem hífen, por que *alto mar* haveria de ser grafado com hífen? Ou estaria eu raciocinando erroneamente? Ou estaria eu viajando ainda em maria-fumaça, enquanto os senhores estão a todo o vapor num trem-bala? Tiraram (até que enfim) os hifens de *pôr-do-sol*. Ora, retirados os hifens, a escrita não pode ser *pôr do sol* (como está registrado no VOLP), mas sim *pôr do Sol* (é o Sol que se põe, faz-se referência ao astro, e quando se faz referência ao astro, usa-se inicial maiúscula. Ou estaria eu ainda viajando no passado?…). De há muito que venho defendendo a forma *défice* (em vez da tola “déficit”, registrada na quarta edição do VOLP). Os portugueses escrevem *défice* há muito tempo, mas nós insistíamos em grafar um latinismo com acento. Muito bem. Mudaram. A partir de agora, grafaremos *défice*. Mas não seria coerente e justo que fizessem o mesmo com *superávit*? Não. Deixaram *superávit* (um latinismo com acento), em vez de aportuguesarem para *superávite*. Quanto a *habitat*, nem pensar. Não aparece nesta edição. A palavra, para a Academia

Brasileira de Letras, não existe. Quem sabe na sexta edição, eles resolvam nos presentear com um *hábita* (que é a forma aportuguesada desse latinismo). Vejamos, ainda, o que fizeram com *aterrissar*. Registram *aterrissar* e *aterrissagem*. Muito bem, sem novidade. Mas também acharam de registrar *aterrizar*. Acho razoável, por se tratar de uma forma consagrada pelo povo. Mas… cadê *aterrizagem*? Não traz. O VOLP não traz *aterrizagem*, o que nos faz supor que os aviões só podem *aterrizar*, mas a sua *aterrizagem* está inteiramente proibida. Tudo isso – perdoe-me a comparação, tão chã – mas tudo isso me faz lembrar o saudoso Chacrinha, cujo mote você conhece ou haverá de lembrar: *Eu vim para confundir, e não para explicar*.

241. Certa vez saiu esta manchete num de nossos jornais: *Mendes considera "normal" protestos que pedem sua saída do STF*. O manchetista acertou?

R) O jornalista fazia referência ao então presidente do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, que foi alvo de protestos por parte de alguns, em Brasília. Está claro que o manchetista errou, porque *normal*, aí, é um predicativo do objeto *protestos*. Os que veem a frase como correta alegam que *normal* aí pode ser advérbio. Ora, sim, senhor!... Todo adjetivo que exerce a função adverbial pode ser substituído por um advérbio terminado em *-mente*. Se substituirmos *normal* por *normalmente*, a frase fica sem sentido. Há, no entanto, uns e outros que querem porque querem enxergar chifre em cabeça de urubu. O diabo (este, sim, tem chifre) é que há muita gente por aí que alardeia conhecimento da língua sem tê-lo.

242. Outro dia, vi alguém usar a palavra ***desimportância***. Existe?

R) Para o VOLP e para todos os nossos dicionários, a palavra não existe. Para o povo e para o mundo, no entanto, ela existe. O VOLP e os calhamaços só registram *desimportante*, um adjetivo. Ora, e o substantivo correspondente? Você navega pela rede e vê milhares de empregos da palavra ***desimportância***. Entre eles, este, de um leitor do jornal *O Globo*, com o qual me solidarizo inteiramente: *Morremos feito baratas, porque nossas vidas foram reduzidas à banalização, à desimportância de um inseto*. O vocabulário oficial e os velhos dicionaristas, no entanto, ignoram o mundo à sua volta: fomos reduzidos à desimportância de

um inseto...

243. É certo que as expressões *cerca de* e *aproximadamente* só se usam com números redondos?

R) É o lógico. Quando você diz que cerca de 10 pessoas estavam no ônibus, está querendo dizer que eram 8, 9, 11 ou 12, porque não pôde precisar o número exato de pessoas que estavam no veículo. Sem o número redondo, não há por que usar qualquer dessas expressões. Se forem 8 as pessoas, basta construir: *Estavam 8 pessoas no ônibus*. Se forem 12 as pessoas, basta dizer: *Estavam 12 pessoas no ônibus*.

244. Os médicos dizem que um câncer *invasivo* é aquele que se propaga com facilidade, no que eles estão certos tanto na forma quanto no conteúdo. Mas dizem, por outro lado, que houve "invasibilidade" do câncer. Pode acontecer isso?

R) Não, nunca acontece "invasibilidade" de câncer nenhum. A palavra "invasibilidade" não consta em nenhum dicionário de língua portuguesa, mas consta em dicionários médicos, o que não deixa de ser uma invasão indevida (como se toda invasão não fosse indevida)... Nenhum dicionário traz também ***invasividade***, mas é este o substantivo correspondente correto para *invasivo*. Eu disse "nenhum dicionário" e também errei: o **Grande Dicionário Sacconi** traz a palavra. Ninguém é perfeito! Que me perdoem os críticos!...

245. Existe a palavra "competividade"?

R) Não, a palavra correta é *competitividade*. Muitos, ao pronunciarem-na, "comem" uma das sílabas gêmeas. Por quê? Porque não conhecem as tonicidades secundárias da palavra. Corretamente, diz-se: comPEtiTIvidade, e não "COMpeTItividade". Com apoio na primeira sílaba, a tendência da pessoa é "comer" uma das sílabas gêmeas, pronunciando errado. Hoje mesmo vi numa emissora de televisão aentrevista de um executivo da indústria de papel e celulose. Durante a entrevista, que durou cerca de dez minutos, ele disse no mínimo dez vezes
"COMpetividade". No final do programa, o apresentador lhe pediu um tema e uma palavra. O homem diz: *O tema é crescimento sustentado e a palavra é "COMpetitividade"*. Pois é... Daí a razão pela qual o **Grande Dicionário Sacconi** adquire ainda maior importância, porque orienta nos apoios

silábicos secundários.

246. Existe a expressão “às portas fechadas”?

R) Não. A expressão que a língua conhece é **a portas fechadas** (e sem acento no **a**). A propósito, veja como escreveu um jornalista de uma folha de S. Paulo: *O presidente da Costa Rica, Oscar Arias, se reuniu com Roberto Micheletti e Manuel Zelaya “às portas fechadas”*. O tempo anda muito fechado em algumas redações brasileiras...

247. Sabe-se que o sufixo -*ulo* e a variante -*culo* caracterizam diminutivos eruditos: *corpúsculo*, *nódulo*, etc. Pergunta-se: *crepúsculo* e *módulo* trazem tais sufixos?

R) Trazem. *Crepúsculo* nos vem diretamente do latim com o sufixo -*culum*: *crepusculum*, que, por sua vez, forma-se de *crepus* (afim de *creper* = escuro, obscuro) + -*culum* (-*culus, -cula, -culum*). O crepúsculo, de fato, é uma claridade no céu situada entre a noite e o nascer do Sol ou entre o ocaso e a noite, ou seja, não é um escuro total. Já *módulo* nos vem do latim *modulus*, diminutivo de *modus* (uma unidade de medida).

248. Qual é o plural de *guarda-marinha*?

R) *Guarda-marinha* (que tem oculta a preposição *de*, já que a expressão toda é *guarda-**de**-marinha*) tem dois plurais: *guardas-marinha* (ou seja, *guardas-de-marinha*) e *guardas-marinhas*. Mas o VOLP (veja você!) registra ainda um terceiro plural: *guarda-marinhas*, o que é inaceitável, porque o primeiro elemento não é verbo, mas substantivo. Quando for substantivo o primeiro elemento, em casos semelhantes, haverá variação; se for verbo é que não varia. Daí termos: ***guardas**-noturnos*, mas ***guarda**-roupas*; ***guardas**-civis*, mas ***guarda**-pós*. Será possível que os luminares da Academia Brasileira de Letras, de Machado de Assis, ignoram isso?! Se ignorarem, é como um matemático não saber quantos são dois mais dois.

249. O leitor de um jornal faz este comentário, acerca do até então inimaginável abraço fraternal dado em Palmeira dos Índios (AL) por Lula a Collor, depois de este, durante a campanha presidencial de 1989, tê-lo humilhado à sarjeta: *Que existe falta de ética aos políticos, é incontestável! Que “os”*

digam FH, Itamar Franco, Collor. Está certo esse "os"?

R) Está claro que não. Essa é uma frase típica de quem não esquentou a contento os bancos escolares. Quer escrever bonito sem ter noção do bonito. Quem estudou português razoavelmente sabe que o pronome **o** nesse caso equivale a *isso* e, portanto, não varia. Que **o** digam todas as boas gramáticas!

250. É correta a expressão *tomar "de" conta*, em vez de apenas ***tomar conta***, no sentido de *ocupar completamente, invadir*?

R) Não, não é. Dia desses, uma pessoa, indignada com o descaso de uma prefeita com a praça situada nas proximidades de sua casa, declarou: *A praça está abandonada, e o lixo tomou "de" conta.*

3

Testes e Exercícios
(para que você NÃO ERRE MAIS!)

MÓDULO 1

1. Passe tudo o que for possível para o singular:

a) As empresas concederam férias coletivas a seus quadros de funcionários.
b) As crianças que esqueceram os óculos ficaram com muitas dores de cabeça.
c) Os homens tomaram dois chopes, as mulheres comeram três pastéis, as crianças chuparam quatro dropes de hortelã, mascaram cinco chicletes, e as secretárias acabaram ganhando dois clipes.
d) Eram vitrais, e não para-brisas estilhaçados.
e) Os obuses atingiram o guarda-costas nas costas.
f) Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas!
g) Quem vai resolver esses quebra-cabeças da nossa economia?
h) Os casais comemoraram suas bodas de prata na Europa.
i) Apresentamos nossos pêsames às famílias enlutadas.
j) Como dormimos mal, levantamo-nos com olheiras.

2. Identifique as correspondências erradas quanto à pronúncia das sílabas em destaque, corrigindo-as:

a) **qua**torze = kua
b) **quo**ta = kuó
c) **quo**tizar = kuo
d) **quo**ciente = ko
e) **quo**tidiano = ko
f) **quin**quagésimo = kin
g) **quinque**nal = kinke
h) **têx**til = tés
i) **têx**teis = tés
j) **fo**me = fó
k) **ho**mem = ó
l) lobi**so**mem = zó
m) **co**me = kô
n) E**lai**ne = lái
o) Ro**rai**ma = râi
p) ani**qui**lar = ki
q) so**cor**ros = kó
r) **glo**bos = gló
s) ca**ro**ços = ró
t) **for**nos = fór
u) e**qui**látero = kui
v) ga**gue**jo = ghê
w) distin**guir** = ghir
x) extin**guir** = ghir
y) **to**cos = tó
z) **tro**cos = tró

3. Coloque no plural o que está em destaque:

a) Quando o **aluno** se despediu dizendo "muito obrigado por tudo" ao velho professor, notou-se bastante **cochicho** na sala.
b) Você não é nenhum **joão-ninguém**, por isso não aceite nenhuma **desculpa** desse **cara de pau**!
c) No fundo, o senhor é **igualzinho** a seu **irmão**, a quem sempre critica.
d) O que significa aquele **farolzinho** aceso lá adiante?
e) Não cheguei a ver o **casalzinho** de namorados se beijando.

4. Complete convenientemente:

a) Quando o rapaz se viu .... o pai da moça, começou .... tremer, ... sentir calafrios.
b) Obedeça sempre .... sinais de trânsito, obedeça sempre .... sinalização!
c) O pai não perdoou .... filho até hoje, e este nunca mais perdoou .... mãe.
d) Quem esperou que o pai .... perdoasse, enganou-se; quanto .... mãe, o filho disse que nunca .... perdoaria.
e) ...., Quéfren e Mique .... inos foram os três maiores faraós.

5. Coloque no plural o que está em destaque:

a) **Momento** havia que **eu** já me levantava da cama apavorado.
b) **Dia** há por aqui em que falta muita **coisa**: água, luz, etc.
c) Veja a alegria desse pessoal: trata-se de **turista** estrangeiro.
d) Falta **um** minuto para bater o sinal de saída.
e) Faz **uma** semana que isso aconteceu; já se sabe que não foi nenhum

coitadinho o autor da brincadeira.

6. Complete com as formas adequadas do verbo haver:

a) .... muitas reclamações ontem durante o desfile.

b) .... muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes.

c) No século passado .... duas guerras mundiais. Quantas .... neste século?

d) Não .... reuniões na empresa a que eu não comparecia.

e) Não .... reuniões na empresa a que não compareci.

7. Complete adequadamente as frases:

a) .... você pensa que vai com essa maquiagem toda?

b) .... você pensa que está? Na casa da sogra?!

c) Você viu a que preço foi .... alface?

d) .... cólera é uma doença contagiosa.

e) .... dengue é uma doença perigosa.

f) Você comprou .... aguardente que lhe pedi?

g) A polícia foi chamada para acabar com .... bacanal.

h) Comprei......................... champanha que você me sugeriu.

i) Quem está em franca recuperação de saúde está em ....

j) Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é ....

8. Passe tudo o que for possível para o plural:

a) O sem-terra ficou satisfeito com o que recebeu.

b) Conheço um sem-teto, mas nenhum sem-vergonha nesse grupo.

c) O bate-papo acabou em quebra-quebra.

d) É uma mulher muito *sexy* essa que participa da novela.

e) Não se encontrou apenas uma empresa fantasma nem apenas um eleitor fantasma, durante a investigação.

9. Ponha no plural o que está em destaque, fazendo outras alterações, quando necessárias:

a) A **mim** tudo me pareceu **manobra** do governo.

b) Nunca **fui** desonesto; não será agora que irei sê-lo.

c) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
d) A chegada do meu pessoal fez animada a **festa**.
e) Lavou-se o **convés** por ordem de uma oficiala, a cuja **gravidez** ninguém estava autorizado a referir-se.
f) Ocorreu no domingo muito **jogo** importante pelo campeonato.
g) Acontece muito **acidente** nesta rodovia.
h) Para você conseguir o passaporte, ainda falta outro **documento**.
i) Faz um **ano** que ela não me escreve nem me telefona.
j) Existe, por acaso, **vida** em outro **planeta**?

10. Complete adequadamente:

a) Os soldados visam .... defesa da Pátria.
b) Responda .... questionário e .... devolva urgentemente!
c) Responda .... carta e .... devolva rapidamente!
d) Obedeça sempre .... sinalização de trânsito, ... todos os sinais de trânsito.
e) Palavra de rei não volta ....

MÓDULO 2

1. Mude somente o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Os Estados Unidos vão participar dessa competição.
b) O Amazonas corre majestoso para o mar.
c) “Os Três Mosqueteiros” são de Alexandre Dumas.
d) O pessoal lá de casa não gostaram muito de você.
e) A turma lá do clube gostam de almoçar em casa.
f) A gente não queremos briga com ninguém.
g) A gente estamos tranquilos.
h) Grande parte dos atores aparece nua nessa peça.
i) A maioria dos homens não ficou aborrecida com a cena.
j) Bom número de mulheres ficou envergonhado com tal cena.
k) Metade dos atletas cubanos pediu asilo à embaixada mexicana.
l) Aqui não se colhe flores nem se fabrica dinheiro.
m) Ali não se proíbe manifestações de protesto.
n) Os Estados Unidos são um dos países que mais luta pela liberdade.
o) Sou um dos que mais colabora e um dos que menos é reconhecido.
p) Serei eu um dos que mais sofrerá durante a viagem.
q) Fui um dos que mais colaborou para a construção desse edifício.
r) Sou um homem que acredito em Deus.
s) Nunca fui um homem que criticou seu semelhante.
t) Deu cinco horas o relógio da sala agora há pouco.
u) Deram cinco horas no relógio da sala agora há pouco.
v) Estão batendo neste instante cinco horas.
w) Quando bater seis horas, podem sair!
x) Falta poucos minutos para bater o sinal de saída.
y) Basta duas pessoas para arrombar essa porta.
z) Sobrou apenas duas balas no meu bolso.

2. Continue:

a) Mais de um aluno passou; menos de dois alunos se transferiram.
b) Um milhão de pessoas vaiou o cantor.
c) Conhecido o resultado da votação, choveu vaias.

d) O jogo de ontem foi ótimo: não faltou vaias nem sobrou emoções.
e) Reformam-se colchões velhos, porém, precisam-se de aprendizes.
f) Sou uma pessoa que não acredito em bruxarias.
g) Nesta época do ano os Andes ficam cheios de neve.
h) Já são meia-noite e meia; temos que ir.
i) Ele ou eu serei o goleiro do time amanhã.
j) Nenhum de vocês me apoiará nas eleições?
k) Dão-se aulas particulares de Português em domicílio.
l) A maioria de vocês ganha muito mais que eu.
m) Fui eu quem espalhou esses boatos.
n) Duas guerras mundiais houve no século passado.
o) Trinta por cento dos candidatos foi mal em redação.
p) Dez por cento de comissão já me basta.
q) Os dez por cento de comissão já me bastam.
r) Sou um dos brasileiros que aprovo a pena de morte.
s) Na juventude, tudo é flores; na velhice, tudo é trevas.
t) Aquela criança era as alegrias de toda a família.
u) Você é forte, mas não é dois.
v) Hoje são dois de novembro.
w) Não foi eu que fez isso.
x) Não foi eu quem fez isso.
y) Ademir da Guia foi as maravilhas do futebol.
z) Naquele dia houveram muitos acontecimentos inesperados.

3. Continue:

a) Sobe hoje o leite e o pão. Já subiu ontem a gasolina e o álcool.
b) Sobrou apenas uma bala e um rocambole na mesa de doces da festa.
c) Discute quase todos os dias seu irmão e sua prima.
d) Eu e ele faremos companhia a você.
e) Ela e eu queríamos viajar juntos.
f) Vimos o acidente Teresinha e eu.
g) Chegamos agora de Salvador eu e Selma.
h) Falou o ministro e todos os seus assessores.
i) Eu ou ele será o goleiro do time amanhã.
j) Fumar e beber faz muito mal à saúde.

k) Comer e dormir logo em seguida engordam.
l) Amar e odiar são próprios do ser humano.
m) Quantas pessoas pode haver na fila neste momento?
n) Faz mais de vinte anos que não tiro férias.
o) Vai fazer mais de vinte anos que não tiro férias.
p) Um milhão de pessoas morreu nessa guerra.
q) Um bilhão de pessoas vive na China e na Índia.
r) Será que existe mesmo rios no deserto?
s) Deve existir torcedores machucados no estádio.
t) Podiam haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo.
u) Ganhar e perder são do esporte.
v) Não só os alunos, como também o professor faltou à aula.
w) Não só o professor, mas também eu faltamos à aula.
x) Não só eu, mas também meus filhos estão com gripe.
y) Tanto o marido como a mulher mentiu.
z) Tanto você quanto eu estou na mesma situação.

4. Reescreva as frases, usando os verbos no plural e no início de cada uma delas:

a) A aula começou.
b) A confusão acabou-se.
c) Emoção sobrou na festa.
d) Muita coisa aconteceu de lá para cá.
e) Muita criança foi vacinada.

5. Passe tudo para o singular:

a) Os automóveis antigos tinham toca-fitas; os modernos têm conta-giros.
b) Comprem-nos duas caixas de fósforos!
c) Dando o exemplo, jogamos os maços de cigarros fora.
d) Por que tantos ciúmes, mulheres?
e) Pedimos dois chopes e nos trouxestes dois clipes?!
f) Elas passam por nós mascando chicletes.
g) Compramos dois patins importados.
h) As crianças chuparam dois dropes de hortelã.
i) Trouxemos picles dos supermercados.
j) Vocês sofrem mesmo de hemorroidas?

6. Passe tudo para o plural:

a) Informei-lhe o ocorrido.
b) Agradeci-lhe o favor prestado.
c) Venho aqui agora para cumprimentá-lo.
d) Conheci bastante moça bonita na festa.
e) Indispus-me com ela.
f) Ultrapassei-o na curva.
g) Dispus-me a carregá-la.
h) Aproximei-me dela e acariciei-a.
i) Enviei-lhe a nota fiscal.
j) Solicitei-lhe um favor.
k) Paguei o IPVA e o IPTU.
l) Comprei um CD e um DVD.
m) Meu amanhã será promissor.
n) Ganhei um pôster dessa atriz.
o) O cão comeu todo o pão do cidadão.

7. Ponha no plural:

a) olho verde-claro
b) cabelo castanho-escuro
c) camisa azul-clara
d) lenço azul-escuro
e) gravata vermelho-sangue
f) olho verde-alface
g) meia azul-marinho
h) toalha azul-turquesa
i) terno cinza
j) camisa verde-abacate
k) automóvel gelo
l) sapato creme
m) luva castor
n) tom pastel
o) camisa abóbora
p) camisa esporte
q) carro esporte
r) mulher sexy
s) morena jambo
t) carro bicombustível
u) menina prodígio
v) operário padrão
w) carro cinza-claro
x) blusa cinza-escuro
y) cabelo castanho-claro
z) olho castanho-escuro

8. Continue:

a) saia furta-cor n) time rubro-negro
b) anágua azul-celeste o) lábio escarlate
c) raio infravermelho p) céu vermelho-aurora
d) raio ultravioleta q) eleitor fantasma
e) homem surdo-mudo r) passeata monstro
f) vestido cor-de-rosa s) atleta rubro-verde
g) bandeira verde-amarela t) comício monstro
h) flâmula amarelo-ouro u) conta fantasma
i) país tampão v) promoção surpresa
j) CD pirata w) revelação bomba

k) olho violeta x) posto chave
l) fita cereja y) gol relâmpago
m) sequestro relâmpago z) corretor laranja

9. Passe para o plural:

a) Vende-se apartamento.
b) Aluga-se casa.
c) Cometeu-se um erro.
d) Jogava-se aviãozinho na sala.
e) Com esse limãozinho se faz boa limonada.

10. Complete com um ou com uma, conforme convier:

a) Juçara é .... caixa eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém.
b) Tivemos .... pernoite horrível nesse hotel!
c) Nunca tinha comido .... baguete assim tão mole!
d) Nunca tinha comido .... marmitex no trabalho.
e) Nunca tinha visto .... lhama de perto.
f) Estou com .... apetite de leão!
g) Ela trouxe apenas .... xérox do documento.
h) O vendedor me ofereceu .... cal que ainda não conhecia.
i) .... banana, é isso o que você é, Luísa.
j) .... mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

1. Pronuncie corretamente as palavras em destaque:

a) Todos aqui **pugnam** pelos seus direitos. Por que você não **pugna** pelos seus?
b) **Resigno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém.
c) O que mais me **indigna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indigna**?
d) Muita gente acha a **sintaxe** portuguesa complicada.
e) Existem algumas espécies de plantas **subaquáticas**.
f) Não **subestime** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos!
g) Os balões só conseguem chegar a regiões **subaéreas**.
h) Havia no documento um **subitem** de que não me consigo lembrar.
i) **Afrouxem** os cintos, pediram os comissários de bordo.

j) As bombas **estouram** a poucos metros de mim.

2. Ponha no plural:

a) Lá só se via jipe.
b) Lá só se encontra caminhão.
c) Lá só se vê motocicleta.
d) Lá só se lê bom livro.
e) Lá só se dá bom conselho.
f) Podia ser um trator.
g) Vinha vindo um carro.
h) Existe pessoa boa no mundo?
i) Ia começar o jogo.
j) Surge outro carro.

3. Complete com a forma correta do verbo ser:

a) Manuel, olhe para o relógio e veja se já .... seis horas!
b) Naquele momento ainda .... cinco e meia.
c) Nossa, já .... meia-noite?!
d) Agora .... exatamente uma hora e quinze minutos.
e) Neste instante .... exatamente meio-dia.

4. Use o verbo em destaque no tempo e modo convenientes, empregando uma das formas nominais, quando for o caso:

a) A polícia não tinha **intervir** na briga até aquele momento.
b) Eu **intervir** na briga porque senti que devia.
c) Ele não **intervir** quando foi necessário.
d) Se vocês não **intervir** em meus negócios, apoiá-los-ei.
e) Se vocês não **intervir** em meus negócios, não teria acontecido isso.
f) Eles **intervir** sempre que podiam.
g) Eles haviam **intervir** em tudo.
h) Quem **intervir** no mercado poderá arrepender-se.
i) Espero que a polícia **intervir** na briga.
j) Se não **intervir** logo, não te apoiarei.
k) Logo que **vir** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos!
l) Se não **intervir** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti.
m) Ontem a polícia **intervir**, mas quem garante que hoje ela **intervir**?

n) Ontem o rapaz se **avir** com a namorada, mas hoje já se **desavir** novamente.
o) **Ouvir** as súplicas de vosso filho!
p) **Vir** logo, que te esperam!
q) **Sorrir**, que nos fará bem!
r) **Intervir** logo nessa discussão que tanto te irrita!
s) **Intervir** logo nessa discussão que tanto vos irrita!
t) Cassilda me recomendou que não **intervir** em briga alheia.
u) Alcibíades **intervir** na discussão ontem só porque eu também **intervir**.
v) A polícia só **intervir** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca.
w) Quem **prever** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado.
x) Aquele que **rever** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido.
y) Enquanto não a **ver** feliz novamente, não descansaremos.
z) Senti-me tolhido, como se fortes braços me **reter**.

5. Substitua o verbo em destaque na frase pelo fornecido no final, fazendo todas as alterações necessárias:

a) Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **viram** um jogo desses. ASSISTIR
b) **Desejávamos** somente um desconto de 10%. VISAR
c) Luísa nunca **desejou** tão alto cargo, tão alta posição. ASPIRAR
d) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. VISAR
e) O Palmeiras **deseja** o título desse torneio. ASPIRAR
f) Os torcedores **veem** o jogo fazendo batucada. ASSISTIR
g) Não **vi** o desfile, porque acabei dormindo. ASSISTIR
h) **Respeitem** seus pais, nunca os **desrespeitem**! OBEDECER - DESOBEDECER
i) **Remunero** os funcionários de acordo com sua capacidade. PAGAR
j) Eu sempre **estimei** os meus amigos, sempre os **estimei** e sempre os **estimarei**. QUERER

6. Sabendo que o pronome relativo *que* se usa para coisa; sabendo, também, que o pronome relativo *quem* se usa para pessoa; sabendo, finalmente, que antes do pronome relativo

deve sempre aparecer a preposição pedida pelo verbo, use, nos espaços em branco, um ou outro pronome relativo, antecedido ou não de preposição, conforme convier:

a) Não foi esse o jogo .... eu vi, não foi esse o jogo .... assisti.
b) Não me faças perguntas .... eu não possa responder!
c) Não conheço a rua .... Juçara mora.
d) Voltei para buscar o pacote .... havia esquecido.
e) Voltei para buscar o pacote .... me havia esquecido.
f) Está aí um fato .... jamais esquecerei.
g) Está aí um fato .... jamais me esquecerei.
h) O programa .... você assistiu não foi o programa .... eu assisti.
i) O cargo .... você deseja não é o cargo .... eu desejo.
j) O cargo .... você aspira não é o cargo .... eu aspiro.
k) O cargo .... você visa não é o cargo .... eu viso.
l) Portugal é o próximo país .... irei.
m) Qual é, afinal, a conclusão .... deveremos chegar?
n) A cidade .... primeiro chegamos foi Nova Friburgo.
o) Foram ótimos os filmes .... assistimos na Europa.
p) Edgar foi o convidado .... menos simpatizei.
q) Persival é o amigo .... mais confio.
r) Susana foi a mulher .... mais gostei na vida.
s) É esse o candidato .... vais votar?
t) Gumersindo não ama a mulher .... se casou.
u) Então, foi você a pessoa .... todos antipatizaram?
v) Essa é uma notícia .... não acredito.
w) O doce .... mais gosto é pessegada.
x) A casa .... moramos fica num bairro pobre.
y) Essa é a casa .... precisamos, este é o bairro .... gostamos.
z) A escola .... você se matriculou é muito boa.

7. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Não repare a bagunça do meu quarto!
b) Desculpe o transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto!
c) Desculpe o atraso: perdi hora hoje!

d) Respondi todas as questões da prova.
e) Se você fizer isso, pode responder um processo!
f) Nunca me simpatizei com essa mulher.
g) Ela se antipatizou com todo o mundo.
h) Quem mais se sobressaía na festa era sempre Teresa.
i) Nunca me sobressaí tanto quanto me sobressaí ontem.
j) Naquela época eu torcia para o Jabaquara, hoje torço para o Canto do Rio.
k) Todo o mundo deve torcer para a seleção brasileira.
l) Para que time você torce? Para o ASA de Arapiraca?
m) Se você puxar seu pai, está perdido! Se puxar sua mãe, então, está arruinado!
n) O jogador saiu de campo puxando a perna direita.
o) Os dirigentes procederam o sorteio na sede da CBF.
p) O professor ainda não procedeu a correção das provas.
q) Pedi para ela me trazer um copo de água gelada.
r) A garota pediu para o namorado lhe dar um beijo cinematográfico.
s) Não pisem a grama, meninos, só pisem os lugares indicados!
t) Desculpem a nossa falha!
u) O governo autorizou os operários a entrar em greve.
v) Os alunos foram obrigados a entrar em aula.
w) O pai aconselhou os filhos a ficar em casa.
x) Entrar no cinema sem pagar! Que esperança a nossa!
y) Deixar as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso!
z) Deixe ficar comigo mais tempo meus netinhos!

8. Complete coerente e convenientemente:

a) Eu não .... cinema porque está chovendo.
b) Eu não .... cinema porque estava chovendo.
c) Eu não .... cinema porque sempre chovia.
d) Há muitos anos que nós não .... praia.
e) Havia muitos anos que nós não .... praia.
f) .... muitos anos que não viajamos.
g) .... muitos anos que não viajávamos.
h) O cigarro é prejudicial ....
i) O guarda se dirigiu .... estava o motorista.

j) O guarda ficou justamente .... está agora o motorista.

9. Use o acento grave da crase, sempre que for necessário:

a) Você vai a empresa hoje ou irá primeiro a fazenda?

b) Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem a empresa nem a fazenda.

c) Fui a Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana.

d) Não vou a Brasília, vou a Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia.

e) Obedeça a sinalização, é o aviso das placas rodoviárias.

f) Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra!

g) Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos.

h) Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia.

i) A partir de amanhã todos deverão levantar-se as seis horas.

j) Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais.

k) Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica.

l) Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei a casa dela.

m) Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia.

n) Quem for aquela praia, dê um pulo aqueles quiosques para comer acarajés!

o) O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março.

p) Essa blusa é idêntica a que acabei de ver na outra loja.

q) A cena a que assistimos foi lamentável.

r) A cena a qual assistimos foi lamentável.

s) Esta revista é igual a que li na Europa o ano passado.

t) A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope.

u) Gumersindo veio a janela e começou a gritar.

v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra.

w) O motorista não sabia a quem entregar a encomenda.

x) Durante as festas, algumas lojas fecham a zero hora.

y) Você já se viu alguma vez face a face com a morte?

z) Toda reunião na empresa é a portas fechadas.

10. Complete corretamente as frases, usando *um* ou *uma*:

a) Fui ao supermercado e comprei apenas .... guaraná e

.... champanhe.
b) Fiz .... telefonema urgente para ela, dando a notícia.
c) Além de pobre, ela apresenta .... agravante: é analfabeta.
d) Entrei no mato e agora estou com .... comichão impressionante!
e) Você só quer .... xérox desse documento?
f) O avião caiu, porque houve .... pane no motor.
g) O jogador caiu e sofreu .... entorse no joelho direito.
h) Tomei .... lotação para poder chegar a casa.
i) Jeni se diz .... sósia de Juliana Paes!
j) Ela disse isso com .... ênfase impressionante!

MÓDULO 4

1. Complete coerente e corretamente todas as frases:

a) O pai resolveu perdoar .... filho e .... filha.
b) Nunca fui .... nenhum estádio de futebol.
c) Vou dar um pulo .... supermercado e, depois, ... farmácia.
d) .... você foi com essa roupa?
e) .... você esteve com essa roupa?
f) Estive .... nunca ninguém esteve; fui .... nunca ninguém foi.
g) A região .... voaremos é possessão indígena.
h) A região .... sobrevoaremos é possessão indígena.
i) Eis o livro .... folhas estão com defeito.
j) Eis o livro .... folhas as crianças estão fazendo aviõezinhos.

2. Complete corretamente as frases, usando *a* ou *há*, conforme convier:

a) Cheguei .... alguns minutos; daqui .... pouco retornarei.
b) Estamos .... dois meses de um novo ano.
c) Estamos .... dois meses trabalhando duro aqui.
d) O gol foi marcado .... dois minutos do final do jogo.

e) O gol foi marcado .... dois minutos.
f) A duplicata foi descontada .... dois meses.
g) A duplicata foi descontada .... dois dias do seu vencimento.
h) A descoberta da pólvora remonta .... séculos.
i) Daqui .... alguns anos ele estará aposentado.
j) O homem morreu .... três passos de mim.

3. Complete corretamente as frases:

a) Termin...................... ontem os quatro dias de f...........lia.
b) A gente dev........... ou não dev........... reagir a tanta violência?
c) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os dino......................os?
d) Falt........... dois minutos para as seis horas.
e) De...................... agora mesmo seis horas.
f) And...................... saindo muitas notícias ru...................... nos jornais.
g) Est...................... ou não est...................... havendo muitos a......................altos e seq.........................estros no Brasil?
h) Ca...................... do pé agora .... pouco várias mangas maduras.
i) O que você acha: exist...................... ou não exist...................... os e...........t........... terrestres?
j) O que você acha: dev...................... ou não dev......................existir penas mais duras para crimes hediondos?

4. Substitua as expressões em destaque por uma palavra equivalente (cada tracinho equivale a uma letra):

a) Atos **de pirata** são atos _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
b) Uma região **do Sul** é uma região _ _ _ _ _ _ _ _ .
c) Uma dose **que leva à morte** é uma dose _ _ _ _ _ _ .
d) Um mal **do fígado** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
e) Lábio **de lebre** é lábio _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
f) Bens **em dinheiro** são bens _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
g) Um material **de cobre** é um material _ _ _ _ _ _ _ _ .
h) A época **de Carlos Magno** ficou conhecida como época _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
i) Brigas **de casamento** são brigas _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ .
j) Um mal **da bexiga** é um mal _ _ _ _ _ _ _ _ .

5. Complete as frases que seguem de forma correta:

a) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras confio.
b) Filipe e Virgílio são dois alunos .... palavras ninguém duvida.
c) As pessoas .... o cão investiu são turistas.
d) Essa foi a pergunta .... resposta não ouvi.
e) Essa é uma pergunta .... não se deve dar resposta.
f) O filme .... assisti foi ótimo!
g) Esse é o filme .... cenas a imprensa critica.
h) Esse é o filme .... cenas já me falaram.
i) Cristina é a mulher .... amor já não posso prescindir
j) Cristina é a mulher .... passado conversamos ontem.

6. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) O passado desse rapaz não recomenda muito. Haja visto os seus crimes contra o patrimônio privado.
c) Um quinto dos alunos faltaram da aula hoje.
d) Cristina resolveu perdoar o filho que tanto queria.
e) Eles não sabem o que fazer para mim ficar contente.
f) Qual foi o jogador que mais se sobressaiu nos treinos da semana?
g) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.
h) Vocês não são políticos, vocês são pseudos políticos!
i) A turma nem acabaram de chegar e já foram embora?!
j) Acho que o pessoal não ficaram porque não gostaram da festa.

7. Transforme todos os adjetivos em destaque em substantivos (cada traço corresponde a uma letra):

a) As pessoas **espontâneas** = a espontan _ _ _ _ _ _ das pessoas.
b) As substâncias **heterogêneas** = a heterogen _ _ _ _ _ _ das substâncias.
c) As sentinelas **impassíveis** = a impassi _ _ _ _ _ _ _ _ das sentinelas.
d) A água **fria** = a fri _ _ _ _ _ _ da água.

e) Uma mulher **fria** = a fri _ _ _ de uma mulher.
f) Os estadistas **fleumáticos** = a fle _ _ _ dos estadistas.
g) As pessoas **persuasivas** = a persua _ _ _ das pessoas.
h) Os artistas **contemporâneos** = a contemporan _ _ _ _ _ _ dos artistas.
i) Os comerciantes **idôneos** = a idon _ _ _ _ _ _ dos comerciantes.
j) Os humoristas **hilariantes** = a hilar _ _ _ _ _ dos humoristas.

8. Dê a forma correta dos verbos em destaque:

a) Cassilda, diga isso a seu marido ou coisa que ....! EQUIVALER
b) Espero que tudo isto que estamos fazendo .... alguma coisa. VALER
c) Não há sala na escola onde ....tantos alunos. CABER
d) Espero que vocês só nos ....informações corretas. DAR
e) É lamentável que ainda se .... as nossas florestas. INCENDIAR
f) É também lamentável que o homem ainda .... baleias. CAÇAR
g) Não é justo que nós..de Deus. DESCRER
h) Não é conveniente que nós .... agasalho com tanto calor. PÔR
i) Não lhe deem tarefa que ....tanto esforço! REQUERER
j) Levemos um guia, para que não .... ! DESNORTEAR

9. Complete adequadamente as frases (cada traço corresponde a uma letra):

a) Mônica foi a mulher _ _ _ _ _ amei de verdade, a única _ _ _ _ _ amei sinceramente.

b) Convém fazer uma consulta _ _ dicionário, para saber o significado dessa palavra.

c) Conheci vários deputados _ _ _ Mato Grosso, mas nenhum _ _ _ _ Tocantins ou _ _ _ _ Mato Grosso do Sul.

d) Todos condenaram a invasão soviética _ _ Checoslováquia, em 1968.

e) A invasão _ _ Iraque pelos Estados Unidos foi criticada na ONU.

f) Essa mulher tem ódio _ todos os vizinhos. Eu nunca tive ódio _ ninguém.

g) Seria preferível ser derrotado _ ser colonizado.

h) O armazém, situado _ _ Rua da Paz, está em reformas.

i) Meu amigo, residente _ _ Rua Rui Barbosa, entregou o documento ontem na repartição.

j) O estabelecimento comercial, sito _ _ Avenida Atlântica, reabrirá amanhã.

10. Acentue quando for necessário:

a) Pacaembu d) Carandiru g) infantis j) prototipo

b) Morumbi e) item h) Mooca

c) Itu f) itens i) cateter

MÓDULO 5

1. Complete as frases com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) _ sombra da árvore fiquei _ espera dela, que vive _ minha custa.

b) Feriram-me _ bala, _ faca, _ navalha, _ porrete, _ cassetete, _ tudo.

c) Fiquei _ distância: não quis me meter _ besta em barulho alheio.

d) Fiquei _ distância de 30m: ela ficou _ distância ainda maior.

e) Chegaremos _ zero hora, ou em barco _ vela, ou em barco _ remo.

f) Tenho um carro que funciona _ álcool, _ gasolina e _ gás.

g) Tenho um rádio que funciona _ bateria, _ eletricidade e _ pancadas.

h) Quem vai _ campo de futebol, hoje, fica sujeito _ tudo.

i) O motorista não sabia _ quem entregar _ encomenda: se _ mãe

ou se _ filha.
j) O termômetro subiu _ 39 graus _ sombra.

2. Identifique a única frase que merece reparos:

a) A corrupção é um estigma para qualquer sociedade.
b) O diretor disse que precisa de duas xérox desse documento.
c) A morte do homem foi causada por um terrível diabetes.
d) Na minha escola, os melhores estudantes são as mulheres.
e) Marta Suplicy foi um dos prefeitos de São Paulo.
f) O juiz deu o penal e levou ele próprio a bola à marca do cal.
g) Saímos do matagal com uma comichão daquelas!
h) Havia muitos candidatos a deputado e vários candidatos a vereador.
i) Teresa é um dos nossos melhores engenheiros.
j) Rosinha Garotinho foi um dos governadores do Rio de Janeiro.

3. Pronuncie adequadamente todas as palavras em destaque:

a) escola **Ibero**-Americana
b) os **subsídios** à agricultura
c) os **fornos** crematórios
d) rua em que há dois prontos-**socorros**
e) o quiuí tem muitos **carocinhos**
f) rio de vários **subafluentes**
g) fazer **subemendas** à Constituição
h) fazer **questão** de **sublinhar** uma frase num texto
i) ter **quatorze** anos
j) ter uma **rubrica** estranha

4. Coloque no plural as palavras em destaque, fazendo todas as alterações necessárias nas frases:

a) Por falta de homens, me fizeram a mim **juiz**.
b) Debaixo da árvore, sentia-**me** protegido.
c) Foi outra **coisa** que o matou.
d) **Hóspede** constante nunca é bem-vindo.
e) Trata-se de **problema** difícil de solucionar.

5. Complete todas as frases que seguem com *a* ou com *à*, conforme convier:

a) Agradou-me .... partida de futebol .... que assisti ontem................................noite.

b) Fui ....casa e em seguida retornei................................empresa.

c) Fui ....casa de meu amigo e em seguida retornei........................casa.

d) ....bordo, ...refeição foi um filé ....cavalo.

e) A polícia está................cata de informações ....seu respeito.

f) O desconto nessa farmácia vai de 50% ....80%.

g) Estarei livre ....partir de amanhã ....meia-noite.

h) Não vivo ....custa de ninguém ou ....expensas de quem quer que seja.

i) Não me refiro................ especulações imobiliárias.

j) ....certa altura, apareceram vários cavaleiros ....galope.

6. Coloque no plural:

a) Vende-se casa.

b) Compra-se terreno.

c) Aluga-se apartamento.

d) Coisa útil não se joga fora.

e) Fez-se um apelo.

f) Dá-se aula particular.

g) Coisa dada não se rejeita.

h) Viu-se um extraterrestre.

i) Dá-se informação a turista.

j) Nota de dinheiro não se amassa nem se rasga.

7. Complete adequadamente as frases que seguem, tendo por base a primeira de cada conjunto:

a) **Pode deixar, que ele se vira sozinho!**

Pode deixar, que eu ....e vir................sozinho!

Pode deixar, que nós................ vir................so................!

b) **O povo se aborrece com tamanha carga de impostos.**

Eu................e aborre................com tamanha carga de impostos.

Nós ....aborr.................com tamanha carga de impostos.
c) **Quando ele viu a onça na sua frente, apavorou-se.**
Quando vi a onça na................frente, apavor................
Quando................a onça na nossa frente, apavor................
d) **Ele se preocupa com o futuro do Brasil.**
Eu................preocup................com o futuro do Brasil.
Nós................preocup................com o futuro do Brasil.
e) **Você se incomodará se eu ficar a seu lado?**
Não,................não................incomod................se você ficar a meu lado.
f) **Vocês se incomodarão se eu ficar a seu lado?**
Não,................................não...............incomod..se vocês ficarem a nosso lado.

8. Complete adequadamente as frases que seguem:

a) Havi................muitas pessoas na fila do banco, por isso h .... muitas reclamações.
b) Nos desertos nunca h................rios, nunca h................mananciais.
c) Enquanto houv................pessoas boas no mundo, não haver................castigos à humanidade.
d) Eu me enganei, quando achei que h................sobreviventes entre os escombros.
e) E se no sistema solar houv................muito mais planetas?
f) Nesta floresta já houv.....................muitos animais, já h.......................muitas árvores raras.
g) Será que ainda h.....................ingressos para o jogo? Será que ainda have................ingressos para nós?
h) Est................havendo muitos protestos contra a carga de impostos.
i) Dev................haver muitos interessados nessa casa.
j) Dev................existir muitos interessados nessa casa.

9. Mude o que não estiver de acordo com a língua padrão:

a) As folhas caem por si só.
b) Não há nenhumas condições de viajar com esta cerração.
c) Dado à inflação, ninguém conseguia poupar.
d) Dado a grande procura de ingressos, o jogo foi transferido do Pacaembu para o Morumbi.

e) É vedado aos candidatos a utilização de calculadoras nos exames.
f) Não havia nenhumas razões para você faltar da aula.
g) Transcreveram errada a carta que enviei ao jornal.
h) A medida tornou inelegível vários candidatos.
i) O voto eletrônico tornou impossível as fraudes.
j) Fazem muitos anos que não vejo ninguém por aqui.

10. Complete as frases com as devidas formas do verbo estar:

a) Queremos que você..............................em nossa festa amanhã.
b) Queríamos que você..............................em nossa festa ontem.
c) Quando você .... mais calma, nós a chamaremos.
d) Quem .... doente poderá sair da sala.
e) Quem .... doente poderia sair da sala.
f) Embora vocês .... zangados comigo, quero-lhes bem.
g) Embora eles .... zangados comigo, queria-lhes bem.
h) Assim que eu .... bem de saúde, visitá-los-ei.
i) Espero que eu .... com mais sorte hoje.
j) Espero que eles .... com a razão.

MÓDULO 6

1. Complete as frases com as formas corretas do verbo ser:

a) Ninguém quer que você..............................assim.
b) Espero que vocês..............................honestos comigo.
c) Não..............................mal-educado, porque tua mãe te castigará!
d) Se vocês..............................competentes, não estariam passando fome.
e) Se vocês..............................competentes, não passarão fome.
f) Todos querem que eu..............................um homem de sucesso.
g) Ninguém quer que você..............................vagabundo.
h) Se..discretos, não nos teria acontecido isso.
i) Se..discretos, nada nos acontecerá.
j) ....bom, que você será recompensado!

2. Corrija as palavras erradas:

a) franqueza h) mesa o) atrazado v) vazante
b) surpresa i) japonesa p) framboeza w) extravazar

c) camponesa j) marquesa q) maizena x) pretencioso
d) burguesa k) baronesa r) enfisema y) ciriguela
e) limpeza l) raso s) cafuzo z) ansioso
f) francesa m) razante t) brasa
g) beleza n) despesa u) vaso

3. Complete adequadamente:

a) Onde há mais de um cidadão, há vários..............................

b) Nasci........................Tocantins, mas atualmente não moro..........................Tocantins.

c) Já estive..............................Marrocos, mas nunca morei..............................Marrocos.

d).............................. sábad.............................., naquela época, não..............................aulas.

e) Você sabe quantas guerras mundiais..............................no século passado?

f) Hortên..............................ia não comia.............................. vários dias.

g) Alc..............................bíades não tinha amizade com Her..............................ílio nem com..............................eni.

h) Os Estados Unidos....................., hoje, a única superpotência militar do mundo.

i) Rui Barbosa ficou conhecido como..............................*Águia de Haia*.

j) Essa mulher pertence à irmandade de São Vicente de Paul..............................

4. Transforme os verbos em seus substantivos correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) ceder os direitos = a ce _ _ _ _ dos direitos
b) inverter os papéis = a inver _ _ _ dos papéis
c) rescindir o contrato = a re _ _ _ _ _ _ _ do contrato
d) acender os holofotes = o acen _ _ _ _ _ _ _ dos holofotes
e) ascender (o balão) = a a _ _ _ _ _ _ _ do balão
f) aferir a balança = a afer _ _ _ _ da balança
g) escandir os versos = a escan _ _ _ dos versos
h) inserir a chave na fechadura = a ins _ _ _ _ _ da chave na fechadura
i) conter as despesas = a conten _ _ _ das despesas
j) manter uma família = a man _ _ _ _ _ _ _ de uma família

5. Complete usando *eu* ou *mim*, conforme convier:

a) Entre .... e minha namorada sempre houve muita compreensão.

b) Trouxeram um livro para ....ler e um disco para ....ouvir.

c) Sem ....ler o documento, não o assino, e esse documento não pode sair sem ....o assinar.

d) Isso é para ....guardar ou é para ....vender? Por que, afinal, você trouxe isso para ....?

e) As crianças não dormem sem .... estar a seu lado, ou seja, as crianças não dormem sem ....

6. Dê o verbo correspondente:

a) freio b) receio c) recheio d) estreia e) passeio

7. Complete de forma gramaticalmente correta:

a) Teresa é a pessoa ....falam mal por aí.

b) Teresinha é a pessoa ....casa dormimos.

c) Este é o rio ....águas estão poluídas desde 1980.

d) Este é o rio ....águas navegaram os bandeirantes.

e) Hiroxima e Nagasáqui são as cidades ....foram lançadas bombas atômicas em 1945.

f) Este é um problema ....não tem solução.

g) Este é um problema .... solução ainda não conversamos.

h) Este é um assunto ....ainda não tratamos.

i) Esse foi o drama ....passamos no meio do mar revolto.

j) Este é o bairro ....ruas continuam inundadas.

8. Use o particípio correto (cada traço corresponde a uma letra):

a) Ele já tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ ser o candidato do partido.

b) O Papa havia _ _ _ _ _ _ _ _ ao Brasil em julho para a sua visita.

c) Tenho _ _ _ _ _ _ _ todos os dias sobre a importância da boa leitura.

d) Eu é que havia _ _ _ _ _ _ _ _ as crianças da escola, e não ela.

e) Achei que o goleiro, naquele dia, tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ o jogo.

f) Eu tinha _ _ _ _ _ _ _ _ muito tarde naquela noite.

g) Eu já havia _ _ _ _ _ _ _ os documentos para a matrícula.
h) Nós já havíamos _ _ _ _ _ _ com ela sobre isso.
i) Todo o mundo tinha _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ muito dinheiro naquele fundo de investimento.
j) As crianças tinham _ _ _ _ _ _ forte resfriado na viagem.

9. Pronuncie corretamente:

a) Nas festas juninas, a garotada **estoura** foguetes e bombinhas.
b) Quem **rouba** a ladrão tem cem anos de perdão.
c) Napoleão queria **extinguir** a oposição, mas não a **extinguiu**.
d) O **fluido** do isqueiro se esgotou em dois dias.
e) Não seja **avaro**, **Euler**: compre um bom dicionário para seu filho!
f) **Fechem** a porta quando entrarem, crianças!
g) Quando você fala em **corvos** e **porcos**, eu **perco** o apetite.
h) Nossas **bodas** de prata foram comemoradas ontem.
i) Quantos **tocos** de cigarro foram recolhidos das praias neste fim de semana?
j) Os **rolos** de papel higiênico foram encontrados nos **fossos**.

10. Complete com *mal* ou *mau*:

a) Ifigênia passou muito ma .... ontem à noite e está até agora de ma .... -humor.
b) Hortênsia tem muito ma .... caráter e vive com ma ....-estar.
c) Manuel não é ma .... motorista, mas em ma .... estado de saúde dirige ma ....
d) Não quero ma .... a ninguém, nem mesmo a quem é ma ....
e) Se você é ma ...., com certeza irá se dar ma .... na vida.
f) O ma .... do Brasil é a corrupção, a impunidade, a incompetência.
g) Dormi ma .... esta noite e até pensei que estava tendo um ma .... súbito.
h) Hersílio é um ma .... sujeito, mas não gosta que falem ma .... dele.
i) O negócio vai ma ...., porque nesta cidade tudo é ma .... conduzido.
j) Não há nada de ma .... em ir à praia à noite.

MÓDULO 7

1. Leia corretamente:

a) ano I d. C. f) ano V da criança brasileira
b) ano II d. C. g) Pio X
c) século III a. C. h) ano VII da era moderna
d) século IV a. C. i) século VIII
e) parágrafo X da constituição j) século IX

2. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no congresso.
b) Era descoberto, assim, a maior jazida de petróleo brasileira.
c) Não foi necessário, absolutamente, violência da polícia para acabar com a manifestação.
d) É preciso muitos dias para se recuperar de um acidente desse.
e) Seu pai já está quites com o meu?
f) Cumpri a minha obrigação, de maneiras que estou tranquilo.
g) Com neblina, é bom cautela no volante.
h) Os ônibus eram o alvo dos membros do PCC.
i) Remeto anexo a nota fiscal, mas não remeti anexo as xérox.
j) Dois ministros eram as pedrinhas nos sapatos do presidente.

3. Ponha no plural:

a) testemunha bomba
b) passeata monstro
c) meia bege
d) mãe coruja
e) peça chave
f) meia ocre
g) coma bastante fruta
h) coma bastante legume
i) traga mamão o mais doce possível
j) traga guaraná o mais gelado possível

4. Substitua as formas compostas dadas por formas simples correspondentes (cada traço corresponde a uma letra):

a) Judite nos disse que _ _ _ _ à praia mais cedo. (*tinha ido*)

b) Susana nos disse que _ _ _ _ _ _ pesadelo à noite. (*tinha tido*)
c) Contei-lhe que _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ alerta durante toda a noite. (*tínhamos estado*)
d) Verificaram que eu _ _ _ _ _ só. (*tinha vindo*)
e) Os pais tinham certeza de que a babá _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _ as crianças. (*havia entretido*)

5. Complete corretamente:

a) pentagram ..... e) mu ..... arela i) rabu ..... ento
b) paralelogram ..... f) somatóri ..... j) contor ..... ão
c) aforism ..... g) catequi ..... ar
d) cataclism ..... h) e ..... ce ..... ão

6. Acentue só quando ABSOLUTAMENTE necessário:

a) interim e) prototipo i) pudico
b) silencio f) hieroglifo j) rubrica
c) necropsia g) recem
d) polipo h) refem

7. Una todas as palavras que seguem, usando o hífen ou não, conforme convier e fazendo todas as alterações necessárias:

a) rádio relógio e) áudio visual i) vaga lume
b) cata vento f) sub diretor j) extra classe
c) sobre loja g) bi campeão
d) moto serra h) tri campeão

8. Complete convenientemente:

a) O rei foi ..... caça, e a rainha foi ..... costureiro.
b) O boxeador levou um certeiro no queixo e foi ..... lona.
c) O programa começará exatamente ..... meio-dia e mei .....
d) Se peguei a senha de número 80, sou o oct .....gésimo da fila.
e) Mais amor e men .....s confiança, Man .....el, disse .....figênia.
f) Eu lhe pago ..... champanha importad ..... se meu time perder para o seu.
g) Se ele nasceu em Madri, na Espanha, ele é madrilen .....
h) Ela mesm ..... cozinha, lava e passa suas roupas.
i) Elas mesm ..... cozinham, lavam e passam suas roupas.
j) A propaganda é assim: Ve ..... pra Caixa você também!, mas deveria ser assim: Ve ..... pra Caixa você também!

9. Pronuncie corretamente:

a) Você não **peneira** a farinha como eu **peneiro**.
b) É uma torcida que **esbraveja** nos estádios e sempre **apedreja** os adversários.
c) Eu também **gaguejo** quando você **gagueja**.
d) Se você **treme** de medo, eu também **tremo**.
e) O **rodão** do trator foi comprado no **lojão** da construção.
f) Meu rádio não **capta** as rádios que os seus **captam**.

g) Se eu **opto** por medicina, ela também **opta**.
h) A fumaça de cigarro **impregna** roupas e cabelos de cheiro fétido.
i) Os automóveis **impregnam** o ar de monóxido de carbono.
j) Esse trânsito **empoeira** todas as casas da rua.

10. Mude somente o que não estiver de acordo com a norma culta:

a) Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente.
b) Cheguei em casa às quinze para as dez e fui logo prá cama.
c) Sou um dos que pensa que Tiradentes foi um herói.
d) É de se admirar os magníficos selvas e rios brasileiros.
e) O tablete de chocolate foi dividido em metades iguais, para que as crianças não brigassem.
f) Se caso quiserem me trazer outro copo de água, poderia ser menos gelada?
g) As crianças nunca tinham passado por uma ponte levadiça.
h) Ofereceram uma gorda janta a duas milhares de pessoas pobres.
i) Duzentas milhões de tampinhas de cerveja foram catadas nas areias da praia.
j) A minha neném vai chamar Clarice, que é o nome da neném mais linda do mundo!

MÓDULO 8

1. Os textos que seguem são de leitores de jornal, ao comentarem notícias. Use a pontuação correta:

a) Pastores padres bispos missionários reverendos pais de santo são todos iguais se dizem representantes de Deus para angariar fundos pecuniários Não há o menor problema nisso pede quem tem boca dá quem quer Agora falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e isso sim é uma tremenda idiotice Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos.
b) Refrigerantes sucos industrializados doces em geral balas chocolate bolachas recheadas salgadinhos enlatados embutidos frituras café são

alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade.

c) Até os seis meses de vida a criança necessita somente do leite materno sendo desnecessária a oferta de água chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses devem-se introduzir de forma lenta e gradual alimentos complementares mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças cereais ou tubérculos carnes e leguminosas.

d) A partir dos oito meses de idade a criança já pode receber os alimentos preparados para a família desde que sem temperos fortes oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades.

e) Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças e os alimentos industrializados segundo recomendações do Ministério da Saúde não devem ser oferecidos à criança antes que ela complete dois anos de idade.

f) Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle na verdade, estão prejudicando o futuro deles a começar pela obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização já que passam a ser chamadas na escola de "baleias" e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada isolando-se da preferência de outras pessoas que as tratarão como esquisitas feias e indesejadas além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta correm risco de vida porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes.

2. Complete com *g* ou com *j*, com *x* ou com *ch*, com *s* ou com *z*:

a) ultra .....e e) ve .....ame i) qui .....esse
b) fuli .....em f) capi .....aba j) gi .....
c) rabu .....em g) me .....er
d) rabu .....ento h) qui .....

3. Continue:

a) col .....a e) en .....arcado i) talve .....
b) co .....a f) fle .....a j) atrá .....

c) en . . . . .oval g) mi . . . . .to
d) en . . . . .ame h) mi . . . . .tura

4. Complete com *s* ou com *ç* ou com *ss*, com *ês* ou com *esa*, com *ez* ou com *eza*:

a) baron . . . . . e) a . . . . .e . . . . .oria i) torqu . . . . .
b) consul . . . . . f) a . . . . .e . . . . .o j) torp . . . . .
c) cort . . . . . g) xadr . . . . .
d) marqu . . . . . h) bel . . . . .

5. Continue:

a) altiv . . . . e) exce . . . . .ão i) atra . . . . .ado
b) flacid . . . . . f) exce . . . . .o j) limp . . . . .
c) acid . . . . . g) rece . . . . .o
d) sisud . . . h) rece . . . . .ão

6. Complete com *isar* ou com *izar*:

a) modern . . . e) bat . . . . i) catequ . . .
b) ideal . . . . . f) suav . . j) paral . . . . .
c) pesqu . . . . g) prec .
d) final . . . . . h) fr . . . . .

7. Complete com uma destas letras ou grupo de letras: *s, ss, z, ç, sc, c* ou *xc*.

a) ca .....etete e) pí .....eo i) cuscu .....
b) sei .....entos f) fa .....ista j) .....iriguela
c) e .....edente g) fa .....ínora
d) pi .....ina h) fa .....inante

8. Continue:

a) enfe .....ado e) di .....ente i) vene .....iana
b) so .....obrar f) do .....entea j) rodí.....io
c) a .....ambarcar g) fluore .....ente
d) di .....ípulo h) fosfore .....ente

9. Identifique a palavra correta de cada conjunto:

a) interseção e) difuso
b) intersessão f) difuzo
c) cafuzo g) confuso
d) cafuso h) confuzo

10. Identifique os conjuntos que não trazem ambas as palavras corretas:

a) abcissa / abscissa
b) abcesso / abscesso
c) micro-organismo / microrganismo
d) micro-ondas / microondas
e) aminoácido / amino-ácido
f) carbo-hidrato / carboidrato
g) aritmética / arimética
h) sobressalente / sobresselente
i) ritmo / rítimo
j) advinhar / adivinhar

MÓDULO 9

1. Identifique os conjuntos que não têm palavras corretas quanto à acentuação e prosódia:

a) dúplex / duplex c) ônix / onix e) gumex / gúmex
b) tríplex / triplex d) látex / latex

2. São acentuadas por razões diferentes:

a) revólver, sábio, amáveis d) safári, cômodo, lápis
b) cínico, ímã, topázio e) pântano, ácido, mágica
c) fácil, réptil, projétil

3. Identifique o conjunto que deve ter todas as palavras acentuadas:

a) avaro, austero, gratuito
b) circuito, intuito, fortuito
c) computo, caimbra, interim
d) femur, isopor, trofeu
e) item, itens, traira

4. Identifique o conjunto que traz todas as palavras proparoxítonas:

a) idolo, patena, prototipo, rubrica
b) ibero, celtibero, calice, mitico
c) filantropo, misantropo, pudico, frigida
d) oximoro, litotes, interim, alcione
e) alcool, alcoois, exito, hesito

5. Identifique o conjunto de palavras corretamente acentuadas:

a) vós, vês, idéia, maníaco
b) herói, heróico, papéis, nós
c) ágata, cíclope, ômega, biótipo
d) sanduíche, raínha, coroínha, taínha
e) prá, tábua, mágoa, série

6. Identifique a opção correta:

a) Pi-au-í c) Piau-í e) *Piauí* não se divide em sílabas
b) Pia-uí d) Pi-auí

7. Continue:

a) tui-ui-ú c) tuiu-iú e) *tuiuiú* não se divide em sílabas
b) tu-iu-ú d) tu-uiú

8. Use a vírgula onde convier:

a) Não desanime se até o final do ano não o chamarem para tomar posse!
b) Se até o final do ano não o chamarem para tomar posse não desanime!
c) Todos os jogadores depois da partida foram para o exame *antidoping*.
d) Depois da partida os jogadores foram para o exame *antidoping*.
e) O assunto a meu ver requer muita reflexão.
f) A meu ver o assunto requer muita reflexão.
g) Os funcionários durante a reunião explicaram os motivos da paralisação.
h) Durante a reunião os funcionários explicaram os motivos da paralisação.
i) Ninguém a não ser o presidente pode salvar o país da recessão.
j) A não ser o presidente ninguém pode salvar o país da recessão.

9. Use o sinal da crase quando convier:

a) Todos aqui trabalham de segunda a sexta-feira.
b) Você pode ir a bancos da segunda a sexta-feira, desde que não haja feriados.
c) O professor faltou da quarta a sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente.
d) Daqui a uma hora o avião poderá decolar.
e) Desde a hora em que o avião decolou não tivemos sossego.
f) O povoado passou de vila a cidade no ano de 1912.
g) O estádio estará fechado a partir de amanhã.
h) Fiquei a distância de dois metros deles.
i) Quero que vocês fiquem a distância.
j) Após a solenidade, todos saíram.

10. Identifique os conjuntos corretos quanto ao plural:

a) afegão / afegãos f) arroz-doce / arrozes-doces
b) júnior / júniors g) futebol / futebóis
c) adeus / adeuses h) projetil / projetis
d) cidadão / cidadões i) o fax / os fax
e) troféu / troféis j) a xérox / as xérox

MÓDULO 10

1. Identifique o conjunto que só tem palavras masculinas:

a) lotação, diabetes, laringe, champanha
b) apetite, gambá, clã, patinete
c) eclipse, eczema, apêndice, cólera
d) dó, gengibre, magma, quitinete
e) alpiste, alvará, diapasão, mascote

2. Identifique o conjunto que só tem palavras femininas:

a) cal, aguardente, alface, fênix
b) acne, entorse, ênfase, formicida
c) xérox, vernissage, personagem, contralto
d) matinê, derme, derma, echarpe
e) delta, caudal, laringe, enzima

3. Identifique as frases corretas:

a) Há momentos em que pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Há momentos em que as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Há momentos em que as mais corajosas pessoas se acovardam.
d) Há momentos em que as pessoas as mais corajosas se acovardam.
e) Havia tempos que eu não a via.
f) Eu não a via faz tempo.
g) Iam haver muitos protestos de estudantes.
h) Houveram reclamações só no início.
i) Vão para três anos que me formei.
j) Estão havendo muitos atos de corrupção nesse governo.

4. Não há correlação adequada em:

a) jovial – jovem
b) fígado – figadal
c) dedo – digital
d) quartel – caserna
e) feijão – faseolar

5. Siga este modelo:

semana = sete dias
a) hebdômada =

b) lustro =
c) sesquicentenário =
d) decênio =
e) decêndio =

6. Correspondem, respectivamente, a 8, 80 e 800:

a) oitavo, octagésimo, octacentésimo
b) óctuplo, octogésimo, octingentésimo
c) oito, octagésimo, octingentésimo
d) óctuplo, octogésimo, octogentésimo
e) óctiplo, octagésimo, octogentésimo

7. Complete com *eu*, *me* ou *mim*, conforme convier:

a) Deixe ..... explicar o que aconteceu!
b) Para ..... passar no exame, tive que estudar muito.
c) Ninguém deu ajuda para .....
d) Ninguém deu ajuda para ..... sair da crise.
e) Entre ..... e meus amigos sempre houve lealdade.

8. Complete convenientemente:

a) Senhor ministro, gostaria de ..... fazer uma pergunta: ..... Excelência acredita mesmo que ..... Majestade, o rei, virá com toda a ..... corte?
b) Sendo o carnaval uma das festas ..... mais gosto, achei preferível ir .... avenida ..... ir para o retiro.
c) As armas ..... dispomos e as tropas .... contamos não permitem pensarmos em vitória.
d) Comunicaram imediatamente ao público a razão .... não haveria o espetáculo.
e) O soldado pediu ao motorista .... se identificasse.
f) Esses profissionais são excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.
g) O trabalho .... ele se dedica é dos mais louváveis, por isso receberá o prêmio .... lhe falei.
h) O filme .... assisti não foi o mesmo .... você assistiu.
i) O jogo .... vi não foi o mesmo .... você viu.

j) O time .... você torce não é o mesmo .... eu torço.

9. Complete com

a) **Volte** ou **Volta**: .... para a casa de teus pais!
b) **Prepara** ou **Prepare**: .... o futuro e serás feliz!
c) **preocupas** ou **preocupes**: Serás chamado, não te ....!
d) **cumprimenta** ou **cumprimente**: Lá vem nosso inimigo. Nem ...., porque ele não merece nosso cumprimento.
e) **brinca** ou **brinque**: O homem renunciou? Não ....!
f) **acento** ou **assento**: Todo ônibus tem ....
g) **acento** ou **assento**: A palavra *ônibus* tem ....
h) **brocha** ou **broxa**: Essa .... já é velha, não serve mais para pintura.
i) **mandato** ou **mandado**: A .... judicial obedece quem tem juízo.
j) **mandato** ou **mandato**: O *show* só ocorreu com .... de segurança.

10. Corrija o que deve ser corrigido:

a) Após à interrupção, o juiz procedeu a leitura da sentença.
b) A reforma tributária implicará em renúncia de muita coisa por parte dos governadores.
c) Obedeça sempre seus pais e seus superiores!
d) Se tiver de responder processo na justiça, faça-o com serenidade!
e) Não faça pergunta que eu não possa dar resposta!
f) Esse programa do governo visa o bem do povo.
g) Não simpatizo com essa gente.
h) Meus amigos antipatizam com todo o mundo.
i) Nunca me sobressaí em Física nem em Matemática.
j) Eu não vou lhe prejudicar, fica tranquilo!

Respostas ou Soluções

MÓDULO 1

Respostas ou Soluções: 1. a) A empresa concedeu férias coletivas a seu quadro de funcionários. **b)** A criança que esqueceu os óculos ficou com muita dor de cabeça. **c)** O homem tomou um chope, a mulher comeu um pastel, a criança chupou um drope de hortelã, mascou um chiclete, e a secretária acabou ganhando um clipe. **d)** Era vitral, e não para-brisa estilhaçado. **e)** O obus atingiu o guarda-costas nas costas. **f)** Nossas férias foram curtas, mas estavam ótimas! **g)** Quem vai resolver esse quebra-cabeça da nossa economia? **h)** O casal comemorou suas bodas de prata na Europa. **i)** Apresentei meus pêsames à família enlutada. **j)** Como dormi mal, levantei-me com olheiras. **2. a)** **qua**torze = ka **b)** **quo**ta = kó **c)** **quo**tizar = ko **d)** **quo**ciente = ko **e)** **quo**tidiano = ko **f)** **quin**quagésimo = kin **g)** **quinque**nal = kinke **h)** **têx**til = tês **i)** **têx**teis = tês **j)** **fo**me = fô **k)** **ho**mem = ô **l)** lobi**so**mem = zô **m)** **co**me = kô **n)** E**lai**ne = lâi **o)** Ro**rai**ma = râi **p)** ani**qui**lar = ki **q)** so**co**rros = kó **r)** **glo**bos = glô **s)** ca**ro**ços = ró **t)** **for**nos = fór **u)** e**qui**látero = kui **v)** ga**gue**jo = ghê **w)** distin**guir** = ghir **x)** extin**guir** = ghir **y)** **to**cos = tô **z)** **tro**cos = tró **3. a)** Quando os alunos se despediram dizendo “muito obrigados por tudo” ao velho professor, notaram-se bastantes cochichos na sala. **b)** Vocês não são nenhuns joões-ninguém, por isso não aceitem nenhumas desculpas desses caras de pau! **c)** No fundo, os senhores são iguaizinhos a seus irmãos, a quem sempre criticam. **d)** O que significam aqueles faroizinhos acesos lá adiante? **e)** Não cheguei a ver os casaizinhos de namorados se beijando. **4. a)** Quando o rapaz se viu *ante* (ou *perante*, ou *diante*) o pai da moça, começou *a* tremer, *a* sentir calafrios. **b)** Obedeça sempre *aos* sinais de trânsito, obedeça sempre *à* sinalização! **c)** O pai não perdoou *ao* filho até hoje, e este nunca mais perdoou *à* mãe. **d)** Quem esperou que o pai *lhe* perdoasse, enganou-se; quanto *à* mãe, o filho disse que nunca *lhe* perdoaria. **e)** *Quéops*, Quéfren e *Miquer*inos foram os três maiores faraós. **5. a)** Momentos havia que nós já nos levantávamos da cama apavorados. **b)** Dias há por aqui em que faltam muitas coisas: água, luz, etc. **c)** Veja a alegria desse pessoal: trata-se de turistas estrangeiros. **d)** Faltam dois minutos para bater o sinal de saída. **e)** Faz duas semanas que isso aconteceu; já se sabe que não foram nenhuns coitadinhos os autores da brincadeira. **6. a)** *Houve* muitas reclamações ontem durante o desfile. **b)** *Havia* muitos animais na pista, por isso é que aconteciam tantos acidentes. **c)** No século passado *houve* duas guerras mundiais. Quantas *haverá* neste século? **d)** Não *havia* reuniões na empresa a que eu não comparecia. **e)** Não *houve* reuniões na empresa a que não compareci. **7. a)** *Aonde* você pensa que vai com essa maquiagem toda? **b)** *Onde* você pensa que está? Na casa da sogra?! **c)** Você viu a que preço foi *a* alface? **d)** *A* cólera é uma doença contagiosa. **e)** *A* dengue é uma doença perigosa. **f)** Você comprou *a* aguardente que lhe pedi? **g)** A polícia foi chamada para acabar com *a* bacanal. **h)** Comprei *a* champanha que você me sugeriu. **i)** Quem está em franca recuperação de saúde está em *convalescença*. **j)** Se você nasceu em Madri, na Espanha, você é *madrileno*. **8. a)** Os sem-terras ficaram satisfeitos com o que receberam. **b)** Conheço dois sem-tetos, mas nenhuns sem-vergonhas nesse grupo. **c)** Os bate-papos acabaram em quebra-quebras. **d)** São umas mulheres muito *sexy* essas que participam da novela. **e)** Não se encontraram apenas duas empresas fantasma nem apenas dois eleitores fantasma, durante a investigação. **9. a)** A nós tudo nos pareceram manobras do governo. **b)** Nunca fomos desonestos; não será agora que iremos sê-lo. **c)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **d)** A chegada do meu pessoal fez animadas as festas. **e)** Lavaram-se os conveses por ordem de uma oficiala, a cujas gravidezes ninguém estava autorizado a referir-se. **f)** Ocorreram no domingo muitos jogos importantes pelo campeonato. **g)** Acontecem muitos acidentes nesta rodovia. **h)** Para você conseguir o passaporte, ainda faltam outros documentos. **i)** Faz dois anos que ela não me escreve nem me telefona. **j)** Existem, por acaso, vidas em outros planetas? **10. a)** Os soldados visam *à* defesa da Pátria. **b)** Responda *ao*

questionário e *o* devolva urgentemente! **c)** Responda *à* carta e *a* devolva rapidamente! **d)** Obedeça sempre *à* sinalização de trânsito, *a* todos os sinais de trânsito. **e)** Palavra de rei não volta *atrás*.

MÓDULO 2

Respostas ou Soluções: 1. d) O pessoal lá de casa não *gostou* muito de você. **e)** A turma lá do clube *gosta* de almoçar em casa. **f)** A gente não *quer* briga com ninguém. **g)** A gente *está tranquilo*. **l)** Aqui não se *colhem* flores nem se fabrica dinheiro. **m)** Ali não se *proíbem* manifestações de protesto. **n)** Os Estados Unidos são um dos países que mais *lutam* pela liberdade. **o)** Sou um dos que mais *colaboram* e um dos que menos *são reconhecidos*. **p)** Serei eu um dos que mais *sofrerão* durante a viagem. **q)** Fui um dos que mais *colaboraram* para a construção desse edifício. **r)** Sou um homem que *acredita* em Deus. **w)** Quando *baterem* seis horas, podem sair! **x)** *Faltam* poucos minutos para bater o sinal de saída. **y)** *Bastam* duas pessoas para arrombar essa porta. **z)** *Sobraram* apenas duas balas no meu bolso. **2. c)** Conhecido o resultado da votação, *choveram* vaias. **d)** O jogo de ontem foi ótimo: não *faltaram* vaias nem *sobraram* emoções. **e)** Reformam-se colchões velhos, porém, *precisa*-se de aprendizes. **f)** Sou uma pessoa que não *acredita* em bruxarias. **h)** Já *é* meia-noite e meia; temos que ir. **o)** Trinta por cento dos candidatos *foram* mal em redação. **r)** Sou um dos brasileiros que *aprovam* a pena de morte. **s)** Na juventude, tudo *são* flores; na velhice, tudo *são* trevas. **w)** Não foi eu que *fiz* isso. **z)** Naquele dia *houve* muitos acontecimentos inesperados. **3. c)** *Discutem* quase todos os dias seu irmão e sua prima. **k)** Comer e dormir logo em seguida *engorda*. **r)** Será que *existem* mesmo rios no deserto? **s)** *Devem* existir torcedores machucados no estádio. **t)** *Podia* haver muitos feridos, mas ninguém sabia ao certo. v) Não só os alunos, como também o professor *faltaram* à aula. **x)** Não só eu, mas também meus filhos *estamos* com gripe. **y)** Tanto o marido como a mulher *mentiram*. **z)** Tanto você quanto eu *estamos* na mesma situação. **4. a)** Começaram as aulas. **b)** Acabaram-se as confusões. **c)** Sobraram emoções na festa. **d)** Aconteceram muitas coisas de lá para cá. **e)** Foram vacinadas muitas crianças. **5. a)** O automóvel antigo tinha toca-fitas; o moderno tem conta-giros. **b)** Compre-me uma caixa de fósforos! **c)** Dando o exemplo, joguei o maço de cigarros fora. **d)** Por que tanto ciúme, mulher? **e)** Pedi um chope e me trouxeste um clipe?! **f)** Ela passa por mim mascando chiclete. **g)** Comprei um patim importado. **h)** A criança chupou um drope de hortelã. **i)** Trouxe picles do supermercado. **j)** Você sofre mesmo de hemorroidas? **6. a)** Informamos-lhes os ocorridos. **b)** Agradecemos-lhes os favores prestados. **c)** Vimos aqui agora para cumprimentá-los. **d)** Conhecemos bastantes moças bonitas na festa. **e)** Indispusemo-nos com elas. **f)** Ultrapassamo-lo nas curvas. **g)** Dispusemo-nos a carregá-las. **h)** Aproximamo-nos delas e acariciamo-las. **i)** Enviamos-lhes as notas fiscais. **j)** Solicitamos-lhes dois favores. **k)** Pagamos os IPVAs e os IPTUs. **l)** Compramos dois CDs e dois DVDs. **m)** Meus amanhãs serão promissores. **n)** Ganhamos dois pôsteres dessas atrizes. **o)** Os cães comeram todos os pães dos cidadãos. **7. a)** olhos verde-claros **b)** cabelos castanho-escuros **c)** camisas azul-claras **d)** lenços azul-escuros **e)** gravatas vermelho-sangue **f)** olhos verde-alface **g)** meias azul-marinho **h)** toalhas azul-turquesa **i)** ternos cinza **j)** camisas verde-abacate **k)** automóveis gelo **l)** sapatos creme **m)** luvas castor **n)** tons pastel **o)** camisas abóbora **p)** camisas esporte **q)** carros esporte **r)** mulheres *sexy* **s)** morenas jambo **t)** carros bicombustíveis **u)** meninas prodígio v) operários padrão **w)** carros cinza-claro **x)** blusas cinza-escuro **y)** cabelos castanho-claros **z)** olhos castanho-escuros **8. a)** saias furta-cor **b)** anáguas azul-celeste **c)** raios infravermelhos **d)** raios ultravioleta **e)** homens surdos-mudos **f)** vestidos cor-de-rosa **g)** bandeiras verde-amarelas **h)** flâmulas amarelo-ouro **i)** países tampão **j)** CDs piratas **k)** olhos violeta **l)** fitas cereja **m)** sequestros relâmpago **n)** times rubro-negros **o)** lábios escarlate **p)** céus vermelho-aurora **q)** eleitores fantasma **r)** passeatas monstro **s)** atletas rubro-verdes **t)** comícios monstro **u)** contas fantasma v) promoções surpresa **w)** revelações bomba **x)** postos chave **y)** gols relâmpago **z)** corretores laranja **9. a)** Vendem-se apartamentos. **b)** Alugam-se casas. **c)** Cometeram-se dois erros. **d)** Jogavam-se aviõezinhos na sala. **e)** Com esses limõezinhos se fazem boas limonadas. **10. a)** Juçara é *um* caixa

eficiente; nunca deu troco a mais a ninguém. **b**) Tivemos *um* pernoite horrível nesse hotel! **c**) Nunca tinha comido *uma* baguete assim tão mole! **d**) Nunca tinha comido *uma* marmitex no trabalho. **e**) Nunca tinha visto *um* lhama de perto. **f**) Estou com *um* apetite de leão! **g**) Ela trouxe apenas *uma* xérox do documento. **h**) O vendedor me ofereceu *uma* cal que ainda não conhecia. **i**) *Um* banana, é isso o que você é, Luísa. **j**) *Um* mala, é isso o que você é, Marisa.

MÓDULO 3

Respostas ou Soluções: 1. a) Todos aqui **púgnam** pelos seus direitos. Por que você não **púgna** pelos seus? **b**) **Resígno**-me em Deus, sempre que alguma contrariedade me advém. **c**) O que mais me **indígna** é a impunidade, a corrupção e a morosidade da justiça. Isso também não o **indígna**? **d**) Muita gente acha a **sintasse** portuguesa complicada. **e**) Existem algumas espécies de plantas **suba-quáticas**. **f**) Não **subes-time** seus adversários, **sublinhando** apenas seus defeitos! **g**) Os balões só conseguem chegar a regiões **suba-éreas**. **h**) Havia no documento um **subi-tem** de que não me consigo lembrar. **i**) **Afrôuxem** os cintos, pediram os comissários de bordo. **j**) As bombas **estôuram** a poucos metros de mim. **2. a**) Lá só se viam jipes. **b**) Lá só se encontram caminhões. **c**) Lá só se veem motocicletas. **d**) Lá só se leem bons livros. **e**) Lá só se dão bons conselhos. **f**) Podiam ser dois tratores. **g**) Vinham vindo dois carros. **h**) Existem pessoas boas no mundo? **i**) Iam começar os jogos. **j**) Surgem outros carros. **3. a**) Manuel, olhe para o relógio e veja se já *são* seis horas! **b**) Naquele momento ainda *eram* cinco e meia. **c**) Nossa, já *é* meia-noite?! **d**) Agora *é* exatamente uma hora e quinze minutos. **e**) Neste instante *é* exatamente meio-dia. **4. a**) A polícia não tinha **intervindo** na briga até aquele momento. **b**) Eu **intervim** na briga porque senti que devia. **c**) Ele não **interveio** quando foi necessário. **d**) Se vocês não **intervierem** em meus negócios, apoiá-los-ei. **e**) Se vocês não **interviessem** em meus negócios, não teria acontecido isso. **f**) Eles **intervinham** sempre que podiam. **g**) Eles haviam **intervindo** em tudo. **h**) Quem **intervier** no mercado poderá arrepender-se. **i**) Espero que a polícia **intervenha** na briga. **j**) Se não **intervieres** logo, não te apoiarei. **k**) Logo que **vierem** com desculpas descabidas, deixe-os falando sozinhos! **l**) Se não **intervieres** nisso logo, algo de mau poderá acontecer a ti. **m**) Ontem a polícia **interveio**, mas quem garante que hoje ela **intervirá**? **n**) Ontem o rapaz se **aveio** com a namorada, mas hoje já se **desaveio** novamente. **o**) **Ouvi** as súplicas de vosso filho! **p**) **Vem** logo, que te esperam! **q**) **Sorriamos**, que nos fará bem! **r**) **Intervém** logo nessa discussão que tanto te irrita! **s**) **Intervinde** logo nessa discussão que tanto vos irrita! **t**) Cassilda me recomendou que não **intervenha** em briga alheia. **u**) Alcibíades **interveio** na discussão ontem só porque eu também **intervim**. v) A polícia só **interveio** na discussão quando um dos rapazes puxou uma faca. **w**) Quem **previr** dificuldades para o próximo ano estará sendo precipitado. **x**) Aquele que **revir** seus planos para o ano que vem estará sendo precavido. **y**) Enquanto não a **virmos** feliz novamente, não descansaremos. **z**) Senti-me tolhido, como se fortes braços me **retivessem**. **5. a**) Não me cabe descrever as emoções de um Corinthians x Palmeiras: todos os torcedores um dia já **assistiram a** um jogo desses. **b**) **Visávamos** somente **a** um desconto de 10%. **c**) Luísa nunca **aspirou a** tão alto cargo, tão alta posição. **d**) O Palmeiras **visa a**o título desse torneio. **e**) O Palmeiras **aspira a**o título desse torneio. **f**) Os torcedores **assistem a**o jogo fazendo batucada. **g**) Não **assisti a**o desfile, porque acabei dormindo. **h**) **Obedeçam a** seus pais, nunca **lhes desobedeçam**! **i**) **Pago a**os funcionários de acordo com sua capacidade. **j**) Eu sempre **quis a**os meus amigos, sempre **lhes quis** e sempre **lhes quererei**. **6. a**) Não foi esse o jogo *que* eu vi, não foi esse o jogo *a que* assisti. **b**) Não me faças perguntas *a que* eu não possa responder! **c**) Não conheço a rua *em que* Juçara mora. **d**) Voltei para buscar o pacote *que* havia esquecido. **e**) Voltei para buscar o pacote *de que* me havia esquecido. **f**) Está aí um fato *que* jamais esquecerei. **g**) Está aí um fato *de que* jamais me esquecerei. **h**) O programa *a que* você assistiu não foi o programa *a que* eu assisti. **i**) O cargo *que* você deseja não é o cargo *que* eu desejo. **j**) O cargo *a que* você aspira não é o cargo *a que* eu aspiro. **k**) O cargo *a que* você visa não é o cargo *a que* eu viso. **l**) Portugal é o próximo país *a que* irei. **m**) Qual é, afinal, a conclusão *a que* deveremos chegar? **n**) A

cidade *a que* primeiro chegamos foi Nova Friburgo. **o)** Foram ótimos os filmes *a que* assistimos na Europa. **p)** Edgar foi o convidado *com quem* menos simpatizei. **q)** Persival é o amigo *em quem* mais confio. **r)** Susana foi a mulher *de quem* mais gostei na vida. **s)** É esse o candidato *em quem* vais votar? **t)** Gumersindo não ama a mulher *com quem* se casou. **u)** Então, foi você a pessoa *com quem* todos antipatizaram? **v)** Essa é uma notícia *em que* não acredito. **w)** O doce *de que* mais gosto é pessegada. **x)** A casa *em que* moramos fica num bairro pobre. **y)** Essa é a casa *de que* precisamos, este é o bairro *de que* gostamos. **z)** A escola *em que* você se matriculou é muito boa. **7. a)** Não repare **na** bagunça do meu quarto! **b)** Desculpe-**nos do** (ou **pelo**) transtorno: estamos trabalhando para o seu maior conforto! **c)** Desculpe-**me do** (ou **pelo**) atraso: perdi hora hoje! **d)** Respondi **a** todas as questões da prova. **e)** Se você fizer isso, pode responder **a** um processo! **f) Nunca simpatizei** com essa mulher. **g) Ela antipatizou** com todo o mundo. **h)** Quem **mais sobressaía** na festa era sempre Teresa. **i) Nunca sobressaí** tanto **quanto sobressaí** ontem. **j)** Naquela época eu torcia **pelo** Jabaquara, hoje torço **pelo** Canto do Rio. **k)** Todo o mundo deve torcer **pela** seleção brasileira. **l) Por** que time você torce? **Pelo** ASA de Arapiraca? **m)** Se você puxar **a** seu pai, está perdido! Se puxar **a** sua mãe, então, está arruinado! **n)** O jogador saiu de campo puxando **da** perna direita. **o)** Os dirigentes procederam **ao** sorteio na sede da CBF. **p)** O professor ainda não procedeu **à** correção das provas. **q)** Pedi **que** ela me **trouxesse** um copo de água gelada. **r)** A garota pediu **que** o namorado lhe **desse** um beijo cinematográfico. **t)** Desculpem **da** (ou **pela**) nossa falha! **x) Entrarmos** no cinema sem pagar! Que esperança a nossa! **y) Deixarem** as crianças com os vizinhos?! Nunca eles farão isso! **8. a)** Eu não **vou ao** cinema porque está chovendo. **b)** Eu não **fui ao** cinema porque estava chovendo. **c)** Eu não **ia ao** cinema porque sempre chovia. **d)** Há muitos anos que nós não **vamos à** praia. **e)** Havia muitos anos que nós não **íamos à** praia. **f) Há** muitos anos que não viajamos. **g) Havia** muitos anos que não viajávamos. **h)** O cigarro é prejudicial **à saúde**. **i)** O guarda se dirigiu **aonde** estava o motorista. **j)** O guarda ficou justamente **onde** está agora o motorista. **9. a)** Você vai **à** empresa hoje ou irá primeiro **à** fazenda? **b)** Fui a Santos ontem, estou cansado, não vou nem à empresa nem à fazenda. **c)** Fui **à** Santos das belas praias, cidade a que vou todos os fins de semana. **d)** Não vou a Brasília, vou **à** Bahia, a essa nossa maravilhosa Bahia. **e)** Obedeça **à** sinalização, é o aviso das placas rodoviárias. **f)** Nunca desobedeça a nenhuma pessoa, nem mesmo a sua sogra! **g)** Telefonei a ela, depois a você e a todos os nossos amigos. **h)** Escreveram a ti antes de escreverem a mim; refiro-me a Ifigênia. **i)** A partir de amanhã todos deverão levantar-se **às** seis horas. **j)** Eram mercadorias vendidas a partir de dois reais. **k)** Você não deve ir a festa nem a recepção alguma: é a recomendação médica. **l)** Fui a casa, apanhei o dinheiro e voltei **à** casa dela. **m)** Os turistas ficaram bom tempo a contemplar aquela bonita praia. **n)** Quem for **à**quela praia, dê um pulo **à**queles quiosques para comer acarajés! **o)** O fato aconteceu a dois de abril, e não a cinco de março. **p)** Essa blusa é idêntica **à** que acabei de ver na outra loja. **q)** A cena a que assistimos foi lamentável. **r)** A cena **à** qual assistimos foi lamentável. **s)** Esta revista é igual **à** que li na Europa o ano passado. **t)** A certa altura apareceram vários cavaleiros a galope. **u)** Gumersindo veio **à** janela e começou a gritar. v) Os marinheiros voltaram somente hoje a terra. **w)** O motorista não sabia a quem entregar a encomenda. **x)** Durante as festas, algumas lojas fecham **à** zero hora. **y)** Você já se viu alguma vez face a face com a morte? **z)** Toda reunião na empresa é a portas fechadas. **10. a)** Fui ao supermercado e comprei apenas **um** guaraná e **um** champanhe. **b)** Fiz **um** telefonema urgente para ela, dando a notícia. **c)** Além de pobre, ela apresenta **uma** agravante: é analfabeta. **d)** Entrei no mato e agora estou com **uma** comichão impressionante! **e)** Você só quer **uma** xérox desse documento? **f)** O avião caiu, porque houve **uma** pane no motor. **g)** O jogador caiu e sofreu **uma** entorse no joelho direito. **h)** Tomei **um** lotação para poder chegar a casa. **i)** Jeni se diz **um** sósia de Juliana Paes! **j)** Ela disse isso com **uma** ênfase impressionante!

MÓDULO 4

Respostas ou Soluções: 1. a) ao; à **b)** a **c)** ao; à **d)** Aonde **e)** Onde **f)** onde; aonde **g)** sobre a qual **h)** que

i) cujas **j)** de cujas **2. a)** há; a **b)** a **c)** há **d)** a **e)** há **f)** há **g)** a **h)** a **i)** a **j)** a **3. a) terminaram**; **folia b) deve**; **deve c) existiram**; **existiram d) faltam e) deram f) andam**; **ruins g) está; está; assaltos; sequestros h) caíram; há i) existem; existem; extraterrestres j) devem**; **devem 4. a)** predatórios **b)** austral **c)** letal **d)** hepático **e)** leporino **f)** pecuniários **g)** cúprico **h)** carolíngia **i)** conjugais **j)** vesical **5. a)** em cujas **b)** de cujas **c)** contra as quais **d)** cuja

e) a que **f)** a que **g)** cujas **h)** de cujas **i)** de cujo **j)** sobre cujo **6. a)** Tudo aconteceu em um segundo apenas, em que pese **a**os esforços de um dos motoristas em evitar o acidente. **b)** O passado desse rapaz não **se** recomenda muito. Haja vist**a** os seus crimes contra o patrimônio privado. **c)** Um quinto dos alunos **faltou à** aula hoje. **d)** Cristina resolveu perdoar **ao** filho **a quem** tanto queria. **e)** Eles não sabem o que fazer para **eu** ficar contente. **f)** Qual foi o jogador que mais **sobressaiu** nos treinos da semana? **g)** Cheguei **a** casa **aos** quinze para as dez e fui logo **pra** (ou **para a**) cama. **h)** Vocês não são políticos, vocês são **pseudopolíticos**! **i)** A turma nem **acabou** de chegar e já **foi** embora?! **j)** Acho que o pessoal não **ficou** porque não **gostou** da festa. **7. a)** espontan**eidade b)** heterogen**eidade c)** impassi**bilidade d)** fri**aldade e)** fri**eza f)** fle**uma** (ou fle**gma**) **g)** persua**são h)** contemporan**eidade i)** ido**neidade j)** hilar**idade 8. a)** equivalha **b)** valha **c)** caibam **d)** deem **e)** incendeiem (ou incendiem) **f)** cace **g)** descreiamos **h)** ponhamos **i)** requeira **j)** nos desnorteemos **9. a)** a quem; a quem **b)** ao **c)** por; pelo; pelo **d)** da **e)** do **f)** a; a **g)** a **h)** na **i)** na **j)** na **10. j)** protótipo.

MÓDULO 5

Respostas ou Soluções: 1. a) À; à; a (ou à) **b)** à; à; à; a; a; a (os três primeiros casos, como em alguns outros aqui, não são de crase, mas de uso aconselhável do acento grave) **c)** a; a **d)** à; a **e)** à; à; a **f)** a; à; a **g)** à; à; a **h)** a; a **i)** a; a; à; à **j)** a; à **2. f)** O **árbitro** deu o **pênalti** e levou ele próprio a bola à marca d**a** cal. **3. a)** Ibéro **b)** subssídios **c)** fórnos **d)** socórros **e)** caròcinhos **f)** suba-fluentes **g)** sube-mendas **h)** kestão; sub-linhar **i)** catorze **j)** rubríca **4. a)** Por falta de homens, nos fizeram a nós juízes. **b)** Debaixo da árvore, sentíamo-nos protegidos. **c)** Foram outras coisas que os mataram. **d)** Hóspedes constantes nunca são bem-vindos. **e)** Trata-se de problemas difíceis de solucionar. **5. a)** a; a; à **b)** a; à **c)** à; a **d)** A; a; a **e)** à; a **f)** a **g)** a; à **h)** à - a **i)** a **j)** A; a **6. a)** Vendem-se casas. **b)** Compram-se terrenos. **c)** Alugam-se apartamentos. **d)** Coisas úteis não se jogam fora. **e)** Fizeram-se dois apelos. **f)** Dão-se aulas particulares. **g)** Coisas dadas não se rejeitam. **h)** Viram-se dois extraterrestres. **i)** Dão-se informações a turistas. **j)** Notas de dinheiro não se amassam nem se rasgam. **7. a)** me viro; nos viramos sozinhos **b)** me aborreço; nos aborrecemos **c)** minha - apavorei-me; vimos - apavoramo-nos **d)** me preocupo; nos preocupamos **e)** eu; me; incomodarei **f)** nós; nos; incomodaremos **8. a)** Havia; houve **b)** houve; houve **c)** houver; haverá **d)** houvesse **e)** houver (ou houvesse) **f)** houve; houve **g)** há; haverá **h)** Está **i)** Deve **j)** Devem **9. a)** por si sós **b)** frase correta **c)** Dada a inflação,... **d)** Dada a grande procura de ingressos, ... **e)** É vedada... **f)** faltar à aula **g)** errado... **h)** inelegíveis **i)** impossíveis **j)** Faz **10. a)** esteja **b)** estivesse **c)** estiver **d)** estiver **e)** estivesse **f)** estejam **g)** estivessem **h)** estiver **i)** esteja **j)** estejam.

MÓDULO 6

Respostas ou Soluções: 1. a) seja **b)** sejam **c)** sejas **d)** fossem **e)** forem **f)** seja **g)** seja **h)** fôssemos **i)** formos **j)** Seja **2. m)** rasante **o)** atrasado **p)** framboesa **q)** maisena **w)** extravasar **x)** pretensioso **3. a)** cidadãos **b)** no; no **c)** em; em **d)** Aos; sábados; havia **e)** houve **f)** Hortên**s**ia; havia **g)** Alc**i**bíades; Hers**í**lio; **J**eni **h)** são **i)** a **j)** Paul**o** **4. a)** cessão **b)** inversão **c)** rescisão **d)** acendimento **e)** ascensão **f)** aferição **g)** escansão **h)** inserção **i)** contenção **j)** manutenção **5. a)** mim **b)** eu; eu **c)** eu; eu **d)** eu; eu; mim **e)** eu; mim **6. a)** frear **b)** recear **c)** rechear **d)** estrear **e)** passear **7. a)** de quem **b)** em cuja **c)** cujas **d)** em cujas **e)** sobre as quais **f)** que **g)** sobre cuja **h)** deque

i) por que **j)** cujas **8. a)** aceitado (*aceito* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **b)** chegado ("chego" como forma participial é invenção popular) **c)** falado ("falo" como forma participial é invenção

popular) **d)** trazido ("trago" como forma participial é invenção popular) **e)** entregado (*entregue* só se usa com *ser* e *estar*) **f)** chegado ("chego" não existe como forma participial) **g)** trazido ("trago" não existe como forma participial) **h)** falado ("falo" não existe como forma participial) **i)** empregado (*empregue* é particípio que só se usa com *ser* e *estar*) **j)** pegado (*pego* é particípio popular, que se admite apenas com *ser* e *estar*). **9. a)** estôura **b)** rôuba **c)** extinghir; extinghiu **d)** flúido **e)** aváro; óiler **f)** fêchem **g)** córvos; pórcos; pêrco **h)** bôdas **i)** tôcos **j)** rôlos; fóssos **10. a)** mal; mau **b)** mau; mal **c)** mau; mau; mal **d)** mal; mau **e)** mau; mal **f)** mal **g)** mal; mal **h)** mau; mal **i)** mal; mal **j)** mal

MÓDULO 7

Respostas ou Soluções: 1. a) ano primeiro depois de Cristo **b)** ano segundo depois de Cristo **c)** século terceiro antes de Cristo **d)** século quarto antes de Cristo **e)** parágrafo décimo da constituição **f)** ano quinto da criança brasileira **g)** Pio décimo **h)** ano sétimo da era moderna **i)** século oitavo **j)** século nono **2. a)** iniciada **b)** descoberta **c)** frase correta **d)** desses **e)** quite **f)** de maneira que **g)** ao volante **h)** frase correta **i)** anexa; anexas **j)** a pedrinha no sapato **3. a)** testemunhas bomba **b)** passeatas monstro **c)** meias beges **d)** mães coruja **e)** peças chave **f)** meias ocre **g)** comam bastantes frutas **h)** comam bastantes legumes **i)** tragam mamões o mais doces possível **j)** tragam guaranás o mais gelados possível **4. a)** fora **b)** tivera **c)** estivéramos **d)** viera **e)** entretivera **5. a)** pentagram**a** **b)** paralelogram**o** **c)** aforism**o** **d)** cataclism**o** **e)** mu**ç**arela **f)** somatóri**o** **g)** catequi**z**ar **h)** e**x**ce**ç**ão **i)** rabu**g**ento **j)** contor**ç**ão **6. a)** ínterim **b)** sem acento (trata-se de forma verbal) **c)** sem acento (não é correta a prosódia "necrópsia") **d)** pólipo **e)** protótipo **f)** sem acento (existem duas prosódias corretas: *hieroglifo* e *hieróglifo*) **g)** recém **h)** refém **i)** sem acento **j)** sem acento **7. a)** radiorrelógio **b)** cata-vento **c)** sobreloja **d)** motosserra **e)** audiovisual **f)** subdiretor **g)** bicampeão **h)** tricampeão **i)** vaga-lume **j)** extraclasse **8. a)** à - ao **b)** à **c)** ao - mei**a** **d)** oct**o**gésimo **e)** men**o**s – Man**u**el - **I**figênia **f)** um - importad**o** **g)** madrilen**o** **h)** mesm**a** **i)** mesm**as** **j)** Ve**m** - Ve**nha** **9. a)** penêira - penêiro **b)** esbravêja - apedrêja **c)** gaghêjo - gaghêja **d)** trême - trêmo **e)** ròdão - lòjão **f)** cápta - cáptam **g)** ópto - ópta **h)** imprégna **i)** imprégnam **j)** empoêira **10. a)** em que pese aos **b)** a casa aos quinze - pra **c)** pensam **d)** São de admirar - as magníficas **e)** metades (ou partes iguais) **f)** Se acaso **g)** frase correta **h)** um gordo jantar - dois milhares **i)** Duzentos - foram catados **j)** O meu neném - chamar-se Clarisse - do neném mais lindo.

MÓDULO 8

Respostas ou Soluções: 1. a) Pastores, padres, bispos, missionários, reverendos, pais de santo, são todos iguais: se dizem representantes de Deus, para angariar fundos pecuniários. Não há o menor problema nisso: pede quem tem boca; dá quem quer. Agora, falar que a possível existência de vida em outros planetas é coisa do demônio é querer dar conotação religiosa à coisa e, isso sim, é uma tremenda idiotice. Que o grande criador do universo nos livre da ignorância desses religiosos! **b)** Refrigerantes, sucos industrializados, doces em geral, balas, chocolate, bolachas recheadas, salgadinhos, enlatados, embutidos, frituras, café, são alimentos que não devem ser oferecidos às crianças antes dos dois anos de idade. **c)** Até os seis meses de vida, a criança necessita somente do leite materno, sendo desnecessária a oferta de água, chás ou qualquer outro alimento. A partir dos seis meses, devem-se introduzir, de forma lenta e gradual, alimentos complementares, mantendo-se a amamentação até os dois anos de idade ou mais. A alimentação deve ser composta por frutas e hortaliças, cereais ou tubérculos, carnes e leguminosas. **d)** A partir dos oito meses de idade, a criança já pode receber os alimentos preparados para a família, desde que sem temperos fortes, oferecidos em consistência adequada e em pequenas quantidades. **e)** Os rótulos dos alimentos devem ser lidos antes de serem oferecidos às crianças, e os alimentos industrializados, segundo recomendações do Ministério da Saúde, não devem ser oferecidos à criança, antes que ela complete dois anos de idade. **f)** Pais e mães que deixam seus filhos comer doces e tomar refrigerantes sem controle, na verdade, estão prejudicando o futuro deles, a começar pela

obesidade infantil. Estão tranformando crianças em objeto de ridicularização, já que passam a ser chamadas na escola de "baleias" e de outros nomes de animais gordos. A situação é agravada na adolescência, quando terão dificuldade de arrumar namorado ou namorada, isolando-se da preferência de outras pessoas, que as tratarão como esquisitas, feias e indesejadas, além de passarem uma imagem de relaxadas e de ociosas. Quando chegam à fase adulta, correm risco de vida, porque são mais vulneráveis a problemas cardíacos e ao diabetes. **2. a)** ultraje **b)** fuligem **c)** rabugem **d)** rabugento **e)** vexame **f)** capixaba **g)** mexer **h)** quis **i)** quisesse **j)** giz **3. a)** colcha **b)** coxa **c)** enxoval **d)** enxame **e)** encharcado **f)** flecha **g)** misto **h)** mistura **i)** talvez **j)** atrás **4. a)** baronesa **b)** consulesa **c)** cortês **d)** marquesa **e)** assessoria **f)** acesso **g)** xadrez **h)** beleza **i)** torquês **j)** torpeza **5. a)** altivez **b)** flacidez **c)** acidez **d)** sisudez **e)** exceção **f)** excesso **g)** recesso **h)** recessão **i)** atrasado **j)** limpeza **6. a)** modernizar **b)** idealizar **c)** pesquisar **d)** finalizar **e)** batizar **f)** suavizar **g)** precisar **h)** frisar **i)** catequizar **j)** paralisar **7. a)** cassetete **b)** seiscentos **c)** excedente **d)** piscina **e)** písceo **f)** fascista **g)** facínora **h)** fascinante **i)** cuscuz **j)** ciriguela **8. a)** enfezado **b)** soçobrar **c)** açambarcar **d)** discípulo **e)** discente **f)** docente **g)** fluorescente **h)** fosforescente **i)** veneziana **j)** rodízio **9. a)** interseção **c)** cafuzo **e)** difuso **g)** confuso 10. **d) e) i) j)**

MÓDULO 9

Respostas ou Soluções: **1. c) d) e) 2. b) 3. c) 4. d) 5. c) 6. a) 7. a) 8. a)** Não desanime se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse! **b)** Se, até o final do ano, não o chamarem para tomar posse, não desanime! **c)** Todos os jogadores, depois da partida, foram para o exame *antidoping*. **d)** Depois da partida, os jogadores foram para o exame *antidoping*. **e)** O assunto, a meu ver, requer muita reflexão. **f)** A meu ver, o assunto requer muita reflexão. **g)** Os funcionários, durante a reunião, explicaram os motivos da paralisação. **h)** Durante a reunião, os funcionários explicaram os motivos da paralisação. **i)** Ninguém, a não ser o presidente, pode salvar o país da recessão. **j)** A não ser o presidente, ninguém pode salvar o país da recessão. **9. b)** Você pode ir a bancos da segunda à sexta-feira, desde que não haja feriados. **c)** O professor faltou da quarta à sexta-feira, porque de quarta a sexta-feira ele sempre fica doente. **h)** Fiquei à distância de dois metros deles. **10. a) c) f) g) h) i) j)**

MÓDULO 10

Respostas ou Soluções: **1. a) 2. a) 3. a) b) c) e) 4. a) 5. a)** sete dias **b)** cinco anos **c)** cento e cinquenta anos **d)** dez anos **e)** dez dias consecutivos **6. b) 7. a)** me **b)** eu **c)** mim **d)** eu **e)** mim **8. a)** lhe - Vossa - sua - sua **b)** de que (ou das quais) - à - a **c)** de que (ou das quais) - com que (ou com as quais) **d)** por que (ou pela qual) **e)** que **f)** de cuja **g)** a que (ou ao qual) - de que (ou do qual) **h)** a que (ou ao qual) - a que (ou ao qual) **i)** que (ou o qual) - que (ou o qual) **j)** por que (ou pelo qual) - por que (ou pelo qual) **9. a)** Volta **b)** Prepara **c)** preocupes **d)** cumprimente **e)** brinque **f)** assento **g)** acento **h)** broxa **i)** mandado **j)** mandado **10. a)** Após a interrupção, o juiz procedeu à leitura da sentença. **b)** A reforma tributária implicará renúncia de muita coisa por parte dos governadores. **c)** Obedeça sempre a seus pais e a seus superiores! **d)** Se tiver de responder a processo na justiça, faça-o com serenidade! **e)** Não faça pergunta a que eu não possa dar resposta! **f)** Esse programa do governo visa ao bem do povo. **i)** Nunca sobressaí em Física nem em Matemática. **j)** Eu não vou prejudicá-lo, fique tranquilo!

BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009).
ABREU, Modesto. *Regência verbal.*
ALENCAR, Meton de. *Os dez quebra-cabeças da língua portuguesa*.
ALMEIDA, José de. *Estudemos nossa língua. Lições práticas do idioma nacional.*
ALMEIDA, Rui. *Cooperemos para a boa linguagem*.
AMARAL, Vasco Botelho de. *Cultura, defesa e expansão da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Estudos vernáculos.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Glossário crítico de dificuldades do idioma português.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Maravilhas da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Novo dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
AMARAL, Vasco Botelho de. *Sutilezas, máculas e dificuldades da língua portuguesa.*
ANDRADE, J. M. Pais de. *Nos domínios do vernáculo*.
AUTUORI, Luís. *Nos garimpos da linguagem*.
BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do modernismo*.
BARBOSA DE OLIVEIRA, A. Rui. *Réplica às defesas da redação do projeto do Código Civil*.
BARRETO, Mário. *Através do dicionário e da gramática.*
BARRETO, Mário. *De gramática e de linguagem*.
BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*.
BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos.*
BARRETO, Mário. *Últimos estudos.*
BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*.
BERGO, Vittorio. *Erros e dúvidas de linguagem*.
BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*.
CALBUCCI, Ernani. *Léxico de dúvidas de linguagem*.
CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*.
CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*.
CAMPOS, Agostinho de. *Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa e também de atrocidades da nossa escrita atual.*
CARNEIRO, Noêmia. *Lições de português.*
CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*.
CHEDIAK, Antônio J. *Lições práticas de língua portuguesa.*
CINTRA, Assis. *Questões de português.*
CORREIA, Jonas. *Estudos de português.*
COSTA, Alexandre de Carvalho. *Reflexões etimológicas*.
CRUZ, José Marques da. *Português prático*.
CRUZ, Pe. Antônio da. *Regimes de substantivos e adjetivos.*

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa.*
CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo.*
D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Dicionário da linguagem*.
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos.*
FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes.*
FERNANDES, I. Xavier. *Questões de língua pátria,* vols. I e II.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas,* vols. 1, 2 e 3.
FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novas lições práticas da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa.*
FIGUEIREDO, Cândido de. *Problemas da linguagem,* vols. 1, 2 e 3.
FLEURY, Renato Sêneca. *Consultor popular da língua portuguesa*.
FONSECA, Artur Oliveira. *Tudo sobre o hífen*.
FONSECA, Simões da. *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa*.
FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*.
GALVÃO, Ramiz. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dificuldades básicas da língua portuguesa.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Questões de linguagem.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Estudos da língua vernácula.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.*
GONÇALVES, Maximiano A. *Noções de português.*
GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem*.
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes.*
GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário de etimologias da língua portuguesa.*
GUIMARÃES, João. *Linguagem correta*.
JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa, 2 vols.*
JOTA, Zélio dos Santos. *Glossário de dificuldades sintáticas*.
JUCÁ (Filho), Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa.*
KURY, Adriano da Gama. *Pequena gramática*.
LAGO, Cândido. *O que é correto*.
MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*.
MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário de provérbios e curiosidades*.
MAURER JR., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado português*.
MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil.*
MELO, Paulo. *Lições práticas de português*.
MORAIS, Orlando Mendes de. *Dicionário de gramática*.
MORAIS SILVA, Antônio de. *Dicionário da língua portuguesa*.
MOTA, Otoniel. *Lições de português. Horas filológicas*.
NASCENTES, Antenor. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.*

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional.*
NASCENTES, Antenor. *O problema da regência.*
NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição.*
NOGUEIRA, Júlio. *Indicações de linguagem.*
NOGUEIRA, Júlio. *O exame de português.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Questões de linguagem.*
NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Subsídios para o estudo das consequências da analogia em português.*
NUNES, J. J. *Digressões lexicológicas.*
OEHLMEYER, Automar. *Regência verbal e nominal.*
OITICICA, José. *Manual de análise.*
PALHANO, Herbert. *Nos domínios da boa linguagem.*
PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva* (curso superior).
PINTO, Pedro A. *Nugas e rusgas de linguagem.*
RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais.*
RIBEIRO, João. *Seleta clássica. Estudos filológicos.*
RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa.*
ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa.*
RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática completa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Guia ortográfico e ortofônico.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa.*
SACCONI, Luiz Antonio. *Corrija-se de A a Z.*
SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa.*
SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas.*
SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional.*
SANTOS, Daltro. *Fundamentação da grafia simplificada.*
SANTOS, João Inácio Miranda. *Regras práticas de ortografia e linguagem.*
SILVA, A. M. Sousa E. *Dificuldades sintáticas e flexionais.*
SILVEIRA, J. Fontana da. *Dicionário comercial.*
SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.*
STRINGARI, José. *Regimes de verbos.*
TORRES, Artur de Almeida. *Regência verbal.*
TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.*
TORRES, Artur de Almeida; JOTA, Zélio dos Santos. *Vocabulário ortográfico de nomes próprios.*
VALE, Quintino do. *Da influência do tupi no português.*
VIANA, Gonçalves. *Apostila aos dicionários portugueses. Palestras filológicas.*
VITÓRIA, Luís A. P. *Dicionário de dificuldades, erros e definições de português.*


MATRIX